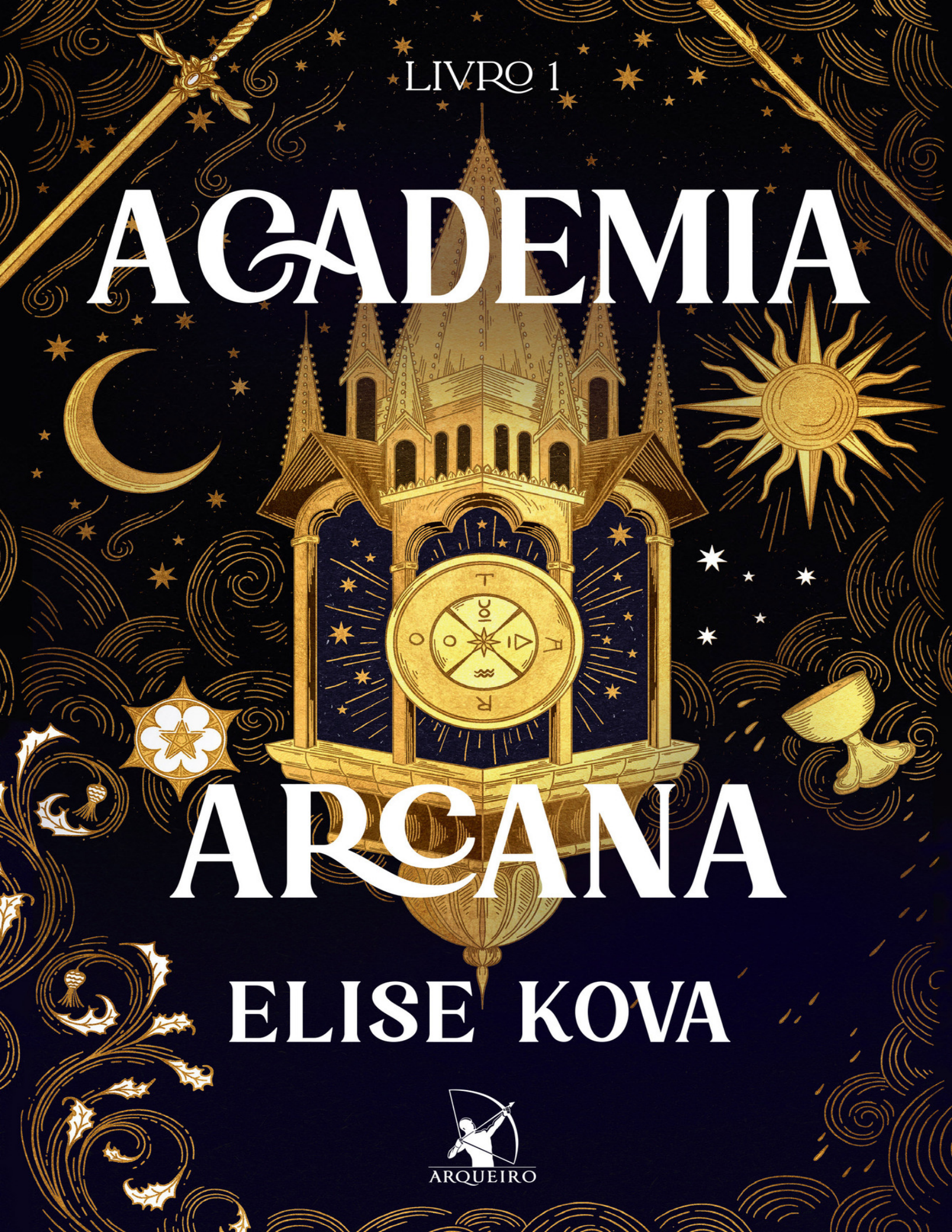
LIVRO 1

ACADEMIA ARCANA

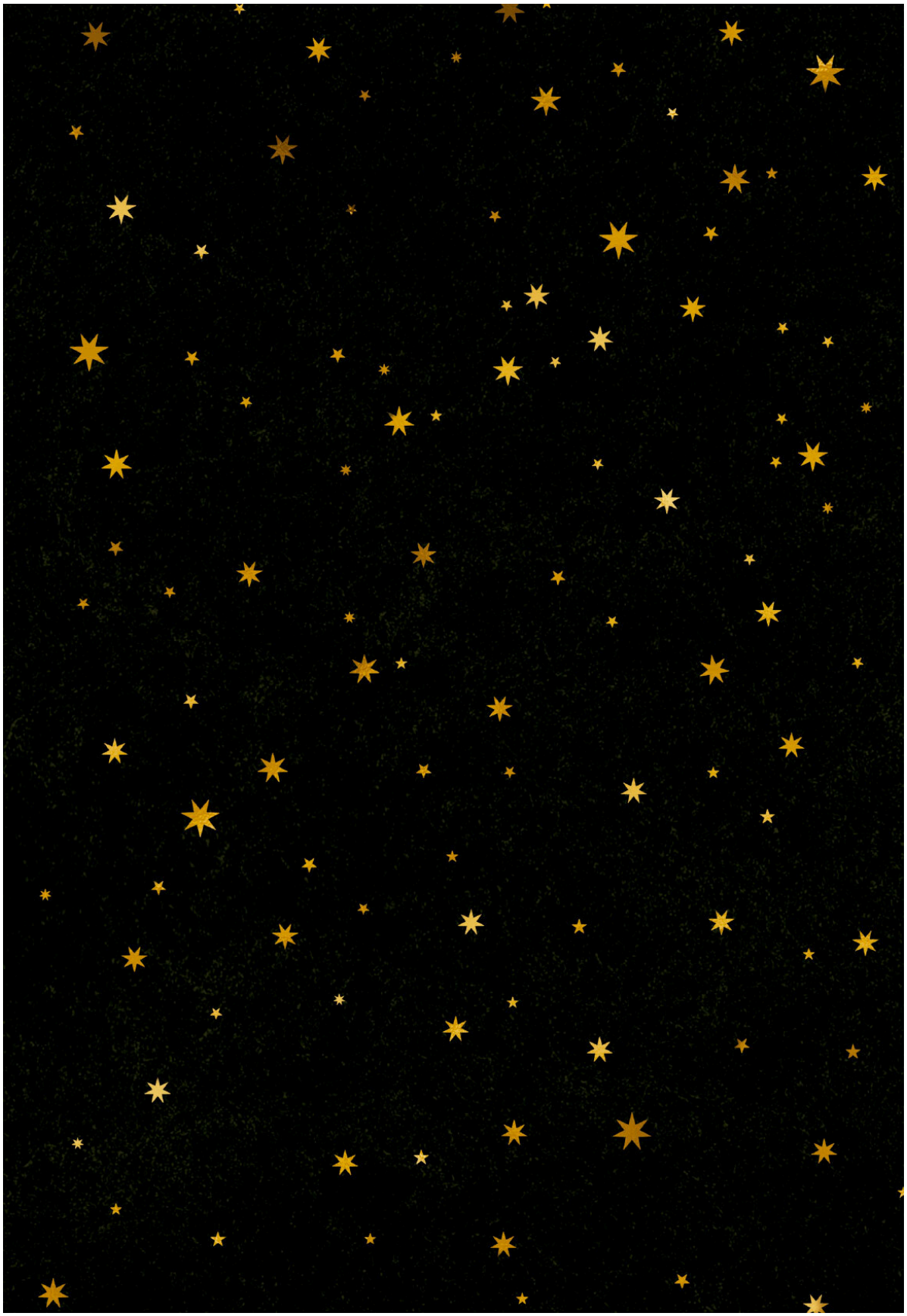


ELISE KOVA

ARQUEIRO









A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

ACADEMIA ARCANA



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

LIVRO 1

ACADEMIA ARCANA



ELISE KOVA

TRADUZIDO POR ISADORA PROSPERO

ARQUEIRO

Título original: *Arcana Academy*

Copyright © 2025 por Elise Kova
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado
produção editorial: Guilherme Bernardo
preparo de originais: Manoela Alves
revisão: Midori Hatai e Suelen Lopes
diagramação: Adriana Moreno
mapas: Diana Dworak
capa: Regina Flath
imagem de capa: Cocorrina
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K89a

Kova, Elise
Academia Arcana [recurso eletrônico] / Elise Kova ; tradução Isadora Prospero. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital (Academia Arcana ; 1)

Tradução de: Arcana Academy
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-949-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Prospero, Isadora. II. Título. III. Série.

CDD: 813
26-102611.1 CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

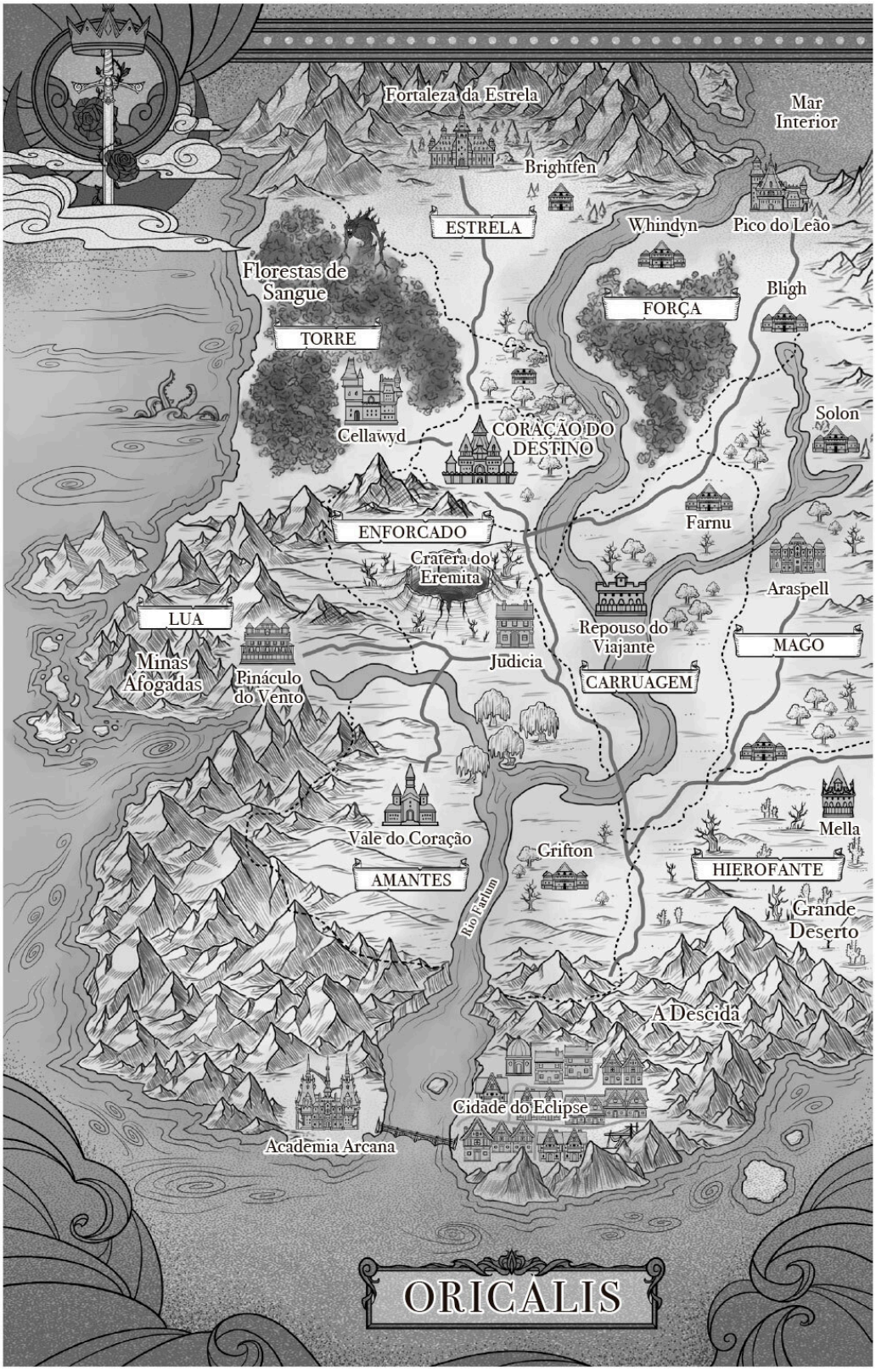
Para Jenny
Obrigada por acreditar em mim.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57
CAPÍTULO 58

SOBRE A AUTORA
SOBRE A ARQUEIRO


Fortaleza da Estrela
Mar Interior
Brightfen
ESTRELA
Whindyn
Pico do Leão
Florestas de Sangue
FORÇA
Bligh
TORRE
Cellawyd
CORAÇÃO DO DESTINO
Solon
Farnu
ENFORCADO
Cratera do Eremita
Araspell
LUA
Repouso do Viajante
MAGO
Minas Afogadas
Pináculo do Vento
Judicia
CARRUAGEM
Vale do Coração
Mella
Grifton
HIEROFANTE
AMANTES
Rio Fartum
Grande Deserto
A Descida
Cidade do Eclipse
Academia Arcana
ORICALIS


CIDADE DO ECLIPSE
Academia Arcana
Rio
Farlum


A Descida
Monte do Destino
Marcha do Louco
Colina de Ouros
Clube dos Videntes
Mansão dos Malfadados
Clube dos Malfadados (ruínas)
Degraus de Pedra
Parque do Rio
Praça principal
Distrito Dourado
Cidade dos Ratos
Mansão de Ravin
Halazar
Mansão de Silas
Antro da Ruína
Rua das Estrelas
Rua da Prata
Antigas ruínas
Cemitério


CIDADE DO ECLIPSE
A Descida
Monte do Destino
Marcha do Louco
Colina de Ouros
Clube dos Videntes
Mansão dos Malfadados
Clube dos Malfadados (ruínas)
Degraus de Pedra
Academia Arcana
Parque do Rio
Praça principal
Rio Farlum
Distrito Dourado
Cidade dos Ratos
Mansão de Ravn
Mansão de Silas
Antro da Ruína
Halazar
Rua das Estrelas
Rua da Prata
Antigas ruínas
Cemitério



CAPÍTULO 1

Ceder ou morrer. Na Prisão de Halazar, é uma coisa ou outra. Eu me recuso a fazer qualquer uma delas.

Dois guardas se aproximam da minha cela. O homem à frente carrega um lampião irritantemente intenso. Depois de quase um ano sem ver a luz do sol, um mero lampião faz meus olhos arderem.

É cedo demais para virem me buscar de novo. Imagino que vão passar reto, porém eles param na minha porta. Não reconheço nenhum dos guardas, mas o carcereiro Glavstone nunca os mantém por muito tempo – qualquer pessoa que passar tempo demais aqui pode acabar sabendo mais do que deve.

– Clara Graysword?

Graysword – o sobrenome dado a todas as crianças órfãs e indesejadas na Cidade do Eclipse. O sobrenome que apresentei quando fui capturada. O sobrenome que informava ao mundo que eu não tinha uma família para arruinar comigo.

Como resposta, levanto a cabeça.

– Você está sendo convocada para uma audiência.

O homem ergue o lampião mais alto, como se tentasse me enxergar

melhor através das barras. Para o azar dele, fui deixada aqui para apodrecer, o que se reflete no meu semblante.

– Que formal. – Minha voz falha; minha garganta está mais seca do que cinzas de teixo. – Com quem?

Os guardas não respondem, apenas enfiam uma chave no cadeado pesado da porta.

Esse cadeado costuma ser aberto apenas uma vez por semana, e eles vieram três dias atrás. Só me permitem sair para ser levada a uma salinha escondida e apertada no escritório de Glavstone, onde pinto cartas de tarô para ele em troca dos poucos luxos que se pode obter nesta tumba. Mas eu faria de graça. Assim, mantenho minha mente afiada e minhas mãos ágeis para quando sair daqui.

Porque, seja por habilidade própria ou porque minha família veio me resgatar, eu vou sair. *Me recuso a morrer aqui.*

Os homens dão um passo para o lado e eu me espremo entre eles. Quando meus olhos se adaptam à luz, vejo o lugar em que estive presa com mais clareza do que nunca – mais do que eu gostaria, para ser sincera.

Pelos Vinte Arcanos Maiores, Halazar é realmente horrenda.

As paredes são cobertas de sujeira, sangue e outras substâncias que é melhor nem pensar o que podem ser. Só imagino o fedor que empesteia o ambiente, afinal meu nariz tem sido castigado pelo odor há tanto tempo que não consigo sentir o cheiro de mais nada.

Os outros prisioneiros sibilam quando passamos, depois se encolhem por causa do brilho ofuscante do lampião e recuam para a segurança das sombras. Reduzidos a animais, as roupas esfarrapadas assim como as minhas, eles rastejam de quatro pela imundície.

A mente e o corpo dos encarcerados definham na escuridão. Esta é a prisão mais desoladora de todo o reino de Oricalis, o lugar para onde são enviados os piores dos piores: assassinos, estupradores, abusadores de inocentes e aqueles como eu... que tiveram a *ousadia* de usar o arcano sem estar sob o controle da Coroa.

Sou conduzida por uma passagem que não conheço e depois subimos uma escadinha estreita. O guarda atrás de mim toca o punho da espada, mas não se dá ao trabalho de sacá-la. Não há necessidade de ameaças explícitas. *Para onde você iria?*, é a pergunta que paira no ar.

No topo da escada, uma lufada de vento gélido sopra de uma fenda na

parede e açoita meu rosto. Observo o rio revolto pela abertura estreita. É hora do crepúsculo, ou talvez a alvorada – com o céu nublado, é difícil dizer. Mesmo assim, me pego semicerrando os olhos. Tudo que vejo são montanhas, então estamos seguindo para o oeste, para longe da cidade.

Inspiro um ar tão puro que queima meus pulmões. Fui reduzida a uma criatura sórdida que nem consegue mais respirar ar limpo.

– Não mandei parar – diz o guarda às minhas costas, me dando um empurrão.

Cambaleio e me apoio na parede para não cair, quebrando uma das unhas frágeis até o sabugo. Meu corpo está tão maltratado que mal registra a dor.

Paramos diante de uma porta que nunca vi. Entalhada na superfície, uma única espada emerge de um campo de nuvens. A ponta da arma carrega uma coroa e a lâmina é envolvida por uma treliça de galhos de roseira.

A imagem é inconfundível: o Ás de Espadas. O primeiro do naipe. Símbolo da família real de Oricalis. De cada lado da porta estão dois cavaleiros em armadura prateada. Não são guardas da cidade nem da prisão, mas *cavaleiros reais* – Stellis, como são chamados. Uma organização de elite dos melhores guerreiros do reino, jurados para proteger a Coroa e executar suas leis. A única coisa que se equipara à sua força e habilidade, pelo que dizem, é sua brutalidade. Plumas muito brancas e muito pretas se projetam de trás de leques ornamentais formados por pequenas espadas entalhadas de cada lado do elmo.

Por um momento não estou mais em Halazar, e sim de volta a minhas últimas horas na Cidade do Eclipse, quando Stellis em armaduras idênticas me seguraram diante de um juiz do Clã do Enforcado. Lembro do chão gelado contra a minha bochecha, contrastando com o calor abrasador da minha vergonha. Eu tinha sido avisada sobre a armadilha, mas mesmo assim eu fui.

Preciso de toda a minha força para continuar calma e impedir minhas mãos de tremerem. E para me manter no presente. As palavras do juiz ecoam em minha mente: *Por decreto da Coroa, você está condenada à prisão perpétua em Halazar.*

– Alteza, a prisioneira – anuncia o Stellis através da porta.

Alteza? Não. Não, não, não. A vontade de sair correndo quase me

domina.

– Tragam-na – exige uma voz que é pouco mais do que um sussurro de sombras e não mais calorosa que a noite mais escura do inverno.

A porta se abre, revelando um cômodo extravagante que não deveria existir em Halazar. De cada lado da porta, há quatro armários feitos de teixo. É sinal de luxo usar essa madeira para móveis em vez de queimá-la a fim de criar pó para tinta. Pesadas cortinas de veludo protegem o local do frio, deixando entrar só alguns feixes de luz.

A opulência é chocante. Um homem em roupas igualmente luxuosas, tingidas de um preto escuro como breu, reclina-se em uma das duas poltronas, os pés apoiados nas costas do próprio Glavstone.

Os braços musculosos do carcereiro tremem sob o peso dos calcanhares do homem – e dos mil cortes que cobrem seu corpo. A palidez de sua pele cria um forte contraste com o sangue, realçando a brutalidade.

Eu teria sorrido de satisfação ao ver o carcereiro reduzido a esse estado se cada pelo do meu corpo não estivesse arrepiado. *Perigo*, parece sussurrar o ar ao redor do homem na poltrona. Até a luz parece temê-lo.

É o príncipe Kaelis, o segundo de três filhos do reino de Oricalis, usuário do arcano invertido e diretor da Academia Arcana. O príncipe que destroçou um clã nobre inteiro. O homem cujo nome é, em Oricalis, sinônimo de desespero. O homem que eu tenho todos os motivos para acreditar que matou minha mãe... E o homem que me jogou na prisão.

– Clara Graysword – diz o príncipe, devagar, como se fosse doloroso.

Se "Graysword" o incomoda, eu adoraria vê-lo pronunciar meu nome de nascença. Mas meu verdadeiro nome é um dos meus segredos mais bem guardados.

– Vossa Alteza Real. – Forço meu tom a sair monótono, até entediado, como se não tivesse passado cada dia do último ano o amaldiçoando e tramando minha vingança contra ele.

– Sente-se – ordena ele, com um sorrisinho de desdém.

Quero cuspir na cara dele, mas obedeço, entrando e contornando a poça de sangue sob o carcereiro. Quando passo, vejo melhor os ferimentos dele. São inúmeros cortes, talhos perfeitos – e todos limpos, rasgando até sua jaqueta de couro grossa. Já tinha ouvido falar sobre a destruição que o Cavaleiro de Espadas pode causar nas mãos de um Arcanista habilidoso,

mas nunca vira seus efeitos – e nunca odiei ninguém a ponto de querer usar essa carta contra uma pessoa.

Até conhecer Kaelis.

Sentada à frente do príncipe, eu o observo tão abertamente quanto ele me encara.

Tudo em Kaelis é severo, como se um artista tivesse sido desafiado a criar a interpretação de masculinidade mais brutal possível. Suas botas de couro preto envernizado brilham com um acabamento quase espelhado. A calça justa delineia suas coxas fortes. Mal se nota a camisa preta com colarinho embaixo do enorme casaco bordado com mil espadas em fios de prata. E ele usa uma correntinha de pescoço em aço plano e cinza-escuro, com um pingente em formato de espada com uma coroa no punho. O cabelo escuro, de um púrpura quase preto, cai ao redor do rosto em ondas bagunçadas, lançando uma sombra perpétua sobre seus olhos.

Kaelis emana poder e controle, um forte contraste com meu estado. Meus ossos se projetam sob a pele fina. Meu cabelo, que já não era marcante nem em textura nem no tom castanho-escuro, foi retalhado de qualquer jeito até as orelhas, já que é impossível mantê-lo desemaranhado nas profundezas de Halazar. Meu uniforme de prisioneira parece estar colado em meu corpo desde o dia em que cheguei – e é porque está mesmo.

– Se você sabe quem sou, deve imaginar o motivo para minha presença aqui. – Kaelis levou a ponta dos dedos aos lábios finos.

– Tenho minhas suspeitas, Vossa Alteza. – O título tem gosto amargo em minha boca.

– Ótimo. E que bom que ainda consegue manter uma conversa. Halazar costuma deixar as pessoas... mais caladas – murmura o príncipe.

Caladas? Ele quer dizer dilaceradas. Destruídas. Não que eu tenha muita compaixão pela maioria das pessoas dentro destas malditas paredes, mas há um número razoável delas que, como eu, foram punidas apenas pela ousadia de tentar construir uma vida melhor para si mesmas e seus entes queridos.

Kaelis enfia a mão no casaco e pega um baralho, cada carta pintada à mão com detalhes de tirar o fôlego. As cores, os símbolos... cada pincelada é impecável. O baralho se encaixa perfeitamente em seus dedos longos e elegantes. Um tarô à altura de um príncipe. É insuportável pensar que alguém como ele pode criar algo tão belo.

O que eu não daria para ver cada carta de perto! Mesmo diante de um

homem se esvaindo em sangue e de meu pior inimigo, só consigo me concentrar na arte deslumbrante. Minhas mãos estremecem enquanto o príncipe embaralha as cartas, sacando uma com um floreio dramático em vez de invocá-la do baralho com magia.

– Tenho algumas perguntas a lhe fazer, Clara. E, embora tenha certeza de que você seria um exemplo de sinceridade, receio que não posso confiar na palavra de uma condenada. – Ele põe a carta selecionada na palma da mão.

O Nove de Espadas: uma mulher deitada na cama, parcialmente coberta por um lençol, com nove lâminas prendendo-a ao colchão e o rosto retorcido de agonia.

Kaelis deve ter levado quase um dia inteiro para pintar esta carta. O nível de detalhes – e o poder imbuído nela – é incrível. Mas o horror compete com a admiração, porque sei o que ela significa e sei o que vai acontecer aqui. Fiquei surpresa quando não a usaram contra mim no julgamento, mas sempre presumi que fosse porque meu destino já estava selado bem antes disso. Por que eles desperdiçariam uma carta em alguém como eu?

– Por favor – diz ele.

Como se eu tivesse escolha. Tomo coragem e apoio a mão sobre o Nove de Espadas.

Há um lampejo prateado – e então chamas brancas frias incineram a carta. O fogo se transforma em nove fios de luz e sombra que atravessam minha mão e a dele, conectando-as, mas sem provocar dor. O príncipe me fita com intensidade.

Um calafrio me atravessa, e me perco por um instante enquanto a magia toma o controle. A tensão em meu corpo negligenciado e maltratado começa a ceder. *Relaxe*, diz a magia da carta, *ceda...*

– Seu nome?

– Clara – respondo, embora Kaelis já saiba disso. Uma das nove espadas cintilantes desaparece.

– E por que você está aqui, Clara? – Ele está me testando.

– Por pintar, vender e usar cartas de tarô ilegalmente, sem ser formada na Academia Arcana e sem fazer parte de um clã.

As palavras parecem não vir de mim. É como se fossem forçadas a sair por fios invisíveis se movendo na minha garganta.

Outra espada desaparece.

Eu me contenho, mas deveria acrescentar que, se não fosse por ele, sua

família e suas leis controlando o ensino e o uso do arcano, pessoas sem recursos como eu não seriam obrigadas a recorrer a tais medidas. E que, graças a pintores ilegais como eu, o povo comum do reino ao menos tem uma ideia de como o arcano poderia mudar sua vida para melhor.

– Pintar cartas ilegalmente a mandou para Halazar. – O príncipe solta um muxoxo. – E o que você fez, depois de ser presa por esse crime?

– Pintei cartas sob o comando do carcereiro Glavstone. – A terceira espada desaparece.

– Sua desgraçada – rosna o carcereiro, seus olhos amarelados me fulminando como se *eu* o tivesse traído.

– Acho que sou mesmo – respondo casualmente.

Penso ouvir um riso contido, mas então Kaelis balança a cabeça e qualquer sinal de divertimento se desvanece.

– Quantas cartas você pintou para o carcereiro no último ano?

– Centenas, talvez mil. – A resposta é vaga mas sincera. Não contei. – Havia dias em que passava horas fazendo isso. – A quarta espada desaparece.

– De quais naipes?

– Todos os menores. – *Agora a quinta.*

– Algum Arcano Maior?

– Não sei pintar Arcanos Maiores. Ninguém sabe – respondo com simplicidade. *A sexta.*

Essa magia se perdeu há muito tempo, se é que um dia existiu, e agora está relegada ao folclore.

Um sorrisinho se insinua no rosto dele.

– Você teria pintado um Arcano Maior se soubesse como?

– Eu teria tentado – admito.

Minha mãe, minha professora nos arcanos, me aconselhou a nunca tentar fazer isso, pois ninguém jamais conseguiu, então era melhor focar meu talento em outras áreas e, se algum dia eu conseguisse, só teria infortúnios. Mas eu sempre tive dificuldade em seguir instruções quando a oportunidade se apresentava. Se fizesse a menor ideia de como começar, sei que teria tentado.

Faltam duas espadas.

O príncipe Kaelis inclina a cabeça, me estudando como se eu fosse um pequeno animal.

– Bem, então parece que você não aprendeu a lição no tempo que esteve aqui – diz ele, com seriedade. – Pessoas como você, que põem em risco a ordem cuidadosa do arcano, que são um perigo para a sociedade ao colocar o poder nas mãos de gente não treinada para usá-lo... e que não aprendem com seus erros... precisam ser punidas. Como você acha que devo puni-la?

– Com misericórdia. – Nem eu consigo evitar o vislumbre de um sorrisinho.

Kaelis bufa de novo, e o sorriso astuto que tem no rosto (como o de um gato prestes a dar o bote) se torna largo e predatório. Falta uma espada, uma última pergunta. Temo que ele tenha guardado a pior para o final. Me preparo para o que vem a seguir.

– Quem foi?

– Quem foi o quê?

Uma pontada de dor atravessa minha mão e percorre meu braço. O custo de não responder.

– Quem na Academia Arcana lhe deu acesso aos meus recursos, a você e à pequena operação da qual você fazia parte?

Cerro a mandíbula com tanta força que chega a estalar. Meus dentes doem. *Não. Não!*, insisto. Não direi o nome dela. Nem quando parece que uma faca invisível está esfolando lentamente a pele do meu braço desde o punho até o ombro.

– Eu... eu... – Tento evitar a pergunta.

A dor anuvia meus pensamentos. Meu braço parece ter sido mergulhado em ácido fervente.

Kaelis tira os pés das costas de Glavstone e se inclina na minha direção. A luz da magia perfurando nossas mãos torna fantasmagóricos os contornos pálidos do seu rosto e aprofunda as sombras nos côncavos das faces e sob os olhos.

Olhando para Kaelis, é fácil se perguntar se os boatos são verdadeiros e se o príncipe é um nascido do vazio – um usuário do arcano invertido, uma abominação que só existe nos mitos. E que, com a magia deturpada de uma daquelas cartas, ele pôs fim ao Clã Ermitão, reduzindo-o a uma mera lembrança.

– Responda.

Continuo em silêncio, a mandíbula cerrada. Assumi a culpa para que

mais ninguém que eu amo precisasse fazê-lo. Não vou perder outra pessoa importante para mim. Não por causa *dele*.

– Admito, estou impressionado por você conseguir suportar tanta dor, considerando o estado deplorável em que se encontra.

Faço uma careta. As espadas sob minha pele alcançaram meu peito e estão escavando meus pulmões.

– Mas você sabe que a dor só vai piorar. Então responda, Clara: quem roubou os recursos da Academia Arcana?

– Uma... aluna...

Há um breve segundo de trégua, mas a espada brilhante perfurando minha mão não desaparece, e a dor também não.

Por algum motivo, minha teimosia faz surgir uma centelha de divertimento nos olhos dele. Apesar disso, Kaelis insiste.

– Um nome, você sabe que eu quero um *nome*.

– Clara é um nome. – Me esforço para pensar em jeitos inteligentes de evitar uma resposta.

Minha garganta dói enquanto me esquivo da verdade que a magia sabe que ele quer. Mil facas se cravam em meus músculos, estrelas explodem na minha visão. Estou tão fraca que a dor quase me faz desmaiar.

Os dedos dele se apertam ao redor dos meus e nossas mãos estremecem. É como se Kaelis estivesse prendendo fisicamente minha consciência evanescente ao corpo.

– Qual é o nome do aluno ou dos alunos que te deram acesso a instrumentos de pintura reservados à Academia? – rosna o príncipe.

– Arina.

O nome escapa de mim como a flecha de um arco, ascende alto sobre a Prisão de Halazar e cruza o rio até a fortaleza da Academia. Até onde minha irmã mais nova – minha única parente viva – ainda estuda. Mas provavelmente não por muito tempo. Minha fraqueza acabou de condená-la à morte. Um horror gélido me inunda, mais cruel que um inverno brutal.

– Ótimo. Eu já imaginava. – O príncipe afasta a mão e a luz prateada esvanece.

A dor passa, mas o peso do mundo recai sobre mim. Preciso de toda minha força para me impedir de desabar contra a cadeira.

Ele se levanta, assomando-se diante de mim.

– Agora, só resta uma coisa.

Quando ergo os olhos, nem tento esconder o ódio. Mas minha aversão só o deixa mais empolgado. *Seu doente.*

– Eu a condeno à morte ao sol poente, Clara Graysword. – A declaração visivelmente lhe traz imensa alegria.

– O quê? – O choque suaviza minha voz.

Eu estava condenada a morrer aqui... mas ainda estava respirando. Estava tramando uma fuga. Por menores que fossem minhas chances, havia esperança.

Kaelis se vira para a porta, estalando os dedos para os Stellis, que pegam Glavstone e o levam para fora da sala.

O príncipe olha por cima do ombro.

– Aproveite sua última hora de vida, traidora do arcano.

A porta se fecha com um baque, trancando-se atrás dele.



CAPÍTULO 2

Uma hora. Não é muito tempo, mas será o suficiente para me recompor e planejar meus próximos passos.

Engulo em seco e me recosto na cadeira. Entrar em pânico só vai desperdiçar minutos preciosos em ações inúteis. Arina precisa que eu me mantenha calma e estratégica. Fugir daqui e avisá-la pode ser a única coisa capaz de evitar que ela sofra uma morte terrível nas mãos de Kaelis – ou, pior, que seja marcada e enviada aos moinhos.

Primeiro vou até os armários. Estão trancados, claro, mas as fechaduras são tão frágeis que mais parecem decorativas. Voltando às poltronas, arranco um prego do estofamento de cetim. O tamanho é suficiente para alcançar o mecanismo simples da tranca dos móveis. Com o prego e um pouco de força bruta, a fechadura cede e a porta se abre.

No primeiro armário há garrafas e mais garrafas de vinho empoeiradas. Passo para o seguinte, que tem tantos livros sobre o arcano que preciso me impedir de começar a folhear imediatamente.

Bem, se vou morrer mesmo, é melhor partir com um bom livro em mãos e caindo de bêbada.

Terceiro armário...

– Isso! – Abro um sorriso de orelha a orelha quando a terceira porta se abre. Faz tanto tempo que não sorrio que chega a doer. – Kaelis, seu idiota.

Arina sempre reclamava que o príncipe não deixava nada passar, o que dificultava conspirar na Academia. Com base nas evidências à minha frente, eu discordo.

A não ser que... ele *queira* que eu encontre esses objetos e, por isso, me deixou aqui sem supervisão. É uma possibilidade. Mesmo se for o caso, isso não vai mudar minhas ações quando a alternativa é a morte certa. Vou aproveitar essa chance.

O armário está cheio de instrumentos de pintura: pincéis de cabelo humano de todos os tamanhos, latas de pigmentos raros e garrafas de óleo prontas para serem misturadas com uma espátula de paleta... E os meus favoritos: potes de tinta e canetas de pena.

Cartas em branco ocupam uma prateleira inteira. Corro o dedão pelas bordas, saboreando a sensação do papel. É o sonho de uma pintora de tarô.

Não me dou ao trabalho de cobrir meus rastros. Não há tempo. Minha única chance é me afastar de Halazar o máximo possível, o mais rápido possível.

Pintar uma carta, mesmo um desenho simples, com o mínimo necessário, pode levar quase dez minutos. Enquanto disponho os instrumentos no chão, penso naquelas em que sou mais habilidosa. *Tenho tempo para fazer três*, decido, e começo a trabalhar.

Pego duas latas de pó, uma de Ouros e uma de Copas, mas ambas estão vazias. Praguejando, pego uma terceira, de Paus, também vazia. A única que ainda tem um pouco de tinta é a quarta. Encaro o pó obsidiana iridescente. Espadas... Inútil para o que preciso fazer.

Mas vou dar um jeito, mesmo que pareça impossível.

Cada naipe exige seu próprio pigmento. Todo Arcanista que já conheci só consegue pintar cartas de Espadas com o pó feito das penas dos falcões das Montanhas Estéreis, Ouros com as frutinhas secas e trituradas do Grande Deserto, Paus com as cinzas de teixos das Florestas de Sangue infestadas de monstros, e Copas com cristais esmagados coletados das profundezas das Minas Afogadas. Ser capaz de pintar qualquer naipe com qualquer pó é um dom, como diria minha mãe. Não que ela conseguisse fazer isso. Por mais que eu tenha tentado, nunca consegui ensinar a ninguém.

Jogo o pó em dois potes de tinta e o misturo com algumas gotas de água de uma garrafa que também encontro no armário. Em seguida, espeto a ponta do dedo com uma caneta-tinteiro. Uma gota de sangue brota ao redor do metal. Posiciono o dedo sobre o pote, deixando o sangue pingar na tinta.

Para Arcanistas, sangue não é uma parte necessária do processo, mas foi a única maneira que encontrei de usar um pigmento feito para um naipe e desenhar outro. Minha mãe me ensinou a deixar a magia fluir organicamente e a permitir que as cartas sejam uma extensão de mim. Descobrir essa técnica para a mistura de pigmentos foi um golpe de sorte.

Usando a tinta imbuída com meu poder, começo a desenhar. Mesmo com um relógio tiquetaqueando no fundo da mente, minha mão permanece firme. Já fiz isso tantas vezes que é instintivo. Antes de saber ler, eu já desenhava.

Pintar cartas se tornou minha salvação. A primeira vez que me vi sozinha e faminta, aos 13 anos, segurando a mão de Arina, muito tempo depois que nosso pai foi embora e com nossa mãe já morta, percebi que podia transformar minha habilidade em comida e proteção. Arina seguiu meu exemplo, minha irmãzinha rebelde e teimosa.

Assim que as três cartas estão prontas, enfio duas na faixa ao redor dos meus seios. A terceira eu aperto contra o peito e, com uma explosão de luz esmeralda, ela é absorvida pela minha pele. A magia inunda meu corpo, preenchendo-o e fortalecendo-o.

O Valete de Ouros concede habilidade em uma tarefa ao longo de um dia. No momento, preciso ser uma especialista em escalada. O que me falta em força física, vou compensar em destreza.

Abro as cortinas, piscando na luz acinzentada. Ao longe, vejo a silhueta cintilante da Cidade do Eclipse. Está próxima o suficiente para ser alcançada a nado, mas longe o suficiente para que só um tolo tenha a audácia de enfrentar as eternas águas brancas onde o rio Farlum encontra o mar.

Hoje eu sou um desses tolos.

Abro uma das outras janelas, encaro a parede alta da prisão e engulo em seco. Quanto mais olho, mais longe a água parece. É alto demais para pular.

Quando passo a perna sobre o peitoril, penso: ainda que eu tenha uma sorte anormal, *isso é suicídio.* Mas estou desesperada e sem opções. Mesmo se estiver jogando o jogo do príncipe, vou arriscar e morrer lutando.

Sinto a magia do Valete de Ouros atravessando meu corpo enquanto

começo a descer a parede. A rocha gelada entorpece meus dedos, mas continuo segurando firme. Os pés encontram apoio na pedra rachada e açoitada pelo vento. Graças à carta, sei exatamente como distribuir meu peso e tensionar os músculos trêmulos para compensar a força que perdi. Avanço pouco a pouco.

Então uma lufada de vento atinge a lateral da prisão e a parede cede sob meus pés. Desequilibrada, eu me balanço para o lado. Um grito arranha minha garganta, mas o engulo. O mundo gira enquanto olho para baixo e percebo a distância até as rochas escarpadas e o rio. Tensionando os músculos, me esforço para puxar o corpo contra a parede. Meu nariz começa a sangrar, o que ainda é melhor do que a alternativa.

Se eu não tivesse conseguido sustentar a mim e Arina ao pintar cartas ilegalmente, como a filha mais velha da casa, eu teria escalado paredes assim, subindo e descendo o grande abismo conhecido como a Descida para coletar penas dos falcões raros que se empoleiram lá e que são transformadas em tinta. Escalaria até as unhas caírem e os dedos dos pés quebrarem. Até os dedos das mãos cederem e eu despencar no cânion, meu nome e rosto perdidos em meio à névoa do abismo da Descida para sempre.

Foi o destino da minha mãe, ou pelo menos foi o que os fiscais de magia me contaram – uma mentira em que nunca acreditei. *Ela foi assassinada.* A corda dela foi cortada. Mas por quem e por quê? Ainda não sei. Tentar desvendar a verdade e me vingar foi o que me meteu nessa roubada.

Continuo a descer, confiando no Valete de Ouros, na minha própria magia e força. E, enquanto meus músculos tremem e ameaçam ceder, penso em todos os modos como Kaelis poderia ferir Arina. Mesmo que minha irmãzinha teimosa nunca fosse admitir, ela precisa de mim.

Finalmente alcanço o chão. Só quero desabar e recuperar o fôlego, mas me obrigo a continuar em movimento. Imagino que já se passaram 45 minutos da minha última hora de vida, e o príncipe Kaelis é o tipo de homem que me buscaria mais cedo. Se eu ainda estiver na Ilha-Prisão de Halazar quando ele perceber que fugi, estarei morta em minutos. Minha única esperança é alcançar o rio antes que isso aconteça.

Não muito longe daqui, avisto um barco. O príncipe chegou nele, talvez? É pequeno o bastante para ser remado por uma pessoa, e não vejo ninguém por perto. Estou prestes a ir até a embarcação, agradecendo meu golpe de sorte, quando paro. *É fácil demais.* Se Kaelis estiver me testando, é uma

armadilha. Se não estiver, um barco me deixaria muito exposta de qualquer forma.

Fraca como estou, nadar é uma insanidade, mas ainda é o jeito mais seguro.

Pego uma das duas cartas restantes, puxando o Ás de Copas. Coloco a carta sobre a superfície da água e a toco de leve. Gotículas se erguem e formam um arco ao meu redor, envolvendo-me com puro poder. Fecho os olhos e inspiro a magia ancestral da carta, a primeira do naipe. Seu poder me dá domínio sobre a água.

Cada Arcano Menor é governado por um elemento: Paus é fogo, Espadas é ar, Ouro é terra e Copas é água. As cartas Dois até o Rei têm cada uma suas propriedades únicas... mas o Ás? Ele é o começo, a essência primordial do naipe.

Respirando fundo e exalando com meu mantra ("A sorte está do meu lado"), eu mergulho.

A água está gélida e tira o ar dos meus pulmões. Apesar disso, chuto com força para manter a cabeça acima da superfície. O esforço me aquece o mínimo necessário e, com o poder do Ás me dando um leve controle sobre o elemento água, consigo cruzar as ondas menores sem esforço – mas as maiores ainda são um desafio.

Perco a noção do tempo. A esta altura, o príncipe com certeza sabe que sumi e está procurando por mim. Viu as evidências e deduziu o que fiz, se é que já não está me rastreando.

Continue nadando, ordeno a mim mesma com cada arfada. Minha força está se esvaindo e a magia junto com ela. A correnteza ameaça me puxar para baixo. E a cidade ainda está tão longe...

Lembranças preciosas do Clube dos Malfadados me dão força. *Meus amigos. Não, minha família.* Bristara abrigou a mim e Arina, nos deu esperança. Mesmo nos dias mais sombrios em Halazar, meus pensamentos se voltavam para Arina, Gregor, Ren, Jura, Twino, Bristara... Mesmo quando minha mente insistia que eles tinham desistido de mim, meu coração se recusava a acreditar. *Eles estão esperando por mim. Contando comigo.*

Uma onda me arrebata. Sou arrastada a um lugar onde só uma escuridão fria e opressiva espera. Ali, nas águas turbulentas, meus pesadelos espreitam e se tornam realidade, ameaçando arrancar o último fôlego dos meus pulmões.

Mas, por mais escura que seja a noite, me recuso a abandonar a esperança na aurora.

Toco o peito, onde a última carta está guardada. Meu desenho mais popular. Já devo ter criado milhares de cartas com esse desenho. O Nove de Copas – a carta dos desejos, uma chance de fazer uma pequena alteração no meu destino.

Me salve.

O Nove de Copas se mistura com o resto do pó do Ás. As águas se abrem e eu emerjo novamente com uma explosão de magia azul-arroxeada. Inspiro profundamente, recuperando o fôlego, e continuo chutando. O litoral não está mais tão longe e, se conseguir manter a cabeça acima da superfície, vou alcançá-lo. Está *tão perto.*

É quando sinto um *zing* de magia vindo por sobre as ondas e escuto um barco atravessando a água. Minha sorte estava fadada a acabar em algum momento...

É meu pior temor comprovado. *O desgraçado sabia que eu ia escapar.* Aposto que sabia que ia me matar desde o dia do julgamento e só me deixou apodrecer primeiro em Halazar simplesmente porque tinha esse poder. Tudo que Arina disse sobre Kaelis é verdade.

Minha vida não passa de um jogo pra ele é meu último pensamento antes de ser atingida por magia. Com uma explosão de agonia, meus músculos se contraem, uma onda me cobre e o mundo escurece.



CAPÍTULO 3

Sou mantida inconsciente. Toda vez que começo a recobrar a consciência, alguém a afasta novamente com poções goela abaixo e ondas de magia lançadas sobre meu corpo. Feixes de luz invadem o quarto, e abro as pálpebras ressecadas, mas dedos gentis as fecham. Vozes se erguem e esvanecem, mas nenhuma é discernível.

Quando a lucidez finalmente se impõe, acordo com um sobressalto, tentando capturá-la antes que fuja de novo. Antes que eles – quem quer que sejam "eles" – possam tirá-la de mim de novo.

– Calma, calma – tranquiliza uma mulher mais velha. – A senhorita passou por muita coisa. Descanse.

Não reconheço o quarto onde estou. Eu lembraria de um lugar tão... *medonhamente ostentatório.*

Cada peça de mobília e pintura emoldurada é adornada com prata. De cada lado, há dez pilares de mármore preto. Há duas áreas de estar: uma na frente da cama onde estou deitada e outra diante de uma lareira distante, tão grande que daria para assar um urso. Candelabros lançam a luz suave de velas sobre o espaço extremamente escuro, iluminando todas as bugigangas e objetos estranhos que atulham as paredes. É tudo tão extravagante que o

efeito seria claustrofóbico se o ambiente não fosse tão vasto. Porém, graças ao tamanho do espaço, o número de antiguidades só o faz parecer um... museu. Frio, muito mais estéril que um quarto normal.

Apesar da imensidão, imagino que esteja em um quarto. Eu me sinto minúscula na cama de dossel que mais parece ser do tamanho de um pequeno apartamento. É feita de pedra preta e coberta com cortinas pesadas. Um mar de veludo com ilhas de pele aos meus pés cobre uma vasta extensão de lençóis de seda.

– Pelos quatro naipes, onde eu estou? – exijo saber, lançando um olhar feio para a mulher e desejando ter algum tipo de arma.

Infelizmente, não tenho nada, nem mesmo minhas roupas esfarrapadas da prisão. Alguém – e espero que tenha sido ela – me vestiu com uma camisola de chiffon.

– Na Academia Arcana – responde a mulher, tranquila. Imaginei que tentaria se esquivar da resposta. – Eu sou Rewina, criada de Sua Alteza.

Ele tem uma criada em vez de um mordomo? Que estranho... Mas a equipe incomum do príncipe é a menor das minhas preocupações.

– Por que estou aqui?

Além das janelas emolduradas em – surpresa! – *mais* cortinas de veludo pesado, a Cidade do Eclipse reluz à distância, do outro lado da foz do rio Farlum. Uma muralha imponente faz as vezes de uma barricada onde o rio encontra o mar. Ela serve tanto como a ponte que conecta a cidade à Academia quanto como uma forma de controle da família real sobre todo o comércio que entra no reino e vai para os territórios além.

– Imagino que o príncipe dirá à senhorita.

Ela está se submetendo à autoridade de Kaelis ou também não sabe por que estou aqui? A verdade fica oculta atrás de um sorriso aparentemente caloroso, olhos com rugas e cabelo ralo e grisalho. Rewina me lembra vagamente Bristara, embora seja mais velha que a matriarca do Clube dos Malfadados.

– Por sinal, ele vai querer saber que a senhorita acordou. Com licença – pede ela, como se eu tivesse o poder de conceder licença a alguém.

A criada vai embora e fico sozinha.

Imediatamente, afasto as cobertas e coloco os pés para fora da cama. O móvel parece ter dois andares de altura, e meus joelhos estalam quando me levanto. Cada centímetro do meu corpo dói e protesta. Minhas pernas estão

bambas. Meu estômago está terrivelmente vazio. De alguma forma, me sinto *pior* do que quando saí da cela. *Quanto tempo fiquei desacordada?*

Posso ter só 20 anos – talvez 21, dependendo da data –, mas me sinto três vezes mais velha.

Antes de tudo: *arma.* Lutando contra as distrações que são as antiguidades e a vista da cidade, sigo direto para a lareira e pego o atiçador. Seria meio desagradável ter aquele gancho na ponta cravado no crânio. Embora seja difícil erguê-lo na minha condição, é melhor que nada.

Em seguida, vou inspecionar as prateleiras em busca de algo mais prático, algo que possa ser escondido. Idealmente, cartas... e depois...

– Você vai me atacar com *isso*? – A voz de Kaelis me dá calafrios, me deixando ciente de como estou nua sob essa camisola finíssima que mal cobre meu corpo.

– Estou considerando.

Eu me viro, sem que ele perceba meu desconforto.

Kaelis se encosta em um dos pilares da cama e começa a embaralhar suas cartas casualmente. Elas deslizam tão facilmente quanto suas ameaças implícitas.

– Fico feliz de ver que se recuperou a ponto de retornar à sua personalidade desagradável.

Não reajo ao insulto.

– Por que estou aqui?

– Você não está em posição de exigir nada de mim.

– Fala logo, porra.

Seguro o atiçador com mais força. Não consigo me livrar da sensação de que estou encarando o assassino de minha mãe. Será que partiu de Kaelis a ordem para que a corda dela fosse cortada? Ele supervisiona todos os Arcanistas e as leis que os controlam.

– Cuidado com a língua, Clara. Isso não é jeito de falar com um príncipe. Você vai ter que mudar isso.

– Se você vai me matar de qualquer jeito, que diferença faz? – Dou de ombros, como se minha mortalidade não tivesse importância. – Pelo menos vou morrer sem participar dos seus joguinhos.

– Você já não participou?

Ele está se referindo à minha tentativa de fuga. *Droga.* Foi como

suspeitei. Mas, mesmo se eu tivesse certeza, e não só suspeitado, ainda assim teria tentado a sorte.

– Tenho dignidade demais para fazer isso de novo – digo, provocando-o para que me conte seu plano. Afinal, se ele quisesse, eu já estaria morta.

– Dignidade? A mulher que rastejava por túneis nas montanhas e vasculhava lixo em becos alega ter *dignidade*? – desdenha ele. – Perdoe-me, eu não sabia que estava falando com a rainha dos ratos.

– Prefiro ser a rainha dos ratos a ser o rei das víboras – rebato.

A vida toda ouvi histórias sobre a família Oricalis. Vi como eles governavam o reino. Vi os pináculos cintilantes dos bairros ricos da Cidade do Eclipse e os barracos mais pobres à sombra deles, cheios de pessoas famintas, congeladas e desesperadas por um ato de compaixão.

– Seguindo essa lógica, formamos um belo par, já que você é minha presa perfeita.

Aperto o ferro ainda mais, determinada a ignorar o tremor involuntário nos músculos que estou fraca demais para conter. Não tenho cartas nem poder contra Kaelis. Nada com que me defender exceto um resquício de força e um atiçador. Enquanto isso, se ele quisesse, poderia me esfolar com um estalar de dedos.

– Tudo bem. – Jogo a arma improvisada no chão com um baque alto e estendo as mãos vazias em rendição. – Por que ainda estou viva?

– Agora você está fazendo a pergunta certa.

Kaelis se afasta da cama, enfia o baralho no bolso e caminha na minha direção. Conforme se aproxima, considero por um momento pegar o atiçador com os dedos do pé e ver se tenho força suficiente para lançá-lo no esterno dele. Suspeito que não. E sei que, com um pensamento, o príncipe poderia magicamente puxar uma carta do bolso. Minha segurança é uma ilusão. Mas seria um experimento satisfatório.

– Eu preciso de você.

– Você? Precisa de *mim*? – Solto um ruído de desdém.

– Por que acha que te libertei? Por que não te deixei morrer lá?

Um brilho em seus olhos me diz que não está mentindo. *Uma prisão em que* você *me botou*, sinto vontade de dizer. Kaelis se aproxima um passo e eu recuo outro. Bato contra a parede ao lado da lareira.

– O que você sabe sobre a vigésima primeira carta do tarô? – pergunta ele.

Vigésima primeira carta? Há 56 cartas nos Arcanos Menores, catorze de cada naipe e vinte nos Arcanos Maiores, sem contar o ilustre Louco – a carta que dá início a tudo, portanto é numerada como zero... A não ser que...

– A vigésima primeira carta não passa de um mito.

Minha mãe contava as lendas envolvendo esta carta, a carta do Mundo. As histórias dizem que ela dá ao usuário poder de mudar as coisas. *Qualquer* coisa. É como o Nove de Copas, mas infinitamente mais poderosa. Uma carta tão potente que seria capaz de dobrar a realidade e mudar o próprio mundo. Só que uma carta assim é um sonho...

– Posso garantir que não. – Ele chega mais perto, assomando sobre mim. – Pense no que você poderia fazer se tivesse a carta do Mundo nas mãos.

Eu penso. Antes que possa me impedir, imagino como um desejo cuidadosamente formulado e a misteriosa carta conhecida como o Mundo me tornariam a Arcanista mais poderosa da história. Eu poderia dominar toda a Cidade do Eclipse, o reino inteiro. Destruiria Kaelis e toda a sua família. Traria minha mãe de volta à vida e ninguém jamais machucaria a mim ou alguém que amo de novo.

Kaelis me avalia atentamente, os olhos brilhando à luz bruxuleante do fogo, como se pudesse ver todos os meus pensamentos, inclusive os que envolvem sua morte. Porém, quanto mais eu resisto, mais ele parece se divertir.

– Você não a quer? – Agora carregada de propósito, a voz dele se torna um sussurro.

– Ela não existe.

– Existe. E você, Clara, é a chave para obtê-la.

– O quê?

O homem enlouqueceu.

– Você parece surpresa. – O sorrisinho arrogante dele se alarga. – Não é você a grande ladra que, segundo os boatos, é capaz de obter qualquer coisa? A mulher que roubou pincéis antigos do grande museu de Oricalis? Que contrabandeava Arcanistas não marcados e tarôs ilegais para muito além da Cidade do Eclipse? Tudo isso antes de completar 20 anos?

– Vejo que minha reputação me precede – ironizo, apesar de a garganta estar seca como o deserto a leste do reino.

Mas ele continua, como se minha voz tivesse sido engolida pelas sombras que se fecham ao meu redor:

– A mesma mulher que... – Com um movimento lento e deliberado, Kaelis apoia a mão na parede, ao lado da minha cabeça, a centímetros do meu cabelo curto, e se inclina até roubar todo o ar do cômodo. Só ele existe, incendiando cada parte do meu corpo com a sua presença imponente. – Que, ao que parece, é capaz de pintar qualquer carta com *qualquer coisa*? Um feito tão impossível que já está se tornando lendário no submundo da Cidade do Eclipse. Diga-me, Clara, em Halazar, como você conseguiu pintar Ouros e Copas com pó de Espadas para fugir?

– Você... você garantiu que só tivesse pó de Espadas lá – digo, compreendendo.

O olhar dele ameaça me consumir. Cachos de cabelo ocultam parcialmente o fogo ardendo em seus olhos. Eu fui usada. *Testada.* Minha fuga... Não, antes mesmo disso. O carcereiro me fez pintar todo tipo de carta usando praticamente nada. *Kaelis poderia ter me matado desde o começo, se quisesse.* Talvez toda a minha sentença tenha sido um teste, desde a noite em que fui capturada.

Retorno à pergunta anterior:

– O que quer de mim?

– Queria saber se você era o que diziam, Clara. – Ele me examina por entre os longos cílios. – Queria ver se tinha não só a habilidade, mas a *coragem* necessária para sobreviver ao que vem em seguida. Para me dar o Mundo.

– Eu *nunca* vou te ajudar – rebato, furiosa.

– Prospere no meu mundo ou morra no seu. Se me ajudar, será recompensada. Se resistir, tudo e todos que forem preciosos a você serão aniquilados nas piores formas que imagina. – É uma promessa, não uma ameaça.

Arina cruza minha mente. Ela está aqui, na Academia, sob o controle dele. Penso também no pessoal do clube, porque preciso supor que o príncipe sabe da existência deles.

Minha mão voa até seu pescoço como uma serpente e cravo as unhas em sua pele fantasmagórica. Mesmo depois de um ano sem ver o sol em Halazar, minha cor ainda é levemente mais bronzeada que a dele. Os lábios de Kaelis se abrem em um grande sorriso.

– Não se atreva – falo.

Aperto os dedos trêmulos. Ele pode sentir como estou fraca. Será que me

deixar nesse estado também foi parte do seu plano?

– Então faça exatamente o que digo.

Ele fala com tranquilidade, apesar de minha tentativa patética de esganá-lo. Não consigo nem mesmo fazê-lo ofegar.

Quero acabar com ele. Quero estrangulá-lo até seus olhos saltarem das órbitas. Não importa o que isso signifique para mim: minha vida já está perdida. É algo evidente. O príncipe Kaelis é conhecido por destruir seus brinquedos.

Sem aviso, a porta é escancarada com tanta força que chacoalha as janelas. Há uma explosão de luz e o chiado de magia de uma carta que, julgando pelos sulcos profundos que deixou no batente, só pode ser de Espadas.

Outro homem está parado na entrada. Ele tem cabelo escuro e olhos pretos como os de Kaelis, o mesmo tom de pele e a mesma aura arrogante.

Mas os dois são opostos em todos os outros aspectos. Este homem usa um casaco dourado perfeitamente ajustado ao corpo, com uma camisa e uma calça brancas. Suas botas são da cor do mel quente. Até o pingente de espada no pescoço é diferente – de um tom prateado que brilha tão forte, mesmo à meia-luz, que consigo vê-lo de onde estou.

Solto Kaelis com um choque quando percebo que estou fitando o príncipe Ravin, herdeiro do trono de Oricalis e regente da Cidade do Eclipse.

Kaelis se inclina para longe de mim, ainda despreocupado, como se eu não tivesse tentado asfixiá-lo.

– Olá, irmão. Não sabe bater à porta?

– Como se você fosse abrir para mim. – Ravin olha para nós dois. – O que acha que está fazendo?

Não sei a quem ele dirige a pergunta, então mantenho a boca fechada, sobretudo porque não sei se Ravin me viu apertando o pescoço do irmão.

– Eu poderia te perguntar o mesmo. – A julgar pelo tom de Kaelis, não há muito afeto entre eles.

– Vim lhe informar que acabei de ouvir de Glavstone que houve uma fuga em Halazar.

Meu sangue congela, especialmente quando o olhar de Ravin pousa sobre mim.

– E isso é problema meu *porque...*? – Kaelis deixa a pergunta no ar,

conseguindo soar tão irritado quanto entediado.

– Era uma Arcanista ilegal. Cela 205. – *O número da minha cela.* – Essa questão deve ser levada a sério e investigada com todo o rigor da lei.

– Claro que será. Tenho certeza de que Glavstone está cuidando de tudo.

– De fato. Eu dei permissão aos guardas para revirar a Cidade do Eclipse.

– Ótimo. – A condescendência pinga da voz de Kaelis.

– Eles vêm para cá em seguida.

– Excepcional. – Kaelis dá de ombros.

Ravin fica ainda mais agitado diante da calma deliberada do irmão.

– Presumo que você vá permitir que eles conduzam a busca, já que as portas da Academia estão abertas esta noite.

– Sim, claro. – Kaelis volta toda a sua atenção para mim. Um misto de choque e medo me congela. Não sei para onde olhar e queria ter algo além de uma camisola fina me protegendo. – Agora, se não se importa, estou ocupado.

– Com o quê? – A atenção de Ravin destoa mais do que a luz dos lampiões nas profundezas de Halazar.

– Estou informando à última inscrita da Academia o que será esperado dela no Festival do Fogo esta noite.

É hoje? Isso significa que hoje é o primeiro dia de Paus, meu aniversário. *Pior aniversário de todos.*

– Inscrita? – perguntamos Ravin e eu quase em uníssono.

– Ela não é velha demais para começar? – acrescenta Ravin.

– Como se eu fosse uma anciã – murmuro, indignada.

Completo 21 anos hoje. Se bem que, depois de Halazar, provavelmente pareço ter 80. Mesmo assim, 21 *tecnicamente* passa do limite... Todos os Arcanistas em Oricalis devem entrar na Academia dentro de um ano após completar 20. É um reflexo dos Vinte Arcanos Maiores, baseado na crença de que as habilidades de um Arcanista não amadurecem até eles terem vivido um ano para cada Arcano Maior.

Aqueles que se recusam a entrar na Academia ou que são descobertos escondidos pelos fiscais são automaticamente marcados e mandados aos moinhos de pó. A Academia oferece a chance de uma vida melhor *se* você conseguir entrar... embora a maioria não passe nos testes do primeiro ano ou morra tentando.

– O aniversário dela é hoje. – As palavras de Kaelis provocam uma

sensação desagradável em mim. Ele claramente me investigou.

– Então ela deveria ter entrado ano passado. Não sei exatamente como essa mulher o entretém, mas seu divertimento não está acima da lei.

– Discordo – retruca Kaelis. Seu ar brincalhão faz Ravin cerrar os dentes.

– Marque-a e mande-a para um moinho. Ou mate-a. Mas resolva isso. – Ravin volta o olhar na minha direção, retorcendo os lábios de leve.

– São feitas exceções para os nobres – rebate Kaelis. – Não seria a primeira vez que o filho ou a filha de um nobre começa a Academia um *pouquinho* atrasado porque estava concluindo sua educação particular.

– Ela não é nobre. – Ravin está muito seguro disso para o meu gosto.

– Na verdade, ela é. – Kaelis enfia a mão no casaco e tira um papel dobrado, amarelado e rasgado nas bordas antes de ir até o irmão. – Veja só, estive fuçando alguns arquivos. Você sabe como fiquei... atormentado pela culpa nos últimos cinco anos. – As palavras pairam no ar, pesadas com a insinuação.

Cinco anos atrás... Ninguém sabe o que realmente aconteceu no dia em que o Clã do Eremita foi destruído. A declaração oficial foi que o clã nobre se rebelou contra a Coroa, então Kaelis os aniquilou com um poder inexplicável. Incontáveis vidas inocentes foram ceifadas pelas mãos do príncipe, que manipulou uma magia desconhecida tão abrangente e temível a ponto de levantar suspeitas de que só poderia ter sido uma carta invertida. Uma força sobrenatural, que supostamente não deveria existir. *Mas o que mais poderia ter sido?*, é a pergunta que não quer calar.

– *Você* procurou alguma coisa relacionada ao Clã do Eremita? – Ravin parece dividido entre o espanto e a dúvida.

– Fiquei pensando se alguém poderia ter sobrevivido. – Kaelis entrega o papel para o irmão. Não consigo ler, mas o que ele diz em seguida preenche as lacunas. – Como pode ver, esta é Clara Redwin, sobrinha distante da Alta Dama Hannah Tymespun, com a linhagem diluída só o suficiente para ser poupada naquele dia fatídico e se tornar a última herdeira sobrevivente do Clã do Eremita.

Pelos Vinte Arcanos, do que ele está falando? Quando fui capturada, usei o sobrenome Graysword. Antes disso, minha mãe pediu que eu e Arina usássemos o nome Daygar. Redwin é novidade.

Quando Kaelis volta até mim, estou pasma demais para falar. Seus olhos escuros cintilam como antes de sair da sala em Halazar. Ele se empertiga,

afasta o cabelo do rosto e entrelaça os dedos aos meus. É um gesto estranhamente íntimo, e a única coisa que me impede de empurrá-lo é o mais puro e absoluto choque com o que ele diz em seguida:

– Isso significa que, como nobre e futura Alta Dama de um clã, ela é mais do que elegível não só para começar a Academia atrasada, como também para ser minha futura esposa.



CAPÍTULO 4

É raro eu ficar chocada a ponto de perder a fala, mas Kaelis conseguiu essa proeza. Devo ter ouvido errado. Eu...

– *O quê?* – Ravin rouba minha pergunta.

– Do que você está falando? – acrescento entre os dentes.

– Depois que fiz 20 anos, papai não para de lembrar que é inapropriado para um homem da minha idade não ter pretendentes. Não aguento mais as queixas dele. E, se algo acontecer com você e sua amada Leigh, ou qualquer prole que você venha a conceber, a coroa será minha. – Embora Kaelis fale casualmente, uma sombra cruza o rosto de Ravin à menção de "algo acontecer" com ele e a esposa. – Então já passou da hora de cumprir meu dever como o segundo filho do rei. E qual é o melhor jeito de curar velhas feridas do que ficar noivo da última sobrevivente do clã que destruí com minhas próprias mãos?

– Chega desse joguinho! – dispara Ravin, descartando o papel.

– Não é um joguinho – diz Kaelis, solenemente. – Eu pedi que ela jurasse sua mão a mim, sobre o Quatro de Paus. Ela aceitou e jurou. Está feito.

Nada disso aconteceu, mas mantenho a boca fechada. Quero estar noiva do príncipe? Pelos quatro naipes e por todo Arcano Maior, *não.* Mas quero

ainda menos ser marcada ou enviada de volta a Halazar. Então mantenho os dedos entrelaçados aos dele e ignoro o gosto de bile no fundo da garganta.

– O único que está fazendo joguinhos aqui é você, que continua invadindo minha Academia sem permissão.

Ravin cruza o cômodo em alguns passos. Os dedos de Kaelis me apertam, como se tentasse me impedir de fugir. O príncipe mais velho lança um olhar fulminante para o irmão.

Assim tão perto, consigo ver diferenças entre os dois. Eles têm quase a mesma altura – seria impossível dizer quem é mais alto se não estivessem lado a lado –, só que Ravin é mais musculoso. Seus lábios são um pouco mais cheios, mesmo com uma carranca de desgosto. Seus olhos são, na verdade, de um tom castanho muito escuro, não pretos como os de Kaelis. E seu cabelo é do tom de tinta preta pura. O de Kaelis é mais um roxo-escuro, como as penas de falcão colhidas para criar pigmentos – uma sombra prismática da noite.

– Eu *sei* que você está mentindo – rosna Ravin.

Kaelis dá um sorrisinho em resposta à agitação do irmão.

– É a sua palavra contra a minha.

– Abandone essa tolice antes que eu envolva nosso pai.

– Antes que você envolva nosso pai – desdenha Kaelis. Então sussurra: – *Vá em frente.* Envolva-o. Tente desmentir minha alegação sobre a linhagem dela, com ou sem a ajuda dele. Mas, enquanto estiver fazendo sua investigação, ela vai ficar sob meu controle e proteção, sobretudo depois desta noite.

Ravin cerra a mandíbula, fazendo os músculos nas bochechas se tensionarem. Em seguida seu olhar dispara na minha direção. Por um segundo, acho que vai falar diretamente comigo, embora eu não faça ideia do que poderia dizer. No fim, o príncipe primogênito solta um ruído de asco e vai embora sem dizer mais nada, batendo a porta com tanta força que quase sinto as fundações antigas da Academia Arcana estremecerem.

No instante em que ficamos a sós, Kaelis se apressa em largar minha mão. Pelo menos estamos de acordo sobre nossa aversão mútua.

– Precisamos matriculá-la formalmente como iniciada o mais rápido possível e solidificar seu novo nome entre os outros nobres. – Kaelis pega um lenço e esfrega os dedos, como se estivesse tentando se livrar de

qualquer resquício meu. – Antes que os guardas ou fiscais cheguem ou que Ravin invente algum jeito de se intrometer na minha Academia de novo.

Eu encaro o príncipe.

– Não posso dizer que é com *ele* que estou preocupada.

– Ora, por que eu machucaria minha futura esposa? – Kaelis abre um sorriso que só me deixa mais tensa.

– Você não pode estar falando sério com essa história – digo, inexpressiva. É um absurdo.

– Ah, não? Prefere ser marcada e enviada a um moinho?

– Claro que não. – Para a maioria, é um destino pior que a morte.

– Quer voltar para Halazar, então? – Ele arqueia as sobrancelhas e eu cerro os lábios. – É, foi o que pensei. – Kaelis se vira para me olhar de frente. – Eu sou a única pessoa que pode impedir você de voltar ao buraco mais fundo de Halazar e apodrecer pelo resto do que certamente seria uma vida pateticamente curta.

O "buraco mais fundo" só pode significar uma coisa: as masmorras. Um lugar miserável sob total controle de Glavstone. Um lugar que a maioria dos guardas da prisão nem sabe que existe. O medo me percorre com uma força incontrolável. Tive que enfrentar os andares mais baixos e esquecidos de Halazar só por um breve período – depois da única ocasião em que ousei discutir com o carcereiro. As masmorras logo me ensinaram que ele não deveria ser questionado: são desprovidas de luz, calor e benevolência. São um lugar esquecido pelo mundo, de onde nem gritos conseguem escapar.

Examino o rosto de Kaelis em busca de algum indício de que esteja mentindo. Um sinal de que, em algum ponto nesses dois abismos que ele chama de olhos, haja uma centelha de compaixão. De que talvez, só talvez, ele não seja tão horrível quanto as histórias dizem.

Mas não há nem amizade nem segurança ali.

Suas ameaças contra as pessoas que amo ainda pesam sobre mim. Ele já me manipulou para cair em suas garras quando me capturou pela primeira vez e fez isso de novo quando tentei escapar. O homem é astuto, calculista e perigoso. Arina e o Clube dos Malfadados estão todos correndo risco por minha causa.

– E o que você quer em troca dessa... *liberdade* que está me oferecendo? – Quase engasgo com a palavra.

– Já te disse.

Seus olhos brilham à luz do fogo, o divertimento entremeado de malícia.

– O Mundo – completo.

Kaelis assente.

– E como acha que vou consegui-lo para você?

Se eu tivesse acesso a esse tipo de poder, teria feito isso muito tempo atrás. Arina e eu teríamos trazido nossa mãe de volta e destruído Oricalis.

– Explicarei os detalhes no devido tempo. Por ora, temos que nos concentrar em fazer você chegar, e sobreviver, ao Festival do Fogo. Parece que mal consegue andar, muito menos lutar pelo seu destino.

Kaelis se vira para uma das portas no quarto.

– E de quem é a culpa pelo meu atual estado? – O príncipe finge não ouvir meu comentário. – E depois?

Ele faz uma pausa e me lança um olhar confuso.

– Depois você será uma iniciada na Academia e vai passar nos seus testes e desafios para se tornar uma estudante... ou vai morrer.

– Não é isso que eu quero saber. O que acontece depois que você conseguir o Mundo?

– Acha que tem o direito de saber?

– Tenho, se você quer minha ajuda.

– Ah, Clara... – Ele dá uma risada sombria. – Você não está em posição de negociar. – Sei que o desgraçado tem razão. – Agora, limpe-se, reúna suas forças e fique apresentável como a nobre há muito perdida que vai alegar ser... e como minha futura esposa. A última coisa que quero é que me envergonhe.

Kaelis vai embora e o silêncio retumba em meus ouvidos.

Eu me viro para as janelas e a Cidade do Eclipse além – onde fica minha casa, a única casa que já conheci, e onde estão as pessoas para quem devo voltar. Agora que estou fora de Halazar, há uma chance de me reunir com elas. Arina está na Academia. Ela conhecia uma passagem secreta para sair da escola e pode me mostrar. Esse "noivado" é só temporário. Minha sorte ainda não me abandonou.

Quando estou prestes a retomar minha busca por cartas – ou qualquer coisa que possa ser útil –, outra porta se abre e Rewina entra com uma pilha de tecidos escuros nos braços.

– Milady, Sua Alteza separou algumas opções.

– Maravilha. – Nem me dou ao trabalho de esconder o sarcasmo na voz.

– Vamos ver o que ele acha que vai cair bem em mim.



O príncipe tem um gosto impecável e acho que o odeio ainda mais por isso.

Rewina me estende um casaco de couro preto como tinta. A gola alta roça no meu queixo, quase alcançando as pontas do cabelo. A criada tenta penteá-lo, mas não há muito que possa fazer depois do corte malfeito de Halazar. Eu também não colaboro muito, resistindo e me encolhendo toda vez que ela se aproxima demais com a tesoura. As longas mangas do casaco deslizam sobre meus braços com caimento perfeito depois que Rewina usou o Três de Ouros para ajustar as costuras no couro macio. Com todas essas camadas de tecido, é mais difícil perceber que sou só pele e ossos. Uma escolha estratégica, presumo.

A criada faz o possível para me deixar apresentável. Ela me traz comida, que me obrigo a consumir com calma para não vomitar. É uma refeição simples, porém mais farta do que tudo que venho comendo em quase um ano. Rewina também usa algumas cartas para me fortalecer. Por fim, dá um passo para trás e admira seu trabalho. Eu me sinto como um vaso estilhaçado que alguém remendou: as rachaduras ainda estão visíveis, mas só se você olhar de perto.

Levo os dedos ao broche preso no lado esquerdo do peito. É feito de prata com o entalhe intricadamente detalhado de um punho segurando a alça de uma lamparina: o símbolo do Clã do Eremita, cujos membros já foram os guardiões do conhecimento e das histórias do reino de Oricalis e além.

Todo clã nobre é uma família que controla um pequeno domínio sob o comando da Coroa. O Alto Lorde ou Alta Dama à frente do clã supervisiona a família, as terras e outros encargos em nome do reino. O Clã do Eremita era um dos dez principais que sobreviveram à brutal Matança dos Clãs. A guerra reduziu o número de clãs, que costumavam ser vinte, um para cada Arcano Maior – supostamente fundados pelos acólitos originais do Louco. O Clã do Eremita sobreviveu a incontáveis altos e baixos ao longo da história de Oricalis. Mas não conseguiu sobreviver a Kaelis.

– O príncipe realmente destruiu o Clã do Eremita? – pergunto baixinho.

Rewina cerra os lábios. Já tenho minha resposta.

– O príncipe não gosta de falar desse assunto, então, no seu lugar, eu evitaria. E, se eu fosse procurar informações, faria isso discretamente. – É metade conselho, metade alerta.

– Não é o que estou fazendo, perguntando a você? – rebato. Acho que quase vejo um sorriso curvar os lábios dela.

– Concentre-se no que precisa fazer a fim de se preparar para o Festival do Fogo.

Eu cresci nos cortiços. Não sei nada sobre ser uma nobre, sobre o Clã do Eremita ou como ser a noiva de um príncipe, especialmente se Kaelis não me der muita informação a respeito dos costumes do clã.

Rewina me conduz pela mesma porta que o príncipe Ravin bateu menos de uma hora atrás – e que já foi magicamente consertada. Uma sala de visitas pouco decorada me espera do outro lado, com quatro portas e uma mesa central contendo uma variedade de espadas fincadas no centro, como uma obra de arte estranha e macabra. Kaelis e um cavaleiro Stellis conversam ao lado dela.

– ... não pode deixá-lo entrar – repreende Kaelis, com a voz baixa e dura. Imagino que esteja falando de Ravin.

– Sim, Vossa Alteza. Descobriremos quem estava na entrada principal. E quando os guardas de Halazar chegarem?

– É só enrolar. As tradições da Academia têm prioridade, e o desfile do Festival do Fogo já começou.

O Stellis faz uma mesura com o elmo emplumado e sai pelas portas duplas do outro lado da sala. Encaro o lugar onde ele estava. Fui ensinada a vida inteira a temer os Stellis e agora me encontro cercada por eles.

Kaelis se vira para mim.

– Você não parece satisfeita.

É difícil ignorar minha careta quando meus lábios estão pintados de vermelho-sangue. Quanto maior meu desprazer, mais entretido Kaelis fica. Quando volta a falar, baixa a voz, provavelmente para que os cavaleiros do outro lado da porta não ouçam nossa conversa:

– Se preferir, posso devolver seus trapos e te mandar de volta a Halazar.

– Essa ameaça já está batida, Vossa Alteza. Você tem minha total cooperação.

Puxo os punhos das mangas que cobrem minhas mãos. Enquanto ando, as abas do casaco se abrem abaixo da cintura, revelando uma calça vermelho-escura justíssima enfiada em botas que combinam com as dele, polidas ao ponto de brilharem. Suspeito que não seja coincidência. Pelo menos os detalhes vermelhos realçam meu tom de olhos carmesim.

– Então sugiro que melhore essa cara.

Kaelis bloqueia meu caminho, mas eu não sei aonde ir. A Academia é um prédio labiríntico constantemente construído e reconstruído por magia. Pelo que Arina me contou, é um parque de diversões para os Arcanistas mais talentosos do reino – o único lugar onde seus poderes podem ser usados sem restrições, apenas com a supervisão relaxada do sinistro diretor, que está parado bem na minha frente.

É com esforço que consigo abrir um sorriso de boca fechada.

– Melhor? – pergunto entre os dentes.

Ele envolve minha cintura e contenho uma careta quando desliza o braço sobre o cinto largo que prende todos os tecidos pesados do traje. O acessório tem adornos prateados simulando o metal com aspecto de renda das espaldeiras decorativas nos ombros, que, por sua vez, combinam com os detalhes semelhantes costurados nos ombros da camisa de Kaelis e com as fivelas que descem pelo seu torso forte em intervalos regulares.

Kaelis é uma sombra reluzente e, só por meio das roupas, já comunicou que agora estou dentro do seu crepúsculo.

– Um pouco. – Ele é sincero sobre minha careta e o quanto ela deixa a desejar. A crítica é justa. – Sabe, existem mulheres que matariam para ser minha noiva.

O jeito como ele fala quase me faz questionar se já organizou um desafio para encontrar pretendentes em potencial.

– Por que não fez uma delas se derreter, então?

– Fácil demais. Entediante.

Com os dedos abertos de maneira possessiva sobre meu quadril, ele me conduz para fora da sala.

Continuo reprimindo o impulso de empurrá-lo, enojada. Até aqui, Kaelis foi tudo que eu imaginava: pomposo, cruel, astuto. Não é surpreendente ouvir que preferiria cortejar uma parceira menos interessada do que uma ávida e disposta.

Então o tom dele muda, ficando sério:

– Imagino que a pequena rede de espiões da qual você fazia parte lhe deu informações detalhadas sobre o Festival do Fogo.

– Sei o suficiente.

O Festival do Fogo é a cerimônia de abertura anual da Academia Arcana, uma extensão da tradição do solstício de verão de acender lamparinas em honra ao naipe de Paus.

– Ótimo, então você não é completamente ignorante.

Kaelis faz uma pausa diante das pesadas portas de carvalho pelas quais o Stellis saiu. Elas também possuem o emblema de espada da família Oricalis.

– Tantos emblemas da realeza... Está com medo de esquecer a que família pertence? – pergunto, seca.

Kaelis se enrijece um pouco. Eu não teria percebido se não estivéssemos lado a lado, nos encostando de leve. Se a mão dele não estivesse pesada no meu quadril.

Interessante. Ele com certeza não se dá bem com o irmão e o jeito como falou do pai não pareceu muito caloroso... Já estou me perguntando se, ou como, poderia usar essa informação a meu favor.

– Estou mais interessado em garantir que ninguém mais esqueça. – Ele fixa os olhos nos meus. – A ralé precisa lembrar quem é seu dono.

Kaelis está falando comigo. *Dono.* O príncipe governa todos os Arcanistas do reino com a bênção do pai, o rei. Engulo o orgulho e ergo o olhar. *Faça o jogo dele*, digo a mim mesma. Ele possui todas as cartas, todo o poder. Minhas roupas podem ser tão brilhantes quanto uma adaga, mas aparências não matam. Até ter condições de revidar, preciso recuar, por mais doloroso que seja.

Kaelis abre a porta, e imediatamente me deparo com a grandiosidade da Academia Arcana.

Luar prateado inunda a estrutura colossal e, por um momento, perco o fôlego. Uma ponte longa e estreita conecta a torre dos aposentos do príncipe Kaelis à estrutura principal. Até mesmo os contornos da fortaleza da Academia são como um titã, reluzindo pretos contra a luz evanescente. Pináculos conectados por pontes arqueadas esticam-se como a mão de um deus caído, como se quisessem provocar o próprio céu. Meu coração dispara, cada batida acelerada irradiando ondas de medo e empolgação pelo meu corpo.

Por anos, encarei essa fortaleza do outro lado do rio Farlum. Por anos,

esse monólito era tanto uma lenda quanto uma ruína. Um mistério. Um perigo. Um local de peregrinação para Arcanistas. Uma Academia. Agora estou aqui, conhecendo o privilégio e o perigo desta instituição ilustre.

Nunca coloque os pés na fortaleza, nunca realize os rituais profanos que acontecem lá. O alerta de minha mãe retorna do além.

Ao mesmo tempo, Kaelis se inclina na minha direção, levando os lábios ao meu ouvido, e sussurra como que para abafar o aviso:

– Bem-vinda à Academia Arcana.



Passamos pelos dois Stellis que flanqueiam a entrada principal dos aposentos dele, e os guardas fecham as portas atrás de nós.

Ao meu lado, Kaelis é uma sombra viva, a escuridão da noite agarrada às suas vestes e a cada movimento fluido e gracioso. Ele me mantém bem perto, com a mão ainda no meu quadril, enquanto me guia para o coração do seu domínio.

Caminhamos pela ponte estreita, sob um arco, mergulhando em passagens obscuras. Os corredores se escancaram, largos e infinitos. Lamparinas apagadas aguardam o festival de luz para serem acesas de novo. Uma energia palpável paira no ar, uma expectativa que desliza sob as mangas de couro do meu casaco. É difícil dizer se são meus nervos ou a magia antiga deste lugar.

Para me controlar, repasso cada fato que já ouvi sobre esta estranha fortaleza.

A Academia Arcana é mais antiga que o Castelo Oricalis, situado em Coração do Destino, bem ao norte da Cidade do Eclipse, e reza a lenda que é um resquício do antigo reino de Revisan. Suas conexões com Revisan a tornaram um território proibido, e a Coroa punia todos que entrassem

escondidos aqui. Porém, em uma inversão surpreendente do precedente histórico, o rei Naethor Oricalis colocou Kaelis no comando da fortaleza e permitiu que fundasse a Academia por volta do seu décimo oitavo aniversário – ainda escandalosamente jovem. Dois anos mais novo do que a primeira geração de estudantes que ele iria presidir.

No entanto, o príncipe Kaelis sempre foi um lendário usuário de tarô. E, um ano após ter aniquilado um clã inteiro, poucas pessoas ousariam dizer qualquer coisa contra ele. Nos quatro anos desde a fundação da Academia, ele usou a instituição como uma forma de canalizar o poder de todo Arcanista para a Coroa, como uma fortaleza para defender o reino, como uma barreira para controlar todo o comércio que passa pelo rio Farlum e como um meio de intimidar qualquer um que sequer *pense* em agir contra a realeza.

Objetivamente, o que Kaelis realizou com pouco menos de 23 anos é impressionante. Só que não consigo ser objetiva em relação a ele – não quando seus feitos estão embebidos no sofrimento de outras pessoas. Enquanto ele fundava a Academia, com todo o seu poder e opulência, eu estava vivendo na miséria do outro lado da ponte.

A aura de Kaelis só aumenta a credibilidade das histórias inacreditáveis sobre ele: um erudito respeitado e um general implacável. Um professor exigente e um gênio torturado cuja crueldade só é equiparada à sua mente brilhante.

Enquanto caminhamos, tenho pouco mais que alguns vislumbres do esplendor do lugar em meio à escuridão. Cada recinto por onde passamos é repleto de mistério. Contornamos um pátio interno. Vidros preenchem todos os arcos, criando uma estufa cuja umidade se condensa nas janelas e obscurece o domínio verdejante. Quando passamos, o ar está carregado com o perfume de flores e turfa.

Então nosso caminho nos faz passar ao lado de uma vasta biblioteca. Tomos pesados esperam para auxiliar estudos silenciosos, enfileirados nas prateleiras que ocupam três andares. Quase paro de repente e imploro por um momento para saborear as páginas cheias de tinta. Livros sobre magia arcana são proibidos para qualquer um fora da Academia e dos clãs. Se uma pessoa toma posse de um desses textos, tem a mão amputada ou o olho arrancado.

Uma sala de aula deserta e silenciosa, com um púlpito alto no lugar de

destaque, aguarda o retorno dos estudantes. Cada assento com estofamento de veludo traz o eco do conhecimento já transmitido aos alunos e possivelmente esquecido há muito tempo.

Escadarias em espiral sobem para os céus. Algumas portas estão inexplicavelmente trancadas e barradas; outras, tentadoramente entreabertas. Nosso caminho mergulha mais fundo, passando por peitoris prateados de pó e estátuas vestidas de teias de aranha. Kaelis, é claro, não oferece nenhuma explicação, e eu sou orgulhosa demais para perguntar.

Nossa caminhada termina em um longo corredor com um lampejo alaranjado no final. A luz tremula, desafiadora, contra a escuridão quase absoluta. A princípio, acho que meus olhos estão me pregando uma peça, depois de tentar enxergar unicamente sob o luar por tanto tempo. Mas, de fato, assim como o lampião em minha cela, a luz que escapa pela fresta de uma porta não é ilusão.

A mão de Kaelis não sai do meu quadril, me mantendo a seu lado enquanto reduzimos o passo até parar. Esse tempo todo estive contendo a inquietude despertada por seu toque, sua proximidade. O brilho alaranjado delineia seu rosto. Nossos olhos se encontram. Empino o queixo, em um desafio silencioso. Ele abaixa o seu. Um arrepio percorre o meu corpo ao sentir o calor dele, tão próximo, na escuridão fria.

– Que foi? – A atmosfera me impele a sussurrar.

Ele é surpreendentemente direto, depois de tanto tempo em silêncio.

– A procissão está marchando através daquela passagem. Se entrar agora, você vai ficar em algum lugar no meio. Vai ser impossível para qualquer guarda notar ou identificar você se mantiver a cabeça baixa. Você vai deixar o grupo com os outros candidatos e por fim será chamada à câmara do Cálice Arcano. Lá você vai...

– Expandir meus poderes como Arcanista e lutar pelo meu lugar como iniciada na Academia. – Contenho um sorrisinho presunçoso. – Assim, as quatro casas da Academia Arcana podem ver do que sou feita e julgar se sou "digna" de ter um lugar entre suas fileiras.

Seus olhos, como abismos escuros, vasculham os meus, ameaçando me afogar em suas profundezas sem fim. Mas ele provavelmente só está irritado por eu tê-lo interrompido.

Até que meu divertimento escapa, curvando os cantos dos meus lábios.

– Preocupado com sua noiva? – provoco.

Ele dá uma risada baixa e agourenta.

– Preocupado? Com *você*?

Kaelis me puxa mais para perto. Por um momento, acho que vai me beijar, e a ideia embrulha meu estômago. Mas ele vira a cabeça, sua bochecha quase roçando a minha, e seu cheiro me invade: a pungência do couro lustrado, o odor terroso de tinta seca, o perfume de cedro e olíbano. *Pelos quatro naipes, até o* cheiro *dele é fabulosamente rico.*

O príncipe sussurra em meu ouvido:

– Não com você. Nunca com você. A sorte está do seu lado, afinal.

Kaelis me solta e vai embora sem dizer mais nada. Ainda que eu me sinta mais leve sem o contato, fico encarando suas costas enquanto a noite o engole, o som dos seus passos esvanecendo com o contorno do seu semblante.

A sorte está do meu lado... A coisa mais próxima que já senti de um terror puro e incomensurável embaralha meus pensamentos.

Ele me conhece.

Quantas vezes eu disse essa frase no Clube dos Malfadados antes de fazer algo particularmente arriscado ou idiota? Ele tinha – talvez ainda tenha – um infiltrado lá. Por mais aterrorizante que seja a ideia, é a única explicação lógica. E não é a primeira vez que achei que nosso refúgio seguro tinha sido comprometido.

Penso no último trabalho que fiz antes de ser capturada. Naquele homem, Griv, que se apresentou como um Arcanista não marcado buscando um jeito de sair da Cidade do Eclipse, mas que ofereceu mais informações do que deveria saber. Ele ofereceu não só suprimentos de pintura... mas detalhes sobre a morte da minha mãe. Fui capturada por sua causa. Foi ele que me levou à armadilha do príncipe Kaelis. Se Griv sabia o suficiente sobre mim para me fazer confiar nele, então Kaelis deveria saber tanto quanto ele. Ou mais.

Cerro os punhos e então me viro, abro a porta com vontade e me encontro imediatamente em meio à multidão, como Kaelis previu. Começo a andar junto, ignorando os sussurros daqueles ao meu redor sobre a pessoa que entrou atrasada na procissão.

Vou mesmo seguir em frente com isso? Cada passo é mais difícil que o anterior. Olho para os lados em busca de outra porta ou salão lateral. Tentar fugir agora seria difícil, senão impossível, mas a multidão me engole.

Olhando discretamente por cima do ombro, vejo cerca de cem pessoas marchando atrás de mim, mas à frente só há algumas dúzias. Estou mais perto do começo da procissão. As pessoas se espremem ao meu redor, me empurrando na direção do centro. Não sei dizer se é intencional, mas eu não ficaria surpresa se Kaelis as tivesse encarregado de me fazer parar exatamente onde ele me quer.

Então eu os vejo, os guardas de Halazar. Reconheceria seus uniformes sem graça em qualquer lugar. Eles vêm de trás da coluna.

Viro a cabeça para a frente de novo, respiro fundo e acalmo os pensamentos acelerados. Não serei útil a ninguém – incluindo eu mesma – se entrar em pânico. Arina passou por isso e sobreviveu. Minha melhor chance de garantir que ela esteja bem e me reunir com as pessoas que amo é superar o Festival do Fogo.

Meus olhos vasculham a multidão de novo, desta vez procurando minha irmã, mas com os portadores de tochas na frente é difícil discernir rostos na escuridão.

As pessoas ao meu redor estão usando todo tipo de traje, mas é fácil ver quais são os candidatos que vão passar pelo teste do fogo arcano e quais já são estudantes de pleno direito. O Cálice Arcano demanda uma luta só no primeiro ano do aluno; os sacrifícios posteriores são mais fáceis, então presumo que quem está usando seda e veludo já seja estudante. Seus ternos e vestidos parecem ter sido desenhados só para que a pessoa fique em pé, sente e *talvez* beba e coma. E os corpetes estão amarrados tão apertados e as calças são tão justas que nem tenho certeza sobre a última parte.

Aqueles que identifico como candidatos estão usando roupas muito mais práticas, prontas para a batalha, que, como as minhas, favorecem a mobilidade – embora as deles sejam, é verdade, bem menos refinadas.

Alguns candidatos sussurram ansiosamente entre si. Estão *empolgados* para a cerimônia – prontos para descobrir os mistérios da Academia Arcana. Coitados. *O Cálice Arcano é um ritual amaldiçoado*, contou minha mãe uma vez, quando perguntei sobre a peregrinação que muitos faziam à fortaleza em busca de poder, antes de se tornar a Academia.

Desde que Kaelis assumiu o comando, o acesso à fortaleza é limitado a candidatos, iniciados, estudantes, instrutores e funcionários. Aparentemente, os rituais e os ensinamentos da Academia são segredos muito bem guardados – exceto que, como todo segredo, são bem

conhecidos entre aqueles no poder. A nobreza de Oricalis negocia tanto com segredos quanto com tarô ou moedas e cédulas de regill. Eu só sei tudo que sei graças ao meu trabalho no Clube dos Malfadados.

Tento me focar nos que imagino serem estudantes. Arina estaria no segundo ano agora. É difícil conceber que ela estará um ano avançada na escola, depois que passei a vida toda tentando cuidar da minha irmã caçula e rebelde. Ela só tem um ano a menos que eu – mentiu sobre a idade para entrar aos 19 –, mas sempre pareceu até mais jovem para mim.

Não faço ideia de quais roupas ela escolheu para se misturar com os colegas da Academia, e golas altas, capuzes e penteados intricados dificultam ainda mais diferenciar um estudante do outro à meia-luz.

Eu me concentro no pulso das mulheres. Antes que Arina fosse para a Academia, eu lhe dei um bracelete de prata – simples, mas algo que eu reconheceria em qualquer lugar. No interior do disco estão gravadas as letras CM, Clube dos Malfadados, para que ela nunca se esqueça de onde veio. Não vejo ninguém usando um bracelete como o dela.

Mas está muito apertado aqui e há muitas mangas longas... Tento me tranquilizar. *Vou encontrá-la depois que passar. Ou ela vai me ver no desafio do Cálice e me procurar.* Embora eu esteja diferente após as torturas de Halazar, sem dúvida minha irmã me reconhecerá – assim como eu a ela.

À frente há uma placa na parede mandando os candidatos para a direita e os estudantes matriculados para a esquerda. Sigo para a direita, descendo com os outros rumo ao ritual de poder e sacrifício que nos aguarda.



CAPÍTULO 6

Consegui identificar a maioria das pessoas como estudantes ou candidatos, mas algumas que viram para a direita me surpreendem.

Sigo por uma escadaria graciosamente arqueada atrás de uma mulher usando um vestido tomara que caia, com uma saia cheia e um corpete que parece tirar seu fôlego. É bom ela torcer para seu desafio não envolver muito movimento.

Nossa marcha termina em um recinto grande, mobiliado com bancos de madeira e nada mais. Uma mulher, que é a personificação de uma rapieira, está parada diante de uma porta do outro lado da sala como se a estivesse vigiando. Seu cabelo longo, branco-platinado, está penteado para trás e preso em um rabo de cavalo. Seu corpo é esguio e rígido, e os olhos estão frios e semicerrados.

Duas janelas estreitas e compridas se estendem de cada lado da porta que ela vigia. As janelas brilham com uma luz azul sobrenatural, e os candidatos são atraídos para elas, passando pelas fileiras de bancos.

– Vocês aguardarão sua vez – instrui ela, com o tom indiferente e o olhar frio. – Seu nome será chamado na hora de se apresentar ao Cálice.

Embora saiba o que me aguarda, eu me junto ao restante dos candidatos

e espio pelas janelas. Arina descreveu a logística do primeiro teste da Academia, mas não o cômodo em si.

O Santuário do Cálice é mais parecido com uma arena do que eu esperava. Instaladas em uma parede enorme, há arquibancadas envoltas em sombras. Colunas de mármore gigantescas formam a estrutura do salão e sustentam um teto tão alto que é impossível vê-lo de onde estou, na sala de espera parcialmente subterrânea. Os números de um a dez descem por cada pilar entre entalhes intricados das cartas da Corte dos Arcanos Menores – uma de cada carta da Corte para cada naipe.

Mas o que atrai minha atenção é o lendário Cálice Arcano. É uma estrutura parecida com um caldeirão, apoiada em um pedestal de alabastro. Estou longe demais para distinguir qualquer detalhe – só vejo que Kaelis está parado ao lado dele, banhado em seu brilho pulsante.

Um a um, os estudantes vão até ele e selecionam três cartas do baralho, que Kaelis dispõe na beirada do pedestal na qual se apoia o cálice. Eles escolhem uma e a jogam no Cálice Arcano. Ele brilha mais forte, chamas frias consomem a carta e o brilho bruxuleante envolve o estudante por um breve momento. Mas todos emergem ilesos.

– O que está acontecendo? – pergunta uma mulher com cabelo ruivo curto.

– Não sei mais do que você. – A mulher com a saia lamentável de uns minutos atrás balança a cabeça.

– No momento, os alunos do segundo e do terceiro anos estão fazendo um novo sacrifício para o Cálice para desbloquear a habilidade de pintar e usar cartas mais avançadas. Como já alimentaram o Cálice uma vez, o processo é rápido porque já estão conectados com ele. Ao contrário de nós. – Pareço um livro didático. As duas me olham, surpresas, e outras pessoas espiam por cima dos ombros enquanto eu falo.

O Cálice Arcano é uma das relíquias lendárias de Oricalis. Antes da fundação da Academia, os Arcanistas, tanto nobres quanto rebeldes, faziam uma peregrinação proibida até a fortaleza para invadi-la e se pôr diante do Cálice. Ali, faziam seu sacrifício, desbloqueando um poder mais profundo que lhes permitia criar e lançar cartas mais avançadas imediatamente. Nos anos seguintes à inauguração da Academia Arcana, a realeza difundiu a ideia de que esse é o *único* jeito de usar cartas mais avançadas – os

Arcanistas ganham uma recompensa pelo sacrifício. Outro motivo para que *todos* devam atravessar essas portas.

Porém, mesmo que a realeza tenha proibido o assunto, é possível aumentar seu poder sem o Cálice. Só é mais difícil, leva mais tempo e não é *garantido* que vá funcionar, já que cada Arcanista possui talentos diferentes. Por mais que odeie a Academia, até eu preciso admitir que é um processo impressionante, garantindo que todo Arcanista no arsenal de Oricalis seja tão forte quanto pode ser.

– Quando os estudantes terminarem – continuo –, será a nossa vez. Quando chamarem seu nome, você deve andar até o Cálice Arcano. Será oferecida uma tiragem simples de três cartas, cada uma representando um aspecto diferente do seu futuro. Aí, você vai escolher de qual parte do seu futuro quer desistir.

– Desistir? – repete Saia, recuando e franzindo o cenho. – O quê... Como assim? – Ela tem uma voz suave e olhos gentis. Nem um nem outro vão ajudá-la muito aqui.

Eu a encaro.

– Esta é a Academia Arcana. Seu futuro é sua taxa de matrícula.

As palavras pesam sobre os ombros dela e a fazem murchar. Ela abre a boca, mas não diz nada, a expressão cada vez mais séria.

Seria cruel para ela saber o que vem em seguida e ser forçada a absorver o peso desse conhecimento? Ou teria sido pior deixá-la na ignorância?

– E aí... vai simplesmente... sumir? – pergunta a amiga dela.

Assinto.

– Qualquer carta que você escolher entregar ao Cálice nunca vai se realizar. Essa parte de quem você é ou poderia ter sido é apagada.

– Para sempre? – sussurra outra pessoa.

– Para sempre. Esse é o preço mínimo que se paga para atravessar essas portas. – Tão alto para tão pouco.

– Após nosso sacrifício, seremos iniciadas? – indaga Saia, fazendo a pergunta lógica.

Solto uma risadinha baixa, e sua expressão fica ainda mais desanimada.

– Não. Vocês serão forçadas a lutar e matar esse futuro enquanto todos na Academia observam e... julgam seu talento com as cartas. Se tiverem sucesso, serão iniciadas. Se fracassarem, vão receber uma marca de ferro quente e uma viagem só de ida para os moinhos de pó. – Dou um passo para

trás, chamando Saia com um gesto. A amiga teve mais bom senso e está usando uma calça justa. – Falando nisso... vamos dar uma olhada em você.

– Em mim?

A jovem me encara sem entender. Sei que deve ter 20 anos, dadas as exigências de idade da Academia. A não ser que esteja mentindo, como Arina. Ela me parece muito mais jovem, então é possível. Talvez sejam as bochechas redondas ou o leve rubor em seu rosto. Talvez o fato de a pele sob seus olhos ainda estar brilhante, enquanto eu só tenho olheiras. Talvez... seja o modo como os tufinhos de cabelo castanho na sua nuca me lembrem dolorosamente Arina.

– Sim. Você...

– Luren – apresenta-se ela, e vem até mim, a confusão evidente.

– Não tenho outra roupa para você, então vamos trabalhar com o que temos. – Estendo as mãos e reúno a saia dela, erguendo a barra até os joelhos e amarrotando o tecido adicional.

– Com licença! – Ela dá uns tapinhas inúteis nas minhas mãos. Espero que seu uso do tarô seja mais temível.

– Não estou atacando sua modéstia. O contrário, na verdade. Isso aqui fica entre suas pernas. – Deixo que ela me ajude a passar a saia através das pernas, embora pareça terrivelmente confusa sobre o que estamos fazendo.

Depois que reunimos a maior parte do tecido nas costas, eu o divido e amarro na cintura. A imagem é um pouco cômica, mas serve ao propósito.

– Pronto, agora você pode se mover. Tire esses saltos e vai conseguir enfrentar o que o Cálice jogar contra você. Contanto que seu corpete esteja tão apertado quanto parece.

– Eu... eu não posso ir lá assim – sussurra ela, e começa rapidamente a desatar meu nó. – Estou ridícula. Eles vão rir de mim.

Dou de ombros.

– Como preferir, mas lembre-se de como fazer, caso precise.

Luren não tem a chance de responder. A inspetora do teste chama o primeiro nome. Todos observamos quando o candidato deixa a sala de espera através da porta atrás dela e sobe uma escada curta que a conecta à arena parcialmente acima de nós. Todos se espremem mais contra as janelas enquanto ele vai até Kaelis. Não o conheço – nunca o vi na vida –, mas meu coração está na boca por causa dele. Mesmo que tenha ouvido meu aviso sobre o que está por vir, não pode saber de fato em que está se metendo.

Arina sabia tudo que podia sobre a cerimônia antes de vir à Academia e, mesmo assim, algo mudou dentro dela após o primeiro desafio. Ela ficou com o olhar meio vazio que às vezes nem eu consigo entender.

Kaelis fala alguma coisa enquanto puxa três cartas, embora suas palavras sejam perdidas no vasto salão. Depois de colocá-las diante do Cálice, o príncipe deixa que o rapaz faça sua escolha. Depois de um minuto tenso, o candidato joga uma no Cálice, que explode com luz, envolvendo a arena e cegando todos.

Quando a luz suaviza e nossos olhos se adaptam, há um coro de arquejos.

A arena sumiu. No lugar dela há um grande campo com um chalé pitoresco em uma ponta. O candidato está parado no centro do campo, olhando ao redor, pasmo.

– O que aconteceu? – sussurra Luren.

– É o futuro que ele escolheu abandonar – digo.

Não consigo afastar os olhos enquanto o homem dá um passo na direção do chalé, seus movimentos entrecortados, as mãos tremendo. O que quer que seja esse lugar... significa algo para ele.

A porta se abre e uma mulher vai cumprimentá-lo com os braços abertos. Ele corre para abraçá-la e ela o aperta contra si. Embora não possamos ouvir nada, na sala semienterrada e atrás das janelas grossas, consigo vê-lo soluçando.

Coitado... ele desistiu de um reencontro pelo qual realmente ansiava. Para o azar dele, vai perder bem mais do que isso. Ele nem sequer resiste. Não afasta a mulher da visão. Entrega-se completamente a ela, mantendo-se em seus braços até tudo esvanecer em uma luz azul anuviada que se dissipa no ar, deixando-o de joelhos, com os braços estendidos, como se implorasse pela misericórdia de um deus cruel e desdenhoso.

Dois fiscais da cidade entram pelo arco no fundo do salão. O candidato não os viu. Continua voltado para cima, com os olhos marejados e a boca entreaberta em súplicas inaudíveis.

Um dos fiscais agarra seu braço esquerdo. O outro, empunhando um ferro quente, pressiona-o à pele macia no interior do seu pulso. Ele grita e se contorce, mas o primeiro o segura com firmeza enquanto a Marca é feita.

A Marca é um A, para Arcanista. É feita no lado interior do pulso para que seja quase impossível de cortar. Todos os reinos vizinhos vão mandar de

volta qualquer Arcanista rebelde que tentar fugir de Oricalis, para não correr o risco de que o reino bloqueie seu acesso a recursos de tarô.

A dor traz o homem de volta à realidade; o transe em que a visão o colocou é quebrado. De repente, ele se debate contra seus captores, que claramente não esperavam resistência, porque não conseguem segurá-lo. O homem se levanta, atrapalhado, e pega o baralho que foi deixado ao lado do Cálice para ser usado contra a visão. Tenta escolher uma carta às pressas.

Há um clarão, mas não vem do Arcanista marcado. Sangue escorre do seu queixo – ele foi empalado por uma espada de sombra e luz contorcidas. Os outros candidatos ofegam, boquiabertos de horror coletivo. Cerro os dentes com força.

Uma sombra emerge da escuridão atrás do Cálice: Kaelis.

Casualmente, ele guarda o baralho no bolso e dá um aceno aos fiscais enquanto o homem cai no chão, sem vida. Os dois arrastam o corpo para longe sem cerimônia. Duvido que a família terá a chance de velá-lo.

Ele veio aqui sonhando com uma vida melhor. Esperando por uma oportunidade de aumentar seu status – mesmo se tivesse que abandonar o próprio futuro para isso. Era melhor do que a alternativa, do que isso...

A Coroa avidamente tirou tudo que ele tinha e não deixou nada além de sofrimento. Como sempre faz.

Os olhos de Kaelis se voltam para as janelas contra as quais os candidatos estão pressionados. De alguma forma, ele sabe *exatamente* onde estou – como se pudesse sentir meu ódio latente.

– Luren – chama a inspetora.

Pânico enche os olhos dela. *Bom. Essa é a emoção correta.*

– Boa sorte. – É tudo que posso oferecer.

– Você consegue – tranquiliza a amiga ruiva, mas não parece muito confiante.

Com a saia de volta nos tornozelos, Luren some.

Eu me viro das janelas e vou até um dos bancos, apoiando os cotovelos nos joelhos e unindo as mãos para criar um apoio para a testa. Posso ver o clarão, mas não assisto ao teste de Luren. Não assisto a nenhum dos outros. A única coisa que consigo ver é o vislumbre de uma mulher de cabelo escuro amarrando a saia antes de subir a escada.

Pelo menos alguém acatou meu conselho... se é que isso vale de alguma coisa.

Aperto tanto os dedos que chego a tremer. Bato os pés no chão, me balanço para a frente e para trás, mas não consigo encontrar um escape para essa inquietação enquanto nomes são chamados um após o outro. A crueldade que somos forçados a suportar faz meu estômago se revirar e minha saliva dar lugar à bile.

Sou a última. Não que esteja surpresa. Devo ter sido acrescentada à lista no último minuto.

– Clara Redwin, do Clã do... Eremita. – A inspetora observa cada passo meu, seus olhos tempestuosos tão frios quanto o inverno.

Por um segundo, nós nos encaramos – mas só por um segundo. Ela não vai me desejar boa sorte. Pelo contrário, parece pronta para me matar.

Sozinha, subo a escada escura e estreita e saio na luz.



CAPÍTULO 7

Emerjo de uma abertura na parede que circunda o piso inferior e apoia as arquibancadas se assomando acima. Nas sombras, figuras indistintas – estudantes, funcionários e instrutores da Academia – sussurram, mas suas vozes são baixas demais para serem compreendidas, assim como qualquer detalhe de sua aparência. O peso do seu escrutínio coletivo recai sobre mim.

Desta posição, consigo seguir com o olhar as colunas esculpidas até o enorme teto abobadado. Na beirada inferior do domo, o contorno dos quatro naipes do tarô é criado em vidro com filetes de chumbo. No ápice, os vitrais retratam um homem no meio de um passo, embarcando eternamente em uma jornada desconhecida. Os testes e triunfos de sua aventura são retratados pelo Arcano Maior que adorna os arcos entre os pilares superiores.

Kaelis aguarda ao lado do Cálice, banhado em seu brilho pulsante. A vastidão do recinto engole os ecos dos meus passos enquanto vou até ele.

– Bem-vinda, Clara Redwin do Clã do Eremita. – Murmúrios se espalham pelo salão com essa declaração, quase abafando as próximas palavras de Kaelis. – Minha noiva, futura princesa de Oricalis.

Ouvem-se arquejos altos. Kaelis faz uma pausa dramática, permitindo

que o choque percorra estudantes e docentes.

– Sorria como se fosse o melhor dia da sua vida – murmura o príncipe, quase sem mover os lábios.

Eu me forço a sorrir, grata por todos estarem longe demais para ver o brilho homicida em meus olhos.

Kaelis continua quando o burburinho diminui:

– Seja bem-vinda aos salões sagrados e secretos da Academia Arcana. Como diretor da Academia e segundo príncipe do reino de Oricalis, eu a recebo nas fileiras ilustres dos Arcanistas. Nos últimos anos, você ouviu o chamado das cartas e de sua linhagem nobre. Agora é hora de cumprir seu potencial, por maior ou menor que seja.

Nos últimos anos. Bufo baixinho. Minha mãe me ensinou a pintar desde o momento em que consegui segurar a pena. Eu lia cartas antes de ler palavras. Enquanto a maioria dos Arcanistas não começa a demonstrar nem sinais de afinidade com o tarô antes dos 18 ou 19 anos, minhas habilidades se manifestaram muito, *muito* mais cedo – e suspeito que Kaelis está perfeitamente ciente disso.

– Todos os Arcanistas devem ofertar seu poder ao Cálice em troca de uma habilidade ainda maior. Quando fizer seu sacrifício, você será forçada a lutar contra o que já foi seu destino. Se triunfar sobre ele, mais tempo lhe será concedido nestes salões sagrados. Se perder, será marcada e expulsa. – Ele põe o baralho que está segurando no pedestal e o espalha, virado para baixo. – Por si mesma, por seu reino, é hora de pagar o preço pelo conhecimento que protegemos aqui. Selecione três cartas.

Encaro-as. *Cá estou, onde achei que nunca estaria...* O lugar que tive esperança de evitar – que me disseram para evitar. Respirando fundo, fecho os olhos e estendo a mão, movendo-a para os lados sobre as cartas. Meus dedos tocam de leve o canto de uma, atraídos por um formigamento na palma, e a deslizo para cima. Repito o processo mais duas vezes antes de abrir os olhos.

Três cartas para mim, só para mim. Meu destino. Meu futuro.

Kaelis deixa o restante das cartas de lado. Uma a uma, vira as três que escolhi e as anuncia ao salão.

– Dez de Ouros.

Uma linda carta. Dez moedas douradas brilham como sóis acima de uma família alegre, cada geração tão feliz quanto a anterior. O Dez de Ouros

simboliza riqueza, alegria e a colheita das recompensas do trabalho. Nas pessoas pintadas na carta, vejo o Clube dos Malfadados reunido ao redor de uma mesa para o festival do Dia de Ouros.

A próxima carta é o Cinco de Espadas. Uma mulher está parada na frente de um campo de batalha ensanguentado, com duas espadas em cada mão. Três homens estão posicionados atrás dela, preparados para cravar as lâminas em suas costas. É uma carta de conflito e perda. De batalhas que podem ser vencidas, mas por um triz... E de vitórias alcançadas a grande custo.

A multidão murmura empolgada quando Kaelis anuncia o Cinco de Espadas. Acham que será a carta que jogarei no Cálice, e sem dúvida seria um belo espetáculo. Mas ainda tenho mais uma...

Ao virar a última carta, Kaelis pausa no meio do movimento. Mal tivemos um vislumbre da imagem pintada na frente, mas é inconfundível – uma carta célebre, que *todo mundo* conhece.

– O Dois de Copas.

Sua voz não vacila, mas quando seus olhos, rodopiando sob o brilho do Cálice, voltam-se para os meus, posso ver toda uma gama de emoções ali. Sua boca se contrai numa linha dura, como se estivesse fisicamente tentando conter a ameaça que quase consigo ouvi-lo gritar na mente.

O Dois de Copas. Uma carta de romance. Um homem e uma mulher olhando um para o outro e brindando com taças cheias. Ambos têm uma expressão relaxada, mas matizada de apreensão e empolgação. Seus lábios estão abertos como se congelados no meio de uma inspiração. Fitas enrolam-se ao redor de suas mãos, conectando os dois e criando a forma de uma pomba.

É a carta de encontros do destino, novas uniões enraizadas em harmonia e equilíbrio. A carta dos apaixonados.

– Escolha uma para jogar no Cálice. Escolha qual destino matar.

Kaelis dá um passo para longe, mas continuamos nos encarando como dois carneiros com os chifres enganchados. Por fim ele vira bruscamente e se afasta, e espero até vê-lo bem alto na arquibancada antes de fazer minha escolha. É fácil reconhecê-lo. Por ser o diretor, ele tem o próprio balcão.

Três membros do corpo docente estão com Kaelis, um dos quais vai direto até ele. É um sujeito de ombros largos e cabelo castanho-escuro, mas seus olhos verdes são tão brilhantes que consigo distingui-los quando se vira

para mim. Posso sentir a desaprovação emanando dele, como se já soubesse que não sou quem alego ser. *Um conselheiro ou um lacaio?* Uma questão a ser respondida no futuro.

Volto minha atenção para as cartas. Não há dúvida sobre qual irei escolher. O Dez de Ouros são meus amigos e minha família, o futuro que sempre sonhei para mim. O Cinco de Espadas significa provações... mas sempre passei por dificuldades. Sempre estarei me movendo de uma batalha para a próxima, constantemente olhando por cima do ombro.

Meus dedos pairam sobre o Dois de Copas. A carta de relacionamentos. Olho para Kaelis e posso sentir o peso do seu olhar.

– Não sou seu brinquedinho – murmuro.

Ele disse que gosta de um desafio. Bem, vou lhe dar um. Vou mostrar a ele e a toda a Academia que não serei dócil nem subserviente.

Os estudantes imediatamente vão à loucura, chocados e confusos. Não faz sentido alguém voluntariamente jogar fora uma oportunidade de fazer um casamento vantajoso – sobretudo quando há a escolha óbvia do Cinco de Espadas. *Sobretudo* quando a pessoa jogando fora o encontro do destino está noiva de um príncipe.

Mas, em meio ao choque, ouço algo bem mais revelador. Bem mais esperado. Divertimento. Entretenimento. Eles estão prontos para testemunhar o que me aguarda e como me comporto no desafio a seguir.

Com um floreio, jogo a carta na aura do Cálice como se estivesse jogando uma manopla em desafio. Ela explode em uma nuvem de poeira estelar e faíscas cintilantes de luz prateada.

Uma força invisível me atrai, agarrando a essência da minha alma e puxando a magia das profundezas do meu ser. Arquejo, perdendo o fôlego, e cambaleio. Cada músculo do meu corpo dói. É como se uma luz dentro de mim estivesse se apagando. Uma estrela tremeluzindo e piscando até sumir da existência. Perdida para sempre.

Seguro o pedestal para manter o equilíbrio. A plateia está ávida. Sabem o que vem em seguida e, embora eu seja a última entre quase cinquenta candidatos, eles querem mais. Querem um final grandioso.

A aura do Cálice me envolve e esmaga, deixando minha respiração superficial e fazendo meu coração quase parar. Fecho os olhos, mas não há nada atrás deles exceto lampejos de luz e visões incoerentes. Estou presa

entre o mundo real e o mundo do futuro que devo destruir. Não exatamente um nem outro – nem o que é nem o que poderia ter sido.

Com cada pulsação desses mundos – sonho, visão, futuro, realidade –, tento focar um único ponto: o baralho que Kaelis deixou no pedestal. Mover o braço na direção das cartas exige um esforço titânico, mas, quando encosto nelas, suspiro de alívio ao sentir de imediato a magia de cada carta pintada na pilha. Os Arcanistas não conseguem invocar cartas de um baralho desconhecido; felizmente, sei que um único toque é suficiente.

Os que têm a maior dificuldade no festival são os que esquecem de pegar o baralho rápido, Arina me contou na primeira chance que teve de escapar da Academia. *Se a pessoa tiver que perder tempo tentando encontrá-lo no mundo do futuro, é o fim*.

Mal sabia ela que estava me preparando para meu próprio desafio do Cálice. Espero que esteja assistindo agora, orgulhosa.

Eu me afasto do pedestal e enfio o baralho no bolso. A aura do Cálice se ampliou; está dentro de mim e ao meu redor. Não há diferença entre as imagens ofuscantes atrás das minhas pálpebras e o brilho solidificando-se à minha frente.

Engolida pela luz arrebatadora da relíquia, inspiro com dificuldade. Pisco de novo e, quando abro os olhos, me encontro parada em um salão de baile iluminado.

Cara a cara com o último homem que queria, ou esperava, ver de novo.



CAPÍTULO 8

Estou parada às margens de uma pista de dança em um opulento salão de baile. *Conheço este lugar* – dos lustres de cristal pendurados do teto como gotas de chuva suspensas ao mármore polido que reluz sob os sapatos incrustados de joias dos dançarinos.

É o Clube dos Videntes, o mais antigo estabelecimento na Cidade do Eclipse para farras e entretenimentos. É administrado pelo Clã dos Amantes e autorizado a usar o tarô graças ao apoio dos clãs.

Enquanto a elite da cidade rodopia, rindo, seus rostos borram como tinta deixada na chuva. Nada parece sólido, real. Este lugar é tão familiar quanto desconhecido, passado e futuro condensando-se em um presente de aquarela. A última vez que estive no Clube dos Videntes foi para um trabalho. E foi lá que vi...

Ele.

Tudo entra em foco em um único ponto: o rosto dele. Seus olhos de safira escuros ainda são tão vibrantes quanto um céu sem nuvens. A barba por fazer realça a mandíbula esculpida e a covinha no queixo. Um terno sob medida envolve seu corpo largo, moldado pelo trabalho na forja da família.

Esse era seu ofício até sua magia aparecer e ele partir para a Academia antes do vigésimo aniversário.

– Clara? – Sua voz, grave e familiar, atravessa a névoa em que me encontro como uma faca bem afiada. Como se fosse a única coisa *real.* Eu me agarro a ela como uma corda salva-vidas.

– Liam? – sussurro. *Não aqui. Não agora. Não assim...*

– É você mesmo? – Seu cabelo cor de areia molhada está mais comprido do que me lembro, caindo graciosamente sobre a testa e quase descendo até os ombros, roçando em seu pescoço. – Não esperava te ver aqui.

– Eu também não. – As palavras saem da minha boca, mas não parecem minhas. Por dentro, estou gritando. Gritando pela dor que ele me causou... e pela audácia de estar tão calmo depois do que fez comigo.

Ele passa a mão pelo cabelo, um velho hábito que sempre retoma quando está pensando muito ou ansioso.

– Depois que fui para a Academia Arcana, achei que nunca nos encontraríamos de novo. Que eu nunca veria você outra vez.

Enquanto ele fala, momentos roubados invadem minha memória: um turbilhão de risadas e beijos apressados, sonhos compartilhados e segredos conhecidos apenas por nós e pelas estrelas.

Ele não sabe, percebo. Ele não sabe que, embora não me veja há anos, eu o vi. Foi aqui, neste lugar, não muito tempo atrás. Ou talvez muito tempo atrás. Minha mente está enevoada, mas consigo me lembrar de um momento, dois anos atrás, com uma clareza dolorosa. Eu estava num trabalho neste mesmo clube. Era o segundo ano dele na Academia; eu não tinha notícias dele desde que havia entrado, e seus braços estavam ao redor de outra mulher – uma mulher do Clã da Estrela. E no dedo dela brilhava um reluzente anel de noivado.

Dou um pequeno passo para trás. Ele nota meu movimento e parece confuso.

– Você podia ter me visitado – digo.

– Você sabe que a Academia só dá duas folgas por ano, e sempre estive ocupado. Minha família me queria de volta no inverno. E ainda tinha o Clã da Estrela... então eu fiquei ainda mais ocupado e, na primavera, fui chamado para me reportar ao clã mais cedo, com...

– Outra mulher? – Uma dor que nunca cessou inteiramente deixa minhas palavras afiadas.

– O qu...?

Não o deixo terminar a objeção.

– Eu te vi com ela. Bem aqui.

– Tentei falar com você sobre isso. Depois de me formar, até te procurei.

– Mentira.

Desvio o olhar, de repente incapaz de lidar com o rosto dele. Eu me viro de volta a tempo de captar um vislumbre da expressão sofrida que marca de leve as belas feições dele.

– Não posso mudar o passado... mas posso compensar no presente. Dance comigo.

Dou um passo largo para trás.

Liam estende a mão no espaço entre nós em um convite sincero.

– Dance comigo, Clara, por favor – implora ele, suavemente. – Pelos velhos tempos, pelo menos.

É tentador recusar. A necessidade de proteger de danos maiores os frágeis resquícios do meu coração é forte demais.

– Você me deixou. – As palavras tremem. *Como minha mãe...*

– O único pecado imperdoável – concorda ele, me conhecendo bem demais. – Mas estou aqui agora. Por favor, vou te contar tudo. Não vou embora de novo.

Mais profunda que a dor, há uma parte de mim que anseia por recuperar o que perdemos. Com um suspiro que parece uma rendição, ponho a mão na dele e Liam nos guia para a pista de dança.

O salão, a dança, as cores, tudo gira e se torna um borrão novamente. A imagem perde nitidez, ficando menos real a cada segundo. Isso é uma lembrança? É o que realmente é ou o que poderia ter sido? A única coisa que me ancora ao presente é Liam e meus sentimentos por ele. Essas emoções ainda têm as garras cravadas no meu coração.

Quando encontramos um ritmo, a voz dele é como uma carícia, tão doce quanto as memórias de dias longínquos.

– Sinto muito, Clara, por tudo.

– Me conte o que aconteceu – exijo. Um ódio mesquinho por si só não vai ajudar muito com essas velhas feridas.

Ele me segura mais apertado, os olhos procurando os meus.

– No meu primeiro ano, descobri que seria designado ao Clã da Estrela. Eles viram potencial em mim e me selecionaram mais cedo; geralmente, só

acontece no segundo ano. Naquela folga de primavera, eu fui até eles. Eram só negócios. Tentei avisar você... Mas tudo aconteceu tão rápido. Um dos nobres menores gostou da ideia de casar a filha com um Arcanista, achou que colocaria um pouco de magia na linhagem familiar, e de repente um casamento já estava em discussão. Você sabe como esses fanáticos podem ser. Acham que sangue e linhagens impactam a habilidade mágica de uma criança.

Nascer um Arcanista é tão aleatório quanto nascer com um pau – isso é um fato bem conhecido. Mas há alguns grupos minoritários que tratam o tarô como uma religião... e, como resultado, mantêm crenças estranhas.

– O casamento foi arranjado e nós não tivemos muita escolha, o que significa que tinha pouca chance de funcionar. – Um sorriso triste brinca em seus lábios. – Quando terminou, eu queria te encontrar... mas, quando me senti capaz de te encarar de novo, não sabia onde você estava.

– Quando acabou?

– Semanas atrás.

A revelação faz meu coração disparar. Possibilidades que pensei estarem mortas há muito tempo podem ser consideradas de novo. Futuros que considerei perdidos...

Futuros perdidos... A confusão me atinge e uma dor queima minhas têmporas. Ela indica alguma coisa. Algo que eu deveria estar... fazendo?

Liam me puxa mais para perto, como se sentisse tanto meu conflito quanto minha esperança renovada. O calor do seu corpo se funde ao do meu. A necessidade que pulsa entre nós ainda está aqui, tão densa quanto a música, apertando-nos tão forte que mal consigo respirar sem que meu peito encoste no dele.

– Clara. – A voz dele é pesada, quase embriagada. – Esse tempo todo... eu... estive pensando em você. Era você que eu queria. Só você...

As palavras se dissolvem em beijos ofegantes no meu pescoço quando a boca dele encontra a pele sensível. Agarro seu paletó, dolorosamente ciente de sua figura forte e musculosa. Nós nos viramos, seu joelho se posiciona entre minhas pernas, sua coxa deslizando para cima, e eu me perco na sensação.

Meus olhos se fecham, tremulantes, minhas defesas reduzidas a cinzas. Solto um suspiro suave.

Liam me incentiva com uma súplica gentil no ouvido.

– Entregue-se, Clara. Não me afaste, nem agora nem nunca.

Por um momento fugaz, eu me entrego. Estou pronta para me render à fantasia. À ideia de nós dois. A finalmente ter alguém de volta nos braços depois de perdê-lo.

– A sorte está do nosso lado, afinal.

Sou eu que digo isso. No instante em que o pensamento cruza minha mente, percebo que ele não é o primeiro homem a roubar meu lema. Sinto uma explosão de raiva sem alvo até o contorno de um homem particularmente arrogante cruzar minha memória. *Kaelis.*

Abro os olhos. O salão está tão iluminado que chega a doer, uma paródia da realidade. Embora eu não possa ver através da ilusão quase real à minha frente, sei que toda a Academia ainda consegue me enxergar. A ideia me deixa corada e nauseada.

– Não acabe com isso. – Os lábios de Liam traçam um caminho pelo meu queixo, suplicantes. – Permita-se ter isso.

A consciência é uma onda fria quebrando sobre mim. Eu me afasto, ofegante, puxando o ar com o mesmo desespero de quando escapei de Halazar. Cada dor, aguda e embotada, retorna ao meu corpo. Não estou usando um vestido de baile, mas sim uma calça de couro justa.

O feitiço é quebrado e a fantasia, estilhaçada. E pensar que... eu quase... me permiti ter isso. Quase deixei o destino vencer, cedendo a uma ilusão em vez de matá-la, como deveria estar fazendo o tempo inteiro.

– Não posso. – Minha voz vacila enquanto meu coração grita para que eu reconsidere a decisão. – Sinto muito, Liam.

O espaço entre nós retorna, tão vasto e intransponível quanto tem sido há anos. Lágrimas ameaçam tomar meus olhos enquanto, devagar, convoco as cartas do bolso, que pairam no ar, cintilando com o controle mágico que mantenho sobre elas.

Conheço cada uma sem vê-las, mesmo que sua pintura seja um pouco estranha para mim. Antes de ter amigos, eu tinha as cartas. Conhecia o rosto dos naipes reais melhor que o rosto dos vizinhos.

Cartas de Espadas estouram e estalam como trovões perto do cume das montanhas em um dia de verão. As de Paus crepitam como fogo, seu calor subindo por meu cotovelo. As de Copas extinguem o ardor como uma torrente de água fria na veia. E as de Ouros são pesadas como pedras, apesar de serem feitas só de papel e pigmento, como as demais.

Cada naipe do baralho só tem as cartas até cinco, nos privando das mais altas. Os alunos do primeiro ano só deveriam ser capazes de usar as primeiras cinco cartas de cada naipe e, portanto, são limitados a elas. Presume-se que os candidatos não tiveram treinamento real com tarô antes de entrar na Academia, embora os nobres tenham uma vantagem clara por serem expostos a elas no seio da família desde cedo. Além disso, a magia de um estudante do primeiro ano é "imatura" demais para manejar mais do que as primeiras cinco cartas de um naipe sem inverter a carta e se tornar um poder perigoso, deturpado e incontrolável. A mera sugestão de que seria possível fazer algo além disso é proibida.

Liam arregala os olhos e depois franze o cenho, quase irritado.

– Vejo que ainda se esconde atrás do tarô quando está assustada. – Então, tudo nele se suaviza de novo. – Não faça isso, por favor.

Eu não sabia que era *isso* que iria sacrificar quando joguei essa carta no Cálice Arcano. Achei que estaria destruindo qualquer esperança de Kaelis de que haveria um futuro pacífico entre nós, não uma segunda chance com o primeiro homem que amei de verdade.

– Preciso fazer isso – digo, mais para mim mesma do que para ele.

Liam não é real. Nada disso jamais será real. O que estou prestes a fazer é como cortar meu próprio braço. O destino deve ser morto à força.

Quando ergo a mão, o Cinco de Espadas magicamente sobe das cartas que pairam ao meu redor. Eu o pego com dois dedos e o movo de um lado para outro à minha frente. Há uma lufada de vento e a carta é envolvida por um brilho prateado que se solidifica na forma de uma rapieira, a luz desaparecendo enquanto agarro o cabo da espada. No segundo em que fecho a mão ao redor dela, a arma grita por sangue no fundo da minha mente.

Com a rapieira na mão, salto sobre Liam. A realidade se dobra e retorce com uma inclinação nauseante. O salão se distorce, como figuras de cera deixadas ao sol.

A expressão de Liam se desfaz também. O espectro que assumiu a forma do homem que já conheci revela sua verdadeira forma. Um sorriso perverso demais. Olhos afiados demais. Isso não é Liam, é só uma sombra dele criada pelo Cálice. A monstruosidade ergue uma das mãos e convoca sua própria carta do bolso do paletó.

O Ás de Paus. A carta cria uma parede de fogo a partir dos pés dele.

Sobressaltada, tropeço e caio no chão. As chamas lambem minhas mãos expostas e a lateral do meu rosto. Solto a espada, que cai no chão com um tinido alto, e uma agonia mais profunda e afiada que as queimaduras atravessa meu corpo. O Cinco de Espadas é uma arma que exige derramamento de sangue e, se não for saciada, cobra o preço de seu usuário.

Antes que eu consiga erguer a rapieira de novo, Liam segue com o Seis de Espadas.

– Escute. – Sua voz magicamente aperfeiçoada suaviza minha expressão. É um bálsamo à dor ardente do meu coração e à dor crescente da rapieira abandonada. – Desista dessa luta e liberte-se de sua mágoa. Juntos, podemos realizar grandes coisas. Seremos felizes.

Vacilo por um momento. O Seis de Espadas e sua habilidade mágica de apaziguar as dores do coração me dominam. A força na voz dele, o amor tão aparente em seus olhos... Quase mudo de ideia. Como se isso não fosse o bastante, surgem lembranças espectrais do corpo dele contra o meu. Visões de noites que nunca vivi – que poderia viver, se tomasse uma decisão diferente – dançando pela minha mente. Cada beijo apressado. A sensação da boca dele na minha, minhas unhas em sua pele. Todas as palavras que eu poderia dizer reduzidas a uma: *mais*.

Meus dedos se fecham ao redor da espada que invoquei, e a dor diminui quando o chamado por sangue retorna.

– Não vou ceder.

Tomo impulso no chão e quase desabo de novo. Estou exausta. Meus músculos já estão esgotados. Até minha magia vacila.

Mas minha força de vontade não. Ainda consigo usar mais uma carta. Atacar mais uma vez antes de ficar exaurida, física e magicamente. Preciso fazer valer a pena.

Cerro os dentes e me preparo. Com um giro do pulso, o Ás de Espadas envia uma lufada de vento que faz Liam cambalear. É minha única brecha, então invisto contra ele.

Minha lâmina encontra o alvo, mergulhando no seu peito. Nossos corpos colidem. Perco a força nos dedos e solto a rapieira, que desaparece após finalmente receber o sangue pelo qual estava tão faminta.

– Eu teria te amado, Clara – murmura Liam, com sangue escorrendo pelo canto da boca.

– Eu sei – sussurro de volta enquanto o seguro.

Os lustres brilhantes escurecem, um por um. Desabamos no chão de mármore polido do Clube dos Videntes, que racha sob nosso peso. Eu o puxo contra mim enquanto ele fica flácido.

Arrancar meu futuro – o que já foi meu destino – do tecido da minha alma nunca seria fácil. E, em algum ponto além da minha percepção nessa realidade fabricada, todos os estudantes e instrutores da Academia estão assistindo, inclusive o próprio Kaelis.

O salão esvanece conforme a luz deixa os olhos de Liam. Dançarinos evaporam como névoa na luz da manhã. O último lustre se apaga. Liam se vai por último, sumindo dos meus braços.

Estou sozinha, ajoelhada diante do Cálice Arcano. O vasto salão está silencioso como um túmulo.



CAPÍTULO 9

Eu me esforço para me recompor, com inspirações lentas pela boca seguidas por exalações trêmulas pelo nariz. A respiração profunda desacelera meu coração, embora ajude pouco com as dores no corpo.

O baralho está espalhado sob mim. As cartas, as queimaduras nas mãos e a ardência no rosto são os únicos sinais de que o que acabou de acontecer foi real de alguma forma – real o suficiente para causar ferimentos e exaurir completamente minha magia. Eu era tão mais forte que isso, *deveria ser* tão mais forte que isso. Mal reconheço a mulher trêmula a que fui reduzida.

Porém, estou determinada a não deixar ninguém perceber minha exaustão. Com esforço, me levanto como a vencedora que sou. O que quer que acontecesse, esse futuro estava perdido no momento em que o joguei no Cálice. Pelo menos não deixei de derrotá-lo, então posso reivindicar um lugar como iniciada na Academia.

Varro as arquibancadas com o olhar. Os estudantes estão em silêncio, como que enfeitiçados. No salão escuro, seus rostos estão borrados demais para eu distinguir as emoções. Encontro o olhar de Kaelis e, quando ele se torna meu foco, o resto do salão desaparece. Não consigo discernir sua expressão, mas posso *sentir* a desaprovação emanando dele.

Não, é algo mais intenso que desaprovação. É ódio. *Sim, você me odeia. Você me abomina – tanto quanto eu abomino você.*

Consigo oferecer uma mesura sem cair de cara no chão, acrescentando um floreio com uma das mãos esticada. Então atravesso o salão circular e contorno o Cálice Arcano. Os estudantes finalmente começam a murmurar, mas, depois desse espetáculo, só posso imaginar o que estão falando.

Mergulhando de novo em uma escuridão quase total, subo uma escadaria. Há uma bifurcação, mas o caminho da direita está barrado. Consigo distinguir a sombra de um fiscal mais abaixo e sinto um calafrio. Esse deve ser o caminho para aqueles que não passaram.

Continuo subindo até uma linda sala. Sua beleza só atiça a raiva crescendo dentro de mim: recebemos tais confortos enquanto outros foram marcados e arrastados para a morte. O grupo de iniciados deste ano tem 25 pessoas, pelo que consigo ver. Não sei se isso é muito ou pouco, mas, considerando que começamos com mais de quarenta, não parece o suficiente.

De imediato, sei que todos aqueles sentados no canto mais distante, conversando exclusivamente entre si, são os nobres. Eles têm um ar de familiaridade uns com os outros que afasta qualquer pessoa que já não seja "um deles".

Suspeito que aqueles andando ao redor, que parecem impressionados com as sedas e os veludos, têm origens mais humildes, como eu. Fico surpresa, mas satisfeita, ao perceber que temos quase o dobro da quantidade de nobres.

Encontro familiares olhos azul-cerúleo.

– Luren?

Ela sorri para mim de um sofá baixo, acenando para que eu vá até ela. Está com um olhar um pouco mais desanimado do que antes do sacrifício. Seu cabelo cuidadosamente preso se soltou e agora cai em ondas. A amiga ruiva ainda está ao seu lado.

– Que bom que você também passou – diz Luren quando me aproximo.

Sua aparente sinceridade me pega de surpresa.

– Obrigada. – Não sei bem o que mais posso dizer.

Ela repara nas queimaduras.

– Ah, você se feriu.

– É superficial, estou bem. – Bagunço o cabelo um pouco, tentando

esconder as queimaduras nas faces.

– Quem pensaria que uma visão poderia morder, não é? – murmura a amiga, massageando a mão direita. Hematomas sobem pelo seu braço até o cotovelo.

– O Cálice é uma magia antiga. – Sento na beirada do sofá, no ponto mais distante do grupo de mulheres e homens com quem elas estão sentadas. – O conhecimento sobre ele é bastante limitado.

– É mesmo? Para uma candidata, você parecia saber muito sobre tudo isso antes do desafio. – A ruiva parece meio desconfiada de mim, mas não a culpo.

Dou de ombros.

– *Não seja grossa* – censura Luren. – Minha amiga um tanto ríspida aqui é a Kel.

– Você não tem que dar nossos nomes para todo mundo – resmunga Kel, afastando a franja dos olhos.

– Vamos todos ser iniciados juntos. As pessoas vão descobrir.

Luren não parece preocupada com o ceticismo inato da amiga. Entre as duas, acho que Kel tem a abordagem certa para este lugar.

– Seu conhecimento foi útil – diz uma mulher de cabelo escuro e pele clara. Eu a reconheço como a que seguiu minhas instruções com a saia. – Foi bom saber o truque do vestido. Obrigada.

Sua saia está desamarrada, mas ainda amarrotada.

– Fico feliz em ajudar – respondo.

– É raro ver alguém ajudando os outros por aqui – comenta um dos homens.

Sua expressão é ilegível, mas parece dura sob o cabelo castanho desgrenhado, que lança uma sombra sobre os olhos pálidos e a pele clara.

– Ainda não sabemos quantas vagas as casas têm para estudantes. – Sei o que está insinuando, mesmo que ele ache que não. O homem tem a energia de um nobre menor. Sem dúvida, acredita ter vantagem sobre os mais humildes, que não tiveram o privilégio de conhecer o funcionamento da Academia. – Podemos todos receber um lugar em uma casa.

Ele bufa.

– Improvável.

– Você sabe quantas vagas as casas têm, Farom? – pergunta um homem negro de óculos.

Ele tem uma voz surpreendentemente grave para seu rosto juvenil. Suspeito que mantém a barba curta, bem aparada, para enfatizar suas feições mais adultas.

– Sei que ela está provavelmente errada, Dristin – responde Farom.

– Então você não sabe. – O homem de óculos, Dristin, dá de ombros.

Farom se levanta, bufando e resmungando enquanto vai até os outros nobres no canto.

– Uma nobre perdida? Não dá para esperar que tenha recebido uma boa educação...

O terceiro homem, que ainda não disse nada, segue Farom em vez de ficar no sofá.

Ambos vão se sentar entre outros nobres, perto de um homem no canto dos fundos que se recosta numa postura relaxada. Seus olhos são de um amarelo quase luminescente e profundamente encovados nas sombras sob as sobrancelhas. O cabelo branco platinado, curto e desgrenhado, assenta-se sobre um rosto mais angular que a ponta de uma adaga. Ele me encara e seus lábios se curvam de leve, de um jeito tão presunçoso quanto sinistro.

Dristin revira os olhos, virando o corpo de volta para nós e para longe dos outros nobres. O movimento desvia minha atenção do homem de cabelo claro, mas ainda sinto seus olhos penetrantes sobre mim.

– Perdão, não ouvi seu nome.

– Clara Redwin – respondo, ainda testando o nome falso da vez.

Seus olhos caem para meu peito. Eu tinha esquecido do broche, mas sua expressão chocada faz a mentira de Kaelis e meu disfarce voltarem com tudo à memória.

– Clã do Eremita. – As palavras são quase um suspiro. – Mas... todos vocês morreram.

– Acho que não. Descobri sobre minha linhagem distante há pouco tempo. Mal sou Eremita por sangue, e não era por nome... provavelmente foi o que me poupou da matança do clã.

A única vantagem desta farsa toda é que posso alegar que também é novidade para mim, o que significa que não tem problema se eu for pelo menos um *pouquinho* ignorante sobre meu clã e a escola. Espero.

– Sério? Você já sabe tanto sobre a Academia. – A surpresa de Luren é genuína.

– Eu aprendo rápido.

– Como esperado do Clã do Eremita.

Dristin me dá o que parece ser um sorriso sincero e encorajador. Tento imitar a expressão educadamente, mas preciso me controlar para não me remexer de desconforto ao ser associada com a nobreza que desprezei a vida toda.

– Eu sou Sorza, aliás. – A mulher de cabelo escuro acrescenta o último nome que faltava no grupo.

– É um prazer conhecer vocês. – Tento gravar seus nomes e rostos.

– Concordo com Luren, é bom não sentir que é inútil aprender o nome uns dos outros. Eu não esperava que eles marcassem as pessoas no segundo em que fracassassem. – Sorza se reclina no sofá, esfregando o interior do pulso.

– Algum de vocês já conheceu um Arcanista marcado? – pergunta Dristin.

Uma vez que um Arcanista é marcado, é relegado aos moinhos e nada mais. Para sempre. Apesar do seu poder, vira um pária.

– Não – responde Sorza.

– Eu também não – diz Luren.

Por um segundo, a sala desaparece e me foco em uma lembrança: um chão encharcado de sangue, uma adaga, uma mão trêmula e um pulso retalhado. A voz da minha mãe, em pânico, exigindo que eu fosse para casa encontrar Arina, que colocasse na janela a vela que chamaria seus amigos.

– Clara? E você? – Dristin me traz de volta à realidade, afastando mechas curtas e espessas das sobrancelhas.

– Uma ou duas vezes.

Eu me arranco bruscamente do passado. O Arcanista naquela noite não morreu de hemorragia após sua tentativa desajeitada de remover a Marca, como minha mãe me contou depois, mas eu nunca soube o que aconteceu com ele. *Está seguro com amigos*, sussurrou minha mãe ao me pôr na cama. Mais tarde, quando ela me mostrou as passagens secretas nas montanhas, suspeitei que o homem fora levado por ali.

Desde então, ajudei nove pessoas com aquela marca a escapar da Cidade do Eclipse pelas passagens da minha mãe nas montanhas a leste, e todas me contaram sobre o horror que foi recebê-la. Ajudei mais quinze Arcanistas ainda não marcados a escapar antes de serem obrigados a passar pela

Academia – quinze indivíduos que preferiram arriscar uma fuga a encarar o Cálice, a Academia e sua colocação dentro de um clã.

Há apenas dois caminhos para um Arcanista em Oricalis: formar-se na Academia e ser designado ao serviço de um clã nobre ou ser marcado a ferro e mandado a um moinho de pó para trabalhar até a morte. A magia é um artigo raro que exige recursos ainda mais raros para ser realizada, tornando-a altamente controlada pela Coroa. Aqueles capazes de usá-la nunca estão a salvo – e nunca são livres. Não de verdade.

– Você conseguiu falar com um? – Dristin parece surpreso.

– Eles ainda são pessoas. – Eu o avalio de novo. Suas roupas são um pouco refinadas demais para ele ter vindo das camadas mais baixas da sociedade. Talvez seja um descendente mais distante de uma Casa nobre?

O status nos clãs é majoritariamente hereditário. Quanto mais próxima a pessoa é por sangue e, depois, por casamento do Alto Lorde ou da Alta Dama, mais alto é seu status. Quanto mais distante, menos conexão com o clã se tem... até se dissolver por completo. Em casos raros, um Alto Lorde ou uma Alta Dama pode elevar alguém em status dentro do clã independentemente da conexão. Mas, considerando que o poder dos indivíduos dentro de um clã vem de sua exclusividade, é raro acontecer.

Dristin me parece alguém baixo o bastante na árvore genealógica de um clã para não fazer parte dos círculos internos, mas que também já teve confortos demais para saber como são as ruas.

– Depois que os marcados são enviados aos moinhos, eles nunca mais saem de lá.

Dristin fala "nunca mais saem de lá", mas eu escuto "morrem". Só Arcanistas podem trabalhar nos moinhos, devido à magia exigida para processar os pós. Lá, são explorados até o fim de suas forças. Era o motivo de minha mãe dizer que tínhamos que ajudar outros Arcanistas escondidos, marcados ou não marcados, como nós.

Uma nova presença interrompe nossa conversa.

– Bem-vindos, iniciados. – Um homem emerge da porta do lado oposto ao qual entramos. – Eu sou o lorde Vaduin Thornbrow, e vocês podem me chamar de professor Thornbrow, lorde Thornbrow ou Professor Chefe, já que sou o chefe do departamento de lançamento de cartas.

Ele com certeza parece bem presunçoso. Só seu tom já sugere que tem opiniões muito fortes sobre o "respeito" que lhe devemos. Sinto um calafrio

quando dou uma boa olhada no sujeito. Ele tem altura e físico medianos, com cabelo escuro e pele clara bronzeada, do tipo que mantém a cor independentemente da exposição ao sol. Seus olhos verdes impressionantes são impossíveis de ignorar – ou confundir. É o mesmo homem que foi falar com Kaelis no balcão. Seus ombros largos e cenho sempre franzido lhe dão uma aparência imponente, apesar de não parecer muito mais velho que um estudante do terceiro ano. Seu cabelo escuro foi penteado com cuidado dos lados, mas mantido longo em cima. Quando seu olhar varre a sala, parece se fixar em mim por um segundo a mais.

– Se puderem me seguir, vou acompanhá-los ao Banquete do Fogo. Lá celebraremos a vitória e vocês aprenderão mais sobre o que esperar no seu primeiro... e para alguns de vocês, único... ano na Academia. – Nada em seu tom parece remotamente celebratório.

Vaduin se vira, atravessa as portas e some nas escadas além, com as costas tão rígidas quanto um Stellis.

Um burburinho surge entre os outros iniciados. Todos estão começando a entender que não são mais meros candidatos. Agora detêm formalmente o título de iniciados. Seus sorrisos sugerem que a parte difícil já passou, mas sei que nossos desafios só estão começando.

Sou conduzida outra vez pelos corredores da Academia Arcana, mas há duas diferenças principais: a primeira é que tomamos uma rota muito mais direta pela escola, com menos atalhos entre salas, descendo uma passagem que parece ter sido projetada para o propósito de levar os iniciados aonde quer que estejamos sendo levados. A segunda é que, desta vez, consigo ver com mais clareza aonde estou indo.

As lamparinas foram acesas e, sob seu brilho, as paredes de pedra se desdobram à minha frente como uma serpente anciã. As esferas de luz quente e convidativa nos guiam cada vez mais para o alto, e os corredores, antes sombrios, são um espetáculo encantador. Entalhes e tapeçarias extravagantes chamam minha atenção. Pinturas a óleo revestem as paredes e são tão realistas que os olhos dos indivíduos parecem nos seguir. Julgando pela quantidade e os nomes embaixo das telas, retratam os antigos membros da realeza de cada Casa – Valete, Cavaleiro, Rainha e Rei de todos os naipes.

Finalmente, uma passagem se funde com outra, jogando-nos em uma sala em formato de meia-lua, como se fosse o lugar ao qual todo corredor na Academia leva. Vaduin para diante de duas portas de metal com o dobro de

sua altura e três vezes sua largura, fica de costas para ela, nos encarando, então estende os braços.

Chamas envolvem o contorno das portas, seguindo os entalhes de cada um dos quatro naipes. Ao mesmo tempo, magia estala do outro lado. As portas se abrem e, pela primeira vez, somos levados ao salão principal da Academia Arcana, onde poderemos ver de verdade, também pela primeira vez, os estudantes e os professores que irão decidir nosso destino.



CAPÍTULO 10

Percebo que, apesar de tudo que perguntei a Arina sobre a Academia, nunca fiz muitas perguntas específicas sobre a decoração. Eu não precisava saber. Talvez não *quisesse* saber. Parte de mim sabia que a resposta, qualquer que fosse, me deixaria com raiva da opulência, da riqueza acumulada e desperdiçada.

E sem dúvida há muito disso. O salão principal é tão opulento quanto os demais cômodos, cheio de mesas de banquetes com mais comida do que os cerca de 150 presentes seriam capazes de consumir. Se bem que, pelos roncos do meu estômago, ele com certeza quer tentar. O pouco que consegui comer enquanto me preparava não me ajudou muito até agora.

O salão não é um átrio de castelo opressivo, como o Santuário do Cálice, parecendo mais uma estufa empoleirada na beirada da fortaleza, oferecendo uma vista da Cidade do Eclipse e da cordilheira oriental além. Uma gaiola de metal e vidro bloqueia os ventos gélidos que sopram dos penhascos íngremes emoldurando a foz do rio Farlum. Fogueiras sem fumaça revestem o perímetro do salão, entremeadas por árvores exóticas.

Por algum motivo, nunca me ocorreu quão *mágico* esse lugar poderia ser.

Sim, a Academia Arcana é dirigida pelo pior homem do mundo e

representa tudo que abomino sobre as leis que controlam os Arcanistas. É um refúgio para quem tem posses e uma falsa aspiração para quem não tem. Mas também é... linda. Tem o *ar* de um lugar mergulhado em poder antigo, um resquício de uma era de outrora, escondendo possibilidades que pareciam impossíveis na Cidade do Eclipse, logo além da ponte.

Cada Casa está sentada a uma das quatro mesas em formato de L que formam um quadrado grande. O tecido das toalhas denota qual é qual – vermelho vibrante para Paus, ouro cintilante para Ouros, cerúleo forte para Copas e um cinza-ardósia para Espadas. Na frente de cada toalha há o emblema da casa. No centro do quadrado estão dispostas duas mesas paralelas, com 25 assentos. A parede dos fundos do salão se arqueia ao redor de uma mesa em formato de semicírculo na qual todos os docentes de rosto severo da Academia estão sentados.

Com Kaelis em lugar de destaque.

No instante em que nossos olhos se encontram, uma faísca inegável de tensão corta o ar. Meu peito se aperta, empurrando o ar para fora dos pulmões. Uma sombra cruza seu rosto antes que ele se levante para falar, mas já sumiu quando abre a boca.

– Bem-vindos, iniciados, aos salões sagrados da Academia Arcana, um bastião de aprendizado e a sede da magia do tarô. Vocês se saíram bem em seu desafio inicial. Porém, os testes só estão começando. Uma formação completa na Academia Arcana dura três anos, cada um representando uma posição na tiragem tradicional de três cartas – passado, presente e futuro. No primeiro ano, vocês se libertarão do seu passado para merecer o conhecimento que temos a transmitir. O futuro que acharam que teriam agora está atrás de vocês, assim como sua família e tudo que já prezaram antes de se juntar a nossas fileiras. Para realmente se tornar um de nós, vocês devem sacrificar tudo que já foram.

Ele volta o olhar para mim como um desafio – ou um comando.

O príncipe está completamente iludido se achou, mesmo por um segundo, que vou jogar meu passado fora ou esquecer todas as pessoas que fazem parte dele. As lembranças do clube e da minha irmã – a fé de que eu poderia voltar para eles, ajudá-los, estar com eles – foram as únicas coisas que me permitiram suportar Halazar. E sobretudo não vou me esquecer da parte do passado em que ele me jogou na prisão por um ano a fim de me transformar em seu peão para esse jogo que está tentando armar.

– Começando esta noite, os membros das casas da Academia, as novas famílias às quais vocês buscam se juntar, observarão vocês. Cada estudante tem uma moeda que *pode* dar, mas não necessariamente *precisa* dar. No outono, na cerimônia de fechamento do Dia de Ouros, irão dar essa moeda aos iniciados que julgarem dignos de sua casa. Aqueles que não receberem uma moeda não prosseguirão com seus estudos na Academia Arcana.

Os outros iniciados murmuram, surpresos. Eles não faziam ideia de onde estavam se metendo. De quão poucos entre nós vão se tornar estudantes.

– Aqueles que ficarem vão se provar durante os Desafios do Três de Espadas no inverno. Todos que não passarem em dois dos três desafios, e é possível que metade ou mais de vocês fracasse, também não prosseguirão com seus estudos na Academia.

Os murmúrios são pontuados por arquejos altos.

– Se superarem o Dia de Ouros e os Desafios do Três de Espadas, poderão tentar entrar em qualquer Casa que deu uma moeda a vocês – continua Kaelis. – A Casa terá a decisão final sobre aceitá-los ou não. Aqueles que permanecerem, que forem julgados dignos de ser aceitos por seus pares, se tornarão estudantes plenos. Vão concluir seu primeiro ano na primavera e celebrar no Banquete de Copas. Vocês não podem tentar entrar numa Casa se não receberem uma moeda dela.

Kaelis se inclina um pouco para a frente, correndo os olhos pelas 25 pessoas reunidas.

– Então não têm apenas algo a provar para si mesmos ou seus professores... mas também devem provar algo para seus pares. Se fracassarem, serão expulsos e marcados. Se obtiverem sucesso, passarão seus próximos dois anos aqui e verão tudo que os aguarda como Arcanistas a serviço de Oricalis.

Uma onda de murmúrios ansiosos se ergue ao meu redor, vinda de cerca de metade dos iniciados. A outra metade, como eu, não parece surpresa. Os nobres já sabiam que isso aconteceria. Também sabem que não têm nada a temer, já que chegaram até aqui. Uma Casa vai aceitá-los independentemente de sua habilidade com magia. Eles já construíram os relacionamentos com seus pares a que Kaelis está aludindo. E, quanto aos Desafios do Três de Espadas, seus tutores os prepararam com informações sobre o que está por vir antes de sequer atravessarem a entrada principal da

Academia. Para eles, os rituais e desafios do primeiro ano são pura formalidade; o único desafio era superar o Cálice Arcano. Eles podem relaxar e se concentrar nos estudos. Já os plebeus estão lutando pela parca esperança de evitar uma Marca e um futuro nos moinhos.

– Ah, e mais uma coisa... – Há uma centelha nos olhos de Kaelis que faz meu estômago se embrulhar. Um brilho presunçoso de quem tem todo o controle da situação, que me faz querer socá-lo no nariz. – A Academia não tem espaço ilimitado. Assim como não podemos aceitar todos que se inscrevem no dormitório dos iniciados, a Casa de cada naipe também tem espaço restrito e só pode aceitar o número de estudantes que partem no final de cada ano. Reis, por favor. – O príncipe faz um gesto com a mão aberta.

Não fico surpresa quando um homem se ergue de imediato do canto da mesa de Paus. *Claro que o primeiro seria de Paus...* Ele é um sujeito enorme com um físico que desconfortavelmente me lembra Liam. Seu cabelo castanho curto está bem penteado, com faixas de um tom louro mais claro que se avivam à luz do fogo.

– A Casa de Paus tem cinco formandos este ano, portanto podemos aceitar cinco iniciados – anuncia com uma voz retumbante. – Buscamos aqueles que ardem com paixão em tudo que fazem, espíritos criativos dispostos a forçar os limites da normalidade. Os pensadores livres que são fervorosos, ousados e enérgicos.

Uma mulher com uma aparência particularmente jovem se ergue para falar por Ouros. Uma massa de cachos castanho-avermelhados cai sobre seus ombros. Sua pele de porcelana é quase imaculada, e seu vestido revelador a deixa à mostra, assim como suas curvas.

– A Casa de Ouros pode graciosamente aceitar seis iniciados – diz ela, com a voz baixa e comedida. – Buscamos indivíduos pragmáticos, aqueles que sabem que, sem estabilidade, é impossível alcançar a grandeza. E que, com esse conhecimento, investirão em sua saúde, riqueza e família. Acolhedores, pé no chão e cabeça fria.

Com uma graça fluida, outro homem se ergue, agora da mesa de Copas. Seu cabelo preto cacheado cai bagunçado ao redor do rosto. A pele negra acentua os músculos dos braços – tão expostos quanto as curvas da mulher da Casa de Ouros – e destaca seu sorriso deslumbrante.

– A Casa de Copas ficará feliz em receber cinco iniciados, como nossos amigos de Paus – informa ele, calorosamente. – Para ser um de nós, você

deve vir com o coração aberto. Deve ser alguém sem medo de permitir que o destino o carregue por suas águas inexploradas. Uma pessoa que encontra força nas profundezas de suas emoções. Atenciosa, amorosa, tranquila.

A última mulher levanta quase relutantemente, erguendo-se como uma espada desembainhada, elegante e letal. Suas feições afiadas e angulares são suavizadas por duas longas mechas de cabelo platinado. Sua pele é de um tom similar ao meu, nem muito escura nem muito clara – do tipo que rapidamente escurece sob o sol. Seus olhos são castanho-claros e, por algum motivo, entre todos os iniciados, pousam nos meus.

– A Casa de Espadas só vai receber *dois* iniciados. – Embora fale suavemente, sua voz preenche o salão. – Procuramos as pessoas mais sagazes e com um intelecto afiado. Pessoas sem medo do poder, mas que entendem a responsabilidade que o acompanha. Espertas, poderosas, inteligentes.

Mais burburinho ao meu redor. No começo, é por causa do número surpreendentemente pequeno de iniciados que a Casa de Espadas vai aceitar. Mas isso logo nos leva a perceber outra coisa: cinco em Paus, seis em Ouros, cinco em Copas e dois em Espadas. São só dezoito vagas para 25 iniciados.

De um jeito ou de outro, alguns de nós serão marcados antes do fim do ano... E, julgando pelo olhar cauteloso que os plebeus estão dando uns para os outros, estão percebendo que o número de vagas disponíveis é ainda menor para aqueles de nós que não têm colocações garantidas. Pela minha estimativa, pelo menos dez dos iniciados são de berço nobre. O que significa que...

Das dezoito vagas disponíveis nas casas, com dez praticamente prometidas aos nobres, restam só oito para os outros quinze de nós disputarem.

Cerro os punhos e olho de volta para Kaelis. Ele já está olhando para mim com um sorrisinho nos lábios, como se esperasse ansiosamente que eu chegasse a essa conclusão. Quase consigo ouvi-lo no fundo da mente: *então veja, Clara, você precisa de mim. Só* eu *posso garantir sua segurança aqui.*

Tenho vontade de cuspir na taça dele.

– Agora que tudo está claro, aproveitem seu Banquete do Fogo. Conheçam os estudantes da Academia Arcana. Porque, amanhã, as aulas começam.



CAPÍTULO 11

Assim que me sento, não perco tempo e encho meu prato. Preciso recuperar as forças e ganhar músculos de novo se quiser sobreviver aqui e ter qualquer chance de fugir.

Preciso de um esforço monumental para não erguer o prato e mandar a comida goela abaixo, mas tento dar pequenas mordidas. A fome não é algo novo para mim. Depois que minha mãe morreu, Arina e eu passamos por períodos de abundância e escassez. Quando tínhamos bons trabalhos, os estômagos ficavam cheios. Quando precisávamos nos esconder dos fiscais na cidade, o lixo era nosso bufê.

Eu me reconstruí do nada mais vezes do que gostaria de contar. Farei isso de novo. Vou jogar o jogo de Kaelis e manter os olhos dele em mim – e só em mim. Dessa forma, ele não vai se voltar para as pessoas que amo.

Falando em pessoas que amo... Examino as mesas de novo. Olhei para a Casa de Copas sete vezes. Era a Casa que Arina ambicionava, e ela estava confiante de que tinha forjado relacionamentos suficientes para entrar. Com certeza seria a mais apropriada para ela. Talvez tenha acabado em outro lugar? Examino as outras casas, procurando por ela. Nada. Olho de novo,

como se algo pudesse ter mudado e ela fosse aparecer magicamente. Claro que não aparece.

Minha irmã não está aqui.

Em nome dos Vinte, o que está acontecendo?

Meu pulso treme quando levo a taça à boca – de raiva e da dor das queimaduras que ainda cobrem minhas mãos. A pele está começando a descamar, retorcida e feia. Tento lavar o gosto de raiva e bile com o máximo de vinho que consigo tolerar sem ficar bêbada, o que não é muito depois de um ano de abstinência forçada e um estômago ainda praticamente vazio. Mas a leve névoa de álcool talvez seja a única coisa que me impede de marchar até a mesa dos professores e apertar o pescoço de Kaelis.

– Você parecia tensa no começo, mas saber das colocações levou a coisa a outro nível – comenta Sorza do outro lado da mesa, daquele seu jeito seco e calmo. Seus olhos pretos se desviam para Dristin enquanto ela coloca uma mecha atrás da orelha. – Cuidado aí do lado dela, Dristin. Pode ser que enfie essa faca no seu pescoço para diminuir a concorrência.

– Não vou ferir nenhum de vocês. – Não que eles fossem acreditar pelo meu tom agitado.

Kaelis pediu o nome de Arina em Halazar. *Por quê, se ela não está aqui?* A não ser que ele já tenha executado sua vingança contra ela enquanto eu era mantida inconsciente. Meu sangue ferve.

– Vamos entrar nas casas ou não com base em nossas habilidades, não em nosso berço – diz Luren, otimista. Suas faces já estão coradas depois de uma dose de vinho, escondendo as leves sardas na pele pálida. – Não há necessidade de ser competitivo para além disso. A Academia é feita para recompensar os talentosos. Vamos todos fazer nosso melhor e vai dar tudo certo.

Sorza bufa. Dristin pisca várias vezes, como se não acreditasse que essas palavras, nessa ordem, acabaram de sair da boca de Luren. Apoio o queixo na palma e a encaro enquanto bebo outro gole de vinho.

– Que foi? – Ela repara na nossa descrença coletiva.

– Seu otimismo ingênuo é revigorante. – Abaixo a taça. – Mas se não tomar cuidado você vai ser marcada, no melhor dos casos, e morta, no pior.

– Você não acha mesmo que...

Agarro o ombro dela e a puxo para perto, inclinando-me para sussurrar no seu ouvido:

– Se eu acho que alguma das pessoas nessa mesa "acidentalmente" mataria você para realizar suas próprias ambições se a oportunidade se apresentasse? Sem pensar duas vezes, Luren. *Sem pensar duas vezes.* Todos matamos nosso futuro com as próprias mãos para chegar até aqui. O que te faz pensar que alguém teria ressalvas em matar você?

– Isso é mesmo necessário? – pergunta Kel, me lançando um olhar feio quando me afasto de novo.

– É, se ela quiser sobreviver.

Termino os últimos bocados da minha refeição enquanto Luren encara seu prato, desanimada. Mais cedo ou mais tarde, ela vai descobrir como esse lugar funciona. É mais gentil se ouvir de mim. Tenho certeza de que ela não vê as coisas dessa forma... ainda não, pelo menos. Mas vai, na primeira oportunidade que as cartas forem embaralhadas e nenhuma sair para ela.

Dou um tapinha no ombro dela quando me levanto, oferecendo o mesmo conselho que repeti em minha mente.

– Coma. Você vai precisar de força.

– Aonde você vai? – pergunta Sorza.

– Conhecer meus colegas estudantes.

– *Colegas* estudantes – murmura ela, bufando diante da minha insolência.

Sou a primeira a sair das mesas centrais, então posso sentir os olhos de todos os iniciados e estudantes sobre mim quando sigo para a Casa de Copas. As encaradas vêm de todos os lados, nenhuma particularmente calorosa, e escuto mais do que alguns sussurros.

– Ousada ela, né?

– Foi a que matou o amante, não foi?

– Uma nobre perdida, um amante secreto...

– O príncipe está mesmo noivo *dela*?

– Não pode ser.

– Ele mesmo disse. Está chamando o príncipe de mentiroso?

– Clã da Estrela... Liam...

Tenho que me impedir de virar a cabeça na direção do nome dele. Alguém poderia tê-lo ouvido no futuro que sacrifiquei, mas duvido. Foi dito com tanta familiaridade. É claro que alguém aqui o conheceria. A maioria dos alunos é nobre, afinal. Mantenho a cabeça erguida e meu passo regular – meu único foco é o homem que falou em nome da Casa de Copas.

Há uma boa chance de ele saber o que aconteceu com Arina. Se for o Rei este ano, provavelmente foi o Cavaleiro ou o Valete ano passado. Minha irmã não mencionava muitas pessoas por nome quando falava da Academia – pelo menos, no pouco que consegui ouvir sobre a escola antes de ser levada a Halazar –, então não tenho certeza. Mas sei que ela estava forjando relacionamentos com alunos de Copas para tentar assegurar uma vaga, o que o torna uma aposta segura.

Quando me aproximo, consigo distinguir um broche vítreo circular com uma coroa e, em cima dela, um cálice ornamentado do Arcano Menor, como Arina descreveu. Três outros alunos usam broches parecidos, cada coroa com uma forma levemente diferente para denotar sua posição.

Os quatro membros da realeza da casa.

Eles não pertencem *de fato* à realeza; não têm relação com a família Oricalis. Mas Arina os descreveu como "membros da realeza da Academia", que representam a nobreza de cada naipe menor – Valete, Cavaleiro, Rainha e Rei. O Valete e o Cavaleiro são alunos do segundo ano; o Rei e a Rainha, do terceiro. Todos estão no topo de sua turma e são exemplos das cartas que supostamente representam.

– Olá, Clara Redwin do Clã do Eremita. – O homem usa o mesmo tom amistoso de antes, como se nada jamais o tivesse incomodado na vida. O ar casual e despreocupado combina com um Rei de Copas. – A que devemos o prazer de ser a primeira Casa que você procura?

– Queria saber se você daria uma volta no salão comigo, se não for incômodo. – A música recomeça; os músicos estudantes já terminaram de comer. Logo vão começar as danças ao redor das fogueiras, como é tradição na noite do Festival do Fogo. Tenho certeza de que todo mundo vai querer dançar com o Rei do terceiro ano, especialmente os homens e as mulheres da Casa dele, que estão me olhando de soslaio. – Há muitas plantas aqui que nunca encontrei, já que passei a maior parte dos meus dias entre as pedras e o ferro da Cidade do Eclipse.

– Se deseja aprender sobre plantas, talvez alguém de Ouros fosse um acompanhante melhor, não? – Ouros é associado ao elemento terra.

– Talvez eu deseje a *sua* companhia – falo diretamente, acrescentando um tom conquistador à voz.

– Direta como Espadas e ousada como Paus. – Percebo o comentário implícito: *não é uma de nós.* Mas não me incomodo.

Se fosse obrigada a escolher uma Casa – o que imagino que serei – *não seria Copas.* Arina tinha o espírito de Copas. Dava uma olhada em alguém e sabia exatamente qual era o problema da pessoa e exatamente o que ela precisava ouvir. Ou como acabar com ela de dentro para fora. Arina poderia ter escapado de Halazar na lábia, se precisasse.

– Fui informada que a ousadia pode ser atraente a alguém de Copas – comento.

– Por quem?

– Alguém com conhecimento de causa. Mas sinta-se livre para provar o contrário.

Há uma centelha de divertimento nos seus calorosos olhos castanhos. Ele se levanta.

– Myrion, fala sério – sussurra a Rainha à esquerda dele.

– Ela é uma convidada em nossa casa, Orielle. Não sejamos rudes.

Uma *convidada.* Não um deles. Duvido que vão me deixar esquecer disso ao longo do próximo ano.

Orielle abre um sorriso forçado.

– Sim, claro.

Myrion contorna a mesa e para no espaço que a separa da mesa da Casa de Espadas. Imito seu movimento do lado oposto e o encontro no vão, virando o lado não queimado do rosto para ele. Se notou os ferimentos, não diz nada. Oferece o cotovelo para mim e sinto todos assistindo quando o tomo.

Assim que o faço, é como se o restante dos iniciados tivesse recebido permissão de fazer suas jogadas. Eles se levantam e seguem para cada uma das mesas das casas para puxar conversa. A música fica mais animada, e Myrion me guia até uma pira próxima.

Sem dúvida ele só vai me conceder uma única volta no salão, então não perco tempo.

– Estou curiosa, teria algum motivo para um estudante ser marcado e expulso?

– Que pergunta curiosa para iniciar nossa conversa. – Ele me examina sob os cílios pretos grossos. – Iniciados, claro, podem ser marcados se fracassarem ao longo do primeiro ano. – Minha irmã não teria fracassado, disso eu tenho certeza. – Mas não são expulsos levianamente. E, uma vez que são aceitos e se tornam estudantes, o único jeito de serem expulsos é se

o próprio diretor decidir. Arcanistas dentro da Academia estão sob total domínio do príncipe Kaelis.

Eu já suspeitava, mas, de alguma forma, ouvir a confirmação é ainda pior. Meus olhos ardem com o esforço de não lançar um olhar fulminante a Kaelis.

– E é algo comum?

– Não. Só aconteceu uma vez, creio. Pouco antes de eu entrar aqui. – A resposta me dá um estranho alívio. – Mas ano passado três iniciados fugiram.

Se alguém teria tido os meios e um possível motivo para deixar a Academia e levar outras pessoas consigo, seria Arina. Ela se arriscou desde que entrou aqui – até demais para o meu gosto, como disse a ela. *Você vai atrair o tipo errado de atenção*, avisei, embora não tenha ajudado muito. Em poucas semanas, ela tinha descoberto passagens secretas pela longa ponte que conecta os penhascos da Academia à Cidade do Eclipse, abarcando a foz do rio Farlum, e começou a usá-las para contrabandear recursos bem debaixo do nariz de Kaelis.

– *Fugiram?* – Finjo surpresa. – Por que alguém escolheria deixar esta honrada instituição?

– Talvez não estivessem muito entusiasmados para servir a um clã.

Myrion me observa e, por um momento, imagino se vê as semelhanças entre mim e Arina. Mas não parece ser o caso. Arina herdou os olhos do nosso pai, da cor de folhas douradas no outono, junto com sua estrutura facial e a mandíbula. Eu sou nossa mãe inteirinha. Mas ambas herdamos o cabelo castanho dela.

– Não consigo imaginar por quê – digo, me distanciando da ideologia de Arina na esperança de evitar qualquer conexão entre nós. – Traidores desleais.

Myrion solta um muxoxo. Eu teria esperado que soasse como concordância, já que é um nobre, mas não parece ser o caso. Não consigo entender esse homem.

– Mais do que qualquer coisa, partiu meu coração ver alguém tão promissor à Casa de Copas partir.

Arina. Tem que ser ela. Tento pensar num jeito de perguntar o nome dela sem levantar suspeitas, mas não consigo. Quero evitar que as pessoas nos associem, para proteger a nós duas. Especialmente já que ela entrou na

Academia usando o pseudônimo Daygar, como mamãe pediu que fizéssemos, em vez do nosso nome verdadeiro, Chevalyer, e eu vim como Redwin. Mencionar Arina pelo nome – quando não tenho motivo para conhecê-la – seria um sinal imediato de que há algo estranho sobre mim.

– Mas devo imaginar que o príncipe ficaria tocado ao ouvir você falar tão enfaticamente de lealdade. Ainda mais depois do escândalo que causou logo após o anúncio do noivado.

Eu bufo, quase rindo da declaração, e então abro um sorriso deslumbrante para Myrion e aproveito a chance para afastar o assunto de Arina. Inclino-me de propósito para perto dele quando passamos diante da mesa dos professores. Não acho que Kaelis teria ciúmes de Myrion, mas espero que considere uma ofensa o fato de eu me posicionar tão perto, e tão rápido, de outro homem, sobretudo depois do que aconteceu com o Cálice.

– Está sugerindo que o príncipe é um homem cujo orgulho é ferido tão facilmente? Um homem tão facilmente ameaçado?

– De forma alguma. Embora seja um homem que consegue... que *toma* o que quer. – Não consigo interpretar o tom de Myrion, mas tento mesmo assim. Será que ele conhece Kaelis a fundo? E, se sim... eles se dão bem? Meu instinto diz que não, mas não tenho motivos suficientes para confiar nisso. Ainda.

– Na verdade, achei que o príncipe ficaria satisfeito comigo – digo, alto o suficiente para Kaelis ouvir quando passamos. – Afinal, eliminei um potencial rival pelas minhas afeições. – *Não que tenha sido minha intenção*... mas vou dar um jeito de tirar proveito da situação. O que quer que o Dois de Copas encarnasse, eu transformaria numa vantagem.

– Isso é verdade – responde Myrion, com certa tristeza. Reparo na abotoadura dele: duas mãos apertadas com um laço. O símbolo do Clã dos Amantes. Então ele é nobre e presumivelmente idealiza o amor. – Com tantos disputando sua atenção, talvez eu devesse me considerar sortudo por ter decidido me procurar primeiro. Aprecio ter uma bela pessoa nos braços.

Faz tanto tempo que ninguém se interessa por mim desse jeito ou que não estou disposta a abordar ninguém que quase esqueci como é a sensação de conhecer uma pessoa. A sensação de ter alguém olhando para mim com algo além de animosidade. Senti falta dessa onda de calor, da emoção de possibilidades desconhecidas, do vaivém do flerte. Não estou procurando amor, mas um pouco de divertimento não seria inteiramente indesejado...

– Talvez devesse. – Eu o solto quando paramos na extremidade da mesa de Copas. – Imagino que serei um artigo disputado entre todos os estudantes muito em breve.

– Paus e Espadas, de fato.

Ele está se referindo à minha confiança ou talvez ao meu espírito ousado. Mas também me pergunto se é seu jeito de enfatizar sutilmente que não devo tentar entrar na Casa de Copas. Eles têm cinco vagas, mas podem já estar alocadas.

No entanto, será que ele seria gentil a ponto de me dar uma dica dessas?

Não posso ficar questionando tudo que acontece nesse lugar ou vou perder o juízo. Mas também *é o que* vai me dar a melhor chance de sair daqui o mais rápido possível.

– Cuide-se, Clara.

Myrion me deixa e eu retorno às mesas centrais. Mal consigo me impedir de perguntar diretamente sobre Arina. Mas não quero arriscar que as pessoas saibam mais do que já sabem sobre mim. E Myrion *já me contou* o que eu precisava saber.

Kaelis a expulsou. Ou Arina fugiu. Ou foi morta.

A música fica mais animada e a maioria dos estudantes se levanta para socializar. Ninguém se aproxima de mim e não faço o esforço de me aproximar de nenhum dos outros. Já fiz minha jogada esta noite.

Quando Kaelis enfim se levanta, eu faço o mesmo. Sigo até a periferia do salão, tentando não me mover rápido demais e atrair atenção indesejada. Sigo o fluxo da música e das conversas até parar atrás de um grupinho na parede dos fundos.

Quando o príncipe atravessa o centro do salão, os estudantes e iniciados abrem caminho e curvam a cabeça em reverência. Por um momento, as conversas se tornam sussurros. As enormes portas se abrem para ele sem que erga um dedo. Novamente, seus olhos encontram os meus entre a multidão. Aquele olhar frio e implacável talvez seja a coisa menos convidativa que se possa imaginar.

Mas tudo que vejo é um convite.

Kaelis sai pelas portas e eu não fico muito atrás.



CAPÍTULO 12

Ou ninguém repara ou ninguém se importa quando saio, porque não sou impedida. As sombras já estão envolvendo Kaelis enquanto desce o corredor. Ele nem olha para trás, embora eu saiba que deva ouvir meus passos apressados.

Porém, por mais rápido que eu vá, ainda fico para trás. Nada no meu corpo se move como deveria. Toda aquela comida me deixou pesada e lânguida. Kaelis se vira, descendo por uma escadaria curva e sumindo de vista.

As escadas terminam em um corredor desconhecido. Eu sigo para a esquerda, inicialmente atraída pelo som de passos, só para reduzir o ritmo quando uma conversa me alcança sobre as pedras frias do corredor.

– Saiam daqui, *agora.* – O tom de Kaelis é brusco e afiado.

– Recebemos ordens do príncipe Ravin para revistar... – A voz é familiar. *Não pode ser.*

– O príncipe Ravin não dá ordens aqui – interrompe Kaelis. – O território da Academia está exclusivamente sob meu controle.

Eu me esgueiro até a entrada de uma sala próxima, me mantendo encurvada e espremida contra a parede. Uma luz cálida sai pela porta aberta

e reflete em uma janela escura do outro lado, a noite transformando o vidro em um espelho. Kaelis está parado entre cinco indivíduos usando uniformes simples de algodão.

Há os Stellis, conhecidos por sua armadura cintilante adornada com penas de corvo e pombas. Há também os fiscais da cidade, com seu uniforme verde prático. E, por fim, os homens e as mulheres que usam um cinza-amarronzado opaco quase igual à cor das paredes que patrulham.

Meu sangue congela e meu coração trabalha três vezes mais para mantê-lo fluindo, a pulsação em pânico abafando o som da conversa por um momento. *Os guardas de Halazar que vi durante a procissão ainda estão aqui.* E reconheço o homem com quem Kaelis está falando: é Savan, o atual braço direito de Glavstone. Eu o ouvi muitas vezes, enquanto Glavstone rosnava ordens para ele.

– ... dado que essa questão envolve uma Arcanista que escapou de Halazar, a exata condenada que Vossa Alteza foi executar, o carcereiro Glavstone presumiu que iria querer perseguir a fugitiva a qualquer custo.

A postura de Kaelis o faz parecer completamente despreocupado, exceto por um espasmo no canto da boca que curva seus lábios.

– Que atencioso da parte dele.

– Vossa Alteza, sabemos que isso é altamente irregular. Por favor, permita-nos conduzir nossa busca entre os estudantes e iniciados rapidamente e então iremos embora – pede Savan.

O príncipe não se mexe – e eu também não. *Mande-os embora*, imploro em silêncio. A Academia é domínio dele. Se quisesse, poderia fazê-lo. Mas Kaelis não é conhecido por sua gentileza, principalmente não em relação a mim.

– Sim, claro. Espero que encontremos a fugitiva, embora imagine que ela não estará aqui na Academia. – A expressão de Kaelis relaxa, transformando-se num sorriso. – Mesmo assim, deixarei que entrem no salão principal para acabarmos logo com isso, de modo que eu possa retornar às minhas obrigações para o Festival do Fogo.

Eles se viram e começam a vir na direção da porta. Quando estou prestes a recuar, meus olhos encontram os de Savan no reflexo no espelho. O gelo em minhas veias derrete, seguido de um horror causticante quando vejo o reconhecimento tomar seu rosto.

– Mas que... – ele começa a dizer.

Eu corro.

Volto para o salão de onde vim, seguida por passos apressados. Kaelis diz alguma coisa, mas não consigo ouvir.

Não posso voltar para Halazar. Não vou. Prefiro morrer.

Essas declarações frenéticas me impelem a cada passo. Praticamente salto sobre os degraus de uma escada, correndo por cômodos iluminados por lamparinas – a Academia inteira está acesa após o ritual do Cálice, como uma fera retornando à vida, alimentada por futuros sacrificados. Essas lamparinas, embora esparsas, são brilhantes demais. Parecem holofotes... como aqueles que me encontraram na noite em que fui capturada.

Com a lateral do corpo queimando e o peito ofegante, derrapo até parar quando me encontro em um cômodo sem saída. Perscruto as estantes em busca de um esconderijo, mas meus olhos pousam no grande objeto metálico que ocupa o centro do espaço. A coisa é tão estranha que, por um momento, esqueço quem eu sou e do que estou fugindo.

À minha frente está uma máquina diferente de tudo que já vi. Uma roda metálica é girada por uma força invisível, sua corrente pesada desaparecendo no teto. Um grande bloco de aço sobe e cai sobre um pilão. Dentro dele há cacos cristalinos que resistem a cada pancada, explodindo com grãos de poeira cintilante a cada impacto e banhando tudo em uma luz fria e nebulosa.

Estantes revestem as paredes, cheias de caixotes cujos conteúdos piscam para mim com um brilho idêntico ao dos cacos no pilão. Têm um tom cerúleo único, facilmente identificável. É essa luz que permite aos mergulhadores encontrar os cristais que colhem da escuridão profunda das cavernas mais escuras das Minas Afogadas. Essa sala é um verdadeiro tesouro de material de pintura para as cartas de Copas. Mas a máquina...

É um moinho, percebo. Só que, de acordo com a Coroa, os moinhos precisam ser operados manualmente. O processo é delicado demais e exige muita magia para ser automatizado. Ao menos é o que alegam... Será que é mentira? Ou há marcados escondidos nas paredes da Academia operando esse pequeno moinho? Nada disso me surpreenderia.

Eu me aproximo com o mesmo cuidado que teria com um animal selvagem, como se a máquina fosse uma coisa senciente que poderia se assustar e fugir. É velha, mas não antiga... as engrenagens e os pinos estão desgastados, mas ainda em boas condições. Algum tipo de runa foi

entalhada no martelo – o que parece um V com um P ou E está do lado alto, mas é difícil distinguir os detalhes com o movimento constante.

Um borrão aparece do meu lado, atraindo minha atenção. Tento dar um soco por instinto, mas Kaelis pega meu punho com facilidade e nossos olhos se encontram. Meu braço treme contra seu aperto.

– O que acha que está fazendo? – A voz dele é baixa e agourenta.

Perco o fôlego. O olhar dele ameaça me engolir inteira. Ele estava contendo sua agitação no salão principal, mas não está se segurando agora. Os dedos da outra mão se fecham ao redor do meu bíceps, e ele me empurra até bater minhas costas na pedra fria de uma parede próxima. Meu punho cai com o impacto, meus músculos começando a ter dificuldade para simplesmente me manter de pé.

O príncipe nos enfiou entre duas estantes. Seu corpo é abrasador contra o ar frio do castelo, seu rosto agourento realçado pelo brilho nebuloso dos cristais estocados pela sala.

– Vai me entregar aos guardas? – Consigo fazer a pergunta soar desafiadora, embora a mera ideia já faça meus dentes baterem.

Um brilho perverso surge em seus olhos.

– Ora, por que eu deixaria minha *futura esposa* ser enviada a Halazar?

Meu estômago se embrulha.

– Deve ser óbvio que não tenho interesse algum em ser sua esposa. Em ter qualquer relação com você.

– Ah, sim... Presumo que foi por isso que escolheu o Dois de Copas. – As sombras escurecem seu rosto quando ele abaixa o queixo, sua expressão ficando sinistra. – Você quis zombar de mim. – As palavras são afiadas, ardendo com o veneno da acusação.

– E eu pensei que você seria esperto o bastante para perceber que te ajudei com aquela carta. – Deixo a voz afiada para combinar com o rosnado dele.

– Me ajudou?

Ele franze o cenho ainda mais e se inclina para perto, assomando sobre mim, o cabelo roçando na minha testa. Meu peito quase toca o dele a cada respiração. A ideia de bater o joelho em sua virilha cruza minha mente, mas me contenho.

Os guardas de Halazar estão aqui; ele poderia me mandar embora com

uma palavra... Este não é o momento para hostilizá-lo ainda mais, mesmo que seja tão satisfatório.

– O que poderia me fazer parecer ainda mais com uma nobre perdida do que um amante secreto e rejeitado de outro clã? O que poderia fazer nosso "amor" parecer mais legítimo do que minha devoção a você me levar a destruir qualquer chance de um futuro com outra pessoa? – Odeio que isso funcione tão bem para ele. Meu único consolo é poder usar o fato para garantir que não serei enviada para apodrecer numa cela.

– Quem era ele? – o príncipe exige saber.

– Isso importa? – Não vou contar mais do que ele já sabe de Liam depois de me ver lutar contra meu futuro, o que já é demais. – Sem dúvida não vai ser mais nada. Não pode ser. – Dizer essas palavras é mais difícil do que eu gostaria de admitir.

Os olhos de Kaelis se arregalam de leve, depois se estreitam de novo. Um rosnado baixo e divertido ressoa em seu peito.

– Você ainda o ama.

– Quieto – chio.

– Mesmo depois de matar suas chances com as próprias mãos... você está de *luto* por ele.

As palavras transbordam ódio, como se a ideia de se importar com alguém – de amar tanto alguém que você anseia por ele mesmo quando seu bom senso grita para que não o faça – não lhe seja só estranha, mas também repulsiva.

– O que você e seu coração murcho e cruel saberiam sobre o amor?

– Um coração murcho e cruel não pode ser quebrado, Clara. Eu não tenho nada a perder, e seria bom você se lembrar disso.

– E se eu não lembrar?

– Aí eu vou te mostrar por que não deveria ansiar tanto por uma boa trepada a ponto de quase abrir as pernas para uma ilusão na frente da Academia inteira.

Com ou sem guardas por perto, eu o empurro com um ruído enojado, sem conseguir suportá-lo por mais um segundo sequer. Kaelis pega meus dedos e deixo escapar um sibilo de dor. Confusão, mais que raiva, toma o rosto dele. Olha das minhas mãos para meu rosto. Devagar, quase gentilmente, afasta meu cabelo da bochecha. É a intensidade de seu olhar que me imobiliza a ponto de não afastar a mão dele na hora. Seu toque é

quase... *gentil.* E, depois de um ano em Halazar, não tenho a menor ideia de como reagir quando alguém me toca sem intenção de machucar.

– Você está ferida. – A declaração é feita com tanta emoção quanto se ele estivesse comentando sobre o tempo.

Puxando a mão de volta e ignorando a dor, recuo um passo. A parede não me dá mais espaço para me afastar dele. Eu o encaro com raiva por trás da franja irregular.

– Posso ajudar... – Ele enfia a mão no casaco para pegar o baralho.

– Prefiro arrancar minha pele com as unhas a aceitar sua ajuda.

Kaelis congela no meio do movimento. Seu olhar se suaviza por um segundo.

– Você realmente me odeia. – As palavras são um mero sussurro.

– Você parece... surpreso? – Só posso rir. – Você orquestrou ou apoiou tudo que já causou dor e sofrimento na minha vida. Foi você que me pôs em Halazar.

– *Não é* minha culpa você ter ido para lá.

A boca dele se curva em uma careta. Presumo que ele quer dizer que foi minha culpa desrespeitar a lei. As leis que *ele* ajudou a criar e impor.

– Você tem uma espécie de maquinário – aponto para a coisa – capaz de processar pó para tinta, mas ainda marca e manda pessoas para os moinhos?

– A máquina é um artefato do reino anterior. Seus segredos foram perdidos e não podemos depender deles. – Kaelis fala com uma autoridade que não deveria ter sobre ciências "perdidas". Isso só me faz confiar ainda menos nele.

– E você preferiria não encontrar tais respostas. – Se fosse eu, estaria desmantelando o negócio para descobrir como funciona. Algo assim poderia mudar a vida de Arcanistas por toda parte. – Prefere matar Arcanistas marcados como se fosse um esporte.

Ele agarra meu rosto, os dedos ao redor do queixo, pressionando as bochechas. A dor das queimaduras é tão intensa quanto o fogo que as causou. A fachada de preocupação esvanece em um instante e eu me pergunto quantas mulheres seriam enganadas por ela.

– Não fale como se me conhecesse. – Ele praticamente rosna.

– Diga que estou errada – desafio, sem me encolher. A lembrança do primeiro candidato que enfrentou o Cálice está tão fresca em minha mente quanto Kaelis se afastando do cadáver.

– Acha que deixar aquele candidato viver como marcado teria sido melhor? Você sabe tão bem quanto eu que a maioria *implora* por uma morte rápida desde o momento em que chega aos moinhos.

– Devo pensar que você estava sendo gentil ao assassinar um homem cujo único crime foi reprovar seu teste?

– Deveria pensar em mim como um homem que faria o necessário para conseguir o que quer. – Não há espaço para dúvida no final da declaração.

– Como tomar uma mulher que *não te quer* como noiva para poder usá-la para sabe-se lá o que...

– Você vai me ajudar a conseguir o Mundo – repete ele.

– Quanto esforço para caçar uma fábula.

– O Mundo não é uma fábula. – As palavras se tornam um sussurro e seu aperto relaxa, como se ele não ousasse proferir em voz alta o nome do lendário Arcano Maior. Seus dedos soltam meu rosto, deslizando sobre minha pele e deixando um rastro frio no caminho. – É real, isso eu te garanto.

O Mundo é real, a voz da mamãe ecoa da minha infância, *e pode fazer* qualquer coisa. *É por isso que nunca deve ser encontrado. Não confie em ninguém que deseje encontrá-lo.* Algumas vezes eu acreditava em seus avisos e outras, não. Algumas vezes senti como se ela quisesse que eu permanecesse incerta sobre o que era verdade em suas histórias e o que era mentira. Mas, assim como sua ordem de manter escondido nosso verdadeiro nome, Chevalyer, eu sabia que não deveria questioná-la sobre certas coisas.

– Claro que é – ironizo, demonstrando o desconforto que me toma com a mera menção ao Mundo. – E, se quiser qualquer ajuda para obtê-lo, vai me contar o que aconteceu com Arina.

– Já não te disse? Você não está em posição de negociar. – A presunção luta com a maldade e a segunda vence. Por ora.

– Onde ela está?

Eu não tinha planejado mencioná-la de novo a Kaelis e arriscar que visse algo em mim que trouxesse a familiaridade à tona, mas não formulei nenhum plano quando o segui do salão principal. Estou muito cansada e tudo dói. Só quero encontrar algo para canalizar toda essa dor e raiva, e Kaelis é um alvo excepcional.

– Eu nem sei quem ela é.

Kaelis dá de ombros e recua um passo, como se de fato não soubesse. Duvido muito disso considerando que ele vê a Academia como seu precioso domínio. Meu humor passa de azedo para abertamente venenoso.

– *Arina.* – Repito o nome da minha irmã e dou um passo na direção dele. – A pessoa que você *me forçou* a confessar que estava me ajudando a roubar suprimentos da Academia. – *Que agora eu sei que fugiu.* Mas não digo isso.

– Ah, sim. – Tanta condescendência em duas palavras. – *Você* estava roubando de *mim* e quer argumentar que sou eu que estou errado?

Não mordo a isca, permanecendo focada na minha irmã. Por sorte, parece que Kaelis não a conhecia bem o bastante para ver nossas semelhanças nos olhos ou na cor e na textura do nosso cabelo.

– Ela deveria estar no segundo ano, mas não está aqui.

Eu me pergunto se Kaelis está evitando a resposta porque seria como admitir que é possível escapar da Academia.

– Talvez as pessoas em quem você achava que podia confiar não sejam tão leais quanto imagina. Você passou muito tempo em Halazar; elas podem ter pensado que as abandonou e seguido em frente.

O jeito como ele fala isso... como se deixá-los tivesse sido minha escolha... Meu coração martela no peito e logo meus ouvidos zumbem com o sangue bombeado.

Preciso de toda minha força para não tentar socá-lo outra vez. Geralmente, eu preferiria meios mais elegantes de retaliar alguém que ameaçasse ou insultasse a mim ou as pessoas que amo. Mas como não estou armada com cartas no momento, usarei o que for preciso. Meu autocontrole está por um fio.

– Eu. Não. Abandono. As. Pessoas. – Mal consigo pronunciar as palavras com os dentes cerrados.

Um brilho nos olhos dele me faz dar um passo para trás e relaxar, erguendo meus muros depressa. A exaustão me deixou descuidada. Inepta. Mas é tarde demais. Ele é esperto demais para não perceber a raiz da minha raiva, da minha mágoa.

– Mas *elas* abandonam *você.* – As palavras são agulhas cáusticas enfiadas entre minhas costelas e nas partes mais frágeis do meu coração. O temor mais profundo que eu nunca quis que ninguém visse... muito menos ele.

Kaelis continua antes que eu possa pensar em uma réplica. – Agora, precisamos voltar ao salão principal.

Ele oferece o cotovelo.

– Prefiro comer vidro.

– Não é vidro que vai ter que comer, mas o que te servirem em Halazar. – Os lábios dele se curvam num sorrisinho. Abaixo o queixo e o fulmino com o olhar. – Vamos parar com essa atitude. Você não tem escolha, Clara. Chega de resistir.

Ele faz uma pausa para dar ênfase. Pela primeira vez, contenho a raiva e não mordo a isca da provocação. A aprovação reluz em seus olhos, como se eu fosse um animalzinho que aprendeu um novo truque.

– Agora, segure meu braço. – Cada palavra é enfatizada.

Com relutância, eu obedeço.

– Boa menina.

Eu me contenho para não fazer mais perguntas sobre Arina enquanto ele me conduz para fora. Ele não vai me dizer, e insistir mais só demonstraria minha fraqueza e lhe daria mais munição com que me tentar sem jamais ceder. Terei que descobrir sozinha o que aconteceu com ela. Com sorte, Arina conseguiu fugir e estará dando uma dor de cabeça a Ravin e seus fiscais na Cidade do Eclipse.

Kaelis faz uma pausa na porta e a tranca atrás de nós com um floreio. Há um clarão de magia, mas não reconheço a carta. O homem supôs, corretamente, que eu iria querer voltar para reunir qualquer informação possível sobre a máquina, não importando seus alertas. Ele me avalia, procurando uma reação. Não lhe dou nada.

Estamos prestes a voltar para o salão principal quando os três guardas de Halazar entram no corredor por uma porta lateral. Congelo.

– Continue andando – ordena Kaelis baixinho.

Tento, mas meus pés não se movem. Minha cabeça está a mil. O bíceps e o antebraço de Kaelis se tensionam ao redor da minha mão, como se ele tentasse me ancorar, como se pudesse sentir minha necessidade imediata de fugir de novo.

– Estou com você. – É quase reconfortante, mesmo vindo dele.

Estou prestes a perguntar se podemos tomar qualquer outra rota quando os guardas se viram na nossa direção. Savan me encara de novo, mas dessa

vez não posso fugir. Kaelis dá um passo à frente e não tenho escolha exceto seguir rumo à minha própria morte.

– *Você.*

É tudo que o guarda de Halazar diz antes de correr na minha direção.



CAPÍTULO 13

O braço de Kaelis se tensiona ainda mais, e ele transfere o peso do corpo com um passo. É sutil, mas sinto a mudança como uma sombra protetora deslizando sobre meus ombros. Ele anda um pouco à minha frente, enfiando-se entre mim e Savan, mas seu semblante está calmo. De cada fio de cabelo roxo-escuro ao lustro reflexivo das botas, Kaelis emana uma aterrorizante aura de controle.

– Concluíram a revista?

– Eu diria que sim. – Savan para quando está perto o bastante para que eu veja os anéis amarelos em seus olhos castanhos, quase felinos na luz baixa. – Prendam a condenada – ordena aos dois guardas que o cercam, homens que não reconheço.

– Condenada? – Kaelis olha de volta para mim, e vejo um lampejo de divertimento dançando em seus olhos, que é substituído por confusão quando ele se vira para Savan de novo. As palavras do príncipe transbordam indignação. – Senhor, ela é o último membro remanescente do Clã do Eremita e minha noiva recatada.

– Noiva? – Savan quase balbucia.

– Sim. Seria bom que o senhor se lembrasse disso antes de fazer

acusações tão infundadas contra ela, me ofendendo profundamente. – O tom de Kaelis é mais gélido que o inverno.

O olhar de Savan dispara entre nós. A confusão estampa suas feições, que logo se transforma em raiva e frustração.

– Essa criatura...

Antes que ele possa terminar, uma carta parece se materializar do nada, pairando bem diante do nariz de Savan, envolta em um gradiente agourento de magia. A carta gira devagar, e imediatamente reconheço o Cavaleiro de Espadas.

– Esta é minha futura *esposa*, a mulher que se tornará princesa do seu reino. Escolha suas próximas palavras com cuidado. Eu te garanto que ter a garganta cortada não é uma experiência agradável.

Kaelis é tão convincente que perco o fôlego quando ele solta minha mão, que segura o interior do seu cotovelo. Ele me envolve com o braço, me puxando para perto. Desequilibrada, eu me firmo com uma das mãos no peito dele. Tomo uma decisão e me inclino ainda mais para perto a fim de parecer que me sinto segura e protegida ao seu lado. O movimento esconde os pequenos tremores que sua proximidade causa. Por um segundo desconcertante, eu me comprometo com a farsa; sou quem ele diz que sou, e Kaelis, o príncipe de Oricalis, nascido do vazio, realmente é meu amado escolhido pelo destino.

– Alteza... – Savan tem dificuldade para encontrar as palavras. A raiva que sente por mim luta contra seu instinto de autopreservação. – Não sei quais mentiras ela teceu ou como o enfeitiçou, mas...

– Você ousa alegar que eu, um príncipe de Oricalis, poderia ter sido "enfeitiçado" ou enganado de alguma forma? Ousa insultar minha inteligência e minhas habilidades?

– Claro que não. Porém...

Kaelis não dá espaço para Savan se explicar. Percebo que estou adorando a cena, mas mantenho a expressão de choque e confusão.

– Então o que está tentando alegar, Savan? Que ela é uma fugitiva de Halazar, embora eu tenha dito que não? Você esquece o seu lugar. A Academia Arcana é o meu domínio, e ela é uma iniciada sob minha supervisão. E minha futura esposa. – Kaelis olha para mim e seu cenho se suaviza com adoração, uma expressão que tento imitar. Seu rosto endurece de novo quando se vira de volta para Savan. – A não ser que tenha provas

irrefutáveis do contrário, sugiro que abandone essa acusação e vá embora. Estou farto de suas tentativas de contornar minha autoridade.

Savan desanima. Os outros dois guardas continuam congelados ao seu lado, claramente sem saber o que fazer. O Cavaleiro de Espadas continua pairando diante dele, agourento.

– Eu só queria servir à Coroa.

Kaelis se inclina para a frente bem de leve e sussurra:

– Eu sou a Coroa.

Savan abre a boca para protestar. Está escrito na cara dele. Todos podemos sentir. As palavras não ditas – *não, não é* – pairam no ar. Kaelis é o segundo na linha de sucessão. Seu pai, Naethor Oricalis, é a Coroa. O próximo é o primogênito, Ravin. Mas aqui, agora... só há Kaelis e o poder imenso em suas mãos, parado nos corredores de pedra que são seu domínio exclusivo.

Savan tem o bom senso de não objetar mais. Ele dá um passo para trás, afastando-se de Kaelis e de mim – e do Cavaleiro de Espadas que ainda gira, ameaçador, na sua frente.

– Perdoe-me, Alteza. Parece que, em meu zelo para perseguir a fugitiva, eu me enganei. – Cada palavra é relutante, e não consigo impedir o sorrisinho satisfeito que curva meus lábios. Os olhos de Savan pousam nos meus ao ver minha satisfação. Rapidamente viro a cabeça para Kaelis, tentando esconder a expressão. – Porém, se eu encontrar provas, Vossa Alteza será o primeiro a quem as mostrarei, a fim de defender a honra da Coroa.

– Faça isso. Agora, saia da minha Academia antes que minha hospitalidade se esgote de vez.

Savan se atreve a me lançar um último olhar fulminante de esguelha, depois dá meia-volta e se afasta, gesticulando para que os outros o sigam.

O Cavaleiro de Espadas flutua de volta para o casaco de Kaelis, encaixando-se num bolso invisível.

– Viu? – pergunta o príncipe, atraindo minha atenção. Ele assoma sobre mim de novo, o braço ainda apertado ao redor da minha cintura, de alguma forma mais forte do que qualquer grilhão de Halazar. – Eu sou o único que pode te defender.

Eu me remexo, desvencilhando-me. Dou a ele um olhar frio, mas não digo nada. O príncipe Kaelis está me defendendo – é algo inimaginável. Não

posso negar isso, depois do que aconteceu, mas sei que não devo pensar que ele sente qualquer compaixão por mim. Esse foi o homem que me deixou apodrecer em Halazar por um ano... só para me tirar das profundezas do abismo quando tinha uma utilidade para mim.

Ele é realmente detestável.

Kaelis segura meu queixo e me força a erguer o rosto. Ignoro a dor das queimaduras. Ele inclina a cabeça de leve para o lado, fazendo mechas caírem sobre seu rosto.

– Sim, eu gosto dessa expressão.

Deixo meu olhar ainda mais feroz, e os olhos dele brilham mais forte de prazer.

– Sua tenacidade servirá a nossos propósitos. – *"Nossos", como se tivéssemos um propósito mútuo...* – Mantenha esse fogo aceso, Clara. – Ele me solta e se afasta um passo, gesticulando casualmente para a direita. – O salão principal é por aqui. Vou me certificar de que os lacaios de Glavstone saiam daqui ou vou esfolá-los vivos, o que me agradar mais.

As botas de Kaelis estalam no corredor enquanto ele parte. Sigo na direção oposta, rumo ao salão principal. A sensação da mão dele sobre mim quase me faz regurgitar o jantar pesado. Caminho mais rápido, como se pudesse escapar do toque dele, mas o príncipe é vivo nesta fortaleza; ela vive e respira sua presença. Não há lugar para fugir que não me lembre do meu dilema atual.

Ainda assim, minha pressa é útil – retorno na hora certa. Meros minutos depois de entrar discretamente e me juntar aos alunos e iniciados, o professor Thornbrow vai para a frente do salão, parando no centro da mesa de docentes.

– Iniciados, sigam-me. Vou levá-los aos dormitórios e explicar suas acomodações para o primeiro ano.

Thornbrow nos conduz porta afora até uma nova passagem. Outra vez fico maravilhada com a dimensão desse lugar, especialmente quando o corredor estreito logo se abre para uma grande estufa interna – um lugar que reconheço de quando Kaelis me trouxe da torre dele. Exceto que, desta vez, estou dois andares acima.

Não que tenha muito tempo para analisar esse fato já que Luren se materializa ao meu lado.

– Você perdeu toda a emoção – diz ela.

– *Por que* você perdeu a emoção? – pergunta Kel.

Está do lado da amiga, como ficou a noite toda, e me examina com os olhos semicerrados.

– Você não viu? Ela foi atrás do diretor Kaelis. O noivo dela, se o que os alunos estão dizendo for verdade – diz Dristin, aparecendo à minha esquerda.

– É verdade, então? – Luren está empolgada demais com isso. – Você vai mesmo se casar com o príncipe Kaelis?

– Disseram que o próprio príncipe anunciou – comenta Kel.

– Eu vou... Vamos. – Forço um sorriso, pensando nos guardas de Halazar. Em Kaelis parado entre mim e eles. Até conseguir achar uma saída daqui, todos têm que pensar que o amo. – Qual foi a "emoção"?

– Guardas de Halazar estavam aqui. – Dristin tira os óculos, limpando-os na camisa. – Parece que alguém escapou da prisão.

– Não acredito. – Kel balança a cabeça. – *Ninguém* escapa de Halazar.

– É por isso que seria tão fabulosamente escandaloso se fosse verdade – comenta Sorza, atrás de mim. Todos olhamos por cima dos ombros e abrimos espaço para ela, que coloca uma mecha do cabelo preto sedoso atrás da orelha. – Imagine quão poderosa a pessoa teria que ser para fugir de lá. – Não consigo me livrar da sensação de que Sorza está olhando bem para *mim*.

– Ou bem conectada – acrescenta Dristin.

– Espero que encontrem a pessoa logo. Deve ser alguém perigoso se estava em Halazar. Com certeza não iríamos querer que caminhasse livre por aí.

Tento soar como todos os nobres que já odiei, ignorando quantos Arcanistas inofensivos são enviados a Halazar para apodrecer junto com os verdadeiros criminosos.

– Pelo menos não temos que nos preocupar com nada por aqui. O príncipe Kaelis nunca permitiria que nada acontecesse no território da Academia – comenta Dristin.

Ele parece aliviado por isso. Já eu sinto as entranhas se contorcendo e a cintura quente no ponto em que a mão de Kaelis me segurou.

Enquanto caminhamos, ouço um burburinho entre os outros iniciados sobre o fugitivo e os guardas de Halazar. *Nenhum deles poderia saber*, tento me tranquilizar, embora sinta que um alvo enorme está pintado nas minhas

costas. Temo a cada passo revelar que não sou quem digo ser. *Preciso convencer todos eles de que sou a noiva de Kaelis.*

Somos levados a uma sala espaçosa, com estantes de livros e mesas de jogos. Cadeiras estão reunidas diante de quatro lareiras, à direita e à esquerda. Em cada canto há uma escadaria, o arco acima do patamar portando o emblema circular de uma das quatro casas, idêntico ao que os alunos usam ao redor do pescoço. Do lado oposto da entrada, no centro da parede, há uma quinta escadaria sem nenhuma marcação.

– Esta é a área comum para todas as casas. Cada Casa tem o próprio dormitório, como indicado. – Thornbrow gesticula com a mão aberta para cada um dos quatro arcos. Os movimentos do professor são tão rígidos e precisos que me pergunto se ele já foi um Stellis ou, pelo menos, um fiscal na cidade. O cabelo cortado rente nas laterais e curto no topo me passa uma impressão similar. – Vocês não têm permissão de entrar no dormitório de uma Casa sem ser um membro dela. Seus dormitórios atuais, como iniciados, ficam daquele lado. São duas pessoas por quarto enquanto forem iniciados. Vocês verão que seus pertences já foram trazidos.

Pertences... Eu não tenho nada, mas me pergunto quem carregou as bagagens. Faria sentido que a Academia Arcana tivesse criados e outros funcionários, e havia alguns no salão. Imagino se eles escolheram estar aqui ou se foram obrigados. Minha mente volta para os Arcanistas marcados.

– Lá, vocês também encontrarão suprimentos para suas aulas, que começam amanhã. Eles foram concedidos pela graça da Coroa, então demonstrem gratidão ao diretor na próxima vez em que o virem. Vocês receberão mais informações sobre o currículo deste ano e o que será esperado de vocês na primeira aula. Por favor, sigam para lá ao soar do sino. Atrasos não serão bem vistos. – Thornbrow já parece impaciente. Suspeito que a maioria dos professores e alunos não vê grandes motivos para se envolver emocionalmente conosco quando sabe que cerca de um terço de nós vai sumir dentro de duas estações. – Alguma pergunta?

– Senhor – fala uma mulher com cabelo louro-claro mais prata que dourado.

Tem olhos cor de mel e pele branca, mas não extremamente clara. Quando Thornbrow se vira para ela, a mulher une os dois punhos na lombar, endireitando as costas em uma continência. O broche sobre seu seio esquerdo brilha na luz ambiente dos lustres de cristal acima. Um feixe de luz

desce brilhante junto a um raio que atinge uma torre desmoronada. *O Clã da Torre.* Os generais da milícia Oricalis, líderes dos Stellis.

– Fale.

Thornbrow se remexe, desconfortável; as mãos estremecem, como se estivesse se controlando para não fazer uma continência similar de volta. Isso, combinado com seu tom... ele é do Clã da Força ou da Torre. Tenho quase certeza.

– Quais são as regras quanto ao resto da Academia, além dos dormitórios? Há alguma outra área que temos ou não permissão de visitar?

Thornbrow dá um sorrisinho, como se sentisse algum tipo de prazer ou divertimento particular com a pergunta.

– Vocês todos são maiores de idade, capazes de se conduzir de maneira apropriada. Se houver um cômodo em que não devem entrar, estará indicado, trancado ou barrado. O uso de cartas é permitido dentro da Academia, mas saibam que vocês serão adequadamente responsabilizados por quaisquer danos ou riscos causados a outros. Os Arcanistas são valiosos para a Coroa, e não será aceito nenhum dano às posses reais sem uma causa legítima.

Mesmo não marcados, somos ferramentas, ainda que ferramentas um pouco mais bem conservadas. Porém, noto que ele especificou "causa legítima". Soa... intencionalmente... vago.

– Com isso, recomendo que todos vocês tenham uma boa noite de sono. Seu trabalho de verdade começa amanhã.

E o professor vai embora.

Não perco tempo e já sigo para os dormitórios. Outros seguem meu exemplo. Alguns permanecem na sala comunal, sem dúvida na intenção de obter a simpatia de diferentes casas, aguardando até que os estudantes voltem do salão principal.

Subindo a escada há outra área comunal menor, claramente só para os iniciados. Um longo corredor se abre dela, com quinze portas. Quase todas têm dois nomes, o que significa que eles só podem aceitar trinta iniciados por vez. A não ser que reconstruam esse corredor conforme a necessidade durante o jantar. Não seria impossível, com a combinação certa de cartas...

Encontro a porta com meu nome. Está embaixo de outro: Alor. Torço sombriamente para ela ser iluminada logo; não gosto muito de compartilhar meu espaço.

Mas, por ora, estou sozinha. E vou aproveitar ao máximo.

Kaelis não parece saber o significado de "limites" quando se trata de decoração. Só os adornos de uma das salas da Academia poderiam sustentar uma família na Cidade do Eclipse por um ano. Os dormitórios não são exceção.

As paredes de pedra são mais polidas aqui do que no restante da instituição, e a argamassa é fina como papel, dando à parede uma aparência quase lustrosa. As paredes foram caiadas em um tom de marfim, e quartzo foi incrustado no encontro dos quatro cantos de pedra. Os cristais minúsculos refletem a luz do ambiente pelo quarto.

Duas camas grandiosas estão separadas por um tapete grosso de veludo da cor do céu noturno, bordado com centenas de estrelas douradas. As camas são entalhadas de mogno escuro, com cabeceiras altas decoradas com uma treliça de galhos reluzentes e folhas douradas. Lençóis de linho e seda envolvem o colchão nos mesmos tons escuros e coloridos do tapete embaixo deles. O edredom é macio como um travesseiro.

Entre as duas camas, ao longo da parede dos fundos e embaixo da enorme janela, ficam duas escrivaninhas entalhadas de modo igualmente hábil. Seu motivo de hera revestida de ouro é carregado sobre as superfícies e ao redor dos arcos dos dois guarda-roupas colossais ao pé das camas. A curiosidade me faz seguir na direção do que tem meu nome gravado na frente.

Perco o ar quando abro as portas. Dentro, há um sonho de moda – trajes perfeitos para uma nobre recém-ascendida. Há sedas escuras, leves e aeradas, em contraste com os couros pesados. Linho e veludo. Calças e saias e vestidos. Cada tecido desliza por meus dedos como moedas das palmas. *Só de vender esse guarda-roupa eu poderia equipar um punhado de Arcanistas fugindo da Marcação para o deserto além das montanhas...*

Fecho as portas bruscamente e abaixo a cabeça. Combato um impulso perverso de agarrar os tecidos, descer correndo até a sala comunal e jogá-los no fogo.

A raiva vale pouco se não for canalizada. Eu disse isso a Arina muitas vezes, como nossa mãe falou para mim. Devo acatar seu conselho agora mais do que nunca. Já ignorei mais do que alguns dos conselhos dela. Halazar comprometeu meu autocontrole e meu bom senso, duas coisas que preciso recuperar o quanto antes.

As roupas não vão ajudar ninguém se forem destruídas. Mas, se ficar com elas, posso me encaixar melhor aqui até poder levá-las para fora.

Mentir. Sobreviver. Resistir.

Solto um suspiro de resignação, então tiro as roupas depressa e visto uma calça e uma camisa de seda. Mesmo com o estômago estufado com tanta comida e de ter resmungado por toda aquela abundância após um longo período de fome, preciso apertar a cordinha da calça mais do que gostaria.

Sou atraída para o outro guarda-roupa. ALOR está escrito em prata, piscando para mim na luz baixa. Olhando por cima do ombro para a porta do quarto, abro o guarda-roupa e dou uma espiada.

As roupas são todas em tons de cinza. Espadas bordadas descem por mangas e circulam punhos. Há pequenos raios no lugar de botões. Todas as minhas suspeitas são confirmadas quando vejo o símbolo da Torre.

Claro que Kaelis me faria dividir o quarto com alguém do clã que fornece os cães da família dele. Fecho as portas, com o estômago embrulhado, e vou até as escrivaninhas.

Presumo que a da direita é a minha, assim como a cama, já que é o lado do meu guarda-roupa. A gaveta de cima desliza sem esforço, e solto um ruído entre um arquejo e um gritinho de prazer.

Há um suprimento de implementos arcanos lá dentro: pós cintilantes e potes de tinta de cristal e canetas de pena de águia e outras entalhadas de pedras preciosas. Elas brilham na luz das lamparinas penduradas sobre as mesas, como pequenos pretendentes piscando para mim.

– Meus únicos amores – garanto a eles.

A gaveta seguinte tem ainda mais pós e canetas e penas. Puxo a cadeira e a gaveta estreita no centro e encontro o papel que estive procurando – já pré-cortado no tamanho de cartas. Um verdadeiro luxo. Não os restos roubados que geralmente tenho que brigar para obter e redimensionar pessoalmente. Ou nos quais só espremo e retorço a pintura para fazer caber.

Porém, o que atrai meu olhar é um envelope no topo das pilhas de papel na gaveta, bem no meio, tão preto que parece absorver a luz. Sei de quem é mesmo sem abrir e considero brevemente ignorá-lo ou jogá-lo fora, mas a curiosidade vence.

Abro o envelope com a ajuda de um abridor de cartas prateado e tiro o

papel fino de dentro. Em uma caligrafia espremida e elegante que certamente pertence a Kaelis estão as palavras:

Espero que esteja do seu gosto. Agora me mostre do que minha noiva é capaz.

Não consigo pintar um Ás de Paus rápido o suficiente para incinerar o bilhete. Vou mostrar a ele do que sou capaz, sim. Aqui, na privacidade do meu quarto, ninguém vai saber que eu já pinto e lanço *todos* os Arcanos Menores com facilidade. Vou construir meu próprio baralho. Minhas armas. Não serei pega desprevenida e desarmada outra vez.

Não confio em nenhum dos outros iniciados, nem por um segundo. Eles não são o meu pessoal.

Meu pessoal está além dessas paredes altas e dos penhascos açoitados pelo vento. Estão na Cidade do Eclipse. Arina encontrou um jeito de sair da Academia e, quando recuperar as forças, eu farei o mesmo.



CAPÍTULO 14

Na manhã seguinte, acordo como se estivesse num sonho. O colchão macio me envolve, o edredom de penas me sufoca. Eu criei um ninho quente usando todos os travesseiros e, por um bom minuto, amaldiçoo a luz cinzenta da aurora.

Atrás das pálpebras, estou em um lugar e época diferentes. Mamãe afasta com gentileza o cabelo do meu rosto, plantando um beijo na minha testa antes de ir à Descida. Todos os não Arcanistas em Oricalis são obrigados a trabalhar cinco anos nos locais de colheita para reunir recursos para os moinhos, a não ser que paguem 1 regill – uma soma que a maioria das pessoas nunca vê ao longo da vida, exceto os nobres. Não se apresentar ao trabalho é crime passível de morte. Ela já tinha pagado seu tempo à Coroa, mas, quando o dinheiro acabou, concordou em ir pela segunda vez. Cada período subsequente rende 1 regill, *se* for completado. Poucas coisas pagam melhor do que trabalhos que colocam a pessoa em risco de morte.

Cuide de Arina, sussurra ela, *e eu volto para casa depois que o sol se pôr. Amo vocês.*

Obrigo-me a abrir os olhos ardentes e piscar para a parede branca como osso. O colchão no meu quarto velho cheirava ao feno úmido dentro dele.

Os cobertores eram de lã. O quarto em si era parcialmente subterrâneo, então nunca recebia luz suficiente, e as paredes vazavam gotas pesadas de condensação pelo mesmo motivo. Mas eu me sentia tão aconchegada na Casa da minha família quanto estou agora. Mais, até. O que eu não daria para voltar...

Costumamos achar que apreciamos o que temos até isso ser tirado de nós... daí nos perguntamos se chegamos a estimá-lo o suficiente.

Emergir do casulo quente da cama e das lembranças exige um esforço considerável. Faz séculos que não durmo confortavelmente e acho que poderia passar o dia todo aqui, mas não vou chegar atrasada no meu primeiro dia. Girando os pés para fora da cama, faço uma pausa quando vejo minha colega de quarto.

Alor é uma silhueta suave sob o edredom. Seu cabelo platinado, prateado na luz cinzenta matinal, é um halo ao redor de sua expressão tranquila. Mesmo dormindo, ela possui uma graciosidade quase sobrenatural.

Eu a ouvi entrar ontem à noite. Já era madrugada, mas não consegui cair num sono profundo até saber que ela estava no quarto e não ia me apunhalar enquanto eu dormia. Talvez ela partilhe desse sentimento e esteja só fingindo. Quando me levanto, avisto uma centelha prateada – o cabo de uma adaga espiando do topo do edredom, com o punho dela cerrado ao redor.

Um sorrisinho amargo cruza meus lábios. Eu tinha bons motivos para me preocupar.

Caminhando descalça sobre o tapete grosso e a pedra fria, abro o guarda-roupa. Usando a porta gigante como um biombo, eu me enfio ali dentro e me visto depressa. A vulnerabilidade que sinto ao estar nua é arrebatadora. Halazar podia ser um lugar esquálido, mas pelo menos a esqualidez da cela em geral fornecia privacidade.

Seleciono uma calça escura e rígida de algodão com cintura alta e uma camisa de seda prateada com mangas bufantes. Afixo um coldre ao cinto largo de couro que prendo ao redor da cintura e que é mantido no lugar por uma faixa que circula minha coxa. Jogando uma bolsa transversal sobre o corpo, retorno à escrivaninha, de onde coleto um conjunto de suprimentos básicos e a pilha baixa de cartas que pintei ontem à noite. Os primeiros vão na bolsa; as segundas, no coldre. Eu não deveria ter nem metade das cartas

que pintei, mas é um risco calculado, já que não vou dar nem mais um passo nesse lugar desarmada.

Antes de sair, dou mais uma olhada em Alor. Ela ainda não se moveu. Sua respiração está perfeitamente regular. Duvido muito que esteja dormindo, mas não digo nada.

A área comunal das casas está agitada quando desço. Os estudantes não têm um uniforme oficial, então vestem uma gama tão diversa de roupas elegantes quanto na noite anterior. O único elemento consistente dos trajes é um medalhão trazendo o símbolo da Casa a que pertencem.

O medalhão de cada Casa é forjado de um metal diferente. Os de Espadas são de um metal escuro e opaco de um tom mais leve que o ferro – que lembra a liga do brasão da família Oricalis de Kaelis. Os de Paus têm um tom enferrujado com um redemoinho cinza-escuro. Os de Ouros são de ouro. E os de Copas são quase translúcidos, feitos de um material vítreo cristalino.

Os únicos diferentes são a realeza das casas, que também trazem um broche indicando seu status.

Os estudantes se movem em bandos, em geral se atendo à companhia dos outros membros de sua casa. Os iniciados estão espalhados pelo recinto. Não houve instruções muito claras sobre o que deveríamos fazer esta manhã – além de seguir para a aula quando o sino tocasse –, então imagino que todos os outros iniciados estejam, como eu, seguindo o exemplo dos estudantes.

Lançamos olhares cautelosos uns aos outros. Cada peito com medalhão é praticamente um alvo.

O grande salão já está cheio quando chego. As mesas praticamente rangem sob o peso da comida disposta sobre elas. Novamente, fico pasma com a variedade de ofertas e não perco tempo em encher meu prato com nacos de presunto caramelizado e uma grande pilha de biscoitos que soltam um vapor de dar água na boca quando são separados. Meu estômago já está protestando contra toda essa comida, mas quanto antes se acostumar à alimentação sólida e livre de larvas, melhor.

– Bom dia, Clara – cumprimenta Luren, alegre, quando se senta ao meu lado, alheia a meus pensamentos sombrios sobre meu tempo em Halazar.

Como sempre, Kel vem do lado dela. Sorza e Dristin ainda não chegaram, pelo visto.

– Bom dia – respondo, retribuindo a simpatia, embora um tanto confusa com o tom dela. Quero dizer: *não somos amigas*. E, julgando pelo olhar de Kel, ela pensa o mesmo. Mas o sorriso luminoso de Luren mantém nós duas em silêncio.

– Dormiu bem? – pergunta ela.

– Bem o bastante. – Tomo um gole de chá.

– Como poderia não dormir bem em uma cama dessas? – comenta, sonhadora.

– Ela provavelmente está acostumada, sendo uma nobre e tal. – As unhas de Kel correm pela borda da xícara, como se estivesse tentando resistir a cerrar os punhos em frustração.

– Ah, é. Esqueci quantos nobres tem aqui. – O olhar de Luren fica um pouco triste.

– Eu só descobri a verdade sobre minha linhagem recentemente. – Não sei por que me sinto tão impelida a tranquilizá-las. – Suspeito que nossa criação não foi tão diferente pela maior parte da vida. – Apesar da minha intenção, elas não ficam menos nervosas. Decido mudar um pouco de assunto, com sorte em uma direção que vá enfatizar nossas semelhanças. – De onde vocês são?

Não são da Cidade do Eclipse – foi a impressão que tive depois de alguns comentários dela.

– Grifton – responde Luren prontamente, confirmando minhas suspeitas.

– Você não tem que responder tudo que ela pergunta – murmura Kel, jogando dois cubos de açúcar no chá.

– Não vai nos matar ser simpáticas. – Luren revira os olhos.

– Talvez mate. – Kel ainda não me encara.

Grifton é uma pequena comunidade dentro das fronteiras do Clã dos Amantes, situada entre as casas de celulose que fabricam papel para cartas e a estrada principal. Fica logo ao norte da Cidade do Eclipse, além das montanhas e colinas que circundam a cidade. Está a cerca de um dia de viagem da estrada principal e não é frequentada por ninguém além de mercadores e os Stellis que vão coletar papel.

Só sei disso porque uma vez mandei para lá um Arcanista que alegava ter família na cidade. Em geral, tento sempre mandar os Arcanistas para a fronteira na borda ocidental mais distante do deserto, mas a pessoa insistiu.

Grifton está sob a supervisão do Clã dos Amantes, o mais negligente de todos, o que mantém a cidade livre dos fiscais encontrados em cidades controladas pela Coroa. Um lugar onde um Arcanista, se tiver sorte, pode fugir do Cálice e da Marca, e construir algo parecido com uma vida em paz... contanto que mantenha seus talentos sempre ocultos.

Apesar de saber tanto sobre a cidade, pergunto:

– Grifton é longe daqui?

– Cerca de um dia, talvez dois, da Cidade do Eclipse. – Luren rola uma salsicha no prato. – Perto o bastante para parecer que não demorou nada para chegar aqui, mas longe o bastante para ser outro mundo.

– Conheço a sensação.

As Montanhas Estéreis criam um muro praticamente impenetrável. Como resultado, poucas pessoas entram e saem da Cidade do Eclipse. Além disso, cada região de Oricalis tem as próprias particularidades. Cada clã nobre tem suas terras, supervisionadas em nome da Coroa, e um propósito correspondente à sua casa, tornando os domínios dos Altos Lordes e Altas Damas quase pequenos reinos. Eles só não podem pensar em si mesmos assim... ou arriscam o destino do Clã do Eremita. Só a Cidade do Eclipse e a capital, Coração do Destino, estão sob controle direto da Coroa e não de um clã nobre.

– De onde você vem? – Luren olha para mim por trás dos longos cílios, no meio de uma mordida.

– Da Cidade do Eclipse.

– Que sorte não ter que viajar para vir até aqui. Deve ser mais fácil se acostumar com esses maldi... quer dizer, *prestigiosos* salões – diz Kel, corrigindo-se com um muxoxo.

Estou começando a suspeitar que sua hostilidade não é pessoal e seu humor está azedo por causa desse lugar. O que me faz gostar mais dela.

– Esta *não é* minha Casa – insisto. Isso a faz me encarar, pela primeira vez sem nenhum tipo de ceticismo ou desprezo. – A Cidade do Eclipse não é a Academia Arcana. Fui *obrigada* a estar aqui tanto quanto você.

– Obrigada? – Luren pausa e come o café da manhã, e espero que faça a pergunta que claramente quer fazer. Kel dá o mesmo espaço à amiga. – Mas não está feliz por ficar junto do seu amado príncipe?

Merda, ela tem razão. Não posso ter muito rancor de Kaelis e do domínio dele...

– Ah, claro que isso é maravilhoso. Sou muito sortuda. – Dou uma mordida grande e mastigo devagar a fim de ganhar tempo para organizar os pensamentos. – É só que eu queria poder pular a parte de ser iniciada e estudante e passar logo para nossa vida juntos. – Eu me obrigo a dar um sorriso convincente.

– Consigo imaginar. – Luren parece acreditar em mim.

Kel não. Ela continua a me espiar por trás do cabelo cor de cereja jogado para um lado e cobrindo metade do rosto. Seu ceticismo é perigoso. Não posso arriscar que alguém pense que não sou exatamente o que Kaelis alega – caso contrário, os guardas de Halazar podem não ir embora tão rápido da próxima vez.

– Ser aceita no Festival do Fogo no último minuto porque estava ocupada descobrindo sua linhagem perdida do Clã do Eremita, revelada a você pelo príncipe que destruiu o clã, mas por quem você se apaixonou mesmo assim... – Luren dá um suspiro sonhador. – É um romance épico.

Arqueio as sobrancelhas.

– Você ouviu todos esses boatos em uma noite?

– As pessoas aqui... a maioria delas, pelo menos... não prestam atenção em gente como nós. – Luren aponta entre si mesma e Kel. *Plebeia, não nobre*, é o que ela quer dizer. Me seguro antes de expressar o fato em voz alta.

– Podemos estar ao lado, mas o olhar deles passa direto por nós, como se fôssemos invisíveis – acrescenta Kel.

Elas têm razão, e teria sido minha abordagem... se Kaelis não tivesse arruinado essa chance para mim ao me apresentar do jeito mais escandaloso possível.

– Acho que poderíamos nos ajudar – comento.

Eu não vou conseguir me misturar na multidão, mas elas, sim.

– Como? – pergunta Luren, parecendo curiosa.

– Não sei se queremos sua ajuda. – Kel cutuca a amiga e lhe lança um olhar penetrante.

O quê?, faz Luren com a boca.

Kel revira os olhos.

Quando estou prestes a fazer minha proposta, uma mulher se aproxima de nós. Eu a reconheço imediatamente pelo broche – mas também pelos

olhos, o formato do rosto e o tom prateado do cabelo, embora o dela esteja cortado curto, na altura do pescoço.

Malditos sejam todos os Vinte Arcanos Maiores... minha colega de quarto é parente da Rei de Espadas. Arina mencionou que é melhor não comprar briga com a Casa de Espadas. E cá estou eu, com a própria Rei pousando os olhos em mim.

– Clara – diz ela, alongando meu nome. – Ouvi dizer que você chegou à Academia como uma pintora e tanto.

Mordo um biscoito, mastigando com calma para mantê-la esperando e sustentando seu olhar com firmeza.

– E quem poderia ter dito isso a você? – pergunto por fim.

Eu sei quem. Só *uma* iniciada ou estudante até agora teria tido qualquer indicação de que já pintei, mas quero ouvi-la responder.

Ela dá de ombros, despreocupada, e puxa a cadeira na minha frente, sentando-se com uma graça tranquila. Todos os outros iniciados à mesa do café se afastam e se concentram em outras conversas, intimidados pela mera presença dela.

– Ouvi dizer por aí.

– Ouviu dizer da sua... irmã? – arrisco um palpite.

O lampejo nos olhos dela, um olhar duro – breve, protetor e tão mortal quanto uma adaga –, me diz tudo que preciso saber.

– O meio-coldre na sua coxa revela mais do que qualquer boato.

As conversas na mesa cessam de vez.

Dou de ombros.

– O que tem ele?

– É muita pintura para uma iniciada fazer em uma noite.

– Como você sabe que estão pintadas? – Eu me inclino para a frente, apoiando o queixo na palma. – Podem ser cartas brancas, prontas para absorver o conhecimento de nossos grandes professores aqui na escola.

– Não insulte minha inteligência. – Ela bufa e se recosta na cadeira. – Alguém que maneja cartas com a confiança que você teve no Festival do Fogo com certeza já as usou.

– Como um Rei da Academia, tenho certeza de que você está ciente de que usar cartas e pintá-las são duas habilidades completamente diferentes.

Ela faz uma careta.

– De que outra forma alguém como você teria acesso a cartas, senão

pintando-as pessoalmente?

– Você sabe tão bem quanto eu que a pintura de cartas é regulada pela Coroa, assim como a venda de materiais e cartas concluídas. Seu acesso é monitorado por cada um dos clãs nobres, restrito aos seus membros. – Deixo minha voz o mais inocente possível, como se estivesse confusa sobre o que ela está insinuando. – Como alguém feito *eu* teria cartas para praticar? Posso ser a herdeira do Clã do Eremita, mas não é como se tivéssemos um Arcanista da Corte ou bolsos fundos hoje em dia. Só descobri minha linhagem recentemente. – Deixo meu tom o mais mordaz que ouso, sem ser explícita demais.

Ela não reage.

– Ou então o príncipe forneceu a vocês todos os recursos em geral concedidos a um clã, dado seu afeto por ele.

– Está com ciúmes?

Estou genuinamente curiosa sobre a reação dela. Kaelis disse que havia mulheres que matariam para ser sua noiva, e ela parece bastante capaz de cometer um assassinato.

– Nem um pouco – desdenha ela, e eu acredito. Sem dúvida não é alguém que tenha qualquer desejo de estar ao lado do príncipe Kaelis. Esperta. – Só quero garantir que todos os iniciados tenham oportunidades iguais.

– Não é assim que essa Academia funciona e nós duas sabemos disso.

O rosto dela continua indiferente.

– Talvez você seja nobre, afinal.

Antes que eu possa responder, uma badalada ressoa pela Academia, alta e clara, cortando a tensão crescente. Os estudantes começam a se mover, a Rei de Espadas inclusa.

– Fique longe da minha irmã – diz ela, com um tom baixo e maldoso, quando se levanta. *É esse o problema.* Ela não se importa com "oportunidades iguais", se importa com Alor. – Se sequer olhar torto para Alor, a ira da Casa de Espadas vai descer tão fundo na sua goela que você vai cagar adagas, sem mencionar o que o Clã da Torre faria com você.

Com isso, ela é uma das primeiras a sair do salão.

– Ela é... enérgica – comenta Kel baixinho.

– Que sorte a minha de ter sua irmã como colega de quarto – digo, seca, e me levanto com o restante dos iniciados.

Luren nos segue, deixando o prato inacabado para trás. O meu está tão limpo que é como se o tivesse lambido. Sei que vou precisar de cada grão de comida que conseguir e mais um pouco se quiser retornar à minha força usual e fugir daqui. Kel não fica muito atrás de nós.

– Alor é irmã da atual Rei de Espadas da Academia, Emilia Ventall. As duas são filhas do Alto Lorde Moreus Ventall – informa Luren, casualmente. *Fantástico.* A herdeira do Clã da Torre agora está de olho em mim. – Elas passaram seus primeiros anos no exército da Torre antes de vir pra Academia.

– Como você sabe disso? – Olho para ela pelo canto do olho.

– Sabemos quem é parente de quem entre todos os iniciados – diz Luren, confiante. – Descobrimos ontem. Não tem muitas vagas de nepotismo esse ano.

– Não dê todas as nossas informações de bandeja para ela – censura Kel, segurando o braço da amiga.

– Eu vou descobrir rápido, de toda forma – intervenho antes que Kel possa puxar Luren para longe. Volto à minha ideia anterior. – Talvez possamos nos ajudar, enquanto estivermos aqui.

– Como? – pergunta Kel, cética.

A caminhada até nossa primeira aula é longa o suficiente para que eu exponha minha ideia por alto: elas serão meus olhos e ouvidos; em troca, vou garantir que tenham todas as habilidades necessárias para o Dia de Ouros e os Desafios do Três de Espadas. Trocaremos informações e nos ajudaremos com tarô, preenchendo quaisquer lacunas de conhecimento. Claro, vou me censurar quando necessário, mas elas não precisam saber disso.

Chegamos a uma grande oficina bem quando termino de falar. A luz entra por janelas altas e arqueadas, e dança na superfície polida de cada carteira – cada iniciado tem seu lugar. Pendurada nas paredes, há uma série de diagramas pintados sobre longos pergaminhos que quase tocam o chão. Cada um contém diagramas de símbolos dentro de molduras cuidadosamente desenhadas com linhas rígidas, todas retratadas com precisão meticulosa.

– Adoraríamos... – começa Luren.

– Vamos pensar a respeito. – Kel corta a empolgação da amiga e começa a puxá-la para longe.

– Isso, pensem – digo para as costas delas. – Somos mais fortes quando cuidamos umas das outras.

E o valor real da minha oferta se tornará aparente quando minhas habilidades tiveram a chance de brilhar nas aulas.

Kel lança mais um olhar cético para mim e leva Luren até duas carteiras algumas fileiras para trás e para o lado de onde estou. Eu nunca me senti tão... isolada. Os nobres abrem caminho ao meu redor e me lançam olhares secos. Os plebeus me fitam com desconfiança.

Contenho um suspiro.

– Esse lugar está ocupado? – Dristin aponta a carteira ao meu lado.

Eu nem o ouvi se aproximar.

– Não.

– Excelente – diz ele, e se senta.

Um movimento à esquerda me faz virar a cabeça nessa direção. Sorza ocupou a outra carteira ao meu lado. Ela me dá um olhar breve, com um sorrisinho cruzando os lábios, mas não diz nada.

Eles não são seus amigos, me alerta uma voz. Mas poderiam ser. Penduro a bolsa na carteira e não perco tempo enchendo as gavetas com os suprimentos que trouxe. A empolgação toma meu corpo. Apesar de todas as perguntas que ainda tenho, de tudo que devo fazer, não posso negar que estou empolgada com a oportunidade de aprender a abordagem de pintura da Academia – ainda mais com um acesso aparentemente ilimitado aos melhores suprimentos.

A professora caminha até a frente da sala, posicionando-se diante de uma mesa comprida. Sua pele negra mal tem rugas, apesar da idade revelada nos olhos castanhos. Seu cabelo preto como tinta está intricadamente trançado e cai sobre os ombros, decorado com pequenos amuletos de prata cujos símbolos não consigo distinguir de onde estou. Ela usa um vestido esvoaçante de seda cor de safira, acentuado por um cinto de couro flexível.

– Bem-vindos, iniciados! – Ela tem uma voz mais gentil do que eu esperava. Firme, mas calorosa. Se tivesse que adivinhar, diria que foi de Ouros no seu tempo da Academia. – Sou lady Raethana Duskflame, professora chefe de pintura. Vocês podem me chamar de lady ou professora Duskflame. Seu primeiro ano na Academia será dividido igualmente entre os três aspectos da magia de tarô: pintura, lançamento e leitura. Cada um corresponde a um teste diferente durante os Desafios do Três de Espadas no

inverno. Por quatro horas, a cada manhã, vocês receberão orientações guiadas sobre um desses tópicos.

Ela faz uma pausa e continua:

– Depois do almoço, terão a oportunidade para estudo independente, quando vão treinar o que aprenderam antes de seus testes de inverno. Os professores desses tópicos ficarão disponíveis em suas respectivas salas, contíguas a nossas salas de aula, se precisarem de instruções adicionais nesse período. Nossos professores assistentes também estarão disponíveis. Alguma pergunta?

Ela se inclina contra a mesa e cruza os braços.

Ninguém diz nada.

– Excelente. Então a última questão administrativa que falta é informá-los de que as carteiras que selecionarem em cada sala serão suas ao longo do primeiro ano. Vocês podem pôr seu nome no espaço designado na frente e trancá-las usando a chave na gaveta de cima. Não se esqueçam de levar a chave e não deixem nada nelas que possam precisar para a aula de lançamento amanhã ou leitura no dia seguinte, já que serão em salas diferentes. Agora, vamos começar com o básico.

Com os detalhes fora do caminho, ela se lança em sua palestra.

Eu esperava ter uma leve vantagem nas aulas de pintura e lançamento. Tinha esperança de aprender alguma coisa, mas não contava muito com isso. Pintar é instintivo para mim, mesmo ilegal, mas as explicações dela poderiam muito bem estar em outra língua.

Tentar tomar notas só me deixa frustrada. Tudo é tão cuidadoso. Meticuloso. Não há *alma* no jeito como ela ensina. Desenhos de cartas são tratados como uma fórmula. Uma pessoa vendada, duas espadas, o mar, todos os requerimentos para fazer um Dois de Espadas são listados até os últimos detalhes. E ainda há as bordas intricadas únicas a cada naipe, para "conter o poder" da carta, sobre as quais Raethana não para de falar.

– Cada linha em sua carta deve servir a um propósito. São os canais pelos quais a magia é tanto contida como fluida – instrui ela, passando pela sala enquanto trabalhamos. Ela para na minha frente. Não me dou ao trabalho de erguer os olhos até seu ponteiro bater de leve nos nós dos meus dedos. – Limpe suas linhas, srta. Redwin, se não quiser que seu lançamento seja tão *caótico* quanto esses rabiscos bagunçados. Veja aqui...

Ela vai até um dos pôsteres que revestem as paredes, mostrando com o

ponteiro os floreios precisos.

As molduras não importam. As palavras estão na ponta da língua, mas as guardo para mim mesma. Estou mais lúcida hoje, e não vou deixar as emoções me controlarem. Não tinha percebido como meu cérebro estava latejando até fazer duas refeições e beber três garrafas de água.

– Agora vamos... – Raethana para no meio da frase. Todos se viram para ver o que captou sua atenção. Raethana curva a cabeça. – Diretor.

Mas os olhos de Kaelis estão sobre mim, transformando meu estômago numa bola de chumbo. Então ele se vira para a professora e sua expressão se torna uma máscara de simpatia.

– Perdoe-me a interrupção, professora. – Ele abaixa o queixo de leve, o máximo de deferência que se poderia esperar do príncipe. – Preciso de lady Clara Redwin.

Todos os olhos se viram para mim. Deixo um sorrisinho travesso curvar meus lábios, tentando passar a impressão de que sempre soube que isso ia acontecer. Pego a bolsa, tranco a gaveta da mesa e me levanto para ir até ele.

– Lady Redwin – interrompe Raethana, seu tom até amistoso. Faço uma breve pausa. – Já que vai perder a última hora da aula, peço que compense esta tarde.

– Ela vai passar o resto do dia comigo – intervém Kaelis.

Mal consigo disfarçar a ânsia.

O sorriso de Raethana se alarga de leve, a irritação que ilumina seus olhos se intensificando.

– Que *sorte* para uma aluna passar tanto tempo com o próprio diretor.

– Perdão, temos muito a resolver antes do casamento – informa Kaelis, deslizando o braço ao redor da minha cintura de modo protetor.

Não... faça... careta, digo a mim mesma, certificando-me de que meu sorriso não vire um esgar.

Os alunos trocam olhares tão óbvios que quase posso ler seus pensamentos. Se os boatos sobre nós já eram ruins, serão insuportáveis agora. *É melhor assim*, penso. Que os rumores corram desenfreados e convençam todo mundo – aí eles vão se cansar e eu não vou mais ter que manter essa farsa.

– Lady Redwin, por favor, me procure assim que lhe for conveniente para agendarmos um tempo para sua instrução.

– Claro, professora. – Assinto, e Kaelis me escolta para fora. Espero até

estarmos longe o bastante para que não haja risco de ninguém ouvir, e então digo: – O que você quer comigo agora?

Imagino que ele terá algum motivo frívolo, baseado num capricho principesco. Mas estou muito, muito errada.

– O primeiro príncipe de Oricalis decidiu aparecer sem aviso de novo. E desta vez quer falar com *você*.



—Comigo? Por quê?

– Eu esperava que você pudesse me dizer. – Kaelis me dá um olhar desconfiado.

– Obviamente, seu irmão e eu somos melhores amigos porque eu sou, de fato, uma nobre perdida – respondo, impassível. – Sempre nos encontramos; ele me visitava toda hora em Halazar.

Kaelis bufa e vira a cabeça na outra direção, como se não estivesse acostumado a ser desafiado quando está falando disparates.

– Bem, também não sei por que ele está aqui, menos ainda por que está chamando você especificamente.

– Que reconfortante.

Meu estômago está embrulhado, ameaçando expelir meu café da manhã.

Como resposta, Kaelis cerra a mandíbula. Por um momento, só há silêncio, exceto pelo eco de nossos passos. Então ele diz:

– Só... tome cuidado. O objetivo é tirar Ravin da minha Academia o mais rápido possível.

Tudo aqui é domínio de Kaelis, incluindo eu. Ele deixou isso bastante claro. Até o que estou vestindo... cobre todo meu corpo. O lembrete faz

minhas roupas parecerem apertadas, como se o botão de cima da camisa estivesse me asfixiando. Toda vez que o tecido roça na pele, é como se fossem as mãos de Kaelis. Contenho um arrepio.

– *Sua* Academia... – digo baixinho.

– Sim. Minha. Tudo dentro dessas paredes é inteira, completa e exclusivamente meu – fala Kaelis com um tom protetor... ou, melhor dizendo, controlador.

A discussão evapora no segundo em que alcançamos uma pesada porta de carvalho. Dois Stellis estão postados de cada lado. Kaelis não perde tempo esperando ser anunciado e entra a passos largos. Sigo um pouco atrás dele, a porta estreita demais para que entremos lado a lado. Mas a mão de Kaelis repousa na minha cintura de novo, puxando-me para perto, como se o movimento já fosse instintivo. A mesma nota protetora que ouvi em sua voz se manifesta outra vez, mas agora é dirigida a mim, como se eu fosse outra fortaleza antiga cuja posse ele reivindica.

Os olhos escuros de Ravin voam para a mão de Kaelis e depois para meu rosto. Seu sorriso se alarga calorosamente, um contraste forte com os corredores frios e a atitude ainda mais fria do irmão.

– Clara, é um prazer vê-la de novo. Algumas refeições quentes e uma boa noite de sono já a transformaram numa beldade.

Ele toma minha mão e pontua a declaração final com um beijo no dorso. É uma mudança tão grande desde a nossa última interação que não sei o que fazer.

– Vossa Alteza me lisonjeia – digo, fazendo uma mesura.

Lisonja: as palavras dele são só isso. Sei como ainda está minha aparência. As olheiras fundas sob os olhos. O cabelo opaco e sem vida depois de meses desnutrida. Até as unhas na mão que ele beija estão quebradas para além do sabugo.

O sorriso não alcança seus olhos cintilantes. Ele sabe que enxergo a mentira.

– Devo pedir desculpas pelo nosso último encontro – continua. – Eu fiquei... surpreso com a notícia do noivado inesperado do meu irmão e a revelação de um membro do Clã do Eremita ter sobrevivido à aniquilação.

Kaelis tensiona a mandíbula brevemente diante da menção ao Clã do Eremita e sua destruição. Recordo do aviso de Rewina de evitar mencionar o

massacre com o príncipe, algo que Ravin deve saber... mas com que claramente não se importa.

– É compreensível. – Mantenho a expressão educada, embora não acredite nadinha nele. – Vossa Alteza não tem por que se desculpar. Também fiquei chocada quando Kaelis me contou a verdade sobre a minha família.

– Agora que expressou seu remorso, tem algo mais a dizer antes de partir? – Kaelis corta a fachada tênue da nossa cortesia.

– Eu acabei de chegar. – Ravin continua com o sorriso plácido, mas presunçoso.

– E como exatamente conseguiu fazer isso, de novo, sem meu conhecimento? – Kaelis tenta, sem sucesso, esconder sua frustração.

– E onde estaria a diversão se revelasse? Achei que gostasse de enigmas, irmão.

– Gosto de enigmas que não envolvem invasores. – Uma veia no pescoço de Kaelis lateja. Cada palavra sai entrecortada.

– A Academia Arcana é parte da Cidade do...

– *Não*, não é – interrompe Kaelis. – Nosso pai deu um domínio a cada um de nós.

– Que ele quer que supervisionemos juntos.

O comentário de Ravin é ignorado.

– *Eu* dou a Oricalis a proteção oferecida pela fortaleza e pelos Arcanistas guardando o rio Farlum de possíveis invasores que desejariam alcançar o coração do nosso reino. O futuro dos *meus* estudantes protege nosso reino, seu comércio, seus recursos... e a sua cidadezinha.

Se Kaelis não tivesse deixado claro seu sentimento possessivo em relação à Academia tão recentemente, eu pensaria que ele é... protetor, de um jeito até amável.

– Sim, os Arcanistas se sacrificam em nome de toda Oricalis, não só por você. Assim como os clãs protegem suas próprias terras, obras e recursos. Ou os Stellis devotam a vida para defender a Coroa. – Ravin dispensa o irmão com tranquilidade. – Você não é o único responsável pelo bem-estar de Oricalis.

– Se não fosse por mim...

– Precisamos sempre brigar? – Ravin pousa o olhar no irmão e se demora. Há uma tensão em seu sorriso que trai o fato de não ser tão leve

quanto ele gostaria que pensássemos. – Eu vim aqui por um motivo, e não era discutir suas falhas de segurança.

– Então qual é o motivo? – pergunta Kaelis, rosnando as palavras com os dentes cerrados. Suspeito que preferiria perguntar sobre os detalhes dessas "falhas de segurança", se achasse que receberia uma resposta direta.

O tempo todo permaneço imóvel e calada, como se Ravin pudesse me esquecer se eu não me mover por tempo suficiente. Mas o príncipe herdeiro se volta para mim mesmo assim.

– Clara, é meu enorme prazer convidá-la a uma festa em minha residência, na Cidade do Eclipse. Sou um benfeitor das artes e, durante a criativa Estação de Paus, convido meus amigos mais queridos para experimentar o trabalho dos habitantes mais talentosos de Oricalis. Como você recentemente reivindicou seu título, devo insistir, já que seria uma oportunidade excelente para conhecer seus pares da nobreza.

A surpresa me toma, seguida por um pensamento imediato: *eu estaria fora da Academia.* E, se ele vai dar essa festa na Estação de Paus, será em breve. A mansão de Ravin fica no centro da cidade; seria fácil e rápido chegar ao Clube dos Malfadados. Então, se conseguir escapulir durante essa festa...

– Vossa Alteza tem toda razão, seria uma honra comparecer. – Agarro a oportunidade antes que Kaelis possa reagir.

No momento em que pronuncio as palavras, Kaelis fica rígido como uma estátua. Quase posso sentir a agitação enrodilhada em suas estranhas. A frustração emana dele e me atinge como ondas quebrando contra os penhascos além da fortaleza.

– *Nós* ficaremos felizes em comparecer – corrige ele. Simplesmente continuo dando um sorriso tranquilo a Ravin. – Você não pode esperar que minha noiva vá sozinha a um evento. Não sou um monstro que a deixaria ir desacompanhada.

– Claro que não, pensei que estava implícito. – Mas o jeito como Ravin fala me faz duvidar de que teria estendido o convite a Kaelis se não tivesse sido obrigado. Ou... talvez "pensei" refira-se ao fato de Kaelis ser um monstro. Contenho um sorrisinho. – Não vejo a hora. Enviarei os detalhes necessários quando os tiver. – Ele dá um tapinha no ombro de Kaelis com um sorriso quase largo e feliz demais. Kaelis praticamente não se mexe

enquanto o irmão tenta sacudi-lo. – Agora, antes que você perca toda a compostura, eu já vou. Sei onde fica a saída. Cuide-se, irmão.

Parecendo muito satisfeito consigo mesmo, Ravin vai embora. O som dos dois Stellis o segue, por fim abafado quando Kaelis fecha a porta.

Nós nos encaramos. Estou começando a pensar que não sabemos como nos olhar sem um desafio aberto ou desprezo.

– O que você tinha na cabeça para aceitar o convite dele? – Kaelis dá dois passos na minha direção e solta um ruído de asco, balançando a cabeça e virando para longe.

– Você não queria que eu interpretasse meu papel? – Jogo as expectativas dele na sua cara, sem mencionar sobre a esperança de rever meus amigos. – Comparecer a um evento social promovido pelo príncipe herdeiro parece exatamente o que o segundo príncipe, que acabou de ficar noivo, e sua noiva fariam. E ele tem razão. Se é para ser uma nobre, preciso agir de acordo.

– Não é tão simples assim – murmura ele.

– Claro que não é. – Assim que reconheço isso, Kaelis se vira de volta para mim com certa surpresa. Cruzo os braços, levemente ofendida por ele achar que não percebi as implicações óbvias do jogo perigoso que estamos travando. – Não consigo nem começar a imaginar as motivações do seu irmão ou o que ele pretende com essa festa, mas sei que o convite não é tão inofensivo. – Dou um passo na direção de Kaelis; é minha vez de diminuir o espaço entre nós, agora que sinto ter a vantagem. – Mas vou te dizer uma coisa, Kaelis Oricalis: eu *não* vou voltar para Halazar. E se isso significa que preciso convencer todo Alto Lorde e toda Alta Dama de todo clã e todos os nobres menores abaixo deles de que estou perdidamente apaixonada por você e que sou, de fato, uma herdeira perdida, então eu farei *o que for necessário.*

Os olhos de Kaelis se arregalam de leve. Ele se remexe, me encarando de novo. De alguma forma, esse pequeno movimento repuxa um fio entre nós. Por um átimo de segundo, nenhum de nós fala nada.

– Minha família é perigosa. – As palavras saem sussurradas, como se até Kaelis tivesse medo da traição deles. Como se... tivesse medo da própria família também.

– Eu sou a última pessoa do mundo que você precisa avisar sobre isso – digo, tanto o tranquilizando quanto o lembrando do meu passado. – Ainda tenho as cicatrizes.

Kaelis abre a boca, mas é interrompido pelos sinos da Academia. Eu espero enquanto os corredores começam a se encher com o barulho de estudantes – embora não saiba bem o que estou esperando. Algo nos olhos dele me fez pensar que...

Quase rio de mim mesma por esperar um pedido de desculpas do próprio príncipe Kaelis.

– Vou almoçar – anuncio.

Quando saio da sala, ele não me impede. Não que eu esperasse isso.

Os corredores se enchem de alunos do segundo e do terceiro anos saindo das salas de aula. Depois de receber um número considerável de olhares desconfiados, entro num corredor lateral e tento achar uma rota longe da multidão, debatendo qual será meu próximo passo. Eu deveria ir almoçar. Mas, enquanto todo mundo está ocupado, poderia tentar encontrar a passagem secreta de Arina. A única outra pessoa que ela mencionou ser um amigo próximo era "o homem nas profundezas". Mas não faço ideia de quem pode ser...

Não avanço muito nos pensamentos, nem no corredor, antes que um assovio atraia minha atenção para outro cômodo.

Assim que espio lá dentro, encontro olhos amarelos penetrantes. O homem está parado entre carteiras vazias. Ele dá um sorrisinho e inclina a cabeça, sua cabeleira branca platinada, quase do mesmo tom que a pele, caindo do outro lado com o movimento.

É ele: o homem da noite passada... o iniciado nobre que não parava de me encarar do canto logo após o ritual do Cálice Arcano.

– Clara. – Ele pronuncia meu nome como um convite. Suave e doce.

Hesito.

– Eu conheço você?

– Ainda não. – As fases da lua estão costuradas na manga direita dele, o símbolo do Clã da Lua. – Achei que deveria.

– É mesmo?

Algo no jeito como ele me olha faz minha mão estremecer junto ao baralho no coldre na coxa.

– Ah, certamente. Ainda mais porque eu sei tanto sobre você.

– É mesmo? – Arqueio as sobrancelhas.

– Duzentos e cinco.

As palavras me causam um calafrio. *Duzentos e cinco...* o número da

minha cela em Halazar. Uma coisa é Ravin conhecer esse número, mas esse iniciado aleatório? E para dizê-lo a mim, com um ar tão carregado, algo que nem o príncipe herdeiro fez...

– Isso deveria significar alguma coisa? – Meu tom é casual, embora cada músculo no meu corpo esteja tensionado.

– Acho que significa. Você quer saber o que aconteceu com seus colegas conspiradores enquanto estava apodrecendo, não quer?

Eu praticamente salto para dentro da sala. Assim que o faço, a porta se fecha. Não estamos a sós – há dois outros homens ali. Estendo a palma, a magia estalando, mas mãos fortes se fecham ao redor do meu pulso. Me debater contra meus captores não ajuda muito. Ainda estou fraca demais. Sem conseguir me mover para convocá-las, minhas cartas continuam no baralho.

– A garota é agitada – debocha o homem à minha direita.

– Vá em frente, Eza. Vamos ver do que o brinquedinho novo de Kaelis é capaz.

Eu me viro para Eza – o homem que me atraiu para essa sala, que sabe muito sobre mim. Ele tem uma carta em pé na palma, encaixada contra o dedo, que está curvado contra ela. Não tenho chance de ver a imagem na frente. O mundo se inclina de um jeito nauseante. Tudo vira de ponta-cabeça. O chão agora é o teto, e Eza está pendurado pelos dedos dos pés.

Pisco, tentando dissipar à força a magia que está dominando minha mente, mas cada tremular das pálpebras dura mais que o anterior.

Quando abro os olhos, por fim, encontro a escuridão quase total da minha cela na Prisão de Halazar.



CAPÍTULO 16

Meu corpo está dolorido por dormir no chão duro e minhas juntas estalam quando me sento. Padrões familiares de bolor e imundície sobem pelos cantos da cela. As barras que me mantêm presa aqui estão firmemente trancadas.

Minhas roupas são os mesmos trapos gastos e puídos que uso há meses. Pesados de sujeira, elas se grudam à minha pele. Corro os dedos pelo tecido, a textura áspera ao mesmo tempo familiar e estranha. Bem distante das sedas e couros que Kaelis me deu de presente – roupas finas às quais já estava me acostumando. Ou, pelo menos, às quais *achava* estar me acostumando.

Kaelis... Por que eu pensaria no príncipe mais jovem?

Como se convocada pelo pensamento, uma centelha de luz se acende. Meu coração acelera e eu me levanto, cambaleando enquanto a cabeça gira. As dores da fome e a tontura que a segue não são nenhuma novidade, mas parecem esquisitas. Pressiono a palma no arco côncavo do abdômen e das costelas ossudas.

Será que esse lugar finalmente levou a melhor sobre mim? Horrorizada e com os olhos arregalados, encaro a luz crescente dançando na parede oposta

à minha cela. Minha mente parece dividida, presa tanto no presente – a cela ao meu redor – quanto na Academia que parecia tão real momentos atrás. Posso sentir o peso da palma de Kaelis no quadril, puxando-me sutilmente para perto. A aura poderosa e defensiva que costuma cercá-lo me envolve.

Mas *isso* também é inegavelmente real. Ouço os passos do guarda ecoando no corredor. Sinto o ar frio e úmido. Meu tempo na Academia foi só uma premonição? Um vislumbre do futuro? O guarda surge em meu campo de visão.

– Venha – ordena bruscamente, abrindo a porta da cela. Eu me levanto, com os olhos arregalados. – Agora.

Isso me coloca em movimento. Sigo ao lado dele enquanto me guia pelo corredor escuro. O eco de cada passo parece gritar: *Isso já aconteceu.* Mas não aconteceu... Ou será que aconteceu?

As sombras se fecham ao meu redor e ameaçam me asfixiar. Será que eu estava tão desesperada pela liberdade que a inventei em sonhos?

O trajeto é curto, mas familiar. Não sou levada para uma escadaria onde posso ter um raro vislumbre do mundo lá fora antes de terminar em uma nova seção da prisão onde o príncipe Kaelis espera por mim. Em vez disso, sou conduzida até a sala de Glavstone e deixada a sós com o carcereiro.

– O que está esperando, garota? – dispara ele, sem nem erguer os olhos para mim.

Pilares de cortinas às suas costas bloqueiam o que sempre presumi ser uma janela. Ele nunca me daria a satisfação de ver nem sequer um vislumbre do céu.

Puxo uma alavanca escondida em uma das estantes e sigo para um cômodo adjacente. Essa sala – um closet, na verdade – é mais esparsamente mobiliada que a sala dele. Chão e paredes de pedra, uma cadeira e uma mesa com os suprimentos mínimos necessários para pintar cartas de tarô. Eu me sento.

– Preciso de dez cópias do Dois de Copas.

Glavstone se move tão silenciosamente, feito um sussurro, que nem o escuto se aproximar por trás. Com um olhar de desaprovação que beira o nojo, ele fecha a porta da estante devagar. Escuto o mecanismo entrar no lugar e trancar a porta.

O cheiro aqui é melhor do que na minha cela. E, às vezes, recebo umas porções de comida que não receberia normalmente. Pelo menos, isso

mantém minha mente afiada. O arranhar constante da pena contra o papel preenche o ar.

Glavstone retorna de tempos em tempos e cada vez parece mais agitado que na anterior.

– Mais rápido – ordena quando vê que só pintei cinco das dez cartas.

Gostaria de ver ele ser mais rápido que isso. Terminei metade das cartas em uma hora. Qualquer outra pessoa estaria elogiando minha rapidez.

A próxima vez que ele volta, acabei de pôr os retoques finais na oitava carta. Ele fica me rodeando, inspecionando o trabalho por cima do meu ombro. Sem aviso, agarra meu cabelo pela raiz e puxa meu rosto para perto do dele. Mal contenho um gritinho que é parte surpresa, parte dor.

– Que trabalho desleixado. Faça melhor.

Ele me solta, bate uma garrafa de tinta na mesa e sai.

A cada visita, fica mais errático... e mais violento. O agradecimento por terminar dez cartas é uma exigência de mais cinco, do Dois de Espadas dessa vez. Ele volta só trinta minutos depois, empunhando um atiçador quente, ameaçando me marcar com um A e me mandar para os moinhos se eu não pintar mais rápido e se meu trabalho não melhorar... embora as tintas mal prestem para alguma coisa.

Vinte minutos depois, ele cumpre as ameaças.

Engulo um grito quando o ferro ardente encontra minha pele. Glavstone afasta o metal e então logo em seguida o pressiona contra o outro bíceps.

– Você não é *nada* – rosna ele. – Lixo. Não vale nem a cela que te dei. Eu devia te jogar no nível mais baixo das masmorras e te mostrar como são os verdadeiros horrores desse lugar. Achou que o primeiro andar era ruim? Tem dois mais profundos.

Mordo a língua e luto contra os tremores para firmar a pena enquanto a dor explode entre os olhos. Meus joelhos batem um no outro, mas minhas linhas continuam tão afiadas quanto o fio de uma adaga.

É incessante. As horas se arrastam e fico mais exausta a cada carta que termino. O corpo não é criado para verter tanta magia ou se concentrar tanto por todo esse tempo, alimentado apenas pela força de vontade.

Mas não vou deixá-lo vencer. Suportei tudo que ele já jogou sobre mim. Sempre. Não vou parar agora.

– Desleixado – reclama ele. – Desleixado. Desleixado. Desleixado!

Com um rugido, Glavstone pega uma das minhas penas de ponta

prateada e apunhala minha mão com ela, prendendo-a à mesa.

Encaro a mão, com os olhos arregalados. Minhas mãos são minha habilidade. Minha oportunidade. Minha magia. Embora esse ferimento não signifique o fim para mim – eu aprendi a pintar com ambas as mãos, e algumas pessoas conseguem fazer isso com a boca ou com próteses –, é o fim da minha paciência.

Com a mão livre, agarro a primeira coisa que consigo – uma garrafa de pó – e a estilhaço contra a têmpora dele. Dando uma risadinha sombria que me faz suspeitar que esteve esperando por esse momento, Glavstone ergue o punho para minha mandíbula. Enfrento o soco, pensando mais em quanta dor posso infligir a ele do que em quanta posso aguentar. Além disso, suspeito que tenho uma tolerância à dor muito, *muito* mais alta do que o empertigado Glavstone, e a vida em Halazar só me tornou mais resistente.

Ele avança na minha direção, arrancando minha mão empalada da mesa. Minhas costas batem contra a parede. Ergo o joelho para a virilha dele e me encolho para fora do seu alcance. Glavstone salta para cima de mim mais rápido do que eu esperaria, e mal tenho tempo para golpear seu pescoço com um caco de vidro da garrafa quebrada.

Erro o golpe, e Glavstone me prende na mesa, com as mãos em minha garganta. Apertando. Cada vez mais forte.

Arquejo. As sombras se tornaram vivas de novo. Vivas como se Kaelis estivesse por perto... *Kaelis? O que o príncipe nascido do vazio tem a ver com isso?*

Com os pensamentos dispersos, tento desesperadamente segurar qualquer coisa, até que meus dedos se fecham ao redor daquela que sempre foi minha salvação: uma pena.

Com o punho fechado, eu golpeio. A pena encontra pouca resistência e atravessa a pele do pescoço com facilidade. As mãos de Glavstone relaxam. Seus lábios se entreabrem, como se ele estivesse suspirando. Ele não consegue formar nenhuma palavra; os olhos se arregalam, sem vida. Eu o chuto para longe, e ele cai flácido contra a parede e desliza até o chão.

Meu pescoço está inchado. Quando o esfrego, lágrimas ameaçam brotar no canto dos olhos. O corpo de Glavstone fica mais suave e borrado cada vez que pisco. Não acho que poderia gritar nem se quisesse.

Tudo começa a tremer. *Eu o matei, o desgraçado finalmente morreu, e pelas minhas mãos. Mas... o que isso significa para mim?*

Desço da mesa, atrapalhada. As cartas que estava pintando eram cartas comuns, corriqueiras, que qualquer um pediria de um Arcanista – aquelas que uma pessoa comum precisaria no seu dia a dia, que poderiam ser vendidas com facilidade. Eles não precisam de cartas de combate – a única batalha que estão lutando é pela sobrevivência. Eu teria que pintar outra, ou várias, se quisesse usá-las para fugir. Será que os guardas postados do lado de fora ouviram nossa luta? Às pressas, recolho os suprimentos. Começo com a pena, agora escorregadia de sangue.

Minhas linhas não estão retas. *Por que não ficam retas?* Grito dentro da minha mente. A magia não vem. As formas estão se mesclando umas nas outras.

Cada sombra se tornou viva com contornos de pesadelo. O mal que se infiltrou nos alicerces desse lugar vai me engolir inteira. Preciso ir embora ou serei finalmente reivindicada por essas paredes.

Com o coração martelando mais alto do que as batidas altas na porta, enfio um punhado de instrumentos de pintura na cintura da calça. Não tenho tempo e, se não puder pintar agora, farei isso depois.

A porta parece que está prestes a ser arrancada das dobradiças, então não vou por ali. Fecho a estante e corro para abrir as cortinas atrás da mesa de Glavstone.

Não há luz do sol. Não há céu. Só barras... que dão para uma cela familiar. A *minha* cela.

O que... o que está acontecendo? Isso não pode ser real.

As portas são escancaradas, revelando guardas.

Não! Eu me lanço na direção de uma porta no canto dos fundos do escritório e me jogo lá dentro. Há um alçapão escondido no canto mais distante, que leva às masmorras. É o último lugar onde quero estar, mas Glavstone conta a poucos guardas sobre o subterrâneo de Halazar. Ele é o único que tem a chave, mas, para minha sorte, o alçapão está destrancado e se abre para uma escadaria decrépita.

Cada passo escada abaixo e pelo corredor é abafado pelo trovejar de pés atrás de mim. Eles estão no meu encalço. Desço as escadas em espiral, me aprofundando nas masmorras de Halazar. Cada passagem me canaliza em uma direção. É o último lugar aonde quero ir, mas o único que me resta. Ele assoma, aberto como uma bocarra, engolindo-me inteira.

– Clara! – grita uma voz familiar das profundezas, trazendo lágrimas aos

meus olhos. Ele grita meu nome a um mundo de distância, como se já tivesse feito isso mil vezes. – Vou te encontrar!

– Eu não vou com você! – grito de volta.

Me dê uma saída, por favor, alguém, qualquer um, imploro às cartas invisíveis que embaralham meu destino.

Eu me viro.

Estou de volta à Cidade do Eclipse.

– Como você está fazendo isso? – pergunta outra voz, sinistra. Irritada. *Quase soa como Eza?* – Você não deveria ter controle aqui!

O mundo parece vibrar, e as ruas familiares e seguras em que estive correndo terminam num beco sem saída, justamente no lugar para o qual eu jamais iria querer voltar. Holofotes são acesos, ofuscando minha visão por um momento. Estou na armadilha montada pelos fiscais da cidade – a que me fez acabar em Halazar. Cartas de tarô e instrumentos de pintura caem do meu corpo, espalhando-se no chão. Fui pega no ato.

Arina me avisou para não aceitar o trabalho.

– Espere, Clara. Minhas leituras sobre esse trabalho não são boas... só espere. Posso arranjar algo além do que você imagina, da próxima vez que vier. Algo especial. Instrumentos que vão mudar *tudo* – prometeu ela, empolgada.

Mas eu disse que o homem, Griv, tinha prometido instrumentos só como parte do acordo. A outra parte dividi com ela em segredo – nem o resto do clube sabia. Griv alegava conhecer um fiscal que estava trabalhando na Descida no dia em que nossa mãe morreu. Era uma chance de obter informações em primeira mão de um oficial mais alto na hierarquia do que os trabalhadores de quem ouvíamos boatos.

Assim que contei a Arina, ela parou de discutir. *Vamos encontrar quem te matou, mamãe. Vamos vingar sua morte.* Esse juramento que minha irmã e eu fizemos anos atrás está marcado em nossas almas, mais emaranhado e saliente do que uma marca feita a ferro na pele de um Arcanista nos moinhos.

Começo a correr de novo em busca de uma liberdade que confio cegamente que vou encontrar.

– A sorte está do meu lado, *a sorte está do meu lado* – repito, ofegante, a cada passo, enquanto a Cidade do Eclipse vira um borrão atrás de mim.

– Clara!

– *Clara!*

Eles estão me chamando. Exigindo que eu pare. Matei seu carcereiro. Fugi de sua prisão. Quebrei suas leis. Eles vão me matar desta vez.

– Eu não vou para as masmorras! – grito em resposta.

– Para onde? – responde a primeira voz, desencarnada e reverberando de cada canto sem luz. – Volte para mim!

Tropeço. A dor sobe pelo meu braço da ferida na mão. Minha garganta se abre de novo, apesar dos ferimentos, e solto um grito involuntário. Quando me levanto, estou de volta em Halazar.

Os joelhos estão arranhados e ensanguentados. Meu corpo treme tanto que ameaça se desmanchar violentamente, levando Halazar abaixo consigo. Continuo correndo por entre celas e quadras da cidade que oscilam a cada passo. Corro pela vida – pela vida de todos que já amei. Por um futuro que poderia, para variar, tem um pingo de justiça.

Por favor, implora meu coração. *Por favor, a sorte está do meu lado. Tem que estar. Eu* preciso *que esteja. Me dê algum lugar seguro.* Por um momento, a cidade ganha. Estou quase de volta ao Clube dos Malfadados. Em casa e em segurança.

Há um resmungo de frustração que abala as fundações do mundo, evoluindo para um grito de raiva.

– Como você está fazendo isso? – grita Eza de um lugar distante.

Eu não vou com você!

Viro no canto que deveria levar ao Clube dos Malfadados, mas em vez disso me deparo com uma porta solitária em Halazar. Sem opções, abro-a e uma lufada quente e limpa de ar bate em meu rosto. Estou no precipício de uma montanha, logo ao amanhecer.

– Mamãe – chamo, com a voz embargada, encarando a mulher à minha frente.

Uma corda gasta e fina demais está envolvida na cintura dela, prendendo-a a uma pedra. Ela inspira enquanto o vento açoita os penhascos da Descida – a ravina ameaçadora que mergulha no coração das Montanhas Estéreis. É o único lugar onde os falcões pretos criam ninhos, os mesmos falcões cujas penas são usadas para fabricar o pó da tinta de Espadas.

Ela pega a corda em uma das mãos enquanto se vira para mim. Seu cabelo castanho-escuro está desgrenhado, e seus olhos, vermelhos como os

meus, cintilam sob a luz do sol. Ela sorri como se pudesse me ver... como se soubesse que estou aqui.

– Mamãe! – grito quando ela cai de costas pela beirada.

Minha sorte me deu uma última chance de ver seu rosto... só para me fazer testemunhar o pior dia das nossas vidas.

Tudo acontece em um segundo. A corda fica tesa. Há o esvoaçar de asas escuras. Um grito distante e uma estrela cadente. Um raio e figuras que se movem mais rápido do que consigo ver. Em um instante, a corda se rompe.

Eu me lanço para a frente, um som visceral escapando de mim. Um som que é parte a solidão que sinto toda noite desde que ela nos deixou, parte descrença de que isso poderia ter acontecido com nossa mãe forte e engenhosa, parte uma fúria tão brutal que poderia destruir o mundo.

– Clara!

Dois braços me envolvem e me impedem de me jogar sobre a beirada, de ver o rosto dela uma última vez.

Eu me debato.

– Não!

– Clara, basta! – rosna a voz, brusca. Estou abalada, e o mundo ao meu redor treme, fratura e estilhaça. – Não é real! Estou com você.

Eu pisco, e o homem que está me agarrando entra em foco. Os resquícios da prisão mental em que fui mantida esvanecem. Em vez disso, vejo Kaelis como um contorno escuro contra a luz do fim da tarde. Estou de volta à Academia. Minhas roupas não são mais trapos, e sim finas e maleáveis. Sinto cheiro de perfume e de incenso fraco de pós que empesteiam o ar, não de excrementos e podridão.

Mas... aquele lugar ainda vive dentro de mim. *Sempre* viverá dentro de mim.

– Kaelis – digo, com a voz embargada. Nunca me ressenti tanto de alguém por me ajudar.

Nunca fui mais grata.

Jogo os braços ao redor dele e começo a soluçar.



Ele se enrijece inteiro, e é essa reação que me faz voltar a mim. Eu o solto, horrorizada por tê-lo segurado e chorado como se ele fosse um amigo querido. Sua expressão é completamente ilegível. Ele consegue esconder bem o que só posso supor que seja um horror igual.

O silêncio do cômodo é quebrado apenas pelo som do meu coração acelerado e da minha respiração curta e rasa. Meus pensamentos em pânico são tão altos que fico chocada por ele não poder ouvi-los, mas seus olhos buscam os meus atrás de uma explicação que nunca lhe darei.

O que você viu?, é a pergunta implícita. Sinto no meu âmago que ele já sabe a resposta.

Foi Kaelis quem me tirou das torturas infinitas de Halazar, tanto nos sonhos quanto no mundo real. À sua maneira, foi quem me ofereceu salvação e conforto. Mas também foi quem me pôs lá, para começo de conversa. Que transformou minha vida em um jogo para me trazer à Academia. Que orquestrou tudo que já me causou sofrimento.

Eu odeio ele, recordo a mim mesma. *Eu odeio ele e toda a gentinha da sua laia.* Cada nobre que nos trata como ferramentas, e não pessoas. Que finge não ver nosso sofrimento. Todos eles. E Kaelis é a cabeça dessa serpente. Seu

pai pode criar as leis sobre os Arcanistas, mas é Kaelis o encarregado de executá-las. É Kaelis quem controla o fluxo dos arcanos por todo o reino. É por isso que nunca duvidei de que a armadilha montada para me capturar tenha sido orquestrada por ele desde o início.

– Eu... – Tento encontrar palavras, mas nenhuma vem.

Kaelis as encontra para mim.

– Foi uma carta.

Ele me solta depressa e se levanta, dando as costas para mim. Vai até a janela como se quisesse dar espaço para eu me recompor.

– Óbvio – murmuro, esfregando os olhos. Nas estrelas que piscam atrás das pálpebras, pego vislumbres das visões que me atormentaram. – Mas parecia tão real... – Eu não pretendia deixar o pensamento errante escapar, muito menos para Kaelis ouvir.

– Uma prisão da mente conjurada pelo Enforcado.

O décimo segundo Arcano Maior do tarô: um homem suspenso de cabeça para baixo por um único pé; um braço cobre seu rosto e esconde sua expressão. O tom de Kaelis é incompreensível, um tanto desinteressado.

– O Enforcado... não é uma carta que possa ser pintada ou usada – digo.

Eu me endireito e tento fazer minha mente letárgica voltar a funcionar. Ainda consigo sentir as mãos dos dois homens que me seguraram com facilidade. Preciso recuperar as forças depressa se quiser sobreviver aqui.

– Eu te garanto que pode ser pintada. Foi ela que usaram contra você.

– As cartas do Arcano Maior são potentes demais para qualquer Arcanista. – O único que dizem já o ter feito foi o Louco, que é o motivo de ser uma figura tão lendária.

– Potentes demais para a *maioria.* Não todos.

– Eza... – Eu ouvi a voz dele naquele lugar. É possível que tenha controlado o que eu via? Era assim que sabia sobre mim e meu tempo em Halazar, para começo de conversa? Uma carta do Arcano Maior? – Ele sabe usar cartas do Arcano Maior?

Tento focar nos fatos de que disponho, no que Kaelis está dizendo e insinuando... Literalmente *qualquer coisa* é melhor do que pensar demais sobre o que acabei de vivenciar.

Kaelis se vira para me encarar.

– Ele *é* um Arcano Maior.

Fico confusa.

– O quê?

– Imagino que esteja familiarizada com o mito do Louco e a origem dos arcanos?

– Estou.

Só a menção já enche minha mente de histórias que mamãe me contava toda noite sobre a jornada do Louco. Histórias parecidas com aquelas que as outras crianças conheciam, mas diferentes o bastante para minha mãe me avisar que nunca deveriam ser repetidas. Eu posso não ter tido uma educação formal, mas tive treinamento intelectual graças a ela.

– Me conte.

– Quer que eu te conte histórias infantis? – pergunto, cruzando os braços.

– Quero que me conte qual acha que é a história, para eu poder te informar de como está errada.

– E se eu não estiver errada?

– Vai estar.

Ele está me provocando para falar, eu sei, mas não consigo me impedir.

– O Louco foi o primeiro a ouvir o sussurro do arcano – começo no tom mais seco e monótono possível, tentando capturar precisamente como acho os joguinhos de Kaelis frustrantes. – Ninguém sabe de onde a magia se originou, embora alguns suspeitem de que o mundo era jovem e a essência primordial da Criação permanecesse aqui, manifestando-se em alguns indivíduos. O Louco... o verdadeiro nome dele se perdeu nas eras e só o conhecemos pelos relatos daqueles que, na época, o achavam "louco" por perseguir essas "correntes mágicas"... partiu numa odisseia para entender a origem do poder que conhecia. Para compreendê-lo e controlá-lo.

Faço uma pausa, dando espaço para Kaelis dizer que estou errada. Ele continua em silêncio. Imóvel como uma estátua perfeitamente esculpida. *Bem, acho que sei mais do que ele imaginava...*

– Ao longo do caminho, encontrou desafios que o transformaram. Primeiro, aprendeu sobre os quatro poderes elementais que se tornariam os naipes, trabalhando para controlá-los a princípio através de objetos... Espadas, Copas, Paus e Ouros... e depois como cartas. Fazer isso o transformou no Mago. Ele estudou os mistérios sagrados do mundo e, ao fazê-lo, teve revelações como uma Suma Sacerdotisa. Ascendeu à liderança e governou tanto como Imperador quanto como Imperatriz. Ele...

– Você nunca achou estranho – interrompe Kaelis – que o Louco tenha governado tanto como Imperador quanto como Imperatriz? Que tenha encarnado a Suma Sacerdotisa?

– O tarô vive em todos nós. É feminino e masculino, assim como nenhum dos dois. É a essência da vida e da natureza em todas as suas formas. – Tento não deixar a voz ficar suave e um tanto nostálgica. Essas palavras são um eco das de minha mãe, e seu rosto está tão nítido em minha memória que chega a doer. – Você mantém essa tradição até hoje, na Academia. Os alunos que são a personificação mais verdadeira de uma carta se tornam o Rei e a Rainha de uma casa. Não importam as roupas que usam nem se preferem ser chamados de ele, ela ou elu.

– É verdade – admite Kaelis. Acho que venci, mas com ele? Claro que não. – Só que isso não é verdade no caso do Louco. A história que você conhece é centrada exclusivamente no Louco. A jornada dele é longa demais para a vida de um homem; seus papéis e façanhas, grandiosos demais.

– Ele foi o primeiro a dominar o arcano. Alguns dizem que se tornou imortal depois de ganhar todo esse poder.

– E onde está esse ser imortal agora? – Kaelis abre as mãos e gesticula ao redor da sala, como se o Louco pudesse entrar a qualquer segundo. – Obviamente nem todas as histórias são confiáveis.

– E o que você propõe que seja a verdade por trás da lenda?

A ideia de que ele está certo e eu errada, que sou mais ignorante do que penso quando se trata de tarô, é indesejada e desconfortável. Mas tento afastá-la para ouvir o que ele tem a dizer.

– O Louco era real. Ele *saiu* em sua odisseia. Mas o que conhecemos como o Arcano Maior não se origina do Louco, de seus feitos ou de sua evolução. Não. – Kaelis faz um muxoxo de desdém, mas não mordo a isca. Fico em silêncio, curiosa para ver o que ele vai falar em seguida. – O Louco encontrou outros ao longo do caminho, outros que encarnavam os aspectos do Arcano Maior, que tinham dominado esses poderes, e esses indivíduos dividiram sua sabedoria com ele. O que o Louco deu em troca foi seu conhecimento sobre como conter os poderes deles dentro das cartas.

Não é totalmente implausível. Entendo como essa verdade poderia evoluir e se tornar mais simples, a história de um único herói em vez de um bando de 21 indivíduos. Houve vezes, quando era criança, que até imaginei ser o caso. Mas, no fim, mamãe sempre enfatizou que era só o Louco. Ele e

sua ganância – uma força que sempre imaginei ser a origem antiga da prática de manter os arcanos longe do povo. Do jeito como ela contava a história, o Louco era uma entidade maléfica.

– Então... Eza é um desses seguidores originais do Louco? – arrisco, tentando entender o que ele está insinuando, mas ele responde com uma gargalhada.

– Não – diz, ainda rindo. – E eu que achei que você fosse inteligente.

– Estávamos falando sobre imortalidade – respondo, seca.

– Eza é um descendente mágico do Enforcado original, que capturou pela primeira vez a essência daquele Arcano Maior.

– Descendente mágico? – Nunca ouvi esse conceito.

– É uma honra passada não por linhagens ou títulos, mas pelo próprio destino. Por acasos do destino. A magia de cada figura do Arcano Maior está sempre viva, transferindo-se de um indivíduo para alguém novo na ocasião de sua morte. – Kaelis dá um passo para a frente, depois outro, diminuindo o espaço entre nós, o que faz com que meu coração acelere de novo. – E você, Clara, também é um dos Vinte.

– O quê? – sussurro, quase inaudível. Não sei se ele chegou a me ouvir dessa vez, embora esteja praticamente em cima de mim.

Você teria pintado um Arcano Maior se soubesse como? As palavras que disse em Halazar ecoam em minha mente. Eu disse a ele que ninguém sabia pintar os Maiores. Nem mamãe pôde me ensinar a controlar aquele poder. Ela me disse para jamais tentar. Mas também me disse para não entrar na fortaleza, e cá estou...

Um sorrisinho arqueia os lábios dele, e Kaelis inclina a cabeça de leve.

– Que tal apresentá-la formalmente a seus irmãos Maiores, Fortuna?



CAPÍTULO 18

Minha resposta é uma risada.

– Você está sendo ridículo. Por um segundo até me fez acreditar nessa história de "verdade desconhecida" sobre o Louco.

Kaelis dá um passo à frente, reduzindo mais o espaço entre nós. Meu divertimento é abafado diante dos buracos frios que são seus olhos intensos.

– Não é uma piada e você sabe.

– Não. Eu *não* sei do que você está falando.

– Sabe, sim, só se recusa a acreditar. Fechou-se à verdade. – Seus lábios se curvam para baixo. – Você é... incrível, Clara.

É como se ele estivesse enojado consigo mesmo por fazer o elogio. Se não fosse pela careta que retorce seu rosto, eu teria pensado que estava debochando de mim. Mas odiar-se por me elogiar? A inveja que fervilha em seu olhar? Isso é esperado. O que significa que... *o elogio é genuíno?*

– *Mas...* – Posso sentir esse "mas" pairando no ar. Ele não vai ser tão gentil comigo.

– Não. – O braço dele sofre um espasmo; por um segundo, acho que vai me agarrar. A ideia me lembra a sensação de me agarrar a ele, e me obrigo a tirar isso da mente. – Nada de "mas". Você *é* incrível. – Fica claro que ele está

se forçando a admitir isso. Mas parece mesmo sincero, e fico chocada. Ele se afasta, passando por mim. – Suas habilidades de pintura só rivalizam com sua tenacidade frustrante. Então é ainda mais espantoso quando você duvida de si mesma ou se contém.

Eu me viro para encará-lo.

– Eu não duvido de mim mesma nem me contenho.

– Prove, então, e me siga.

Kaelis sai com um esvoaçar do casaco antes que eu possa dizer qualquer coisa. Cogito ignorá-lo completamente. Tenho a tarde toda para estudar... depois de completar uma terrível hora extra de pintura com a professora Duskflame. Tenho a biblioteca da Academia Arcana e todos os instrumentos de pintura que poderia sonhar à minha disposição, com tempo de sobra para planejar uma fuga da festa de Ravin quando estiver na Cidade do Eclipse. Eu poderia estar caçando a rota de fuga de Arina. Ou continuar a encher a barriga e fortalecer o corpo.

Tudo isso é o que eu deveria estar fazendo. Mas... em vez disso...

Corro para alcançar o príncipe e, quando cruzo o limiar, quase enfio a cara no peito dele.

Kaelis dá uma risada grave e baixa, inclinando-se para a frente até o nariz quase tocar o meu.

– Demorou.

Com isso, ele começa a andar de novo e só me resta presumir que devo segui-lo.

– Se pretendia me mostrar esses outros "Maiores" o tempo todo, por que não mencionou isso antes? – Mantenho a voz baixa enquanto caminhamos lado a lado.

– Estive um pouco ocupado. – Ele tem a expressão de um homem que sabe que apresentou um bom argumento.

– Podia ter mencionado mais cedo, antes de eu ir embora. – Até eu sei que estou sendo um pouco ridícula. Não passei nem dois dias na Academia ainda. Mas odeio fazer qualquer concessão justamente a Kaelis.

– Perdoe-me por pensar que era mais importante você comer um almoço decente e pretender te encontrar depois.

– E então você mudou de ideia? – Estou tentando descobrir como ele sabia que precisava vir me encontrar.

– Você não estava no almoço e, dada sua condição, imaginei que

qualquer coisa que te impedisse de comer uma refeição quente não seria boa. – As palavras endurecem um pouco no final. Só consigo imaginá-lo saindo imediatamente do salão principal e vindo me procurar.

Por que sou tão importante para você? A questão se ergue em mim, involuntária, inesperada. Mas não a verbalizo, imaginando que Kaelis vai me dar a mesma explicação vaga sobre obter o Mundo para ele.

Descendo uma escada de pedra tão desgastada que os degraus têm sulcos no meio, chegamos a uma sala vazia que serve apenas como uma antecâmara à estrutura além dela. A parede dos fundos é inteiramente de vidro, brilhando com a luz do sol do fim da tarde. Kaelis se apressa e abre as portas com batente de ferro.

Captei vislumbres desse lugar do lado de fora, o vidro embaçado da estufa encostado nos arcos ornamentados dos corredores ao redor, mas assim que entro em seu abraço... todo movimento cessa. Por um momento, o mundo inteiro parece parar e saborear o sol comigo.

– Que foi? – Kaelis parou uns quinze passos à frente, exibindo um olhar entre confusão e frustração.

– Faz muito tempo que não vejo a luz do sol sem filtros. – Minhas palavras são suaves e nostálgicas. No dia em que escapei de Halazar, o céu estava nublado.

– Eza te pôs em Halazar, não foi?

Volto a atenção para ele.

– É um toque de raiva que ouço em sua voz, Kaelis? – A careta dele se aprofunda com meu tom leve e quase divertido. Como que para dizer: *Você, de todas as pessoas, tem qualquer direito de ter raiva?* – Sentindo-se protetor? – Inclino a cabeça de lado e dou a entonação de uma pergunta, mas minha linguagem corporal sugere que é um desafio. – Não se esqueça, você poderia ter me libertado de Halazar a qualquer momento.

– E fazer o quê? – Ele cerra os punhos, o couro flexível da luva rangendo. – Você viu os guardas. Uma prisioneira que escapa de Halazar já está levantando suspeitas.

– Se me tirasse por decreto da Coroa, eu não teria "escapado".

Kaelis faz um muxoxo.

– Se eu fizesse isso, meu irmão e meu pai perguntariam por que comutei a sentença de uma prisioneira qualquer.

– Você claramente tem poder sobre Glavstone, não tem? Não poderia

ordenar que não contasse a eles?

– Não é a mim que ele responde nem quem ele mais teme. – O tom de Kaelis me diz que ele tentou ser essa pessoa.

– Não, não é só que... – começo, suavemente. Uma nova imagem está se formando em minha mente. Suspeito que o que ele disse é verdade, mas tem algo mais também. Kaelis saberia que, se tivesse só me levado na noite em que eu fui capturada, eu nunca teria concordado em ajudá-lo com seus esquemas. – Você queria que eu escapasse não só para testar a mim e meus poderes... mas também porque isso é conveniente para você.

A centelha de compreensão em seus olhos me diz que estou certa.

– Você vai deixar o rastro esfriar, esperar que os guardas não encontrem nada e aí "matar" a Clara Graysword que estava presa – continuo, dando um passo na direção dele. – E, ao me permitir escapar, me pôs numa posição em que sabe que não tenho escolha exceto te ajudar. Porque, a qualquer minuto, você poderia expor a verdade e me jogar lá de volta.

– E? – pergunta ele, depois de um momento de silêncio longo demais.

Abro a boca, mas não digo nada.

Kaelis ri, uma risada tão baixa e agourenta quanto um trovão rolando sobre as montanhas. Meu sangue gela.

– Não aja como se não estivesse ganhando nada com isso. Você está noiva de um príncipe, afinal.

– Eu preferiria morrer. – Cerro os punhos.

– Isso pode ser arranjado. – Ele dá de ombros. – Ou algo pior.

– Isso é uma ameaça?

Kaelis inclina a cabeça, estreitando os olhos de leve.

– Só um lembrete. Seja boazinha e vai ganhar sua liberdade quando tudo acabar. Enquanto estiver na Academia, posso te proteger. – Mais um motivo para ele não me tirar de Halazar mais cedo. Eu não poderia ser admitida na Academia Arcana antes do Festival do Fogo. *Será que ele está mesmo me protegendo?* Assim que o pensamento cruza minha mente, ele me lembra de com quem estou lidando. – Me contrarie ou dê a qualquer pessoa um motivo para pensar que não é minha noiva nobre perdida, e será enviada de volta para lá.

Não acredito nem por um segundo que ele me dará a liberdade. Não sei para que vai me usar, mas tenho certeza de que não quer que ninguém mais

saiba a respeito. O que significa que, assim que completar as tarefas dele, estarei morta.

– Agora, você tem mais alguma revelação genial sobre minhas maquinações?

Kaelis não para de remexer no casaco. Deve estar morrendo de calor aqui, e brevemente considero deixá-lo suar mais um pouco, mas resisto ao impulso.

– Não.

– Bom. – Ele dá mais alguns passos, encerrando a conversa.

Para mim é mais difícil esquecer, mesmo enquanto passamos por plantas familiares e estranhas. Galhos cheios de pequenas campânulas iridescentes vertem-se sobre mim. Árvores com frutas luminescentes brilham em recantos sombreados. Mas nada disso me distrai.

Kaelis tramou e planejou por pelo menos dois anos para me pôr em uma posição em que é meu único protetor, me deixando em dívida com ele e em perigo caso o contrarie. Também está se arriscando ao agir pelas costas do pai – duvido que o rei Oricalis ficaria feliz em saber a verdadeira identidade da mulher que o filho declarou ser sua noiva.

Para que ele poderia precisar tanto de mim?

Uma cerca de ferro coberta de trepadeiras e um portão trancado finalmente me distraem. Minha curiosidade é atiçada quando Kaelis me mostra como abrir o mecanismo de tranca. É um trabalho tão maravilhoso quanto o moinho mecânico da noite passada, embora muito menor.

No interior, paramos diante de um grande mausoléu de pedra desgastada. Suas paredes contêm uma série de entalhes intricados de montanhas divididas por rios, vastos desertos e planícies baixas. Um desenho de um homem caminhando adorna as portas erodidas pelo tempo. No telhado há uma série de espirais entalhadas que descem na direção de um número solitário, emoldurado por rosas esculpidas em mármore: zero.

O Louco.

Kaelis nos leva para dentro e sinto um calafrio – o ar fresco aqui dentro cria um contraste forte com o calor da estufa. No centro de um cômodo surpreendentemente sem adornos há um sarcófago com o rosto entalhado de uma mulher – não um homem, como eu teria esperado, dada a simbologia do Louco. Há cartas de pedra espalhadas sobre sua figura dormindo em paz, e seus olhos estão fechados em um sono eterno. Sobre o

cenho, há uma faixa sólida com cinco pontas sem enfeites – uma coroa que reconheço, embora só a tenha visto em retratos do rei Naethor Oricalis.

– Que lugar é esse? – sussurro.

– Tudo que resta da última rainha revisana – responde Kaelis, apoiando a mão com gentileza na beirada do sarcófago.

O reino de Revisan pertence a um período histórico um pouco mais recente do que o mito do Louco. É um reino que caiu há eras, abrindo caminho para os clãs feudais e, por fim, Oricalis. Mas toda história sobre ele parece mais lenda que fato. Eu sempre soube que a fortaleza eram os resquícios de um reino antigo, mas...

– Não sabia que a tumba dela estava aqui.

– Por que o reino atual honraria o precedente de qualquer forma? – Kaelis desliza a mão sobre a superfície da pedra, parando na mão da mulher. – Não se preocupe, não estou aqui para te entediar com histórias insignificantes ou mostrar os ossos de rainhas esquecidas. Só segredos poderosos.

Ele empurra a safira reluzente incrustada no dedo anular da rainha, a única parte do sarcófago que não é feita de pedra cinza. Um clique baixo soa em algum lugar muito profundo. O sarcófago desliza em trilhos invisíveis e revela uma abertura no chão que leva a uma escada.

Descemos, virando e virando, seguindo cada vez mais fundo rumo ao coração da Academia.

A escuridão da escada em espiral se dissipa e revela um recinto cavernoso. Vigas grossas seguram um pé-direito tão alto que é impossível distinguir os entalhes e cores dançando ali. O chão é coberto com tapetes grossos que amortecem nossos passos. Mesmo sem qualquer som anunciando nossa chegada, a maioria dos ocupantes do salão se vira para nos encarar ao mesmo tempo.

Há sete no total, iluminados por uma parede com janelas altas e estreitas que abrem caminho à força pelos penhascos em cima – e dentro – dos quais a Academia foi construída. Nunca vi a água do oceano tão de perto, mas meu foco não está nas ondas revoltas, e sim nos três homens relaxando de um lado em cadeiras e sofás suntuosos, na frente de uma lareira. Imediatamente reconheço Eza e os outros dois como meus atacantes, mas não deixo o pânico transparecer. Permito que meu olhar siga em frente, em vez de parar neles.

No centro do salão há uma série de mesas e cadeiras. Cada área tem um propósito diferente, de leitura de tarô a jogos e pintura de cartas. Uma mulher que não reconheço está com duas outras pessoas numa mesa de pintura.

– Myrion? Sorza? – balbucio.

– Ah, você também está aqui? – Sorza ergue os olhos de onde estava trabalhando, surpresa.

– É bom ver que se juntou a nós, Clara. – Myrion dá um sorriso caloroso. – Tive um pressentimento de que estaria aqui.

– Que lugar é esse? – Concluo minha inspeção do recinto, terminando com o ringue de duelos à esquerda, onde o último indivíduo relaxa sua postura de ataque.

– Este é o Santuário dos Maiores – responde Kaelis. – Um espaço secreto onde todos vocês podem trabalhar e afiar suas habilidades sem ter que esconder o fato de que elas excedem as dos estudantes normais. – *Então não sou a única escondendo meus poderes...* Em vez de empolgação, uma inquietude me atravessa. Achei que teria uma vantagem. – Clara, conheça seus colegas de Arcano Maior.

– Faltam doze para completar o Arcano Maior – aponto o óbvio, ainda relutando em acreditar em tudo isso.

– Claro, porque todos os Arcanos Maiores teriam seus poderes despertados com três anos de diferença entre si, só para podermos estudar todos juntos na Academia – ironiza Eza, alto o bastante para que eu ouça.

Eu o ignoro.

– Os outros doze passaram pela Academia na própria época, ou então antes que a Academia propriamente dita existisse. De toda forma, ao completar seus estudos e jurar lealdade à Coroa, foram designados a um posto como qualquer outro Arcanista formado – explica Kaelis, e se vira para a escada. – E agora a entrego a seus estudos.

– Você vai me largar aqui? – deixo escapar.

– Isso, se agarre à saia do seu noivo – zomba um dos homens ao lado do fogo, a voz exalando desdém de um jeito que acho irritante... e o príncipe também.

Kaelis desvia o olhar, agora mais frio, de mim para eles. Então entro na sua linha de visão e endureço a expressão. Eles estão certos. Não posso depender de Kaelis (logo dele!). E não vou. Não depois do que ele e sua

família fizeram comigo. Não faz diferença que esteja me protegendo agora: o príncipe não se importa comigo; só estou segura se tiver utilidade para ele. As únicas pessoas em quem posso de fato confiar são minha família no Clube dos Malfadados.

– Espero de fato que ela se agarre a mim – diz Kaelis, com os olhos ainda fixos neles, embora dê um passo na minha direção. Ele baixa o rosto para mim com um olhar que ameaça me devorar inteira. – Afinal, é minha noiva.

Kaelis corre os dedos pelo meu ombro até a mão e os entrelaça aos meus. Em seguida, leva minha mão aos lábios. Nossa conversa na estufa me lembrou, acima de tudo, da importância da nossa farsa para garantir minha segurança.

– Te vejo em breve. – Acrescento uma nota sedutora à voz, tentando manter o disfarce, e quando ele solta minha mão acaricio sua bochecha e toco seu lábio de leve. *A pele dele é mais macia do que eu esperava.* Os olhos de Kaelis se arregalam de leve. Meu sorriso, que era um pouco forçado, se torna malicioso.

Eu também sei brincar, quero dizer.

– Não vejo a hora. – A voz dele sai grave, carregada com uma insinuação que faria a pele de qualquer mulher esquentar. O ar fica mais frio quando ele se vira e vai embora, e minha mão paira no ar por um instante onde a dele estava.

Menos de um segundo após Kaelis partir, ouço passos correndo às minhas costas.



CAPÍTULO 19

Giro de imediato. O baralho na minha cintura responde a um gesto, três cartas erguendo-se e se espalhando ao meu lado no ar, todas prontas para me servir.

– Cuidado, ela morde. – Eza ergue as mãos em uma paródia de rendição. É evidente que não se sente nada ameaçado por mim. – Acho que nossa festinha de boas-vindas a aborreceu.

– É o que parece – diz o homem à direita dele, com uma bufada baixa de desdém. A cabeleira castanha lança uma sombra sobre seus olhos escuros. – Mas veja como ela precisa se *mover* para convocar cartas. Não consegue nem fazer só com o pensamento. Eu esperava mais da noiva de Kaelis.

– Sério? Eu não. Isso combina com nosso *ilustre líder* – diz o terceiro homem, à esquerda de Eza, e dá de ombros.

Ele tem argolas e bastões nas orelhas, expostos nos lados raspados da cabeça. Só tem uma única faixa de cabelo, preta e espichada. Uma tatuagem escapa por baixo do colarinho, as linhas escuras intricadas sobre a pele marrom-clara. Do piercing no septo à severidade dos chocantes olhos violeta, fica claro que ele tentou deixar sua aparência o mais intimidadora

possível. Para o azar dele, é preciso muito mais do que uma agulha afiada e uns pedacinhos de metal para me intimidar.

– Pare com isso, Eza – avisa Myrion, colocando-se entre nós.

Mas as palavras não ajudam muito a deter o homem raivoso.

– Sempre um Amante, né? – desdenha Eza.

– Você devia fazer amor em vez de guerra, para variar – rebate Myrion. – Pelos Vinte, poderia te ajudar a relaxar um pouco. Se quiser, eu te ajudo com isso, de um jeito ou de outro.

Eza bufa com a insinuação e passa por Myrion, esbarrando no ombro dele. Eu ainda não me mexi. Cada parte de mim está focada nos movimentos de Eza. Pronta para agir. Não vou deixá-lo me colocar de volta naquela prisão mental... vou matá-lo primeiro.

– Aprenda seu lugar antes que eu te coloque lá. – Eza joga a cabeça para trás, olhando para mim de cima.

– Eu sei o meu lugar. – Dou um sorrisinho afetado para ele. – Mas, se quiser, ficaria feliz em te mostrar o seu.

– Se vão duelar, usem o ringue, são as regras – diz outra pessoa.

Não vejo quem é, mas nada nas ações de Eza me faz pensar que ele se importa minimamente com as "regras".

– Duelar? – Ele faz uma careta de desgosto, mas a expressão rapidamente se desfaz e seus olhos se iluminam de divertimento. – Talvez. Mas no meu próprio tempo. Talvez eu te faça comer poeira no teste de lançamento dos Desafios do Três de Espadas. Assim todo mundo vai poder testemunhar como a "noiva" de Kaelis é patética – conclui Eza, e vai embora com os outros dois em seu encalço.

Assim que eles somem, o ar parece mais leve.

– Você não precisava fazer isso – digo a Myrion, relaxando a postura. As cartas voltam ao baralho.

– É um prazer dizer a ele que é um cretino. Não foi *só* por você. – O homem me dá um sorriso gentil.

– Eu não quero que seja nem um pouco por mim.

Eles nunca vão me respeitar se acharem que podem me maltratar sem consequências. Fantasias de vingança já flutuam na minha mente, mas elas terão que esperar até eu estar mais forte. Por mais que odeie admitir, no momento provavelmente é melhor que Eza e eu não joguemos cartas um contra o outro.

– Anotado – diz Myrion, e vai se juntar aos três que ainda não conheci.

– Sou Thal. – O indivíduo que estava na arena de duelo se senta sobre uma das mesas, varrendo despreocupadamente as pecinhas de um jogo esquecido. Elu tem pele clara e cabelo cor de mel que acentua os tons quentes dos olhos castanhos, então seu Maior parece apropriado quando diz: – Dezenove, o Sol.

– Elorin. – Uma mulher da Casa de Paus curva a cabeça. Ela tem ondas de cabelo preto nas raízes que se transformam num gradiente arco-íris sobre os ombros. Faces rosadas, olhos azuis brilhantes e lábios vermelhos cheios destacam-se contra a pele fantasmagórica, dando-lhe uma aparência quase de boneca. – Dois, a Suma Sacerdotisa.

– Sorza, como você já sabe... Sou a Justiça, aparentemente.

Seu tom e sua expressão revelam que está tão cética sobre tudo isso quanto eu, me mostrando que os Maiores não eram um segredo que estava escondendo de mim. Ainda é alguém em quem acho que posso confiar. Um pouco. Pelo menos por enquanto.

– Claro, a gente se conheceu como iniciada e estudante. Entre os Maiores, sou os Amantes. – Myrion cruza os braços, recostando-se em uma das mesas. – E vejo que você teve o prazer de conhecer o trio calafrio.

– Eza é o Enforcado – começo, esperando que alguém me informe os outros dois.

Myrion faz o favor.

– Cael é a mão direita dele, o Imperador. E o de cabelo castanho é Nidus, a Torre. Cael e Nidus são alunos do segundo ano, e você terá o prazer de lidar com Eza como colega do primeiro ano.

– Ele é tão próximo assim de alunos do segundo? – É metade pergunta, metade surpresa.

– Os prazeres da nobreza. Todos eles já se conhecem quando chegam aqui. Nidus também é do Clã da Lua e, embora Cael seja plebeu, é o melhor amigo de Nidus – explica Thal, secamente. – Mas suponho que, sendo a srta. Recentemente-Descobri-Ser-Uma-Nobre-Perdida, você vai se juntar a esse clube em breve.

– Todos vocês estão no segundo ou no terceiro ano? – Mudo de assunto, afastando-os de mim e de minha nobreza falsa. Thal, Myrion e Elorin assentem. – Quando se formarem, vão para o clã do seu Arcano Maior?

Dizem que todos os clãs nobres foram fundados pelos indivíduos que

mais encarnavam e acreditavam no conjunto de crenças e costumes do seu Arcano Maior. Pensando bem... essa alegação se alinha com a história de Kaelis sobre o Louco. Se cada um dos Maiores foi uma pessoa, muito tempo atrás, é claro que seriam poderosos e respeitados o bastante para se tornarem líderes.

– Não necessariamente – responde Elorin. – Como Kaelis disse, os Maiores são designados a algum clã, como os outros Arcanistas, dependendo da necessidade ou, às vezes, de relacionamentos pessoais com o clã. Aposto que você será "designada" ao Clã do Eremita, já que eles não têm um Arcanista próprio.

– Eles não têm quase nada, graças ao trabalho do seu noivo uns anos atrás – murmura Thal.

– A maioria das pessoas não sabe da existência dos Maiores – continua Myrion. Fico pensando se mudou de assunto tão rápido por acaso ou se sabe de algo sobre o Clã do Eremita. – Os únicos que sabem de nós são o próprio rei Oricalis, seu círculo interno, os Altos Lordes e as Altas Damas dos clãs e os parentes de um Maior. Mas tecnicamente deveríamos manter nossa identidade um segredo, até da família, caso eles já não tenham descoberto a verdade.

– Alguns Maiores são mantidos na Corte, no castelo Oricalis, sob vigilância estrita do próprio rei – acrescenta Elorin.

– Em *serviço* ao rei – corrige Myrion.

– Em serviço ao rei – repete Elorin. Seu tom mudou quando começou a falar sobre a Corte do castelo, mas não consigo interpretá-lo.

– Vocês pertencem a algum clã nobre? Qual?

Arrisco um palpite de que as opiniões dela sobre a Corte foram moldadas pelo fato de pertencer ou não a um clã nobre.

– Eu não tenho nada de nobre – diz Elorin, me surpreendendo. Sua túnica arco-íris, pontilhada de estrelas douradas, parece bem cara. – Meus pais trabalham nos barcos do rio que transportam pós.

– Myrion Leva, a seu dispor. – Myrion curva a cabeça respeitosamente.

– Leva? Eu conheço esse nome. – Sabia que ele era do Clã dos Amantes depois que demos a volta no salão, mas não imaginei que fosse o herdeiro.

– Estou honrado. Sim, meu pai é o Alto Lorde Ixil Leva do Clã dos Amantes. – Ele parece envergonhado. *Por quê?* Deveria ser um motivo de orgulho para ele.

– Não sabia que eu dei uma volta no salão com um homem a um passo da realeza na minha primeira noite aqui.

– Não é bem assim. – Myrion esfrega a nuca e olha para Elorin, que encara fixamente o canto da sala.

– Sou do Clã do Mago, mas não tenho um sobrenome que você reconheça – diz Thal. – No que se refere a nobres, estou bem abaixo na hierarquia.

– Sorza Sprigspark.

Ah, ela vem do noroeste da Cidade do Eclipse, onde ficam as Florestas de Sangue. Sprigspark é o nome dado aos órfãos de lá, como Graysword é aqui no sul.

– Clara Redwin – digo, com cuidado para não errar meu nome falso mais recente.

Duvido que muitas pessoas possam dizer que já foram conhecidas por quatro nomes na vida: eu nasci Chevalyer, embora nunca o tenha usado. Minha mãe fez Arina e eu jurarmos segredo sobre nosso nome de nascença desde o momento em que descobrimos sua existência. Depois veio Daygar, o nome que mamãe nos disse para contar às pessoas. Esse foi o que mais durou. E então Graysword quando fui capturada e mandada a Halazar e, agora, Redwin. Kaelis tem sorte por eu ser tão bem versada em aprender e responder a nomes falsos.

– Mas acho que todos vocês já sabem disso a essa altura – concluo.

– Tenho quase certeza de que *todos* os alunos sabem seu nome. – Pelo jeito que Myrion diz isso, ele não parece achar que é uma coisa boa. – Você é a Roda da Fortuna ou a Estrela?

– O quê? – Preciso de um momento para absorver a pergunta. – Ah... – *Fortuna*, Kaelis me chamou. – Roda da Fortuna, acho.

– Rá, eu tinha razão. A Estrela é o último. – Thal estende a mão para Myrion com um sorriso felino. Myrion põe uma moeda de prata grande em sua mão, 1 doln, e revira os olhos.

Esses dois apostaram 1 doln inteiro em quem seria o próximo Maior? Já não acredito que Thal está "baixo" na hierarquia. Esse tipo de dinheiro raramente troca de mãos.

– Bem... sabemos os nomes e Maiores de todos, e agora? – pergunto.

– Vocês terão aulas à tarde sobre os Arcanos Maiores – anuncia Elorin

com um floreio que faz o tecido esvoaçante e multicolorido das roupas dançar ao redor dos braços. – E nós somos os seus professores.

Todos nos reunimos ao redor da mesa dos fundos em que ela, Myrion e Sorza estavam debruçados mais cedo. A superfície está coberta de papéis magníficos com acabamentos variados, potes de tinta cheios, contêineres vazios e palhetas de cristal. Não achei que era possível, mas os pincéis e as penas são ainda mais refinados do que aqueles no meu quarto. Fico me perguntando o que o próprio príncipe usa.

– Vamos começar – diz Myrion, se inclinando sobre a mesa.

Os conceitos são familiares: o Arcanista extrai seu poder e o canaliza na tinta, embebendo-o e o prendendo numa carta para uso futuro. Mas o que se segue é completamente incompreensível. Para os Arcanos Menores, os materiais necessários são claros.

As cartas de Espadas são pintadas com pó preto iridescente feito das penas trituradas dos falcões que fazem seus ninhos na Descida.

As de Paus exigem as cinzas pálidas de teixos queimados que só crescem nas Florestas de Sangue, infestadas de monstros.

O pó azul-claro prismático de Copas é feito de cristais esmagados coletados por mergulhadores nas Minas Afogadas.

A tinta de Ouros vem de frutos verdes que florescem em plantas delicadas e espinhosas nativas às planícies que fazem fronteira com o distante Grande Deserto.

Qualquer carta de Espadas, Paus, Copas ou Ouros pode ser pintada com o pó necessário misturado com uma liga como óleo ou água. Cada ingrediente é difícil de obter e ainda mais de processar. Mas a ideia é simples... ao contrário de pintar um Arcano Maior.

– Então, como Maiores, podemos pintar os Menores com qualquer pó, mas nossas cartas Maiores exigem algo especial?

Os três do segundo e do terceiro anos trocam um olhar confuso.

– Não podemos pintar os Arcanos Menores com nada além da tinta exigida – diz Elorin em nome do grupo.

Olho para Sorza.

– Não posso dizer que já tentei... mas sou nova nisso. – Ela parece cética.

– Você consegue, Clara? – pergunta Myrion.

– Consigo – admito, desejando ter mantido a boca fechada.

– Fascinante. – Ele esfrega o queixo. – A magia de cada Maior é

diferente, mas é poderosa, e dá a cada indivíduo benefícios adicionais únicos. Nosso Arcano Maior é nosso poder primário, e a carta é o jeito de acessá-lo ativamente. Quando pintada com sucesso, ela se torna prateada. Um Maior também possui a habilidade de usar outras cartas dos Arcanos Maiores, o que Arcanistas comuns não conseguem fazer.

– Um Arcanista comum pode usar uma carta Maior se for abençoado pela carta do Hierofante – aponta Thal.

– Bem, sim. Mas, de modo geral, só a gente consegue usar os Arcanos Maiores – rebate Myrion. – Enfim, ser a encarnação de um Maior implica outros poderes, aqueles "benefícios adicionais" que eu mencionei. Eles são únicos a cada Maior, e geralmente habilidades menores e inatas que não exigem nenhuma carta. No meu caso, meu poder primário são os Amantes. Se eu ou outro Maior lançar essa carta, faz duas pessoas cujos nomes eu conheça se apaixonarem. Minha habilidade inata é que muitas vezes consigo ver, com um olhar, se duas pessoas estão apaixonadas.

– É mesmo? – Tento não transparecer meu pânico, pensando na demonstração que Kaelis e eu demos mais cedo.

– Mais ou menos. – Seu sorriso é ilegível. – Não é como usar uma carta, que é algo certeiro, mas tenho um instinto bem razoável.

– E vocês dois? – pergunto, tentando me afastar da ideia de Myrion vendo que Kaelis e eu obviamente não estamos apaixonados. Se ele ainda não disse nada, talvez não vá dizer. Ou... não tenha conseguido ver.

– As pessoas sentem-se inclinadas a dizer coisas ao meu redor – diz Elorin. – Me contam coisas que poderiam não admitir normalmente, ainda mais se eu insistir.

– Minha tolerância à dor é ridícula – fala Thal.

– E você, então, consegue pintar qualquer Menor com qualquer pó. – Sorza me examina e solta um murmúrio. – Qual será o meu?

– Você vai descobrir no devido tempo – afirma Elorin. – Por ora, vamos nos focar no principal modo de acessar seu poder: pintando sua carta Maior.

– Vocês vão ter que descobrir o *custo* específico da sua carta do Arcano Maior – enfatiza Thal. – Por exemplo, a minha exige papoulas trituradas colhidas num dia ensolarado.

– Isso não faz sentido nenhum...

Eu me remexo, desconfortável, me esforçando para não deixar a

insegurança transparecer. Sempre fui rápida em apreender qualquer lição ou conceito apresentado, mas nessa sala, entre meus pares, não consigo deixar de sentir, pela primeira vez no que se trata do arcano, que estou ficando para trás.

– O Sol... – Thal enfia a mão na túnica solta e puxa um frasco cheio de pó carmesim. É diferente de tudo que eu já vi, quase cor de sangue. No entanto, quando o ergue às janelas, ainda iluminadas pelo sol da tarde, a luz é decomposta em uma dúzia de arco-íris que se espalham sobre a mesa em que nos reunimos. – Ele tira qualquer dor de um indivíduo. Do corpo e da mente. Uma versão aperfeiçoada e perfeita da papoula medicinal, e cem vezes mais viciante.

– Tem certa lógica nisso, acho. – Mas que material de pintura é "lógico" para uma Roda da Fortuna?

– Não se preocupe, todos passamos por isso. – Thal dá um empurrãozinho no meu ombro, me reconfortando. – Lembre-se: a carta reflete você e seu poder latente. O custo está dentro de você. Você vai saber quando o encontrar.

Só consigo assentir.

– E, assim como uma carta Menor, você precisa ter esse material para pintar as cartas? – pergunta Sorza.

– Não é *sempre* um material. – Elorin corre os dedos de leve sobre os instrumentos de pintura, fitando-os com um olhar vazio.

– O que é para você? – A expressão e os movimentos dela me levam a fazer a pergunta com cuidado.

Elorin volta o olhar para mim. Apesar do tom azul brilhante de seus olhos, eles são ainda mais desprovidos de emoção ou sentimento que os de Kaelis.

– Assim como sua habilidade com o Arcano Menor, eu posso usar qualquer material de pintura, até tinta simples. Mas para imbuir poder nela e fazer uma carta, preciso abrir mão de uma lembrança.

Sorza deixa escapar um arquejo suave, boquiaberta.

– Você pode escolher qual?

– Posso. E, por sorte, pode ser pequena. – Elorin parece exausta, como se tivesse dado essa explicação mil vezes, embora não possa ter sido mais que vinte e poucas, dada a natureza secreta de nossa identidade. – Mas é por isso

que preciso me certificar continuamente de criar lembranças e tomar cuidado com as que cedo.

– Mesmo que possa criar lembranças... o custo é horrível – diz Sorza.

– É um sacrifício, mas todos devemos pagar o preço a serviço da Coroa Oricalis.

São palavras vazias em que Elorin não acredita – eu apostaria minha vida nisso.

– E o custo nos une – acrescenta Myrion. – É um sacrifício que só nós podemos fazer e só nós podemos entender.

Todos trocam um olhar que sugere que há algo mais, mas eu não saberia o que perguntar. Em vez disso, me concentro nas implicações práticas do que ele está dizendo.

– Como você pinta uma lembrança?

– Assim como os materiais puros para os pós precisam ser processados adequadamente para virar tinta de tarô, é o ato de sacrificar a lembrança que carrega o pigmento que vou usar, tornando-o mágico. – Elorin pega uma folha de papel grande da pilha e a entrega a Sorza.

Carrega o pigmento... Olho para minha mão por um segundo, pensando em quantas vezes perfurei o dedo com a ponta da pena para pintar um Menor com qualquer pó. Talvez Thal tenha razão – talvez o custo esteja em algum lugar dentro de mim e eu simplesmente vá *saber*, assim como o instinto me levou a acreditar e descobrir que eu poderia pintar qualquer carta misturando meu sangue com a tinta.

Sou tirada dos meus pensamentos quando um pedaço de papel é colocado em minha mão. Meus olhos encontram os de Elorin.

– Para começar – continua ela –, medite sobre a essência da sua carta, o que ela significa. Desenhe o que vier à mente. Não force nada, deixe os símbolos e sentimentos fluírem. Siga-os. Deixe-os guiarem você até seus funcionamentos internos.

Ela fala quase como a mamãe. Um fato que ignoro.

– Como Eza já sabe como pintar a carta dele? – pergunto.

Presumo que não seja segredo. E, se for, estou mais do que disposta a revelar os segredos dele.

– Ser amigo íntimo de outros membros dos Arcanos Maiores deu uma vantagem a ele antes que entrasse na Academia – explica Myrion.

– Ah, então, como em tudo o mais, os nobres saem na frente – murmura

Sorza.

Eu queria simpatizar mais com ela, mas me esforço para manter a expressão neutra, até um pouco culpada, já que tecnicamente sou um desses "nobres".

– Concentrem-se nas próprias cartas por enquanto. – Elorin bate um dedo na mesa, as unhas tão coloridas quanto o cabelo.

Sorza e eu sentamos a nossas próprias mesas de pintura e as horas passam voando, interrompidas apenas quando Myrion faz a gentileza de nos trazer alguns petiscos para compensar o almoço que perdemos. Pela primeira vez na vida, minha pena fica imóvel. Não consigo pensar em uma única marca. Repasso minhas lembranças – de mamãe e Arina, de sobreviver nas ruas da Cidade do Eclipse, do Clube dos Malfadados, de lutas de rua e noites frias de inverno nas quais a única coisa capaz de combater os tremores era um corpo quente ao lado do meu. Procuro um sinal ou alguma espécie de fio condutor. Algo que levaria tudo isso a fazer sentido, quando visto através da lente do significado da Roda da Fortuna. Todas as possibilidades dançam à minha frente, provocadoras, sempre fora de alcance.

A sorte está do meu lado. É a única coisa em que consigo pensar. Outro sinal desse suposto Maior, percebo. Mas agora, quando preciso dela mais do que nunca, a sorte não aparece. Ainda que seja um poder inato do meu Maior, certamente não posso invocá-la a meu bel-prazer.

A Roda da Fortuna pode indicar uma mudança na sorte de alguém, mas também uma mudança enorme em suas circunstâncias. A ação de uma força além do seu controle, o que é adequado, pois nunca me senti mais descontrolada.

Mamãe... Queria poder perguntar a ela.

Você não precisa se preocupar com os Arcanos Maiores, dissera ela com firmeza. *Os Arcanistas não podem pintá-los ou usá-los. É melhor não pensar demais neles. Na verdade, assim como a fortaleza do outro lado da ponte, evite-os a todo custo.*

Será que ela sabia da minha identidade secreta? Sempre cortou qualquer discussão dos Maiores exceto por breves menções em fábulas. Talvez com um pouco de convicção demais... Ela devia ter suspeitado de que algo era diferente em mim quando descobriu que eu podia pintar qualquer Menor com qualquer tinta.

Você sabia? Uma pergunta que nunca poderei fazer. Respostas perdidas para sempre, levadas por seu algoz. Esfrego o pescoço, pensando. Se ao menos pudesse vê-la mais uma vez... Tudo começou a desandar assim que ela morreu.

– Você está tentando demais. – A respiração quente de Thal me faz dar um pulinho. Nem vi elu se aproximar tanto.

– Melhor do que não tentar. – Abaixo a pena e esfrego os olhos, só notando agora como a sala ficou escura.

– É normal ter dificuldade, mas não se preocupe, você vai conseguir. Todos conseguimos. Às vezes, são as coisas que não podemos ver em nós mesmos que têm mais poder. Você vai descobrir logo, tenho certeza. – Elu dá um tapinha nas minhas costas. – Estamos indo jantar. Você deveria vir também.

Os outros três estão parados ao pé da escada.

– Vou daqui a pouco, só quero tentar mais um pouquinho. – Eu *não* vou deixar isso me derrotar, mesmo se tiver que passar a noite aqui. – Podem ir sem mim.

– Tem certeza? – pergunta Sorza, que sem dúvida vê como meu rosto está emaciado.

Confirmo com um aceno.

– Sinto que estou próxima de um avanço. – É mentira, mas eles me deixam em paz com meus pensamentos e meu trabalho.

A ponta da pena paira sobre o pergaminho, pingando gotas de tinta. Preciso desenhar alguma coisa, *qualquer coisa.* Meus dedos tremem, doloridos com o peso da folha em branco à minha frente.

Respiro fundo, trêmula, tentando conter a frustração crescente que ameaça me engolir inteira conforme as sombras se esticam cada vez mais. A folha de um branco ofuscante debocha de mim. Abaixo a pena e balanço a cabeça. *Por que estou me esforçando tanto? Por quem? Kaelis?* A ideia é horrenda.

Esses Maiores até podem ser reais. Eu até *posso* ser um deles. E daí? Posso descobrir a verdade e o que isso significa para mim além dos muros da Academia – além do alcance de Kaelis, porque ele é a última pessoa que eu gostaria que tivesse esse poder.

Olho ao redor do salão, confirmando o que já sei: estou completamente sozinha. Ainda estou exausta e malnutrida – meu corpo mal parece

pertencer a mim –, mas tenho um baralho de cartas recém-pintadas no quadril e sei que minha irmã achou um jeito de sair desse lugar. E, se Arina conseguiu encontrar uma saída, eu também irei.

Vou sair da Academia Arcana.



CAPÍTULO 20

Arina não me contou muito sobre a passagem secreta que descobriu na ponte. Eu também nunca perguntei. Em parte por minha confiança e fé nela – e provavelmente por um excesso de ambas, considerando como minha irmã podia ser imprudente. Mas outro motivo para não ter perguntado era que eu não *queria* saber. Quanto mais detalhes eu tivesse, maior o risco que poderia me tornar para ela. Mesmo o pouco que eu sabia provavelmente já a pôs em perigo.

Se ela não estiver do lado de fora... Se Kaelis fez algo com ela... Os pensamentos fazem meu sangue ferver mais que o ar quente da estufa quando saio do Santuário dos Maiores. Kaelis pode fingir que não conhece o nome dela, mas sei que não é o caso. Conheço seu caráter e vi em primeira mão como vigia atentamente sua preciosa Academia. Ele está brincando comigo, e não vou permitir que continue nem por um segundo a mais.

No entanto, conforme os corredores escuros da Academia se abrem à minha frente, meus pensamentos se detêm nele mais do que eu gostaria. A sensação dos seus braços ao meu redor, puxando-me daquele mundo de pesadelos. A preocupação em sua voz e o conforto inesperado de sua

presença – a mesma sensação de quando ele apoiou a mão no meu quadril, na frente de Ravin e dos guardas de Halazar.

Protegida. Segura. Sem dúvida é assim que ele quer que eu me sinta. Kaelis é um mestre da manipulação. Um especialista em controle. Quanto mais eu ficar aqui, mais risco corro de me tornar vítima de suas tramoias. Os fios invisíveis da sua influência já estão se enroscando ao meu redor, tão inflexíveis quanto suas mãos.

Estudantes, iniciados, professores e funcionários estão todos ocupados com o jantar no salão principal, o que torna este momento perfeito para dar uma escapada. Por um segundo, considero voltar para meu quarto e coletar suprimentos, mas não arrisco. Não quero atrair atenção.

A única coisa que queria ter arranjado é um pouco de comida. Os petiscos que Myrion trouxe ajudaram, mas não foram um substituto suficiente para uma refeição. Meu estômago está roncando. Três refeições decentes e ele se lembrou de como é bom estar cheio de novo. O mundo oscila de leve enquanto desço uma escadaria sinuosa.

Vou ter tempo para comer quando sair daqui. Vou saborear a comida de Jura com Twino, enquanto dividimos um bule de chá escaldante. Os ingredientes vão custar a metade do que custam as coisas que servem aqui e ter o dobro do sabor.

Sabendo pouco sobre a passagem de Arina além de sua existência e algumas menções vagas, só me resta tentar descobrir sua localização pela lógica. Deixando as janelas me guiarem, sigo na direção da Cidade do Eclipse e da ponte imponente que se estende entre ela e a Academia. A ponte está num nível mais baixo, comparado ao resto da Academia, então sigo em busca da base da fortaleza.

Uma passagem leva à outra. Uso o Dois de Paus para me guiar. A carta queima ao ser usada, deixando rastros de luz alaranjada cintilante apontando na direção do que pretendo encontrar sempre que estou em uma encruzilhada. Mas só pintei três delas, e logo tenho que seguir em frente apenas por instinto.

Os cômodos se tornam progressivamente mais escuros conforme o número de arandelas e lamparinas mágicas que iluminam a Academia diminui nesses espaços inutilizados e esquecidos. É difícil manter o foco quando portas entreabertas me atraem com tantos segredos. Meus pensamentos voltam para a máquina da qual Kaelis fez questão de me

barrar. Quantos outros segredos estão trancados nas profundezas da Academia? Que esqueletos o príncipe nascido do vazio mantém enterrados?

Quanto mais sigo em frente, mais os pelos da minha nuca se arrepiam. A sensação de que estou sendo observada não diminui. Fico olhando por cima do ombro e parando atrás de portas, com as costas contra a parede, apurando os ouvidos. Uma vez, até acho que ouvi passos, mas somem tão depressa que não tenho certeza se o som foi de solas de botas contra tapetes puídos ou das batidas do meu coração.

Mais rápido.

Cada passo é impelido por essas duas palavras. As sombras se tornam mais espessas. Minha respiração acelera. Com a pressa, os recintos ficam borrados. Esvanecem.

Você nunca vai sair desse lugar.

O pensamento é tão vívido que é como se alguém o tivesse sussurrado no meu ouvido. Quase consigo sentir o hálito frio atrás do pescoço pegajoso de suor. *Mais rápido. Ainda mais.* As paredes estão se fechando, tentando me espremer – me matar.

A sorte está do meu lado. A sorte está do meu lado. A sorte está do meu lado.

As sombras ganham vida daquele mesmo jeito de quando Kaelis está por perto. Minha cabeça gira. Ainda não me livrei da sensação de estar sendo observada. Será que alguém está me seguindo? Ou são só os ecos dos meus passos? Esses jogos mentais são exatamente o tipo de coisa que Kaelis faria.

– Já chega! – disparo e me viro. Mas não há nada aqui. Mal consigo ver os corredores pelos quais vim. – Chega de jogos, Kaelis!

Como que em resposta, toda a luz desaparece.

Eu corro.

Meus dentes começam a bater de frio e medo. Mãos invisíveis empurram meus ombros e tentam me puxar para trás. Quero gritar, mas não vou dar a ele – onde quer que esteja – a satisfação. Meus joelhos tremem, tensionando-se. Eu tropeço, e por um triz não saio rolando por uma escadaria decrépita e quebro o pescoço.

Mas pura força de vontade, meu ódio por Kaelis e toda essa fortaleza são suficientes para manter meus ossos no lugar. Meus pulmões queimam com o frio. Meu coração dispara enquanto sinto mãos sobre mim. Empurrando. Puxando. Agarrando como os guardas de Halazar costumavam fazer.

De repente, tropeço em um espaço vasto. Não consigo ver nada, mas a claustrofobia abranda. Arquejo, o peito subindo e descendo, e sinto a lateral do corpo dolorida. O ar aqui é tão frio que meus olhos ardem.

Estico os braços, tateando na mais completa escuridão, até que minhas mãos encontram uma parede de pedra. Eu a sigo, ainda esperando que Kaelis se revele com gargalhadas e zombarias. Halazar me acostumou à ausência de luz, mas algo na escuridão aqui não é natural. A magia paira no ar estagnado, chiando sobre minha pele. Sobe à superfície da pedra, estalando, quando minha palma desliza sobre entalhes intricados.

Chamas prateadas frias se acendem em braseiros de ferro que flanqueiam uma porta enorme. Elas não emanam aroma nem fumaça. A luz dança sobre a porta imponente, sua superfície entalhada coberta com uma amálgama estranha de símbolos relacionados a cartas.

Giro, esperando usar a luz para examinar o salão, mas seu brilho se estende só alguns passos atrás de mim. Todo o resto continua na obscuridade. Minha inquietação diminuiu, mas não se dissipou. Espero para ver se Kaelis vai emergir, porém ele não aparece. Talvez o tenha deixado para trás... Viro de volta à porta.

Com certeza tem a aparência de uma entrada grandiosa. Já vi os alunos e professores desfilando na ponte todo ano para o Festival do Fogo, então sei que a entrada da Academia moderna se conecta com ela. Mas, considerando como a fortaleza é antiga, esta poderia já ter sido a entrada e saída principal.

Empurro as portas, mas elas não se mexem. Apoiar os ombros e fazer força não ajuda. Nenhuma das bordas esculpidas cede nem um pouco. Não há alavancas escondidas. Nenhum botão secreto entre os vários entalhes de Copas e Espadas.

Recuando um passo, avalio a fachada esculpida. Há magia atuando aqui. Semicerrando os olhos, inclino a cabeça e afasto todos os outros pensamentos e preocupações, tentando adivinhar o método de abrir essa passagem. Cheguei até aqui; não vou ser impedida por uma fechadura.

À medida que examino a porta, um padrão começa a emergir. Devagar, mas nítido. O que a princípio achei ser puro caos é o contrário, na verdade. Posso distinguir uma mão segurando uma espada no alto. Gravetos formam uma coroa de perfil que também poderia ser interpretada como a Rainha de Copas. É como se quatro cartas se sobrepusessem. Os desenhos se mesclam, misturando-se de um jeito caótico, mas subitamente claro.

O Quatro de Paus, a Rainha de Copas, o Ás de Espadas e o Seis de Ouros se erguem do meu baralho. Imediatamente, são puxados pelas portas por uma força mágica que não é minha e explodem em um clarão de luz prateada que ilumina os padrões ocultos.

As portas se abrem para dentro em silêncio, revelando ainda mais escuridão.

Respirando fundo, atravesso a parede de sombras vivas, emergindo em um salão pouco iluminado, com um piso de areia batida. A única fonte de iluminação são dez feixes de luz finíssimos e verticais, dispostos em intervalos, como colunas. Semicerrando os olhos, tento descobrir a fonte da luz, mas está fora do meu campo de visão. Os feixes parecem brotar do nada, abrindo caminho entre sulcos no teto.

Na parede mais distante do salão há uma abertura em arco. Convidativa. Já consigo imaginar que a saída é do lado oposto.

Está fácil demais, o instinto me diz. Ainda mais considerando como foi difícil passar pelas portas. Por outro lado, talvez as portas fossem a defesa primária? *Não, tem algo errado aqui.* Os feixes de luz sem fonte, a imobilidade tão presente que parece outra pessoa... Mas Kaelis ainda não apareceu, o que me faz duvidar dos meus sentidos.

Folheando as cartas no baralho, procuro alguma coisa que possa ajudar. Novamente, desejo ter planejado melhor minha fuga. Mas não era como se eu soubesse que uma oportunidade se apresentaria tão rápido.

O Três de Paus – a segurança na viagem – é o melhor que tenho. A *única* coisa que poderia ser um pouco útil. Devolvo o baralho ao coldre e solto a carta, pisando nela. A magia cobre meu pé, subindo pelo meu corpo como ramos flamejantes que desaparecem antes de apresentar qualquer perigo.

Reunindo coragem, dou um passo à frente, relaxando o peso na areia. Não sou sugada de imediato para baixo. Na verdade, nada acontece.

Concentrada na porta, dou outro passo, e mais um. Vejo uma centelha pelo canto do olho. Assim que percebo que um dos feixes de luz desapareceu, a magia que lancei com o Três de Paus é ativada. Minhas botas se movem, os pés carregados graças ao fato de estarem dentro delas. A magia me leva no que seria o caminho "seguro", dando dois passos para trás. O feixe de luz reaparece onde eu estava parada.

Evitar a luz? Mal tive tempo de compreender quando outro feixe desaparece e reaparece ao meu lado. Giro, dessa vez aproveitando a magia

que me protege, movendo-me mais rápido do que deveria. Mas outro feixe se moveu – ou eu estava mais próxima do que achava.

Meu braço roça na luz, só um tiquinho.

Uma pontada de dor sobe diretamente à minha cabeça. É tão forte que fico ofegante, atordoada. A manga da jaqueta foi rasgada, um corte perfeitamente limpo. Sangue escorre do antebraço para o chão de areia. Então uma pedra pálida atrai minha atenção, me distraindo. Movo o pé, remexendo a areia ao redor dela. *Não, não é uma pedra...* Um inconfundível pedaço de osso serve como um aviso sombrio.

A Rainha de Copas sobe do baralho, brilhando. A pele se cura, mas a dor permanece. Outro lampejo. A luz muda de lugar. Eu desvio.

Os feixes se apagam e reaparecem. Danço ao redor deles: um passo para a frente, outro para trás. Dois para a frente. Três para trás. De um lado para outro.

Não consigo progredir, e a magia do Três de Paus está se esgotando rápido. Meus músculos estão queimando, e o fogo escapa como um grito quando não consigo desviar de outro feixe de luz. Este atravessa meu pé, fazendo sangue explodir na areia e inutilizando o membro quase imediatamente. Com os dedos trêmulos, tento encontrar outra Rainha de Copas, mas não há nenhuma. Usei a outra que tinha pintado na porta.

Os tendões cortados comprometem meu equilíbrio. Tento compensar, mas meu pé se torce na areia. Começo a cair. Um feixe de luz surge do nada, reaparecendo às minhas costas. *Merda.* Não tenho nem tempo para ver a vida passar na frente dos olhos antes que meu ombro encoste no feixe, afiado como uma lâmina, no meio da queda. Eu me contorço o suficiente para que não pegue a veia vital no pescoço, mas ele faz um corte fundo – tão fundo que, dessa vez, não há som para exprimir dor, só um gorgolejar ensanguentado.

Pisco para o teto cinza enquanto as luzes acendem e apagam, cada vez mais próximas, como se estivessem me caçando – debochando de mim. As bordas da minha visão borram e escurecem. Cada piscada é mais difícil que a anterior. Não consigo nem mover o braço direito. Meu corpo inteiro estremece, esfriando.

Quero pensar no clube, na minha mãe, na minha irmã, mas não consigo reunir forças para uma última lembrança que me traria algum conforto. Só consigo pensar em uma coisa.

Eu vou morrer.



Assim que o pensamento cruza minha mente, há um clamor de passos no chão de pedra. A areia se espalha quando um homem pousa com um baque perto de mim.

Ah, aqui está ele, finalmente... Pelo visto, Kaelis sentiu que já brincou o suficiente comigo.

Há um lampejo de magia quando duas mãos fortes se enfiam sob meus braços. Uma Rainha de Copas costura os músculos e tendões do meu ombro, deixando uma dor embotada para trás. A Rainha de Copas pode curar o ferimento, mas sempre deixa dores fantasmas. Por sorte, se tem uma coisa em que sou boa é ignorar a dor.

Sou arrastada de volta pelo véu de sombras, passando pelo limiar da porta até o chão de pedra fria além, onde sou jogada sem cerimônia. Perco e recobro a consciência enquanto as mãos me soltam. Então os passos se afastam.

Sério? Ele vai me deixar aqui?

– Kaelis, seu desgraçado – digo, rouca. – Se me quer morta, termine logo o serviço.

Há outro momento de silêncio depois do eco do último passo, mas

consigo sentir que ele ainda está aqui. Ofego baixinho, mas a dor diminui.

– Você só queria que eu pensasse que tinha uma chance, não é?

– Não sou Kaelis – diz uma voz desconhecida.

É mais suave do que a dele, um pouco mais aguda, quase como uma canção sussurrada. O choque me imobiliza. *Não é Kaelis...* mas alguém que conhece esse lugar bem o suficiente para ouvir meus gritos. Ou talvez seja a pessoa que eu senti que estava me seguindo. Encaro o teto, considerando minhas opções. No mínimo, ele salvou minha vida. Isso tem que contar para alguma coisa.

– Você trabalha para Kaelis? – pergunto.

– Todos não trabalhamos?

A relutância na resposta me dá esperança. Não é exatamente um apoio inequívoco do príncipe; com certeza não há amor nas três palavras inexpressivas.

Eu me esforço para me sentar e me viro para ele. O homem está parado no limite entre a luz e a escuridão, quase totalmente oculto. Pelo que posso ver, ele não *parece* um estudante. Suspeito que tenha uns 20 anos, um pouco mais que Kaelis. Usa roupas simples – uma camisa de algodão solta, de mangas compridas, e uma calça simples do tipo que saiu de moda há quatro anos.

Alguém de fora? Pelos Vinte, espero que sim. Talvez nossos caminhos tenham se cruzado porque ele também estava seguindo pela passagem secreta. Espero que seja um ladrão como eu, movendo-se bem embaixo do nariz de Kaelis e enlouquecendo-o.

– Não avance tão fundo na Academia de novo – avisa ele. – Há perigos nas profundezas, e você pode não ter a sorte de eu estar por perto da próxima vez para te salvar.

– Eu vi o perigo em primeira mão... – Esfrego o pescoço. – Aquela é a saída, não é?

Arina vai se gabar até o fim dos tempos se conseguiu atravessar algo que quase me matou na minha primeira tentativa.

– Não sei. Se está procurando uma saída, siga as regras e use a ponte como todos os outros alunos. Não se meta nas ruínas na base da fortaleza.

Ele começa a se afastar.

– Espere. – Eu me ergo às pressas, tropeçando. – Por favor, *espere.* – O homem se detém. – Você claramente sabe sobre a Academia. É um aluno?

Não há resposta. É difícil ver o rosto dele sob as chamas tremeluzentes.

– Ou era aluno? Funcionário? Professor?

Ele continua calado e me dá as costas de novo.

– Vai me deixar aqui? – Dou um passo, ainda cambaleante quando o mundo oscila. – Preciso de sua ajud... – Meus pés derrapam. A tontura causada pela perda de sangue se apodera do meu equilíbrio, mas não caio no chão. Em vez disso, encontro o lado quente e firme do homem. Seu braço se engancha no meu e me puxa meio de pé. Encontro os olhos dele, prestes a agradecer, mas acabo deixando escapar uma pergunta. – Eu te conheço?

– Meu rosto é comum. – Ele desvia os olhos. – Não se preocupe comigo. É melhor me esquecer. Pense que tudo isso foi só um sonho.

Ele começa a andar, nos levando para longe das portas misteriosas. Olho por cima do ombro a tempo de vê-las se fechar com um brilho sobre os entalhes, feito um selo. As chamas se extinguem tão magicamente quanto se acenderam, deixando apenas escuridão. Quando pisco, só consigo distinguir o contorno azul de onde estavam.

– O que era aquele lugar? – pergunto baixinho, mais para mim do que para ele.

A noite se tornou viva de novo. Avassaladora. Ameaçadora. Tenho a sensação irracional de que, se falar alto demais, atrairei a atenção de algum monstro perigoso e adormecido.

– Um lugar para onde você nunca deve voltar. – Ele parece mais calmo que eu, como se estivesse acostumado à opressão hostil dessas passagens.

– Isso só me faz querer ir ainda mais. – Minha bravata soa um pouco fraca, até aos meus ouvidos.

Ele faz uma pausa, suspira, e então continua andando. Logo subimos uma escadaria sinuosa e emergimos em um corredor iluminado pelo luar. Pisco enquanto meus olhos se adaptam; até as estrelas parecem brilhar mais forte comparado com... o que quer que fosse aquele lugar. A escuridão atrás de nós parece normal, dando respaldo às palavras dele: *só um sonho.*

– Aonde está me levando? – pergunto enquanto continuamos pelo corredor. Não conheço esse lugar, mas isso vale para a maior parte da Academia.

– Meu quarto. – Isso deveria me alarmar bem mais.

– Você tem o hábito de levar estranhos para seu quarto?

– Nem um pouco.

– Eu deveria me considerar sortuda, então?

Há uma risada breve e amarga antes que ele responda:

– Nem um pouco.

Meu bom senso me diz que devo me preocupar, mas meu instinto protesta. *Esse homem não é um perigo*, diz. Confio em meus instintos. Geralmente estão corretos... com exceção do dia em que fui capturada.

Enquanto caminhamos, olho para ele de esguelha. Ainda é difícil distinguir suas feições, mas os breves clarões das lamparinas me dão uma imagem geral. Cabelo escuro, pele branca e ombros mais largos do que a média. Ele parece um trabalhador braçal, não um dos ocupantes regulares e aprumados da Academia.

É só quando abre a porta, fazendo uma luz cálida jorrar do quarto, que consigo vê-lo com clareza. O cabelo preto está totalmente desgrenhado, mais curto dos lados e mais comprido no topo, caindo sobre sobrancelhas grossas e olhos encovados de um verde tão claro que são quase prateados. A cor é enfatizada pelas olheiras embaixo deles, que parecem espelhar as minhas. O homem já viu sua cota de horrores, eu apostaria minha vida nisso.

– Eu te conheço. – Dessa vez, não é uma pergunta. *Mas de onde?*

– Garanto que não.

De repente, entendo.

– Você conhecia Arina.

Ele para e vira os olhos arregalados na minha direção, como se estivesse me vendo nos ecos da descrição de Arina, assim como eu o vejo. Ela tinha falado de um amigo dentro da Academia – um homem em quem tinha certeza de que podia confiar, apesar do meu ceticismo compreensível. O afeto em sua voz, combinado com o fato de que minha irmã geralmente é tão dura quanto eu em relação à classe dominante e todos que obedecem a ela, no fim me levou a acreditar que podia mesmo confiar nele.

– Silas – digo, confiante.

A expressão dele é toda a confirmação de que preciso.

Silas assente.

– Clara.

– Você sabia que era eu – digo, enfim entendendo. – Foi por isso que me seguiu. E me salvou.

– Você é igualzinha a Arina, se aventurando mais longe do que deveria. – Ele balança a cabeça, mas ouço o afeto por baixo da exasperação em seu

tom. – Você até se parece com ela. As duas têm o mesmo cabelo. – Ele nota a semelhança como ninguém mais.

Eu me remexo, agarrando o braço dele, e ainda estou tão instável que quase derrubo nós dois. Meu coração dispara. Meus dedos apertando os bíceps musculosos dele quando o puxo para me encarar. Meu nariz quase encosta no dele.

– Você é a primeira pessoa que encontro nesse lugar inteiro que reconhece a existência dela. – O alívio luta contra o pânico. – O que aconteceu com Arina?

Silas franze o cenho.

– Me conte – exijo, quando o silêncio se estende. Minha voz afina e preciso me esforçar para não gritar. – Eu sei que ela fugiu. – *Pelo menos tenho quase certeza...*

Mas Silas confirma.

– Sim, a história oficial é que ela "fugiu" da Academia, foi apreendida, marcada e mandada a um moinho.

– História *oficial*? – Eu me agarro à esperança mesmo depois da menção a um moinho ter sido o destino dela.

– Só sei que ela desapareceu. O resto foi o que anunciaram à Academia ano passado, antes dos Desafios do Três de Espadas. – Ele fica sério.

Vou vomitar. Cambaleio, perdendo a força nos dedos. Ele não sabe. Mas Arina não teria contado seus planos a um estranho, mesmo se confiasse nele. Ela o teria mantido um pouco no escuro. Ainda é possível que tenha fugido, e Kaelis com certeza teria encoberto o fato de uma aluna ter escapado do seu controle.

– Vem cá, senta.

Silas me leva para o que só pode ser descrito como um minúsculo apartamento de um cômodo.

O quarto tem mobília de madeira polida de um estilo parecido com a do meu dormitório, mas os entalhes são diferentes. Em vez de hera, penas enfeitam as bordas de poltronas e mesas baixas. Tapetes grossos são obras de arte no chão, suas cores vibrantes delineando um mapa do reino de Oricalis. Pinturas estão penduradas nas paredes, todas feitas por Silas, suspeito, dada suas semelhanças em suporte, formato e estilo.

É como entrar no diário de alguém. Cada caminho gasto no tapete e arranhão nos móveis pode ser lido como uma pista de quem ele é. Aqueles

sulcos no tapete estão em linhas retas, sugerindo que ele fica dando voltas sem parar aqui. O polimento nos braços das cadeiras está desgastado por ser apertado um pouco demais por tempo demais. A encadernação dos livros na única estante parece que se desmancharia com mais uma leitura. São tão amados que estão se desfazendo.

Não consigo evitar a pergunta.

– Você mora aqui?

– Sim. – Há mais envolvido nessa palavra do que consigo compreender.

– O homem das profundezas – sussurro.

Eu não precisava de mais provas de sua identidade, mas aqui estão. Embora não conheça Silas, sinto que ele é um amigo. Há poucas pessoas que Arina mencionava com mais frequência.

– O quê?

– Era assim que minha irmã te chamava.

Com a ajuda dele, eu me sento na poltrona.

Silas dá uma risadinha baixa e atravessa o quarto, pegando um pedaço de pão fino e crocante e carne salgada. Posso ver que é da mesma qualidade que é servida no salão principal, mas sua apresentação bem mais simples me deixa mais à vontade do que estou em dias.

– É a cara dela me chamar assim.

– Ela disse que você conhece as passagens mais profundas da Academia. – E essas passagens, supostamente, a levaram a encontrar algo grande, maior que a passagem da ponte. *Mas o quê?* Não tive a chance de descobrir antes de ser presa. – Foi você que mostrou a saída para ela?

– Não. – Silas suspira. – Ela encontrou sozinha. Pelo contrário, eu a alertei para não ir longe demais.

– Mas você *sabe* como sair daqui? – pergunto, enquanto devoro a comida. Precisava desesperadamente de sustento.

– Não o caminho dela. – Ele percebe o que disse, ergue as mãos e tenta retirar as palavras. – Não, eu não conheço *nenhuma* saída.

Eu o encaro e Silas faz questão de evitar meu olhar inquisitivo.

– Por favor – imploro.

– Não posso.

– Se você conhecia Arina, já sabe quem sou e pelo que luto. O que aconteceu comigo. – Não há por que manter a farsa de nobreza com ele.

Silas desvia os olhos, como se a verdade do que enfrentei fosse demais

para suportar, mas o obrigo a me encarar.

– Não mais que cinco dias atrás, eu estava em Halazar. – Não sei quanto tempo fiquei inconsciente depois que Kaelis me tirou da água, então arrisco um palpite. – Fiquei lá por quase um ano. *Um ano*, Silas. Não tive nenhum contato com as pessoas que mais amo no mundo. Arina... – Sinto um nó na garganta e, por um momento, engasgo com as emoções que tanto tentei controlar. – Ela é minha irmã, a única família de sangue que me resta, e não sei o que aconteceu com ela. A última notícia que tive é que ela mentiu sobre a idade, conseguiu entrar na Academia e passar pelo Festival do Fogo e estava pensando em entrar na Casa de Copas.

– Arina mentiu sobre a idade? – Ele parece genuinamente surpreso. Eu tinha razão: ela não contou tudo a ele.

– Não muito. Ela tinha 19 anos. – Não que desse para ver só de olhar. E a magia dela havia amadurecido completamente. – Ela deveria estar aqui, no segundo ano, mas não consigo encontrá-la e ainda não consegui nenhuma resposta real. As pessoas que eu amo, pessoas que jurei proteger, podem estar em perigo. Também não tenho notícias de nenhuma delas. Cada segundo que passo aqui, ignorante e à mercê dos meus inimigos, me mata por dentro.

Eu abraço o corpo e abaixo a cabeça por um segundo, com uma inspiração trêmula. Até que fiz um bom trabalho em manter o controle. Mas agora sou como uma fita, girando sem parar, tremulando ao vento. Eu me esforço para enfrentar esses sentimentos e ergo os olhos para ele. Quero que sinta o peso das emoções ameaçando me esmagar como se fossem as suas.

– Você não quer saber o que aconteceu com Arina?

– Claro que quero.

– Então me ajude a sair daqui. Me ajude e farei *qualquer coisa* que quiser como pagamento. – Continuo a manter os olhos fixos nos dele. Abaixo a voz, séria. – Você não faz ideia de como é raro eu fazer uma oferta dessas.

Silas abre a boca, mas não diz nada. Quase cede. Mas, no fim, balança a cabeça.

– *Não posso.*

– Você é algum tipo de prisioneiro? – Kaelis claramente tem um pendor por manter as pessoas trancafiadas.

– Não mais do que qualquer um de nós. – *E não é a verdade?*

Mas capto algo mais. Ele está escondendo alguma coisa.

– Mas você não pode ir embora.

– É por causa da minha carta.

A ambiguidade. O fato de Kaelis manter esse homem próximo e escondido...

– Você é um Arcano Maior – concluo, entendendo.

– A Carruagem.

– E o que a Carruagem faz? – Tenho a sensação de que, assim que eu parar de fazer perguntas, ele vai me obrigar a ir embora.

– Basicamente o que você esperaria... transporte instantâneo entre duas localizações conhecidas.

Eu me levanto com um pulo.

– Então você pode sair daqui.

Ele continua evitando meus olhos.

– Você é nova aqui. Ainda não conhece todas as regras dos Maiores.

– Fodam-se as regras – disparo.

Os olhos de Silas se arregalam de choque.

– O uso de cartas Maiores é restrito a Altos Lordes e Altas Damas, ou ao próprio rei. Não podemos...

– Eu não me importo com o que pensam essas pessoas que nunca passaram um dia da vida se preocupando comigo – interrompo.

Raiva transborda das palavras, mas mantenho a compostura para ficar claro que não estou brava com ele.

– Eles vão te punir.

– Não me importo – repito.

– Você não sabe o que eles podem fazer com você.

Solto uma risada brusca.

– Eu sei *exatamente* o que eles podem fazer comigo. – Silas se cala. – Eza não segue as regras. Ele usa sua carta Maior como quer. Não seja o único obedecendo às limitações que a Coroa nos impõe.

– O custo de Eza é muito menor do que o de outras pessoas. Aqueles de nós com exigências mais raras são muito mais vigiados. Não podemos fazer tanto quanto ele.

– Qual é o custo para você? – pergunto, em parte para mantê-lo falando.

Silas não parece o tipo de homem que responderia bem à força bruta. *Vá com calma, Clara.* Como se eu soubesse como acalmar qualquer parte de mim a essa altura...

– Só consigo pintar minhas cartas em um local onde nunca estive. Um novo local, uma nova carta. Então sou mantido aqui. A Carruagem é útil demais para arriscar que eu vá a algum lugar novo sem fazer uma carta.

Meu estômago se embrulha com o veneno da solidão dele.

– Kaelis mantém você trancado aqui por causa da sua carta?

– Sou livre para andar pela maior parte da Academia contanto que fique fora de vista. Assim, não levanto suspeitas e ninguém pergunta por que não pareço um aluno. – Ele fala como se isso devesse ser suficiente.

– Há quanto tempo tem vivido assim?

– Desde que entrei na Academia, quatro anos atrás. Quando meu Maior e o custo da pintura foi descoberto, fui colocado aqui.

Um homem de cerca de 24 anos... Eu tinha razão: ele é um pouco mais velho que Kaelis.

– Um ano em Halazar e eu quase enlouqueci.

– Isso é muito mais confortável que Halazar, eu te garanto.

– Uma prisão é uma prisão.

Ele hesita, os olhos vagando para um canto escuro, onde se demoram. Conheço bem demais a expressão de um homem consumido pelos próprios fantasmas. Isso me leva a diminuir o espaço entre nós. O toque dos meus dedos no seu cotovelo o traz de volta ao presente.

– Se você pode ir a qualquer lugar, Silas, vá embora – digo com gentileza.

– Primeiro preciso conhecer um lugar para ir com a Carruagem.

– Seu chão é um mapa.

Ele faz uma pausa, e a iluminação suave lança sombras nas feições esculpidas do seu rosto.

– Não é uma questão de querer ou não... É o que deve ser feito pelo bem do reino.

– Você não acredita nisso. – É um comentário mais gentil do que as diversas outras coisas que cruzaram minha mente em resposta à expressão "bem do reino".

– Você não me conhece – lembra ele.

Abaixo a mão. Ele está certo.

– Não conheço. Mas ninguém deveria ser obrigado a abrir mão do mundo.

– O Mundo é precisamente o motivo de lutarmos. – Ele me dá um sorriso tranquilizador, mas a expressão não parece sincera e só faz meu

coração se apertar. – Quando descobrirmos o vigésimo primeiro Maior, Oricalis vai prosperar mais do que nunca. Vamos introduzir uma nova era. – As palavras soam recitadas. Vazias.

– Você acredita em toda essa baboseira?

– Eu te garanto que não é "baboseira". – A solenidade severa das palavras, sua expressão grave, me impressionam mais do que todas as alegações de Kaelis até agora: Silas acredita que isso é real.

O Mundo, a carta máxima dos desejos. Se existir, eu poderia usá-la para mim mesma... A esperança frenética que explodiu em mim quando Kaelis a mencionou pela primeira vez retorna. Ela poderia mudar minha vida – pôr tudo de volta do jeito que era antes de mamãe morrer, do jeito que deveria ter sido.

– Deixe esse lugar comigo, esta noite.

Ele suspira, percebendo que voltamos ao começo.

– Não posso. Você também não.

Contenho um grunhido de frustração.

– Se não for por mim, pela minha irmã e qualquer carinho que você sentia por ela.

– Não é...

– Duas cartas, Silas. A gente vai e volta. Ninguém sequer vai saber que saímos. – As palavras são como cinzas na minha boca e ainda não sei se estou sendo sincera. Mas direi qualquer coisa para sair daqui. Silas tem razão em parecer desconfiado. Mudo levemente de estratégia. – O que constitui um "novo lugar" para você?

– Ficar em um lugar onde nada que vejo é algo que eu já tenha visto.

– Excelente. Então você vai passar por muitos lugares novos quando formos encontrar minha família; pode pintar duas cartas novas. Mais que duas, provavelmente. – Seguro sua mão e ergo os olhos para ele, implorando com expressão e palavras. – Por favor.

Ele suspira e puxa a mão de volta, indo até sua mesa. Acho que o perdi até ele tirar duas cartas de tarô do meio da bagunça e dos suprimentos de pintura espalhados na superfície. Enfia a primeira em uma bolsa próxima, junto com os suprimentos, antes de enrolar as mangas da camisa, expondo as veias e músculos dos antebraços.

Ele admira a segunda carta por um momento antes de se virar para mim. Reparo que a tinta emana um brilho prateado.

– Nunca vi essa cor.

– Quando um Maior pinta sua carta com sucesso, a tinta vira prateada – explica ele. – É assim que você sabe que fez certo.

– Não importa a tinta que for usada?

Myrion revelou isso mais cedo, mas quero confirmar tudo que me falarem. Se duas pessoas me disserem a mesma coisa, é mais provável que seja verdade.

Ele assente.

– Fascinante... – Pelo menos tenho um marcador para o sucesso, se fizer outra tentativa séria de pintar um Arcano Maior.

– Está pronta? – Sua voz está firme, mas seus olhos reluzem com algo que poderia ser tanto empolgação quanto medo. – A gente vai e volta.

– Me dê a carta e eu posso...

– Não. – Embora negue com firmeza, ele tem um leve sorriso no rosto. – Sei como Arina era astuta e conseguia dar um jeito de fazer o que queria; imagino que você seja ainda pior. Não vou deixá-la tocar nessa carta e desaparecer. Eu vou com você e vou te trazer de volta. Seu sumiço é um grande risco para mim.

– Tudo bem. – Assinto. – Não vou te pôr em risco, quando você foi tão gentil e decidiu me ajudar.

Ele deve acreditar em mim, porque estende a Carruagem. Vou ter a oportunidade de ver uma carta Maior em ação – quando não está sendo usada para me ferir – *e* de sair desse lugar? Minha tontura é muito mais que perda de sangue agora. A esperança é uma bebida forte.

Com a facilidade da prática, ele suspira suavemente. A carta se ergue, apoiada no canto na ponta de seu dedo. Ela brilha, e escuto o relinchar distante de um cavalo. O papel se desfaz em milhares de fios cintilantes de luz branca. As fitas prateadas reluzentes caem em um círculo ao nosso redor. A expressão de Silas se torna quase perversa quando a névoa lança sombras sinistras em seu rosto.

Mas não duvido dele nem por um segundo. Arina confiava neste homem, então também confiarei.

Conforme o círculo nos envolve, o mundo se inclina e o refúgio de Silas desaparece, substituído por algum lugar muito além dos muros da Academia.



CAPÍTULO 22

A luz forte do círculo ao nosso redor esvanece, revelando um quarto dilapidado. De um teto abobadado pende um lustre que recentemente viu mais aranhas do que lâmpadas. A grande cama de dossel está coberta por tanta poeira que quase não se veem os lençóis puídos.

– Que lugar é esse?

– Uma mansão abandonada no fim da Rua das Estrelas. Costumava ser usada para a educação de Arcanistas na cidade e como local de repouso secreto para nobres que faziam a peregrinação até o Cálice... antes que toda a educação arcana caísse sob o controle da Academia e de Kaelis.

Antes da fundação da Academia, cada clã educava seus próprios membros, criando os Arcanistas nascidos em suas famílias e terras. Mamãe me contou que os clãs guerreavam constantemente por Arcanistas, da mesma forma que já tinham lutado como reinos por recursos para produzir cartas. Surgiam tensões quando alguns clãs simplesmente tinham sorte e mais Arcanistas nasciam em suas terras, o que levou a uma luta por poder e, por fim, à Matança dos Clãs – uma guerra lendária que extinguiu metade dos clãs. Oricalis originou-se dessa guerra, estabelecendo as leis que governam os Arcanistas.

Essa história quase faz a Academia parecer... justa. Ela promoveu uma educação igualitária para todos os Arcanistas e deu aos clãs – e teoricamente às pessoas que pertencem a eles, de classes altas ou baixas – igual acesso à magia. Permitiu que todos os Arcanistas se apresentassem diante do Cálice e desbloqueassem seu verdadeiro potencial, independentemente do talento. Porém, como antes, a Academia é só outro sistema que trata pessoas como gado e põe seus serviços e poderes nas mãos de quem as governa.

– Como você conhece essa mansão?

Lembro que ele disse que precisava conhecer um lugar para se transportar até lá e que tinha entrado na Academia quando esta já estava sob comando de Kaelis. Ele não deveria ter vindo para cá.

– Depois que descobriram que sou um Maior, me trouxeram para cá. Para esse quarto. A Academia era muito nova e meus poderes se manifestaram mais cedo do que os da maioria. – Sua expressão é dura, fechada. A voz tão vazia quanto os cômodos abandonados que nos cercam. – Minha família...

– O que aconteceu com eles? – Reconheço o olhar distante e vazio. – O que *fizeram* com eles? – Silas direciona o olhar para mim, seus olhos recobrando o foco. Eu lhe ofereço um sorriso amargo. Não preciso perguntar *quem*; ambos sabemos. É Kaelis, a Coroa, os clãs, todo o maldito sistema. – Sei o que fazem com pessoas como nós, com a família e os entes queridos de pessoas como nós. Especialmente se essa família teve a audácia de esconder você.

– Como a sua fez por você?

É uma sondagem gentil, mas respondo mesmo assim. Não consigo evitar; eu me vejo nele. Alguém que passou pelo que passei.

– Você não é o único que demonstrou aptidão cedo. Minha mãe... Ela sabia o que eu era bem antes de eu saber. Fez tudo que pôde para me esconder... para se esconder.

– Ela era uma Arcanista extraoficial – sussurra ele, como se houvesse fiscais aqui com a gente. – Não marcada, imagino?

Confirmo com um aceno.

– Eles a mataram por isso. – Talvez por mais ainda... se minhas suspeitas estiverem certas. Kaelis obviamente sabe o que eu sou há algum tempo. Enquanto ele estava fundando a Academia, Arina e eu vivíamos nas ruas, do

outro lado da ponte. – Minha irmã e eu juramos fazer o que fosse preciso para encontrar seu assassino e vingá-la.

– Ela mencionou.

– Mencionou?

Imaginei que ela seria mais reticente a dar informações a ele, mas... talvez não.

Ele assente.

– Você conseguiu sua vingança antes de ser mandada para Halazar?

Balanço a cabeça.

– Minha busca começou só com desconfiança e um palpite. Depois encontrei pessoas que tinham trabalhado com minha mãe e contavam histórias conflitantes com o que os fiscais me disseram que aconteceu naquele dia. Encontrei um homem que disse que viu a corda dela na Descida e que parecia ter sido cortada. Consegui me infiltrar na sala de registros de um fiscal uma vez, mas não achei nada.

– Eles mantêm registros de acidentes na Descida? – pergunta ele, com delicadeza.

Escuto a verdadeira questão: *eles se importam com pessoas comuns como nós o suficiente para manter registros de morte?*

– Não em detalhes, mas geralmente existe pelo menos uma anotação em um livro-razão, sobretudo porque ela já tinha cumprido seu período obrigatório na Descida e estava lá de novo para ganhar mais. Descobri que os Stellis foram chamados à Descida no dia anterior, mas a página do dia em que minha mãe morreu foi arrancada do livro.

Franzo o cenho. Quando Bristara levou Arina e eu para o Clube dos Malfadados, ela me disse para abandonar a busca. Ao descobrir que eu não havia obedecido, me alertou de que eu estava caçando fantasmas que não deveriam ser encontrados. Que se tinha sido algo que os fiscais fizeram... pessoas perigosas provavelmente estavam envolvidas. Isso só me deixou mais determinada a investigar mais. Mamãe estava envolvida em atividades ilegais, até aí eu sabia. Ela fazia tudo que a Coroa odiava e mais um pouco, e eles tinham os meios de matá-la. Mas por que a assassinaram às ocultas quando poderiam tê-la julgado e condenado à morte ainda é um mistério.

– Por um tempo, todas as pistas acabavam não dando em nada... – continuo. – Até que tive sorte. Pelo menos, foi o que pensei. Não deu certo.

Vou até uma das janelas, como se pudesse me remover fisicamente dessa

conversa – e da lembrança do fracasso que me fez ser presa. Eu nunca deveria ter confiado em Griv. No breve tempo em que o conheci, ele sempre parecia saber exatamente o que eu precisava ouvir, o que dizer para me fazer confiar totalmente nele. Mas não é como se eu tivesse dificultado as coisas para Griv, sendo sincera como fui e ainda sou quando se trata dos nobres e da morte da minha mãe.

As cortinas estão carcomidas por traças famintas. Fico surpresa que o tecido não se desintegre entre meus dedos quando o afasto, revelando uma vista da Cidade do Eclipse.

Os distritos estão costurados uns nos outros como uma colcha de retalhos. Bairros que reluzem com lampiões e holofotes ficam encostados em outros com janelas tão sujas que nem luz de velas as penetraria. Um trecho escuro é iluminado mais pelas estrelas do que por magia ou iluminação prática. Os cortiços se espalham para o leste, na direção das montanhas que se arqueiam ao redor da cidade, tanto um poço de desespero... quanto um ninho de resistência.

Silas para ao meu lado.

– Eu ficava horas olhando por essa janela.

Solto um murmúrio e troco o peso do corpo de um pé para o outro, encostando-me no batente. Fico surpresa por sustentar meu peso, considerando o estado de tudo nesse quarto. Não digo nada, só espero.

– Eu pensava que talvez visse minha família andando nas ruas lá embaixo – diz ele enfim.

– O que aconteceu com eles?

– Eu... não sei. – Silas esfrega a nuca como se estivesse incerto. Como se nunca tivesse contado isso a ninguém. – Às vezes acho que, se seguir as regras da Coroa e fizer tudo certo, vou conseguir descobrir.

Aí está o motivo de ele hesitar tanto em sair. Minhas vagas ideias de deixá-lo para trás estão começando a desaparecer. Não posso fazer isso com outra pessoa... não depois de tudo pelo que passei e não se ainda há uma chance de a família dele estar viva.

– Use-os, Silas – aconselho. – Mas nunca confie neles.

– Você confia em Kaelis?

– Não.

– Mesmo sendo noiva dele?

– É um arranjo temporariamente benéfico – digo, tanto para mim

mesma quanto para ele. – Assim que não for mais útil, não vai haver nada entre nós e seremos inimigos de novo.

– Acha que ele pode te ajudar a encontrar o assassino da sua mãe?

– Talvez.

Suspiro. O ar estagnado que se agarra à mobília enche meus pulmões. Essa missão é a única coisa com a qual me ocupo há anos, a única coisa que dava a Arina e a mim um propósito, quando tudo o mais parecia perdido.

Nada mais foi igual depois que mamãe morreu. Perdemos nossa guia e guardiã. Nosso lar. Nós nos jogamos na tarefa de descobrir a verdade, ultrapassando todo limite para agir contra a Coroa e suas leis. A vingança não a trará de volta, mas pode nos dar alguma paz.

– Mas, antes de tudo, só quero garantir que minha família está a salvo e vê-los de novo – digo.

Silas abaixa o queixo de leve, os olhos pousando no chão.

– Eu daria qualquer coisa pra ver minha família de novo...

– Talvez o clube possa encontrar um rastro deles. Já ajudamos pessoas de forma parecida antes, é o que a gente faz. – Eu me afasto da janela. – Sei onde eles estão. Vamos chegar lá rápido.

Não consigo ver o Clube dos Malfadados daqui, mas conheço alguns pontos de referência como a palma da mão.

– Com paradas necessárias para eu pintar. – Ele ergue o ombro onde está jogada a sacola de suprimentos de pintura.

– Claro.

Estou curiosa para ver uma carta Maior sendo pintada com sucesso. Talvez isso me dê alguma clareza sobre minha própria carta.

Ele nos leva para fora do quarto e através dos cômodos decrépitos deste resquício de uma era passada. Descemos uma escada, desviamos da entrada principal e passamos pela cozinha. Nos fundos há uma portinha para entregas. É melhor sair discretamente por um beco; vai saber quão movimentada é a rua da frente desta mansão. Ainda que eu suspeite que não muito, considerando a condição do lugar.

Silas hesita no limiar, os olhos reluzindo na luz baixa. Ele parece murchar, os ombros se arqueando para dentro. Apesar de ser um homem tão imponente, e de todos os seus músculos, ele é bom em se fazer parecer pequeno e inofensivo.

A Coroa está com a família dele. Ele não falou isso abertamente, mas

dadas as circunstâncias... ambos podemos presumir que é verdade. Uma gaiola física não funcionaria num homem cuja magia pode levá-lo a qualquer lugar.

– Silas... – Hesito, sem acreditar no que vou dizer. Estou sinceramente abandonando a ideia de deixá-lo e reivindicar minha liberdade. Mas, quando ele olha para mim, curioso, esqueço todas as dúvidas. – Se quiser ficar aqui, pode ficar e eu volto. Ou me dê a outra carta da Carruagem. Volto pro seu quarto quando acabar.

– Não vou te deixar fora de vista.

Eu me viro para encará-lo.

– Você tem razão, a ideia de escapar cruzou minha mente. Mas, agora que sei que eles estão com a sua família, não vou fugir. Não posso. Depois do que fizeram comigo e com os meus, não quero que ninguém mais passe por essa dor.

Ele se remexe, desconfortável, uma guerra interna repuxando os pequenos músculos do rosto.

– Eu não posso confiar em você.

– Eu entendo – digo, assentindo. – Acabamos de nos conhecer, e eu também mal confio em você.

– Mas eu salvei sua vida. – Ele parece genuinamente surpreso.

– Kaelis também salvou – argumento, então ele fica calado. – Quando estiver pronto, então.

No seu tempo, Silas cruza o umbral. Ele para e ergue a cabeça para o céu, respirando fundo. Isso me lembra do que fiz assim que entrei na estufa. Aquele primeiro gosto de liberdade ao vento – mesmo que a "liberdade" seja pouco mais que uma ilusão.

Lentamente, damos outro passo juntos. E outro. Eu sigo o ritmo dele. Cada pausa. Cada passo.

Quando me dou conta, estamos correndo.

Disparamos pelo beco até a rua. Eu assumo a dianteira, guiando-nos até o Clube dos Malfadados. Nós nos enfiamos entre pessoas de capa e vestido como duas crianças de rua fugindo da lei. Gritos nos perseguem, mas não ouvimos passos. Somos só um borrão.

Fugindo da escuridão. Da imundície. Das caixinhas em que fomos espremidos.

Quando a lateral do meu corpo parece prestes a rasgar, eu o puxo para

uma alcova. Estamos na beirada do Distrito Dourado. Os postes de ferro banhados a ouro que dão o nome ao local se tornam menos frequentes. Quase consigo sentir o odor da Cidade dos Ratos daqui – o que significa que só falta uma curta caminhada pelos Degraus de Pedra e subindo a Colina de Ouros até o Clube dos Malfadados.

Está tão perto que quase sinto o gosto do espumante que serviram no salão principal, tão doce quanto cada golfada de ar quente de verão.

– Você se importa se pararmos por um segundo? – pergunta Silas.

Ele não está nem de longe tão ofegante quanto eu. Outro lembrete de como minha condição física deteriorou.

Balanço a cabeça e enxugo o suor da testa. Ele se senta e dobra as pernas, apoiando a bolsa nos joelhos e tirando alguns suprimentos. É o mesmo papel que eu uso, e uma tinta igualmente simples, mas consigo sentir a imensa descarga de poder enquanto ele desenha. Tento disfarçar enquanto observo atentamente.

– Aonde estamos indo? – pergunta ele.

– Ao Clube dos Malfadados.

Ele faz um murmúrio de compreensão; Arina deve ter mencionado o clube. Eu me sento ao seu lado. Estamos na escadinha de uma casa, e as poucas pessoas fazendo uma caminhada noturna não estão prestando atenção em nós. Ainda assim, Silas esconde seus desenhos enfiando as cartas dentro de um caderno, de modo que parece que está só escrevendo. Carruagens passam sacolejando, seus ocupantes alheios a nós.

– É estranho estar de volta aqui.

– Posso imaginar, depois de Halazar. – Ele não me encara enquanto fala, focado na pintura.

– Não só isso... Minha irmã e eu não nascemos longe daqui, acredite se quiser.

– Sério? – Sua caneta para de se mover. – Ela disse que vocês cresceram no Antro da Ruína antes de ir morar nas ruas.

– Não estávamos sempre lá, mas ela era jovem demais para se lembrar de qualquer coisa diferente... Nossa mãe passou por tempos difíceis e acabamos no Antro da Ruína quando os coletores vieram bater à nossa porta. Foi assim que ela acabou trabalhando mais cinco anos na Descida. Tinha cumprido os cinco obrigatórios antes de eu nascer. O dinheiro do segundo período nos ajudou a pagar as contas.

Mas nem 1 regill inteiro ao longo de cinco anos foi suficiente, nem rápido o suficiente. Então mamãe passou a fazer outros trabalhos para ajudar Arcanistas – por dinheiro e por princípios. Um trabalho de amor, que eu fiquei feliz em dar continuidade.

– Depois que ela morreu – continuo –, os fiscais apareceram lá em casa e quase viram os suprimentos de pintura que ela tinha deixado pra gente. Falaram que eu devia começar meu serviço na Descida mais cedo, já que eu tinha me tornado a chefe da casa... Mas eu não ia morrer coletando materiais de pintura como minha mãe e deixar Arina sozinha. Então fomos embora e vivemos nas ruas, evadindo os fiscais.

O rosto da minha mãe ainda está nítido na minha mente, graças a Eza. Não consigo decidir se o odeio por isso ou se estou estranhamente grata. O tempo começara a borrar as pequenas rugas de riso conquistadas a duras penas. Não quero esquecê-las.

– Eles realmente teriam forçado uma criança a trabalhar na Descida? – Silas parece cético. Assim como na Academia, em geral o serviço não é obrigatório antes dos 20 anos.

– Talvez? Talvez não. Mas eu não ia esperar para descobrir se era uma ameaça vazia. – Dou de ombros. – Além disso, se eles eram responsáveis pela morte da minha mãe, não queria estar onde pudessem nos encontrar.

A expressão de Silas me diz que ele consegue entender isso.

– Onde estava seu pai durante tudo isso?

– Nunca o conheci. – Lembranças vagas e nebulosas do homem enchem minha mente, da época em que morávamos naquela mansão onde tudo reluzia, mas não tenho recordações sólidas. – Mamãe não falava dele. Só sei que foi depois que ele foi embora que as dificuldades começaram. Ele não se importou o suficiente para voltar, então eu não tive motivos para procurá-lo. Se eu estava morta para ele, ele estaria morto para mim.

– Não havia nenhum parente Chevalyer que vocês pudessem ter procurado?

Um calafrio me atravessa, apesar do ar ameno da noite de verão. *Arina contou nosso sobrenome para ele? Nosso sobrenome* verdadeiro*?* O nome que mamãe martelou na nossa cabeça que só deveria ser compartilhado com pessoas em quem confiaríamos com nossa vida? *Nosso nome é nossa carta especial*, ela nos dizia. *É nosso maior tesouro e nosso segredo mais profundo.*

– Arina mencionou – comentou ele suavemente, como se tivesse lido

minha mente.

– Não tinha outro jeito de você saber. – Forço um sorriso e tento afastar a inquietação. – Você deveria ter me chamado assim desde o começo. Eu teria sido bem menos desconfiada.

– Ah, é?

– Somos pessoas privadas. – *Para não dizer outra coisa.* – Se ela te contou nosso verdadeiro nome, então confiava em você. – Silas deve sentir meu olhar, porque ergue o queixo e me encara. Encaro-o de volta por vários segundos. – Se ela confiava tanto assim em você, eu também confio.

Ele abre a boca, mas não diz nada, sem dúvida buscando as palavras certas. Por fim, abre um pequeno sorriso sincero.

– Bem, eu vou te chamar pelo nome que você preferir. – *Ele escolheu as palavras certas.*

– Redwin, por ora. Afaste o resto da mente.

– Redwin, então.

Ele termina seu trabalho com um floreio. Fico maravilhada quando a tinta preta seca e se torna um prateado cintilante. Silas enfia a carta e os suprimentos de volta na bolsa, passando a alça transversal pelo tronco.

Sigo a deixa e me levanto.

Percorremos o resto do trajeto até o clube mais devagar. Nosso ritmo ainda é veloz, mas passou aquela sensação inebriada de liberdade que nos subiu à cabeça. A cada poucas quadras, paramos em algum ponto silencioso – um banco de parque, um beco, uma mesinha de um café fechado.

É depois desta última que meus pés recuperam o ímpeto. *Estamos tão perto...* Perto o suficiente para que não haja mais paradas nem desvios. Meus amigos – minha família, o coração vivo e respirante do meu mundo. Vou abraçar Arina tão forte que os olhos dela vão sair das órbitas. Vou comer todos os biscoitos de Jura e debater qualquer assunto idiota que Twino queira até perdermos o fôlego, enquanto Ren revira os olhos para nós.

Conforme as ruas se tornam mais familiares, acelero de novo – tanto que não reparo em pequenas estranhezas, os sinais de que a Colina de Ouros pode não estar igual a quando a deixei. Sinais como uma porta bloqueada com tábuas, uma janela estilhaçada na moldura, as ruas que eram tão movimentadas e agora estão vazias e silenciosas. Não reparo em nada disso.

Até... virar a última esquina.

Meus passos vacilam. Meus pés se arrastam no chão e tropeçam numa

rachadura. Silas me impede de cair de joelhos, mas queria que não tivesse feito isso. Queria que tivesse me deixado desmoronar.

O Clube dos Malfadados... O lugar que abrigou a mim e Arina depois de anos nas ruas, o primeiro lugar a parecer um lar depois da morte da minha mãe e o último lugar onde vi o rosto da minha irmã...

Não há nada exceto escombros frios e chamuscados.



Um torpor ameaça me dominar. É o mesmo formigamento que senti em todo o corpo ao ser informada da morte da minha mãe – e o mesmo de quando os fiscais me seguraram no chão, na frente do juiz que me mandou para Halazar.

– Foi... destruído.

Eu poderia gritar tão alto que preencheria o buraco à minha frente. Os escombros parecem estar aí há meses. Essa brutalidade não foi recente.

– O prédio sim, mas as pessoas talvez não. – O otimismo de Silas é um bálsamo.

Ele tem razão. Mesmo que meu coração esteja se fragmentando, meu desespero pese nos ombros e perguntas girem na cabeça, encontro força nas pernas de novo. Não vou ajudar ninguém, incluindo eu mesma, se desmoronar.

– Você sabe aonde eles poderiam ter ido em um momento de crise?

Silas sem dúvida está tentando me guiar até uma resposta. Não sou capaz de agradecer a ele no momento, mas sei que o farei quando conseguir pensar direito de novo.

Piscando para afastar as lágrimas que se recusam a cair, eu me agarro ao

último fragmento de esperança que me fez suportar Halazar.

– Tem outro lugar.

– Onde?

– O começo de uma rede, uma passagem para fora da cidade.

Perto o suficiente do clube para termos acesso fácil, mas não conectada a ele, para evitar que fosse descoberta no caso de uma batida policial.

– Para fora da cidade?

Ele parece surpreso, e confirmo com um aceno. Fico feliz que Arina não tenha contado *tudo* a ele. Como a Cidade do Eclipse faz fronteira com o mar e o rio, é altamente regulada para manter o controle férreo de Oricalis sobre o comércio.

Silas me segue quando o conduzo para longe dos destroços e dos becos estreitos que se irradiam da praça onde ficava o Clube dos Malfadados. Paro na frente de uma porta de metal sem adornos, olhando ao redor do beco e para as janelas acima. Não há qualquer sinal de vida. Quando presto atenção na porta, sinto um aperto no coração.

A fechadura foi quebrada.

Abro a porta. O lugar está vazio. Sem suprimentos. Sem mensagens. Para meu horror, o alçapão nos fundos foi deixado aberto.

– Não...

Sigo aos tropeços para olhar lá dentro, onde costumava haver uma escada para os túneis subterrâneos. Só vejo metal retorcido que acaba em meio a escombros. A passagem desabou.

– Não, não, *não.*

– Talvez eles tenham ido para outro lugar?

– Não tem outro lugar. – Cada palavra sai entrecortada; luto para manter a voz firme. – Esse caminho era nossa rota de fuga. Nosso plano B. Levava até nossos depósitos de suprimentos. Nunca teria sido deixada aberta assim. Se foi comprometida... – Corro a mão pelo cabelo, tentando pensar se Bristara já mencionou alguma coisa sobre uma alternativa. Tenho certeza de que ela tinha outras rotas, mas onde estariam é um mistério. – Merda! – Bato o punho na parede. A palavra ecoa mais alto no espaço pequeno e vazio.

– Clara. – Silas não sabe o que dizer. Não tem mais esperança a oferecer.

– Não sei para onde mais eles iriam. – O peso da constatação me engasga. – Se os fiscais conheciam esse caminho, tenho que supor que

conheciam todos. – Eu me viro para ele. – Arina te contou mais alguma coisa?

Talvez, quando fui levada, eles tenham concluído corretamente que poderiam estar em perigo e partido bem antes de o clube ser destruído e nossas passagens, invadidas.

Ele balança a cabeça.

– Claro que não... – digo, com um suspiro pesado.

A única coisa que minha irmã não contou a ele era a única coisa que eu queria que tivesse contado. Arina e o restante do clube podem estar vivos, e vou escolher acreditar nisso até ter certeza do contrário, mas não faço ideia de como encontrá-los.

– Vamos continuar procurando – sugere ele.

– Eu te prometi que íamos voltar.

– E vamos. Mas temos um tempinho ainda. – Silas aperta meu ombro e eu me viro para encará-lo. Ele me dá um sorriso encorajador. – Você chegou até aqui... Vai se arrepender se não tentar.

Assinto e voltamos ao beco. Toda rota em que consigo pensar leva a um beco sem saída. Toda construção que já foi familiar está distorcida. Contornos opacos onde já existiu cor e nitidez. Tudo se torna um borrão, prédio após prédio, rua após rua.

Mas então uma inspiração brusca de Silas me sobressalta.

– Clara...

Ele não tem tempo de dizer mais nada. Uma mão brusca cobre minha boca. Pânico e raiva percorrem minhas veias enquanto sou carregada da rua até um beco.

Agarro o dedão do agressor e o uso como recurso para arrancar sua mão do meu rosto. Posso ainda estar me recuperando da tortura e da negligência de Halazar, mas ainda sou a mesma Clara que cresceu nessas ruas. Anos de sobrevivência na Cidade do Eclipse afiaram meus instintos até um fio mortal que nunca vai ficar cego.

Levo a mão ao quadril e cartas voam do baralho. Eu me viro, pronta para atacar.

Graças aos Vinte que não ataco.

– Gregor? – pergunto, com uma mistura ofegante de choque e alívio.

– O próprio. – Ele afasta a mão esquerda do baralho que sempre usa no

bíceps direito e me abraça. – Desculpe por te agarrar. Não queria chamar atenção onde outras pessoas podiam ver.

O toque de outro ser humano ainda parece estranho depois do meu tempo em Halazar. Não é que me incomoda – nunca me incomodou –, mas depois de meses só com espancamentos como contato... agora há uma rigidez nos ombros que preciso me esforçar para relaxar. Preciso obrigar meus braços a retribuírem o abraço carinhoso de Gregor. Não quero deixar Halazar me afastar dos meus amigos. Não vou. Como se soubesse de tudo isso, Gregor me aperta mais forte. Tento exalar do meu corpo os últimos resquícios da prisão.

Enfim me afasto e o examino. Ele está usando uma jaqueta de couro gasta e familiar que acentua os ombros largos e o torso corpulento. Sobrancelhas castanhas grossas cobrem os olhos cor de bronze escuro. Uma barba curta cobre seu queixo contra a pele pálida, idêntica à penugem que cobre o couro cabeludo.

– Você raspou o cabelo? – Não consigo evitar passar a mão pela cabeça áspera.

– Você não me vê há quase um ano e isso é a primeira coisa que diz? – Ele dá uma gargalhada sonora. – Porra, Clara. Achei que estivesse morta.

– Eu? Nunca. – Dou um sorrisinho.

– Metade do cabelo caiu de estresse e preocupação, então só resolvi raspar o resto. – Ele também passa a mão na cabeça. – O que acha?

– Com ou sem cabelo, você é o mesmo pateta de sempre.

Ele abre um sorrisão bobo, o que quase me faz chorar de alívio.

– Mas um pateta amável? – pergunta ele, buscando uma garantia da qual não deveria precisar.

– Sem dúvida.

– Pode apostar. – Gregor se afasta e toda sua atitude muda quando se vira para Silas, a afeição evaporando como água da sarjeta num dia de verão. – E você é...?

– Um amigo – tranquilizo Gregor. – Foi graças a ele que consegui chegar aqui.

Eu teria achado um jeito sozinha? Uma hora, sim. Mas Silas com certeza acelerou o processo, e eu não tive que arriscar ser descoberta fazendo algo imprudente na festa de Ravin.

– Uma história que quero ouvir. O resto de nós vai querer também.

– O resto de vocês? – Meu coração dá um salto.

– É, venha, vamos sair das ruas primeiro... É melhor não ficar muito tempo aqui.

– Ainda se metendo em encrencas?

Eu o sigo. Silas vem atrás de nós, embora eu consiga sentir sua hesitação. Tento incentivá-lo com um olhar, mas ele não parece convencido.

– Não conheço nenhum outro jeito. – Gregor dá um sorriso irônico. – Agora, mantenha a cabeça abaixada. A última coisa que queremos é alguém menos amigável reconhecendo você. Mesmo com seu cabelo retalhado.

Abaixo o queixo e preciso de um esforço considerável para conter minhas perguntas.

Permanecemos longe da rua principal, atendo-nos às ruas laterais entre casas de tijolo e argamassa. Nenhuma palavra é trocada por um excesso de cautela, embora as questões ameacem explodir de mim. Atrás de um portão de ferro há um caminho através de um jardim que leva a uma casa estreita. A fachada é simples, mas a construção é tão majestosa quanto todas as outras deste distrito afluente. Meus músculos relaxam, meu passo diminui e a tensão se esvai de mim quando sinto o mesmo senso de segurança que sempre tive no Clube dos Malfadados. Admiro a construção por um momento, sentindo um nó se torcendo no peito. Já parece que estou voltando para casa.

Entramos em um vestíbulo apertado. Quando fecho a porta, reparo que logo acima da maçaneta curvada há uma estrela de quatro pontas com um C de bronze do lado esquerdo e um M do direito. O mesmo símbolo fica dentro do bracelete de prata que eu dei a Arina quando ela partiu para a Academia.

– Clube dos Malfadados – sussurro, correndo os dedos sobre o detalhe quase insignificante que já foi todo meu mundo.

– Bristara disse que temos que manter o espírito vivo, de alguma forma – diz Gregor, com um tom caloroso, embora as palavras tenham uma nota de pesar. O clube ainda estaria bem se não fosse por... o que quer que tenha acontecido. – Vamos para a sala de estar. Ficaremos mais confortáveis lá.

Depois da segunda porta e do vestíbulo, o corredor se bifurca. À esquerda, uma escadaria estreita e reta leva ao segundo andar. O caminho da direita é pontilhado de portas, acabando com uma de vidro emoldurado

que leva a um pátio interno, no fundo da casa. A primeira porta à direita está fechada, mas entramos na segunda.

Eu paro de repente.

É uma cozinha, com armários dos dois lados. Jura está lá, cantarolando as melodias joviais que aprendeu em seus dias trabalhando nos barcos no rio. E pensar que um dia essas canções me davam nos nervos. Agora sinto que nunca ouvi nada melhor. Seu longo cabelo preto cai em ondas pelas costas, a pele marrom-clara complementando o brilho dos olhos castanhos. Olhos que se viram para mim.

Ela fica paralisada. Com um estrépito, a panela que estava segurando cai no fogão. Por sorte, não era uma grande altura, e só deixa um pequeno borrifo vermelho de molho nos azulejos. Jura corre até mim, jogando os braços ao redor dos meus ombros. Ela derrete assim que eu envolvo os meus na sua cintura, os joelhos vacilando, mas fico mais do que feliz em apoiar minha amiga um tanto dramática.

– Clara! Não. Não. Não pode ser... – Ela se afasta e agarra meu rosto, arregalando os olhos. – É. *É você*. Achei que estivesse morta.

– Eu disse pra vocês que foi ela que fugiu. – Gregor se inclina contra o batente.

– Você que também achou que eu estivesse morta. – Olho por cima do ombro para Gregor.

– Bem, achei, até ouvir sobre a fuga. – Ele dá de ombros. – Só você poderia escapar de Halazar.

– A notícia já chegou até aqui? – Eu me afasto de Jura, com o coração afundando.

– Alguém escapou de Halazar, como isso não ia virar o maior assunto da cidade? – Jura tem razão.

– As tripulações lá nas docas dizem que viram alguém nadando à distância, vindo de Halazar – acrescenta Gregor. – Quando chamaram os fiscais, a pessoa já tinha sumido. Eram só boatos, mas acho que os fiscais confirmaram. A cidade tem estado numa mistura de alerta máximo e fofocas desde então.

Droga. Não sei por que tive a vã esperança de que, se escapasse da Academia, de alguma forma estaria mais segura na cidade. Mas Ravin disse que os guardas estavam procurando na Cidade do Eclipse também... A

melhor proteção que tenho ainda pode ser minha falsa nobreza e o noivado com Kaelis, por mais nauseante que seja a ideia.

Jura aperta minhas mãos.

– Desde então Gregor tem saído todo dia procurando você no velho clube.

Eu me viro para aquela montanha de músculos amável, meu rosto se abrindo num sorriso grato. *Não é à toa que ele me encontrou...* Sabia aonde eu iria. Depois de um ano sobrevivendo sozinha, eu tinha quase esquecido como é incrível ter pessoas cuidando de você.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, as escadas rangem com passos lentos e irregulares.

– Que comoção é essa?

– Atrasado de novo. – Faço um muxoxo, embora meu coração esteja prestes a explodir. – O que eu vou fazer com você, Twino?

– Não – sussurra ele. – Não pode ser...

– Mas é verdade – respondo, bem alto.

Twino vem correndo pela escada tão rápido quanto consegue, e eu o encontro no corredor. Assim como Jura, ele me encara com os olhos arregalados e os lábios entreabertos. Sedas esmeralda destacam a pele negra luminosa. *É bom ver que Twino não perdeu o estilo no caos do que quer que tenha acontecido com eles.*

– Parece que você viu um fantasma – comento.

– Acho que estou vendo.

As batidas da bengala acompanham o arrastar rápido dos pés. Tranças finas, com as mechas torcidas, caem do coque baixo na nuca dele. Estendo os braços, apertando-o e lhe oferecendo um momento para se estabilizar depois do movimento tão rápido. Quando está firme, ele se afasta e eu posso examiná-lo direito. Está igualzinho a como me lembro. Provavelmente mantém os mesmos hábitos, já que está acordado tão tarde... ou cedo.

– Eu estava certo – afirma Gregor a ele, triunfante. – Pode pagar.

– Por favor, digam que vocês não apostaram que fui eu que fugi de Halazar. – Estreito os olhos, olhando entre eles, até parar em Twino. – E, por favor, diga que você não apostou *contra* mim.

Ele esfrega a nuca, com uma cara culpada. Solto um arquejo, mas, antes que possa censurá-lo de brincadeira, outra pessoa interrompe.

– A filha pródiga enfim retorna – diz uma voz suave da metade da

escada.

Ergo os olhos. Sempre admirei Bristara: a matrona, líder e fundadora original do Clube dos Malfadados.

Ela é uma mulher muito alta e imponente, embora os músculos tenham perdido um pouco da firmeza ao longo dos anos. Seu cabelo grisalho está amarrado em um coque firme na nuca, e ela me espia por trás dos óculos estreitos com olhos lilás atentos.

– Oi – é tudo que consigo dizer. Me sinto como uma criança que ficou fora de casa até depois do horário.

– Bem-vinda de volta, Clara. Finalmente. – Bristara desvia o olhar para Silas. Ele se endireita um pouco. – E quem é esse?

– Ele me ajudou a chegar aqui. – Imediatamente sei que ela não aprova a presença de Silas no santuário, e não consigo esconder uma nota defensiva da voz. A decepção da mulher que me criou desde os 16 anos é um fardo pesado.

– Devo... dar um espaço para vocês? – Silas se remexe, desconfortável.

– Acho que seria melhor. – Bristara é mestre em esconder as emoções. Uma façanha que sempre admirei... quando sua frieza não estava dirigida a mim. – A primeira porta é um pequeno escritório. Você pode ficar lá. – Ela se volta para os fundos da casa, apontando para a última porta no corredor. – O resto de nós vai se reunir na sala de estar.

– Vou pôr a chaleira no fogo – diz Jura.

Seu comportamento natural ajuda a me acalmar. Embora esse lugar não seja o Clube dos Malfadados de que me lembro, as pessoas que eram mais próximas a mim, que eram a alma da instituição, estão aqui. Já sinto que atravessei esse corredor centenas de vezes.

A decoração da sala de estar recorda todos os detalhes que vejo em sonhos há meses. Cortinas de veludo púrpura-escuro ocultam toda a parede esquerda. Um tapete preto com estampa de estrelas cadentes amortece meus passos enquanto seguimos entre duas poltronas, lembrando de maneira impressionante o tapete no meu quarto na Academia. As cadeiras, dois sofás paralelos e uma lareira de mármore grande, que Twino vai acender, formam um quadrado. Ao redor da moldura da lareira, Copas dançam com Ouros, e Espadas duelam com Paus. Um lustre de cristal em forma de globo, pontilhado de estrelas, lança uma luz cálida e enevoada no recinto. Sei imediatamente quem está por trás da decoração.

– É bom ver que você não perdeu seu senso estético – digo a Twino.

Ele fica todo satisfeito, correndo uma das mãos pelo roupão esmeralda.

– Você tinha dúvidas?

– Tive dúvidas sobre muitas coisas ano passado, e muitas mais depois de ver o que restou do clube – falo com seriedade, me sentando.

– Vou chamar Ren. – Gregor sobe as escadas enquanto Bristara entra na sala. – Ren! – Nada. – Ren! – Ainda nada. – *Ren*, acorde! Clara voltou.

Há um trovejar lá em cima que desce as escadas e aparece como um borrão de cabelo ruivo, derrapando até parar no corredor. Suspiro, aliviada, quando encontro olhos tão verdes quanto a camisa de Twino e emoldurados por sardas. Suas roupas estão soltas no corpo esguio e ele esfrega o sono dos olhos, piscando e me encarando, esfregando e piscando de novo.

– Clara?

Ele vem correndo e me puxa num abraço apertado. Ren foi o acréscimo mais recente ao grupo. Mas, assim que soube que seu relacionamento com Twino era sério, ele teve meu pleno apoio para se juntar a nós.

– Em carne e osso.

– O quê? Mas pensei que... Como?

As perguntas são pontuadas com bocejos. Ren sempre foi o primeiro a se deitar e a se levantar, dormindo como uma pedra entre o pôr e o nascer do sol. Ele senta com Twino, na minha frente.

– É literalmente o que eu ia perguntar. – Gregor se junta a eles.

– Feche a porta, por favor, Jura. – Bristara se acomoda em uma poltrona de couro na cabeceira da mesa no centro da área de estar enquanto Jura surge de uma porta contígua à cozinha.

Ela traz uma bandeja de prata com implementos de chá e um pratinho com seus famosos biscoitos de lavanda – sem dúvida colhida do jardim no pátio que vi mais cedo. Ren tem uma mão boa para plantas. Assim que põe os biscoitos na mesa baixa entre os sofás, eu pego um. Jura segue a instrução de Bristara e senta-se ao meu lado.

Sentindo-me mais como eu mesma do que em um ano, depois de um gole de chá e um biscoito e com todos os meus amigos ao redor, volto à questão mais urgente em minha mente. Está faltando alguém.

– E Arina?

Os cinco trocam um olhar que faz o biscoito cair dos meus dedos e bater no prato, imediatamente esquecido.

– Na noite em que você foi levada... fiscais invadiram o Clube dos Malfadados uma hora depois. – É Bristara quem fala. – Tentamos lutar, mas eles eram muitos e vieram preparados.

Um frio na barriga me faz afundar mais nas almofadas. É tudo culpa minha. Sei que é. *Se eu não tivesse ido, se não tivesse caído na armadilha deles...* As palavras correm pela minha mente, ecoadas pelo olhar reprovador de Bristara.

– Eles nem se deram ao trabalho de levar os convidados do clube vivos. – Gregor cerra os punhos.

– Arina? – repito, mais suave, mais fraca, ainda que mais frenética. Quero ouvir o que aconteceu com eles, mas minha irmã... Preciso saber o que aconteceu com ela.

– Conseguimos escapar por um triz. Tentamos tirar o máximo de gente possível, mas foi um caos. – Jura abaixa a cabeça. – Arina... Não a vemos desde antes daquela noite. Achamos que ela estava escondida logo depois que aconteceu ou que talvez não pudesse arriscar sair da Academia, mas ela nunca voltou com os suprimentos que estava tirando de lá. Nunca falou mais nada.

– Eu ouvi dizer que ela fugiu. Silas me contou que ela foi enviada a um moinho, que era a "história oficial".

Posso ouvir o desespero em minha própria voz, que estremece de leve no fim da declaração, quase tornando-a uma pergunta. Mas tudo que quero perguntar fica implícito. Eles já sabem.

– Foi o que ouvimos também. – O tom de Twino não revela nada, o que só faz aumentar meu pânico. – Então investigamos.

– E?

Twino olha para Bristara. Os demais fazem o mesmo, com as expressões pesarosas me dizendo tudo. O silêncio que preenche o ar é sombrio como a morte.

– *E?* – repito.

– De acordo com os boatos e os registros que conseguimos encontrar, ela morreu. – Bristara permanece inexpressiva enquanto dá a notícia.

Sinto a cor desaparecer do rosto. O desespero me atinge como mil vitrais se estilhaçando. O sangue corre nos ouvidos, ensurdecedor. Meus dedos ficam entorpecidos de novo; no entanto, meu coração não parece estar batendo. Parou ao perder o único fiapo de esperança que me restava.

– Vocês encontraram o corpo?

– Não. – Twino balança a cabeça.

– Então há uma chance – insisto.

– Clara... você conhece Arina – diz Gregor suavemente, o sofrimento entremeando-se nas palavras. Embora tenha passado quase um ano, seus olhos reluzem de dor. – Ela era precoce, ousada, arrogante e fazia o que lhe dava na telha. Se estivesse viva, saberíamos... ou porque teríamos ouvido ou porque ela teria voltado.

– Talvez não, se ela achasse que seria perigoso voltar.

– Não por tanto tempo – diz Bristara, sombriamente.

– Eles podem estar mantendo-a presa.

– Você conhece Oricalis, eles não levam as pessoas vivas. – Cada palavra de Bristara é um golpe.

– *Eu* fiquei.

– Curioso, isso – diz ela, os olhos se estreitando de leve.

Mas não consigo lidar com o ceticismo de Bristara. Não agora.

– *Existe uma chance.* – Minhas palavras são como a ponta de uma adaga no pescoço de qualquer um que ouse dizer o contrário. Bristara e eu nos encaramos. Por fim, ela não diz nada. – Arina é tão forte quanto eu, todos vocês sabem disso. Até eu ver seus ossos, até passar os dedos por suas cinzas, há uma chance de que ela esteja viva.

– A gente *procurou* por ela – explica Jura. – E ainda estamos de olho, claro.

– Bom. Eu tenho minha própria pista para seguir. – Eu me levanto. – E é na Academia Arcana.



CAPÍTULO 24

—O quê? – Gregor parece pasmo. – Você estava na Academia?

– Infiltrada? – pergunta Jura.

– Mais ou menos... Como estudante – corrijo.

Ren retorce o rosto, enojado.

– Achei que você se esconderia depois de fugir, não que entraria direto no covil do inimigo.

– Por que iria para lá como estudante? – pergunta Gregor.

– Era mais seguro na hora.

Não sei quanto consigo explicar no momento, embora saiba que devo a verdade a eles. Inesperadamente, Twino me poupa de ter que elaborar.

– Mas *por que* você voltaria? – Ele foca no futuro, não no passado.

– O último lugar onde sabemos que Arina esteve é a Academia, o que significa que é lá onde vou achar qualquer rastro. – *Tem uma pessoa que saberia a verdade e, desta vez, eu vou* fazê-lo *falar.*

– Não volte para lá, Clara. Você sabe o que sua mãe dizia sobre entrar na fortaleza. Não obrigue a memória dela a suportar uma segunda filha ignorando seus alertas.

Bristara diz isso sem emoção, mas posso ouvir uma nota de censura em

sua voz. Ela conhecia mamãe. Não muito bem, mas era próxima o bastante para saber dos túneis nas montanhas, onde me encontrou e também Arina um dia e nos ofereceu um lugar no clube.

– Minha mãe está morta. – Não grito nem me lamento. Estou declarando um fato. Mas, por algum motivo, o comentário faz todos desviarem o olhar. Todos exceto Bristara, que continua me encarando com tranquilidade. – O que quer que ela quisesse ou não para mim e Arina morreu junto com ela.

– Honre os desejos dela e acate seus avisos – insiste Bristara, como se tivesse sido a pessoa a quem minha mãe informou esses desejos e avisos.

– Arina é tudo que me resta. Não vou ignorar uma chance de encontrá-la.

– E quanto a *essa* família? – Bristara aponta para todos que estão sentados. Nenhum deles olha para mim.

Meu estômago embrulha.

– Vocês sabem... Eu...

– Você precisa encontrá-la – termina Twino. – Não abandonamos família, por sangue ou por vínculo.

Os demais assentem, mas Bristara não parece convencida. Continua a me perfurar com sua expressão inflexível. Eu não me encolho nem recuo. Posso ter muitos defeitos. Posso ser abusada e imprudente. Posso agir sem pensar e falar demais quando as emoções estão exaltadas. Mas ninguém, *ninguém*, pode dizer que não sou leal às pessoas que amo.

– Eu vou voltar pra vocês – afirmo, mesmo sem saber quando conseguirei cumprir essa promessa.

Arina encontrou um caminho para sair da escola, e uma hora vou encontrá-lo também, com ou sem a ajuda de Silas. Eu me viro para a porta.

– Espere. – Jura se ergue, corre para a cozinha e volta com biscoitos embrulhados num paninho. – Tome cuidado, por favor. Entendemos que você precisa procurá-la, mas não esqueça que pensamos ter perdido vocês duas. Você já voltou dos mortos. Não morra de novo.

– Nunca. – Beijo suas bochechas e guardo o embrulho de biscoitos. – Não chorem por um caixão vazio – recordo a todos, com um olhar significativo, e saio.

Porém, antes que a porta se feche, Bristara desliza atrás de mim. Eu nem a ouvi se levantar, muito menos se mover. Agora estamos sozinhas no corredor.

– Você acha que pode confiar nesse tal de Silas?

– Acho. – Mantenho a voz baixa para ele não ouvir; imagino que ainda esteja no escritório.

– E confia em seu próprio juízo depois do que aconteceu no último trabalho? – As palavras machucam e eu desvio os olhos, apertando e relaxando os punhos. Ela me deixa ficar com raiva por um momento. Então, bem mais gentil, diz: – Clara, eu só me preocupo com você. Eu me preocupava antes e me preocupo agora também. Eu me preocupo com esse lar que conseguimos reconstruir. Se confiarmos nas pessoas erradas de novo... pode não haver segunda chance para nenhum de nós.

– Eu sei. – Abaixo a cabeça. – Mas eu tinha que sair de lá, de algum jeito. Tinha que encontrar todos vocês e saber se... se... – *Se realmente tinha perdido todo mundo.* Não consigo terminar a frase.

– Fique de olho nele. – É metade ordem, metade conselho.

– Eu já planejava fazer isso.

Ela pousa os dedos longos e esguios em meus ombros. É o mais próximo de um abraço que Bristara já me deu. Sempre me perguntei se ela sabia que eu não precisava de uma mãe e respeitava isso. Eu já tinha uma mãe. Precisava de uma chefe.

– Por ora, continue infiltrada. Descubra o que puder. E, por mais que eu odeie admitir, você pode ter razão. A verdade do que aconteceu com Arina está na Academia.

– Está. – Eu tenho certeza. – E, quando descobrir, eu vou voltar de vez para o clube.

– Faça isso. – Há uma breve pausa. – E, se continuar ignorando a vontade da sua mãe e indo à fortaleza, pelo menos mantenha seu nome verdadeiro em segredo.

O fato de Bristara saber meu nome real é um sinal de sua proximidade com minha mãe. Mesmo que elas não se conhecessem bem, mamãe claramente confiava nela. Então eu também confio.

– Sempre mantenho.

Com um aceno final, eu sigo para o escritório. Parte de mim não quer deixá-los, mas eu *vou* achar um jeito de voltar.

E, por ora, tenho um príncipe para interrogar.

Encontro Silas debruçado sobre uma mesa com vista para a frente da casa. Ele fecha seu caderno. Deve ter terminado sua carta.

– Hora de ir.

Seus lábios se retorcem brevemente enquanto ele olha pela janela da frente. Ainda está escuro, mas raios de aurora se infiltram nas bordas do céu.

– Acho que sim.

Caminho até ele.

– Você disse que conhece as passagens secretas da Academia, certo?

– Tão bem quanto alguém pode conhecer, considerando a natureza do lugar. – Ele me lança um olhar desconfiado.

– Excelente. Quero que me leve o mais perto possível dos aposentos de Kaelis.

Ele hesita.

– Por quê?

– Tenho algumas perguntas para o príncipe.

– Kaelis não vê com bons olhos quando as pessoas aparecem sem aviso – diz ele, lentamente guardando os instrumentos de pintura na bolsa. É óbvio que está enrolando.

– Eu reparei. Mas isso é entre mim e Kaelis. Me leve o mais perto que puder sem que ele suspeite que você está envolvido – digo, emendando o pedido anterior. Silas foi bom comigo. A última coisa que quero é fazer a ira de Kaelis recair sobre ele. Silas é mais valioso para mim como um aliado desconhecido. Seguro seu pulso, tranquilizando-o. – Kaelis não vai saber que você me ajudou. Eu já tenho uma ideia de como chegar aos aposentos dele, então ele não vai suspeitar de nada. Aprecio o que você fez por mim hoje; não vou retribuir sua gentileza te colocando em perigo.

Silas suspira suavemente, mas vira a palma para cima e puxa o braço, de modo que meus dedos deslizem pelo seu pulso até encontrar sua palma. Ele segura minha mão com uma presença quente e firme.

– Tudo bem.

Sem dizer mais nada, ele pega a carta que colocou no bolso mais cedo. O mundo se distorce e se dobra no círculo mágico que aparece ao redor dos nossos pés. Em um instante, a casa aconchegante na cidade é substituída pela escuridão opressiva da Academia. Não reconheço a sala onde aparecemos, mas, julgando pelas espessas cortinas de teias de aranha que servem como a única cobertura das janelas e a camada de poeira que borra

os detalhes de dois motivos de rosa nos cantos das janelas, eu diria que está abandonada há algum tempo.

– É melhor eu voltar – diz Silas, mas não se mexe.

– É mesmo.

Agora que estou aqui, a raiva que fervia baixo nas veias com o desaparecimento de Arina tornou-se uma conflagração que ameaça me consumir se eu não a lançar sobre Kaelis.

Silas anda em direção a uma de duas portas da sala, então para e aponta para a outra.

– Estamos na ala dos professores, os aposentos dele não ficam longe. Saia por aí, vá reto, suba as escadas, vire à direita, siga pelo corredor e atravesse a ponte.

– Obrigada – agradeço, com sinceridade.

Ele assente, demorando-se no limiar da porta que abriu. Por um instante, me segura no lugar com um olhar que não consigo interpretar.

– Se precisar de mim, Clara, sabe onde me encontrar.

A oferta me surpreende, mas ainda consigo dizer:

– Agradeço sua ajuda. Também vale para você.

Saímos em direções opostas.

Meus passos ecoam por esses corredores familiares, mas hostis, com um ritmo agitado e cheio de propósito. Seguindo as instruções de Silas, vou até a ponte que conecta o coração da Academia com a torre de Kaelis. Dois Stellis estão posicionados na porta da outra extremidade e me fitam com suspeita, a armadura reluzindo sob duas arandelas cuja luz é sacudida pelos ventos da montanha.

Eu preparo desculpas, barganhas, subornos e até minha magia para lutar – o que for necessário para passar –, mas nenhum dos dois tenta me impedir. Eles querem; posso sentir em seus olhares e na sua postura, com as mãos ao lado das espadas. Mas nenhum dos dois sequer estremece.

Só a ideia de Kaelis ter dito a eles que sou bem-vinda aqui – que posso ir e vir dos aposentos dele quando desejar – me deixa inexplicavelmente furiosa. É algo que eu posso usar em vantagem própria... quando estiver com a cabeça mais fria.

Por enquanto, não perco tempo e logo faço o caminho inverso ao que Kaelis me levou da última vez que estive aqui. As portas do seu quarto na torre aparecem à minha frente, enormes e imponentes. Não me dou ao

trabalho de bater e as abro, surpresa ao encontrá-las destrancadas depois que Ravin as abriu à força.

Kaelis está relaxando em um dos sofás diante da lareira onde me encurralou, do outro lado das portas. O atiçador está novamente fora do lugar, e ele o passa de uma mão para a outra, girando-o para apontar para mim.

– Eu sabia que você viria.

Um ar de poder emana dele. Provavelmente está tentando parecer misterioso, mas só vejo arrogância.

– Vá se foder. – Não é meu momento mais eloquente, mas esse tipo de raiva mal contida, quando a pessoa está tremendo de fúria porque está a um comentário engraçadinho de matar um sujeito, raramente é.

– Sabe, no começo achei que seria uma punição pior do que Halazar, mas comecei a me perguntar como você é na cama. Traz essa mesma tenacidade a suas atividades como amante? É aquela a ceder? Ou gosta de uma oportunidade de se submeter, já que tenta tanto controlar tudo ao seu redor? – Ele me olha por trás das sombras lançadas pelo cabelo caindo sobre o rosto.

– Eu preferiria morrer.

– Você precisa trabalhar essas preliminares.

Luto para manter a voz firme. Ele só está fazendo isso para me provocar.

– Arina. – O nome dela é a única coisa que consigo proferir com confiança.

– Quem?

Ele franze a testa e, para dizer a verdade, não sei dizer se está fazendo isso de propósito. Nem ficaria surpresa se ele não tivesse pensado mais nela e a tivesse esquecido completamente desde nosso último encontro. Também não ficaria surpresa se estivesse só brincando comigo.

Pisando duro, vou até onde ele está sentado e caio no sofá à sua frente. Abro os joelhos e me recosto, tentando ocupar o máximo de espaço possível e reivindicar o que é dele como meu.

– Minha amiga. A que estava me ajudando a roubar suprimentos da Academia. Que os tirava por uma passagem secreta, e quem eu tenho muita, *muita* certeza que você conhecia porque ela desapareceu pouco depois que eu fui capturada. – Se Kaelis orquestrou minha prisão, por que não teria capturado Arina no caos da mesma noite em que destruiu o Clube dos

Malfadados? Nesse caso, também saberia que poderia usá-la para me motivar a escapar de Halazar e continuar ajudando-o com seus planos grandiosos. Faz todo o sentido. – A mulher cujo nome você arrancou de mim à força em Halazar apenas para me atormentar. *Apenas porque você podia.* Eu sei que você sabe de quem estou falando porque você controla esse lugar inteiro como seu pequeno reino particular; você *sabe* que iniciados fugiram ano passado e que Arina estava entre eles. – Minhas palavras ficam mais ríspidas. Mais frias. Como uma serra cortando gelo. Não vou mais aceitar as mentiras dele. – Onde. Ela. Está?

– Ah, *tudo bem*, depois do nosso último encontro eu investiguei a questão, já que você com certeza não ia deixar de lado. – Kaelis se ergue, devolve o atiçador ao lugar e segue em direção a uma porta no canto dos fundos, ao lado das janelas. – Venha.

– Aonde? – Eu não me mexo.

– Vou te mostrar os registros. Imagino que você não vai aceitar minha palavra sobre o que aconteceu. Então...

Ele aponta para a porta e, relutantemente, eu me levanto e o sigo.

Kaelis me leva para um escritório adjacente ao quarto. Pilhas de livros ocupam as três paredes que não são uma janela gigante com vista para a cidade e o mar. Também se erguem ao redor de um único sofá, onde um gato preto ergue a cabeça peluda, piscando indiferente para nós.

– Você tem um gato? – Por algum motivo, é tudo em que consigo focar. Encontrar outro sinal de vida nesses aposentos frios e sem graça é chocante.

– Por que isso te surpreende?

Ele vai até o centro da sala, dominado por uma mesa grande. Cada movimento é calculado e proposital enquanto remexe em papéis numa gaveta.

– Porque você é... você é...

Kaelis faz uma pausa, a mão aberta sobre a mesa.

– O segundo príncipe nascido do vazio que é incapaz de afeição humana?

– Sim. – Se é óbvio para ele, não vou negar.

Ele bufa. Não sei dizer se é divertimento amargo ou apreciação pela resposta direta.

– O nome dela é Priss.

– Priss – repito, ainda em choque.

– É um nome perfeitamente aceitável para uma gata.

– Nunca falei que não era.

– Seu rosto disse por você.

Ele se vira e vai até uma das estantes atrás da mesa. Corre os dedos longos e elegantes pela lombada dos livros, seleciona um e o folheia.

Fico espantada com a natureza surreal da cena: estar no escritório pessoal do príncipe Kaelis... e afagando o queixo da *gata* dele. Priss é uma bola de pelos comprida e sedosa. Amigável, não demora a ronronar. Pode estar vestida do mesmo preto severo e ter os mesmos olhos insolentes de Kaelis, mas, ao contrário dele, é pura doçura por dentro.

– Aqui. – Kaelis aponta para uma das páginas. – Quando você a mencionou de novo, perguntando onde estava, eu me lembrei dos três iniciados que desapareceram ano passado. Sua Arina foi registrada como uma aluna que partiu sem autorização da Academia. Fugitivos. Abrimos uma investigação, claro. Nós a encontramos e a enviamos a um moinho. Ela foi declarada morta antes do fim do inverno.

É parecido com o que Myrion, Silas e o clube revelaram, dando credibilidade às alegações de Kaelis.

Paro de mexer os dedos. Priss solta um miado indignado.

– O que aconteceu com o corpo dela? – Minha voz estremece de leve.

– Quer a resposta oficial? Ou a verdade?

Eu endireito as costas e o encaro. Que oferta estranha e atípica...

– A verdade. Sempre a verdade, Kaelis.

– Oficialmente, partes do corpo dela, o suficiente para "identificá-la", foram retiradas dos destroços da explosão e enterrados numa cova coletiva junto ao moinho. – Explosões não são incomuns em moinhos, considerando como a magia nos pós pode ser reativa durante o processamento. – Extraoficialmente, nenhum corpo foi encontrado.

O mantra do clube ecoa em minha mente: *Não chore por um caixão vazio.*

– E os outros dois que fugiram com ela?

– Um fugiu mais no começo do ano letivo. Elu também foi apreendido e ainda está no moinho. – Kaelis antecipa o que vou perguntar em seguida. – A outra iniciada nunca foi encontrada.

Arina pode ter sido pega tirando outra pessoa daqui...

– Qual era o nome dela? A outra iniciada?

– Selina Guellith.

Não reconheço o nome. Quem quer que seja essa pessoa, Arina nunca comentou sobre ela. *Pode ser uma pista para o futuro, talvez. Vou mencionar ao clube quando os vir de novo...*

– Fizeram outra busca por Arina depois que essa Selina escapou do moinho?

– Em segredo, sim. – Eles não anunciariam que alguém conseguiu fugir de um moinho. – E, antes que pergunte, essa busca foi encerrada há alguns meses. Ela não foi encontrada.

Então há uma chance. Escondo minha esperança e empolgação crescentes com tom e expressão monótonos.

– Estou chocada que eles não vão continuar a caçada até os confins do mundo. Seus fiscais agem como se um único Arcanista perdido pudesse ser o fim de Oricalis.

– Eles não são os *meus* fiscais. – É a voz dele que está fria como o inverno agora.

Seu tom duro me surpreende, me calando por um segundo. Volto a afagar Priss enquanto milhares de pensamentos atravessam minha mente. Ao fazer isso, perco a noção de Kaelis por um momento. Quando minha consciência retorna, ele está assomando sobre mim. Estreito os olhos.

– Que foi?

– Quem era ela?

Kaelis ainda não parece notar nenhuma semelhança entre mim e Arina. Fico grata por ele prestar mais atenção em nomes no papel do que em fisionomia, ao que parece.

– *É* – corrijo. Ainda não estou pronta para admitir qualquer outra possibilidade.

– Quem *é* ela? – cede ele.

– Eu te disse, uma amiga. Só isso.

– Eu posso te ajudar a encontrá-la.

Duvido muito. Se ele pudesse encontrar Arina, já teria feito isso. Ela sempre foi escorregadia. Se alguém era capaz de fugir de um moinho e se manter escondida por meses, seria ela. *Mas aonde iria, senão de volta à Cidade do Eclipse e ao clube?* A pergunta é tão intrigante quanto enlouquecedora... e assustadora.

– Ah, como você já me "ajudou"? – desafio, para desviar o assunto.

Queria ser um pouco mais alta para poder encará-lo olho no olho. Odeio sentir que minha altura me impede de estar em pé de igualdade com ele.

– Eu tirei você de Halazar, não tirei?

– Você não pode só criar um problema e levar o crédito por resolvê-lo! – Eu o cutuco no ombro. Ele nem se encolhe.

– *Criar* um problema? – Sem aviso, seus dedos se fecham ao redor dos meus, segurando minha mão com força. – Você mesma não "criou" esse problema quando decidiu pintar e vender cartas ilegalmente?

– Talvez, se você e sua família não sentissem a necessidade de controlar todo Arcanista que já respirou no reino de Oricalis...

Ele ainda não soltou minha mão, mas ergue a outra e agarra meu rosto, os dedos se curvando na minha nuca. Eu já estava olhando diretamente para ele, mas agora não tenho escolha. Meu nariz quase toca o dele.

– Eu não tive alternativa. Tinha que encontrar *você*.

– Eu? – Eu o encaro, confusa.

– Sim, você e todos os outros dezenove Maiores.

Parece que ele está dando para trás. *Encontrar você* foi dito com tanto propósito. Como se eu fosse diferente, de alguma forma.

– De novo essa história infantil sobre o Mundo... – Estreito os olhos para ele. Silas acreditava na história. *Prove-a*, desafio Kaelis sem pronunciar as palavras.

– Se apenas fosse esse o caso... – diz ele, suavemente. Seu olhar vai para além da entrada do escritório. – Talvez eu deva te mostrar.

– Me mostrar o quê?

Kaelis me solta e se afasta.

– Venha, vou te levar ao lugar onde tudo que você conhece teve seu começo e logo terá o seu fim.



Considero recusar. A última coisa que quero fazer agora é seguir Kaelis para qualquer lugar. Mas recusar é um luxo que eu não tenho... pelo menos sendo sensata em relação à minha situação difícil e à escolha com mais chances de me dar as informações de que preciso. E meu bom senso já me abandonou vezes demais quando se trata desse príncipe. Bristara tem razão: *eu preciso me controlar.* Ela não falou essas palavras exatas, mas a conheço o suficiente para tê-las ouvido mesmo assim.

– Tudo bem – digo, relutante.

Cruzamos o quarto principal até o canto oposto. Ele abre uma porta lateral perfeitamente encaixada nos painéis elegantes da parede. Entramos em um quarto de vestir igualmente normal – pelo menos para os padrões de um príncipe. Transborda depravação do chão ao teto, com roupas feitas sob medida nas araras e poltronas de veludo suntuosas. No centro, há uma mesa comprida, sua superfície polida reluzindo sob o lustre.

– Vestir-se é tão cansativo que você tem que sentar no meio do processo? – Aceno com a cabeça para a poltrona.

– É exaustivo ser tão bonito.

Solto uma bufada de divertimento, sem querer, mas rapidamente faço

uma careta para a expressão triunfante de Kaelis.

– "Bonito" para alguém que parece só se vestir no escuro. Você só usa preto e cinza pra não ter que combinar peças?

Corro os dedos pelas roupas penduradas nas araras. Se ele se incomoda ao ver minhas mãos sujas tocando suas roupas, não demonstra.

– Eu tenho uma paleta que combina comigo.

Eu paro, pegando um vislumbre de um banheiro igualmente elegante através de uma porta entreaberta. Fica entre fileiras de estantes que contêm de tudo, de frascos de perfume a joias de estado, mas não é o banheiro que me distrai, nem a outra porta para a qual Kaelis está se dirigindo. Não consigo evitar; levanto uma das coroas cinza-escuras que encontro ali, vou até um espelho e a coloco na cabeça.

O diadema, incrustado de pedras de obsidiana, parece totalmente deslocado em mim e não só porque é um pouco grande demais. Minhas faces ainda estão um pouco encovadas; meu cabelo perdeu o brilho. Eu pareço uma mendiga usando a coroa de um príncipe.

– Está tão animada assim para se casar comigo e reivindicar sua coroa como princesa?

Os movimentos de Kaelis são inaudíveis. Sem aviso, ele está do meu lado de novo. Seus dedos se curvam ao redor dos meus ombros e, por um segundo, respiramos o mesmo ar enquanto ocupamos o espelho. Ele está atrás de mim, tão perto que consigo sentir seu perfume, que deve ter vindo de um desses frascos de cristal.

– Nem um pouco – respondo, tirando a coroa e a devolvendo à estante.

O príncipe se inclina, angulando o rosto para mim como se fosse beijar meu rosto. Inspiro devagar, prestes a mandá-lo se afastar de novo, mas ele sussurra:

– A coroa combina com você, sabe.

– Você é um mentiroso sem-vergonha. – Minhas palavras, calmas e secas, não traem as batidas aceleradas do meu coração.

Kaelis me solta com uma risada baixa que quase parece vir do meu próprio peito.

– Geralmente funciona com a maioria das mulheres.

Eu me viro, fulminando-o com o olhar.

– Não tenho interesse em coroas ou títulos... ou seus casinhos anteriores com mulheres ou homens ou quem quer que seja.

– Eu sei. É uma mudança revigorante. – Ele dá um passo para longe. – Mas combina mesmo com você, como a rainha dos ratos.

Solto um ruído de desgosto.

Kaelis tira uma chave prateada intrincada do bolso do casaco e destranca com um clique suave outra porta discreta que eu não tinha notado. A passagem à meia-luz além dela me chama a atenção, e Kaelis assume a dianteira. Novamente, eu o sigo para o desconhecido.

O caminho é simples. Um declive, uma virada, outra, e seguimos reto de novo. Posso sentir o gosto do ar quente de verão antes de ver as janelas estreitas e arqueadas que surgem de ambos os lados. Elas oferecem vislumbres da névoa abaixo da Academia, que consome suas fundações, e da estrutura principal à nossa frente.

– Estamos dentro da ponte que leva aos seus aposentos – digo, me situando. Kaelis assente. – Por que só não ir pela superfície?

– Acha que eu quero que todo mundo saiba das minhas idas e vindas? – Ele olha para trás com um sorriso astuto. – Eu perderia todo meu ar de mistério se não aparecesse em lugares aleatórios, sem que ninguém conseguisse adivinhar como eu cheguei lá.

Ele parece bastante orgulhoso disso e fala como se fosse só um jogo. Mas tudo que ouço é: *Eu posso estar em qualquer lugar, em todo lugar.* Como se eu já não vivesse ressabiada.

De volta às entranhas da Academia, começamos a descer cada vez mais. As paredes se tornam mais rústicas e o ar mais frio, a ponto de a respiração sair em sopros gélidos apesar de ser verão. Estamos nas profundezas dos penhascos, e posso sentir o peso das pedras – da história e da magia – ao meu redor.

Finalmente, a passagem se abre para um recinto cavernoso. A única coisa que rivaliza com sua magnitude é sua beleza – ambas roubam meu fôlego.

No centro encontra-se uma escultura monumental de uma figura andrógina e orgulhosa. É entalhada de uma pedra parecida com mármore, majoritariamente da cor do alabastro, mas, no lugar de veios cinza, tem rastros de magia brilhante, como se a pedra não fosse nada além de uma fachada para o puro poder no seu interior. O brilho da escultura, embora forte para iluminar os arredores, nem alcança o ponto mais alto do teto.

O rosto da pessoa emana serenidade e uma sabedoria atemporal, com os olhos fechados e um sorriso entretido. Ela estende os braços, segurando um

globo no qual todos os oceanos e continentes do mundo estão representados em detalhes intrincados. Terras que reconheço... e algumas que nunca sequer imaginei.

Sou atraída até a base da estátua. Um anel do que parece ser água brilhante separa a figura de uma parede externa com vinte aberturas numeradas, cada uma entalhada para abrigar uma carta. O significado é claro.

– Vinte aberturas, vinte Maiores – murmuro, apoiando a mão na do centro, marcada com um 10: a Roda da Fortuna... a minha abertura.

– A jornada do Louco. Cada encontro expôs a natureza verdadeira e mágica do mundo. Todas as cartas devem ser encontradas antes que o Mundo possa ser invocado novamente e usado. – A voz dele sai baixa, mas ecoa pelo espaço vazio.

Olho de Kaelis para a estátua.

– É real, então.

Seria uma mentira realmente elaborada se não fosse. Tudo que ele disse, os Maiores, o jeito como os outros se comportaram, o que Silas falou... são provas demais para eu continuar acreditando que o Mundo é uma farsa.

– Você está diante do nexo de todo poder. A carta que importa mais do que qualquer outra. Onde tudo acabou, começou e vai acabar e começar de novo. Onde reinos ascenderam e caíram. Vez após vez, por toda a eternidade. – Ele ergue os olhos para a estátua com assombro e reverência.

Eu me encosto na base da escultura, analisando Kaelis.

– O que você quer com o Mundo?

– O que qualquer um iria querer. – Seus olhos se viram para mim, fazendo um calafrio percorrer meu corpo. – Mudar tudo.

Cruzando os braços, pergunto:

– Mudar o *quê*? Esse mundo já não é conveniente para você?

Uma risada baixa, divertida mas amargurada, ressoa no peito dele. O som enrodilha a tensão dentro de mim. Não sei dizer se é excitação... ou medo. Ele me olha como se eu fosse algo a ser reivindicado. Possuído. Aperto os braços ao meu redor, como se pudesse me proteger do homem que já me tem na palma da mão. *Talvez*, parte de mim sussurra, *ele tivesse razão sobre você. Talvez, pela primeira vez na vida, fosse bom se submeter.* Afasto o pensamento às pressas e mantenho o foco.

– Não. Nem um pouco. – A resposta dele é tão simples, sincera e direta

que quase me pega de surpresa.

– Ah, não? – Balanço a cabeça, e meu desgosto se infiltra nas palavras. – O príncipe com seu próprio castelo, que controla toda a magia do reino, que pessoalmente garante que o futuro seja roubado de todo Arcanista, que...

– Teve seu próprio futuro roubado – completa Kaelis, ríspido. Fico tão chocada que me calo, e ele aproveita para atropelar e dissipar meus pensamentos. – Ah, Clara, você não achou que Arcanistas, sejam plebeus ou nobres, eram os únicos que tinham que sacrificar seu futuro ao Cálice Arcano, achou?

A verdade é que achei.

– Mas você...

– Eu sou um Arcanista, acima e antes de tudo. Isso me deixa sujeito ao serviço à Coroa e às leis do reino como todos os outros. – Kaelis diminui o espaço entre nós com passos propositais. Pela primeira vez, não sinto que ele está me perseguindo como um predador... e sim como alguém tentando me encontrar de igual para igual. A ideia é tão estranha que minha mente imediatamente a rejeita. – Eu fui trazido à fortaleza e, diante de ninguém menos que meu pai, fui obrigado a abandonar meu futuro. Eu cedi as três cartas ao Cálice.

– Ele te obrigou a fazer isso, mesmo sendo um príncipe? Seu próprio filho?

– Eu sou o sobressalente – diz, se aproximando até parar na minha frente. – Existo como uma ferramenta para meu pai e meu irmão. Para cuidar da magia deles, fortificar suas fronteiras, assegurar seu comércio e mantê-los a salvo.

Ele está dizendo a verdade – ou então mente ainda melhor do que eu imaginava. Mas sinto no fundo do coração que está sendo sincero.

– Perdoe-me se não me compadeço. – Solto os braços e aperto a base do pedestal. Meu olhar é afiado, eu sei, mas não faço nada para suavizá-lo. Ele está tentando alegar que temos algo em comum, mas não temos. – Você pode ter problemas, mas não como o restante de nós. Passou seus dias em salões dourados com mesas e cálices cheios. Pode estar atrás da liberdade, mas não está só usando as cartas. Está usando *pessoas* para obtê-la. Você não é melhor do que qualquer outro membro da sua família perversa.

Kaelis dá um passo para a frente, invadindo meu espaço pessoal novamente. Seu peito infla tanto que penso que estou prestes a ver o

príncipe, geralmente tão controlado, perder a paciência. Mas, quando fala, suas palavras são suaves.

– E você não acha que era bem pior quando meu pai tinha acesso irrestrito aos Arcanistas de todo o mundo antes de eu assumir o comando desta instituição? Se ele fez o filho abandonar seu futuro, acha que tratava estranhos com mais gentileza?

De repente, compreendo uma coisa.

– Você não está procurando o Mundo para ele, está? – Kaelis simplesmente sustenta meu olhar como resposta. Eu sempre presumi que toda a família real obedecesse ao rei Naethor Oricalis, operando como uma unidade. Quando ele não diz nada, preencho o silêncio, esperando que diga que estou errada. – Talvez seu pai tenha te encarregado de encontrar o Mundo... mas não é por ele. Você está fazendo isso só por si mesmo.

– Exato. E você é essencial para os meus planos.

– Por que *eu*?

O jeito como ele fala enfatiza que meu papel aqui é mais do que ser só uma das últimas cartas Maiores que faltavam até o momento.

Kaelis se inclina para a frente, me obrigando a me inclinar para trás, e apoia os braços ao meu redor no pedestal. O brilho da estátua suaviza as feições geralmente duras do seu rosto.

– Você é a Roda da Fortuna, o Maior menos compreendido, porque seu poder é a própria sorte. Mudar o destino. Essa sorte te deu a habilidade de criar qualquer Arcano Menor com qualquer tinta.

Minha fuga de Halazar, as tintas disponíveis ali... até Glavstone me dando suprimentos cada vez mais escassos e de baixa qualidade ao longo de meses. Minhas suspeitas estavam corretas: *foi tudo um teste.*

– Todo Arcano Maior vai pintar uma *única* carta dourada usando essas águas.

– Não prateada? – Eu tinha entendido que uma carta Maior bem-sucedida virava prateada.

– A cor prateada indica que cartas Maiores normais podem ser usadas. As que são pintadas aqui são especiais. *Douradas.* São cartas que capturam toda a essência de cada Maior, as únicas que podem ser usadas para convocar o Mundo. Elas só podem ser pintadas uma vez, não podem ser usadas e só existe uma de cada. O Arcanista que conseguir colocar todas as cartas Maiores nessas aberturas e oferecer um receptáculo para o Mundo

tomar forma será a pessoa a reivindicar seus poderes. – Ele desliza os dedos na abertura ao meu lado, aquela destinada à minha carta, a Roda da Fortuna. – Eu tenho treze dessas cartas douradas. Logo serão quinze, quando você e Sorza realizarem sua tarefa. Eu as reuni orientando os indivíduos na Academia pessoalmente ou os trazendo aqui para pintar das águas do Mundo.

– E os outros cinco?

– Ninguém tem a Estrela ainda. Meu pai tem as outras quatro.

– Ele não te fez entregar suas cartas douradas? – Minhas palavras transbordam ceticismo.

– Elas foram pintadas na minha frente, não dele, então caíram nas minhas mãos. E ele acha que estão seguras comigo. – Kaelis dá de ombros, sugerindo que acha seu pai muito tolo por isso. – E nenhum de nós pode convocar o Mundo sem todas as cartas.

– Então é um impasse – murmuro.

Se o pai exigisse todas as cartas, potencialmente se colocaria em conflito com o filho, que controla toda a magia. Um risco que, a não ser que ele estivesse prestes a usar as cartas, não valeria a pena.

– É aí que você entra. Eu não posso obter essas cartas e meu pai nunca as cederia. Mas... – Ele abaixa o queixo de leve. – Nunca houve uma pintora como você. Nunca conheci alguém tão sortudo que, para um *príncipe* capturá-la, teve que montar uma armadilha elaborada.

– Mas só um Maior pode pintar sua própria carta. – Eu me lembro do que os outros me contaram antes.

– Uma carta que *funciona*, sim.

– Você acha que, com minhas habilidades, posso criar falsificações convincentes dos quatro Arcanos Maiores que seu pai tem. – Finalmente estou enxergando o desenho da teia em que me encontro. – Você planeja roubá-las.

– Muito bem. – O elogio é um murmúrio grave no fundo da garganta dele. Meu corpo tenta estremecer em resposta, mas me recuso a permitir.

– Meu pai vem visitar no Dia de Ouros. Vamos achar uma oportunidade para você se aproximar dele. Ele está sempre com as cartas; morreria antes de deixar qualquer um ficar com elas. – Kaelis revira os olhos. Mordo a língua antes de comentar que matar o rei seria uma opção atraente. – Quando vir as cartas, confio que vai conseguir trocá-las pelas falsas. Vou te

dar o resto do ano para aperfeiçoar seu trabalho. Então, no baile do Banquete de Copas, vamos fazer a troca. Ele não vai perceber e eu terei tudo de que preciso para convocar o poder do Mundo.

– E a Estrela? – O último Maior que falta.

– Eu sei onde a Estrela está. – Kaelis dá de ombros, casual. – Você não precisa se preocupar com isso.

– E o "receptáculo" para o Mundo?

– Deixe isso comigo também.

Franzo a testa.

– Se você quer que eu trabalhe com você, vai ter que me contar tudo a partir de agora.

– Acha que não estou fazendo isso? Veja tudo que já te contei. E mostrei. – Ele aponta para a estátua atrás de mim, mas não me viro, mantendo os olhos fixos nos dele. – Você já tem uma tarefa difícil à sua frente. Concentre-se nisso e, quando tiver sucesso, nós vamos passar para a parte seguinte do plano.

Nós. Eu não esqueci quem ainda tem todo o poder nesse acordo. Mas... tem algo diferente nesta interação. Algo mudou entre nós. Ele está me contando mais. E, se tudo que diz é verdade, está me revelando uma trama de conspiração.

– Tudo bem – digo, por ora.

Posso pesquisar esse "receptáculo" no meu tempo livre, de toda forma. Tenho muitas informações para caçar sobre o Mundo.

– Tudo que preciso de você são suas habilidades de pintura. Me mostre o que a tornou tão requisitada no submundo da Cidade do Eclipse.

Ele sustenta meu olhar de novo. Embora não esteja me tocando, sinto-o por todo o corpo. Sinto um desejo súbito de tocá-lo e rapidamente afasto o impulso.

– Você destruiu o Clube dos Malfadados? – sussurro. É tão fácil culpá-lo por tudo, mas toda vez que tento... minhas acusações se desfazem.

– Nunca cheguei perto deles.

Por algum motivo, continuo a acreditar nele.

– E o que eu ganho com isso? Se eu te ajudar, que vantagens terei?

– Além de estar noiva de um príncipe e ter todos os confortos que acompanham essa posição?

– Se vai refazer o mundo, você pode fazer melhor que isso. Eu nem tenho

uma garantia de que nosso noivado será levado a cabo depois que você tirar o que quer de mim.

Cada vez que inspiro para me acalmar, meu peito quase roça no dele. Culpo Halazar pelo modo como estou tão consciente da sua proximidade.

– Eu posso te dar o que sei que você sempre quis. – Seus olhos reluzem com divertimento. – Um mundo novo, melhor. Um mundo onde os Arcanistas são livres para fazer o que quiserem.

Considero a ideia, mas só por um segundo.

– São promessas vazias.

Ele não demonstra surpresa com minha desconfiança. Seus olhos descem preguiçosamente pelo meu rosto e pousam em meus lábios.

– O que tenho que fazer para provar que não preciso ser seu inimigo?

Não consigo me impedir de umedecer os lábios, a atenção me fazendo perceber como estavam secos.

– Mude seu nome. Seu destino. Abandone o reino de Oricalis inteiramente quando recriar o mundo. Estilhace-o.

– Me dê o Mundo e eu farei isso. *Com prazer.* – Seu olhar me atravessa, como se ele conseguisse ver tudo que sou e já fui. Todos os meus pensamentos.

– Arina. – Mantenho o foco. – Eu ajudo você, e você me ajuda a encontrá-la.

– Feito. – Considerando que ele ofereceu a mesma coisa antes, é bom ver que se mantém consistente.

Examino seu rosto. Meus instintos estão gritando para eu não ceder. Mas que escolha tenho? Esse pode ser o melhor caminho a seguir, de muitas formas.

– Você não teve mesmo nada a ver com o desaparecimento dela?

– Não, eu juro.

Ainda não sei se posso confiar nele com relação a isso. Por que admitiria ter machucado alguém que eu deixei claro ser importante para mim? Afinal, ele precisa de mim, e essa verdade – se for verdade – resultaria em perder minha obediência, o que também significa que seria inútil perguntar abertamente sobre minha mãe.

Mas eu posso usar minha proximidade com ele para continuar minha própria investigação sobre o desaparecimento dela. Como disse a Silas, *use-os.* A Coroa nos vê como ferramentas. Nada mais justo.

Se Kaelis estiver falando a verdade, vai usar o Mundo para reconstruir as coisas e torná-las melhor. Esse é o resultado mínimo. Com sorte, minhas perguntas o levaram a acreditar que tenho fé nisso.

Enquanto isso... pelo menos, vou descobrir a verdade sobre a morte da minha mãe, o que aconteceu com Arina e encontrar um jeito de roubar o Mundo para mim mesma. Esse é o melhor resultado.

– Então, vai me ajudar? – Kaelis arqueia uma sobrancelha. – Chega de lutar ou resistir, agora trabalhamos como um time?

– Tudo bem – digo, relutante, lembrando repetidamente que isso é um meio para um fim. Nada mais.

– Ótimo.

Kaelis se afasta do pedestal, seus braços não mais ao meu redor. Eu tinha esquecido como essa caverna é fria, e o movimento realça como o corpo dele é quente. Ele me olha da cabeça aos pés outra vez, mas há uma mudança em sua expressão. Algo mais pensativo. Quase sincero.

– Agora, vamos encontrar algo para você comer.

– O quê? – A mudança em sua atitude me confunde.

– Você ainda parece que vai ser soprada por uma brisa. – Ele deve realmente acreditar em tudo que eu falei e nos ver como parceiros. – Eu prefiro minhas mulheres com mais substância.

– Não dou a mínima para como você prefere suas mulheres.

– O jeito como você estava me olhando agorinha diz o contrário. – Ele dá um sorrisinho, que respondo com uma careta. Kaelis espera até eu abrir a boca para xingá-lo antes de falar: – Além disso, não vai provar a todos eles como é talentosa se desmaiar na sua primeira semana, e sei que perdeu o jantar. – Ele devia estar procurando por mim no salão principal. – Então venha, tome o café da manhã mais cedo e descanse antes das suas aulas matinais. Temos trabalho a fazer, você e eu, mas não quero que você sofra mais no processo.

– Eu já sofri o suficiente para Vossa Alteza? – Minha amargura usual retorna de pronto.

A expressão de Kaelis se desmancha, ficando séria outra vez. Suas mãos estremecem, como se quisesse cerrá-las em punhos. Há raiva fervilhando em seus olhos, mas não por mim... *Por quem?*, eu me pergunto.

– Achei que tínhamos superado isso – murmura ele.

– Você não pode apagar um ano em Halazar com algumas palavras.

– *Eu* nunca quis que você sofresse lá. Se pudesse ter te tirado mais cedo, teria feito isso. Mas não podia arriscar antes do Festival do Fogo. Só o noivado não teria sido suficiente. Você precisaria das proteções da Academia como iniciada e depois como estudante.

Outra vez, quase acredito nele. Se vamos trabalhar juntos, então talvez eu *queira* pensar que não estou fazendo um acordo com meu inimigo mortal. Mas não posso deixá-lo me convencer. Ele já criou dúvidas demais em mim para uma interação.

– Clara...

– Eu gostaria de ir embora – digo com firmeza. Posso ser sua parceira relutante, por ora, mas não sou seu cachorrinho. – Me mostre o caminho de volta aos dormitórios.

Para minha surpresa, Kaelis mostra. Ele me guia pelas passagens até certo ponto, me diz como achar o caminho a partir dali e se despede com um aceno de cabeça respeitoso. Meus ouvidos apitam com o silêncio ensurdecedor e a sensação de que há muita coisa não dita nos olhos dele.

Assim que me oriento, sigo para a biblioteca em vez de para os dormitórios. Está vazia nas primeiras horas da manhã, mas as lâmpadas ainda brilham. Procuro qualquer menção ao Mundo, as histórias de mamãe ainda vivas na cabeça enquanto belisco os biscoitos de Jura no lugar do jantar que perdi horas atrás.

O Mundo... A carta poderia fazer qualquer coisa. Consertar tudo.

Tudo fugiu do nosso controle quando mamãe morreu. Arina e eu vivemos nas ruas. Lutamos e roubamos, violando quase todas as leis, e nos tornamos imprudentes, obcecadas com o assassino de mamãe. Mas, com isso, *eu poderia trazer mamãe de volta.* E, se ela estivesse aqui de novo, de alguma forma sei que tudo faria sentido. Essa única ideia me faz ficar acordada até depois da aurora e então me arrastar para as aulas.



Vaduin Thornbrow, professor-chefe de lançamento de cartas, vem pelo centro da sala de aula. Suas mãos estão unidas às costas. Sua mera presença demanda silêncio. E seus olhos, mais afiados que o fio de uma rapieira, parecem cortar o ar.

Ele sabe exatamente o que está fazendo. Estamos sentados ao seu redor em um círculo, sem as carteiras, e estou mais relaxada na cadeira que o restante da turma. Permito que faça sua vistoria e continuo impassível diante da avaliação. De certa forma, ele me lembra Bristara. Entreouvi outros alunos falando que esse só é o segundo ano dele na Academia, então me pergunto se essa atitude intimidadora é uma tentativa de compensar as dúvidas de quem pensa que ele ainda não mereceu – ou não é digno – de sua posição.

Essa é minha quarta aula com ele, e hoje é o primeiro dia em que ele parece pronto para nos deixar avançar da mera teoria do lançamento de cartas. É surreal pensar que duas semanas de aulas já se passaram. Há uma monotonia no fluxo das aulas que comecei a achar agradável. Agir como uma iniciada normal para manter meu disfarce acabou me fazendo sentir como se não fosse nada além disso.

– O lançamento de cartas não envolve apenas habilidade, mas a conexão que vocês têm com elas – começa Vaduin, com a voz ressonante e grave. – Vocês convocarão as cartas que precisam do baralho apenas com os seus sentidos, seu poder chamando o poder que foi imbuído no papel. Pintar cartas é canalizar as forças primitivas da natureza em tinta e papel. Ler cartas é ceder aos destinos que guiam sua mão. Lançar cartas é tornar inquestionavelmente seu o verdadeiro poder das subcorrentes deste mundo.

Pelo visto, Kaelis não é o único com um pendor por drama na Academia.

– Eu vi cada um de vocês tentar lançar cartas no Festival do Fogo e devo dizer que todos deixaram a desejar. – Ele dá uma volta pela sala, não poupando ninguém dessa avaliação. Nem eu, o que me ofende um pouco. – O Dia de Ouros vai chegar antes que vocês se deem conta. É possível que consigam ganhar uma ou duas moedas de uma Casa sem habilidade em lançar cartas, dependendo da sua abordagem. Podem impressioná-las apenas com a pintura ou a leitura, mas não há como fugir dos Desafios do Três de Espadas. Um desses desafios será um duelo. Os iniciados serão colocados em duplas, uns contra os outros, então só metade de vocês vai vencer o teste de lançamento.

Eza direciona o olhar para mim à menção dos duelos. Não me encolho sob o seu olhar e corro os dedos sobre a pilha baixa de cartas no colo, que estava esperando na cadeira de todos quando entramos – o Ás, o Dois e o Três de cada Arcano Menor. Eu soube imediatamente quais cartas eram ao tocar o pequeno baralho.

– Vamos começar treinando a convocação das cartas do baralho – continua Vaduin. Eza é o primeiro a desviar os olhos para ele, e eu só o imito quando seus olhos se afastam de mim. – Segurem as cartas à sua frente.

Obedientemente, todos os iniciados colocam a pilha baixa na palma aberta, eu inclusa.

– Ás de Copas – declara Vaduin.

Os alunos começam a se concentrar, murmurando e franzindo o cenho. Muitos parecem ter o estômago embrulhado. Alguns têm a boca retorcida no que poderia ser interpretado como dor.

Ergo a mão direita e, agitando os dedos de leve, o Ás se ergue do baralho, pairando no ar.

– Redwin. – Vaduin fixa o olhar apenas em mim. – Sem gestos.

– Perdão? – Relaxo o foco e permito que o Ás se assente de novo no baralho.

Vaduin se aproxima devagar, me olhando de cima.

– Convoque a carta *sem* gestos. O Dois de Espadas.

– Por que não posso usar gestos? – pergunto enquanto o restante dos alunos se concentra nos seus baralhos.

Ou finge se concentrar. Minha pergunta os faz erguer os olhos por trás de cílios e franjas.

– Como é? – Vaduin torce os lábios.

– Por que não posso chamar as cartas com gestos, contanto que sejam convocadas?

Ele se endireita de leve, torcendo o nariz para mim.

– Dois de Espadas – repete, friamente. Apertando os lábios, ergo a mão direita de novo, determinada a não dar o braço a torcer. Sua mão se move mais rápido que uma víbora. Dedos frios seguram meu pulso enquanto ele se inclina e me perfura com os olhos cor de esmeralda. – Dois de Espadas.

Com um esforço para também não franzir a testa, encaro o baralho e ordeno à carta que se mova. Ela estremece, quase deslizando para fora. As cartas se separam e...

Caem ao chão, se espalhando. O som de papel deslizando contra pedra nunca foi tão alto... ou humilhante. As cartas nunca se rebelaram comigo.

– É por *isso.* – Vaduin me solta. – Lançar cartas tem tudo a ver com conectar sua essência pura com seu baralho. Se você depende de gestos, não está se permitindo encontrar essa conexão plena. Além disso, vai dar a seus inimigos um jeito fácil de te incapacitar.

Como Eza, Cael e Nidus... Merda. Odeio que ele tenha razão. Cael e Nidus devem ter observado meu lançamento no Festival do Fogo e contado tudo a Eza enquanto eles bolavam seu plano. Tento impedir meus olhos de se desviarem para ele, mas não consigo. Ele está sorrindo como um idiota.

A náusea e o mal-estar só pioram quando Vaduin acrescenta:

– Além disso, movimentos assim fazem você parecer uma Arcanista ilegal fugindo de fiscais na rua. Arcanistas com *treinamento adequado*, como alguém do seu status deveria ter, nunca fariam isso. – O jeito como ele sustenta meu olhar e suas palavras afiadas deixam apenas silêncio atrás de si.

Esse silêncio é quebrado quando outro iniciado, Marlon, murmura para

um homem ao seu lado como "a puta do príncipe provavelmente é tão desleixada na cama quanto é no tarô".

Meu punho se fecha ao redor da metade do baralho ainda na palma, quase tremendo. Mordo a língua para não retrucar. Uma dama não se rebaixaria a sequer reconhecer a existência de tal comentário. Mas, pelos Vinte, como eu queria poder só liberar a Arcanista ilegal em mim que Vaduin está tão pronto para insultar.

– De novo, Redwin. Mas dessa vez sem os seus floreios. – O professor finge não ter ouvido Marlon, embora isso seja impossível. – Três de Espadas – diz ele à classe.

Rapidamente coleto as cartas que se espalharam no chão. O baralho está pesado na minha mão agora. A facilidade, a emoção e qualquer alegria que eu poderia ter ao lançar cartas sumiram. Enfio os dedos que não seguram o baralho sob a coxa e devoto todo meu foco às cartas. O Três de Espadas estremece. Hesita. Suor brota na minha testa. *Erga-se, maldição.*

Estremecendo, devagar, quase a contragosto, a carta se ergue. Uma vitória nunca pareceu tão pequena ou vazia.



É como se eu andasse pela Academia com um braço amarrado atrás das costas, e cada dia é mais frustrante que o anterior. Não posso pintar nem lançar nenhuma carta mais alta que a quinta – já que não é algo que primeiranistas deveriam ser capazes de fazer. É estritamente proibido para nós sequer tentarmos cartas mais avançadas, para reduzir o risco de uma carta se inverter caso alguém tente alcançar uma magia mais poderosa do que consegue controlar. Meu nível de habilidade levantaria suspeitas demais.

As cartas a que tenho acesso parecem desconhecidas. As linhas que exigem que eu desenhe não são nada como as formas que mamãe me ajudou a dominar. O modo como Vaduin ensina o lançamento faz minha mente, magia e corpo se moverem – ou não se moverem – como nunca.

E a leitura? Pelos quatro naipes, essa sempre foi mais a especialidade de Arina...

Tudo nesse lugar é estranho e desconfortável. Quando os segundo e

terceiranistas se dignam a olhar para nós, iniciados, seus olhos nos dissecam com um escrutínio que nos expõe até os ossos. E há pouco alívio a ser encontrado entre meus pares. Panelinhas começaram a se formar, mas eu não pertenço exatamente a nenhuma delas. Não sou "nobre o bastante" para me sentar entre os membros dos clãs, apesar da mentira de Kaelis e de minhas tentativas de me apresentar como uma herdeira perdida. Porém, essa mesma mentira também me mantém longe dos grupos de plebeus. Eles tampouco me veem como um dos seus.

Além de tudo, ainda sou assombrada pelos sussurros ocasionais que não consigo ignorar, por mais que tente. "Você ouviu falar do fugitivo de Halazar?", "A pessoa não morreu no rio?", "Os fiscais disseram que nenhum corpo foi encontrado", "Que assustador", e assim por diante... Eu me impeço de comentar qualquer coisa sobre os boatos. Mesmo assim, uma noite, na área comunal, escuto Eza mencionar de passagem:

– Aconteceu pouco antes do Festival do Fogo. Vocês não acham que um dos iniciados poderia ser o fugitivo, acham?

Ninguém pareceu prestar atenção, mas juro que as fofocas ficaram piores depois.

Minha única trégua é o companheirismo inesperado que encontro com Sorza, Dristin, Luren e até Kel, nas refeições e durante as tardes. Mas, ao anoitecer, sempre me despeço deles para me esgueirar nos corredores mais quietos da Academia – aquelas passagens escuras que já achei opressivas, mas agora parecem um santuário.

Longe dos olhos intrometidos de todos, trabalho para fortalecer meu corpo.

Corro, subo três lances de escada, desço três, passo por quatro cômodos – mais e mais, até estar tonta, tropeçando, vomitando. Empurro uma mesa para baixo de uma janela e me penduro em um varão de cortina firme, tentando erguer o queixo por cima dele. Ergo e abaixo estátuas caídas, devolvendo-as ao lugar, depois de volta ao chão, e de volta ao lugar outra vez. Movo o corpo até meus braços e pernas começarem a tremer e minha cabeça girar – e, no segundo em que recupero o fôlego, começo tudo de novo.

Dói. Tudo dói. Mas a dor é mais doce que o café da manhã açucarado que se segue cada manhã. É como se eu pudesse extirpar aquelas passagens amaldiçoadas de Halazar como suor dos poros. Como se pudesse garantir

que nenhum dos boatos se vire na minha direção se eu mudar fisicamente a mulher que era quando deixei a prisão.

Evito de propósito o Santuário dos Maiores, criando minhas próprias áreas de estudo e treino. Enfrentar Eza, Nidus ou Cael de novo antes de ter recobrado minhas forças não vale a pena. Mas isso não significa que não esbarro em outros Maiores.

Como Silas... em quem eu quase trombo uma noite.

Estou no meio de uma corrida em um corredor que circunda a borda externa da fortaleza – um dos meus lugares preferidos para treinar – quando escuto:

– Passeando um pouco?

Paro de repente, quase tropeçando.

Silas parece culpado como uma criança roubando biscoitos de um carrinho de rua.

– Sou só eu, não precisa se preocupar.

– Talvez seja um bom motivo para eu me preocupar – digo.

Ele relaxa, com um leve sorriso.

– Eu estava dando uma volta também.

Dando uma volta? Estou fazendo muito mais. Suor escorre pelo meu corpo.

– Estou tentando não me sentir tão... patética – admito, para mim mesma e para ele.

– Você está longe disso.

– Você é muito gentil. E um mentiroso. – Dou um sorrisinho.

Ele me lança um olhar que sugere que está se esforçando *muito* para não revirar os olhos.

– Uma pessoa "patética" não escaparia de Halazar... nem correria pela Cidade do Eclipse quando está só pele e ossos.

– Eu faço o que é preciso. – Os elogios são sinceros, o que me deixa levemente desconfortável.

– O que te fez se sentir patética?

Caminhamos lado a lado enquanto recupero o fôlego e conto a ele sobre minhas dificuldades com o estilo de magia da Academia e como é a primeira vez que me senti inadequada quando se trata do tarô. Ele me dá umas dicas boas para tentar incorporar, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

É surpreendentemente fácil conversar com Silas, então não me

incomodo quando ele aparece na noite seguinte. Ou na outra.

Posso ver por que Arina falava dele com tanto afeto.

A rotina se torna um ritmo. Um dia após outro, meu foco é me fortalecer. Não posso fazer nada se continuar fraca como Halazar me deixou. Descobrir a verdade sobre Arina e nossa mãe. Fugir da Academia. Ajudar o clube. Roubar o Mundo bem debaixo do nariz de Kaelis. Nada disso vai acontecer até eu voltar à minha antiga forma.

Minha concentração é tão singular, tão intensa, que não percebo que se passaram quase seis semanas desde que ouvi a voz de Kaelis ou vi sua figura envolta em sombras esgueirando-se pelos corredores ao meu redor. Aulas matinais; estudo à tarde na biblioteca com Luren, Kel, Sorza, Dristin ou todos juntos; e as noites para mim mesma ou treinando com a ajuda de Silas.

Mas a monotonia da rotina é inesperadamente estilhaçada uma tarde – por uma caixa que se materializa no meu guarda-roupa. É discreta, um pacote simples, cinza-ardósia, com um laço de seda preta.

E um cartão, com uma data, horário e endereço que reconheço como a mansão do regente na Cidade do Eclipse, mas sem assinatura.

Quando abro a caixa, meu estômago despenca. Engancho um único dedo numa fitinha de couro afixada a uma renda tão fina que poderia ter sido feita de teias de aranha.

– Ah, Vinte, não.



Atravesso a ponte até os aposentos de Kaelis com passos largos. Meus seios estão escandalosamente espremidos contra o corpete de couro preto escultural, um pouco pequeno demais, coberto com uma camada de renda e contas intricadas. Uma espaldeira de penas de pomba e corvo cobre meus ombros, da qual descem faixas de chiffon até os tornozelos, me transformando em uma sombra viva. A saia é feita de seda, duas fendas chocantemente altas expondo ambas as pernas enquanto caminho.

Meus esforços para recuperar as forças têm dado frutos. Suspeito que a peça foi feita com base em minhas medidas ao chegar, pois tudo está um pouco apertado. Minha pele pressiona contra sua prisão de couro e renda a cada respiração.

Mas... isso é obviamente parte do apelo. Estou um deleite e sei disso. Então mantenho a cabeça erguida enquanto os Stellis que flanqueiam os aposentos de Kaelis me deixam passar. Seus olhos se demoram em mim, e é outro lembrete de quanto tempo faz desde que chamo a atenção de alguém. Um lembrete de que a sensação é... *boa.*

Vou até a porta de Kaelis e, por um segundo, considero bater. Mas a

euforia de me sentir tão excepcional em minha própria pele vence e, no fim, decido não me anunciar e só abro a porta com um floreio um pouco dramático.

É a escolha errada.

Kaelis está parado na frente da cama. A luz baixa do quarto reflete em sua pele, lhe conferindo uma palidez quase fantasmagórica. Ele inclina a cabeça para mim e faz uma pausa, sem nem fingir se preocupar com a modéstia, embora esteja sem camisa e com a calça perigosamente desatada. A fina linha escura de pelos que desce por sua barriga atrai minha atenção para os cordões pendendo preguiçosamente das mãos, que não fazem questão de se mover depressa.

– Se queria tanto me ver sem roupas, era só pedir – diz ele, com a voz arrastada.

– Pelo menos você *tem* roupas. – Aponto para meu decote e a seção exposta de pele entre o corpete e a saia, mantendo a compostura, embora sinta o rosto esquentar um pouco. – Em vez desse pedaço de pano que o alfaiate conseguiu fazer com retalhos da lixeira.

Kaelis inclina a cabeça, descendo os olhos pelo meu corpo. Esse único olhar me dá a sensação de ter mãos invisíveis sobre a pele exposta. Meu corpo se arrepia, e fico feliz que ele não possa ver o que consegue fazer comigo sob essa luz baça. Talvez sejam as roupas, mas, por um momento, parece que nenhum de nós dois somos nós mesmos. Pela primeira vez, sinto que podemos habitar esses papéis falsos.

– A "lixeira" caiu bem em você – diz ele.

Cruzo os braços e me encosto no batente, mantendo a distância enquanto me recomponho.

– Aposto que você diz isso pra todas as mulheres que mantém presas por um ano antes de decidir se casar com elas.

– Todinhas.

Ele termina de amarrar a calça e enfia a camisa por cima da cabeça. Tenho um último vislumbre dos músculos em suas costas se movendo enquanto ele puxa o tecido para baixo.

Kaelis é uma criatura esguia e musculosa. Um homem de contrastes duros, com um corpo que parece... *ansiar.* É a única palavra que me vem à mente para descrevê-lo. É como se ele ansiasse por um sustento que a comida não é capaz de dar. Por um conforto mais profundo do que os

veludos e peles com que se cerca. Pelo toque de algo gentil... ou pelo menos um prazer profundo o suficiente para se esquecer por um tempo. Seu corpo é cheio de vales e depressões para as sombras que o amam. Ele é cheio de vazios que só posso imaginar que luta para preencher há anos. E, inesperadamente, consigo me identificar com isso.

– Vamos chegar atrasados se você não se apressar – comento enquanto ele começa a prender as abotoaduras com toda a calma. Ignoro a sensação de companheirismo inesperada que sinto com ele. Sei que estou vendo coisas que não existem.

– Um príncipe não precisa ter pressa, sempre chega quando quer.

Agora eu sei que ele está se movendo com lentidão deliberada.

– Isso é outra coisa que diz a suas parceiras? – brinco. – Que sempre chega lá?

– Seria bom, não acha? – Um sorrisinho satisfeito desliza por seus lábios tão devagar quanto o paletó preto impecável que joga sobre os ombros.

Reviro os olhos e me obrigo a desviar o olhar, sentindo o calor nas minhas bochechas contra a minha vontade. *Controle-se, Clara.* Sendo bastante objetiva, se eu tivesse que ser completamente sincera, o príncipe é... atraente. De um jeito estranho, enervante, mas que não deixa a pessoa desviar os olhos. Como uma espécie de ave de rapina letal e esguia, mas belíssima.

Se Kaelis repara que estou evitando olhar para ele, me faz a rara gentileza de não apontar. Em vez disso, calça as botas e, com um ajuste final do paletó, cruza o quarto e me oferece o braço.

– Vamos acabar logo com isso?

– Mostre o caminho.

Deslizo os dedos pelo interior do seu braço. O calor do seu corpo me envolve enquanto andamos lado a lado pela Academia.

Eu me certifico de me aproximar mais dele quando passamos pelos Stellis, como se estivesse encantada por estar ao seu lado. Nós nos separamos um pouco enquanto percorremos salas e passagens, até um pátio escuro onde uma carruagem e cocheiro esperam. Eu permito que ele me ajude a subir, as mãos se detendo na parte inferior das minhas costas, dos meus quadris... das minhas coxas. Mas, assim que a porta se fecha e estamos fora da vista do cocheiro, Kaelis se recosta no assento como se não pudesse se afastar o suficiente de mim.

– Vamos precisar ser convincentes – murmura ele. – Os outros nobres vão estar observando. Os Altos Lordes e as Altas Damas podem estar lá. Meu pai vai ouvir sobre nós e...

– Kaelis – interrompo. – Eu sei de tudo isso.

Ele percebe que eu já estou fazendo o que está me dizendo para fazer. Curvo de leve os lábios pintados de carmesim. Ele dá uma risadinha baixa.

– Vamos encenar um bom espetáculo, então. – Ele cruza os braços e sua expressão fica séria de novo. – Eis o que você precisa saber para se misturar com a nobreza e ter qualquer chance de que eles acreditem que merece estar entre eles...

A palavra "merece" me irrita, mas mantenho a boca fechada e me concentro no que Kaelis diz em seguida. A verdade é que não conheço as nuances da vida ou da política dos clãs. Passei tanto tempo me ressentindo da nobreza que nunca me dei ao trabalho de aprender nada além do que achei ser necessário para destruí-los.

Agora esse conhecimento é a única coisa me impedindo de ser jogada de volta em Halazar.

A carruagem cruza a longa ponte que cobre o espaço onde o rio Farlum encontra o mar e adentra a cidade. Eu me recosto no banco, vendo o glamour das partes mais ricas da cidade passar pela janela. Posso sentir os olhos de Kaelis me estudando enquanto fala. Talvez... um pouco mais atentamente do que até ele pretendia.

Bem, foi ele que escolheu o vestido. Se está distraído, a culpa é toda dele. Eu me endireito um pouco e lentamente cruzo e descruzo as pernas, permitindo que a fenda na altura do quadril se abra. Acho que o vejo umedecer os lábios, mas não tenho certeza.

– Você está ouvindo? – Sua voz sai um pouco rouca.

– Posso olhar pela janela e ouvir ao mesmo tempo – garanto a ele.

– Só tenha modos melhores quando estiver perto da nobreza.

– Quando eu vir alguém com nobreza real, serei a imagem da educação.

Ele bufa – de divertimento, não ofensa.

A mansão do regente, construída para o príncipe Ravin, é uma construção grandiosa e fortemente iluminada por lamparinas e arandelas para deixar a riqueza dele à mostra. A carruagem se enfia por entre portões robustos e segue por um caminho que sobe em meio a jardins. Kaelis sai

primeiro quando paramos, afastando o cocheiro para poder me ajudar a descer ele mesmo.

Música e risadas transbordam das muitas portas abertas ao redor do alpendre que envolve a mansão. Pinturas estão apoiadas em cavaletes, paredes e móveis. Há esculturas entre elas. Bardos andam por ali, e contorcionistas movem o corpo lentamente, para a admiração e deleite dos nobres ao redor. Homens e mulheres penduram-se do teto usando apenas pedaços de seda.

Meus dedos roçam os de Kaelis quando subimos os degraus. O movimento, embora não seja intencional, atrai os olhos dele para os meus.

– Estou com você – sussurra ele, entrelaçando os dedos nos meus. Tem algo em seus olhos que me faz sentir... segura. – Só siga meu exemplo e nada de ruim vai te acontecer esta noite, prometo.

– Eu não vou decepcionar nenhum de nós dois – digo, apertando a mão dele.

Não acho que estou imaginando um suspiro suave e o modo como sua respiração se acalma, mas nem eu nem ele prolongamos o momento.

Somos levados pelas correntes da festa. Kaelis nos conduz de um cômodo a outro, sua mão sempre tocando meu corpo. Quente na minha coxa. Acariciando a lateral do meu torso, perigosamente alta nas costelas, enquanto me apresenta casualmente às pessoas por quem passamos. Não deixo de ouvir as conversas ocasionais sobre quem fugiu de Halazar, embora pareça que nenhum dos nobres esteja muito preocupado com isso. Depois de dois meses sem pistas, o entusiasmo pelo mistério está morrendo.

Estou prestes a dizer que acho que estamos indo bem... quando Ravin aparece.

– Clara, Kaelis! Estou *tão* feliz que ambos puderam vir. – Seus olhos escuros estão quase pretos na luz baixa do alpendre.

– Eu não perderia por nada. – Sorrio, me aproximando um pouquinho de Kaelis para dar ênfase às palavras seguintes. – *Nós* não perderíamos por nada.

– De fato – concorda Kaelis, me puxando mais para perto. – Onde está Leigh?

Leigh Strongborn Oricalis. *O Flagelo do Vento*, como é chamada. Uma guerreira tão feroz que supostamente é capaz de enfrentar até o Arcanista mais habilidoso, mesmo sem possuir magia.

– Ah, você sabe como ela é. – Ravin dá de ombros e ri. – Essas festas não são muito do seu gosto. Ela está no estábulo com seu garanhão, acho. – Ele se cala e direciona o olhar para mim. – Isso não é um eufemismo. Ela ama seu cavalo mais que a maioria das pessoas.

– E ama seu falcão pelo menos o dobro que ama o cavalo – acrescenta Kaelis. – Talvez até mais do que a você, irmão.

Ravin leva uma das mãos ao peito, fingindo estar magoado.

– Assim você me machuca, mas duvido que esteja errado. Nenhum de nós pode estar tão profunda e perdidamente apaixonado quanto vocês dois. Ou formar um par tão equilibrado. Estão dizendo que é uma história de amor épica. Uma das poucas coisas que os nobres parecem mais animados para discutir do que sobre quem fugiu de Halazar. – Ravin pousa os olhos reluzentes nos meus.

Eu só sorrio educadamente. Kaelis tenta fazer o mesmo. Pelo menos eu acho... parece mais um esgar.

– Aliás, Clara, tenho um convidado especial que gostaria que conhecesse.

As palavras de Ravin são leves... mas o príncipe primogênito ainda tem aquele brilho no olhar e só fico mais tensa. Ele dá um passo para trás, chamando alguém.

É aí que o vejo.

Liam.

O passado que achei ter enterrado há muito tempo e o futuro que matei estão, de repente, parados na minha frente. Seus olhos azul-claros são tão vibrantes quanto me lembro – como estavam na interação dele criada pelo Cálice Arcano. Esses olhos azuis se fixam nos meus, e sinto minha mão soltar o quadril de Kaelis. Eu cairia se o príncipe não me puxasse mais para perto, me ancorando no presente.

– Clara? – exala Liam. O som do meu nome é uma surpresa. De alguma forma, ele engloba a verdade sensível e dolorosa de tudo, *tanta coisa*, que nunca foi dito.

Uma mulher o acompanha, seus olhos dourados voando entre mim e seu noivo. Eu me lembro dela. Seu cabelo cor de fogo enrolado em pequenos cachos. O jeito como ela prende pequenas pedras preciosas nas tranças como as estrelas que dão nome ao seu clã. Lembro de tudo, até da aliança brilhante no dedo dela.

– Liam? – cutuca ela, gentilmente.

– Sim. – Liam pigarreia e por fim afasta a atenção de mim. – Elara, meu amor, esta é Clara Ch...

– Redwin – intervenho depressa. O passado finalmente afrouxou seu aperto na minha garganta e consigo falar. Vejo Liam franzir as sobrancelhas de leve, mas quase não é perceptível, já que mantenho o foco de todos em mim. – É Redwin agora que descobri minha linhagem, graças ao príncipe. Clara Redwin.

– *Lady* Clara Redwin – acrescenta Kaelis com firmeza.

– Éramos velhos conhecidos antes de minha história familiar ser descoberta – tento explicar depressa, afastando meu nome verdadeiro o máximo possível da conversa.

Eu tinha esquecido que contei meu nome verdadeiro, Chevalyer, a Liam. Nunca deveria ter confiado isso a ele. Fiz coisas idiotas quando achei que tinha conhecido o amor da minha vida aos 17 anos.

– Sim, eu a conhecia na época em que vivia na Rua da Prata. – O tom de Liam é neutro, para meu alívio, não revelando nada sobre nossa história mais profunda.

Torço mentalmente para que, se um dia ele já sentiu amor ou afeição por mim, capte a necessidade de discrição quando se trata de tudo a meu respeito. Será que ele sabia que eu estava em Halazar? A única decisão segura é supor que ele tem informações mais do que suficientes para me condenar.

– Ah, sim. – Elara me dá um sorriso ensaiado e educadamente estende a mão. – Liam mencionou você.

O que isso significa?

– Ah, é mesmo? – Ravin parece encantado quando tomo a mão de Elara. – Clara é inesquecível. De que outra forma poderia ter enfeitiçado meu irmão? Mas suponho que sua história deliciosa, digna de uma peça de teatro, contribua para seu apelo.

– "Enfeitiçado"... – Liam sussurra. – A noiva do príncipe... é você?

Eu assinto, minha garganta seca.

– Ah, aceite meus votos mais calorosos. – Elara dá um sorriso enorme. Não sei dizer se está fingindo não reparar no clima estranho.

– Obrigada – falo.

– Sim, parabéns – diz Liam, se obrigando a falar.

Foi você que me deixou, quero gritar. Mas só consigo sorrir por causa dessa farsa em que estou presa.

Kaelis continua quieto, mas a mão no meu quadril está quase queimando minha pele. Sua energia mudou no instante em que avistou Liam.

– Se me dão licença, estou morrendo de sede. – Dou um passo para longe, me libertando de Kaelis e de toda a cena.

Um cômodo. Depois outro. E mais um. Subo uma escadaria até o segundo andar, passando por alguns menestréis e um casal espremido num armário de casacos que esqueceu de fechar.

Não consigo respirar. Cada alça de couro está me apertando. *Esse tempo todo... eu estive pensando em você. Era você que eu queria. Só você...* Ainda consigo ouvir a voz de Liam, criada pelo Cálice Arcano, dentro de mim. Como se ele ainda estivesse aqui. Como se ainda fosse uma parte do que poderia ser...

O som de passos me faz soltar os braços devagar. Eu estava me apertando com força, como se pudesse afastar meus pensamentos acelerados e encontrar algum conforto. Eu me viro, em parte esperando ver Liam.

Mas sei que não é ele pela cadência dos passos. Como eu já reconheço os passos do príncipe?

– Não sei se é aqui que você vai achar uma bebida – diz Kaelis devagar, apontando para as telas que me cercam. As lamparinas no teto lançam sombras dramáticas no rosto dele.

– Eu me perdi.

– Você fugiu.

Frustração e vergonha me causam uma pontada no peito.

– Eu fiz uma retirada estratégica. Não queria que ele dissesse algo que não deveria.

O espaço entre nós se fecha até não restar quase nada. Kaelis baixa os olhos para mim. Cada luz e sombra emoldura suas feições afiadas, deixando-o mais elegante do que qualquer estátua à mostra na casa.

– Ele sabe demais. – As palavras soam como uma ameaça.

– Ele não vai dizer nada – prometo.

– Mesmo se Liam não disser – a voz dele fica mais grave ao falar o nome –, Ravin vai ver isso como uma vitória. Ele suspeita de você, por bons motivos, e se tiver qualquer prova de que não é uma nobre, como dissemos...

– Liam não vai dizer nada – insisto. – E eu não vou dar provas a ele. – Posso ouvir a acusação na voz de Kaelis.

– Suas ações dizem o contrário. – Há fogo nos seus olhos escuros. – Você ainda ama aquele homem, não ama?

– De forma alguma – rebato, com amargura, desafiando o puxão das minhas emoções. – Ele é só uma ferida antiga.

– Que não se fechou nem sarou – fala Kaelis com confiança, e odeio que esteja certo. Desvio os olhos, mas minha atenção volta a ele quando os nós de seus dedos sobem pelo meu braço e roçam contra minha bochecha. – Quantas velhas feridas você só deixa sangrar, Clara?

As palavras são pouco mais que um sussurro. Seu dedão corre pelo meu lábio inferior. Tento resistir a um arrepio, mas não consigo.

– Quantas feridas *você* tem?

Devolver a pergunta é uma réplica fraca e eu sei disso. Tão fraca quanto meus joelhos estão agora.

– Tantas que vou ter que refazer o mundo todo para curá-las. – Sua voz é grave. Eu não esperava que ele respondesse.

Pelo canto do olho, vejo uma figura aparecer na porta. Um semblante familiar, que eu reconheceria em qualquer lugar – dos meus sonhos mais doces, dos meus piores pesadelos. Os olhos de Liam são inquisidores. Ele veio sozinho, sem dúvida com perguntas infinitas que espelham as minhas. Esse poderia ser nosso momento para esclarecer tudo.

Mas o que ele poderia dizer para consertar as coisas? Não existem desculpas.

Pânico e raiva correm pelas minhas veias. Uma parte de mim não quer ser vista assim com Kaelis. Outra parte quer que Liam saiba que não me importo mais com ele. O impulso cruel de feri-lo como ele me feriu vence. Agarro Kaelis, deslizando a mão ao redor do seu pescoço, e o puxo para mim. Meus lábios o encontram em um beijo súbito e feroz.

Kaelis se enrijece. Eu puxo seu cabelo. *Não ouse se afastar*, tento transmitir com o aperto em sua cintura, minha mão descendo mais. Mas o príncipe me surpreende, derretendo no beijo. Ele tira a mão do meu rosto e me envolve nos braços, me puxando ainda mais para perto.

Sinto cada centímetro do corpo rígido que vislumbrei mais cedo. O desejo que me preencheu então é palpável agora. Está vivo em mim. Anseio por algo que me torne *real* depois de um ano de catividade fria. O toque ao

qual estava tão sensível, semanas atrás, agora me arrebata. Sem minha permissão, o mundo desaparece – e Liam junto com ele.

Há um baque quando uma das pinturas cai. O cavalete tomba com ela. Minhas costas atingem a parede.

A língua de Kaelis está na minha boca. Ele me beija como se tivesse esperado anos por isso. Ergo a perna para envolvê-la ao redor da coxa dele, minha saia subindo perigosamente. O príncipe morde meu lábio inferior com um rosnado baixo.

Mal consigo respirar. Ele empurra os quadris para a frente e eu estremeço. *Caralho.* Odeio isso. Odeio como é bom. Odeio como estou desesperada para ser tocada e não fazia ideia. Mas o que mais odeio é que seja *Kaelis* inspirando essas sensações.

Ele enfim se afasta. Quando abro os olhos, ele está me encarando com hesitação. Ambos estamos sem fôlego.

– Ele... Liam... – Tento desesperadamente justificar minhas ações para ele. Para mim mesma.

– Eu sei. Também vi.

Ele inclina a cabeça para um espelho, posicionado à perfeição para dar uma vista da entrada. Eu me pergunto se Kaelis ficou com um olho aberto durante o beijo todo, esperando para ver quando Liam iria embora. Os olhos do príncipe descem por mim uma última vez, os dedos seguindo minha bochecha, pescoço, clavícula. Então param, antes de correr sobre a faixa logo acima dos meus seios. Minhas respirações pesadas tocam a ponta dos seus dedos, como se o tentasse a ir além. Como se tentasse a nós dois.

– Boa jogada... Eu sempre soube que você era perigosa.

– Mais do que você imagina – sussurro.

Ele sustenta meu olhar por um momento prolongado antes de se afastar de vez.

– Vamos sair às pressas. Deixe o cabelo bagunçado e o batom todo manchado. – Ele passa o dedão na minha boca. – Vamos deixar as roupas amarrotadas mesmo. Que eles fofoquem sobre a gente até não sobrar ninguém falando da sua linhagem suspeita ou de quem fugiu de Halazar.

Eu assinto, e Kaelis me escolta para fora da mansão. Ele não me toca de novo depois que entramos na carruagem – nem quando nos despedimos de maneira desconfortável e silenciosa na Academia –, mas sinto o fantasma do seu toque e o calor de sua boca noite adentro.



CAPÍTULO 28

Na manhã seguinte, Kaelis aparece no café da manhã – o que é raro. Mas claro que ele fez questão de estar aqui hoje.

E eu faço questão de não olhar para ele.

Fugindo de novo, Clara? Quase consigo ouvi-lo ronronar no meu ouvido enquanto termino de comer o mais rápido possível e sigo para a aula de lançamento. Meus pés andam mais rápido, contra minha própria vontade. Como se meu corpo estivesse tentando me sabotar, provando que até o fantasma dele está certo.

– Você está bem? – pergunta Sorza.

– Ouvi dizer que ela teve uma noite agitada. – O tom de Dristin é brando, mas luto contra o rubor mesmo assim. Se *Dristin*, de todas as pessoas, ficou sabendo...

Olho para Luren.

– Já estão falando disso?

– É sempre assim. – Ela me oferece um sorriso como se pedisse desculpas.

– Achei que estudantes não pudessem sair da Academia – resmungo.

– *Você* saiu. – Dristin ajusta os óculos, soando levemente ofendido por

não ter tido permissão também.

– Bem, sim, mas... – Me atrapalho em busca das palavras certas.

– Mas você é uma nobre perdida noiva de um príncipe, ou seja, exceções podem ser feitas – conclui Luren e toma meu braço, me dando um tapinha como se dissesse *Está tudo bem.*

– Exceções podem ser feitas para enfiar a língua na boca de Kaelis em uma galeria isolada, pelo que ouvi dizer – acrescenta Kel com um sorrisinho presunçoso.

Não sei dizer se estou aliviada por essa parte da história ter escapado... ou se estou tão horrorizada com as pessoas sabendo que beijei Kaelis que quero que o chão se abra e me engula inteira.

– As mesmas exceções que são feitas para quase todos os nobres – murmura Dristin.

Luren ignora o restante deles.

– A festa foi divertida, pelo menos?

– Foi razoável.

– Então Kaelis não é bom de cama? – pergunta Kel, seca.

– Eu nunca disse nada do tipo – protesto depressa.

– Então você *dormiu* com ele. – Kel me olha pelo canto do olho, parecendo um tanto satisfeita por me obrigar a apontar minha omissão.

– Uma dama não fala dessas coisas.

Eu bufo e me viro para a frente, sabendo que provavelmente é melhor alimentar as fofocas com detalhes benéficos à história que Kaelis e eu precisamos vender... mas mesmo assim é insuportável.

No caminho para a sala de aula, não deixo de notar os olhares e sussurros. O espetáculo que encenamos se alastrou pela Academia. Eu devia ter imaginado que um novo assunto quente transformaria o fugitivo de Halazar em notícia velha, de preferência esquecida. Mas não parece ser o caso, já que novos boatos circulam até sobre isso. A festa não fez nada além de jogar combustível nas fogueiras de rumores.

Quando a aula começa, eu já não aguento mais.

Vaduin está usando um sobretudo hoje, remendado nos cotovelos como se desgastado após anos de tanto se encostar na mesa. Ele nos manda sentar e começa uma palestra sobre as nuances do lançamento das cartas de Ás – como cada um pode realizar um pequeno feito elemental, e os vários modos como essas magias elementais podem ser aplicadas.

– Lady Clara Redwin – chama ele, apontando para o centro da sala –, poderia demonstrar?

A sala fica subitamente mais fria quando todos os olhos se voltam para mim. Eu me levanto.

– Qual Ás gostaria que eu usasse?

– Os Desafios do Três de Espadas não estão muito longe.

– Cento e vinte noites – murmura Sorza.

Se Thornbrow ouviu, ignora o comentário.

– Por que não escolher a carta da Casa na qual pretende entrar?

Se eu já não tivesse feito tantos acordos clandestinos e treinado para não demonstrar emoções, teria semicerrado os olhos para o professor. Declarar minha intenção de me juntar a uma Casa tão cedo é uma coisa perigosa. Poderia fechar portas prematuramente a oportunidades necessárias.

– Muito bem.

Cruzo os braços, fazendo questão de mostrar que convoco a carta sem um único gesto dos dedos. Na minha vida passada, Paus sempre foi minha preferência, mas aqui acho que Espadas será a Casa que vai me ajudar a sobreviver.

A carta brilha, alongando-se em um crescente de luz e sombra, e dispara na direção de Vaduin. O cabelo escuro do lado esquerdo da cabeça dele mal se move, seguido imediatamente por uma lufada de vento que soca os bonecos de treino nos fundos da sala.

Com uma bufada, Eza se inclina para Alor – notei nas últimas semanas que os dois são mais próximos do que eu gostaria – e diz:

– Só isso?

Ela se vira para ele e não consigo ver o olhar que trocam nem escutar o que podem estar dizendo.

Mas, nem um segundo depois, a cabeça do boneco do meio silenciosamente se separa do pescoço, caindo ao chão com um baque seco. O estofamento de palha se esparrama ao redor. A sala fica em completo silêncio.

– Muito bem – fala Thornbrow, embora não pareça nem um pouco impressionado. Não que eu precise de sua aprovação. Não que eu precise da aprovação de qualquer um.

Eu me sento de novo, e Thornbrow continua a aula.

Quando o sino toca algumas horas depois e todos começam a reunir

suas coisas, Alor não perde tempo em vir até mim. Eu a cumprimento só com um olhar. Desde que chegamos à Academia, não dissemos mais do que algumas palavras uma à outra. Graças a meu treinamento noturno, nossos caminhos raramente se cruzam. E o fato de ela ainda dormir com sua adaga me diz tudo que preciso saber. Ela também não está aqui para fazer amigos.

– Só tem duas vagas na Casa de Espadas – diz ela, casualmente. – Uma é minha e a outra será de Eza.

Não digo nada, só continuo arrumando minhas coisas. Mas o que quero perguntar é por que, em nome dos Vinte, ela está se arriscando por Eza (logo por Eza!). Provavelmente a resposta é simples: só nobres defendendo nobres, e essa explicação faz meu sangue ferver.

– Então não tem motivo para você tentar obter uma delas – acrescenta.

Olho de esguelha para ela de novo, parando por um instante para que veja minha incredulidade. Tem o efeito que eu queria: ela se endireita um pouco, como se estivesse se preparando para um ataque, embora eu mal tenha me movido. Dou um leve sorriso, o que só parece irritá-la mais.

– Estou tentando te ajudar. – Ela abaixa a voz, se inclinando para perto. – Você pode ser uma nobre, talvez até uma Alta Dama depois que se formar... *se* o rei te der as velhas terras do Clã do Eremita que concedeu a outros lordes e damas após a destruição do clã. – Seu tom revela que ela duvida que tal coisa jamais acontecerá e que, se acontecer, provavelmente será uma má ideia. Até eu consigo ver que os Altos Lordes e as Altas Damas não iriam ficar muito felizes em ceder terras. – Mas não vamos nos iludir... Mesmo se fosse o caso, você seria a Alta Dama de um buraco gigante no chão.

Isso quase me faz reagir, o Clube dos Malfadados cruzando minha mente. Será que Kaelis teve algo a ver com isso, apesar de negar? Se ele já aniquilou um clã, reduzindo-o a nada... como posso saber que não fez isso com o clube?

– Os membros da Casa de Espadas são astutos, não vão escolher alguém que não ofereça um benefício tático a eles – continua Alor, alheia ao turbilhão dentro de mim. – Como você é nova no mundo da nobreza, escute quando digo que as coisas são feitas de um jeito e tem vezes que precisamos recuar e sair do caminho uns dos outros.

Solto um murmúrio, fingindo contemplar seu conselho, como se ela realmente tivesse transmitido algum segredo profundo para mim.

– Só para ver se eu entendi... Você está dizendo que é o tipo de pessoa,

que sua *irmã* é o tipo de pessoa, que não tem problema em ser aceita em uma Casa por nepotismo em vez dos seus próprios méritos?

– Não fale da minha irmã. – A voz dela fica afiada, e os iniciados que ainda não saíram para o almoço paralisam no lugar.

– Só estou tentando entender, já que você teve a gentileza de me educar. – Dou um sorriso breve. – Como é a irmã do rei da Casa de Espadas e parte da nata do prestigioso e nobre Clã da Torre, eu teria imaginado que iria querer se provar para seus pares e sua família. Que sua irmã também iria querer isso. Que vocês não aceitariam nada exceto o melhor. E que, portanto, nenhuma de vocês teria medo de um desafio.

Alor se inclina para a frente. Eu não me movo nem um centímetro. Se Kaelis não consegue me intimidar, não é ela que vai.

– Você deveria segurar a língua.

Faço um muxoxo.

– Ameaças não são muito apropriadas a uma dama.

– Como...

– Deixe-me ensinar algo a *você*, *lady* Alor. – Eu me levanto devagar. – Posso ser nobre há pouco tempo e apreciar profundamente sua gentil assistência ao tentar me guiar. – Deixo meu tom transmitir tudo que não estou dizendo de verdade. – Mas não esqueça que, por ser "nova", eu não cresci com os mesmos privilégios que você. Cresci em um mundo onde, se você ameaça alguém, isso tem consequências. Então tenha *muita certeza* de que quer ser minha inimiga antes de dizer outra palavra. Eu sei onde você dorme, afinal.

– Eu *não* estou tentando ser sua inimiga – sussurra ela.

– Bem, não é o que parece.

Reparo na mudança de expressão dos outros iniciados. Pareço ter ganhado algum respeito com os plebeus... e perdido um pouco com os nobres. Mas já avancei demais para recuar agora. Não que recuaria, de toda forma, agora que Eza está se aproximando.

– Precisa de ajuda para convencer essa aqui a mostrar respeito? – Eza corre uma das mãos por suas tranças quase brancas e sempre bagunçadas.

– Não. – Alor dá um passo para trás. – Não vale nosso tempo.

Só posso bufar.

– Que foi? – Eza aperta os olhos.

– Deixa quieto, Eza – diz Alor, mas seu apelo é ignorado.

– Eu acho adorável como vocês dois são próximos – minto. Ela falou com Eza como se fosse um cachorro. Tudo bem, talvez Alor não seja tão má assim. – Eu não fazia ideia.

– Tem muitas coisas que não sabemos um sobre o outro, acho. – Eza me dá um sorriso levemente maníaco, me lembrando de quanta coisa ele sabe sobre meu passado. É uma ameaça maior do que qualquer coisa que Alor tenha dito. De sua parte, Alor fica calada. Mas a vejo dar um olhar de soslaio na direção de Eza. De repente, eles não parecem tão próximos quanto eu pensei... Interessante. – Seria uma pena se várias coisas viessem à luz, não acha? Especialmente com boatos tão loucos sobre aquele fugitivo ainda à solta. As pessoas podem fazer conexões perigosas.

Cerro um punho.

Ele repara.

– Ainda com os gestos? É um mau hábito. Talvez um dia eu te mostre como um Arcanista de verdade lança cartas e te ensine a perdê-los.

– É só falar a hora e o lugar – digo antes que possa pensar melhor.

– Basta. – Thornbrow corta a tensão. – Lady Redwin, na minha mesa. Os demais, fora.

Não sei bem por que sou a única marchando para a mesa do professor Thornbrow enquanto o restante da turma pode sair, mas o sorriso convencido de Eza me segue enquanto atravesso a sala. Meu punho treme ao lado do corpo.

– Preciso avisá-la que... – começa Vaduin, entrelaçando os dedos.

– Acredito que Alor e Eza já se anteciparam no quesito avisos – interrompo.

Os cantos da boca dele estremecem, como se prestes a se curvar para baixo, mas a expressão não chega a se formar.

– Demonstrações como essa não são aconselháveis.

– Foram Alor e Eza que vieram falar comigo – resmungo.

– Não estou falando deles. Estou falando sobre o que você fez na aula. Se mostrar demais, cedo demais, só vai pintar um alvo ainda maior nas costas.

Eu não esperava receber um conselho aparentemente genuíno justo de Thornbrow.

– Um alvo *ainda maior*?

– Kaelis pode não ser muito amado, mas muitas pessoas desejariam o

poder que a proximidade a ele traz. – Thornbrow se recosta em sua grande cadeira de couro e espalma as mãos na mesa.

Penso em como Vaduin está sempre do lado do príncipe e me pergunto se ele é uma dessas pessoas. Em vez disso, digo:

– Eu não tenho medo delas.

– Um boato pode ser mais mortal que veneno.

Ele está sinceramente tentando me ajudar? Não consigo entender.

– Se já estão falando, é melhor eu entrar na conversa – rebato, dando de ombros.

– Ter os olhos dos outros sobre você não é sempre uma boa coisa aqui, Clara.

– Nunca foi uma boa coisa para mim. – Ajeito a bolsa no ombro. Nunca pedi para ser perseguida, caçada ou posta sob os holofotes. – Mas cá estou.

– Cá está você – repete ele, a voz baixa e agourenta, mas com uma nota de divertimento. – E não é sortuda? – Ele estreita os olhos de leve. – Uma jovem tirada da obscuridade graças a uma história fortuita e o amor de um príncipe.

– Um golpe de sorte, acho.

– Sortuda, de fato – diz ele, pensativo.

Aperto os lábios, desconfiando das insinuações não muito sutis e já tensa por causa dos boatos.

– É só isso, professor?

– Sim. Por enquanto. – Ele me dispensa com um aceno, e estou mais do que pronta para me livrar dele. Ainda assim, sinto seus olhos seguindo cada passo meu ao sair e me controlo para não sair correndo.



Os dias seguem em um ritmo monótono. Aulas pela manhã – uma rotação de pintura, lançamento e leitura – seguidas por tardes passadas na biblioteca ou praticando. Luren, Kel, Sorza, Dristin e eu fazemos companhia uns aos outros durante as refeições também. Sua companhia torna os dias um pouco mais suportáveis. Descubro que minhas suspeitas sobre Dristin estavam

corretas: ele é um nobre de uma linhagem inferior, especificamente do Clã da Carruagem.

Finalmente me sinto confiante para voltar ao santuário. Embora minha força não tenha retornado de todo, não sinto mais que sou feita de vidro. Sorza é uma presença amigável e o senso de segurança em números que ela oferece também ajuda. E – por mais que eu odeie admitir que Thornbrow estava certo sobre alguma coisa – ser capaz de convocar cartas sem gestos me tranquiliza, dado como Eza, Cael e Nidus me venceram da última vez segurando meus braços.

Os dias passam em seu ritmo constante.

– Algum de vocês já pensou no que vai fazer no Dia de Ouros? – pergunta Luren enquanto nós cinco voltamos para a área comunal.

Ela passou a semana anterior me azucrinando educadamente para ajudá-la em pintura. Enfim decidi aquiescer em vez de fugir para o santuário para trabalhar na minha carta Maior. Ela mais do que cumpriu sua parte do acordo ao me manter a par de todos os boatos da Academia.

Eu avisei Luren que minha abordagem de pintura ainda não é bem o que a professora Duskflame iria querer – algo que ela deixou dolorosamente claro quando arranjei tempo para vê-la recentemente –, mas minhas cartas *funcionam*, o que é mais do que Luren pode dizer sobre as dela.

– Provavelmente pintura. – Dou de ombros. – É no que sou melhor.

– E é uma boa estratégia. Você vai conhecer outros nobres, porque muitos vão ao Dia de Ouros para estocar cartas adicionais além daquelas que os Arcanistas do próprio clã conseguem criar – diz Dristin, com aprovação.

– Foi exatamente o que pensei – minto.

Dizem que o objetivo do Dia de Ouros é retribuir à comunidade. Mas, considerando que só clãs nobres têm permissão de segurar cartas e que além de tudo as acumulam, a única "comunidade" ajudada são os mais ricos.

– Você também poderia exibir seu lançamento – diz Sorza, ajeitando a pilha de livros que está carregando. Ela faz questão de assaltar a biblioteca regularmente, uma iniciativa na qual a ajudei de bom grado em mais de uma ocasião.

Ainda estou caçando informações sobre a carta do Mundo, com o máximo de frequência e sutileza possível. Mas não há muito a ser

encontrado. Eu não ficaria chocada se descobrisse que Kaelis tirou tudo relacionado a ela da biblioteca.

– É incrível como você consegue usar tantas cartas em sequência sem ficar exausta. Eu uso três e fico acabado pelo resto do dia – lamenta Dristin enquanto entramos na sala comunal.

– Sou sortuda, acho.

Nós nos sentamos ao redor de uma das mesas laterais. Estudantes vêm e vão, mas não prestam muita atenção em nós.

– Não, sério, você usa cartas como uma terceiranista, talvez até melhor. – Dristin se inclina para perto e abaixa a voz.

– Ah, deixa disso – digo, dispensando o elogio.

– Talvez ela tenha algum poder secreto e não quer compartilhar conosco – brinca Sorza. Imediatamente lhe dou um olhar seco e ela faz um biquinho, contendo uma reação maior.

– Só pense em quanta coisa você vai conseguir fazer depois de sua próxima oferenda ao Cálice Arcano. – Luren abre um dos seus cadernos, que está cheio de rascunhos de símbolos e anotações de pintura. Dristin segue seu exemplo. Parece que ela não vai ter uma aula particular hoje.

– É engraçado... – Dristin ajusta os óculos e abaixa a voz. – Algum de vocês já pensou que talvez seja possível usar arcanos mais avançados sem fazer um sacrifício ao Cálice?

Sorza e eu trocamos outro olhar, as duas provavelmente pensando nos Maiores. Mas há alguma verdade no que ele está dizendo, e é Kel quem confirma:

– Ouvi dizer que alguns Arcanistas têm talento para usar cartas mais avançadas – diz ela. – E que, com a prática ou o treinamento certos, podem até desbloquear essas habilidades por si sós, sem o Cálice.

– Kel! – Luren arqueja, escandalizada. – Isso é contra a lei. O único jeito de progredir no tarô é fazendo sacrifícios ao Cálice.

– Não estou dizendo que *eu* vou fazer, só que as pessoas comentam que é verdade. Uma fofoca não vai me fazer ser levada pelos fiscais da cidade. – Kel dá um sorrisinho travesso.

Luren empurra o ombro dela.

– É melhor que sejam só fofocas. Eu não conseguiria lidar se você estivesse escondendo poder de mim.

– Duvido que algum de nós esteja escondendo poder uns dos outros se

estamos tentando nos ajudar a passar. – Dristin esfrega a nuca.

Sorza bufa.

– Que foi? – Dristin olha para ela.

– Ah, nada.

– Sério, o quê? – Ele a encara com mais atenção.

– Nada. – Sorza ri.

A conversa vai morrendo enquanto eu folheio meus livros e pego meus instrumentos de pintura. Ainda não tinha considerado minha próxima oferenda ao Cálice Arcano... *Mas esse é um problema para o ano que vem.* Primeiro, tenho que ganhar pelo menos uma moeda de um aluno no Dia de Ouros. Depois, passar dos Desafios do Três de Espadas. Declarar minha intenção de me juntar a uma Casa que me deu uma moeda e então ser aceita. E o tempo todo manter a ilusão de ser uma herdeira perdidamente apaixonada por Kaelis, ao mesmo tempo que descubro um jeito de forjar cópias das cartas do Arcano Maior que ele quer – assim como garantir que não seja associada a quaisquer boatos sobre o fugitivo de Halazar.

Isso é mais que suficiente para me manter ocupada. O que quer que eu seja forçada a sacrificar no meu segundo ano está longe demais para me preocupar. Mas ser capaz de enfim usar *todas* as cartas que eu consigo lançar e pintar será um alívio – esconder meu poder não é algo que particularmente me agrada.



Leitura talvez seja a pior aula de todas. Conheço os princípios há anos, mas sempre foi Arina que levava jeito para isso, como um falcão carregado por uma brisa ascendente na Descida. Meu desinteresse geral pelo assunto só aumenta com a atitude da professora Rothou.

Las Rothou é uma mulher de aspecto bastante excêntrico, de pele branca e olhos pretos. Sempre está coberta de todo tipo de joias exóticas que contrastam com a leveza de suas roupas, geralmente de seda. Ela costuma usar solto o cabelo preto, comprido, ondulado e com uma mecha branca.

Mas seu jeito de ensinar contrasta fortemente com seu estilo artístico. Las ensina leitura como a professora Duskflame ensina pintura. Seu método

é rígido e se baseia por inteiro na simbologia tradicional das cartas. Não há espaço em sua abordagem para nuance, algo que Luren teve a infelicidade de descobrir em primeira mão.

– Professora, no seu exemplo, não seria melhor ler o Sete de Copas de um jeito mais positivo? – Ela afasta o cabelo dos olhos com seu ar recatado de sempre, mas faz a pergunta com confiança. Se há uma aula em que Luren brilha, é leitura.

– O Sete de Copas representa a ilusão da escolha positiva – diz Las, repetindo a explicação enquanto apresenta o exemplo para a turma. Enquanto fala, ajeita uma bandana ornamentada no cenho. A de hoje é feita de pequenas estrelas de obsidiana. – Uma abundância de opções que, ao serem inspecionadas, não são tão ideais quanto parecem à primeira vista.

– Mas com o Dez de Ouros também presente na tiragem, significando riqueza e sucesso de longo prazo, isso não sugeriria que todas as opções no Sete de Copas são boas?

– O Dez de Ouros está na posição do futuro, que não exerce nenhum efeito sobre o Sete de Copas na posição de conflito presente. – A professora Rothou leva a leitura *tão a sério.* Não há espaço para mudar o significado das cartas dependendo das outras cartas na tiragem, do consulente, da situação... ou até mesmo da intuição do leitor.

– Certo... – Ainda que ela não fale em voz alta, posso ver a objeção nos olhos de Luren. O estilo de leitura dela me lembra tanto Arina que chega a doer.

Sempre que minha irmã fazia uma leitura, seus olhos se fechavam, tremulando, e ela se balançava de leve enquanto as mãos se moviam sobre as cartas – como se estivesse conduzindo uma sinfonia de sussurros do próprio universo, separando as vozes que precisava ouvir. Ela lia com seus instintos e falava cada palavra durante a leitura com total confiança, e, como resultado, suas leituras sempre eram chocantemente precisas.

– E se nossas cartas saírem invertidas, professora? – questiona Kel. A pergunta inspira murmúrios entre a turma.

Fico atenta. Cartas invertidas são a única coisa que ainda não discuti com Kaelis, embora as histórias sobre ele exijam respostas – especialmente se eu for conhecer de fato o homem com quem estou me aliando. Mas também suspeito que ele vai me contar pouco, então presto atenção na resposta de Las.

Ela une os dedos sobre a barriga, fazendo todos os anéis tilintarem suavemente. Faz esse gesto sempre que está frustrada, como se tentasse se lembrar de não gritar. Uma imagem estranha para a professora de fala tão suave.

– Na leitura, se as cartas saírem invertidas, basta endireitá-las.

– Cartas invertidas não são um mau agouro em uma leitura? – pergunta Sorza.

– Cartas invertidas são apenas histórias contadas para assustar crianças – insiste Las. – Só há *um* jeito correto de ler e usar o tarô.

– Tecnicamente, cartas invertidas existem – Alor se atreve a apontar. – No lançamento, se o Arcanista não tiver habilidade para usar a carta ou se ela não foi pintada direito, pode se inverter e ficar volátil. A magia se distorce. Ataca o usuário, até.

– Exato. – Las sorri com uma leve centelha no olho, como se Alor tivesse acabado de provar seu ponto. – Cartas invertidas só "existem" por um instante, devido a um lançamento malfeito. Arcanistas não podem *intencionalmente* usar uma carta invertida, assim como não podem ler uma. Por sorte, na leitura pelo menos podemos corrigir a carta de modo indolor. Elas têm um único poder, um único significado. Nada a mais, nada a menos.

Os olhos da turma se voltam para mim enquanto ela fala. Eu represento o clã que, segundo os boatos, foi destruído por uma carta invertida. Mas os rumores divergem: a carta foi invertida de propósito? Ou Kaelis perdeu controle dela? A primeira opção seria aterrorizante a um nível lendário, mas sugerir a segunda seria traição.

Então mantenho a boca fechada.

– Agora, se pudermos voltar à tarefa em mãos, a leitura de hoje... uma leitura para a mudança de estação iminente, conforme damos as boas-vindas ao outono, a Estação de Ouros. Lembrem-se: faltam apenas trinta dias para o Dia de Ouros. Agora é o momento para se focar em aperfeiçoar suas habilidades de leitura, já que podem ajudá-los a impressionar um estudante o suficiente para que lhe presenteiem uma moeda.

Todos os alunos recebem um baralho completo para a aula de leitura, mas não temos permissão de tirá-los da sala, para evitar a tentação de usar cartas supostamente além de nossas habilidades. Eu as embaralho bem e então escolho as cartas.

Começo puxando aquela que vai no topo da tiragem – meu momento

presente. Abaixo desta fica o desafio central que se apresentará para mim na estação seguinte. À esquerda e à direita da carta central, fica o que é conhecido e o que é desconhecido sobre esse problema, respectivamente. Embaixo, o resultado provável.

Cada carta é disposta virada para baixo para serem lidas primeiro em ordem e, no fim, holisticamente. Minha mão paira sobre a de cima, mas não a viro. Uma energia desconfortável irradia dela, como se estivesse tentando afastar meus dedos.

Eu me obrigo a virar as cartas, uma a uma.

TOPO – POSIÇÃO PRESENTE: SETE DE ESPADAS
CENTRO – PROBLEMA: DEZ DE OUROS
CENTRO-ESQUERDA – O QUE É CONHECIDO: PRÍNCIPE DE ESPADAS
CENTRO-DIREITA – O QUE É DESCONHECIDO: REI DE ESPADAS
BAIXO – RESULTADO PROVÁVEL: DEZ DE ESPADAS

Depois de encarar a tiragem por um segundo, giro a única carta que apareceu virada para baixo, o Rei de Espadas. Meus dedos se demoram nela. *Um rei de Espadas.* Imediatamente vejo Kaelis no homem da carta – ele tem uma mandíbula austera e olhos encovados que encaram o mundo com uma ferocidade que quase transborda da moldura.

O que é desconhecido... o Rei de Espadas.

Meus pensamentos estão tão acelerados que só escuto a professora Las quando ela está ao meu lado, emitindo um ruído baixo que soa quase reprovador, mas é algo ainda pior: pena.

– Você terá um outono difícil antes do seu inverno, Clara.

– As cartas só mostram o que pode ser – rebato.

– O que é *mais provável* – corrige ela, gentilmente.

– Ainda assim, não o que *será.*

– Talvez mostrem, para uma leitora melhor. – Seu comentário me faz pensar em Arina. As leituras dela nunca estavam erradas. Se ela estivesse aqui, saberia exatamente o que está por vir. Las dá uma batidinha na minha carteira. – Estude bastante, Clara. Os Desafios do Três de Espadas não

envolvem só luta e pintura elaborada. O leitor certo também pode ganhar uma vantagem se souber o que está por vir.

Encaro as cartas enquanto ela se afasta, como se pudesse ordená-las a ser algo diferente, a me contar algo que eu já não saiba. Mas só vejo o Príncipe e o Rei de Espadas, flanqueando a carta que representa o Dia de Ouros – o Dez de Ouros. Não há muitas formas de ler essa tiragem. Kaelis e o rei Naethor vão consumir meu Dia de Ouros. E o resultado?

O Dez de Espadas, uma carta mostrando um homem perfurado por dez lâminas ardentes, não prediz nada exceto agonia.



CAPÍTULO 29

—Calma, calma! – Myrion ergue as mãos antes de apoiá-las nos joelhos, arfando. – Eu me rendo.

Endireito as costas, relaxo a magia e enxugo a testa. Às vezes ainda treino sozinha, mas vir ao Santuário dos Maiores à noite me deu a oportunidade de praticar o lançamento de cartas contra meus colegas no pequeno ringue de duelos. Depois de um início de ano tumultuado, estou determinada a aprender o tarô do jeito que a Academia quer. A mera ideia de fracassar em algo que *sei* que consigo fazer é insuportável. Além disso, esse é o único lugar em que posso realmente treinar minhas habilidades contra pessoas capazes de usar um baralho inteiro.

– É estranho ver você tão completamente derrotado – diz Elorin para Myrion, do seu jeito melódico, quase sonhador. Ela desvia o olhar para mim. – Agora, bem que você podia canalizar essa mesma competência para pintar a Roda.

– Grossa. – Meu tom soa tão seco quanto minha garganta, e vou até a jarra de água que Thal deixou para nós.

– Uma hora você precisa descobrir o segredo. – Elorin continua me rondando.

– Acha que eu não quero? – Bebo um gole e lhe dou um olhar de soslaio.

– Evitar pintura não vai te ajudar a dominar a habilidade. – Cada palavra é dita com beleza indiferente, combinando com a atitude habitual dela.

As feições de Elorin não costumam revelar felicidade, pesar ou qualquer outra emoção. Ela é como uma boneca de porcelana colorida: tudo em sua figura é perfeito – sua aura, pacífica e calma; sua aparência, impecável – e, embora ela sempre use um arco-íris de tons alegres, às vezes parece completamente desprovida de alma.

– Ela vai conseguir no seu próprio tempo.

Myrion aparece ao meu lado e serve um copo da jarra, me abrindo um sorriso caloroso e encorajador. Ele é uma das poucas pessoas que já conheci que nunca me fez erguer a guarda.

Depois de drenar seu copo, anuncia:

– Agora, vou tomar um banho e ir jantar. Não dá pra fazer nada de estômago vazio.

– Daqui a pouco eu vou. Deveria treinar minha pintura.

Sigo para minha mesa, dando um olhar significativo para Elorin, que apenas sorri, parecendo achar certa graça em seu triunfo.

Myrion vai embora, e Thal o segue pouco depois. Elorin se acomoda diante do fogo, folheando um livro que tirou de uma das estantes que cobrem uma parede do santuário. Há livros melhores e mais raros aqui do que na biblioteca. Infelizmente, não encontrei nada neles sobre o Mundo. Fico lançando olhares de esguelha para Elorin enquanto começo a pintar. Se ela repara, não reage.

Sorza finalmente vai embora depois de se alongar com um suspiro alto e uma declaração de "Chega por hoje". Ela passou horas debruçada sobre sua própria carta. Não teve mais sucesso que eu, mas parece muito mais próxima de um avanço.

– Você vem, Clara?

Balanço a cabeça.

– Pode ir.

– Vou deixar um pouco de comida no seu quarto. – Não é a primeira noite que ela faz a oferta, e sempre cumpre a promessa.

– Você é boa demais comigo.

– Sou mesmo, né? – Ela dá um aceno e vai embora.

Agora só sobramos Elorin e eu. Não vou sair antes dela depois dos seus

comentários – não vou permitir que ela alegue que não estou me esforçando. Mantenho a cabeça curvada e continuo rabiscando na página. Meus desenhos não significam nada; não sinto nenhuma conexão particular com eles – são tão desprovidos de alma quanto as linhas que Raethana Duskflame ensina. Mas eu *pareço* produtiva.

A lua se ergueu e ambas com certeza já perdemos o jantar quando Elorin finalmente boceja e fecha o livro com um floreio dramático. Ela enfia o volume empoeirado embaixo do braço e sinto seus olhos sobre mim antes de erguer o rosto para ela. Sem dizer nada, ela sustenta meu olhar, e o tempo parece se estender ainda mais do que o nosso joguinho nas últimas horas.

– Não vai funcionar, sabe.

Minha caneta para de se mover.

– O quê?

– Ficar enrolando e não aprender as coisas para não ser designada a um clã. Não vai funcionar.

Um novo significado surge em seus olhos apáticos. O azul ficou anuviado, quase tempestuoso, com um tumulto que ela claramente tem dificuldade para esconder. Eu me pergunto quanta agonia se agita por baixo da superfície plácida que ela apresenta.

– Eu não estava enrolando.

– Claro que não. – Ela sem dúvida não acredita.

– Juro – insisto, e aí perco o controle da língua. – Pelo contrário, estou frustrada por não conseguir pintar a carta. É a primeira vez que o tarô não vem naturalmente para mim e isso está me tirando do sério. – Eu me calo antes que diga mais, e Elorin enfia uma mecha de cabelo atrás da orelha, com uma expressão de culpa.

As pessoas sentem-se inclinadas a dizer coisas ao meu redor. Me contam coisas que poderiam não admitir normalmente, ainda mais se eu insistir, ela me contou no meu primeiro dia no santuário. Não entendi o que ela quis dizer até agora. Aquele arroubo foi totalmente sincero, mas não era o que eu queria dizer.

– Você deveria querer enrolar – murmura ela, desviando os olhos.

– Por quê?

– Quando acertar, eles vão te controlar e todos os poderes que puderem tirar de você.

– *Eles?* – Abaixo a caneta. Imagino o que ela quer dizer, mas quero ter

certeza.

– Os nobres a quem será designada... o próprio rei. – Os olhos de Elorin se voltam para a janela, e ela fita a distância com anseio, como se só tivesse conhecido a liberdade ao olhar para o horizonte. – Nós existimos para eles.

– Nós existimos para nós mesmos. – Eu me recuso a aceitar qualquer outra coisa. Ela me encara de volta, mas, em vez de discutir, só sorri de um jeito que torna sua discordância palpável. – Você sabe para qual clã vai?

– Não a um clã, mas à Corte em Coração do Destino. Meu poder como Alta Sacerdotisa é valioso demais para ficar em qualquer outro lugar que não junto ao rei.

– Qual é o seu poder?

Percebo como sei pouco sobre a magia única de cada um dos Maiores. Myrion me contou que, com a carta dos Amantes, pode fazer duas pessoas se apaixonarem. Eza me mostrou a habilidade de sua carta quando me atacou. Thal revelou que tem o poder de tirar a dor de alguém com o Sol no meu primeiro dia aqui. Sorza ainda está descobrindo sua magia, assim como eu. E conheço a de Silas... Mas Cael, o Imperador, Nidus, a Torre, e Elorin, a Alta Sacerdotisa: eu não sei o que suas cartas fazem.

– Eu consigo olhar dentro da mente de alguém e ver seus pensamentos mais profundos, a verdade que eles escondem do mundo.

Eu me inclino para trás na cadeira, e ela ri da minha reação.

– Não se preocupe, eu não usei em você, nem usaria a não ser que a Coroa pedisse... ou ordenasse. Não sinto prazer em abrir mão das minhas lembranças. Preferiria ficar com elas a trocá-las pelas de outras pessoas.

– Posso imaginar.

– Espero, pelo seu bem, que as exigências de pintura para a Fortuna sejam mais brandas.

Ela me deixa a sós com meus pensamentos. Encaro a página de rabiscos toscos. Minha inabilidade de pintar a carta não se deve só ao fato de não saber o símbolo certo para a Fortuna. Um mal-estar embrulha meu estômago. Não sei o que devo sacrificar. Até saber, duvido que a magia vá coalescer em uma forma. E se pintar a Roda da Fortuna exigir mais do que estou disposta a dar?

Quando ouço passos, acho que é Silas vindo me encontrar, como faz às vezes quando a maior parte dos alunos já está nos dormitórios. Mas, no

momento em que presto atenção no som dos passos, percebo que não são dele.

Um homem cujo cabelo parece branco sob o luar me dá um sorrisinho, a mão já pairando ao lado do baralho no quadril.

– Eza. – Todo o afeto deixa a minha voz.

Nossos caminhos só se cruzaram brevemente nas últimas semanas, e sempre quando outras pessoas estavam presentes – fiz questão de que fosse assim. Mas agora estamos sozinhos... como se ele tivesse planejado isso.

– *Graysword.* – Ele cospe o nome que usei em Halazar, me provocando desde o primeiro momento. Finjo olhar para o papel de novo, erguendo a caneta, mas ele não é o tipo de pessoa que devo ignorar. Cada pelo no meu corpo está arrepiado. – Ouvi dizer que você vem usando as áreas de treino aqui.

– Meu nome é Redwin – corrijo. Como ele sabe tanto sobre mim? Quando me atacou... e agora?

– Ambos sabemos que não é – retruca ele, bufando.

E tem razão, claro. Mas meu nome verdadeiro também não é Graysword.

– É, sim. E o que eu faço aqui não é exatamente secreto. – Desenho alguns traços irritados com a caneta.

– Eu quero ver do que uma prisioneira de Halazar é capaz.

– Não sei o que você acha que sabe sobre mim, mas te garanto que suas informações estão erradas. – Eu me forço a encará-lo, o ódio borbulhando no estômago, mas mantenho a calma. – Além disso, não estou interessada em te mostrar nada.

– Você parecia disposta, no começo do ano.

Eu não vou te deixar ganhar dessa vez.

– Mudei de ideia.

– E se eu não te der essa opção? – Ele abre um sorriso selvagem enquanto atravessa o santuário até mim. – Por que não conto a todo mundo que você é a pessoa de quem todos estão falando, a fugitiva de Halazar, e te mando de volta para a jaula onde vermes como você devem ficar? Não imagino que o rei seria muito clemente com uma puta que mentiu para subir na cama do filho dele.

A pergunta, por mais retórica que seja, me deixa encucada... *Por que ele não me mandou de volta para Halazar?* Sem dúvida tem certeza da minha identidade e está certo. Então, por que não fez nada além de me provocar e

atacar pessoalmente? Por que não disse a um professor para chamar os fiscais?

– Porque você *não pode* me mandar de volta. – Não deixo a revelação transparecer no meu tom. Não importa o que saiba ou ameace: ele não pode me mandar de volta para lá. – Se pudesse, já teria mandado.

O olhar de Eza endurece.

– Você se acha tão forte, não é? Mas tem tanto medo de Kaelis quanto todo mundo.

Eu quero rir. *Merda, Kaelis tinha razão... ser noiva dele me dá certas proteções.*

– Você não sabe de nada – rosna ele.

– Não?

– Halazar era confortável demais para alguém da sua laia. – Uma carta se ergue do baralho dele, girando ao seu redor. A cada volta, vejo o rosto do Enforcado. – Talvez a gente possa encontrar algum outro lugar na sua história que seja mais adequado, algum lugar ainda mais sombrio... ou eu possa projetar uma pequena prisão mental só para você. Ver quem tem a mente mais forte.

Eu solto a caneta, com o coração acelerando.

– Afinal, só precisou de alguns traços e uma caneta na mão para fazer você perder o controle. Quase nada.

Como ele sabe detalhes tão específicos da minha visão? Sinto um calafrio no corpo todo, paralisando meus movimentos. Ele podia vê-la? Foi ele que a projetou mesmo?

Por mais que eu tenha treinado, perto de Eza fico novamente sensível, exposta e vulnerável. A ideia de que ele estava assistindo ao que se passou na minha mente enquanto eu estava sob a influência do Enforcado é nauseante.

– Sempre recorrer a um Arcano Maior para vencer não é muito impressionante. – Eu me levanto, querendo estar pronta para qualquer coisa. A tensão no ar está crepitando. – Será que você é forte mesmo, se é obrigado a usar o mesmo truque?

Suas narinas se dilatam. Homens como ele são tão previsíveis.

– Eu ganharia de você sem meu Maior.

– Se você diz. – Quase canto as palavras, um pouco debochada. Estou provocando-o para uma luta e sei disso, mas prefiro ver o ataque chegando a sofrer a ofensiva quando estiver de costas para ele. – Não que você tentaria

sem Nidus e Cael. Ou Alor, suponho. Incrível como você nunca está disposto a lutar quando não tem superioridade numérica.

Imaginei que isso seria a gota d'água. O que não imaginei é que ele pularia sobre a mesa, esquecendo sua carta completamente. O Enforcado cai abandonado, como uma estrela prateada, e ele fecha as mãos ao redor do meu pescoço.

O mundo se inclina quando caímos ao chão.

Eza e eu saímos rolando. Cada momento do meu treinamento com Gregor ao longo dos anos, cada briga de rua, cada fuga por um triz dos fiscais, tudo isso entra em ação, junto com a força que recuperei. Meu punho atinge a mandíbula dele, fazendo-o soltar um grunhido brusco. É *tão* gostoso destruir o seu rostinho bonito. Suas mãos se afrouxam no meu pescoço e ele rola para o lado.

A retaliação vem na forma de uma camada de gelo estalando sobre o chão, criada por um Ás de Copas. Saio do caminho às pressas, erguendo a mão acima do pescoço. Velhos hábitos não morrem fácil em uma briga de verdade. Uma carta se levanta magicamente ao ser convocada e fogo explode ao meu redor quando o Ás de Paus queima, contendo o gelo dele com um silvo.

Respirando pesadamente, nos levantamos e começamos a rodear um ao outro. O luar dança junto com a luz tremeluzente das velas nas arandelas. Fogo e gelo iluminam nossos rostos.

– Você tem um soco forte. – Ele apalpa a mandíbula, sangue pingando dos lábios.

– Você tem uma mandíbula fraca.

Com o rosto retorcido em uma careta, ele solta um grunhido e duas cartas se erguem do seu baralho. Estou pronta para ele. Desvio de outro jato de gelo, mas tropeço quando uma de suas cartas solta uma névoa púrpura pálida que enche o ar ao meu redor. Minhas pálpebras ficam pesadas.

Quatro de Copas. Sono. Languidez. Chamo o Quatro de Espadas do meu próprio baralho – cura – antes que eu desabe em um sono sem sonhos.

Quando a névoa se dissipa, só tenho tempo de ver Eza se movendo na direção do Enforcado que havia soltado. A carta estremece em resposta. Antes que ele possa alcançá-la, eu retalio com meu próprio ataque mental – o Dois de Espadas. Eza cambaleia quando o mundo gira diante de seus

olhos. A confusão faz seu corpo ficar flácido em vez de continuar correndo atrás do Arcano Maior. Eu salto.

Os limites entre o combate físico e mágico se borram. As cartas evaporam, se desfazem em feixes de luz, explodem como poeira multicolorida, desaparecem em uma névoa. O santuário é destruído enquanto lutamos para ferir – para matar.

Faz muito tempo que não luto desse jeito, livre de restrições. Sem fôlego, ensanguentada, com cada músculo gritando. Raiva e desespero me mantêm em movimento. Minha tolerância à dor é muito maior que a dele, eu apostaria minha vida nisso.

– Para... de... correr... vadia – rosna ele.

Não vejo a próxima carta que me atinge.

Sou jogada no ar e rolo por cima de uma mesa, o ímpeto do corpo só impedido pela parede. Piscando para recuperar o foco, vejo Eza se movendo para a carta do Enforcado. *Não... eu não vou voltar pra lá.* Mas meu corpo não escuta meus comandos. Não consigo mover um dedo.

– Não vou voltar pra lá – arquejo, rouca. *Voltar pra Halazar, mesmo que mentalmente...* – Prefiro morrer.

É difícil me levantar quando minhas mãos escorregam pela parede, pegajosas de sangue. Eza está quase perto o bastante da carta para convocá-la com um pensamento. Eu cambaleio até a mesa em que estava trabalhando e desabo sobre ela. Os papéis de antes ainda estão espalhados ali, cobertos com meus rabiscos, e meu nariz pinga constelações de sangue sobre eles.

Se já houve uma hora em que eu precisei de sorte...

A Roda da Fortuna, um giro do destino. Não é complicado. Não é nem algo que possa ser controlado. Engloba tudo e nada ao mesmo tempo. Desenho um círculo em um papel, depois outro círculo, inacabado, do lado de fora. As linhas se estendem do anel externo até o centro do círculo interno. Bato a mão contra o papel e despejo nele cada pingo de magia, de mim mesma, cada fiapo de sorte que já tive, e vejo a carta se iluminar com uma névoa prateada e desaparecer.

Mas o que quer que eu tenha feito não bastou. Eza enfim alcançou sua carta. Ela paira no ar. Eu me preparo. Mas o ataque não vem.

Abrindo os olhos, vejo-o encarar sua carta sem acreditar. Ela foi inexplicavelmente cortada em uma dúzia de pedaços e se tornou inútil. Uma

reviravolta do destino. Não era o que eu imaginava... mas era tudo que precisava.

Aproveitando a chance, eu me jogo contra ele. Não com magia, mas com o corpo.

Estou em cima dele, e Eza está impotente embaixo de mim. Não resiste mais, mas não consigo parar. Dou um soco atrás do outro, misturando nosso sangue. Toda a dor reprimida dentro de mim finalmente acha uma válvula de escape.

Ele nunca vai me fazer me sentir pequena de novo. Ninguém vai. Vou matar qualquer um que ameace a mim ou às pessoas que eu amo. Não haverá trégua. Não haverá paz. *Vou refazer a porra do mundo inteiro se for necessário para ficar com minha família e mantê-la a salvo.*

É capaz de eu o matar mesmo... mas então alguém me puxa para longe.

O aperto de Kaelis no meu pulso é como um torno enquanto me puxa para longe de Eza. Eu cambaleio para trás, caindo sentada. Eza não perde tempo em cuspir sangue e rolar de lado.

– Sua vagabunda de merda! Ela me atacou a sangue-frio! – zomba ele.

O olhar do príncipe é tão inflexível quanto seu aperto enquanto absorve o caos criado no refúgio dos Maiores, que já foi tão aconchegante. Seus olhos se suavizam ao pousar em mim, antes de endurecer de novo. Uma aura de perigo cerca Kaelis, tão aparente que até Eza se inclina para longe dele.

– Chame-a de vagabunda de novo e você vai responder a algo muito pior que os punhos dela. – As palavras de Kaelis são como fogo frio, amargas e cortantes. Pouco mais que um rosnado homicida.

– Mas, mas...

– Eu tenho sua carta dourada, Eza – interrompe Kaelis, sem recuar. – Mesmo se você morresse, ela ainda poderia ser usada para convocar o Mundo. Eu não preciso mais de você.

– Seu pai diria outra coisa.

Isso o atinge.

– Vá embora. *Agora.* E arrange um pouco de bom senso enquanto não volto a olhar para você, ou vamos testar essa sua teoria.

Eza dá um jeito de se levantar, embora esteja instável. Ele me lança um olhar fulminante.

– Escondendo-se atrás dele como a covarde que é. Vamos terminar isso

outra hora.

Não tenho tempo de responder antes que ele saia aos tropeços. Kaelis se vira para mim.

– Ele que começou – digo, antes que o príncipe possa falar qualquer coisa.

– Eu sei. – Não há mais reprimenda em seu tom, não para mim. – Quando não te vi no jantar, vim te procurar...

A mão livre dele se ergue, como se fosse tocar meu rosto. Percebo que é a primeira vez que estamos sozinhos e tão próximos desde a festa, semanas atrás.

Um calafrio desce pela minha coluna. Vulnerabilidade se infiltra em minhas veias, substituindo a adrenalina da luta. Kaelis está preocupado? Comigo? *Impossível.*

– Não preciso que me salve. – Protesto contra o modo como ele está me olhando, contra a ideia de que ele temeria por mim.

– Evidentemente. – Kaelis balança a cabeça. – Mas você precisa de mim para garantir que meu pai não te inflija todo tipo de tortura por matar um dos Maiores dele depois que pintar sua carta dourada. – O príncipe se ergue. Não deixo de perceber como "todo tipo de tortura" sugere algo diferente de Halazar... algo ainda pior. – Agora venha comigo.

– Aonde?

– Aos meus aposentos.

– Não quero. – Minha objeção não tem a firmeza usual.

– Eu não estou pedindo. – Ele dá um sorrisinho, mas isso não diminui a preocupação em seus olhos. – Considere uma ordem do seu príncipe.

– Você ousa...

– Você está acabada, Clara. Não vou deixar que minha futura esposa pareça ter rolado por uma escada coberta de adagas sem fazer nada a respeito. – Eu não me mexo. Ele arqueia uma sobrancelha escura e suspira. – Que foi agora?

– Não me importo com minha aparência. Não sou um prêmio para você vestir e exibir por aí quando te convém.

Ele se ajoelha à minha frente, os olhos no mesmo nível que os meus. A estranheza de ter um príncipe de joelhos à minha frente faz minha cabeça girar mais do que os socos de Eza.

– Tudo bem. Eu não me importo com a sua *aparência.* Fique toda

ensanguentada. Seja a rainha dos ratos da Cidade do Eclipse que tanto quer ser. Mas não aceito que ninguém diga que eu não cuido das pessoas mais próximas a mim.

As palavras se assentam em mim como uma compressa para as feridas. Palavras que soam como as minhas. Sinto um calor inundar o corpo. Pela primeira vez, acho que entendo algo sobre ele.

– Eu sou próxima a você? – Minhas palavras saem suaves.

– Você não me vê cercado por companhias abundantes, vê?

Isso tira uma risada fraca de mim. Até Kaelis sorri, mas a expressão logo morre.

– A não ser que vá rejeitar minha ajuda de novo? – A pergunta me lembra da minha primeira noite na Academia. Dos ferimentos que sofri no Festival do Fogo e que me recusei a deixá-lo sequer tocar. Não digo nada. Ainda sou uma criatura desconfiada e ferida. – Por favor, me deixe ajudar.

É o "por favor" que me convence.

Com uma careta e um grunhido, cedo e pego a mão dele para que possa me ajudar. Kaelis tenta controlar um sorrisinho, mas não consegue, como se achasse meu mau humor adorável. Ele arruma o santuário com o uso habilidoso de algumas cartas e começa a me escoltar para fora. Quando fica claro que meu corpo não consegue mais se sustentar sozinho, desliza um braço sob minhas pernas e me ergue.

– Como é? – protesto, mas as palavras não têm força real.

– O que eu vou fazer com você? – diz ele com um suspiro.

Aperto os braços contra o peito para me impedir de envolvê-los no pescoço dele, embora isso fosse nos deixar mais firmes enquanto subimos as escadas.

– Me deixe ir.

– Confie em mim – fala ele –, nenhum de nós quer isso.



CAPÍTULO 30

Pegamos o caminho secreto pelo interior da ponte até os aposentos dele, subindo a escada sinuosa e entrando pelo seu closet. O tempo inteiro, ele me carrega como se eu não pesasse nada, embora eu saiba que, depois de semanas de treinamento, isso esteja longe de ser verdade.

Kaelis me leva até um dos sofás na frente da lareira e some por uma das muitas portas laterais. Eu o escuto chamar Rewina. Suas palavras estão abafadas, então não me dou ao trabalho de tentar escutar. Em vez disso, afundo mais nas almofadas macias e permito que embalem gentilmente cada ferida e ponto sensível no meu corpo.

Cheira como o príncipe... tinta, cedro, couro oleado...

– Você parece bem contente arruinando meu sofá com todo seu sangue.

Kaelis surge ao meu lado, segurando uma tigela de água com um pano na borda. Em algum momento, devo ter fechado os olhos, o suficiente para Priss, ronronando, assumir residência na minha barriga. Pelo menos ela não se importa com o meu estado.

– Não é só o *meu* sangue.

– Pior ainda. – Ele faz uma careta. – O único lugar onde quero o sangue de Eza é o chão. Ou meus dedos, talvez.

– Não pensei que você fosse do tipo que recorre a socos.

– Em geral, não sou.

Olho para ele.

– Devo acreditar que se sujaria por mim?

– Acredite no que quiser – diz ele, mas seu leve sorriso diz simplesmente *sim*.

– Então você sujaria as mãos, mas não o sofá? – Tento manter meu tom casual, embora o olhar que ele me deu tenha feito meu corpo inteiro formigar.

– É mais fácil lavar as mãos.

Contenho uma risada. Nunca pensei que estaria *rindo* nesse estado.

– Você é um príncipe. Compre outro sofá. Compre vários. – Esfrego atrás das orelhas da gata e embaixo do seu queixo, que ela estica prontamente para mim.

– Eu gosto *desse*. Mais importante, é o preferido de Priss.

– E eu achando que ela estava sentada aqui porque gosta de mim. – Encontro um par de olhos felinos amarelos. – Eu só estava no caminho?

– Ela tem o hábito de conseguir o que quer, como certa pessoa que conheço. – Ele deixa a tigela na mesa entre os sofás e se senta no chão.

Lanço um olhar para ele.

– Eu *sei* que você não está falando de mim.

– Você tem um príncipe cuidando pessoalmente de você agora – aponta Kaelis.

Ele puxa uma carta do bolso, e mal tenho um vislumbre da Rainha de Copas antes que desapareça. Minha pele se costura, as feridas sarando. Três cartas são necessárias para curar a maioria dos ferimentos, mas ainda sinto os fantasmas deles por todo o corpo.

Kaelis pega minha mão. Priss solta um miado alto em protesto quando ele ousa puxar os dedos que a afagavam tão obedientemente. Ele lança um olhar um pouco ofendido para a gata antes de começar a limpar com delicadeza o sangue dos cortes nos nós dos meus dedos que é tanto meu quanto de Eza.

– Só porque ele insistiu – respondo.

Estou fascinada pela estranheza que é ter um príncipe – e Kaelis, ainda por cima – limpando sangue e sujeira do meu corpo. É a única coisa que me impede de puxar a mão. Bem, isso e não quero perturbar Priss.

Kaelis dá um suspiro pesado. Quando fala, soa muito cansado.

– Alguém precisa fazer isso. Você certamente não se cuida. Aquela cena com Eza foi mesmo necessária?

– Eu não vou ser o saco de pancadas de Eza quando ele quiser. E com certeza não vou deixá-lo usar o Enforcado para me jogar em Halazar de novo... mesmo se for só na minha mente. – Faço questão de não deixar espaço para dúvida nas palavras.

– Não tem problema se defender, mas precisava ir tão longe?

Eu o encaro.

– Está mesmo me dando bronca?

– Meu pai gosta de ter os Maiores vivos, para nunca ficar sem cartas prateadas para usar como bem quiser – admite Kaelis, a contragosto, lembrando-me de um dos últimos comentários de Eza. – Ele quase encontrou o conjunto completo de vinte e não é um homem que lida bem com decepções.

– Eu não dou a mínima pro seu pai – digo, sem hesitar.

Kaelis bufa, seus olhos brilhando com algo que quase parece afeição.

– Talvez não. Mas eu me importo em manter a atenção dele longe do que é meu.

Do que é meu... Ele está falando de mim. Um arrepio percorre meu corpo, o ar mais frio no rastro do toque de Kaelis e do pano quente que ele passa sobre minha pele.

– Então, da próxima vez, recomendo parar enquanto está ganhando – conclui ele.

– O que acontece se alguém mata um Maior?

– A magia de um Maior sempre existe no mundo, então passa para outra pessoa.

– Como uma espécie de reencarnação? – pergunto.

– É mais uma transferência – explica Kaelis. – A magia vai para outro indivíduo imediatamente. Pode ser um velho ou um bebê. A pessoa pode estar do outro lado do mundo ou bem ao lado do Maior que morreu. Mas essa pessoa precisa ser encontrada e aí precisa aprender suas novas habilidades. É um processo demorado, como você pode imaginar.

– Eza vai ficar bem contanto que não se meta comigo – digo, na defensiva. Depois de um momento de silêncio e com um suspiro suave,

acrescento: – Você não sabe como é ouvir a vida inteira que é uma *coisa* que pode ser usada, espancada e descartada.

Isso faz Kaelis hesitar. O pano fica na tigela, fitas vermelhas desenrolando-se para a água.

– Ou talvez saiba – sussurro. Ele ainda não ergueu os olhos para mim. Sua própria família o forçou a sacrificar seu futuro ao Cálice. Pela primeira vez, me pergunto que futuro era esse. – Afinal, você sabia que eu iria contra-atacar na primeira oportunidade. Foi por isso que me deu uma chance, testando minha habilidade de usar as cartas para sair de Halazar.

Kaelis não responde, só pega o pano de novo. Continua subindo pelo meu braço e eu continuo deitada, lânguida, encarando o teto. Dizer isso me deixou mais exausta que a luta.

– Eu sou só um jogo pra você? – sussurro.

– Não.

O fato de que acredito nele faz lágrimas de frustração brotarem nos cantos dos olhos. Elas não escorrem – não estou tão quebrada assim –, mas ameaçam. Seria tão mais fácil se ele me dissesse que não sou nada, menos que nada. Mas ele está cuidando de mim *e* me usando. Estou presa entre ambos os fatos e corro o risco de ser rasgada em dois.

Não o deixe vencer, Clara, alerta uma voz que não é bem a minha. Escuto o sussurro de minha mãe nela. *Cuidado com o príncipe nascido do vazio.*

– Eza é um idiota – diz Kaelis depois de um longo momento de silêncio. – Por mais que você tenha vencido, só vai te atacar de novo. E com mais força do que da outra vez. Tente fazer as pazes, mesmo se não ficar feliz com isso.

– Eu sei. Ele provavelmente vai trazer os amiguinhos de novo também, agora que sabe que não consegue me enfrentar sozinho. – Suspiro e afundo ainda mais nas almofadas enquanto Priss cutuca minha mão para que afague sua bochecha. – Ele não é o tipo de homem que aceita comer poeira... literal ou figurativamente.

– Assim como o pai dele... – O comentário me faz virar para Kaelis, mas ele olha para o fogo em vez de me encarar. A mão que segura o pano parou de novo. – Você sofreu muito por minha conta. – Há um levíssimo traço de culpa entremeado nas palavras.

– *Nãão*, sério? – Puxo o ar com força e deixo o sarcasmo inundar a voz.

Uma risada amarga escapa da sua boca torcida, mas a expressão dele fica

séria de novo.

– Sinto muito.

– Pelo quê?

Quero ouvi-lo dizer. Tem muita coisa pela qual ele deveria sentir muito, mas as palavras não significam nada até ele reconhecer pelo que está se desculpando.

– Muitas coisas. – Quase rio de como a resposta espelha meus pensamentos. – Entre elas, o fato de ser minha culpa Eza te odiar.

– Como assim? – Não há muito amor pelo segundo príncipe do reino, é verdade, mas ele soa especialmente convencido disso.

– O pai dele é o carcereiro Glavstone.

Inspiro bruscamente e nossos olhos se encontram.

– *O quê?* Mas eles não têm o mesmo sobrenome. – Eu teria reparado nisso em algum momento durante as aulas.

– Filhos bastardos não são raros entre a nobreza. E a mãe dele tinha um status mais alto no Clã da Lua. Eza assumiu o nome dela e foi aceito na família, mas ainda é filho de Glavstone.

Kaelis interrompeu seus cuidados, como se não soubesse se ainda pode me tocar.

– Ele herdou a aparência da mãe e a personalidade *charmosa* do pai – murmuro, sem saber o que fazer com essa informação. Não muda minha situação, mas... – É por isso que Eza sabe que eu estava em Halazar.

– Sim, só posso imaginar que o pai contou para ele. Mas Eza não vai dizer nada. Eu deixei *isso* claro a ele e ao pai. – A nota defensiva no tom de Kaelis me faz examinar seu rosto, procurando um significado mais profundo nas palavras.

– Isso é colocar muita fé em Eza...

– Seria minha palavra contra a dele. É uma batalha que ele não pode vencer, e Eza sabe disso.

Kaelis soa mais confiante do que eu. Talvez sua aura principesca o tenha tornado ignorante. Mas, como sou a pessoa em perigo, tenho mais motivos para ser cautelosa.

– É por isso que ele está me atacando de outras formas, quando pode – murmuro. Porque não pode me atingir do jeito mais óbvio.

Kaelis assente.

– E suspeito que o ressentimento dele por mim pelo que eu fiz com o pai

está sendo descontado em você também. Não é como se ele pudesse me atacar... mas você é muito mais acessível.

O que Kaelis não diz é que, se isso for verdade, significa que Eza acredita que Kaelis se importa comigo. Ele acha que me ferir é um jeito de ferir Kaelis. Nossa farsa deve estar funcionando, se outras pessoas acreditam que estamos perdidamente apaixonados.

– Priss, hora de levantar – diz o príncipe.

– Não tem problema – falo.

Mas ele já afastou a gata e ergue minha camisa sem perguntar, expondo a lateral do meu corpo das costelas ao quadril. O tecido foi reduzido a pouco mais que farrapos, mas me sinto estranhamente exposta, e o pano que começou a esfriar contra a pele quente me dá arrepios. As dores fantasmas do meu corpo ferido, dos machucados recém-sarados, ainda formigam.

Priss se acomoda junto aos meus pés. Não estou imaginando a bufada que vem da bola de pelos. Eu a imito com um suspiro próprio. Ainda não sei o que quero fazer com essa informação sobre Eza – mas pelo menos a tenho.

– E sinto muito por não ter encontrado um jeito melhor de te salvar do que te mantendo presa em Halazar por um ano. – Ele explicou antes, mas...

– Perdoe-me por não sentir uma gratidão arrebatadora.

– Eu posso ser um príncipe, o que me dá influência suficiente para ajudar algumas pessoas, mas não podia anular completamente um julgamento formal. Sobretudo quando foi meu irmão, regente da Cidade do Eclipse e chefe dos fiscais, que decretou a sentença. – Ele mal consegue terminar a frase de tanto que cerra a mandíbula. – Eu não posso opinar sobre o que acontece do outro lado da ponte.

– Seu *irmão*? O príncipe Ravin decidiu meu destino? – Eu me sento. A conversa capturou minha total atenção e não quero que o sono me tome. – Ele estava envolvido?

– Foram os homens dele que te capturaram, e a armadilha deles que te pegou. Eu não sabia onde você estava até ser presa. Reparei que algumas coisas no caso não estavam fazendo sentido. Comecei a investigar tudo mais de perto. Ordenei a Glavstone que fizesse alguns testes... embora só tenha descoberto a metodologia dele quando voltei pra te buscar este ano.

Kaelis se vira para a tigela e usa minha nova posição para acessar minha coxa esquerda. Estou vagamente ciente da ponta dos seus dedos deslizando

sobre minha pele enquanto ele afasta os retalhos da calça para continuar limpando o sangue.

– Os homens de Ravin... me capturaram... – repito.

Griv, o homem que veio me pedir ajuda para sair da cidade... A armadilha em que me fez cair. As ressalvas de Arina sobre o trabalho, de que algo não parecia certo para ela. Griv era um informante de *Ravin*, não de Kaelis.

– Como regente, Ravin é o chefe dos fiscais da cidade, então claro que teve um papel direto na sua prisão. Mas não tenho certeza se ele sabia que você era uma Maior ou não, ou sequer se te reconheceu no dia do Festival do Fogo. Suspeito que não, já que teria sido a melhor chance de ele te mandar de volta a Halazar, antes que você se tornasse uma iniciada. Eu declarei que você era minha noiva porque entrei em pânico e achei que ele sabia quem você era – continua Kaelis, alheio aos pensamentos explodindo como fogos de artifícios na minha mente. – Estive tentando entender. Imagino que Ravin, como o cachorrinho do meu pai, saberia de tudo, especialmente por se tratar de outro Maior. Sem dúvida iria querer achar um Maior antes de mim, para poder levar a carta da pessoa ao meu pai primeiro. Mas mandar você para Halazar só para brincar comigo...

As palavras esvanecem quando levo uma palma à cabeça, de repente quente e fria ao mesmo tempo. A sala gira.

– Clara? – A voz de Kaelis está distante. Preocupada.

Arina sabia que precisávamos tomar cuidado com o Arcanista que me abordou. Disse que tinha um pressentimento ruim. Imaginei que era uma leitura que ela tivesse feito, mas e se teve algo a ver com Silas? Se sim, isso o torna o informante de Ravin? Ou Silas sabia de uma trama mais profunda e a avisou por gentileza?

O corpo de Griv era parecido com o de Silas. O cabelo dele era um tom mais leve... os olhos de outra cor, não eram? Mas ele usava óculos. Talvez de lente colorida. Tinta poderia explicar o cabelo. Ele nunca encontrou Arina, nunca aparecia nos nossos encontros quando eu mencionava que ela poderia estar lá. Meu estômago embrulha. Talvez eu tenha procurado inimigos em todos os lugares errados. Mas tem uma coisa que sei agora...

– Não foi você. – Inclino a cabeça devagar para encará-lo. – Não foi mesmo você quem me prendeu. – Nem orquestrou todos os meus outros

sofrimentos. Ravin controla os fiscais da cidade, não Kaelis. Será que *ele* está por trás da morte da minha mãe?

– Eu já disse que não – murmura ele, sem me encarar de volta. E disse mesmo, desde minha primeira noite aqui. Mas eu não tinha motivo para acreditar nele. Até agora.

– Porque você precisa que eu roube do seu pai. – Apesar de todo o tempo que se passou, de todas as minhas aulas, eu não esqueci meu real propósito aqui.

– Entre outras coisas.

Nossos olhos se encontram, e um nó fecha minha garganta.

– Que outras coisas? – consigo dizer.

– Sua carta.

– Certo, claro... – Mas por que parece ser muito mais que isso? A sensação só piora com o jeito como o cheiro dele ainda paira sobre mim desde que me carregou. Tento me focar em qualquer coisa que não seja eu e ele. – Falando nisso, acho que consegui usar meu Maior.

Kaelis se endireita.

– Sério?

– *Acho* que sim. – É mais fácil falar sobre cartas, então me escondo atrás do assunto. – Quando estava lutando contra Eza, usei meu sangue para pintar uma carta... – Eu me calo quando entendo. – É isso. Eu sempre consegui pintar os Arcanos Menores com qualquer coisa, contanto que pingasse um pouco de sangue na tinta. Acrescentando uma parte de mim na carta, como minha mãe dizia. Acho que meu Maior deve ser o mesmo. Ou tem que ser pintado totalmente com meu sangue.

– Vamos torcer para que não seja esse o caso – diz ele, sombrio. Mas, considerando o que os outros Maiores sacrificam, parece um preço pequeno a pagar.

Antes que possamos dizer mais alguma coisa, a porta que Kaelis usou mais cedo se abre e Rewina aparece com uma bandeja de prata.

Kaelis afasta as mãos de mim tão rápido que eu até questionaria se estiveram mesmo ali, se não fosse o calor que deixaram para trás.

– Rewina, obrigada. – Ele vai encontrar a criada e pega a bandeja.

– Não tem de quê. – Rewina curva a cabeça respeitosamente. Seus olhos se voltam para mim. – Ora, o senhor não me disse que ela precisaria de roupas novas.

– Estou bem – começo a protestar.

Kaelis fala por cima de mim:

– Um lapso terrível e vergonhoso de minha parte, sem dúvida. Você se incomoda em remediar a situação?

– Agora mesmo. – Rewina pede licença e sai pela mesma porta.

– Eu disse que não tinha problema.

Kaelis deixa a bandeja na mesa, longe o bastante da tigela de água ensanguentada para não arriscar respingos.

– Eu disse que não posso ter minha noiva nesse estado.

– E *eu* disse que você realmente precisa parar com essa história de "estamos noivos" – rebato, acrescentando: – Quando estamos a sós, pelo menos, podemos abandonar a farsa.

– É mais seguro para nós dois não fazer isso. – Ele pega uma uva da bandeja e a joga na boca. – A última coisa que queremos é ficar tão confortáveis em privado a ponto de cometer um erro em público.

– É, acho que você tem razão... – Sobretudo quanto à parte de "ficar confortáveis". Eu pego um pouco de comida, impedindo-me de dizer mais.

Rewina aparece ainda mais rápido dessa vez. Talvez já tivesse esperado o lapso da parte de Kaelis.

– Milorde, milady. – Ela curva a cabeça para cada um de nós enquanto deixa as roupas em uma cadeira próxima.

– Obrigada – digo, pouco antes de ela sair. Meu olhar pousa nas roupas. – Você guarda roupas do meu tamanho por aí?

– Eu não questiono Rewina quando se trata de administrar meus guarda-roupas. Falando nisso... – Ele se levanta e se vira para a entrada do escritório. – Vou te dar privacidade para se trocar. Bata quando terminar.

Ele some antes que eu possa dizer qualquer coisa. Relutante, eu me levanto e fulmino a porta com o olhar. Mesmo sozinha, sinto que os olhos do mundo – os olhos *dele* – estão sobre mim, enquanto seguro a barra da camisa e a puxo sobre a cabeça. Todo meu corpo ainda está dolorido.

Usando a tigela e o pano, tento terminar de me limpar o máximo possível antes de vestir as roupas novas. São simples, de repouso. Seda macia da cabeça aos pés, com estrutura suficiente para eu não sentir que estou comicamente malvestida. Mas também... ainda estou vulnerável.

– Eu teria preferido o couro ou os veludos rígidos que você deixou no guarda-roupa do meu quarto – anuncio ao abrir a porta.

Kaelis se vira do que estava inspecionando na mesa, rapidamente abaixando a mão da boca. Ele estava roendo as unhas? O ato parece tão atípico para alguém sempre tão controlado.

– Aposto que Rewina achou que você ficaria mais confortável assim, considerando seus ferimentos.

– Ferimentos curados, graças a você. – Eu o sigo de volta à área de estar, escolhendo o sofá limpo. Kaelis também. Não o culpo por isso. Mas havia cadeiras como alternativas para não sentar ao meu lado... claro, estão mais longe da comida. *Por que estou pensando tanto na proximidade dele?* – Sério, eu poderia ter ficado com as outras roupas. Os Vinte sabem que eu já vesti coisa pior.

Kaelis pega outra uva, mas, em vez de enfiá-la na boca, gentilmente a pressiona contra a minha. Fico chocada demais para protestar.

– Pare de resistir, Clara, e aceite minha gentileza. Seria uma pena desperdiçá-la; eu a ofereço a pouquíssimas pessoas. – Ele se volta para a bandeja, e não consigo ler sua expressão direito em perfil. – Além disso, você não vai ter que "vestir coisa pior" de novo. Não enquanto eu estiver por aqui.

– Você não tem que fazer isso.

– Mas eu quero. – Kaelis me encara. – Considere-se *sortuda.*

Não consigo segurar uma risada. *Vou aceitar essa sorte.*

– Quem te ensinou sobre as cartas? Sua mãe? – pergunta ele casualmente enquanto pego mais comida.

Minha mão congela no ar. Todas as suspeitas que já tive sobre o príncipe retornam.

– Como você sabe sobre minha mãe?

– Você tinha comentado que foi ela que disse para você pôr "uma parte de si mesma" nas cartas. Inteligente, embora duvide que ela estivesse falando de forma literal. – Ele não parece perceber o pânico que essas palavras disparam em mim.

Pego um dos sanduíches enormes, me levanto e anuncio:

– É melhor eu voltar para o dormitório. Minha colega de quarto já desconfia o suficiente de mim.

– Clara...

– Obrigada por tudo, Kaelis – murmuro, e dou uma mordida grande no sanduíche.

– *Clara.* – Ele diz meu nome como um comando... ou uma súplica.

– Ninguém vai me ver sair. Conheço o caminho. – Ele não me impede quando atravesso seu closet e corro até a porta dos fundos para entrar nos túneis.

É só quando estou quase de volta no dormitório, o sanduíche terminado há tempos, que percebo que não estou olhando por cima do ombro para ver se Kaelis está me seguindo... nem Eza ou qualquer outra ameaça. Pela primeira vez, percebo que seus aposentos são o único lugar na Academia em que me sinto segura. Que o príncipe Kaelis, de todas as pessoas no mundo, por motivos que não quero investigar, é um bálsamo para os meus nervos à flor da pele.



Faço questão de não perder o jantar na noite seguinte, e o tempo todo sinto os olhos de Kaelis sobre mim. Comer nas mesas centrais do salão, com os outros iniciados, cada vez mais me faz sentir como um animal enjaulado. Todo mundo está sempre observando todo mundo, avaliando-se mutuamente.

Mas eu poderia ignorar mil encaradas como se fossem pouco mais que olhares de relance – exceto pela *dele*. A atenção de Kaelis carrega consigo o peso do mundo. Seu olhar fixo enche minha mente com a lembrança do meu nome em seus lábios.

Ele diz meu nome como um comando. Como uma súplica...

As conversas oferecem uma distração mínima, mas me envolvo nelas mesmo assim. Não esperava fazer amigos aqui, mas preciso admitir que me afeiçoei às piadas de Sorza, à preocupação de Luren, às opiniões inesperadamente atenciosas de Dristin e até ao ceticismo irônico e constante de Kel.

Levo dois dias até estar pronta para voltar ao refúgio dos Maiores. Toda tarde digo a mim mesma que irei, mas sempre acho uma desculpa. Luren

pediu ajuda... Eu tive que repintar as cartas que usei na luta com Eza... Eu quero correr pela fortaleza e treinar os músculos...

Mas são só desculpas.

À noite, consigo sentir Eza apertando meu pescoço tão visceralmente quanto sinto a caneta de Glavstone perfurando minha mão. Eles se revezam nos meus pesadelos; a semelhança familiar nas mandíbulas duras e olhares afiados agora é inegável. Eu mal durmo, apesar da cama confortável. Saber que Alor é aliada de Eza e que está *bem do meu lado* só piora as coisas. São como minhas primeiras noites em Halazar – em que eu ficava acordada, com medo do que os guardas poderiam fazer se por acaso me encontrassem dormindo.

No terceiro dia, decido voltar para o quarto mais cedo, sabendo que Alor não estará lá. Posso me despir com calma do meu traje diurno e vestir uma calça de couro elegante e uma camisa de seda simples. Com calma, repasso todas as minhas cartas – até as que eu não deveria ter – e as guardo no baralho que prendo à coxa. Preparo uma bolsa de suprimentos de pintura e a jogo sobre o corpo, depois subo na cama e puxo as cobertas até o queixo, ficando de costas para o lado de Alor do quarto.

Caio em um sono leve, acordando imediatamente quando Alor retorna, mas não me mexo. É uma agonia ouvir os movimentos da sua rotina noturna. Os lençóis deslizam. Espero até sua respiração estar regular antes de me virar.

Ela está de costas para mim e não se move quando eu me viro. Seu peito sobe e desce consistentemente. Afasto as cobertas. Minhas botas pisam no chão sem fazer barulho, e sigo em silêncio até a porta. As dobradiças e o ferrolho se abrem e fecham com um mero sussurro.

A área comunal dos iniciados está vazia a essa hora, mas a área comunal das quatro casas não. Assim que apareço, Kel me chama.

– Achei que você tivesse ido dormir mais cedo? – Quando ela fala, sinto todos os olhos sobre mim.

– Estou com dificuldade pra dormir. – Vou até onde ela está sentada com Sorza. – Queria ver se um certo príncipe não está disponível pra me reconfortar.

– Que nojo – diz ela, com um sorriso agradável.

– Ah, vai – repreende Sorza, bem-humorada. – Se Clara quer tomar péssimas decisões de vida, isso não é da nossa conta.

– Vocês duas são as melhores amigas do mundo – digo, seca.

– Nunca se esqueça. – Sorza pisca um olho para mim.

– Estou feliz que você finalmente reconhece minha grandeza – diz Kel, afetada, afundando de volta na cadeira. E acrescenta bem alto: – Agora, não deixe a gente te impedir de visitar os aposentos do príncipe num horário extremamente suspeito.

Revirando os olhos, eu saio. Só pareço exasperada. Qualquer coisa que faça as pessoas acreditarem que Kaelis e eu somos um casal de verdade vale a pena.

A Academia e suas passagens infinitas já são familiares a essa altura. Chego depressa ao quarto afastado de Silas e dou umas batidinhas à porta.

– Silas, sou eu, Clara. – Eu me preparo mentalmente.

– Clara. – Ele solta um suspiro alto ao me ver. Sem aviso, sou apertada em um abraço esmagador e me tensiono de imediato, pensando na conversa com Kaelis. Nas suspeitas que têm girado em minha mente nos últimos dias. – Eu estava preocupado com você. Depois que Eza...

Silas afrouxa o aperto devagar. Há uma familiaridade no jeito como ele me segura. Ele não tem pressa em me soltar, então sou eu que inicio a separação. Tento não parecer desconfortável, mas é difícil quando estou examinando seu rosto e me perguntando se foi *ele* que levou à minha captura.

– Você ouviu falar?

– Eu estava indo te ver. Mas aí... sinto muito por não ter ajudado. – Ele desvia os olhos e me solta. – Eu queria, mas...

– Você tem que continuar escondido. – Inicio contato, encostando em seu braço com a ponta dos dedos, esperando que o movimento alivie quaisquer suspeitas. Isso traz seu olhar tempestuoso de volta ao meu, e tento dar um sorriso encorajador. – Não tem problema, não estou aborrecida. Eu sei me cuidar.

Pelo suspiro que solta, ele não está convencido.

– Eu queria poder ter feito mais que chamar o príncipe Kaelis.

– Você falou com Kaelis? – *Mas ele me disse que...*

– Eu o encontrei nos corredores, convenientemente indo naquela direção, na verdade. – Silas assente, sem perceber que confirmou a alegação de Kaelis de que estava procurando por mim.

– É a Kaelis que você serve?

Ele inclina a cabeça de leve, e imediatamente sei que a pergunta foi direta demais.

– Eu sirvo à Coroa.

Não era o que eu queria ouvir, Silas... Dividida sobre o que vim fazer aqui, lembro que me decidi e digo:

– Bem, você pode se redimir me ajudando esta noite. Pode me levar de volta à casa dos meus amigos na cidade?

Ele fica tenso e eu espero. Apesar do conflito em seu olhar, sei que vai dizer sim. Sua culpa por causa de Eza vai...

– Você não deveria ir. Não é seguro para você sair da Academia.

– Não há nenhum lugar mais seguro para mim do que com minha família – garanto a ele. Mesmo que não saiba se posso confiar em Silas, ele já sabe sobre a mansão na cidade e não tenho outro jeito de sair da Academia. Até ter provas, é melhor manter minhas suspeitas em segredo. Eu posso estar errada, e não quero arruinar uma aliança e uma amizade fundamental sendo precipitada. – E é justamente porque não é seguro que preciso ir. Eu considerei os riscos, prometo.

Ele inspira devagar e exala em concordância. Entramos no seu quarto e voltamos à sua mesa. Assim como da última vez, ele coleta suprimentos de pintura e duas cartas com a Carruagem já pintada.

Silas estende a mão para mim e, em um piscar de olhos, escuto um relincho e estamos parados na entrada da casa.

– Vá na frente e pinte na sala de estar antes de chegarmos lá – digo. Silas não teve permissão de entrar na sala da última vez, então não viu o cômodo. O que significa, acho, que seria um lugar "novo" conforme as regras da carta dele. Sua falta de objeção confirma minhas suspeitas. – Vou acordar o pessoal enquanto isso.

Ele assente e segue para os fundos da casa.

Ao contrário da última vez, não há nenhuma vela ou lamparina acesa. Lentamente subo as escadas em uma escuridão quase completa. A casa é tão afastada da rua principal que a luz dos lampiões não alcança suas janelas. O segundo andar é idêntico ao primeiro – metade escada, metade corredor com portas. Todas fechadas. Todas silenciosas.

Exceto por uma. Lá no fundo, um finíssimo feixe de luz atravessa o piso. Pelo visto, não é tarde demais para os notívagos. Sigo até lá e bato de leve.

– Entre – diz Twino de dentro, sem suspeitar de nada.

Abro a porta devagar e encontro um escritório apertado – pouco mais que um closet, na verdade. Nos fundos, estendendo-se de uma parede a outra, há uma mesinha de frente para uma janela. Acima da janela está o que parece ser um sinete do Clã da Torre. *Estranho.* Provavelmente pertencia ao dono anterior. A mesa está emoldurada por estantes do chão ao teto de ambos os lados, tão abarrotadas de livros, pergaminhos e suprimentos de escrita que um suspiro errado poderia disparar uma avalanche custosa.

– Ainda varando a noite, pelo visto.

Twino se sobressalta, gira e pisca para afastar o sono dos olhos.

– Você não vai desmentir os boatos de ser um fantasma aparecendo do nada desse jeito.

– Por favor, eu sempre apareci do nada – digo, bufando. – Olha, trouxe presentes pra você.

– Presentes? – Ele ergue as sobrancelhas. Entro no cômodo para ele não ter que se levantar, espremendo-me até o seu lado. Estendo minha bolsa e Twino a põe na mesa, arquejando tão alto que poderia chacoalhar as fundações da casa. – Pra mim?

– Tudo pra você.

– Não precisava. – Seu tom está em algum ponto entre brincalhão e completamente sério.

– Eles me oferecem um bom estoque na Academia. Tenho tudo que poderia querer e mais um pouco.

– Nem Arina conseguiu tirar tudo isso de lá.

– Minha irmã ainda tem muito que aprender – falo. – Ela já mencionou mais alguém? Uma tal de Selina Guellith, talvez? – pergunto, lembrando de repente do que Kaelis disse sobre a outra aluna que desapareceu na mesma época. – Ou outra pessoa que saía escondido com ela?

– Não... – A expressão dele fica séria quando olha para mim, e sei que não é apenas porque mencionei minha irmã ainda desaparecida. – Em toda a nossa investigação, não achamos qualquer menção a outra aluna desaparecida. O que você não está nos contando?

– Às vezes eu queria muito que você deixasse algo passar despercebido.

Pego a bolsa de volta. Ele a esvaziou depressa e já está organizando todos os pós, papéis, pincéis e canetas que consegui trazer.

– Eu seria um estrategista de merda se deixasse coisas passarem, Clara. –

E nunca foi. É por isso que sempre confiei nele. – Mas obviamente tive um grande ponto cego. – Posso ver quanto isso o frustra pelo seu tom. – Então, você vai me contar ou devo adivinhar? – Ele não olha para mim enquanto fala, focado em decantar os pós em contêineres maiores e parcialmente vazios já no canto da mesa.

– O príncipe Kaelis tomou um interesse especial em mim e me deu algumas informações. Ah, e estamos noivos. – Não há por que esconder.

Twino pisca, espantado.

– "Ah, e estamos noivos" – repete ele, debochando das palavras que escolhi. – Você e o príncipe *Kaelis*? – Ele pronuncia o nome com esforço, como se estivesse em uma língua estrangeira. O barulho de organização cessa, e ele fica tenso. – É *você* a mulher de quem o nascido do vazio está noivo?

– Os boatos se espalham rápido. – Como alguém que geralmente não se importa com fofocas, sempre fico espantada com isso.

Twino foca em um ponto.

– Você está noiva do mesmo príncipe que te pôs em Halazar?

– Não foi ele.

– E você acredita nisso? – Twino me lança um olhar que sugere que eu seria tola por acreditar. Não o culpo.

– Acredito. – Fico chocada com minha convicção.

Ele parece sentir o mesmo, mas ainda exala dúvida.

– Então quem foi?

– Vou contar a todos ao mesmo tempo. Tenho informações importantes para compartilhar.

– Vou chamar o pessoal. – Twino se levanta devagar. – É capaz de se assustarem um pouco demais se acordarem e te virem do lado da cama.

Twino segue para os outros quartos e eu desço as escadas. Silas ainda está na sala, terminando a pintura. As linhas pretas secam, ficando prateadas, quando entro.

– Vocês vão usar esse cômodo de novo, imagino?

– É provável.

– Não tem problema, já acabei. – Ele começa a guardar seus suprimentos na bolsinha ao redor dos quadris. – Deve ser bom... – O sentimento é pouco mais que um murmúrio sussurrado.

– O quê?

– Ser tão próximo de alguém. – As palavras estão cheias de um anseio que não quero ouvir. *Não me faça sentir mal por você.*

– Eles são incríveis. – Eu me sento na frente dele, encarando-o, mas com gentileza. – Eu faria qualquer coisa para protegê-los.

Ele assente.

– Posso entender isso.

Jura é a próxima a acordar; nós a ouvimos na cozinha antes que enfie a cabeça pela porta.

– Olá, Clara. Silas. Essa semana temos biscoitos de canela com cobertura de baunilha.

– Sim, por favor. – É uma das melhores receitas dela.

– Posso comer um também? – pergunta Silas, tímido.

– Pode comer vários, porque eu só sei cozinhar uma porção individual ou para pequenos exércitos, não tem meio-termo. – Jura entra com uma bandeja cheia, colocando-a sobre a mesa entre nós.

Silas parece chocado e encantado enquanto pega três, depois pede licença e vai para o escritório. Mordo a língua para não dizer para ele não ir lá em cima. Não quero que suspeite de nada. Preciso continuar agindo com naturalidade.

Dentro de minutos, todos acordaram. Gregor atiçou o fogo e se encostou na cornija. Ren está meio adormecido no ombro de Twino no sofá na frente da lareira. Jura se posta ao meu lado.

– Qual é a emergência? – Apesar da hora, Bristara está impecável em seu lugar de costume.

– Tenho quase certeza de que o príncipe Ravin está por trás da minha prisão em Halazar – digo solenemente, com a voz baixa, me inclinando para a frente para que Silas não ouça nem se tiver o ouvido encostado na porta. – E eu não sei se esse lugar ainda é seguro.

Há um longo silêncio, preenchido com olhos arregalados.

Jura estende a mão para a bandeja.

– Bem, isso é uma notícia digna de biscoitos, sem dúvida.

Eu conto *tudo* a eles dessa vez. Sobre os Maiores e mim mesma. Sobre a busca de Kaelis pelo Mundo e minha intenção de roubar a carta quando a hora chegar. Para o crédito deles, todos aceitam a história fantasiosa sem grande desconfiança. Na verdade, parece fornecer uma explicação para eu conseguir fazer metade do que sou capaz.

– Agora me sinto menos mal por não conseguir pintar com qualquer pó – murmura Twino. Os demais assentem.

No final, explico por que agora acredito que o príncipe Ravin era quem estava por trás da minha prisão e como todos precisamos tomar mais cuidado do que nunca porque Silas – o homem que está na casa naquele exato momento – poderia ter sido, e ainda ser, um informante dele.

Não suporto o brilho reprovador no olhar de Bristara. O silêncio dela ao longo de todo meu relato foi ensurdecedor. Ela desconfiou de Silas desde o primeiro momento. Quero me defender e insistir que eu só estava fazendo o que achei ser melhor, o que era necessário, mas também sei que provei que os instintos dela estavam certos.

– Podemos simplesmente matá-lo agora. – Gregor estala os dedos.

– Não, Clara tem razão. É melhor não despertar suspeitas sem provas sólidas – diz Twino, relutante.

– Eu estava ficando tão confortável aqui... – Jura dá um suspiro pesado.

– É melhor saber o que pode acontecer e agir do que sermos pegos desprevenidos de novo. – Ren parece ter murchado no sofá, mas acordou de vez. – E agora, o que a gente faz?

– Com os suprimentos adicionais que Clara pode nos trazer, podemos fazer trabalhos suficientes para comprar... ou alugar... outro lugar. – Twino olha para o nada, que é sua expressão costumeira quando está calculando mentalmente as finanças do clube. – Vamos conseguir achar outro lugar em seis meses ou um pouco mais.

– Nenhum tão fácil ou confortável quanto esse – lamenta Jura. Ela olha para Bristara. – Você não conhece nenhuma outra casa abandonada por clãs nobres que podemos assumir, né?

– Infelizmente, não. Mas não sejamos precipitados. – Bristara une a ponta dos dedos. – Vamos fazer preparativos discretos, sem dúvida. Mas, até sabermos com certeza, não tomaremos nenhuma decisão imprudente. – Ela direciona o olhar penetrante para mim. – Espero que você descubra a verdade do que aconteceu e se Silas estava envolvido ou não. Quanto a todo o resto, vamos seguir em frente como sempre, por ora.

Só consigo dar outro aceno. Odeio o peso da decepção dela, sentir que os deixei na mão outra vez. A noite fatídica em que fui capturada sempre vai me assombrar. *Mas o assassino da minha mãe... Achei que era uma pista.*

– Se Silas estava por trás da sua captura e da destruição do clube... – A

atenção de Gregor está fixa na porta. – Ele é meu quando chegar a hora.

– Entre na fila – acrescenta Ren.

Os outros murmuram em concordância, e eu tenho mais uma tarefa na minha lista crescente de tarefas aparentemente impossíveis: descobrir a verdade, de uma vez por todas, do que aconteceu na noite em que fui capturada.



—Não.

Kaelis ergue os olhos para mim de trás da mesa. Não sei bem o que está fazendo, mas consegue parecer importante enquanto o faz.

Já eu assumi residência na espreguiçadeira. Coloquei uma bandeja virada para baixo sobre duas pilhas de livros para montar uma mesa improvisada, onde estou treinando a pintura do meu Maior. A lembrança do símbolo que desenhei quando lutei com Eza está no meu sangue agora – literal e figurativamente. Mas também é tão... rudimentar. Não tem floreios. Nada que realmente combinasse com uma carta desta natureza. É por isso que minha tinta ainda não ficou prateada. Posso sentir que a carta demanda mais para que eu de fato domine sua magia, e estou determinada a ficar à altura dela.

Priss está enrodilhada ao meu lado, um pouco ofendida por eu não parar de cruzar e descruzar as pernas, tornando meu colo uma cama inviável. Coço o queixo dela de vez em quando, com a mão livre, para tentar mitigar sua ira peluda.

– É o que mais faz sentido, e você sabe disso. – O plano que sugeri é bom. Kaelis suspira de um jeito que me diz que ele também sabe. – Você

disse que seu pai *nunca* mostra as cartas a ninguém, mas também tem certeza de que nunca sai sem elas. O único jeito de ele nos dar uma pista sobre onde as mantém no corpo é dando uma carta nova para ele. Com sorte, vou ter um vislumbre das outras quando ele a guardar. – Se o rei Oricalis é tão paranoico sobre as cartas que tem, vai querer guardar uma nova imediatamente. Espero.

– E se você não conseguir? Ele fica com outra carta dourada. – Kaelis encosta a ponta dos dedos nas têmporas, apoiando a cabeça, e me lança um olhar capaz de fazer tinta descascar. – É o oposto do que queremos.

– Eu vou roubá-las no Banquete de Copas, não vou? – Dou de ombros e me recosto nas almofadas. Priss não perde tempo e logo aproveita a abertura no meu colo. – Que diferença faz ter mais uma carta para forjar e roubar?

Kaelis aponta sua pena para a companheira de quatro patas quando eu dou uma boa esfregada ao redor do rosto.

– Oportunista. Traidora.

– Não fique amargurado só porque ela gosta mais dos meus afagos. Né, Priss? – Faço mais um carinho nela e me volto para Kaelis, pegando um sorriso fugaz dirigido à gata, antes que fiquemos sérios de novo. – Se tem uma carta falsificada que vou conseguir fazer, é a minha. – Eu daria uma falsa para ele de toda forma, mas estive tão focada em criar minha própria carta que nem tentei descobrir como criar falsificações do restante do lendário tarô Maior. – E se não conseguir roubá-las no Banquete de Copas, não importa se seu pai tem uma ou cinco cartas.

Kaelis esfrega o rosto, contendo um grunhido. Seu cabelo fica ainda mais bagunçado que o normal enquanto corre os dedos por ele, os mesmos dedos que estremecem quando os afasta da boca para não roer as unhas – um hábito que comecei a notar nas últimas semanas.

– É minha melhor oportunidade de ver as cartas em vez de inventar um motivo para eu estar perto do seu pai de novo depois do Dia de Ouros.

– Eu sei. – Ele suspira e dá um soquinho na mesa com a lateral do punho. – Eu sei... mas meu pai está disposto a matar para manter essas cartas em segredo. – A atenção dele se volta para mim; seu olhar poderia cortar diamantes. – Você confia nessas pessoas?

Ele se refere aos membros do clube. Mencionei que estou considerando envolvê-los no trabalho. A última vez que trabalhei sozinha, fui pega. Não vou cometer o mesmo erro.

– Com a minha vida e mais ainda. Além disso, eles conseguiram frustrar seu irmão uma vez, sobrevivendo e fugindo do ataque dele ao Clube dos Malfadados, algo que nem eu consegui fazer.

Tive que contar a Kaelis que achei um jeito de sair da Academia para planejar com o clube, mas ele não pediu muitos detalhes. O diretor parece satisfeito em permanecer deliberadamente ignorante no que se trata de quando e como estou quebrando as regras. O que é bom, porque, se ele perguntasse, eu mentiria para proteger Silas.

– E eles têm as habilidades de obter essas cartas, se meu pai não as mostrar a você? – pergunta Kaelis, levantando-se devagar.

– Acho que sim. Não é a primeira coisa perigosa que fariam.

Eu me foco em Priss por um momento para evitar a culpa avassaladora que se segue à declaração. Sei que os coloquei em perigo. E ainda preciso que Bristara concorde com isso.

– Será a coisa *mais* perigosa que eles já fizeram. – Kaelis vem até mim.

– Eu sei – digo suavemente.

Ele para na frente da mesa improvisada. Sem dizer nada, pega o papel em que eu estava rabiscando. Seus olhos pousam nos meus, quase como se ele estivesse pedindo permissão para olhá-la. Não me mexo, exceto por continuar acariciando Priss. Ele ergue o papel e o estuda.

– Lindo. – O sentimento por trás da palavra é profundo.

Eu nunca vi ninguém admirar algo que criei do mesmo jeito que Kaelis. É como se os segredos do mundo estivessem envoltos nas minhas linhas rústicas e pintura apressada. Como se ele estivesse completamente fascinado.

Queria que alguém olhasse para mim desse jeito. O pensamento rebelde me faz baixar o queixo para Priss, em vez de olhar para Kaelis. Faz tanto tempo, tempo demais, desde que algo assim aconteceu comigo. Primeiro estive ocupada em manter Arina e eu vivas, depois em me provar para Bristara. Liam foi um acidente, um erro que nunca deveria ter acontecido. É perigoso demais me envolver com qualquer um fora do clube, e decidi que não dormiria com as pessoas com quem trabalho. O que agora inclui Kaelis...

– Certo. – Kaelis abaixa o papel com outro suspiro pesado e se vira para a janela do outro lado da mesa. – Vamos seguir com o seu plano.

– Tem certeza? – Se ele não estiver totalmente convencido, não quero

avançar. É uma receita para sabotagem.

– Não. – Ele cerra os punhos atrás das costas enquanto endireita a postura, como se cada músculo no corpo estivesse se tensionando. – Odeio a ideia de o meu pai ter outra carta... a *sua* carta. – O jeito como diz isso, virando um pouquinho para me encarar, sugere que a segunda parte pode ser ainda mais desagradável para ele do que a primeira. – Mas você está certa, é a melhor abordagem. A melhor que temos. E... eu tenho fé em você. E, como você confia neles, tenho fé nos seus amigos também.

A última confissão me deixa completamente paralisada. Seu tom caloroso é tão estranho que imediatamente ergo a guarda. Na ausência de outras respostas, a arrogância se torna minha defesa.

– Concordo. Meus planos *geralmente* não fracassam.

– Vamos torcer para termos a sua sorte, em vez da minha. – O sol está se pondo atrás dele, contornando-o com uma aura dourada. Pela primeira vez, ele parece tocável. Cálido. Humano. – O salão principal está longe e temos pouco tempo. Que tal jantar aqui comigo? Você pode continuar trabalhando. A mesa de jantar nos meus aposentos seria melhor, de toda forma; você teria mais espaço.

– Claro. – A palavra escapa dos meus lábios antes que eu possa pensar demais no assunto.



Nesta manhã, em vez da sala de lançamento, o professor Thornbrow nos levou a um dos telhados da Academia. É uma das torres maiores, então temos espaço de sobra para nos espalhar e praticar. Como estamos muito próximos do Dia de Ouros, esses ensaios para os testes que vamos enfrentar parecem muito mais reais.

Supostamente, é nesse telhado que vamos duelar nos Desafios do Três de Espadas, o que parece ter deixado todo mundo meio tenso.

Luren está diante de mim. Nós nos preparamos. Ela embaralha suas cartas pela sétima vez.

– Você não pode ter medo das suas próprias cartas – digo baixinho,

olhando na direção de Vaduin. O professor está no lado oposto do telhado circular. – Você as *fez* com sua própria magia.

– Minha pintura não é das melhores. E se...

– E se tudo correr perfeitamente bem e você for a melhor lançadora de cartas que já pisou na Academia?

Arqueio as sobrancelhas e lhe dou um olhar significativo.

– Você sabe que não é o caso. – Luren suspira. – Se tem alguém assim, é você.

– Quatro de Copas, Luren. – Endureço meu tom e olhar.

Pelo canto do olho, vejo Vaduin continuar sua ronda na nossa direção. Ele está implacável hoje, exigindo que todos treinem só com Três e Quatro.

– Eu não quero...

– Agora – interrompo. Então acrescento, mais gentil: – Por favor.

Pelo seu bem. Se Vaduin a forçar, vai ser bem pior do que eu.

Com os dedos trêmulos, ela puxa o Quatro de Copas do baralho. Eu me impeço de censurá-la por não o convocar com magia. Sacar a carta já é um avanço. Ela devolve o baralho ao bolso enorme do seu casaco de lã e estende a carta.

Luren fecha os olhos e a carta estremece como uma folha na brisa outonal que refresca nossas nucas. Sinto o momento em que a magia se ergue. Mas é demais, selvagem e descontrolada. A tinta na carta muda, como se estivesse viva – senciente. Uma camada de gelo a recobre e chia no ar. Enquanto o gelo desaparece da superfície da carta, uma nova imagem aparece.

É parecida com a antiga, mas sutilmente diferente: o que estava para cima agora está para baixo.

A carta se inverteu.

– Luren!

Seu nome sai em um arquejo. Corro para a frente, lançando um Ás de Espadas. Provavelmente é em vão. Um Ás não resistiria a essa magia. Mas tento mesmo assim, embora saiba que é tarde demais.

O gelo explode da carta com um clarão de magia. Como um gêiser de inverno, encharca metade da turma, cascatas gélidas caindo das beiradas do telhado. O Ás de Espadas que estava pairando sobre minha palma se desintegra. Tensiono os músculos, girando o corpo e protegendo meu baralho. Outros alunos não têm a mesma sorte – a força os faz sair voando,

como Luren. Grunhidos e gritos frustrados se erguem quando veem os baralhos arruinados.

Assim que a explosão cessou, corro até ela. Gelo cobre seus lábios, fazendo seus dentes baterem, e tenta fundi-la com o telhado de pedra.

O Ás de Paus pula do meu baralho e se torna uma língua de chama que paira acima dela, lutando contra a magia descontrolada de gelo que tenta desacelerar seu coração e pôr fim à sua vida. Sem aviso, sou empurrada para longe.

– Mova-se – diz Vaduin, bruscamente.

A Rainha de Copas está pairando sobre seu ombro. Retiro minha chama e me afasto, dando espaço para ele. Minha magia pareceu estabilizar Luren só o suficiente para que o trabalho de carta habilidoso de Vaduin a consertasse. O gelo recua e os olhos de Luren se abrem devagar, tremulando.

– O que...

– Sua incompetência quase matou você e metade da turma, foi isso que aconteceu – rosna Vaduin.

– Não foi culpa dela – disparo. – Ela não estava pronta para aquela carta.

– Era um Cinco ou menor? – A atenção dele vira para mim.

– Ela não estava...

– Era um Cinco ou menor? – O professor está sem paciência hoje.

– Sim – responde Luren, sentando-se com a cabeça curvada em vergonha. – Quatro de Copas.

– Uma carta que qualquer primeiranista deveria ser capaz de usar sem perder o controle. – Vaduin assoma sobre ela. – Como você conseguiu sobreviver ao Cálice Arcano? – pergunta, embora tenha estado lá e saiba que todos lutamos pelo nosso lugar.

Antes que Luren possa responder, Sorza grita:

– Professor, *professor*!

Vaduin gira a cabeça, focando-se em outro ringue de duelo próximo, onde Sorza e Kel estavam treinando. A segunda está no chão, com Sorza curvada sobre ela. Pingentes de gelo perfuram o corpo de Kel. Sangue se empoça ao redor dela, misturando-se com as poças d'água e infiltrando-se entre as pedras do telhado.

– Kel – chama Luren, engasgada, e praticamente dá um salto na direção da amiga.

Vaduin a empurra para trás, jogando-a no chão. Luren ergue os olhos

para ele, piscando, ainda atordoada.

– Você já fez mais que o suficiente – dispara ele, correndo até Kel.

– Kel. – O nome estremece nos lábios de Luren.

Envolvo um braço ao redor dela, sem saber o que dizer ou fazer.

– Eu... eu... – Lágrimas silenciosas escorrem pelo rosto de Luren enquanto encara o corpo imóvel da amiga. – Ela se inverteu. Como pôde... como... – As palavras vão morrendo.

– Dristin – chamo, e ele vem correndo até nós. – Fique com ela.

Com um aceno, Dristin faz o que peço e vou até onde Vaduin está debruçado sobre Kel. Sorza foi afastada. Ela não se move – só está assistindo, de olhos arregalados, horrorizada.

Há clarões de magia enquanto Vaduin usa uma carta após a outra. Nada funciona. Os floreios e faíscas do tarô escorrem sobre o corpo frio de Kel. Ela está horrivelmente imóvel.

– Me deixe ajudar – sussurro, sem saber o que posso fazer. Vaduin nem reconhece minha presença. Digo, mais alto: – Me deixe ajudar.

– Não tenho tempo para sua insolência, Clara Redwin. – O professor ainda não me encarou, mas menos cartas voam do seu baralho e ele está ofegante.

– Eu posso...

Vaduin se ergue e de alguma forma parece mil vezes mais alto. Olha para mim de cima e então para o corpo sem vida de Kel.

– A não ser que você tenha alguma carta especial que possa trazê-la de volta dos mortos, não há nada que possa fazer.

À palavra "mortos", Luren solta um uivo. Curva-se ao meio, apertando o estômago, e vomita.

– A aula acabou. Dristin, leve Luren à clínica. Os outros, saiam da minha frente. – Os iniciados começam a se mover.

Luren grita, arranhando o ar como se tentasse se agarrar a paredes imaginárias enquanto Dristin a puxa para longe.

– Kel. Kel! Deixe-me vê-la! Eu a matei. Eu a matei. *Eu a matei!* – Seus uivos são piores do que os gritos dos moribundos em Halazar.

– Dristin, solte-a – digo.

– Leve-a à clínica – dispara Vaduin.

Meu corpo inteiro tem um espasmo quando me viro para o professor, aprumando os ombros.

– Ela tem o direito de se despedir da amiga.

– Ela vai para onde eu mandar – rebate ele, praticamente rosnando. – Dristin, agora. Os demais, *sumam daqui.* – Os comandos são ríspidos, e todos se retiram silenciosamente. Sorza se ergue do chão e começo a ir até ela. Vaduin me para. – Você não. – Eu olho feio para ele, o que só aprofunda sua careta. – Você vai passar a tarde comigo. Não vou tolerar desrespeito.

Sorza me lança um olhar hesitante pelo canto do olho, mas acaba seguindo o restante da turma, ficando do lado direito de Luren. Dristin está do esquerdo. Saber que os dois estão cuidando dela é a única coisa que me mantém calma diante do comando de Vaduin.

Somos só eu e ele agora. Ele não me diz o que fazer, então só fico parada enquanto ele volta à porta do telhado e chama três funcionários de túnica, que silenciosamente coletam o corpo de Kel e a carregam sem cerimônia de volta para a Academia.

Eu já vi minha cota de morte. E, embora conhecesse Kel melhor do que a maioria dos alunos aqui, ela não era uma amiga querida. Não como era para Luren. Talvez seja a dor que sei que Luren está sentindo que torce minhas entranhas em nós doloridos.

Ela perdeu a única pessoa em quem confiava...

– Luren nem pôde se despedir – sussurro.

– Basta! – exclama Vaduin, brusco.

– Luren perdeu sua única companheira aqui e...

– Só porque não conseguiu controlar a própria magia.

– Isso não foi culpa dela. – Estreito os olhos.

Algo no olhar de Vaduin me deixa preparada para um golpe. Seus olhos verdes estão incandescentes de raiva, mas ele mal se move.

– Talvez ela aprenda a controlar melhor sua magia agora que presenciou o custo de não o fazer.

– Você é um monstro. – Eu nem me importo com o que ele pode fazer comigo. Já sofri pior.

– Eu sou um professor que perdeu uma aluna! – Vaduin se aproxima tão de repente que não consigo recuar rápido o bastante. Mágoa transborda de sua voz. Uma dor que eu não esperava ouvir dele. Como se ele... *se importasse.* – Já que você sabe tanto, Redwin, me conte o que acontece quando um Arcanista usa uma carta invertida?

– Fica mais propenso a fazer isso de novo.

– *Fica mais propenso a fazer isso de novo* – repete ele no segundo em que terminei. – Você está certa, eu queria que Luren sofresse porque ela precisa conhecer essa dor. Caso contrário, vai ferir outras pessoas e provavelmente morrer quando sua magia se inverter de novo.

É insensível. Até cruel. Mas também... justo, a seu próprio modo.

Talvez Vaduin seja mais parecido com Kaelis do que eu imaginava; ambos parecem se importar bem mais do que demonstram.

– Agora, limpe o sangue. Você estará dispensada quando não sobrar uma gota sequer.

Estendo a mão para meu baralho.

– Assim não. – Ele aponta para a entrada, onde um balde, um pano e um escovão foram deixados. – Sem magia. Para você ter tempo de sobra para pensar em todos os motivos por que deveria obedecer. Sobre como você pode não saber de tudo.

Sustento seu olhar por mais alguns segundos. Vaduin está inflexível. Então sou eu que cedo. Sem dizer nada, faço o que ele manda. Pego o balde e começo a esfregar.

Horas se passam. A pedra é porosa, e Vaduin não tem pressa em me trazer baldes frescos. Por um tempo, só fico movendo o sangue de um lado para outro. Mas não reclamo. De certa forma, o ato parece uma vigília. Vaduin se encosta em uma das colunas que apoia uma pérgula sobre a entrada e fica assistindo.

Só quando começo o quarto balde uma centelha estranha capta minha atenção. Não é um mero reflexo do sol na água ensanguentada nem um grão de quartzo na pedra usada para construir a Academia. É um pequeno caco do que quase parece ser vidro colorido. Exceto que há uma pequena fisgada de magia que alfineta a ponta do meu dedo, como uma agulha enfiada até o osso.

Com uma careta, agito o dedo para dissipar a dor e olho na direção de Vaduin. Ele continua me assistindo. Se notou o movimento, não diz nada. Volto a esfregar. Há alguns outros cacos estranhos, todos de um tom verde-azulado idêntico. Todos que disparam uma fisgada de magia. Algo a ver com a carta invertida, talvez? Parece provável... Eu nunca encontrei uma carta invertida, então só posso dar um palpite. Duvido que Vaduin vá responder se eu perguntar.

E sei que a próxima pessoa que sai no telhado não vai querer falar sobre

cartas invertidas.

– O que está acontecendo aqui? – A voz de Kaelis desliza no vento, tão perigosa quanto uma víbora. Seus olhos faíscam quando ele se vira de mim para Vaduin.

– Estou ensinando um pouco de respeito a ela. Precisa aprender a importância de limpar a própria bagunça.

– Minha noiva não vai ficar de quatro limpando o chão – diz Kaelis, furioso, e começa a vir até mim.

– Não. – Eu me sento nos calcanhares. – Vossa Alteza, com todo o respeito, não.

Quero ir embora, mais do que tudo. Quero seguir Kaelis até seus aposentos e desabar no sofá dele na frente da lareira enorme. Perguntar gentilmente se Rewina poderia me trazer uma xícara de uma bebida quente para afastar o frio de morte dos meus ossos. Talvez até fosse ousada a ponto de roubar o banheiro de Kaelis, que é muito, muito mais confortável do que qualquer coisa disponível aos iniciados, por um banho muito necessário. Mas não posso fazer isso.

– Está vendo, é disso que estou falando. – Vaduin aponta para mim. – A audácia dela de...

– O professor Thornbrow me deu uma tarefa, diretor – interrompo, ainda falando com Kaelis. Seus olhos não se afastaram de mim. – Pretendo cumpri-la.

Kaelis retorce os lábios, mas então seu rosto relaxa em uma expressão neutra antes que Vaduin possa ver sua frustração momentânea.

– Tudo bem.

Vaduin estreita os olhos para mim. Ele não pode discutir. Estou lhe dando exatamente o que quer.

Mesmo que signifique ficar aqui a noite toda.

Kaelis vai embora.

A lua está se erguendo quando a última gota de sangue é removida da pedra. Kel se foi em um instante, seu corpo carregado como mera bagagem, mas levei horas para limpar o que restou dela. E, no fim, foi uma honra oferecer um serviço parco em memória dela. Luren provavelmente vai precisar de muito mais tempo para lavar as mãos do que aconteceu aqui hoje.

Vaduin e eu já perdemos o jantar a essa altura. Assim que a última gota

de água seca na brisa noturna, eu me levanto, me alongo e sigo na direção dele, olhando para baixo. Ele se sentou há tempos.

Não há agradecimento, mas também não ouço nenhum comentário mordaz. Ele não diz nada enquanto eu entro na Academia.



Luren demora três dias para voltar às aulas. Ela não diz uma palavra – só aparece certa manhã, em sua mesa na aula de pintura, calada e compenetrada. Não deixo de ver como os outros iniciados a fitam com cautela, perguntando com sussurros altos: "De que adianta pintar se suas cartas se invertem?" Eu os silencio com um olhar fulminante. Luren nem ergue os olhos.

Quando tento me aproximar depois da aula, ela foge depressa.

Mais tarde, no jantar, Sorza encara as duas cadeiras vazias ao meu lado e pergunta:

– Você a viu em algum momento esta tarde?

Não preciso perguntar de quem está falando.

– Não.

– Eu também não. – Dristin suspira e aperta a ponte do nariz. – Mas provavelmente é melhor que ela não esteja por perto. Ouvi um pessoal comemorando que não só uma, mas duas iniciadas estavam fora da competição, já que Luren está "basicamente num coma".

– Desgraçados – murmura Sorza.

Estou inclinada a concordar com ela. Quem quer que tenha dito isso tem

sorte que foi Dristin quem ouviu e não eu.

– É melhor encontrarmos Luren – digo, me levantando.

Os outros dois abandonam suas refeições sem hesitação. Juntos, vamos para os dormitórios. É fácil achar o quarto de Luren – todos os nomes estão nas portas –, mas meu coração se aperta quando vejo as plaquinhas.

O nome de Kel está embaixo do dela.

Troco um olhar com os outros dois e bato, mas não há resposta. Então abro sem convite. Há dois baús no quarto, um perto de cada cama. Luren está sentada na beirada da sua, no escuro, olhando pela janela. Não percebe a nossa presença. Nem se mexe quando me aproximo.

Seus olhos estão vermelhos e inchados, mas as bochechas estão secas. Imagino que já verteu todas as lágrimas que tinha e mais um pouco. Conheço bem demais a sensação.

Luren ainda não se move quando me sento ao lado dela. Sorza senta-se do outro lado. Dristin fecha a porta e se encosta no guarda-roupa.

– Achei que seria mais fácil se nossas coisas estivessem arrumadas. – Sua voz é desprovida de emoção. – Mas eles ainda não vieram pegar as coisas dela para levar para a família. Eu... – Ela engasga nas palavras. – Eu escrevi uma carta explicando o que aconteceu. Eles merecem saber.

Ao longo dos meses, à medida que as conhecia melhor, descobri que minha suspeita inicial estava certa: Luren e Kel cresceram juntas. Eu as via praticamente terminando as frases uma da outra. Só posso imaginar o que diz a carta no baú de Kel.

– Aonde *você* vai? – pergunto suavemente.

– Aos moinhos.

– Luren... – Sorza não sabe o que dizer.

Um sorriso amargo cruza os lábios de Luren – um sorriso resignado. Ela fecha os olhos.

– Minha magia se voltou contra mim. Eu sei o que acontece com Arcanistas quando uma carta se inverte... Você não pode continuar vivo, senão pode causar algo como o Clã do Eremita.

– O Clã do Eremita aconteceu porque... – Sorza se cala, os olhos pousando em mim como se tivesse medo da minha opinião sobre o príncipe. Como se eu já não soubesse o que é dito sobre ele. Ainda assim, este não é o momento para abordar o assunto, então não a corrijo nem

intervenho, permitindo que complete: – Ninguém sabe o que aconteceu com o Clã do Eremita. Não com certeza.

– Primeiro é uma carta, depois muitas. – Luren suspira. – Quando sua magia azeda, ela nunca volta.

– Isso não é verdade – insisto.

– Clara tem razão. Arcanistas são valiosos demais para os clãs abrirem mão de nós por qualquer coisa – diz Dristin, pragmático. – Eles não vão te matar por um único erro. Teria que ser recorrente. E existem muitas histórias de Arcanistas que só tiveram uma carta invertida.

Luren enfim se move. Ela vira a cabeça devagar, quase mecanicamente, enquanto olha para Dristin. Nunca vi sua expressão tão fria.

– Foi mais do que um "erro". Kel está morta.

Um silêncio pesado paira no quarto quando a última palavra é pronunciada.

– Mesmo assim, você não pode desistir. – É Sorza quem tem a coragem de falar primeiro. – Não pode só apresentar os pulsos para eles e andar até os moinhos.

– De que importa? – Luren se vira para ela. – Nenhuma Casa vai me querer agora. Eu vou ser mandada para os moinhos o que quer que aconteça. Ou agora, por vontade própria, ou mais tarde, quando não ganhar uma moeda no Dia de Ouros. Posso muito bem já aceitar a Marca e acabar logo com isso.

– Você tem poder para usar – diz Sorza, otimista. – Superou o Cálice Arcano.

Luren deixa a cabeça cair.

– Só porque trapaceei.

Nós três trocamos um olhar confuso. Sou eu que digo o que todos estamos pensando:

– É impossível trapacear no Cálice. Ele só pode ser conquistado por mérito próprio.

– Não é verdade – protesta Luren. – Eu consegui pôr as mãos em um baralho e fiz algumas leituras antes de vir à Academia.

– Onde você arranjou um baralho? Não deveria ter acesso – diz Dristin, sempre o nobre atento às regras.

– Eu trabalhei em um clube na Cidade do Eclipse por um tempo. Eles faziam leituras para a nobreza lá.

– Ler para si mesma deveria ser ilegal. – Dristin franze a testa.

– O que está feito, está feito, e a não ser que você pretenda delatá-la aos fiscais... – deixo a declaração no ar, lançando um olhar significativo para Dristin.

– Claro que não! – Ele parece horrorizado com a mera sugestão, o que me deixa aliviada. – Eu nunca faria isso com Luren. Só quis dizer que é surpreendente... – Ele desvia o olhar, ajeitando os óculos.

– Qual era o nome do clube? – pergunto a Luren, por curiosidade.

– O Clube dos Videntes – responde ela. Eu devia ter adivinhado. – A nobreza falava sobre qualquer coisa como se eu nem estivesse lá, incluindo coisas que não eram destinadas aos meus ouvidos. Os alunos que apareciam nas férias de inverno também. Especialmente se eu mantinha suas taças cheias e os peitos de fora.

É um lado de Luren que nunca imaginei. Eu aplaudiria a ousadia, mas não é hora para isso.

– Você descobriu sobre o teste no Festival do Fogo por meio dos alunos e nobres, então fez uma leitura para saber como seria – resumo.

– Ainda não estou entendendo – diz Sorza. – Como fazer uma leitura te ajudou a "trapacear" no Cálice? As leituras dizem apenas o que *pode* ser, não o que *será*. No melhor dos casos você tinha uma ideia geral, mas isso está longe de ser trapaça.

– Pense na teoria por trás das leituras: uma leitura muito boa é o que é *mais provável* de acontecer, se as circunstâncias não mudarem drasticamente. – A voz de Luren é monótona, mas pelo menos recitar os fatos a mantém falando. – E não havia muito como as minhas circunstâncias mudarem tanto assim antes do teste. Somos todos levados juntos em uma procissão idêntica e recebemos as mesmas orientações e as mesmas escolhas. As cartas que tirei no Festival do Fogo eram tão dependentes do destino quanto a leitura que fiz antes. Não tinha nada que poderia acontecer que as faria mudarem. Então eu sabia quais cartas seriam apresentadas no Cálice com antecedência e qual provavelmente seria mais fácil de enfrentar.

A saia. Entendo de repente. Foi por isso que ela desfez minhas mudanças. Por isso que fingiu não saber o que ia acontecer e não pareceu interessada no que eu tinha a dizer. Ela não queria arriscar mudar o destino ao fazer qualquer coisinha diferente.

– Luren... você é *genial* – digo, sem fôlego.

– Se eu fosse genial, teria dito a Kel que previ a morte dela. – Ela curva a cabeça e puxa um fôlego trêmulo. As lágrimas ainda se recusam a cair. – Eu tentei mudar o destino. Mesmo sabendo que ela não ia querer confiar em todos vocês, tentei obrigá-la. Fazer todo o possível para desviar do que vi nas cartas. Mas... o que vi acabou se tornando realidade.

Luren acertou as duas previsões que fez. Duas leituras em que o que previu se tornou realidade, igualzinho ao que as cartas disseram. Se seguir assim, talvez seja uma leitora tão boa quanto Arina.

Pego a mão dela, segurando-a nas minhas e apertando com força. Isso a faz erguer os olhos para mim.

– Luren, escute o que vou dizer: você tem um talento raro. Não pode ir para os moinhos.

– Mas...

– Nós vamos garantir que as pessoas vejam seu dom no Dia de Ouros.

Minha convicção é parcialmente egoísta. Preciso da habilidade dela. Desesperadamente. Arina sempre fazia leituras antes de nossas operações; a única vez que não ouvi seus avisos foi quando fui pega. Com Arina desaparecida, essa é uma área-chave em que o clube está desfalcado antes da nossa operação no Dia de Ouros. Não pretendo introduzir Luren no Clube dos Malfadados, mas isso não significa que não possa aproveitar sua habilidade... E isso também seria bom para Luren. Ela precisa seguir em frente.

– Você pode passar pelo Dia de Ouros só com a leitura, e aí vamos treinar para os Desafios do Três de Espadas juntas. Vamos fazer até mais do que agora. Temos tempo mais que suficiente antes do inverno. Vamos garantir que você fique na Academia.

– Por que eu deveria ter tempo aqui na Academia e uma chance de uma vida melhor se Kel não pode? – sussurra ela.

– É justamente *porque* Kel não pode que você tem que fazer isso.

Aperto a mão dela mais forte, como se fosse sua única corda de salvação. Olho para ela e vejo o contorno da minha irmã. Nós duas nos agarrando e jurando não morrer antes que o assassino de nossa mãe fosse levado à justiça. Às vezes os vivos precisam respirar porque os mortos não podem.

– Faça isso por ela. Viva por ela.

Os olhos de Luren brilham ao luar. Fico imaginando se ela me vê – a Clara real sob todos os tecidos caros e a maquiagem de Kaelis. A Clara que

já foi suja e brigona e faminta, sobrevivendo na base da determinação. O tipo de pessoa que ela também precisa ser agora.

– Acha mesmo que eu consigo?

– Sem a menor dúvida – confirmo, colocando um braço ao redor dos seus ombros.

Luren se inclina em mim.

– Eu te devo uma. A todos vocês.

– Estamos todos nos ajudando a sobreviver a esse lugar – digo, surpresa ao ver como estou sendo sincera. – Você não nos deve nada porque nos ajudou também. E mais do que isso: é uma amiga.



Cumprimos a promessa. Pouco a pouco, Luren se reintegra com o restante dos iniciados. Mas eles ainda duvidam dela, o que só isola nós quatro ainda mais.

Que os outros iniciados a subestimem e desconsiderem. Não me importo em tê-la como um Ás no bolso. A opinião dos estudantes é a única coisa que importa, de toda forma.

Passamos nosso tempo juntas na biblioteca, discutindo pintura; em salas de treino, para praticar lançamento – algo que ela precisa de um tempo antes de tomar coragem de fazer de novo – e fazendo leituras uma para a outra.

Luren vai melhorando aos poucos, tanto quanto poderia ser esperado. Às vezes eu ainda a encontro olhando para o nada, com um silêncio pesado. Mas, à medida que a Academia segue em frente, ela também segue. Pelo menos, é a imagem que apresenta. Duvido que seus pensamentos sejam tão tranquilos quanto seu tom de voz.

Espero algumas semanas, até faltarem cinco dias para o Dia de Ouros, para finalmente pedir uma leitura sobre o que vai acontecer. Uso minha leitura intimidadora da aula da professora Rothou, meses atrás, como pretexto.

– Eu quero ver se algo mudou – digo.

Os resultados não são nem de longe o que eu esperava.

Assim que cai o silêncio da noite, entro nos aposentos de Kaelis pela passagem de sempre, cruzando o interior da ponte e saindo no closet. Ele não está no quarto principal, mas a porta do escritório está entreaberta, como se ele a tivesse deixada assim para mim.

Nossos olhos se encontram no instante em que entro.

Não perco tempo.

– Alguém vai tentar matar seu pai.

Kaelis, muito lentamente, devolve a caneta ao suporte e une os dedos, como se eu tivesse vindo com uma proposta de negócios, e não com a notícia do assassinato iminente do seu genitor.

– Clara – diz ele devagar. – Você não pode só entrar aqui e começar a falar sacanagens.

– Como é? – Eu recuo, quase esbarrando no batente.

Ele dá uma risada curta. Por algum motivo, o som quase faz um rubor subir às minhas faces.

– Me diga, como descobriu sobre essa trama regicida?

– Uma das iniciadas é uma leitora incrivelmente talentosa... – Ignorando a espreguiçadeira, eu me sento no canto da mesa dele. Estou ansiosa demais para relaxar; preciso estar pronta para sair andando a qualquer momento. Conto a ele sobre Luren e as leituras que ela fez para mim esta noite. E como, em toda tiragem, apareceram sinais agourentos para o rei. – Claro que Luren não leu *exatamente* como uma tentativa de assassinato... ela não sabe que tenho planos de encontrar o rei de fato... e interpretou a presença do Rei de Espadas de modo mais figurado. Mas estava tudo lá. *Eu* pude ver, e nem sou a melhor das leitoras. Então, se é óbvio para mim...

Kaelis solta um murmúrio profundo, afundando de volta na cadeira.

– Luren é a mulher cuja carta se inverteu, não é?

– É. – Tento interpretar sua expressão, mas não consigo.

– Tem certeza de que pode confiar nas habilidades dela?

Eu recuo, surpresa.

– Está questionando meu julgamento?

– Você se associa com o príncipe nascido do vazio, como não vou questionar? – diz Kaelis, tamborilando na mesa com os dedos longos.

Nascido do vazio... Bem, já que ele levantou o assunto...

– O que você sabe sobre cartas invertidas?

Ele estreita os olhos de leve.

– Se vai fazer perguntas que provavelmente não deveria, pode começar de novo.

– Tá bem. – Eu me endireito. – É verdade que você pode usar cartas invertidas?

– Não – responde ele, sem hesitar. Não que eu esperasse que ele admitisse, se fosse verdade. Ele dá um sorrisinho. – Você não acredita em mim.

– Considerando o que fez, eu...

– O que eu fiz? – repete ele. Uma sombra cruza sua expressão. Suas palavras são duras. – Você quer dizer o Clã do Eremita.

Lembro o que Rewina me contou e levo o conselho a sério.

– Eu quis dizer fundar a Academia tão jovem. Você fez isso aos 18 anos, quando a maioria das pessoas está só começando a mostrar uma inclinação para a magia. Dois anos antes da primeira turma de iniciados. E comanda alguns dos melhores Arcanistas de Oricalis como membros do seu corpo docente, inspirando medo e lealdade. Não é raro ouvir histórias de suas proezas.

Ele se recosta na cadeira, tamborilando na mesa de novo, como se não conseguisse decidir se estou falando a verdade. De todo modo, deixa de lado o assunto de cartas invertidas e o ar fica imediatamente mais leve.

– Então você acha, porque sua amiga "talentosa" disse, que alguém vai tentar matar meu pai no Dia de Ouros.

– Sim. Você sabe de alguém que queira seu pai morto?

– Por favor, me diga que *você*, de todas as pessoas, não acabou de perguntar isso. – Kaelis me lança um olhar que sugere como a resposta é dolorosamente óbvia.

– Justo.

– Temos muitos adversários estrangeiros e pessoas dentro do próprio reino que estão sempre considerando agir contra meu pai. Nós asseguramos o controle sobre todos os meios de produção de pós arcanos, e temos mais Arcanistas que qualquer outro lugar no mundo. Os clãs, embora tenham sido forçados a se sujeitar à Coroa, ainda lembram dos dias em que governavam suas próprias terras como reis. Há muita gente que gostaria de ver um retorno a esses tempos, especialmente agora que viram o poder que uma monarquia absoluta pode exercer.

Olho pela janela, observando a cidade em que passei a vida. Nesse tempo

todo, não pensei muito no mundo além da Cidade do Eclipse, muito menos além de Oricalis. A única vez que o fiz foi para ajudar alguém a escapar pelo deserto a leste – a melhor chance que a pessoa teria de fugir do reino.

– Importa quem ataca nosso rei, se tal coisa acontecer? – pergunta Kaelis, puxando meus pensamentos de volta ao presente.

Bato os dedos na mesa.

– Acho que não...

– A pergunta real é se isso muda nossos planos.

– Vou consultar meus amigos, ver quem consegue se posicionar onde e quais informações podemos encontrar. Se agirmos depressa e tivermos algum tipo de alerta antecipado, posso salvar o rei e parecer uma heroína. – Penso por um momento. – Se achar uma abertura, Jura pode roubar as cartas no caos... se conseguir ver onde ele as guarda. Twino vai esperar na mansão do regente e ajudar com o que for preciso. Se o rei for ferido, provavelmente vão levá-lo para lá. Idem para Ren. Gregor vai agir como apoio nos bastidores.

Faço uma pausa para repassar tudo na mente. Parece um plano sólido, na superfície, mas sei que vou precisar resolver alguns problemas e refinar alguns detalhes antes do Dia de Ouros. E tenho certeza de que Twino e Bristara vão destrinchar meu plano e encontrar os furos.

– Tudo isso presumindo que seu pai não morra.

– Ele não vai morrer. – Não há nem um sussurro de dúvida na voz de Kaelis.

– Como você tem tanta certeza?

– Ele nunca vai a lugar nenhum sem o vigésimo Maior, Quaelar, o Julgamento. A carta do Julgamento pode ressuscitar qualquer pessoa dentro de cinco minutos após a morte. – Kaelis flexiona os dedos, abrindo e cerrando o punho, como se mal estivesse contendo a raiva. – O custo para Quaelar é significativo, mas o homem vai continuar perdendo anos de vida se isso significar manter meu pai vivo. Para não falar dos outros Maiores e dos Stellis treinados que estão sempre ao redor dele. Infelizmente, meu pai tornou praticamente impossível que alguém o assassine.

Eu estudo Kaelis. É a vez do príncipe se virar para a janela, mas ele olha para além do horizonte que se afasta no oceano e da cidade cingida por montanhas.

– Você realmente o odeia. – Seu desânimo com o fato de o pai ser tão

difícil de matar é forte e evidente.

– Há muito que odiar. – Ele contorna a mesa. Tenho a sensação de que não quer continuar a conversa. – Por enquanto, devemos nos focar no que deve ser feito: pintar sua carta dourada.

– Hoje?

– Só faltam cinco dias para o Dia de Ouros, não há por que esperar. – Kaelis estende a mão.

E, tomando a minha, me conduz por onde eu vim – através do seu closet, passando pela porta secreta e descendo pelo túnel alternativo. Já esperando no pedestal ao redor da estátua, há um conjunto de suprimentos, pelo menos dois terços do material de que vou precisar: canetas e papel. Mas a tinta em si está notavelmente ausente.

– Você estava preparado.

– Você está pronta. Nós dois sabemos, mesmo que não tenhamos falado em voz alta. – Há uma nota de orgulho em sua voz. – Use a água que cerca a estátua como a base da sua tinta. – Ele me guia até a estátua e então me deixa lá.

Cruzo o resto do caminho sozinha. Com a mão ainda formigando pela sensação dos seus dedos nos meus, estudo os diferentes implementos de escrita que ele deixou. Cada um é mais refinado que o anterior. Até o papel, disposto em uma pilha pequena e ordenada, é perfeitamente cortado.

– Você não tem mesmo muita fé em mim se acha que vou precisar de todas essas tentativas. – Bato nas cartas vazias.

– A maioria das pessoas não acerta de primeira.

– Eu não sou a maioria das pessoas.

– Não... não, não é.

Há algo além de admiração pelas minhas habilidades por trás das palavras, o que escuto mesmo não querendo. O sentido oculto ali me faz parar.

– Kaelis, posso perguntar uma coisa? – Apoio a ponta dos dedos na pedra fria, em vez de nos suprimentos.

– Qualquer coisa. – Seu tom é sincero.

– Por que você tem sido tão... gentil comigo?

Assim que pergunto, me arrependo de imediato. Não quero a resposta. Talvez porque, em parte, não quero reconhecer a verdade oculta, para começo de conversa. Mas ignorá-la, de alguma forma, é pior ainda. Tem um

nó no meu peito que só fica mais apertado, e quero que ele me diga que secretamente me odeia para eu poder superá-lo.

– Você é essencial aos meus planos. – A declaração é desprovida de emoções... de um jeito quase cuidadoso.

– Você poderia obter o que precisa de mim sem me dar acesso a seus aposentos. Sem cuidar de mim como tem feito.

Mesmo sabendo que deveria mudar de assunto, não consigo.

Os passos dele ecoam do teto alto enquanto caminha até mim. Ele se demora por um momento antes de se encostar no pedestal.

– É porque Priss gosta de você.

Eu bufo.

– Ela gosta mesmo. E é excepcional em julgar o caráter das pessoas, muito mais do que eu; ela não se afeiçoa a qualquer um.

Ele sorri. Sorri *de verdade*. É doloroso perceber que não faz isso com frequência, porque abaixa o queixo de leve, como se tentasse esconder. O movimento joga seu rosto nas sombras, dando uma aura sinistra e contraditória à sinceridade de sua expressão.

Por um momento, caio em um silêncio atordoado. Ele interpreta a reação errado e sua expressão se desfaz rapidamente. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Kaelis cruza os braços e volta os olhos para a parede. Mas suspeito que não é a parede que está vendo.

– Clara, eu sei o que sou. Sei como o mundo me vê e sei que não estão de todo errados. Para ser sincero, na maior parte do tempo, eu nem me importo. – Ele dá de ombros. – Se tiver que ser o vilão para criar um mundo novo, um mundo *melhor*, se precisar fazer coisas perversas pelo bem maior, que seja. Vou interpretar o papel agora e renascer como um herói na minha próxima vida. – Há uma longa pausa que parece abarcar mil pensamentos, mil longas noites de conflito interno que suspeito ser a primeira a vislumbrar. – Mas também é verdade que, às vezes, mesmo o pior entre nós deseja absolvição. Sentir que nossa humanidade não apodreceu por completo, que não somos só uma casca fria e solitária.

Meus dedos estremecem e se movem sozinhos, erguendo-se da pedra. Em vez de pegar os suprimentos, levo a mão até ele. Ela pousa em seu antebraço, tenso sob o algodão fino da camisa. Desço os dedos, parando do lado do dedão dele, a um sopro de entrelaçar-se com os dele.

– Você é quente, Kaelis.

– O quê? – ele se espanta, sem afastar a mão.

Me obrigo a afastar os olhos de nossas mãos para encontrar os dele.

– Você é quente demais para ser uma casca. – Curvo os lábios em um sorriso leve, devagar, para mostrar como se faz. – Você é um homem de carne e osso, querendo ou não.

Ele abre a boca, mas não diz nada, abandonando todas as palavras. Eu o deixo em silêncio e me afasto, voltando-me para as cartas.

Kaelis, sua criatura irritante. Eu não queria gostar de você nem um pouquinho.

Ergo uma caneta e a mergulho na água brilhante. Não... não é água. É algo diferente. Sua viscosidade parece mais uma geleia fina do que água. Ela se agarra à ponta de metal da caneta e, a cada gesto meu, deixa um rastro pelo ar.

Colocando uma das cartas vazias à minha frente, fecho os olhos, controlo a respiração e encontro meu equilíbrio. *Todo o poder que precisa está dentro de você*, mamãe me lembra de onde quer que sua alma repouse agora. Quando cravo a ponta de metal no dedo, uma gota carmesim se mistura ao líquido, girando por ele. Nunca vi nada tão fascinante...

Nunca me senti mais mágica.

Com o poder se erguendo, apoio a ponta da caneta no canto esquerdo superior da carta. A borda vem primeiro. Redemoinhos e pontos. Desenhos intrincados, mas sem significado, que são apenas um aquecimento. Imagino que sejam as linhas do destino – ou, melhor dizendo, da sorte, uma das poucas coisas capaz de desafiar o próprio destino.

Mesmo antes de erguer a caneta, as linhas se libertam dos confins externos e invadem o interior da carta. Assumem a forma de círculos, rodopiando cada vez mais para dentro, todas rodeando o símbolo central – uma roda. O sol brilha através de nuvens acima e a lua passa por suas fases abaixo. Escondidos nos padrões caóticos estão mãos e olhos que se estendem e observam o mesmo ponto no meio da rosa – uma pequena estrela.

E então, de repente, está terminado. Desenhar um traço a mais sequer seria errado. Ergo a caneta e admiro o resultado enquanto o brilho fraco do líquido seca e se torna uma camada dourada metálica.

Kaelis se inclina sobre meu ombro e sussurra:

– É perfeito.

Ele roubou as palavras da minha boca, então só posso assentir. Com reverência, ergo a carta e corro o dedo pela imagem, já seca. As linhas estão levemente em relevo e são frias ao toque, como se feitas de ouro de verdade. Até o papel parece diferente, mais grosso, como se feito de um metal superfino em vez da polpa de juncos de rio.

A magia da carta também mudou. Cartas normais vibram e pulsam com poder, esperando para serem libertadas. Mas essa é diferente. Posso sentir o que Kaelis me disse na última vez que estivemos aqui: essa carta não deve ser lançada.

– Agora... – Ele estende a palma, com expectativa.

Hesito por meio segundo. Algo em mim inesperadamente reluta em entregar a carta. Embora seja a primeira vez que a seguro, parece que estou dando uma parte de mim mesma quando a coloco na mão dele.

Olhos escuros encontram os meus. Posso ver que sua energia inquieta busca se libertar. Uma expressão quase agourenta cruza seu rosto, realçada pelo brilho fraco da água, mas o perigo não está dirigido a mim. As palavras dele fazem um arrepio subir pela minha coluna.

– Agora nosso trabalho começa de verdade.



De repente, o Dia de Ouros chegou. Apesar de semanas de preparação e planejamento, dentro e fora da sala de aula, o dia parece chegar do nada, assim como a friagem que se assentou no ar de outono. Iniciados e estudantes vibram de empolgação enquanto nos reunimos na área comunal para seguir até a cidade para o festival – onde vamos oferecer nossos serviços como Arcanistas à comunidade e ser julgados pelos estudantes da Academia.

Percebo que será a primeira vez desde que entramos na escola no Festival do Fogo – sessenta dias atrás – que a maior parte dos meus colegas vai sair da fortaleza. Alguns nobres receberam permissão para ir à festa de Ravin... mas só os de famílias mais importantes. Se eu não tivesse achado uma saída sozinha, talvez também estivesse inquietamente ajeitando o cachecol e o casaco incontáveis vezes.

Os três chefes de departamento – Las Rothou, Raethana Duskflame e Vaduin Thornbrow – lideram a procissão, com os estudantes em quatro fileiras atrás deles. O Rei, a Rainha, o Cavaleiro e o Valete guiam os outros alunos de sua casa. Em seguida vêm os iniciados, que naturalmente entram nas quatro fileiras também. Finalmente, alguns outros membros do corpo

docente vêm atrás de nós. Eu vi alguns desses professores nos corredores, mas eles parecem só dar aulas para o segundo e o terceiro anos.

Somos levados pela Academia, ao redor da estufa central que abriga a tumba da última rainha do antigo reino de Revisan, até uma passagem grandiosa que reconheço da noite da festa. Porém, naquela noite estava completamente envolta em escuridão. Hoje, com as portas abertas para a luz matinal, posso ver a camada espessa de poeira que cobre os entalhes de pedra ao redor do recinto, deixando-os prateados.

Percebo que as esculturas em pedra são todas dos Maiores: há vinte colunas, cada uma com uma figura encapuzada representando um dos Maiores no topo, e guardiões estoicos – empunhando uma variedade de armas e usando armaduras tão familiares quanto estranhas. Linhas esculpidas rodopiam ao redor deles, entrelaçando todas as estátuas como uma tapeçaria. Cada faixa entalhada se conecta em um ponto bem acima das portas. Mas a estátua à qual se ligariam está faltando, como se tivesse sido arrancada do lugar. Uma lufada de vento entra pela porta aberta e um calafrio desce pelas minhas costas. Essa estátua teria sido do Mundo? Ou do Louco?

– Olha, é a Roda da Fortuna – sussurra Sorza, se inclinando na minha direção e apontando a cabeça para uma das estátuas na frente da coluna onde o Mundo pode ter estado. – Talvez te dê sorte hoje.

– Espero que sim – respondo. Seria bem útil.

– Eu aceito toda a sorte que conseguir. – Luren nos ouviu. Ainda bem que Sorza não disse nada muito suspeito.

Aperto a mão de Luren.

– Você vai se sair bem. E, quando o sol se pôr, vai voltar com a gente.

– Vou fazer meu melhor.

Ela sorri, mas a expressão não parece genuína. Quando puxa a mão da minha, olhando para a entrada principal da Academia, me pergunto se está pensando sobre a última vez que passou por essas portas com Kel. Eu me mantenho um pouco mais perto dela enquanto a procissão começa a se mover.

Não há carruagens dessa vez. Marchamos através da grande ponte que atravessa a foz do rio Farlum, conectando os penhascos entre a cidade e a Academia. O vento ameaça arrancar cachecóis e chapéus. Luren se encolhe

dentro do casaco de lã grossa, seus olhos vermelhos – e não só de frio, suspeito.

No meio da ponte, há uma seção um pouco mais larga. Não consigo ver daqui, mas sei que há um enorme portão fortificado que pode ser aberto e fechado para controlar os navios que entram e saem de Oricalis.

Na extremidade oposta da ponte, há outro portão: os três chefes de departamento combinam seus poderes para destrancá-lo. A partir daqui, conheço o caminho. Quando passo por ele, minha cabeça vira e meus olhos são atraídos de volta para o arco de pedra em que ele se encontra – inserido no muro que se curva ao redor dos penhascos. De alguma forma, o ferro forjado é mais forte que aço, mas mais delicado que renda, e eu lembro...

Sou uma garotinha, com não mais de 10 anos, parada diante desse mesmo portão. Aperto o ferro frio em vez da mão da minha mãe enquanto ela espera pacientemente por mim. Ela faz a minha vontade com frequência, me trazendo aqui. Mas, mesmo sendo criança, sei que é a contragosto. Esta é uma época anterior aos dias da Academia, anterior a Kaelis... em que a educação dos Arcanistas é muito mais descentralizada e a fortaleza não é nada mais que uma relíquia de um reino que caiu séculos atrás. É um lugar tão proibido – a Coroa não aprecia menções à glória de sua predecessora – quanto procurado por Arcanistas que enfrentam a jornada para buscar a bênção do Cálice em segredo.

– Pequenina, temos que ir. Está ficando tarde – diz minha mãe.

– Não tá, não – protesto, embora esteja tão frio que meu hálito forma uma nuvem.

– As estrelas já vão aparecer. – Ela ajoelha ao meu lado, me abraçando e me apertando. – E a lua, e os pássaros noturnos, e todas as coisas que vão dizer: "É hora de dormir."

Meu foco na fortaleza que se tornará a Academia é inabalável. Quase como se eu sentisse alguma coisa lá. Sussurrando suavemente, me chamando...

– Um dia... posso entrar lá?

– Você quer entrar? – repete ela, suavemente, embora tenha ouvido e conheça bem minha atual obsessão. – Esse lugar não guarda seu destino, só perigos. Você e sua irmã nunca devem entrar lá, Clara.

– Dizem que o Cálice...

– Você não precisa do Cálice – repete ela, pelo que deve ser a milésima vez. – O Cálice Arcano é um ritual amaldiçoado. Você tem todo o poder que precisa sozinha.

– Mas...

– Jure para mim que vai fazer o que digo e ficar escondida. Manter seu nome verdadeiro e seus poderes em segredo. Ficar a salvo. Proteger aqueles como você.

Finalmente eu me viro para ela.

– Como você protege os outros Arcanistas?

Ela dá um aceno breve e me puxa mais para perto.

– Um dia, vou te contar sobre todas as pequenas passagens pelas montanhas. Sobre as pessoas como nós e todos os motivos preciosos pelos quais você deve lutar por elas. Mas você nunca vai aprender essas coisas se for à fortaleza. Esse é um lugar de magia corrupta e maus agouros. Então prometa para mim que nunca irá para lá... e que vai continuar aprendendo tudo que tenho para ensinar.

– Eu prometo.

– Ótimo. – Ela beija minha bochecha e se levanta, estendendo a mão. Nossa cesta de compras está encaixada na dobra do outro braço. – Agora venha, não queremos deixar sua irmã esperando. E hoje à noite vamos continuar trabalhando na sua pintura especial...

Sinto muito, mãe, quase sussurro quando me viro para a frente de novo. O portão agora está longe o bastante; continuar olhando-o faz meu pescoço doer. Ajeito a bolsa. Ela tinha razão – no fim das contas, aquela fortaleza que se tornou a Academia só tinha perigos para mim.

Mas talvez o perigo seja meu destino. Talvez eu me sinta atraída a esse lugar porque isso sempre deveria ter acontecido. Uma parte do destino que não podia ser tirada de mim.

O festival do Dia de Ouros ocorre no coração da cidade, na praça principal, sobre os extensos gramados do Parque do Rio. Em outros dias, a praça fica cheia de barracas temporárias montadas sobre cobertores e sob toldos por fazendeiros e artesãos que vêm à Cidade do Eclipse vender seus produtos. Mercadores locais também enchem a praça, vendendo tudo de

itens de primeira necessidade a indulgências de luxo dos lugares mais distantes do reino e além. Os mercadores da Cidade do Eclipse montaram suas barracas hoje, mas os fiscais impediram os vendedores sazonais, que geralmente migram à cidade todo dia, de se instalar, para abrir espaço aos estudantes e iniciados. Só posso torcer para que eles tenham conseguido montar suas barracas nas praças menores pela cidade – ou que um dia sem vender suas mercadorias não signifique que seus produtos vão estragar e suas famílias vão passar fome.

No lugar de seus estabelecimentos humildes, foi erigido um labirinto de tendas pequenas, mas majestosas. Há cinco cores no total: cinza-escuro para Espadas, azul para Copas, dourado para Ouros, vermelho para Paus e um bege simples para os iniciados. Os estudantes participam do Dia de Ouros simplesmente desfrutando do espírito de abundância, além de doar sua magia e habilidades à comunidade sem custo. Além disso, têm a oportunidade de avaliar as habilidades dos iniciados para determinar quem julgam digno de se tornar membros de sua casa, já que esse é o dia que vão nos entregar suas moedas.

– Vamos tomar nossos lugares? – pergunta Sorza.

– Por que não? Vamos por aqui. – Meu tom é casual, mas meus passos são propositais.

Repasso na mente o que Jura me disse: *terceira fileira, no meio do caminho...* Eu consegui voltar à mansão da cidade mais duas vezes para coordenar com eles. Só gostaria de não ter que fazer isso com a ajuda de Silas enquanto ainda não sei se ele é de confiança. Bristara continuamente me lembra de não agir antes de ter todas as informações – algo que às vezes ainda é uma luta para mim.

As tendas de cada Casa não estão reunidas no mesmo lugar, mas misturadas: Espadas alternam com Copas em alguns corredores, Ouros com Paus em outros... toda fileira é diferente. Procuro a tenda bege instalada em uma mesa com um canto lascado.

– Quero essa – anuncio, jogando a bolsa nela e grata que o plano do clube de escolher uma tenda um pouco mais longe funcionou: a maioria dos estudantes se acomodou nas primeiras duas fileiras.

Depois de desejarmos sorte uns aos outros, Sorza, Luren e Dristin assumem seus próprios lugares, na minha diagonal e ao longo da fileira. Não consigo me preocupar muito com eles agora. Estão fazendo seus próprios

preparativos, assim como eu – e os deles são muito menos arriscados. Essa é a hora de todos focarmos em nós mesmos.

– Lindo dia – sussurra Jura através do tecido dos fundos da tenda.

– Acho que podemos esperar uma tarde ensolarada. – Eu teria respondido a mesma coisa independentemente do céu. *Que bom que você está aqui*, é o que estou dizendo em código.

Os cidadãos da Cidade do Eclipse começam a aparecer. Eles inundam as barracas e examinam as ofertas dos estudantes e iniciados, animados para se aproveitar do trabalho grátis de tarô. Eu escuto as fofocas do dia. A maioria é inofensiva, mas ouço algumas pessoas buscando cartas para se proteger do fugitivo de Halazar. Avisto alguns professores caminhando com os demais. Vaduin percorre a fileira em que estou várias vezes, parecendo agitado e virando a cabeça para todos os lados. Fico me perguntando se ele está irritado porque a maioria dos iniciados parece ter favorecido pintura e leitura, em vez de lançamento. Quando Las passa, parece muito mais à vontade.

Alguns estudantes seguem obedientemente seus novos benfeitores ao longo do dia, tendo concordado em prestar seus serviços até o pôr do sol, quando o festival do Dia de Ouros termina. Muitos iniciados, como Luren, estão ocupados lendo cartas. Dristin oferece consultas a seus clientes com zelo, dando sugestões a nobres altos e baixos sobre quais cartas podem ajudar mais com suas queixas específicas, afastando-se com um ou outro e retornando após concluir o atendimento.

Passo algumas horas vendendo minhas cartas a Arcanistas graduados que me mostram suas insígnias da Academia e a lordes e damas que usam o emblema de seu clã, antes que, por fim, Jura me encontre de novo. Em vez de se esgueirar entre as tendas próximas e ficar fora de vista como fez pela manhã, agora está do outro lado da barraca. Usa um vestido de cetim com um casaco de pele que nunca vi. Embora não porte o emblema de nenhum clã, exala a tranquilidade da riqueza. Seu cabelo está de um tom ruivo brilhante, uma longa peruca que desce por suas costas e sobre os ombros. *Será que Silas estava usando um disfarce simples assim? Uma peruca e óculos coloridos... Foi por isso que não o reconheci imediatamente? Ou ele e Griv são pessoas diferentes e estou forçando a barra?* Afasto as perguntas e me foco no momento.

Jura para na minha mesa, estudando as cartas.

– Ele está começando essa fileira, vai estar aqui em breve – sussurra, enquanto olho ao redor, atenta a qualquer um que possa vir à minha mesa.

– Está pronta? – pergunto.

A maquiagem dela é incrível. Os contornos que pintou transformaram seu rosto.

– Sim – diz ela, sem hesitar.

Um momento depois, os Stellis abrem caminho para o rei através dos cidadãos. Jura dá um passo para o lado da minha mesa – o lado lascado. A posição lhe permite ficar fora do caminho, mas ainda por perto.

É a primeira vez que ponho os olhos no rei. Ele é um homem alto e robusto – posso ver de onde os filhos herdaram a altura –, mas com um físico mais corpulento que Ravin e Kaelis juntos. Músculos se delineiam abaixo de seu traje de seda, do tipo que são mais funcionais do que só para se exibir. Ao lado direito vem seu herdeiro, Ravin. Depois do que ele fez comigo na festa com Liam... depois de descobrir que pode ter sido a pessoa por trás do meu tempo em Halazar... meu corpo instintivamente se prepara para um ataque. Mas mantenho a calma.

Ao lado de Ravin vem uma mulher da mesma altura e um físico ainda mais imponente que o dele. Leigh Strongborn, o Flagelo do Vento, a esposa do primeiro príncipe. A primeira filha do Clã da Força está à altura do seu apelido. Com a mão apoiada de leve em uma espada pesada no quadril, seus olhos cinza tempestuosos examinam a área constantemente, sua perspicácia equiparável à do falcão em seu ombro.

A rainha e o mais jovem dos três príncipes de Oricalis não estão presentes. Kaelis me informou, durante nossos preparativos finais, que provavelmente seria o caso.

Atrás do rei, do príncipe herdeiro e da princesa, vêm três figuras com capas. Seus capuzes enormes escondem o rosto, mas, se Kaelis disse a verdade, um deles é o Julgamento. Os outros dois devem ser o Hierofante e a Temperança – os outros Maiores que Kaelis disse que vivem na Corte real.

Será que Elorin vai acabar usando uma túnica dessas? Ela disse que, ao se formar, seria enviada à Corte, pois seu poder é valioso demais para ser concedido a um dos clãs. Meu estômago embrulha. Esses Arcanistas são pouco mais que cães usando coleiras invisíveis.

O rei vem até mim, agindo como se fosse só um capricho. Como se não tivesse me procurado. Ele é tão grande que projeta uma sombra em toda a

minha mesa. Seus olhos são tão pretos quanto os de Kaelis, o cabelo cortado curto como penas de corvo. Há uma centelha nas profundezas escuras do seu olhar que sugere que pode ter sido atraente na juventude, mas agora essa faísca esfriou e endureceu com a idade. Só resta uma sombra perigosa dela.

– É bom finalmente conhecê-la – diz ele, como se tivesse esperado por anos.

– Meu soberano. – Abaixo a cabeça respeitosamente.

– Ouvi dizer que você tem algo para mim. – Sua voz é grave e ressonante, como se a própria terra estivesse grunhindo... e prestes a se partir ao meio.

Fico espantada ao vê-lo ir direto ao assunto, mesmo com Jura parada aqui. Talvez porque ela mantenha a cabeça curvada em deferência – ou talvez porque o rei saiba que, com um estalar de dedos, poderia executá-la, agora ou quando quisesse.

– Sim, Majestade. – Faço uma mesura. – Preparei um presente especial, só para Vossa Majestade.

– Bem, não faça seu rei esperar – diz ele antes que eu possa sequer me endireitar.

– Pai, talvez não aqui.

Os olhos de Ravin pousam em Jura, seu cenho franzido. *Será que a reconhece?* Impossível. Consideramos que potencialmente ele saberia o nome e o rosto de todos no Clube dos Malfadados, por isso colocamos Jura num disfarce. Com sorte, ele não a reconheceu e ela parece ser uma nobre qualquer.

O rei ignora o filho e estende a mão para mim.

Enfio a mão no bolso do casaco. A carta foi embrulhada em seda preta. Enquanto a seguro com uma das mãos, lentamente ergo o tecido.

Os olhos dele se iluminam com uma centelha dourada, com uma fome tão voraz que faria leite azedar. Assim que a vejo, sei de uma coisa: *não podemos deixar esse homem ter o poder do Mundo em mãos.*

Assim que ele estende a mão para a carta, uma forte lufada de vento varre a fileira, chacoalhando as tendas. Aperto a carta por instinto, jogando a seda por cima e protegendo-a. Só sou um pouco mais rápida que o rei. A mão dele se fecha ao redor das minhas. A fome se tornou uma intenção assassina quando ousei bloquear seu acesso a seu prêmio.

– Perd... – minha resposta trêmula é interrompida.

Por cima do ombro direito do rei, a cabeça de um dos Stellis desliza do

pescoço, caindo no chão com um clangor e uma mancha carmesim.



Bem como Luren previu. Droga, ela é boa.

– Majestade!

– Pai!

O príncipe, a princesa e os Stellis entram em ação, saltando na direção do atacante. Os Maiores de capa se aglomeram ao redor do rei. Nenhum deles pega em baralhos. Será que ele os mantém desarmados? Sinto uma pontada de asco, embora não esteja surpresa.

Três assassinos emergem da multidão. Alguns estudantes se atrapalham para pegar os baralhos de forma desastrada. A maioria está paralisada de pânico e choque.

– Fiquem pra trás! – grita Ravin aos estudantes e iniciados, passando pelo rei e seguindo na direção do primeiro assassino.

O ataque dele é tão rápido que me faz inspirar bruscamente. Os movimentos do príncipe são impecáveis e experientes.

Adaga. É a única palavra que parece englobá-lo: elegante. Mortífero. Escondido na manga do rei até o momento que se faz necessário.

Leigh também está se movendo, seu falcão alçando voo do ombro enquanto ela saca a espada para lidar com o segundo assassino. Sem a

interferência da ave, o homem teria lançado outra carta contra ela – mas o falcão rasga a carta facilmente com as garras, e Leigh quase consegue acertar o homem com a espada pesada.

O último assassino enfrenta os Stellis que estavam seguindo o grupo. Mesmo em inferioridade numérica de três para um, o homem faz os Stellis parecerem tão indefesos quanto os estudantes. Quem quer que sejam essas pessoas, elas são absolutamente letais.

Assim que Ravin e Leigh se juntaram à luta, um movimento à esquerda chama minha atenção. O tempo desacelera, o caos é abafado e um momento de lucidez me domina. A cada respiração, a cena se expande à minha frente e os detalhes ficam mais definidos. Apertando os dedos ao redor da carta embrulhada em seda, puxo a mão do aperto do rei e jogo a carta no bolso interno do meu casaco.

Um quarto e um quinto assassinos fazem sua jogada.

O rei faz alguma objeção ríspida quando guardo a carta dele, mas não a escuto. Ação e instinto superam minha hesitação. Eu bato a mão na mesa. O impacto joga as cartas que estão ali para cima. Um Quatro de Copas brilha, explodindo em uma névoa que torna seus alvos lânguidos e sonolentos. Um assassino cambaleia; o outro resiste e prepara um ataque.

Pego ímpeto e pulo na mesa, dobrando as pernas. A força que recuperei após semanas de treinamento me impele adiante. Uma carta sobe do baralho no quadril... mas então desaparece no ar.

Minha oponente lançou um Dez de Espadas, que tem o poder de imediatamente destruir outra carta.

Droga, ela é poderosa também.

Meus dedos se agitam como se eu estivesse folheando um baralho invisível. Indicador e médio se unem, selecionando uma carta. O Cinco de Espadas mal se ergue antes que uma espada se materialize com um sussurro de vento. Eu aperto o sabre convocado.

E minha lâmina está sedenta de sangue.

Mantendo uma distância segura do rei e dos Maiores, eu corto o ar, atacando o assassino mais perto de mim. Ele ainda está cambaleante, piscando pesadamente e tentando superar o efeito do Quatro de Copas. A mulher – que resistiu à névoa – me intercepta com uma adaga, desviando minha lâmina.

Músculos se tensionam, armas estremecem e olhares se conectam; há

algo nos olhos dela que só pode ser descrito como reconhecimento. Mas suas roupas não dão nenhuma indicação de sua identidade e seu rosto está completamente envolto em tecidos sem adornos, do nariz ao queixo, da testa à parte de trás da cabeça, então não consigo ver nada além de seus olhos e não consigo reconhecê-la.

– Você... – sussurra ela.

Cerro os dentes e não digo nada, tentando girar sua mão para fazê-la soltar a lâmina.

– *Você* está defendendo *o rei*? – Seu rosnado ressalta seu choque.

Estou ainda mais horrorizada com isso do que você, quero dizer. Queria poder contar a ela que sua missão é fútil. Que, mesmo se conseguissem matar o rei, ele seria ressuscitado em minutos por um dos Maiores ao lado dele. Que o estou defendendo porque a melhor chance que todos temos para um futuro melhor é mantê-lo vivo e deixá-lo pensar que estou do lado dele para que eu possa obter o Mundo ou, no pior dos casos, para que Kaelis possa fazer isso. Mas não há tempo.

E, mais do que tudo, queria poder perguntar: *Você me conhece?* Ela está me olhando com tanta familiaridade... e uma repulsa equivalente. Mas não posso arriscar ser associada com os assassinos de forma alguma – até falar com eles é perigoso demais.

Metal guincha contra metal quando nos afastamos.

– Majestade! – A voz de Jura atravessa o caos.

Olho para trás, girando. Ela empurra o rei para fora da linha de ataque do outro assassino, que agora se livrou da névoa do Quatro de Copas.

– Nem pense! – exclama outra voz.

Mais uma defensora entra na briga – Alor. Ela imediatamente enfrenta o outro homem.

Preciso acabar logo com isso antes que o caos piore... e antes que outra pessoa receba crédito demais por salvar o rei. A mulher salta sobre mim de novo. Eu desvio, a memória muscular e o treinamento assumindo o comando. Meu baralho estala com poder, mas, como sou uma iniciada, eu me limito às primeiras cinco cartas de cada naipe. Há olhos demais aqui para arriscar qualquer coisa mais avançada.

A magia voa e faísca. Prevejo quase todo o movimento da assassina, o que no fim me dá a vantagem. Minha lâmina enfim encontra o alvo, perfurando seu abdômen.

Ela aperta minhas mãos, inclinando-se sobre mim, empalada na espada que, concluído seu trabalho, vai desaparecer a qualquer momento.

– Tome cuidado, Clara Chevalyer... Não se esqueça... de quem você é.

As palavras são os arquejos derradeiros da mulher. Tão logo meu cérebro as absorve, seu sussurro é levado pelo vento. A lâmina desaparece e suas mãos ficam flácidas. Ela cai ao chão com os olhos arregalados.

Quero arrancar os tecidos do seu rosto, descobrir quem ela é e como sabe meu nome. Eu não contei a ela. Considerando sua idade, duvido que Arina tenha contado... *Será que foi mamãe?* Será que eu matei uma das amigas mais queridas da minha mãe? Porque essa é a única explicação que consigo pensar para ela saber meu nome verdadeiro. Mil perguntas cruzam minha mente, mas afasto todas elas. A batalha não terminou.

Viro-me para Alor. Ela está lutando desesperadamente, mas o outro assassino é mais habilidoso. Como é uma iniciada que só maneja um punhado de cartas por dia e não pode lançar nada maior que um Cinco, está cansando. O rei, de sua parte, recuou e permite que a cena se desenrole à sua frente com pouco mais que um leve divertimento nos olhos. Jura paira perto dele, buscando uma oportunidade de aproveitar o caos. Os Stellis – bem, só sobrou um –, Leigh e Ravin quase concluíram suas lutas. Agora são dois contra um.

Uma descarga de magia atrai minha atenção de volta a Alor. Ela foi encurralada num canto. Seu rosto está desesperado e desfocado. Ela ergue uma carta, e a sinto antes que meus olhos encontrem a imagem – ela está tentando usar um poder que seu corpo ainda não foi treinado para suportar. Magia volátil estala dos seus ombros como raios. Se eu não tivesse visto uma carta se inverter meras semanas atrás, talvez não reconhecesse a cena diante de meus olhos.

– Alor! – grita Emilia acima do caos.

Ela vem correndo com um grupo da Casa de Espadas, abrindo caminho entre a multidão. Mas está longe demais, vindo tarde demais.

Corro até Alor.

A carta que segura é uma carta da Corte – o Cavaleiro de Espadas. A magia está se invertendo. Um miasma crepitante se ergue dos seus ombros e assume a forma de um sentinela fantasma assomando sobre ela. A espada da figura está erguida, mas oscila. Uma tempestade crescente agita a poeira ao redor dos pés dela.

Alor solta um grito visceral. É o som de cada músculo do seu corpo sendo arrancado dos ossos. Seus olhos vão perdendo a cor até estarem completamente brancos.

Isso não é como Luren dando um passo além da sua zona de conforto – são vários passos que vão estraçalhar Alor.

Foda-se. Eu paro derrapando na frente de Alor, com o assassino entre nós e o rei à minha direita. Estendo a mão esquerda para meu quadril e a ergo em um arco na frente do corpo. O Dez de Espadas voa do meu baralho. Milhares de minúsculos talhos de luz e vento envolvem a carta apertada nos dedos trêmulos de Alor. A carta é rasgada, assim como parte da pele dela – um dano menor.

Meu poder rola como trovão, como ondas quebrando contra os enormes pilares da ponte da Academia e os penhascos que a cercam. Pego outra carta com a mão direita – o Oito de Espadas. Assim que ela evapora no ar, oito espadas espectrais forjadas de luz e sombra perfuram o assassino e o prendem ao chão. Ele grita de agonia, mas não há sangue.

Mesmo enquanto a realidade volta com tudo, os choques de impacto da explosão de poder ondulam pelo meu corpo. A magia é tão potente que deixa a ponta dos meus dedos chiando e flui através de mim como fogo líquido – dor e prazer. Estou exausta, mas nunca me senti tão viva.

Ravin alcançou Alor, segurando-a antes de cair. *Não é o retrato do cavaleiro de armadura reluzente?* Eu cambaleio. *Pelo menos Kaelis tem cara de ser o príncipe nascido do vazio. Prefiro um homem que mostra quem é por fora a um tirano fantasiado de herói.*

Estou prestes a tropeçar enquanto a exaustão me domina. Um braço me segura pela cintura; outro passa meu braço por cima de um par de ombros robustos. Imagino que seja Sorza, talvez Jura. Mas é Emilia.

Sua expressão é fria e dura, mas ela me segura com firmeza enquanto recupero o equilíbrio. O poder ainda está sendo drenado de mim para as espadas mágicas prendendo o último assassino no lugar.

– Bom trabalho, usando o Oito de Espadas – diz o rei.

Mas está elogiando Ravin, não eu. Mesmo que tenha me *visto* usar a carta. Provavelmente pode até sentir que é a minha magia alimentando as espadas que mantêm o assassino no lugar. Porém, me protege ao não atrair atenção ao fato de que estou habilmente usando cartas que não deveria ser capaz de empunhar como iniciada, dando crédito ao príncipe.

– Agora, mate-o – conclui.

O assassino não diz nada, e não consigo ver sua expressão enquanto Ravin passa Alor para Leigh e vai até ele. Em um momento, acabou. Respiro com mais facilidade quando minha magia para de ser drenada.

O rei Oricalis esfrega a têmpora com a mão direita, como se tudo isso tivesse sido um grande suplício para ele, embora seja a primeira vez que literalmente ergueu um dedo na batalha toda. Em seguida, devagar, ele se vira para mim. Emilia me solta e dá um passo para trás, juntando-se a um grupo de cavaleiros do Clã da Torre e mais Stellis que se aproximam depressa, um minuto atrasados. Na frente deles, vem um homem coberto de armadura. Talvez ela se afaste porque pode sentir que estou mais firme agora que a minha magia não está mais sendo sugada.

Ou não quer estar perto de mim para qualquer que seja o julgamento que o rei está prestes a fazer.

O rei assoma sobre mim. Conheço o olhar de alguém tentando ser intimidador, mas há algo nele que faz a postura quase, *quase* funcionar. Um fiozinho de medo se desenrola no fundo da minha mente. Ele mal se moveu a batalha inteira, mas sinto que foi melhor assim – ver o rei atacar teria sido como assistir a um pesadelo tornado realidade.

Ele estende a mão e, por um segundo, mesmo sem saber por quê, eu me preparo para um golpe.

Sua palma grande encontra minha bochecha, mas não num tapa – ele dá uma batidinha gentil. Seria paternal, se não fosse pelo sorriso sinistro e aquela mesma centelha faminta em seus olhos.

– Está claro o que meu segundo filho vê em você – declara ele suavemente, só para mim. Mas suspeito que Alor esteja perto o suficiente para escutar, agora que está se recobrando. Leigh a ajuda a ir até Emilia. – Vamos, Clara Redwin, suposta herdeira do Clã do Eremita, permita-me demonstrar minha gratidão com minha hospitalidade, de modo que possa se recobrar desses esforços com algum conforto.

O rei dá um passo para longe da cena e só me resta arrastar os pés atrás dele. Varro as cartas remanescentes da minha mesa, mal trocando um olhar com Jura. Pelo que posso ver com um olhar, ela está bem. Ela ergue a mão ao centro do peito e curva a cabeça. O movimento é estranho o suficiente para eu saber que é um sinal de algum tipo – mas o que ela está tentando comunicar é um mistério.



CAPÍTULO 36

Vamos para a propriedade de Ravin, que não fica longe da praça principal. A atmosfera está profundamente diferente, comparada à noite da festa. A construção parece mais sombria e grave, agora que seu alpendre não tem convidados alegres e todas as portas estão fechadas.

Ainda assim, não consigo evitar a pergunta:

– Sem convidados de honra dessa vez, príncipe?

Ele solta uma risadinha quase inaudível, sabendo exatamente a que me refiro.

– Só você.

Acho que posso acreditar nisso, o que me deixa um pouco mais confortável. Não que as coisas lá dentro vão ser fáceis para mim, mesmo sem os joguinhos de Ravin... mas a última coisa que quero são mais surpresas.

Portas pesadas se abrem com um rangido e somos cumprimentados por empregados usando trajes prateados e cinza-escuros.

O rei Oricalis vai na frente, com passos propositais, mas não apressados. Entrega a capa a um criado, que se afasta para guardá-la, e Ravin e Leigh

fazem o mesmo. Ninguém se oferece para tirar meu casaco. Não tem problema. Acho que está mais frio aqui do que lá fora.

– Por favor, peça à cozinha que prepare alguns refrescos e petiscos, e um chá para o rei – diz Leigh a um criado, do seu jeito contido e firme. O homem dá um aceno e se afasta. – Vossa Graça, meu amor... – Ambos são ditos com um tom quase idêntico, por dever e nada mais, e questiono quanto ela se importa de fato com o príncipe. Não que eu tenha direito de questionar o relacionamento dele, dado que o meu com Kaelis é uma farsa. – Peço licença para levar Tempestade ao aviário.

– Concedida – diz o rei. Ravin só assente.

Com uma mesura respeitosa, Leigh sai pelos fundos da casa. O rei Oricalis se vira às três figuras encapuzadas que continuam nos seguindo.

– Vocês dois podem nos deixar também.

Dois dos três Maiores vão embora, subindo a escada pela qual me lembro de ter fugido semanas atrás. Pensamentos sobre Kaelis retornam involuntariamente, e eu me obrigo a afastá-los. O terceiro Maior anda ao lado do rei enquanto entramos numa sala de visitas – o Julgamento, se eu tivesse que adivinhar. Fico pensando se o homem dorme em cômodos adjacentes aos do rei... ou até na mesma cama. Tento fazer uma impressão dele, sua idade, sua atitude, mas é impossível com o tecido que cobre metade do seu rosto e o capuz que sombreia o resto.

Uma lareira crepita, dissipando o frio outonal que entra pelas grandes janelas com vista para os jardins. Poltronas felpudas com pernas de madeira intrincadamente entalhadas estão dispostas em um círculo ao redor de uma mesa de chá baixa.

– Sentem-se – ordena o rei, mais do que convida.

Ele mesmo se acomoda na maior poltrona, posicionada no centro do lado direito da sala, oferecendo uma vista da rua através das portas de vidro do alpendre. Ambas as portas da sala estão à esquerda dele, e uma parede às suas costas.

Hesito por um momento, analisando minhas opções, e no fim escolho a poltrona na frente do rei. Ela me oferece uma vista das duas portas que levam ao interior da casa, embora esteja de costas para o alpendre. Isso deixa os dois lugares ao lado do rei vazios, e o príncipe Ravin, como esperado, toma aquele à direita. O Maior senta-se à esquerda, seus movimentos pouco mais que uma brisa silenciosa. *O protocolo é uma*

linguagem própria, Twino me disse uma vez, e só posso torcer que seja capaz de falar fluentemente. Que minha seleção tenha demonstrado que estou pronta para ser uma jogadora em pé de igualdade – para enfrentar o rei de cabeça erguida, mas com respeito.

Enquanto nos acomodamos, a segunda porta se abre e dois criados entram. Eles mantêm a cabeça abaixada, mas eu reconheceria um dos dois em qualquer lugar. Twino faz um bom trabalho em esconder que manca. Não há qualquer traço de magia nele, para não despertar suspeitas. Eu me pergunto qual chá ou infusão analgésica Jura e Ren prepararam para ele interpretar esse papel.

Eles põem duas bandejas na mesa central – uma com dois bules e xícaras, a outra cheia de petiscos. O criado ao lado de Twino cuidadosamente enche as xícaras. Reparo que o líquido do rei parece ser de um tom levemente diferente e é servido de outro bule. O motivo pode ser tão simples quanto ser um chá raro ou exótico... ou tem algo mais que ainda não sei. Por fim, os criados recuam, posicionando-se encostados na parede, com a cabeça curvada, tornando-se mais mobília que seres humanos. Aperto os braços da cadeira – a atmosfera da sala está se tensionando como uma mola.

Sei que Kaelis pretendia não aparecer – "Meu pai nunca vai mostrar as cartas se eu estiver por perto", disse –, mas uma pequena parte de mim deseja que estivesse aqui.

– Duvido que haverá mais interrupções. – O rei aponta com a palma aberta para o centro da mesa.

– Perdoe-me por antes. – Enfio a mão no bolso da jaqueta e tiro a carta embrulhada em seda. – Eu temi que a carta seria soprada, danificada ou destruída. Meu instinto de protegê-la assumiu o controle.

– Essas cartas se tornam muito mais do que papel e tinta quando estão completas. – Ele não parece agitado, e tenho esperança de ter evitado sua ira.

Ponho a carta no centro da mesa e a desembrulho. O pergaminho bege, iluminado com ouro, forma um contraste deslumbrante com o mármore preto da mesa. O rei deve se sentir realmente seguro aqui, porque não salta sobre ela de imediato. Na verdade, fica quieto e imóvel por tanto tempo que receio que a carta seja errada, de alguma forma. Mas, por fim, o mesmo sorriso de antes se insinua lentamente em seu rosto.

– Então, Clara Redwin, você trabalhou duro em meu nome, lutou com bravura hoje e me deu esse presente precioso. Suponho que seria bom e adequado, como um soberano benevolente, conceder uma dádiva a você para demonstrar a profundidade de minha gratidão por seu serviço. – O rei Oricalis estende uma das mãos como se já tivesse o Mundo. – Diga-me, o que deseja? Fale o que é e, se estiver ao meu alcance, será seu.

Um calafrio me atravessa, embora eu ainda esteja embrulhada no casaco e no cachecol. Minha pele se arrepia toda. É desconcertante, como se eu tivesse bebido vinho quente demais. *Ao alcance dele...* Literalmente *qualquer coisa* está ao alcance dele, mas duvido que me daria qualquer capricho que eu pedisse. Nada é tão simples... ou dado tão livremente em Oricalis.

Preciso de toda minha energia e esforço para manter minha expressão serena. Eu me recosto como se estivesse pensando seriamente na oferta.

– Meu rei, o que eu fiz com essa carta era meu destino. O que fiz para protegê-lo hoje foi o que qualquer súdito amoroso teria feito, especialmente alguém que espera reconstruir seu clã um dia. – As palavras são amargas como bile na minha boca e igualmente confortáveis. Mas eu as pronuncio com toda a graciosidade que consigo expressar e espero que a aposta se pague. – Servir Vossa Majestade é sua própria recompensa.

– Quanta humildade. – Os olhos dele reluzem. – Mas certamente mesmo o ser mais pio e humilde entre nós tem necessidades básicas. Desejos secretos.

Será que me atrevo? É ousado demais só pedir para ver as cartas? Meu coração está tão acelerado que ele deve ouvir.

– Então, talvez... – Abaixo os olhos respeitosamente. – Se não for incômodo, será que eu poderia ver outra carta como essa? Eu não tinha nada com o que comparar enquanto trabalhava na minha e fiquei preocupada se estaria à altura de suas expectativas. Mas agora que sei que é, que vi sua beleza, ver outras seria uma recompensa suficiente.

Os segundos de silêncio que se seguem são uma tortura – até que o rei se move. Lentamente ergo os olhos, me preparando para o pior, mas ele ergue a mão e desfaz os cinco primeiros botões da camisa. Ali embaixo, ele usa algum tipo de aparato para carregar as cartas, conectado por quatro correntes ao redor do torso. Foi isso que Jura tentou sinalizar para mim.

– Pai...

Ele ergue uma das mãos para calar o protesto de Ravin. O jeito como

destranca a peça é quase como se lançasse um desafio. Ele está me mostrando o mecanismo abertamente. Mostrando que as várias engrenagens têm que ser giradas de um jeito especial para a tranca frontal abrir.

O rei está tão confiante de que suas cartas não serão roubadas – de que *não podem* ser – que está me deixando ver tudo.

Uma a uma, ele dispõe as quatro cartas em sua posse nos quatro cantos da minha: a Morte, o Hierofante, o Julgamento e a Temperança. Três Maiores encapuzados o acompanharam hoje... fico pensando se o quarto, a Morte, está na Corte. Estremeço ao pensar no que essa carta específica é capaz de fazer.

Mas onde está o Maior da Morte não é problema meu. Deslizo para a beirada do assento, me debruçando sobre as cartas. Pelo canto do olho, vejo Twino se remexer um pouquinho.

– Posso? – pergunto, estendendo a mão.

O rei faz um gesto. Uma a uma, ergo as cartas, virando-as para a luz e inclinando-as para que Twino consiga captar todos os desenhos na superfície com sua memória fotográfica. Ele imediatamente vai fazer rascunhos enquanto os desenhos estiverem frescos na mente, e vamos comparar notas depois. Então, vou começar a criar minhas falsificações.

Abaixando-as, eu me reclino e digo um simples e sincero "Obrigada".

– Não, Clara, eu que agradeço. – O rei Oricalis coleta suas cartas, a minha inclusa.



Dentro de uma hora, estou de volta na praça e na fila com os outros iniciados. Os estudantes estão reunidos por Casa e nos cercam em um grande semicírculo, com a maioria dos professores atrás deles. Na frente, está a família real. Atrás deles, os três chefes de departamento, intercalados com o rei de cada Casa da Academia.

O rei Oricalis dá um passo à frente para oferecer chavões calorosos aos habitantes da Academia Arcana e à coleção de nobres e cidadãos assistindo à cerimônia. Seu tom alegre contrasta com o barulho de metal diretamente

atrás dos iniciados: o aroma aconchegante de fumaça de madeira enche o ar com um falso senso de segurança, enquanto as fogueiras são atiçadas para os ferros de marcação.

Quando o rei termina, Kaelis dá um passo à frente. Vê-lo me inunda com um alívio inesperado.

– Cidadãos da Cidade do Eclipse, foi nossa honra servi-los hoje e mostrar nossos grandes Arcanistas em ação. Agora, o último evento da celebração do Dia de Ouros vai começar. Cada estudante da Academia Arcana pode presentear um iniciado com uma moeda de sua casa. Se vão ou não fazer isso, cabe a eles decidir. Um iniciado pode receber mais de uma moeda, mas iniciados que não receberem nenhuma não terão lugar na Academia e serão marcados. – Kaelis dá um passo para o lado e gesticula para o Rei de Ouros.

A cerimônia é simples. O Rei de Ouros chama cada iniciado, que dá um passo à frente. O Rei pode fazer algumas observações sobre qual estudante deu a moeda ou quais méritos a Casa vê no iniciado. Uma moeda é concedida à pessoa, simbolizando a oportunidade de entrar na Casa após os Desafios do Três de Espadas. Em seguida, o iniciado retorna à fileira e o próximo nome é chamado. O ciclo se repete. No total, a Casa de Ouros dá dez moedas cerimoniais, quatro a mais do que as seis vagas disponíveis para aquela casa.

A próxima é Paus. Percebo que a ordem provavelmente vai das casas com mais vagas para aquelas com menos. Paus também decide dar dez moedas, mas cinco se sobrepõem com indivíduos que receberam moedas na primeira rodada.

Quinze iniciados agora têm a chance de entrar numa casa. Cinco podem escolher entre duas casas. Copas vem em seguida.

Myrion fala do seu jeito leve e tranquilo. Sou puxada para o presente quando ele anuncia:

– Sorza Sprigspark.

A mulher sorri triunfantemente para mim, indo coletar sua moeda.

– E, por fim, uma moeda minha, por um coração inabalável em lealdade e dever, Clara Redwin.

Eu o encaro por um momento antes de avançar.

– Achei que tivesse dito que eu não deveria tentar a Casa de Copas? – sussurro enquanto ele põe a moeda na minha mão.

– Eu só gosto de você e pensei que te ajudaria a ficar por aqui. – Ele dá um sorrisinho, escondendo a expressão quando dou um passo para trás e volto ao lugar.

Então são quatro, eu inclusa. Isso significa que agora há dezenove iniciados para tentar ocupar dezoito vagas no total.

É a vez de Emilia.

– A Casa de Espadas decidiu só dar três moedas este ano.

É a Casa mais avarenta. Não que eu esteja surpresa.

– A primeira, de nossa Rainha, vai para Alor.

As irmãs trocam um sorriso afetuoso quando Alor coleta a moeda em sua mão atada. Percebo que um pequeno nó de tensão que senti em relação às mulheres se afrouxa um pouco. Elas são só... duas irmãs que querem estar juntas acima de tudo. Que fariam tudo uma pela outra. Uma irmã mais nova que quer seguir os passos da mais velha, e a mais velha que só quer protegê-la.

Não posso culpá-las por isso. Mesmo que isso me faça sentir uma dor profunda, intensa demais para alguém da minha idade, pela minha própria irmã... onde quer que ela possa estar.

– A segunda, do nosso Cavaleiro, vai para Eza.

Chocante.

Ele dá um sorriso para Alor no caminho, aceitando a moeda com orgulho. Duas moedas, para duas vagas... mas Emilia disse que havia uma terceira.

– A última moeda é minha e vai para uma mulher que agiu com a rapidez, a coragem e a habilidade de um membro de Espadas.

De todos na multidão, seus olhos pousam em *mim.*

Ah, Vinte...

– Clara Redwin.

Murmúrios, mais altos do que antes, me cercam enquanto sigo até ela.

– Você não pode querer isso de verdade – sussurro quando ela põe a moeda na minha mão aberta.

– Eu quero o melhor e nada menos. – Os olhos de Emilia estão frios, mas justos, enquanto ela ecoa o que eu disse a Alor na sala de aula meses atrás. Não é a primeira vez que ela prova por que é o Rei da sua casa.

Dos 24 iniciados, 21 receberam moedas. O campo se estreitou um pouco. Olho ao redor enquanto volto ao meu lugar. O peso da realidade se

assenta naqueles que não receberam um convite para tentar entrar em nenhuma das casas.

A expressão de Luren está tão pétrea quanto na noite em que Kel morreu. A sombra de um sorriso repuxa seus lábios, como se ela pudesse rir da ironia de tudo. Como se novamente estivesse vendo um futuro que previu, e temeu.

Não...

– Iniciados que não receberam uma moeda, por favor, reportem-se para a Marcação e designação aos moinhos – anuncia Kaelis. Ninguém se move. – Sem demora. – Suas palavras são como o estalo de um chicote.

Não.

Luren se vira para ir.

Agarro sua mão. Olhos já rosados encontram os meus.

– Pegue. – Enfio a moeda de Myrion na mão dela.

– Clara? – diz ela, engasgada e confusa, com o cenho franzido.

– Essa é sua. Você não vai ser marcada hoje.

– Mas...

– Você não pode fazer isso – desdenha Eza. O jeito como olha para mim é homicida; sem dúvida, se ressente por eu ter recebido qualquer moeda, que dirá duas, quando ele só recebeu uma. – Moedas são convites, e ela não recebeu nenhuma. Nenhum estudante acha que ela é digna de estar entre eles.

– Você pode enfiar sua moeda no cu até engasgar – disparo. – Se é um convite, eu o estendo a ela. As pessoas não acharam que eu sou digna? Bem, *eu* acho que ela é digna.

– O que você disse? – Um rosnado é emitido do fundo da garganta de Eza.

– Que comoção é essa? – A voz de Kaelis atravessa a altercação crescente.

Olho para ele e, por um momento, sou o fogo encarnado. Queimo mais forte que o sol: implacável e inegável. Kaelis poderia ser a noite mais escura do inverno, mas não vai esfriar minha fúria contra a injustiça de ter uma das iniciadas mais talentosas, uma mulher de quem eu preciso – uma amiga – prestes a ser marcada.

– Eu doo minha moeda da Casa de Copas a Luren – anuncio, erguendo meu punho com a moeda no ar.

– Não é assim que funciona – diz Kaelis, friamente.

Mas eu olho para além dele, para Myrion.

– Rei de Copas, você me deu essa moeda para que eu possa tentar entrar em sua casa. Mas sabe tão bem quanto eu, tão bem quanto todos que portam o sinete de cristal de Copas, que sou afiada e fervorosa demais. Já Luren é uma de vocês. Ou, pelo menos, deveria ser. Se viram algo em mim, então acreditem quando digo que seria uma *honra* ter Luren entre vocês. Ela é o epítome da sua casa. Deem uma chance para ela nos Desafios do Três de Espadas e ela poderá provar isso.

– O que está fazendo? – sussurra Luren, cada palavra estremecendo entre as lágrimas.

– A coisa certa – respondo, sem tirar os olhos de Myrion.

– Se... se Sua Alteza, o diretor Oricalis, permitir, a Casa de Copas estaria disposta a considerar esse arranjo tão incomum – declara Myrion, cautelosamente.

A atenção de todos está de volta em Kaelis, mas ele só olha para mim. Seus olhos se estreitam de leve, e juro que o escuto gritando na mente: *Que merda você acha que está fazendo?* Eu me empertigo um pouco mais, sem recuar.

– Essa irregularidade... será admitida. – Cada palavra parece forçada a sair de uma mandíbula tão cerrada que poderia triturar diamantes. Murmúrios se espalham pela multidão. Sinto o peso de centenas de olhos sobre mim. *A favorita do príncipe*, é como estão me chamando. – Agora, estudantes e iniciados, voltem à Academia.

Abaixo a mão de Luren, que está em choque, enquanto os estudantes fazem fila. *Funcionou...*

– Clara, obrigada – sussurra Luren. – Você... você mudou meu destino.

Como um giro da Roda da Fortuna. O pensamento me imobiliza, mas só por um segundo.

– Você merece – lembro a ela. – Mostre para eles.

– Vou mostrar. Juro. – E, pela primeira vez, vejo uma convicção nela que me assegura de que não terá dificuldade em cumprir a promessa.

Começamos a marchar de volta. Eu me posiciono às margens do grupo, roçando nas hordas de cidadãos que ocuparam as ruas para ver os estudantes e iniciados partirem. Encontro os olhos de Jura e consigo chegar perto dela. Quando volto à Academia, a moeda não é a única coisa

queimando um buraco no meu bolso. Mas não tenho tempo de inspecionar o que os dedos ágeis de Jura deixaram lá.

A meio caminho dos dormitórios, sou puxada por uma sombra viva e empurrada contra a parede.



CAPÍTULO 37

Kaelis aperta a mão contra a minha boca. Eu lanço a ele o olhar mais entediado possível, como se dissesse: *Ainda estamos fazendo isso?* Ele afasta a mão devagar, mas, em vez de se explicar, agarra meu braço e me puxa para as profundezas abandonadas da Academia.

Consigo reconhecer vagamente as salas no caminho até seus aposentos, mas Kaelis perde a paciência bem antes de chegarmos lá.

Ele me solta, gira, me dá um olhar fulminante, desvia os olhos, anda um pouco, gira de novo, e aí diminui a distância entre nós em um piscar de olhos. É como se não pudesse estar longe o bastante de mim, mas ao mesmo tempo qualquer distância fosse demais. Sua agitação é contagiosa, e me esforço para manter o coração calmo e não perder a razão.

– O que você fez? – rosna ele.

– Salvei seu pai? Vi as cartas? Realizei o plano inteiro sem a menor falha?

Eu sei do que ele está falando, mas não quero que todos os sucessos do dia sejam ofuscados por uma escolha ousada, mesmo que eu tenha passado um pouco dos limites.

– Dar uma moeda a outra iniciada. – Kaelis passa a mão pelo cabelo. – Uma moeda de *Copas*, ainda por cima.

– Sinto *muitíssimo* por ter ido contra o precioso decoro da sua Academia. – Jogo as mãos para o alto. – Sem Luren, nosso plano não teria corrido tão bem. Ela é boa demais para ser marcada e mandada a um moinho para morrer. Essa Academia precisa dela. *Eu* preciso dela.

– *E eu preciso de você!* – As palavras são arrancadas da garganta dele, tão altas que ecoam tanto pelos corredores vazios quanto dentro da minha mente. Meu controle cede, meu coração acelera. – Eu... – Kaelis leva a mão à boca enquanto recua, cambaleando e roendo a unha. Balançando a cabeça, olha intensamente para as sombras que se agarram aos corredores, como se estivesse prestes a correr para o abraço acolhedor delas. – Copas tem mais vagas que Espadas. Teria sido mais seguro para você ter mais opções.

– Você não está bravo porque eu fui contra a tradição, está bravo porque... Está preocupado que eu não vá entrar numa casa? – Inclino a cabeça. Kaelis desvia os olhos, e é toda resposta de que preciso. De repente, meu corpo inteiro está frio e quente. Não quero estar aqui e, ao mesmo tempo, não quero estar em nenhum outro lugar. O pânico me arrebata, me fazendo falar as palavras seguintes tão rápido quanto as escolhi. – Certo, claro. Precisa de mim no Banquete de Copas para roubar de seu pai. Se eu não entrar em uma casa, não poderei estar lá.

O olhar dele parece o de um animal ferido, e revela muito. Mas o que sai da boca dele parece ser só uma fração do que está pensando.

– Se ao menos isso fosse tudo...

Tanta coisa não está sendo dita em voz alta – e quero ignorar tudo.

– Bem, não se preocupe, eu vou conseguir uma das duas vagas em Espadas – garanto, depressa. Emilia provou ser possível, com suas palavras e ações hoje.

– É uma das casas mais difíceis de entrar.

– Duvidar de mim não é muito atraente – desafio.

– Estou sendo realista.

– Então seja realista sobre o fato de que você não *precisa* de mim depois que eu te der as falsificações, e eu posso criá-las bem antes do Banquete de Copas, até antes dos Desafios do Três de Espadas.

– Quem vai roubar meu pai, senão você? – dispara ele.

– Você é esperto, com certeza acharia um jeito.

Um rosnado ressoa fundo no peito dele.

– Você tem que ser sempre tão frustrante?

– Tenho. – Não consigo evitar. – E sabe o que mais, Kaelis? Acho que você gosta.

– Eu gosto? – repete ele, incrédulo. – *Eu gosto?* Por que alguém como eu gostaria de qualquer coisa sobre alguém como você?

– Me diga você. – Dou de ombros, sabendo que estou sendo irritante. Estou tentando parecer indiferente, mas meu coração bate tão rápido que estou ficando atordoada. – É você que me mantém por perto. É você que cuida de mim e se preocupa comigo bem mais do que precisa.

– Você é insuportável. É talentosa demais para seu próprio bem. Você é tão... porra, *tão* arrogante às vezes e mais teimosa do que eu já imaginei que uma pessoa pudesse ser. É furiosa, ardente, passional, muitas vezes impulsiva, e mais determinada do que qualquer criatura que já conheci. E o pior é que, por mais irritante que seja, você é tão linda que nenhum homem são conseguiria tirar os olhos de você. – Kaelis se aproxima, e dessa vez cada passo tem propósito. Eu me mantenho firme e me empertigo para enfrentá-lo. Não me mexo. – Você sente prazer em ser uma criminosa. Sua existência é uma antítese a tudo que eu sou. Você teria me matado e minha família inteira várias vezes, se tivesse a chance.

– Você teria feito o mesmo comigo e com as pessoas que eu amo – rebato.

Kaelis se cala. As sombras em seu rosto parecem se aprofundar. Só estamos iluminados pelos últimos raios de sol poente que entram pelas janelas cobertas de poeira.

– Você sempre tem que ter a última palavra?

– Se eu estiver certa.

– Você é problemática, disruptiva, inadequada, aborrecida, inoportuna...

– Inoportuna para o quê? – retruco, com a respiração rasa.

Kaelis está tão perto agora que, se eu puxasse o ar com mais força, meu peito roçaria no dele. Ele conseguiria não só ouvir, mas sentir as batidas frenéticas do meu coração, o que está fazendo com meu corpo sem nem me tocar.

– Para mim. De alguma forma, você é melhor e pior do que eu jamais poderia ter imaginado. Tudo de que eu precisava e a última maldita coisa que eu queria no mundo.

Ele ergue a mão, como se fosse me tocar. Tocou meu rosto na festa de Ravin. Mas isso... *isso* é diferente, e nós dois sabemos.

Então eu fecho o espaço entre nós. Apoio as mãos dos lados da cintura dele, agarrando sua jaqueta. Puxo-o contra mim, pressionando o corpo contra o dele.

– Para ser sincera, Kaelis, a única coisa que eu já pensei que iria querer de você é seu coração arrancado do peito.

– Diga a palavra mágica e será seu.

Ele inclina a cabeça de leve, as mechas longas encostando na minha testa. Nossos lábios estão tão próximos que chega a doer. Todo pensamento racional some quando sua respiração quente se mistura com a minha. Ainda consigo sentir o gosto do frio do ar outonal nos seus lábios. Ainda consigo sentir o gosto *dele*, da última vez que sua língua esteve na minha boca.

– E que palavra é essa? – Minha voz está quase inaudível, perdida à tempestade revolta no vazio dos olhos dele.

As mãos de Kaelis finalmente me encontram. Uma desliza ao redor da minha cintura. A outra delicadamente traça minha mandíbula. Cada ponto de contato é uma pequena estrela pousando na minha pele. Explosões de luz na escuridão.

– Rendição ou conquista? – pergunta ele. As palavras são um sussurro aveludado.

– Não são a mesma coisa?

A pergunta paira no ar, tão pesada quanto nossas pálpebras. Quando nossos corpos derretem um contra o outro, a sala fica borrada, tornando-se inconsequente. Esvanecendo até desaparecer.

– Não podemos. – A respiração dele escapa com um suspiro brusco, como se seu corpo inteiro estivesse pronto para ceder. Ele estremece com o esforço de se controlar. De não fazer o que quer que "não podemos" fazer. Eu sei, no meu âmago, a que ele se refere. Mas seu autocontrole se recusa a afrouxar o aperto na corda do arco. – Eles vão se perguntar onde estamos no Banquete do Dia de Ouros.

– Deixe que perguntem. – Não estou pronta para desistir ou ceder. Não quando tenho a chance de saciar um anseio tão profundo e desesperado.

– Estamos sendo idiotas. Nenhum de nós quer isso. – Mas, apesar de dizer isso, não nos movemos. Cada palavra cai quente em meus lábios, o espaço entre nós insuportavelmente estreito. – Estamos... dominados por desejos carnais.

– E daí? – digo apenas.

Ele afasta um pouco a cabeça para me observar melhor.

– Isso é *óbvio.* – Enfatizo a palavra, apertando-o ainda mais. – Acha que não sei que isso é uma péssima ideia? Que vai impactar nossa habilidade de trabalhar juntos? Nosso *ódio* mútuo e generalizado um pelo outro?

– Ódio pode ser uma palavra forte – murmura ele.

– Isso não tem que ser nada, significar nada. – Corro as mãos pelo seu peito. Ele é firme como um muro. Sua respiração está rasa. *Pelos quatro naipes, eu quero quebrá-lo.* – Sejamos sinceros, eu fiquei em Halazar por quase um ano. E, apesar do que você diz, tenho quase certeza de que é o solteiro menos desejável em toda Oricalis. – O olho dele tem um espasmo. Dou um sorrisinho. – Ambos precisamos de uma boa transa, Kaelis. Isso não tem que ser complicado.

Ele solta um gemido suave, as duas mãos de volta em meus quadris, deslizando até a curva da minha bunda. Enganchando-se no cós da calça. Quando me puxa para perto, posso sentir como a situação se tornou dura para ele. Isso só me excita mais.

– Eles vão suspeitar se nos atrasarmos para o banquete – repete ele.

– Eles já me chamam de sua "puta". Posso muito bem dar um motivo pra isso. – Dou um sorrisinho. – Além disso, não daria mais credibilidade à alegação de que estamos *profundamente* apaixonados?

Ele solta um gemido.

– A gente não deve mesmo... não pode. – Abro a boca para protestar, mas não tenho tempo antes de ele acrescentar: – Eles estão aqui. Meu pai e meu irmão.

Arregalo os olhos de leve. Eu o solto, e o ar frio da Academia colide contra meu corpo com a força de um balde de gelo. A mera menção ao rei faz meus sentidos retornarem.

– Eles estão aqui? Na Academia?

– Infelizmente.

– Por quê?

Kaelis dá um passo para trás, repuxando as roupas. Parece ter recuperado a razão também.

– Não sei. Meu pai demanda nossa presença no banquete do Dia de Ouros. Mas, conhecendo os dois, não pode ser coisa boa. Então esteja preparada para tudo.



—Melhor não deixar seu pai e seu irmão esperando. – Corro as mãos sobre minhas roupas também. As mãos ávidas de Kaelis se afastaram, mas seu cheiro ainda se agarra ao tecido. Meu coração ainda palpita. – Estou bem assim?

O que estou perguntando é: *Eu pareço disposta a te deixar me jogar contra a parede e me foder sem dó?*

O príncipe, para minha surpresa, responde com sinceridade.

– Frustrantemente perfeita, como sempre.

– É bom saber que meu rosto é suficiente para te frustrar.

– Mais do que você imagina – murmura ele, tão depressa que fico pensando se ouvi certo.

Os corredores se tornam um borrão enquanto Kaelis me leva dos corredores abandonados para os iluminados. Encaro a curva agora familiar dos seus ombros. A silhueta que ele forma contra a luz – como se simplesmente rejeitasse seu brilho.

Ele é bonito. Sei disso desde o momento em que o vi. Já aceitei esse fato. Mas algo nele atrai o olhar, vez após vez. Kaelis é mais do que simplesmente agradável de olhar. É único. Sobrenatural.

Esse é Kaelis, segundo a nascer e o mais odiado!, grita uma voz dentro de mim, para me recordar. *Mas por quê?*, vem a pergunta mais suave em resposta. Ele é o homem que...

Matou um clã?

Sim, é verdade. É estranho descobrir que sou capaz de engolir tal coisa. Mas eu nunca me importei muito com nobres. Não teria feito igual, se tivesse o mesmo poder?

Orquestrou todos os meus infortúnios?

Mas isso é verdade? Não foi ele que me pôs em Halazar, como eu já pensei. E foi ele que me tirou... mesmo que só em vantagem própria. Contudo, um pouco de gentileza e um olhar sedutor por trás das mechas longas e bagunçadas não deveria – e não vai – desfazer tudo de que ele foi parte. Ele diretamente auxiliou e se beneficiou de um sistema que se compraz em torturar Arcanistas e...

Está tentando desmantelar esse sistema.

Se é que posso acreditar nisso.

Eu nunca me senti tão dividida sobre alguma coisa ou pessoa. A vida toda, sempre houve uma ordem clara ao mundo ao meu redor. *Eles – a família Oricalis e os altos nobres que os apoiam – são os inimigos.* Praticamente ouço essas palavras na voz da minha mãe. *Não podemos confiar neles. Eles são os arquitetos do nosso sofrimento. Destruiriam o mundo, se tivessem chance.*

Meu estômago dá um nó. Tudo que eu achava ser tão claro agora está tão turvo quanto a Academia quando entrei nela pela primeira vez. A única coisa que atravessa o vórtice dos meus pensamentos anuviados são as fortes luzes do salão principal quando as portas se abrem diante de nós.

O salão principal da Academia foi transformado para as celebrações do Dia de Ouros. O aroma de dúzias de flores ataca meu nariz no instante em que entro. Elas enchem cestas penduradas por ganchos nas paredes. Guirlandas de hera e musgo coloridos enfeitam o espaço entre elas. As mesas estão todas decoradas em tons de dourado e verde. Um chão de floresta cobre a pedra com liquens e amortece nossos passos.

Eu estaria maravilhada com a beleza se não sentisse que estou caminhando para a forca. Todos os olhos estão em mim e Kaelis. Seguro de leve na dobra do seu cotovelo enquanto ele me conduz para além da mesa dos iniciados. A mesa dos docentes foi dividida em duas, com uma área

nova e separada para a família real sendo instalada no meio e na frente do salão.

O rei Naethor, Ravin e Leigh já estão todos sentados. Os dois primeiros olham para mim com os olhos cintilantes, como se eu fosse o prato principal que estavam esperando. Leigh tem uma expressão amena, mas o jeito como seus olhos fitam à distância e os músculos de seu rosto parecem tensos – como se lutasse para manter a expressão plácida – me diz que ela provavelmente preferiria estar em qualquer outro lugar.

Idem, gostaria de contar a ela. Meu coração acelera quando sento ao lado de Kaelis, entre a família real. Tenho que me esforçar para manter as mãos imóveis. O peso da atenção de todos sobre mim nunca foi tão grande.

Apesar de todas as piadas e fofocas, meu noivado com Kaelis nunca pareceu real até este momento – nem durante a festa de Ravin. Mas estar entre meus pares e ter o rei me encarando desse jeito tornou-o realidade.

Engulo a preocupação e me obrigo a sorrir. O rei se levanta assim que Kaelis senta, erguendo um cálice de cristal.

– A outro bem-sucedido Dia de Ouros. Todos vocês representam a excelência. – Os olhos do rei Naethor se voltam para mim e Kaelis. Seu leve sorriso parece completamente sincero. – E a meu segundo filho, seu diretor, e a mulher que ele aparentemente escolheu.

Não chega a ser um apoio retumbante... Mas, quando ele bebe, todos bebem junto. Não que exista vinho suficiente no mundo para afogar o gosto azedo no fundo da minha garganta.

O jantar começa para valer. As mesas se enchem de comida, servida por criados da Academia em pesadas bandejas douradas e ornamentadas. Eu me obrigo a comer, mesmo sabendo que os pratos vão ter o gosto de cinzas sob essas circunstâncias. E estou certa.

– Devo dizer que é um prazer inesperado receber tantos membros da minha família – diz Kaelis, quebrando o silêncio tenso. – Geralmente é só Ravin que visita meu domínio e fica mais do que dita a educação.

Resisto ao impulso de pisar no seu pé por baixo da mesa. Ele tem que atiçar o irmão? Por mim, poderíamos passar o jantar inteiro sem dizer uma palavra.

– Impossível! Visitar você é minha coisa favorita no mundo, irmão. Sei que secretamente ama quando te surpreendo com meu afeto. – Ravin abre

um grande sorriso, e os dois parecem mais garotos prestes a se socar do que os homens que são.

Contenho um suspiro. Nobres ou plebeus, algumas coisas – como irmãos – são sempre iguais. Eu me pergunto como é o relacionamento de Kaelis e Ravin com o irmão mais novo deles, o terceiro príncipe. Ele tem 13 anos agora, acho, então deve começar a sair mais do Castelo Oricalis em breve...

– É um prazer raro, de fato – comenta o rei, alheio à rixa dos filhos.

Na verdade, as palavras são quase... nostálgicas? Ele parece surpreendentemente sincero enquanto olha além dos meus ombros, para o vasto salão. Se eu não soubesse a verdade, diria que é um homem que genuinamente se importa com os Arcanistas atrás de mim. A severidade abandona seus olhos, e sua expressão se suaviza para algo que eu descreveria como anseio. Mas então ele desvia o olhar, e o governante frio e calculista que conheci está de volta, abrindo um sorriso malicioso e quase ameaçador.

– Especialmente agora que tenho outra chance de sentar com a mulher que meu filho decidiu me apresentar de surpresa como um potencial futuro membro da família – retoma ele.

– É uma honra estar na presença de todos vocês. – Mantenho os olhos na comida, usando-a como desculpa para fingir deferência.

– Duas vezes em um dia, inclusive. – O rei se recosta na cadeira e apoia uma das mãos na mesa, tamborilando um dedo, pensativo.

– Sou realmente abençoada. – Abro um sorriso forçado e tomo um gole de vinho.

– De fato, sobretudo sendo uma plebeia que meu filho conheceu... Como vocês se conheceram? – Seus olhos disparam entre mim e Kaelis.

Olho para Kaelis, grata quando ele responde:

– Eu estava trabalhando na Cidade do Eclipse...

– Não me lembro de você ter trabalhado na Cidade do Eclipse no ano passado – interrompe Ravin.

Kaelis estreita os olhos para o irmão.

– Eu não te informo de cada passo que dou.

– Não concordamos em respeitar as fronteiras um do outro? Que, se um vai ao domínio do outro, isso deve ser claramente comunicado?

Ravin se recosta na cadeira, girando a taça de vinho. Leigh continua comendo obedientemente ao lado dele, como se tudo isso fosse muito normal.

Pelos quatro naipes, espero *não ter* que entrar nessa família de fato e me acostumar com essas conversas. Se tiver, vou adotar a abordagem dela: silêncio.

– Talvez eu respeite as fronteiras mais do que você – rebate Kaelis.

– Basta. – O rei está focado apenas em mim. – Quero ouvir dela.

– Eu...

Olho para Kaelis. Nunca discutimos sobre como supostamente nos conhecemos.

– Não seja tímida. Me conte essa história de amor épica.

– Eu nasci na Cidade do Eclipse. Meus pais eram profundamente apaixonados, mas o trabalho do meu pai exigia que viajasse com frequência e o impedia de ficar na cidade. – A verdade me surpreende. Vislumbres fugazes dos meus primeiros anos flutuam pela minha mente, quase se condensando no rosto do pai que ativamente tentei esquecer. Não posso partilhar toda a verdade, mas isso não impede que os detalhes dolorosos suavizem minha voz, enquanto teço a ficção do que poderia ter sido. – Não era nada de especial, minha família. Mas tínhamos o suficiente para nos manter.

– Onde estão seus pais agora? – pergunta o rei.

– Meu pai nos deixou quando eu ainda era uma criança pequena. Minha mãe morreu na Descida. – As palavras ficam um pouco mais duras. O rei não tem a decência de me oferecer pêsames, então fico chocada quando Kaelis se remexe e desliza um joelho contra o meu, empurrando de leve, quase como um incentivo. Ergo os olhos para ele, os lábios se entreabrindo com perguntas que não posso fazer no momento. *Ele sabe que estou falando a verdade*, percebo. Consegue ouvir na minha voz. – Ela deixou fundos suficientes para eu me sustentar.

– Mesmo que você fosse só uma criança? – intervém Leigh, com empatia genuína. Talvez ela não seja tão ruim quanto imaginei.

– Minha mãe tinha amigos de confiança que eu conhecia bem. Eles ajudaram a cuidar de mim, se envolveram na minha vida e resolveram as coisas no lugar dela, até eu ter idade para me virar sozinha. – Penso nas figuras encapuzadas que sempre apareciam no Antro da Ruína. As pessoas com quem ela trabalhava e que eu sabia que estavam cuidando de nós também. Pessoas como Bristara. – Eu só conheci Kaelis quando completei a idade de ir à Descida também.

– Clara tinha descoberto seus poderes arcanos recentemente. Por acaso eu estava na cidade e, bem, a gente se conheceu – diz Kaelis, assumindo a história. – Só quando fui à casa dela e vi algumas relíquias que herdou do lado materno da família que eu entendi sua linhagem improvável. Depois disso, era uma questão de encontrar provas. Considerando a morte precoce da mãe, agora ela é a última herdeira viva do clã.

– Sorte sua. – O sorriso de Ravin é mais um esgar.

– Tive um pouco de sorte mesmo, creio – respondo, retribuindo o sorriso.

– Parece uma história de amor predestinada – diz Leigh, pensativa.

– Épica ou não... as pessoas estão fazendo perguntas demais sobre vocês dois – relata o rei. – Minha Corte já está zunindo como um campo num dia de verão, isso quando não estão obcecados com o fugitivo de Halazar.

– Os fofoqueiros da Corte deviam achar um hobby – murmura Leigh com uma nota de asco. Ela se torna cada vez mais simpática para mim.

– Ouvi esses boatos do fugitivo. – Aproveito a oportunidade de afastar o assunto de mim e Kaelis e não parecer intimidada pela menção à fuga. – Eles têm algum mérito?

– Claro que não. – O rei bufa. – Ninguém foge de Halazar.

– Pai... – começa Ravin.

O rei cala o filho.

– *Ninguém foge de Halazar.* E, caso acontecesse, o indivíduo não sobreviveria por muito tempo. – Ele fala como se estivesse tentando dobrar a realidade à sua vontade. Mas, pela primeira vez, a realidade favorecida pelo rei Oricalis me beneficia, então mantenho a boca fechada. – O que eu acho muito mais perigoso é que minha nobreza duvida da sinceridade do seu relacionamento.

Lá se foi a esperança de mudar de assunto...

– Deixe que duvidem. – Kaelis afasta a ideia com um aceno de mão. – Vou continuar mandando Arcanistas habilidosos para os clãs e isso vai segurar a língua deles. Não precisam se preocupar comigo.

– Você é o segundo na linha de sucessão – diz ele, severamente.

– Só até Leigh ter um herdeiro. – Kaelis inclina a cabeça para o irmão. – Aliás, a quantas anda? Faz o quê, dois anos já? Não me diga que não é bem equipado para a tarefa, irmão.

Ravin range os dentes com tanta força que sua mandíbula se projeta para

a frente.

– Herdeiros à parte, também há a questão do possível retorno de um clã, o que vai mudar o equilíbrio do poder – aponta o rei. Pouca coisa é mais assustadora a toda Oricalis do que a ideia de outra Matança dos Clãs. A última guerra entre clãs destroçou o território e o povo. – O que é outra fonte de dúvida entre os nobres: como a última herdeira sobrevivente de um clã poderia amar o homem que massacrou todos os seus parentes?

– Pai. – Kaelis mal consegue proferir a palavra com os dentes cerrados. Fecha um punho ao redor da faca como se estivesse considerando enfiá-la no pescoço do pai pela mera menção ao Clã do Eremita.

Eu intervenho antes que Kaelis possa dizer ou fazer algo que piore a situação:

– O que devo fazer para assegurar a nobreza que meu amor pelo príncipe é sincero e que nem eu nem o Clã do Eremita jamais seremos uma ameaça aos outros clãs?

– Acho que o que minha Corte precisa para acalmar as más línguas é uma prova mais concreta desse romance clandestino – responde o rei Naethor, reflexivo. – Uma prova de que você está focada demais em ser uma boa esposa para meu filho para ser uma ameaça ao equilíbrio de poder.

– E como poderíamos oferecer essa prova a eles? – Espero sinceramente que ele não sugira adiantar nossos votos e os selar com o Quatro de Paus aqui e agora.

– Muitos acham estranho vocês passarem tão pouco tempo juntos. Para um casal *tão* apaixonado e um homem tão protetor quanto meu filho, é de esperar que você já seria uma presença fixa nos aposentos dele.

– Bom, nesse caso... – Kaelis se vira para mim com um sorriso caloroso, apoiando os dedos amorosamente nas costas da minha mão. Seus movimentos são relaxados, como se ele não estivesse cogitando esfaquear alguém segundos atrás. – Acho que é hora de contar a eles. – Só posso sorrir e assentir, torcendo para que ele saiba o que está fazendo. Kaelis se vira para o pai. – Já estou providenciando essa mudança. Só precisei de um tempo para deixar meus aposentos à altura dos padrões de uma dama como Clara. A maioria dos cômodos estava empoeirada e negligenciada por falta de uso. Eu não queria levar minha futura esposa a instalações menos que perfeitas.

Ravin fecha o rosto, emburrado; com certeza não está acreditando em nada disso.

– É mesmo? – O rei Naethor arqueia as sobrancelhas.

– É – insiste Kaelis. – Ela já deve se juntar a mim esta noite.

– Excelente. – O rei olha para Ravin. – Não acha?

– Sem dúvida. – O ar de desagrado não deixa o príncipe herdeiro, e o resto da refeição é consumida rapidamente e em relativo silêncio.

Quando o rei levanta, o resto do salão para o que está fazendo. Há continências e mesuras respeitosas enquanto ele parte, seguido por Ravin e Leigh. Kaelis e eu ficamos sozinhos na mesa central.

– Eu vou me mudar pros seus aposentos? – sussurro assim que o rei vai embora.

– É isso ou Halazar – diz ele, seco.

– Sabe, às vezes eu quase escolheria Halazar – murmuro.

– Assim você me magoa.

– Gosto de te manter esperto.

Há uma centelha de divertimento nos olhos dele, mas evapora rapidamente quando o vejo perceber, assim como eu fiz, que vamos ter que morar juntos.

– Vá ao seu quarto e reúna os pertences essenciais que quer levar pessoalmente – instrui Kaelis. – Vou pedir aos criados que cuidem do resto.

A contragosto, deixo o salão e sigo para os dormitórios. Meus passos são pontuados por reflexões sobre o que isso vai significar para mim enquanto iniciada. As liberdades limitadas que lutei para conseguir vão desaparecer. Não posso exatamente sumir na maioria das noites para ver meus amigos se estiver bem embaixo do nariz de Kaelis, mas me obrigo a parecer extasiada, como uma mulher que praticamente assegurou a bênção do rei e cuja cabeça está destinada a uma coroa.

Então, com um suspiro, abro a porta do meu quarto – ou o que já foi meu quarto.

Eu esperava estar sozinha. Não vi Alor sair do jantar. Mas, claro, não estava prestando atenção em ninguém que não estava na mesa da realeza. Ela está jogada na cama, sobre as cobertas, e na mão já curada gira uma adaga – a mesma com que dorme toda noite.

Seus olhos estão tão afiados quanto o fio da arma.

– Me diga... como é que você, como uma iniciada do primeiro ano, que só devia ser capaz de usar as primeiras cinco cartas de um naipe, consegue lançar um Dez?



—Não sei do que você está falando.

Lanço um olhar incrédulo para ela antes de ir ao guarda-roupa e pegar a bolsa. Os criados podem levar as roupas – não são minhas mesmo. A maior parte do que é valioso para mim está na escrivaninha.

– Eu vi. – Alor para de girar a adaga. – Você destruiu minha carta antes que ela pudesse se inverter.

Solto um murmúrio. Não quero *mesmo* lidar com isso agora.

– Acho que usei dois Ases e o Cinco de Ouros.

– Por acaso pensa que sou idiota? Sei reconhecer a magia de Ouros. Conheço a cadência das cartas. – A fachada de decoro de Alor está rachando. – E o Cinco, mesmo combinado com um ou dois Ases, não é forte o suficiente para fazer o que você fez.

– Acho que você teve um longo dia. Aliás... desculpe pela mão – digo com gentileza e continuo enfiando coisas na bolsa, embora esteja preparada para convocar uma carta do baralho na coxa. – É fácil se confun...

– Não me insulte! – A arma treme na mão dela. Há cartas espalhadas na cama ao seu lado. A mulher está armada e a postos. – Eu vi. Também notei todas as noites que você saiu escondida desse quarto.

– Não sabia que eu tinha um toque de recolher – retruco, seca.

– Diga aonde vai. É algum tipo de treinamento secreto? Como você consegue fazer tudo que faz? – exige ela outra vez.

– Eu não sabia que você se importava tanto comigo.

Destranco a gaveta da escrivaninha e tento pôr as cartas em questão na bolsa sem ela perceber.

– Eu não me importava, até você decidir se envolver nos meus assuntos.

– Isso é por causa das moedas?

Ela e Eza deixaram claro que as vagas de Espadas eram deles. E como essa é a única Casa na qual posso entrar agora... estamos em competição direta. Três para duas vagas.

– É porque está óbvio que você tem algum tipo de vantagem. – Alor agora aponta a adaga para mim. Eu só não saquei uma carta porque ela continua na cama. – É por causa do príncipe que você pode usar magias mais avançadas? Ele te levou de volta ao Cálice em segredo?

– Achei que uma *nobre* saberia que o Cálice não é o único jeito de acessar poderes maiores. É difícil, mas possível, treinar a si mesmo. Alguns Arcanistas apenas têm talento, da mesma forma que algumas pessoas conseguem correr mais rápido ou pular mais alto. – Mantenho o tom calmo.

É evidente que ela acha que estou sendo condescendente, porque fica corada.

– Eu sei como a magia funciona. Sei que os Arcanistas faziam uma peregrinação ao Cálice antes de esse lugar sequer ser uma ideia na mente de Kaelis.

– Ótimo, então sabe que alguns Arcanistas nunca precisaram do Cálice. Que bom que tivemos essa conversa.

Sei o que ensinam aos nobres, no que eles acreditam. E é difícil não acreditar, com as leis da Coroa suprimindo o desenvolvimento natural dos Arcanistas – e porque o Cálice de fato ajuda a expandir nossos poderes.

– Como ousa...

Dou um suspiro pesado e a interrompo:

– Talvez eu seja uma dessas Arcanistas talentosas e tenha me tornado a consorte do príncipe *justamente* por causa disso.

Com um rosnado, ela crava a adaga na mesa. Com perfeição. Seus olhos estão incandescentes; sua indiferença fingida, enfim abandonada.

– Droga, me diga qual é o seu segredo!

– Não tem truque nenhum, Alor. Eu só consigo usar as cartas que uso. Apesar do que você ouviu a vida toda, não existe apenas um jeito de usar o tarô ou ganhar seus poderes.

Por um momento, ela murcha, mas então a raiva e a descrença vencem.

– Não. – Alor se levanta. – Não. Eu contei todas as cartas que você usou hoje. Os outros podem não ter visto em meio ao caos, mas *eu vi.* Eu já vinha te observando. Nem minha irmã consegue usar tantas cartas num mesmo dia quanto você. Nem o melhor terceiranista que a Academia já viu. – Ela aponta um dedo na minha cara, e só o fato de não ser a adaga é o que a mantém viva. Mas ela está testando minha paciência. – Tem alguma coisa que você não está me contando. Segredos que está escondendo de todo mundo.

Abro a boca, mas ela não se importa mais com o que eu tenho a dizer.

– E você deu uma das suas moedas justo para a *Luren*.

Sinto o impulso de defender minha amiga.

– O que eu faço com meus recursos, prêmios e talentos não é da sua conta.

– É mesmo? – Os lábios dela se curvam num sorriso quase sardônico. – É da minha conta, sim, quando você obviamente quer me tornar sua inimiga.

– Eu não me importo com você! – Eu me viro para encará-la, a exaustão do dia enfim despertando algo aqui dentro. Alor parece surpresa, sua expressão tão chocada que vale repetir as palavras só para senti-las pairarem no ar. – Eu. Não. Me. Importo. Com. *Você*. Tenho tantas outras coisas mais importantes do que essa Academia mesquinha e suas casas idiotas e moedas e testes.

– Retire o que disse – sussurra ela.

– O quê?

De tudo que eu disse hoje, o que nisso, em particular, transformou sua raiva em uma fúria gélida?

– Retire o que disse!

Alor salta sobre mim. Eu desvio, mas ela esperava o movimento e engancha o braço no meu. Caímos com força no chão.

Rolamos até eu ficar em cima dela, prendendo-a antes que possa me acertar.

– Pelos Vinte, qual é o seu problema hoje?

A única coisa me impedindo de fazer mais – fazer pior – é que, se ela quisesse mesmo me atacar, teria me atacado. Poderia ter pegado a adaga. Poderia ter lançado uma carta. Ainda poderia. Mas não o fez... não está fazendo.

Isso não se trata de mim.

– A escola é a única coisa que importa – ela quase grita.

– *Por quê?*

– Porque é o único jeito de ele prestar atenção em mim.

– *Ele?* – Eu me afasto um pouco. Embora Alor esteja arfando, com a respiração entrecortada e a raiva mal contida, não acho que vai me atacar de novo. Está virando essa dor de volta para dentro. – Eza?

Espero de coração que ela não esteja apaixonada por *Kaelis*.

Ela dá uma gargalhada e senta-se enquanto eu deslizo para o lado.

– Pelos Vinte, não. Eza é um meio para um fim. Prometi que o ajudaria a entrar na Casa de Espadas em troca de informações.

– Que tipo de informações?

– Isso é particular. – Ela puxa os joelhos contra o peito, abraçando-os.

– Quem é "ele", então? Ou é "particular" também?

– É, mas... – Ela suspira, murmurando uma sequência de palavrões que por fim terminam em: – Meu pai. A atenção dele sempre esteve dispersa, destinada a pessoas e coisas melhores que eu. Mais importantes. Ele nunca esteve presente na minha vida. – *Conheço a sensação...* – E, mesmo quando está, é como se estivesse a um mundo de distância.

– Emilia é a favorita? – arrisco, pensando no homem de armadura que liderava o grupo de cavaleiros do Clã da Torre ao qual Emilia se juntou. Não prestei muita atenção nele no meio daquele caos.

– Entre nós duas? Sim. Mas o verdadeiro favorito dele é o dever. As tarefas secretas que o rei designa a ele. Longas missões e períodos ainda mais longos que passa longe de casa. Tem sempre tantas pessoas e lugares disputando sua atenção que eu nunca consegui me equiparar. – Alor desvia o olhar, a voz suavizando. – Quando Emilia começou a se sair bem aqui... quando se tornou o Rei de Espadas... foi como se finalmente tivesse se tornado digna aos olhos dele. Toda vez que voltava para casa, meu pai falava com ela sobre seus planos no escritório. Emilia finalmente foi levada além do muro de silêncio dele. E eu não me ressinto dela por isso – dispara. Seu pânico com o possível mal-entendido revela sua sinceridade. – Estou feliz

que tenha o amor e a atenção dele. Ela merece. Eu só quero o mesmo. Quero merecê-lo também.

– Mas você sabe que vai ser aceita na Casa de Espadas. Sua irmã deixou isso claro. Assim que o ano acabar, você vai voltar para casa triunfante.

– Pelo que vi na minha exibição hoje, não tenho nada de triunfante. – Ela dá um sorriso amargo sob os olhos cansados. – E se você entrar na Casa de Espadas também, *você* vai se tornar o Rei no nosso terceiro ano. Não eu.

Não posso argumentar. Se houvesse uma competição entre nós duas, eu sei que venceria. *Mas tenho uma vantagem injusta*, sinto vontade de dizer. Quero contar a ela que tem razão. É só o sigilo dos Maiores e minha missão que me mantém de bico calado.

A compaixão desabrocha em meu peito. Percebo que isso talvez tenha sido a fonte da frieza dela comigo desde o começo. Provavelmente ouviu de Emilia sobre meu desempenho no Cálice Arcano. Quase posso me ouvir descrita como "um talento" ou "uma joia bruta". E agora que ela me pegou usando um Dez...

– Tá bom – concedo. – Eu te ajudo o melhor que puder.

Como acabei sendo a pessoa garantindo que todos esses iniciados se saiam bem?

– O quê? – Seu olhar tinha vagado à janela, mas agora está fixo em mim outra vez.

– Vou tentar te ensinar o que sei sobre pintura e lançamento... o que sei além do que estão ensinando nas aulas. Mas não me peça nada de leitura, porque sou péssima nisso.

– Você pode fazer isso? Achei que tinha dito que era puro talento.

– Talento é ter sua linha de partida mais perto da chegada. Claro, quem tem chega mais rápido ao destino. Mas, com trabalho duro e diligência, qualquer um *pode* cobrir a mesma distância... mesmo sem os rituais do Cálice – garanto a ela.

Sei que a explicação está simplificada, no melhor dos casos, e é um pouco ingênua considerando como o mundo funciona. Mas, às vezes, precisamos de um excesso de otimismo para sobreviver. Era o que eu sempre dizia a Arina. E ela brilhou. Toda esperança que já tive para minha irmã, os desejos que sinto que carregava desde antes mesmo de saber falar o nome dela, se tornaram verdade.

Talvez se tornem verdade para Alor também.

– Você faria mesmo isso? Por mim?

O ceticismo dela é compreensível. É a primeira vez que temos uma conversa significativa e estou oferecendo uma grande ajuda.

– Sim – digo, tanto para mim quanto para ela.

– Por quê? Eu não fui lá muito simpática com você.

– Você não foi *tão* ruim. – Sobretudo agora que sei que ela e Eza não são amiguinhos. Graças aos Vinte. Analisando todas as nossas interações com uma nova perspectiva, percebo que fiz muitas suposições. – Eu sei a importância da família. É basicamente a única coisa pela qual vale a pena lutar nesse mundo de merda.

Ela fica imóvel, desviando o olhar para um canto do quarto. Um senso de culpa anuvia o ar ao seu redor.

– É por isso que você sai à noite? Para ver sua família?

– Às vezes.

– Seus pais?

Balanço a cabeça e me levanto para terminar de limpar a gaveta.

– Meu pai não queria nada com a gente. Mal me lembro dele antes de nos deixar, nem consigo recordar seu rosto. Não ia querer nada com ele nem se soubesse quem é. – Minha mãe nunca precisou dizer isso, mas eu sempre soube que o dinheiro acabou porque ele foi embora. Deixamos a casa confortável de que me lembro vagamente e nos mudamos para o Antro da Ruína. Havia uma distância nos olhos dela quando falava dele que só agora que estou mais velha consigo reconhecer como vergonha. – Minha mãe morreu na Descida. Minha irmã...

As palavras secam e parecem ficar presas na garganta. Não sei o que dizer. Estou pronta para admitir tudo isso? Deixar Alor saber tanto sobre mim? Eu confio nela a esse ponto? Não contei nem ao rei sobre Arina – mas também não disse com todas as palavras que não tenho uma irmã. Pintei minha história sem detalhes de modo a não levantar suspeitas caso a verdade o alcançasse.

Da parte dela, Alor só continua sentada e espera com paciência que eu continue.

– ... minha irmã desapareceu.

– Quando?

– Ano passado.

Alor pensa por um momento.

– Então há uma chance de ainda estar viva. Tenho acesso a alguns registros no Clã da Torre. Não sei se vão ser úteis, mas, se ela tiver acabado sob os cuidados dos Stellis em algum momento, devo ser capaz de encontrá-la. Talvez ela vá procurá-los agora que sabe a verdade da sua linhagem.

– Duvido.

Pelo menos, espero que não o faça. Os registros dos Stellis são o último lugar onde quero ver o nome de Arina. Mas, considerando as circunstâncias misteriosas do seu desaparecimento e a alegação de que ela acabou nos moinhos, que são todos supervisionados pela Coroa...

– Ainda assim, não faria mal investigar, e eu gostaria de oferecer *alguma coisa* em troca da sua tutoria mágica.

Viro para ela, genuinamente surpresa pela sinceridade da oferta.

– Você faria isso?

– Uma mão lava a outra. É justo. Além disso, eu também sei a importância da família.

É por causa dessa última parte que acredito nela.

– Tudo bem, então. – Pela primeira vez, vejo Alor como mais que uma conhecida, como uma possível amiga.

– Qual era o nome dela?

A pergunta é compreensível e esperada, mas me paralisa.

– Arina Daygar – digo enfim.

É a primeira vez que estou confirmando minha conexão com Arina a outra iniciada, e não acredito que é justamente para Alor.

– Arina Daygar? – repete ela, reconhecendo o nome e confirmando meus piores temores. Só consigo assentir. – A iniciada que fugiu ano passado?

– Foi o que me contaram.

– Clara... Eles... Ela... – Alor solta um suspiro pesado.

Eu a poupo de ter que me dar a notícia.

– Ouvi o que disseram: que ela "fugiu", foi presa, enviada aos moinhos e morreu, mas não consigo achar nenhum moinho com registros dela. – O clube procurou.

– Então quer saber para qual moinho ela foi mandada?

– Quero saber o que *realmente* aconteceu – enfatizo, sustentando o olhar de Alor. – Nossas origens são humildes. A Academia era o melhor que poderíamos esperar; não tínhamos ideia de que havia um sobrenome

diferente com uma linhagem nobre esperando por nós – acrescento, em prol da ilusão que devo manter.

Alor começa a entender o que estou dizendo.

– Ela passou no Festival do Fogo – prossigo. – Ela *entrou.* Ainda não era exatamente uma estudante, mas tinha uma chance. Por que fugiria?

Alor franze o cenho enquanto reflete. Considero o fato de que não diz nada um bom sinal de que chegou à conclusão correta.

– Ela não fugiria – continuo, dizendo o que Alor já entendeu sozinha. – Pelo menos, não sem um bom motivo... que eu ainda não consegui encontrar. Ou então o que estão dizendo é mentira. – Há quem me consideraria iludida por ir contra a história oficial dos fiscais, mas parece que Alor não é um deles. Gosto mais dela a cada minuto. – Eu conheço minha irmã tão bem quanto você conhece a sua. Ela não teria fugido depois de entrar. *Alguma coisa* aconteceu com ela.

– Bem, acho que isso vai facilitar minha investigação. Se ela foi enviada aos moinhos, eles estão sob a jurisdição dos Stellis, não dos fiscais da cidade. Eu devo conseguir achar alguma coisa.

– Obrigada. – Estou sendo sincera, e Alor percebe.

Por um momento, quase vejo os olhos da minha irmã nela: a determinação singular de Arina.

– Então, sua família estendida... os Daygars... é pra lá que você vai agora? – *Acho que "família estendida" é um bom jeito de chamar o Clube dos Malfadados.*

– Não dessa vez. – Levanto e pego minha bolsa. – Vou morar com o diretor.

– Quê? – Ela solta um arquejo escandalizado. – Então é verdade mesmo? Vocês estão noivos?

Assinto e forço um sorriso.

– E perdidamente apaixonados.

Ela bufa alto. Eu a encaro. Alor me encara de volta e deixa escapar:

– Ah, espera, eu deveria acreditar nisso?

Não consigo controlar um sorriso, mas ele não dura muito.

– É... complicado. No entanto, tenho um acordo com ele também. Minha segurança está em risco, e a gente se importa o suficiente um com o outro para se ajudar.

– Isso é mais a cara do Kaelis que sempre conheci e ouvi falar... Ele não

parece ser um homem que ficaria caidinho de amor. – Alor acena com a cabeça e se levanta. – Bem, não vou reclamar de ter o quarto só pra mim.

– Não vai ter mais que dormir com uma adaga.

Ela dá de ombros.

– Eu faço isso com ou sem você.

– Você é esquisita.

– Você também.

Eu sigo para a porta, sentindo que há mais a ser dito. Acho que não sou a única.

– Se precisar... pode voltar – acrescenta Alor assim que minha mão alcança a maçaneta. Olho por cima do ombro e ela assente. – Sério.

– Obrigada.

– Temos histórias no Clã da Torre sobre o segundo príncipe de Oricalis. – Uma sombra cruza suas feições, como se o próprio Kaelis tivesse entrado no quarto. – Mesmo tendo um acordo com ele... tome cuidado.

– Eu sempre tomo.

Tento manter um sorriso intrépido enquanto saio, mas ele me abandona assim que fico sozinha nos corredores de novo e logo estou cruzando a ponte. Dessa vez, na superfície. Certifico-me de que os Stellis me vejam entrando nos aposentos de Kaelis como se fossem meus também. Acho que agora são.

Kaelis me aguarda na porta, quase abrindo um buraco no chão de tanto andar de um lado para o outro. Mal olha para mim quando diz, meio brusco:

– Por aqui.

Eu o sigo através das portas duplas à direita – portas que nunca atravessei e que se conectam com uma passagem estreita com ainda mais portas. Porém, passando pela última, há um quarto majestoso. É apenas um quarto, do tamanho do cômodo principal dele, mas ainda é maior do que qualquer coisa que já tive.

– Vai servir?

O príncipe parece... constrangido. Odeio vê-lo assim.

– Aham.

– Você sabe onde me encontrar – diz Kaelis, se virando para a porta.

Quase o impeço, mas não tenho motivo para fazê-lo. Ele vai embora sem dizer mais nada. Acho que ambos precisamos lidar com esse novo arranjo

sozinhos esta noite. Sobretudo porque o fervor de antes parece ter esfriado e se tornado vergonha pelo fato de que estávamos prontos para arrancar as roupas um do outro.

Com um suspiro suave, deixo a bolsa na mesa e sigo para a cama, não me dando ao trabalho de trocar de roupa. Pensar no que aconteceu entre nós faz as sensações voltarem com tudo. Ainda sinto suas mãos em mim e me reviro de um lado para o outro.

Quando estou quase caindo no sono, arranhões suaves na porta me despertam. Olho em sua direção, esperando, ouvindo. Mais arranhões.

Com a magia pronta para o que quer que esteja lá fora, vou na ponta dos pés até a porta e a abro devagar. Olho para baixo e encontro um par de olhos dourados.

Priss solta um miado alto que se transforma em um bocejo antes de entrar no meu quarto e se acomodar ao pé da cama.

Soltando uma risada abafada, eu me junto a ela, esfregando entre suas orelhas e me perguntando se Kaelis está acordado na cama, questionado onde sua companheira de sempre foi parar. *Ela realmente gosta mais de mim.* Não consigo conter uma risada suave. Nada vai me ajudar a dormir melhor na minha primeira noite aqui do que a satisfação arrebatadora e presunçosa de ser escolhida por essa gata.

– Eu não esperava compartilhar minha cama na primeira noite aqui – sussurro para Priss. – Mas, por você, fico feliz em abrir uma exceção.



CAPÍTULO 40

A luz matinal atravessa as cortinas translúcidas, lançando tons frios e opacos no ambiente, o que destaca os contornos da cabeceira ornamentada da cama. Pisco e, por um momento, uma lembrança cruza minha mente – a cama de Liam, seu cabelo bagunçado e o sorriso caloroso e satisfeito que brincava em seus lábios antes que me beijasse. *Não quero que vá*, falei. *Eu sei, mas tenho que ir e volto em breve*, respondeu ele.

Deveríamos ter fugido juntos.

Todos nós. Liam. Eu. Arina. O clube inteiro... Deveríamos ter tomado os túneis das montanhas, suportado a travessia do deserto e fugido para algum lugar onde poderíamos estar livres de Oricalis.

Fecho os olhos e me esforço para afastar as lembranças. Não sei bem por que estão voltando agora. Talvez porque tenha sido a única outra vez que acordei no quarto de um homem. Claro, dessa vez estou sozinha. Nem Priss está mais aqui.

– Você tem uma linda noiva – digo ao espectro de Liam que ainda vive em mim. A parte que, de alguma forma, nem meu sacrifício ao Cálice conseguiu matar.

Aquela noite na festa de Ravin... Se eu não tivesse cedido aquele futuro,

seria ali que teríamos encontrado o caminho de volta um para o outro? Não, os detalhes da festa não combinam com a visão do Cálice. Porém, passo as costas da mão na testa e digo a mim mesma que foi a noite que vi no Cálice.

Vou perder a sanidade se não parar de pensar num passado que não pode ser desfeito. Um passado que, sinceramente, eu nem sequer desejo. Liam já era um capítulo concluído antes mesmo do Cálice. Não desejo um futuro com ele. Só quero que a lembrança dele não me magoe mais.

Além disso, estou noiva agora, e preciso levantar e enfrentar meu primeiro dia aqui com Kaelis, o que quer que isso signifique.

O guarda-roupa está vazio. Ainda que eu esteja grata por ninguém ter entrado aqui durante a noite, também estou levemente surpresa por Kaelis não ter providenciado uma dúzia de peças para mim. Se bem o conheço, as roupas devem estar em algum lugar por aqui. Abro a porta e espio.

Tenho a estranha sensação de estar invadindo um lugar proibido, embora, de acordo com ele, esta seja minha ala dos seus aposentos. O corredor tem cinco portas, e eu saio da última. Aquela à minha direita dá para um banheiro pequeno, mas bem equipado – então pelo menos parte das necessidades da manhã está resolvida. Aquela à esquerda abre para um quarto de vestir com roupas do meu tamanho. Tem até alguns trajes novos. Eu sabia que os encontraria. Escolho uma túnica simples e calças que não vão chamar muita atenção. Acho que já atraí olhares mais que suficientes ontem à noite.

As outras duas portas no corredor despertam minha curiosidade. Aquela à esquerda do banheiro é um escritório que parece dividir uma parede com o escritório de Kaelis, se entendi direito a disposição dos aposentos. Claro, com a natureza labiríntica da Academia, eu posso estar totalmente errada. As estantes e a mesa estão vazias. Será que vou me acomodar o suficiente aqui para enchê-las ou sempre vou me sentir uma hóspede temporária em meu novo "lar"?

Eu me pergunto por que ele não me levou até esse escritório para trabalhar na minha carta Maior. Digo a mim mesma que é porque, no dele, Kaelis podia ficar de olho em mim. Mas... não parece o caso.

Do outro lado do escritório há uma despensa estreita, abarrotada de caixas e pergaminhos empoeirados que fazem meu nariz coçar. As encadernações dos livros nas estantes estão tão carcomidas por traças que temo que se desmanchem sob meu toque. A pintura a ouro dos títulos

descascou a ponto de não ser mais legível, e os pontinhos dourados que caem salpicam bugigangas esquecidas entre as caixas, coletando-se num brinquedo de madeira descartado que talvez já tenha pertencido a Kaelis. Porém, imaginá-lo em criança não parece... natural. É como se ele já tivesse nascido como o homem severo que conheci.

Bem nos fundos, há uma série de retratos cobertos de teias de aranha. Cada um parece mais antigo que o outro. Uma moldura particularmente ornamentada atrai meu olhar. Com delicadeza, puxo para a frente as outras telas empilhadas.

Prendo o ar para não ter uma crise de tosse.

Um par de olhos pretos incisivos me encara de volta, tão intensos quanto os de Kaelis, mas diferentes. Mais velhos – ainda que não tanto quanto os que encarei ontem à noite.

O rei Oricalis está parado ao lado de um trono, não sentado nele. No centro do retrato há uma rainha com olhos verdes reluzentes e cabelo igualmente escuro, embora o seu tenha um brilho único que reconheço – é como o de Kaelis, um cabelo de um tom escuro de púrpura, mais do que preto de fato. Ela usa uma coroa de cinco pontas. Quatro delas contêm um naipe dos Arcanos Menores. No centro, sobre o cenho, há uma enorme safira.

Encaro a estranha pintura, tentando entender o que vejo. Nunca conheci a rainha Oricalis, mas já vi retratos dela em clubes e tavernas. Ouvi histórias de seu cabelo pálido e "beleza de luar".

Essa não é ela.

Então, se não é a rainha Oricalis... *quem é?* E por que ela está na posição dominante no trono, usando a coroa e segurando... Eu me inclino para olhar melhor o que ela equilibra entre as mãos. *Uma carta em branco?* Não... a pintura a ouro descascou aqui também. As linhas mal estão visíveis. Se a iluminação fosse melhor, talvez...

– Clara? – A voz de Rewina me distrai. Dou um pulo para trás, os quadros voltando ao lugar com um barulho alto e uma nuvem de poeira. Ela está parada na porta, a expressão uma mistura de desaprovação e cautela, e suas palavras têm uma leveza forçada. – Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa?

– Ah, não, eu estava só... procurando o banheiro. – A mentira soa esfarrapada até para mim.

– Sua Alteza não aprovaria vê-la aqui – diz ela, gesticulando para eu deixar a sala.

– Por quê?

– Não tem nada importante aqui, só poeira. – Rewina tosse, dissipando a nuvem que me segue, e então tira teias de aranha dos meus ombros com alguns tapinhas. – Nada com que uma dama como a senhorita precise se preocupar. – Em seguida ela tranca a porta atrás de mim. Nada disso responde por que Kaelis não me quer aqui... – Agora, se quiser terminar de se vestir, o desjejum está servido.

Vou ao banheiro e fico parada ali por um momento, tirando teias de aranha do cabelo. Um estalo de magia crepita sobre minha pele, e suspeito que ela não tenha trancado a porta só com a chave que eu vi. Guardando minhas perguntas por enquanto, eu a sigo para fora dos meus aposentos, cruzando o saguão central até outro corredor que se conecta a uma sala de jantar familiar; jantamos aqui uma vez. No entanto, a atmosfera esta manhã está notavelmente diferente. Mais tensa.

A mesa está posta com diversos pratos. Kaelis ergue os olhos quando chego.

– Bom dia. – Seu tom não revela nada. – Espero que tenha dormido bem.

– Tão bem quanto possível.

Meu tom é relutante, embora mais por hábito do que qualquer outra coisa, para ser sincera. Aceito a cadeira para a qual Rewina me guia, à direita dele, mas teria ficado feliz em ocupar a cabeceira oposta da mesa e manter distância.

– Considerando que roubou minha gata...

– Eu não *roubei* sua gata. – Reviro os olhos e pego meu guardanapo.

– ... eu esperaria que tivesse dormido bem mesmo – conclui ele, ignorando meu protesto.

– Estamos esperando companhia? – A mesa foi posta para seis, mas só estamos nós dois aqui.

– Considerando a habilidade irritante do meu irmão de entrar na Academia quando bem quer, nunca se sabe.

O comentário me faz pensar em Silas, que pode trazer e tirar alguém da Academia com magia. E se ele for o infiltrado de Ravin aqui... Guardo o pensamento para mim mesma, assim como faço sobre o retrato.

Conhecimento é poder, e preciso escolher quando soltar essas flechas do meu arco. Agora não é o momento.

Aja quando tiver certeza. Reúna informações primeiro. Ouço em alto e bom som as instruções de Bristara na minha cabeça.

– Enquanto estiver nas aulas hoje, vou arrumar seu escritório para você começar as falsificações.

Assinto. Imaginei que não continuaria usando a espreguiçadeira no escritório dele, já que tenho o meu agora, mas a pergunta de antes retorna: *por que só não me dar aquela sala, para começo de conversa?* Olho para Kaelis pelo canto do olho enquanto cutuco a comida, meu olhar caindo para sua boca e como ela se retorce enquanto o príncipe folheia as páginas de um livro aberto ao seu lado.

Será que o clima tenso se deve ao que dissemos antes do banquete ontem à noite? Aos limites que estávamos tão dispostos a ultrapassar? Mas agora... agora que estamos aqui, parece que preferiríamos fazer qualquer outra coisa.

O silêncio é opressivo, então termino de comer o mais rápido possível.

– Volte à tarde para podermos começar o trabalho.

Paro a meio caminho da porta. Sei reconhecer uma ordem.

– Eu vou fazer o que quiser.

Kaelis apoia o queixo na palma.

– Não se esqueça, Clara, eles precisam pensar que você está perdidamente apaixonada por mim. *Não* me evitando. Caso contrário, só te resta Halazar.

Sinto como se milhares de agulhadas perfurassem minha pele com a ameaça nada sutil. Dou um olhar reprovador para ele e, por um segundo, vejo sua expressão suavizar – como se ele também percebesse que a alfinetada foi desnecessária. Mas não lhe dou a chance de dizer mais nada e só vou para a aula.

Assim que alcanço os outros iniciados, percebo o burburinho ao meu redor como folhas de outono ao vento. Muitos nem tentam disfarçar, o olhar disparando entre mim e seus amigos enquanto murmuram sobre como jantei à mesa da realeza, minha mudança súbita aos aposentos de Kaelis e o que ouviram do nosso relacionamento até agora.

Mantenho a cabeça erguida e o sorriso largo. É mais fácil quando Luren se apressa para me acompanhar, e Sorza e Dristin aparecem à minha esquerda.

– Você está bem? – pergunta Luren, com a voz cheia de preocupação.

– Como não estaria, se vai virar uma princesa? – questiona Dristin, seco. – Ela está um passo mais perto da realeza.

– É, mas sendo noiva de *Kaelis* – aponta Sorza, o que o silencia.

– Eu não poderia estar melhor – me obrigo a dizer. Com ou sem ameaça, Kaelis tem razão sobre precisarmos manter as aparências. Falo alto o bastante para as pessoas ao redor ouvirem também: – Estou feliz que meus aposentos finalmente ficaram prontos. Passamos tempo demais separados.

Sorza me dá um olhar significativo e reduz o passo. Eu faço o mesmo, permitindo que Dristin e Luren sigam na frente. Os dois logo entabulam uma conversa. Dristin tem sido gentil com Luren nos meses após a morte de Kel, sempre garantindo que ela tenha alguém ao seu lado.

– Tem certeza de que está bem? – pergunta Sorza baixinho.

Eu a encaro.

– Claro que estou, eu falei que não poderia...

– Eu sei o que falou. – Sorza me examina. – Mas não é verdade.

– É, sim – insisto.

– Clara...

Paro de andar e Sorza também, e sustento o olhar dela.

– Eu estou exatamente onde preciso estar, Sorza.

Por favor, entenda e deixe pra lá, imploro em silêncio.

Ela deve perceber meu apelo, porque dá um leve aceno e seguimos em frente. A sala de aula está num turbilhão de atividades quando nos acomodamos nas cadeiras ao redor do ringue de duelos. Largo a bolsa no chão, ao meu lado, e me remexo para achar uma posição confortável, imaginando que sou a rainha do retrato. Serena. Destinada a me sentar no trono.

– Hoje vocês vão se dividir em trios para explorar os diferentes métodos para duelar contra dois oponentes ao mesmo tempo. – Vaduin entra na arena central, correndo os olhos pelos iniciados. – Nem sempre nossas circunstâncias serão justas, mas temos que persistir...



O tempo marcha com regularidade conforme o frio começa a se infiltrar cada vez mais fundo nos corredores da Academia.

As aulas recuperaram o ritmo após o Dia de Ouros, mas os professores estão começando a enfatizar a importância de *toda lição*, como se cada uma fosse a última antes dos Desafios do Três de Espadas. Felizmente, estou mais à vontade agora que entendi o que os professores estão procurando. Mesmo que não possa pintar, lançar ou ler cartas do *meu* jeito aqui... a coisa funciona.

À noite, me concentro nos rascunhos apressados que Twino fez num pergaminho e que Jura enfiou no meu bolso na marcha de volta do Dia de Ouros. Comparo-os com meus rascunhos iniciais, feitos de memória, depois os aprimoro e comparo de novo, e aí durmo e os aprimoro mais um pouco no dia seguinte.

Embora ainda esteja morando em seus aposentos, mal vejo Kaelis – o que é inesperado e estranho. Tomamos café juntos de manhã, mas falamos menos do que quando nos esbarrávamos ocasionalmente na escola. E, quando conversamos, é apenas sobre minhas falsificações.

– Promissor.

Sua voz fica espessa e grave quando está focado, sobretudo antes de tomar sua segunda xícara de chá. Ele franze o cenho de leve enquanto examina meus rascunhos sob a luz matinal, o que significa que está se esforçando para encontrar problemas. Estou começando a notar todos esses detalhes sobre ele.

– Acha mesmo?

– Sim, mas acho que isso aqui não está certo. – Kaelis aponta para uma das linhas. – Veja como está forçada. Algo *assim* não seria mais natural? – Ele pega uma caneta e rabisca sobre meu desenho.

– Natural não significa certo ou preciso – rebato.

– Significa, quando o que parece natural para mim geralmente é certo e preciso.

– Engraçado, também é assim que funciona comigo.

Ficamos desenhando por cima das linhas um do outro e debatendo até os sinos tocarem e ser hora de ir para as aulas.

E faço tudo de novo. E de novo. *E de novo...*

Eu me embrulho bem em casacos de lã pesada sempre que saio à noite. Kaelis concordou que, para aumentar minhas chances de ser aceita em uma

casa, não posso ser uma completa eremita em seus aposentos. Mas não sei qual atmosfera é mais opressiva: os aposentos de Kaelis ou as áreas comuns, onde todos os estudantes e iniciados me olham como se eu tivesse uma segunda cabeça.

Minha única trégua é com meu inesperado grupo de amigos, nas horas em que passamos na biblioteca ou na frente de uma lareira praticando para os desafios iminentes. Ou naqueles raros momentos em que volto a meu velho quarto para treinar com Alor em segredo. Ela aprende rápido e é tão afiada quanto as adagas que sempre carrega consigo. Até me vejo aprendendo novas técnicas quando treino com ela.

Certa noite estou perdida em pensamentos, voltando aos aposentos de Kaelis mais tarde do que pretendia, e meu coração quase sai da boca quando escuto uma voz que não ouço há semanas.

– Clara, tem um minuto?

Silas está encostado num arco de pedra.

– Que foi?

Eu paro, mas não me aproximo. Ele ainda é um assunto não resolvido, mas não me atrevi a fazer qualquer jogada. Não tenho as provas de que preciso para saber como tratá-lo, de um jeito ou de outro.

– Queria avisar que os nobres ainda estão falando sobre você e Kaelis. Não estão convencidos de que o amor de vocês é real.

– E como você saberia isso se nunca sai da Academia? – pergunto, com cautela, recordando sua hesitação em sair daqui quando nos conhecemos.

– Escuto coisas nos corredores.

– Eu também.

– Bom, então sabe que precisa fazer alguma coisa para convencê-los.

Sinto uma onda de irritação.

– E o que você propõe? Que eu deite numa mesa no salão e abra as pernas para Kaelis me tomar ali mesmo?

As palavras pingam sarcasmo, mas há uma curiosidade genuína por trás delas. Não consigo deixar de me perguntar se Silas tem algum conselho que eu possa pôr em prática, mesmo sem saber se o acataria.

– Provavelmente não isso. – Seus lábios se curvam em um meio sorriso que ele logo abandona. – Estamos quase no recesso antes dos Desafios do Três de Espadas. Faça algo nesse período para convencê-los.

Não é uma sugestão terrível...

– E você tem alguma ideia do que pode ser?

– Vá à Corte. Ou, pelo menos, às festividades de solstício da Coroa. A família real de Oricalis está sempre promovendo algum evento em algum lugar. Apareça e chame atenção como na festa de Ravin, só que... mais.

– Vou pensar a respeito – digo, e me viro para ir embora.

Ele pega meu antebraço. Nem o ouvi se aproximar.

– Clara... – Silas faz uma pausa, examinando meu rosto. – Eu... eu fiz algo que te ofendeu?

– Claro que não. – Forço um sorriso antes que a máscara de compostura possa cair. – Só tem muita coisa acontecendo. Os desafios estão chegando, afinal, e minha leitura não é tão boa quanto eu gostaria. Então preciso garantir que vou passar em lançamento e pintura, senão estou destinada aos moinhos.

– Certo. – Ele me solta.

Começo a andar, mas paro. Virando de novo para ele e já me arrependendo das palavras, pergunto antes de conseguir me segurar:

– Silas, você está mesmo do meu lado?

Mas ele sumiu como se nunca tivesse estado lá. Fico parada, o ar frio esquecido enquanto espero uma resposta que não vem.



Os dias se transformam em semanas. O outono abandona suas cores com um último dia tempestuoso, e o inverno avança com tudo. As folhas caídas são como areia em uma ampulheta, lembrando os iniciados de que os Desafios do Três de Espadas se aproximam.

E me lembrando de que estou ficando sem tempo.

Trabalho no Santuário dos Maiores e a mudança de ritmo me traz novas ideias para as falsificações. Eza e eu continuamos nos cercando como lobos, cada um mordiscando os calcanhares do outro, mas ninguém chega a atacar. Ajudo Sorza a pintar sua própria carta, e ver como ela faz suas linhas me leva à descoberta que eu precisava.

Naquela noite, trabalho até o amanhecer. E, no dia seguinte, assim que

entro na sala de jantar para o café, apresento a Kaelis os desenhos finais das falsificações.

Ele os estuda em silêncio por um momento longo e agoniante. Finalmente, ergue os olhos para mim.

– Sim.

Com essa única palavra, uma descarga de empolgação faz meu corpo inteiro formigar. A centelha nos olhos dele é como uma faísca surgindo em carvão. Faz semanas que ele não me olha com nada além de contradição, e fico chocada ao perceber que senti falta dessa paixão.

Me ame ou me odeie, contanto que olhe pra mim como se minha existência te deixasse em chamas... Mordo o interior das bochechas para não falar isso em voz alta e expulso o pensamento da mente.

– Agora vamos começar o processo de pintá-las.

– Estive pensando nisso e...

– Essas cartas são especiais e vão precisar de tintas especiais para se tornarem falsificações convincentes. Meu pai não vai ser enganado por tinta ou papel normais.

Kaelis se levanta, sem dúvida achando que seu plano é melhor que o meu. A mesma coisa tinha cruzado minha mente.

– As águas na estátua do Mundo? – arrisco.

– Seu raciocínio está certo, mas não; as águas do Mundo não vão funcionar. A cor só muda para ouro com uma carta real.

– Talvez se eu pintar com meu sangue? – É como faço com outras cartas.

– Por mais que você seja extraordinária, para isso vamos ter que usar algo tão antigo e poderoso quanto a fonte do Mundo.

– E o que seria? – pergunto, cruzando os braços.

É melhor essa ideia ser boa, já que ele não está nem considerando minhas opiniões.

– Venha me encontrar logo depois das aulas. Dê sua melhor desculpa apaixonada para os outros que monopolizam tanto do seu tempo. – Há quase uma pontada de... ciúmes em sua voz? Mas devo estar imaginando coisas, já que, se ele quisesse meu tempo, sabe exatamente onde me encontrar há semanas. – Você não vai jantar com eles hoje à noite.

– O que vamos fazer? – *E por que meu coração está acelerado?*

Ele abre a boca, mas é interrompido pelos sinos e só dá um sorrisinho.

– Vá, Clara. E volte logo. Prometo que vai valer a pena.



CAPÍTULO 41

Em um dia bom, já é difícil me focar no que a professora Las tem a dizer sobre leitura em sua voz sussurrada e sonhadora. Hoje, é ainda pior. Mal o sino toca, já estou reunindo minhas coisas.

Quando Luren pergunta se vamos almoçar juntas, faço questão de anunciar bem alto que o diretor – "Quer dizer, meu noivo!" – precisa de mim esta tarde.

– A tarde *toda*. Não me espere para jantar. – E dou uma piscadela, só para completar.

Mais de um estudante nos corredores faz algum tipo de ruído, gesto ou expressão de desgosto. Não presto atenção neles. As palavras – e alertas – de Silas ainda queimam em meus ouvidos. *Eles não estão convencidos.* Não posso desperdiçar uma oportunidade de enfatizar nosso profundo "amor" um pelo outro.

De volta aos aposentos de Kaelis, encontro-o em seu escritório, debruçado sobre a escrivaninha.

– Você parece uma mulher com uma missão.

– Você nem ergueu os olhos – digo, apoiando uma das mãos no quadril.

– Posso ouvir nos seus passos. Fica diferente quando você tem uma

meta.

– Não sei como isso é possível, já que eu sempre tenho uma meta.

Cruzo a sala até Priss, que está enrodilhada na espreguiçadeira, e agacho para fazer minha oferenda obrigatória de carinho no queixo dela.

Kaelis nos fita por um momento, pousando na companheira peluda.

– Traidora.

Priss estica o queixo ainda mais, como se quisesse provocá-lo. Ele revira os olhos.

– Podemos ir pra esse tal lugar onde vamos achar nossos suprimentos especiais? – pergunto, me levantando.

– Está animada, hein?

– Sim. – Estou mesmo; não tem por que esconder. Vou até a mesa. – No que você está trabalhando?

– Como conseguir a Estrela. – Kaelis fecha o livro-razão que estava inspecionando antes que eu possa examinar seu conteúdo, guarda-o na mesa de novo e tranca a gaveta. – Já que você está quase terminando suas falsificações, é hora de eu me dedicar a obter o último Maior. As coisas devem acontecer rápido depois disso. Preciso assegurar o Mundo antes que meu pai perceba o que aconteceu.

– Você disse que sabe onde a Estrela está, não? – Lembro das palavras dele serem algo como *Não se preocupe* e *Deixe comigo.*

– Sei. Mas saber onde algo ou alguém está e conseguir chegar a esse lugar são enigmas completamente diferentes um do outro.

– Onde é? Talvez eu possa ajudar.

– Com esse trabalho, não. – Ele balança a cabeça e se levanta. – É um problema para o futuro. Por ora, é melhor deixar a Estrela no lugar do que levantar suspeitas agindo rápido demais e arriscar que a pessoa seja movida. Agora, me siga.

Não me mexo nem quando ele me contorna.

– Posso ajudar.

– Clara...

– Você quer que eu confie em você, não quer? Disse que estávamos fazendo isso juntos.

Ele suspira e passa a mão pelo cabelo, sem me encarar quando diz:

– Tenho motivos para crer que a Estrela está ou já esteve em Halazar. Ainda não sei qual dos dois. Mas vou descobrir. – Ele finalmente olha para

mim. A sinceridade transborda do seu olhar, inunda suas palavras. – De toda forma, jurei que você não voltaria para lá e vou manter essa promessa.

Engulo em seco.

Ele me examina, sem perder um momento da minha hesitação.

– A não ser que gostaria de...

– Não, você tem razão, eu já tenho tarefas suficientes.

Talvez eu seja covarde. Mas... *não posso voltar pra lá.* Kaelis pode resolver essa.

– Se eu achar que você pode ajudar, te aviso.

Seu olhar se suaviza enquanto olha para mim. Não consigo sustentá-lo por muito tempo. Não quero sua pena... mesmo se for justificada.

– Se a Estrela está em Halazar, você não pode deixar a pessoa apodrecer lá. – Eu me obrigo a continuar encarando-o. – Mesmo se significar que precise da minha ajuda, no fim. Você *tem* que tirar a pessoa de lá, e o quanto antes.

– Vou fazer isso assim que puder.

Ele parece estar falando sério. Mas...

– Quanto tempo ela já passou lá?

Será que eu teria sentido a presença de outro Maior no meu tempo lá? Mas, claro, não reconheci nada diferente nos outros Maiores em relação a qualquer outro Arcanista na Academia.

– Não sei.

– Você soa tão casual. – Minha voz endurece um pouco.

– Clara, se eu não puder fazer uma jogada segura, vou pôr eu mesmo, a Estrela e todo nosso plano em risco. – *Nosso plano*, não só dele. Isso me cala. – Nem sempre é bonito ou legal, mas o que estou fazendo tem que ser feito. – Ainda assim, as palavras não têm a compaixão que eu gostaria de ouvir quando se trata de alguém em Halazar. Desvio o olhar. Kaelis se aproxima meio passo. – Em breve. Muito em breve eu vou recuperar a Estrela e o receptáculo, e vamos convocar o Mundo. Quando estiver nas minhas mãos, tudo vai ser melhor, prometo.

– Obrigada.

Deixo o assunto de lado, torcendo para que ele escute todos os motivos pelos quais estou agradecendo. Kaelis assente e estende a mão, e eu a seguro.

Ele me guia para fora do escritório, através do quarto e pela passagem conectada a seu closet. Descemos, quase como se estivéssemos seguindo

para o Mundo, mas desviamos para um caminho que, de alguma forma, eu nunca notei. A escada se estreita e se torna decrépita. As paredes se aproximam como se tentassem nos espremer ali.

Essa é a segunda vez que tenho essa sensação sobrenatural. Exceto que, agora, encontro uma corda de salvação em nossos dedos entrelaçados. Como se fosse pela simples vontade dele que tenho permissão de estar aqui. A cada passo, um medo irracional se enraíza em mim, um medo de que, se o soltar, as sombras vão consumi-lo. E *me* consumir. E eu vou ficar perdida nessas profundezas para sempre.

Toda luz desaparece. O frio faz os pelos na minha nuca se arrepiarem e meus dentes baterem. Mas Kaelis se mantém firme. Mesmo na completa escuridão, segue em frente no mesmo ritmo constante. Não mostra sinais da energia frenética que eu senti da primeira vez que vim aqui ou que estou sentindo agora.

Com um estalar de seus dedos, chamas frias iluminam as tochas esquecidas que queimam sem odor ou fumaça. A luz dança da superfície entalhada de uma porta familiar. Não consigo impedir meus olhos de fitarem a porta onde Silas originalmente me largou depois de salvar minha vida. O sangue sumiu. Será que ele limpou? Ou a magia do lugar o fez desaparecer?

– Como está se sentindo? – Kaelis faz uma pausa para perguntar. – Esse lugar tem proteções para manter as pessoas afastadas.

– Isso explica essa sensação desconfortável – murmuro, olhando para a completa escuridão atrás de nós, que oculta o caminho do qual emergimos.

Agora que saí, o calor está voltando aos meus pés. Me pergunto se o único motivo para ter conseguido chegar aqui sozinha da primeira vez foram minhas habilidades inatas como Maior.

– O Louco gostava de trabalhar sozinho... e manter suas descobertas para si. – Kaelis fala com admiração.

– O Louco? – repito, certa de que ouvi errado.

Ele assente, sorrindo.

– Você devia ver sua cara agora.

– Está me dizendo que o Louco esteve... *aqui*?

– As fundações da Academia pertencem ao primeiro castelo do Louco.

– Achei que a Academia era uma fortaleza construída pelo reino de Revisan.

Só que, pensando bem, a estrutura sempre pareceu robusta demais – muito mais moderna do que um reino que caiu há mais de mil anos poderia ter construído. Mas o Louco existiu antes disso. Algo não está fazendo sentido.

– Antes de ser deles, era do Louco. Tudo é construído sobre o passado. Renomeado e reutilizado. Reerguido sobre histórias há muito esquecidas... – Kaelis olha para a porta. A luz dançando em seu rosto lhe dá um ar sobrenatural. Suas faces parecem mais encovadas, seu nariz mais afiado, e seus olhos... seus olhos brilham com uma voracidade que faz brotar uma pontada de terror nas minhas entranhas de um jeito que não acontece comigo há meses. – Fique perto de mim, Clara. Esse caminho é traiçoeiro... mas, se tem alguém capaz de aprendê-lo, seria você.

– E você vai me mostrar?

Dou meio passo em sua direção, ciente de que é o mais próximo que ficamos desde aquela noite após o Dia de Ouros. Meu coração dispara. *Não posso demonstrar que já estive aqui.* Algo em mim sussurra que Kaelis não reagiria bem à revelação... Mal resisto ao impulso de massagear o pescoço, onde a luz me cortou da última vez.

– Sim, para você e só para você – sussurra ele.

Antes que o sentimento possa pairar o suficiente entre nós para tirar uma resposta de mim, ele se vira para a porta, leva a mão ao peito e a estende com um floreio. Três cartas se erguem do baralho no bolso interno do seu casaco e pairam no ar. Com um giro do pulso, ele as joga contra a porta. Uma luz ilumina padrões ocultos no aparente caos dos símbolos.

Como antes, a porta se abre para dentro, em silêncio, revelando ainda mais escuridão.

– Siga *exatamente* meus passos. – Kaelis aperta minha mão ainda mais forte.

– Entendido.

Respiro fundo e cruzamos a parede viva de sombras para entrar no recinto à meia-luz com o chão de areia batida. Os mesmos dez feixes de luz, finos como lâminas, formam colunas contra as paredes. Quase posso sentí-los afundando na pele, mas mantenho o rosto e os movimentos firmes.

Kaelis se move com sua graciosidade quase sobrenatural de sempre, mas, aqui, sua elegância é ainda mais notável à medida que estende os pés e arqueia o corpo sob e ao redor dos feixes. Faço o melhor possível para imitar

seus movimentos através da areia cortada pelas luzes. De alguma forma, ele sabe exatamente onde cada feixe vai estar antes que reapareça, sempre um passo à frente. Consegue abrir caminho para si mesmo e me guiar sem dificuldade.

Do outro lado do salão, ele exala devagar, relaxando os ombros tensos.

– Que lugar era aquele? – pergunto, escolhendo as palavras com cuidado para não ficar óbvio que já estive aqui.

– Quanto você gosta desse casaco?

– Que pergunta é essa?

– Não muito, espero? – Ele continua ignorando minhas perguntas e estende a mão, esperando.

– Imagino que possa me arranjar um novo? – Eu tiro o casaco, já sabendo o que vai acontecer, mas entrando no jogo.

– Te arranjo qualquer casaco que quiser. – Kaelis o pega e, de novo, continua antes que eu tenha a chance de decifrar o significado mais profundo das palavras. – Agora, veja.

Kaelis joga o casaco no salão. A peça mal tem a chance de flutuar. Assim que se abre, um feixe de luz surge e desaparece, cortando-o no meio. Como tubarões em um frenesi, as luzes piscantes cortam cada pedaço mais cem vezes antes que os restos caiam no chão de areia como retalhos quase invisíveis... pouco mais que poeira ou areia.

– *Ah.*

Se Silas não tivesse me ajudado, eu teria sido reduzida a uma polpa irreconhecível. Não é à toa que vi aquele pedacinho de osso; não sobra nada das pessoas que morrem aqui.

– É por isso que você tinha que me seguir *exatamente.*

– Como você sabia onde os feixes iam aparecer?

– É um padrão – responde, como se fosse óbvio, mas não era.

Lutando contra um senso de ineptidão, continuo:

– Eu perguntei *o que* é aquele salão... Como funciona? Que cartas o criaram? Como a magia se sustenta?

– Esse é o poder do Louco. – Kaelis se vira, me guiando pelo túnel. – Você me acompanhou bem, aliás.

– Você parece impressionado.

– Não muito. Eu já sabia que era flexível. – Sua voz é grave, e o olhar que manda por cima do ombro é praticamente sugestivo.

– Sabia?

– Eu te observo com atenção há meses. É mais fácil agora que dividimos os mesmos aposentos.

Paro no túnel. Kaelis me encara, arqueando uma sobrancelha escura.

– Então por que me trata como uma hóspede indesejada desde que me mudei pra lá?

– Não fiz isso.

– Fez, sim.

Sustento seu olhar, e ele solta um ruído entre uma bufada e um suspiro que me informa que está cedendo.

– Porque... – Essa única palavra dispara um arrepio pelo meu corpo. – Saber que tenho você lá, comigo... me deu ideias. – O sentimento nas palavras faz a voz dele ficar grave no final.

– Que tipo de ideias?

Os olhos de Kaelis brilham à meia-luz.

– Você não ia querer saber.

– É ousado da sua parte dizer o que eu faria ou não, o que iria querer ou não.

– Você deixou seus sentimentos... seu *ressentimento...* em relação a mim bastante claros.

– E você sente o mesmo em relação a mim – declaro.

– Sinto? Me diga quanto ódio demonstrei por você. Quanto ressentimento.

Kaelis espera. Abro a boca, mas não digo nada. Ele tem estado retraído, mas não ressentido... Na verdade, faz meses que não sinto nada que poderia parecer animosidade da parte dele. Odeio não conseguir responder. Questionar metade dos meus pensamentos e palavras. Com um suspiro alto, Kaelis me puxa como se ambos estivéssemos fugindo do momento e mergulha no que quer que nos aguarde adiante.

– Por aqui – indica ele.

Viramos num canto. Calor e luz me atingem. Pisco os olhos, que marejam de imediato. Uma parede de fogo bloqueia o caminho.

Kaelis para bem na frente dela. As chamas rodopiantes rugem com tanta ferocidade que criam seu próprio vento. Brasas salpicam o cabelo dele, iluminando o preto e a púrpura com ouro.

– Você confia em mim? – pergunta ele, apertando minha mão com mais

força e me fitando.

– Que pergunta é essa?

– Isso não é uma resposta.

Sei que não é. *Confio mesmo em Kaelis?* Seus olhos escuros, agora faiscando com chamas, me perfuram até a alma. Como se ele achasse que pode encontrar a resposta dentro de mim antes que eu mesma a encontre. Conhecendo-o e sua arrogância eterna, provavelmente *é* o que pensa.

– Você confia em mim? – repete ele, a pergunta quase inaudível em meio ao rugido das chamas.

Respiro fundo.

– Confio.

Com os dedos entrelaçados aos meus com força, ele salta na direção das chamas. O choque me faz engolir um grito quando sou puxada com ele.

Mas o fogo é só um sussurro de ar frio. Kaelis e eu estamos parados entre duas fileiras de chamas diante das quais há pilhas de cinzas que suspeito que já foram seres humanos. Ainda assim, mesmo vendo que é o caso, não consigo deixar de me questionar...

– Alguma parte era real?

Enquanto pergunto, suor escorre pela minha nuca.

– A maior parte do que você vê é real. – Kaelis me guia até a próxima parede antes de me puxar através dela. – Mas há lacunas no fogo, preenchidas por ilusões. Os lugares onde cruzamos são os únicos seguros.

Chegamos ao outro lado, ilesos.

– Como você descobriu tudo isso? – pergunto, quando começamos a descer o túnel seguinte.

– Progresso lento, testes, instintos. – Ele dá de ombros, como se não fosse nada de mais.

– Um jogo perigoso de tentativa e erro.

Detesto quando o príncipe é tão impressionante. Fico querendo me esforçar ainda mais.

– Não é sempre?

Quando ele me lança um olhar, tenho a sensação de que sou o foco desse sentimento.

– E agora? – Mudo de assunto para a tarefa em mãos, afastando a conversa.

– É uma sala que pode captar emoções... Qualquer pensamento ou

sentimento negativo ou raivoso vai engatilhar a sala e enchê-la de ácido. Se mantivermos a sala seca por tempo suficiente, a porta do outro lado vai se abrir.

– Espadas, Paus, Copas... – digo, pensando. – A sala final tem algo a ver com Ouros?

Ele assente, e paramos no limiar do cômodo seguinte. As paredes estão cobertas de poeira de cristal triturado, que cintila sob a luz de um orbe central.

– Essa sala vai ser fácil. Você só precisa ser feliz.

Antes que eu possa responder, Kaelis me puxa para dentro. "Ser feliz" – as palavras se arrastam pela minha mente enquanto tropeço. Quanto tempo faz que não me permito simplesmente ser feliz? Quanto tempo faz desde que tive motivo para isso?

Um líquido de uma fonte desconhecida se ergue na sala e sobe até meus calcanhares. Meus sapatos de couro chiam suavemente. Pequenas bolhas se formam. O ácido é leve, mas sem dúvida não vai demorar muito para devorar o material.

– Clara – diz Kaelis baixinho, atraindo meus olhos para ele.

O homem não parece sentir o menor pânico com a ideia de nos afogarmos e dissolvermos em uma sala de ácido. Ele dá aquele sorrisinho meio torto que me diz que está sendo sincero, que o estou vendo por completo.

– Largue tudo isso, só por um instante – pede.

– É mais fácil falar do que fazer.

Dou uma risada nervosa. O ácido sobe de novo. Assim que alcança o topo dos sapatos e começa a encharcar minhas calças, chamuscando meus calcanhares, meu coração começa a acelerar. Quero soltar a dor e os temores – estou tentando –, mas toda vez que tento não pensar sobre os infortúnios da minha vida, penso dez vezes mais neles.

– Dance comigo.

O pedido é tão inesperado que imobiliza todas as emoções e inseguranças se revirando em mim.

O ácido para de subir.

– O quê?

– Você sabe dançar, não sabe? – Ele parece incerto quando estende a mão.

Zombando, eu a aceito.

– A gente dançava na maioria das noites no clube.

O mundo vira um borrão quando ele me gira. É um passo simples de quatro contagens. O tipo de dança que todo mundo aprende primeiro, mas, com alguns floreios da parte dele, se torna muito mais. O suficiente para amortecer a dor crescente e torná-lo a única coisa que importa.

– Você é muito frustrante, sabia disso? – pergunto quando sua mão desliza das minhas costas até minha cintura.

– O que eu fiz agora?

Os passos dele são impecáveis.

– É tão bom em tudo.

– Não em tudo. – Ele ainda sorri, mas a expressão fica triste.

– Diga uma coisa em que não é bom.

– Fazer as pessoas confiarem em mim. – As palavras são pesadas, como se fossem um fardo para ele há algum tempo. – Não, *merecer* a confiança delas.

– Eu acabei de literalmente atravessar o fogo por você, Kaelis. Cinco meses atrás, estava pronta para cortar sua garganta... Eu diria que você não é tão ruim em merecer a confiança dos outros quanto pensa.

Ele nos gira, me puxando mais para perto. Seus lábios roçam na minha orelha.

– Eu queria dançar com você desde o Cálice Arcano. Desde que vi *ele* na festa de Ravin.

– Você não me parece ser do tipo ciumento.

Ele se endireita.

– Geralmente, não sou. Mas você é... você sempre foi... diferente.

– Por quê? – Não é uma pergunta casual, só para continuar a conversa. Eu quero mesmo saber.

– Porque... – Um sorrisinho puxa os cantos da sua boca. – É você.

– O que isso significa? – insisto, rindo.

– Sempre que vejo você, vejo o que o mundo poderia ser.

Sem aviso, a porta do outro lado da sala se ilumina e o ácido some de vez. Minhas botas e calças estão subitamente secas e o tecido, remendado, como se o ácido nunca tivesse existido. A magia atuando aqui, qualquer que seja, de fato é bastante poderosa.

Ao longo do túnel que leva à sala seguinte, fantasio sobre o que pode

haver nessa suposta oficina secreta do Louco. Se ela é real – e talvez seja, considerando todas essas barricadas –, o que o Louco protegeria com toda sua habilidade? O que é essencial aqui para que eu pinte as cartas falsificadas?

Na sala seguinte, meu assombro e alegria somem como o ácido de antes. Esqueletos recobrem o chão. A maioria está apodrecendo há tanto tempo que foi reivindicada pelo solo, mas alguns parecem tão limpos quanto pratos lavados. São todos distintamente humanos.

Eu sabia que pessoas teriam morrido neste lugar na primeira vez que vim aqui e vi o pedaço de osso – que senti a luz me cortar. Mas há uma diferença entre ter uma noção e... *isso.* Não são pedaços de osso pouco maiores que os grãos de poeira que os cobrem. Ou pilhas de cinzas. Imagino que o ácido da terceira sala devore as vítimas por inteiro, mas estes são restos completos de pessoas deixadas aqui para apodrecer. A brutalidade desses aposentos se abate sobre mim.

– Eles são... reais?

– Sim – diz Kaelis, com um tom grave.

– E você só os deixa aqui? – Olho entre ele e a sala de esqueletos. – Não tem respeito pelos mortos?

Kaelis não podia fazer muita coisa pelos restos mortais nas primeiras três salas, mas aqui pode.

– Primeiro, eles eram invasores.

– E você não é? – retruco.

– É a minha Academia.

– Isso não era a oficina do *Louco*? Que é o motivo de você ser obrigado a entrar furtivamente aqui também? Como eles?

Kaelis abre a boca, mas não diz nada. Então tenta de novo.

– Bem, se meus ossos estivessem aqui, eu esperaria que fossem deixados como um aviso também.

Bufo, sem acreditar.

– É verdade – insiste ele. – Além do mais, mesmo se eu quisesse pegar os esqueletos, não seria seguro.

– Não?

– O teste final é bem simples, só que não dá margem, ou dá pouquíssima margem, para erros. Quando entrarmos, você não pode fazer nenhum som

mais alto que o farfalhar de folhas. Não importa o que veja ou o que as plantas façam...

Ele aponta para cima. As paredes estão cobertas de galhos caindo do teto. Dezenas de flores, vermelhas como os lábios de um dançarino, pendem dos galhos.

– O último beijo – murmuro.

Kaelis vira a cabeça depressa para mim, com uma expressão espantada.

– Você conhece a rosa-do-crepúsculo?

– Surpreso?

– Não imaginei que fosse uma botânica.

– Não sou... mas tenho um bom amigo que é. – Ren conseguia fazer qualquer coisa crescer só com um olhar. – Seu pólen, quando inalado, causa paralisia total, inclusive coração e pulmões. Quando o pólen entra em contato com a pele, a corrói até o osso.

Não é à toa que os esqueletos aqui estão tão limpos.

Kaelis assente.

– Mova-se o mais silenciosamente possível se não quiser acabar como esses convidados indesejados. Está pronta?

Assinto.

Ele vai primeiro, e eu sigo. Não há caminho "certo", mas acabo seguindo os passos dele mesmo assim. Tenho muita experiência em me esgueirar por lugares, mas os olhares vazios dos esqueletos espalhados pela sala são realmente perturbadores, mesmo para alguém que sobreviveu aos horrores de Halazar.

Com cuidado, seguimos até algumas pedras no centro da sala, sem dúvida colocadas aqui para encorajar alguém a cometer um deslize – literalmente – e fazer barulho, já que a superfície é tão polida que quase se torna um espelho. É do outro lado delas que uma centelha prateada capta meu olhar. Eu me viro, contornando as pedras, meus pés se movendo por vontade própria até o pulso esquelético que ainda tem o metal ao redor.

É um bracelete delicado, com um emblema circular com as letras CM – o mesmo que dei a Arina quando ela entrou na Academia. *Para não esquecer de nós aqui fora.* Esfrego a terra úmida que o cobre, como se pudesse apagar a marca familiar.

– Não.

A palavra escapa de mim como um sussurro arrasado, mas no silêncio

soa como um grito. Minha outra mão vai à boca, como se eu pudesse retirar o som, mas é tarde demais.

As flores estão desabrochando. Seu aroma é doce e enjoativo. O pólen está sendo liberado. Eu recuo às pressas, e Kaelis estende a mão para mim. O instinto de sobrevivência faz com que eu me mova para a frente, uma das mãos apertando o bracelete e a outra apertando a dele. Ele joga seu casaco sobre minha cabeça, mantendo só metade do corpo embaixo dele. Escuto suas inalações bruscas – sons que ele tenta abafar com o tecido pesado sobre nós.

De alguma forma, conseguimos chegar ao outro lado, desabando no chão enquanto outra chuva de pólen cai sobre nós. Kaelis xinga e joga o casaco de volta na sala quando a peça começa a se desintegrar. Vira-se para mim com raiva, mas a expressão evapora no momento em que vê meu rosto manchado de lágrimas.

– Era ela... Arina – digo, rouca.

Os lábios de Kaelis se abrem levemente, de choque. *Eu tive um golpe de sorte, algo que vai mudar tudo,* contou Arina. *Vamos ter todos os recursos que pudermos imaginar e poder atacar a Coroa pra valer. Eles mantêm esses materiais trancados a sete chaves porque são mais poderosos do que tudo que já encontramos*. Aperto o bracelete junto ao peito enquanto tudo que quero dizer, mas não consigo, me sufoca. Será que ela descobriu o Mundo, de alguma forma? *Mudar tudo...* achou que poderia trazer nossa mãe de volta também?

– Não era para ela estar morta – continuo. – Eu não acreditei. Eu... – Engasgo num soluço.

– Clara...

– Não vamos deixá-la aqui. – Com um olhar, eu o impeço quando ele estende uma das mãos para, imagino, me confortar. Ele se encolhe quase imperceptivelmente. Eu talvez não tivesse percebido, se não estivesse com os olhos arregalados. – Não vamos.

Ele volta o olhar para a sala – para a pilha de ossos que são os restos mortais de metade do meu coração. Tudo que me resta dela. Há um segundo em que Kaelis parece prestes a protestar, a me lembrar dos riscos, mas sabiamente se detém. Seria em vão.

Kaelis tira sua longa jaqueta enquanto as flores recuam, ficando dormentes de novo.

– Vou pegá-la.

– Obrigada – sussurro.

Eu deveria ir, sei que deveria, mas meus joelhos ainda estão fracos demais. Meu coração não consegue bater com força suficiente para me apoiar, partido em tantos pedaços como está.

Kaelis pega na minha mão. Embora não diga nada, há mil palavras implícitas no seu toque, atrás dos seus olhos. É um pedido de desculpas e um sinal de luto compartilhado que me garante que ele, de alguma forma, entende essa dor.

Ao me soltar, ele se levanta e volta para coletar os restos mortais de Arina.



CAPÍTULO 42

Quando Kaelis retorna, os ossos de Arina estão embrulhados com cuidado em sua jaqueta, seguramente amarrados na roupa de um homem que poderia ter sido culpado pela morte dela. Embalo os ossos nos braços, apertando-os contra o peito para que nenhum caia. Eu a seguro pela última vez quando retornamos pelas salas que o Louco projetou para manter as pessoas longe da sua oficina. Novamente, tomamos cuidado sob a rosa-do-crepúsculo, mas as armadilhas estão desarmadas na direção oposta, então passamos pelas três primeiras salas com facilidade. Eu já não tenho energia ou força de vontade para me maravilhar com isso.

Sinto muito, sussurra cada batida do meu coração. *Sinto muito*, ecoa cada passo através das passagens da Academia, quando emergimos das profundezas protegidas por magia. A razão combate a emoção. Minha irmã era uma potência, tão pura e selvagem quanto a magia em si. Ela merecia um destino muito melhor.

Cambaleando, me encosto na parede, me curvando na cintura e enterrando o rosto na jaqueta de Kaelis. Tem o cheiro dele, e de solo, e do pólen doce e mortífero cujo aroma fraco já me deixa sonolenta. Não há nenhum traço do óleo de alecrim que Arina usava para trançar o cabelo.

Das loções de lavanda que tinha começado a usar porque a lembravam dos biscoitos de Jura.

Kaelis também para e pousa uma das mãos no meu ombro, como um quebra-mar contra as ondas do luto. Um pilar em que posso me apoiar até conseguir me endireitar e seguir em frente.

– Podemos parar – sussurra ele.

– Não... eu tenho que levá-la pra casa. – Não que eu saiba onde fica nossa "casa". Não é o Antro da Ruína. O clube foi destruído. Arina pode nunca ter estado na mansão na cidade... mas é tudo que tenho. Será o lar dela agora. – Por favor, nos leve à cidade.

Com um aceno solene, o príncipe segue, me guiando por um caminho pela Academia que nunca percorri. A saída secreta, no fim das contas, ficava atrás de uma tapeçaria. Ela se conecta com outro túnel dentro de uma ponte – dessa vez, dentro da ponte principal.

Encontrei. Finalmente, Arina, encontrei sua passagem. Vamos cruzá-la juntas.

O túnel emerge em um pequeno mausoléu em um cemitério na periferia da Cidade do Eclipse, na encosta da ponte que se conecta à Academia. A tranca da porta está quebrada, algo que Kaelis sem dúvida nota, mas não comenta. Eu assumo a dianteira quando entramos na cidade em si.

A caminhada até a mansão parece levar uma eternidade, mas também parece acabar em um instante.

Eu paro diante da porta, encarando-a, impotente. Silas nos levou para dentro da casa... Eu nem tenho uma chave. Kaelis bate por mim. Não consigo relaxar meu aperto no embrulho.

Depois de uma longa pausa, Gregor abre a porta, olhando de mim para Kaelis. Algo entre choque e raiva e puro ódio franze seu cenho.

– Você...

– É Arina – interrompo a indignação justificada dele.

Mesmo que eu tenha contado que minha prisão não foi culpa de Kaelis, o clube sempre vai desconfiar dele, e com bons motivos. Ouviram os boatos sobre o príncipe. Guardam rancor da Coroa que ele representa. Talvez o façam ainda mais por conta do fardo que estou carregando.

– Arina? O que tem ela? – pergunta Gregor depressa, o foco apenas em mim outra vez.

– É Arina. – Eu ergo o embrulho um pouco mais alto. Só consigo

proferir essas duas palavras agora. Qualquer coisa a mais e minha voz vai estilhaçar.

Gregor franze as sobrancelhas e leva um tempo agonizante para entender. Eu afasto um pouquinho o tecido, expondo um osso pálido. Ele leva a mão à boca para conter um soluço de luto imediato. É como ver uma montanha desmoronando. Mas não consegue conter as lágrimas que começam a rolar. Ele cambaleia, batendo tão forte numa parede que as fundações da mansão estremecem.

– Ela... merece um enterro digno – digo, com dificuldade.

Gregor dá um passo para o lado, ainda sem conseguir falar. Kaelis e eu entramos sozinhos.

– Uma estrela caiu! – troveja Gregor, a voz rachando de dor.

O Clube dos Malfadados. Cada um de nós como pontinhos no céu, as estrelas que regem o destino, astros que já foram tão distantes, mas se reuniram como constelações. E, quando um de nós parte de vez, caímos do céu. Uma vida interrompida cedo demais, um mapa cintilante que nunca será igual. O desenho para sempre alterado.

Os outros descem correndo, reunindo-se nas escadas. Param de súbito, tomados por um silêncio pasmo ao me ver... e ao ver Kaelis.

– É Arina – repito, mais alto dessa vez, embora seja igualmente doloroso.

Toda vez que repito seu nome me despedaço um pouco mais.

– O que...?

Jura passa por Twino e Gregor para me alcançar. Estendo silenciosamente o embrulho, e ela desfaz o nó. No momento em que vê a órbita vazia do olho no crânio, seus joelhos cedem e ela desaba com um grito que fala por todos nós.

– Ela... ela...

Eu não consigo encontrar as palavras. Estou perdendo a compostura – o pouco que consegui reunir.

– Vamos enterrá-la – diz Bristara.

Ela está no topo das escadas. Sempre a rocha do nosso clube, Bristara dá as ordens.

Levamos uma hora para nos preparar para o enterro, perambulando pela mansão como fantasmas. Os ossos de Arina repousam em silêncio diante do fogo crepitante da sala de estar, no leito da jaqueta de Kaelis. Jura preparou um bule de chá para ela, junto com os biscoitos que Arina tanto amava.

Gregor está no pequeno jardim murado da mansão, cavando. Ren passa pelo corredor segurando um vaso grande de lírios brancos. Twino está lá em cima, preparando algumas palavras.

Quanto a mim, fico ao lado dela. Arina já passou tempo demais sozinha, e esses são nossos últimos momentos juntas. Então encaro o que resta da minha irmã enquanto mantenho minha vigília.

Não deveria ter sido você, repito sem parar na cabeça, *nunca deveria ter sido você. Eu teria suportado mil anos em Halazar se significasse que continuaria viva.*

Kaelis está parado num canto, um observador e sentinela solitário. Uma sombra que não é totalmente bem-vinda em meio ao nosso luto, mas não tem para onde ir.

– Segundo filho de Oricalis – diz Bristara, ríspida, ao entrar. – Acomode-se no escritório na frente da casa.

É estranho ver alguém dando ordens a Kaelis, e mais estranho ainda vê-lo obedecer sem dizer nada. Ele lança um último olhar preocupado na minha direção. Não tenho energia para lhe dar nada em retorno.

Bristara fecha a porta atrás dele e senta-se no sofá à minha frente, com Arina sobre a mesa entre nós.

– É culpa minha – sussurro.

– A morte sempre parece ser. – A voz de Bristara não é particularmente calorosa. Nunca é. Mas é sincera, do seu próprio jeito.

– Fui eu que a incentivei... que dei um péssimo exemplo, sempre pegando mais trabalhos. A gente ficava competindo. Fazendo mais do que a outra, incentivando a nunca desistir. – *Como o trabalho que me fez ser pega.* – Ela...

– Não era uma criança, por mais que você a visse assim. Arina era uma mulher que fez suas próprias escolhas, igual a você. E ambas sabemos que ela era tão imprudente quanto você, talvez até mais – completa Bristara. Eu murcho, sabendo que é verdade. Odiando que seja. Aceitar toda a culpa seria mais fácil. – No entanto, temo aonde essas escolhas estão levando você. Não podemos confiar na família Oricalis, não importa o que eles te falem.

– O que *ele* fale, você quer dizer – esclareço, sem paciência para ficar de rodeios.

Bristara aperta um pouco os lábios.

– Eu conheço os perigos – insisto.

– Achei que conhecesse, mas agora...

– Agora o *quê?* – Sou tomada por uma agitação rapidamente carregada pela corrente do meu luto.

– Você o trouxe ao nosso santuário. Primeiro Silas, e agora o segundo príncipe em pessoa.

– Eu mesma o mato antes que ele se torne um perigo a qualquer um de vocês – prometo, cerrando os punhos.

– Tem certeza disso?

– Acha que não sou capaz?

– Se acho que tem capacidade? Sim. Mas tem a força de vontade? – Ela se remexe e se recosta no sofá. – Não sei... – Engulo uma réplica afiada. É uma avaliação justa. – Não foi ele que a levou até os ossos dela?

– Topamos com eles por acaso. – Não consigo disfarçar meu tom defensivo.

– Em passagens que só ele conhecia? Você não encontrou Arina sozinha.

Eu sei o que Bristara está insinuando.

– Não foi ele que a matou.

– Tem certeza?

Curvo a cabeça e esfrego as palmas nos olhos.

– Ele ficou tão surpreso quanto eu.

– Tem certeza? – Bristara deixa a pergunta pairar entre nós. Não tenho resposta. – Aquele homem é o líder de cada canto do hospício em que você está vivendo. Ele controla os ensinamentos, a comida, o entretenimento, o que é permitido, o que é proibido, *tudo.* Se quisesse fabricar uma história, você seria capaz de reconhecer a mentira em um lugar onde a verdade dele pode se tornar realidade? Acredita *mesmo* nele?

– Ele...

Bristara se recusa a ouvir meu protesto.

– Clara, *ele* é a causa do nosso sofrimento.

– Ele é um dos súditos do pai tanto quanto nós.

– Você sequer está se *ouvindo*? – Ela balança a cabeça, enojada.

– Ele está tentando reconstruir algo melhor. – Posso ver que ela não

acredita em mim. Insistir não parece ajudar, mas faço isso mesmo assim. – *É verdade.*

– Perdoe-me se não confio no homem que se beneficia do sistema quando diz que vai derrubá-lo por vontade própria. – A declaração soa tão parecida com a minha própria, de meses atrás. Como mudei tanto? – Eu sei bem mais sobre a família Oricalis do que você imagina. Mais do que pôde descobrir, mesmo se aproximando do príncipe. – Nós nos encaramos, trocando um olhar severo. Nenhuma de nós se mexe. O olhar de Bristara se suaviza primeiro. Ela tem um ar *quase* maternal que só me deixa mais agitada. – Espero que tenha razão, Clara, de verdade. E quero acreditar em você.

– Então acredite.

– Você dificulta, quando inspira novas dúvidas em mim a cada decisão que toma.

– Eu errei com Griv, eu sei.

Ela não me deixa elaborar. Bristara nunca foi de ignorar os erros alheios.

– Mesmo antes disso. Sua obsessão em vingar a morte da sua mãe levou você e sua irmã a assumirem riscos que nunca deveriam ter sido tomados, e agora vejo a mesma determinação em você de novo... uma determinação que vai te pôr em perigo. Uma determinação que matou sua irmã.

– Não ouse – disparo, levantando com os punhos cerrados.

Bristara nem se encolhe. Só sustenta meu olhar e faz um desafio.

– Diga que estou errada sem titubear e eu retiro minhas palavras.

Abro a boca, mas um fiapo de bom senso me faz fechá-la. Eu caio de volta no sofá com um ruído de desgosto. Lágrimas de dor, raiva e frustração ardem em meus olhos.

– O que você queria que a gente fizesse? Deixasse o assassino dela impune?

– Eu queria que você confiasse em mim quando sempre te disse que estou cuidando dos seus interesses. Que há forças em ação aqui além da sua compreensão. Que eu quero saber quem matou sua mãe tanto quanto você e Arina, e, se tiver um jeito de descobrir e levar a pessoa à justiça, faremos isso juntos.

Duvido seriamente. No entanto, não falo isso em voz alta.

– Mas botar fé no príncipe nascido do vazio não é o caminho para essas verdades – conclui Bristara.

– É mais do que isso – murmuro.

– Ah, é?

Algo no tom de Bristara me diz que ela já sabe o que estou prestes a dizer, mas falo mesmo assim:

– Eu... *nós*... temos a chance de mudar o mundo.

De trazer minha família de volta dos mortos e consertar tudo. Meu desejo pelo Mundo duplicou esta noite. Já estou imaginando como posso formular meu desejo, para garantir que consiga tudo que eu quero.

Bristara fica tão imóvel e fria quanto ferro forjado.

– Eu não falei nada da última vez, esperando que você abandonasse essa intenção. Mas, como não foi o caso, escute e preste atenção agora: *nunca* procure o Mundo. – As palavras ecoam as de minha mãe e me deixam paralisada. – Essa é uma força que não deve cair em mãos mortais.

– Você acredita nisso, então?

Estou um pouco surpresa. Bristara não parece o tipo de pessoa que acredita em contos de fadas e não reagiu quando contei ao clube sobre o Mundo.

Ela nem hesita quando diz:

– É real.

– Então temos que...

– Me escute, Clara. Há coisas sobre o tarô que você ainda desconhece.

– Eu conheço o suficiente.

– O que o príncipe te contou sobre os Maiores e o Mundo é só uma parte do todo.

– Então me conte tudo! – Jogo os braços no ar, suplicante. – Se sabe de alguma coisa, diga. Ou se cale como antes e me deixe fazer o que acredito ser melhor.

– O Mundo é um poder perigoso que não pode cair nas mãos erradas.

– E é por isso que vou tomá-lo para mim. Eu estive na fonte; sei o que o príncipe vai fazer e já estou planejando tirar a carta dele. Só preciso achar esse tal receptáculo antes que ele o faça. Ou estar lá quando Kaelis convocar a carta.

Bristara fica completamente imóvel. Um espectro de emoções cruza seu rosto – choque, horror, raiva, determinação. Sua voz se torna um sussurro.

– Você viu a fonte.

– Sim, e lá...

– Não avance mais. Sob nenhuma circunstância permita que o Mundo seja convocado. – Há um pânico sob suas palavras que aprofunda minha confusão e curiosidade.

– Me diga por que eu deveria abandonar uma oportunidade de consertar tudo.

– Porque sua mãe iria querer que você defendesse o Mundo daquela família a qualquer preço.

Embora ainda consiga ver que ela tem razão, estou emotiva demais para admitir.

– Não ouse me falar o que minha mãe iria querer ou não.

Mas é exatamente o que Bristara faz.

– Sua mãe preferiria continuar morta a arriscar que qualquer membro da família Oricalis pudesse convocar o Mundo.

Eu me levanto, fervilhando, a visão embaçada pela raiva.

– Como ousa? – As palavras são pouco mais que um sussurro. Mais alto que isso e vou começar a gritar. – *Como ousa?*

– Clara, me escute. Sua mãe tinha um motivo por trás de todos os avisos que deu. Laylis...

– Não fale o nome dela – rosno. – Se não faria tudo que pode para trazer ela ou minha irmã de volta, não tem o direito de pronunciar o nome delas na minha frente.

Bristara suspira pesadamente e abre a boca, mas é interrompida quando as portas são abertas. Twino está do outro lado.

– Estamos prontos – anuncia ele, com um ar solene.

Faço questão de pegar os ossos de Arina, lançando mais um olhar severo para Bristara. Não vou deixá-la transformar a morte da minha irmã em uma oportunidade para me dar um sermão, usando minha perda e meu estado mental embaralhado para me forçar a fazer algo que não quero. Talvez ela perceba que não vou conseguir ouvi-la até a onda do luto recuar, porque também se levanta.

Saio antes que ela possa dizer qualquer outra coisa.

Todos nos reunimos lá fora. O jardinzinho nem é grande o suficiente para todos ficarmos lado a lado, mas nos espremememos. A raiva novamente dá lugar ao pesar no momento em que vejo o buraco que Gregor cavou. Meu estômago está vazio, mas embrulhado. Um nó que não consigo engolir fecha minha garganta.

Todos olham para mim, esperando. Aperto os ossos com mais força, tremendo. *Não era para ser assim*. Resisto ao impulso de correr. Como se, ao não entregar seus restos mortais à terra, eu pudesse trazê-la de volta.

Finalmente, me ajoelho.

– Você sempre vai estar com a gente – sussurra Gregor enquanto acomodo os ossos dela no buraco.

Não é muito fundo, mas não tem que ser. Não há carne apodrecida para os abutres levarem.

– Sei que rosas eram as favoritas dela, mas a única coisa que tenho confiança em replantar são os lírios – diz Ren, como se pedisse desculpas. – Pensei que seria pior se a planta, bem, sabe...

Morresse, todos pensam ao mesmo tempo.

– É lindo, tenho certeza de que ela adoraria – eu o tranquilizo, apesar do nó na garganta. – Ela gostava de todas as flores.

Ren acomoda a planta em cima de Arina e a mantém no lugar enquanto Gregor e eu empurramos terra ao seu redor. Cada pá de terra é um adeus abafado. Quando terminamos, Jura se aproxima com o bule de chá – já frio – e o verte sobre os lírios. O líquido embebe a terra avidamente, como se corresse para matar a sede dela uma última vez.

Nosso silêncio é quebrado por uma nota baixa e pesarosa. Faz muito, muito tempo que não escuto Twino cantar. Sua voz é linda, mas melancólica. Tão profunda quanto nosso pesar. Tão inspiradora quanto a presença de Arina sempre foi.

A mão de Jura encontra a minha, e eu a aperto com força. Ficamos ali juntos, com o coração dolorido. Um único adeus. Algo se afrouxa dentro de mim. Não é alívio, longe disso...

Mas o caixão não está mais vazio. Cubro a boca para conter um uivo, curvo a cabeça e finalmente choro.



Kaelis e eu voltamos à Academia em silêncio. A noite pesa sobre meus ombros. As lágrimas dos meus amigos, as palavras de Bristara, o último adeus do clube a Arina... Minha mente e meu coração estão cheios demais com tudo isso para eu encontrar qualquer palavra para ele. Antes que me dê conta, estamos no saguão dos seus aposentos, onde me demoro na frente da porta que leva ao meu corredor. Kaelis se inclina um pouco, como se quisesse me tocar, mas também parece estar se segurando.

– Você... Posso...

Ele abandona ambos os pensamentos com um suspiro pesado, correndo a mão pelo cabelo. *Você quer que eu fique? Posso fazer algo por você?*

Mas eu escuto perfeitamente as questões não ditas e balanço a cabeça.

– Eu gostaria de ficar sozinha.

Longe de você, acho que ele ouve, tão nítido quanto ouvi as perguntas que não fez.

– Sim. Entendo.

No entanto, nenhum de nós se move.

– Obrigada, Kaelis... por me ajudar a enterrá-la – consigo dizer, enfim.

– É claro.

– Eu... vejo você amanhã.

Eu me viro e desapareço no corredor, me encostando na porta enquanto os passos dele vão sumindo. Posso sentir que ele quer voltar e me abraçar, assim como sinto o poder se reunindo pouco antes de um Arcanista sacar uma carta.

Eu quero isso. Quero esse conforto. Ser acolhida. Amada. Quero chorar num peito quente até o amanhecer. Soluçar até vomitar, como se pudesse expelir fisicamente o luto. Mas não há nada mais a expelir. Há um buraco voraz nas minhas entranhas, que ameaça sugar o que sobrou de mim até eu sumir.

Arina... minha irmã...

Eu me viro e abro a porta, quase esperando vê-lo ali. Mas ele já se foi. Há três opções à minha frente: o quarto dele, o meu ou sair daqui.

As palavras de Bristara são tão pesadas no meu coração quanto os ossos de Arina pareciam em minhas mãos.

Não posso ficar aqui.

Os Stellis me veem saindo, mas dessa vez eu não ligo. Esse é o caminho mais rápido e não envolve passar pelo quarto de Kaelis. Que eles pensem o que quiserem. Que os nobres falem que eu deixei o quarto dele parecendo arrasada. Estou cansada demais para me importar.

A área comum entre os dormitórios das casas está completamente vazia. Está tão tarde que até os notívagos já foram dormir. Mas, assim que entro no quarto de Alor, sou recebida por um lampejo de prata e um bocejo dramático.

– Não sei como você não dorme nas aulas – murmura ela, sonolenta. – Tá *sempre* andando por aí de noite.

– Posso ficar aqui hoje? – disparo.

Ela se remexe e se senta. Pisca, sonolenta.

– O que aconteceu?

– Não quero falar a respeito.

Eu me dirijo à minha cama... quer dizer, minha antiga cama.

Alor segura meu pulso, me olhando nos olhos.

– Você está bem?

– Fisicamente, sim.

– O príncipe. – Sua voz se torna sombria. – Ele passou dos limites?

– Pelos Vinte, não. – Balanço a cabeça, ouvindo com clareza o que ela

está insinuando. – Não é nada do tipo. É outra coisa.

Satisfeita, ela me solta.

– Tudo bem, mas é melhor você sumir antes de amanhecer, senão os outros vão te ver saindo dessa ala.

– Está preocupada comigo?

Eu me enfio embaixo das cobertas, já me sentindo muito mais à vontade do que nos aposentos dele. A ferocidade de Alor em relação a Kaelis, em minha defesa, me deixou mais relaxada.

– Não quero que as coisas deem errado pra você, senão vou perder minha vantagem secreta. – Ela boceja e se vira na cama.

– Certo, claro, é só isso.

– Não gosto do seu tom.

Ela faz questão de não rolar de volta. Apesar das circunstâncias, abro um pequeno sorriso. *Ela se importa.*

– Alor, tem uma coisa que preciso que você faça por mim.

– O quê? – Seu tom sugere que faria qualquer coisa se eu não a mantivesse acordada por mais um minuto sequer.

– No dia 35 de Paus, no ano passado, quando fui capturada, um lugar chamado Clube dos Malfadados foi invadido e destruído por fiscais da Cidade do Eclipse. Preciso que você descubra quem estava por trás da batida, se puder.

– Eu tenho acesso aos registros dos Stellis, não dos fiscais.

– Eu sei, mas era um clube ilegal. A Coroa estaria envolvida.

Ela faz um ruído de compreensão.

– Vai demorar um pouco. Provavelmente não vou conseguir antes do recesso, mas farei o possível.

– Obrigada.

Eu me viro, ficando de costas para ela. Em um minuto, a respiração de Alor está lenta e regular.

Mas meus olhos ainda não estão cansados. Minha mente continua girando. Culpa e preocupação preenchem o abismo de lágrimas deixado pela minha irmã.

O que foi mesmo que eu disse a Luren? Viva porque ela não pode? Mas como continuar vivendo se perdi minha estrela-guia?

O Mundo.

O pensamento retorna. Que se danem os avisos de Bristara. O Mundo

poderia consertar tudo. Trazer minha mãe de volta, trazer Arina... e tornar nossa vida o que deveria ter sido. Kaelis pode dizer que tem motivos nobres para caçar o Mundo, mas como vou ter certeza? Só sei o que eu faria se o tivesse nas mãos...

Terei que roubar a carta dele. Não há outro caminho para mim agora. No passado, até poderia ficar tentada a fazer a vontade de Kaelis. Mas agora? *Desculpe, príncipe, mas o Mundo é meu.*



Uma semana se passa, depois duas. Por um tempo, eu vivo como uma iniciada normal da Academia Arcana. Assisto às aulas. Ajudo a treinar Alor em uma sala abandonada que encontramos e que agora serve como um pequeno espaço de treino. Passo horas debruçada sobre anotações com Luren e Dristin.

Sorza vai ao santuário... mas não vou com ela. Kaelis pode estar lá.

Na maioria das noites, eu fujo dos aposentos dele, preferindo meu quarto. As pessoas notaram. Até Kaelis – se não pelos boatos, então pela minha ausência no café da manhã. Mas ele não diz nada.

Que eles falem se torna o meu lema. Não tenho mais a força de vontade necessária para me importar.

É como se uma substância podre e venenosa tivesse substituído o sangue no meu corpo. Ainda sinto os ossos de Arina nos braços. O bracelete dela no meu pulso é um conforto, mas também pesa tanto quanto um grilhão de Halazar. *Ela devia estar aqui para usá-lo...* O fato de que não está fez germinar uma semente de ódio em mim que não sei onde plantar.

Uma noite na biblioteca, Luren me pega girando o bracelete, distraída. Sorza e Dristin já foram dormir há muito tempo, mas ela insistiu em ficar. Não me ocorre que pode ter sido por minha causa até que pergunta:

– O que aconteceu?

– Como assim?

Interrompo o movimento depressa, afastando o olhar do lampião e me focando no livro à minha frente. Enquanto pisco para afastar o fantasma da luz queimando nos olhos, percebo quanto tempo passei distraída.

– Você anda estranha.

– Não é nada – murmuro.

A mão de Luren cobre a minha, os dedos caindo ao lado do bracelete.

– Você me ajudou tanto, se tiver alguma coisa que eu possa fazer...

Meus olhos sobem pelo braço dela para encontrar seu olhar gentil. O cabelo escuro de Luren cai sobre os ombros, metade preso atrás, como ela sempre faz para tirá-lo do rosto quando está lendo livros ou tarô. Eu não deveria dizer nada. Mas estou de volta naquele dia após a morte de Kel, no quarto de Luren... exceto que os papéis estão invertidos.

– Minha irmã morreu.

Assim que pronuncio as palavras, sou inundada de alívio, que acompanha uma nova onda de luto. Falar isso em voz alta para alguém é como inspirar ar puro e me afogar ao mesmo tempo. É como se não estivesse sozinha, mas ao mesmo tempo fora do alcance de todos.

– Ah, Clara.

Luren se levanta da cadeira em um instante e passa os braços pelos meus ombros.

Eu me preparo para sua pena. Seus clichês. Todas as coisas que devemos dizer ao ficar sabendo do luto de outra pessoa.

Mas Luren não diz nada, só me aperta com firmeza. Como se, por um momento, estivesse tentando me oferecer abrigo contra a tempestade.

Não consigo impedir as lágrimas. Elas vêm em silêncio, mas parecem infinitas. O tempo todo, Luren fica aqui, me segurando apertado. Não estou retribuindo o abraço nem saí da cadeira. Ela só está... aqui.

Porque entende, assim como eu entendi naquela noite, tantos meses atrás. Ela me dá espaço para derramar silenciosamente as lágrimas que eu nem percebi que estava segurando.



Três semanas e meia depois de enterrar Arina, encontro uma carta enfiada sob o travesseiro. Não no meu quarto nos aposentos de Kaelis, mas no que eu divido – dividia? *divido* – com Alor nos dormitórios. O bilhete diz apenas:

Precisamos conversar.

Eu sei, mas ainda o ignoro. Não estou pronta.

Contudo, a paciência de Kaelis com minha evasiva finalmente acaba. Logo depois da aula de pintura, eu o vejo numa porta em um dos corredores – uma sala de estudos aberta. Dou um passo para o lado antes que mais alguém repare e a presença do diretor cause uma comoção maior do que eu ou ele queremos. Especialmente porque, outra vez, somos a fofoca preferida de todos, agora que acreditam que tivemos uma "briguinha de casal". Nunca achei que sentiria falta dos dias de fofocas sobre o fugitivo de Halazar.

Ele fecha a porta atrás de mim quando entro. Ouço o barulho da fechadura.

– Isso é necessário?

– Preciso de um momento a sós com você e não quero nenhum iniciado diligente nervoso com os Desafios do Três de Espadas entrando aqui atrás de uma sala de estudo.

Kaelis cruza os braços e se encosta na porta. Vestido da cabeça aos pés em preto e prata, ele é o retrato do diretor crítico. Pelos seus padrões, o visual de hoje é até discreto: uma camisa, impecavelmente ajustada ao corpo, que parece mais tinta preta do que seda, um colete cinza-claro e a calça de um tom mais escuro para combinar. Talvez seja a luz entrando pela janela, mas o traje quase parece alegre, comparado com suas roupas habituais.

– Se queria me ver a sós, talvez não devesse tentar me encontrar num corredor que iniciados e estudantes frequentam.

– Eu faria isso com todo o prazer, se você voltasse aos nossos aposentos para mais que um banho e uma troca de roupas... antes de não voltar mais. – Quando abro a boca, ele me interrompe: – Aí mandei um bilhete, que foi ignorado. Você me levou a tomar medidas drásticas.

– Engraçado como caminhar entre seu corpo estudantil é considerado "drástico". – Eu me encosto no centro de uma mesa, com duas cadeiras me flanqueando.

Kaelis franze o cenho.

– Por que você está me evitando?

– Não estou te evitando. – Agora eu cruzo os braços também.

Ele bufa alto.

– Em geral, você mente excepcionalmente bem, o que me diz que também sabe que essa é uma alegação ridícula.

Evito seus olhos, dobrando a aposta nas mentiras deslavadas.

– Estive ocupada, me preparando para os desafios. – A desculpa funcionou com Silas, talvez funcione com ele...

– Ambos sabemos que você esteve se preparando desde o momento em que comeu uma refeição quente e pôde treinar o corpo para se recuperar de Halazar. Vai se sair bem nos desafios. Pintura e lançamento são instintivos para você, e só precisa passar em dois dos três. – Suas palavras são surpreendentemente calorosas, até afetuosas. Tão gentis que não consigo encará-lo.

– Não faz mal estar preparada – retruco, defensiva. – Falando nisso, eu deveria encontrar meus amigos para estudar e treinar.

Tento contorná-lo, mas Kaelis se afasta da porta e me bloqueia.

– Nós dois sabemos o motivo.

– Sabemos?

Ele abaixa os olhos para mim.

– Você me culpa pela morte dela.

– Não seja ridículo.

Desvio o olhar. A menção a Arina arranha uma parte de mim sensível demais, ainda em carne viva. E não é só sua morte anuviando meus pensamentos em relação a ele... – As palavras e alertas de Bristara também ficaram na minha mente. Ela tinha mais a dizer naquela noite, sei disso, mas eu não estava pronta para ouvir. Será que agora estou? Não tenho certeza. É parte do motivo para ainda não ter voltado ao clube.

– Mas é, não é? – pergunta Kaelis, dando um passo na minha direção.

– Claro que eu sei que não foi sua culpa. – Abaixo as mãos para as laterais do corpo e aperto a mesa, com os dedos tremendo. *Acredita* mesmo *nele?*, escuto a voz de Bristara. Não sei se estou falando para mim mesma ou para ele. Está tudo turvo demais ainda, mas sei que corro o risco de perder o controle se ele continuar falando dela. – Eu sei como Arina chegou lá; ela mesma me disse que estava investigando as profundezas da Academia, que tinha achado "algo grande". Foi ela que desceu lá e assumiu o risco.

Arina era uma mulher que fez as próprias escolhas. As palavras de Bristara, verdadeiras ou não, não são um conforto, por mais que eu as repita.

– Ela deve ter sido fenomenal para chegar até lá.

– Eu deveria me sentir melhor com isso?

Ergo os olhos bruscamente para Kaelis, e algo neles faz o príncipe se encolher.

– Não. – Seu tom diz que sabe como isso seria ridículo. – Mesmo que tudo isso seja verdade, eu sei... que... sou parte do mundo, *deste mundo*, que a impeliu à sua morte.

Será que ele conseguiu entreouvir minha conversa com Bristara?

– É por isso que quero construir um mundo novo. Um mundo melhor. Quero melhorar as coisas para pessoas como Arina, como você e seu Clube dos Malfadados – continua ele, alheio às minhas suspeitas.

– Arina está viva no seu novo mundo? – sussurro.

– Clara...

Eu o calo com um olhar feroz, com toda a mágoa e dor que carrego há semanas.

– Você vai trazê-la de volta?

– O mundo que quero construir é maior do que as pessoas que perdemos.

– Nada é maior do que elas.

– Há incontáveis pessoas como você. – Seu tom é uma mistura de frustração e compreensão. – Só podemos fazer *um* desejo. Você não pode sacrificar o bem de incontáveis pessoas em benefício próprio.

– Claro que você não entenderia – resmungo. – Não é como se tivesse família ou amigos próximos.

Kaelis não se encolhe. Em vez disso, fica impassível, como se estivesse recuando dentro de si mesmo por segurança. Eu me concentro no canto da sala em vez de olhar para ele.

Quando volta a falar, é com uma calma forçada.

– O Mundo tem o poder de mudar tudo, para todos.

Ergo o queixo e encontro seus olhos com um desafio silencioso.

– Então mude tudo para mim. Traga as duas de volta.

– Não posso.

– De que me serve essa carta, então? – disparo. – Por que ter esse poder se não podemos salvar as pessoas que amamos?

– Porque o desejo é complicado.

– Não tem que ser!

Não me faça ser sua inimiga de novo, parte de mim implora. *Me dê um motivo para confiar em você para sempre.*

– Eu sei bem mais sobre isso que você. – Kaelis tenta não soar condescendente, mas não consegue evitar. Ele continua depressa, antes que eu possa ficar ainda mais ofendida. – O Mundo concede *um* desejo. Você tem uma única chance de falar sua vontade, dar um único comando. Quanto mais complicado for, menos provável é que o resultado seja o que você espera. Se for vago demais, encontramos o mesmo problema. Temos que ser *perfeitos.* Aí, o baralho é embaralhado de novo. Tudo muda, incluindo quem são os Maiores.

– Eu posso perder meu poder? – sussurro.

Não tinha percebido, até este momento, como passei a apreciá-lo. Mesmo não tendo usado meu Maior desde a luta com Eza, há muitas outras vantagens em ser a Roda da Fortuna.

– Nada é garantido quando tudo é recriado do zero – diz ele, solene. – Você pode manter seu poder ou não. Eu posso nem ser um Arcanista. Tudo depende de como o desejo é formulado e como o Mundo o interpreta. É por isso que eu preciso ser o mais cuidadoso possível ao formular o desejo, focando no que vai fazer o bem maior.

Eu. Não nós. O desejo dele. O mundo dele.

Talvez ele tenha razão; provavelmente é melhor se focar no bem maior para o maior número de pessoas. Mais nobre, pelo menos. E quem imaginaria que um dia eu diria isso sobre Kaelis?

Mas o que o "bem maior" já me deu? Aperto a mesa com mais força e então relaxo os dedos. Esse mundo, o próximo... não vale a pena sem as pessoas que amo. Talvez seja eu a pessoa horrível entre nós dois agora. Esse mundo me tornou egoísta e cruel.

– Kaelis, você não tem que me convencer mais do que já fez – concedo, para seguir em frente e evitar a desconfiança dele. – Eu *sei* que precisamos trabalhar. Sei que os Desafios do Três de Espadas estão chegando e que só faltam 75 dias até o Banquete de Copas, quando precisarei não só ter minhas falsificações, mas também dar um jeito de obter as cartas do seu pai. – O peso de tudo, neste momento, é quase esmagador. – Mas minhas mãos se recusam a se mexer. E eu só pintei algumas cartas.

– Me deixa te ajudar, então. – Ele se aproxima mais um passo.

– Não preciso de ajuda; já perdi pessoas antes e conheço esse processo –

digo suavemente. – Mas nunca fica mais fácil. Então me deixe viver o luto e eu te encontro quando passar. Vai passar.

– Eu também conheço o oceano em que você está à deriva. – Quase parece doloroso para ele pronunciar as palavras, enquanto diminui o espaço entre nós. – Eu conheço essa correnteza.

– Como?

Não acho que Kaelis mentiria sobre algo assim, não agora, mas os avisos de Bristara estão cravados na minha mente como farpas.

– Minha mãe.

– A rainha?

Tudo que ouvi sobre ela é que é uma pessoa reclusa – que fica principalmente no castelo, cuidando com carinho do príncipe mais jovem.

– *Não* a rainha – ele praticamente rosna. – Aquela mulher não é minha mãe.

Hesito diante da revelação. Nunca ouvi qualquer menção ao fato de Kaelis ter nascido de uma união que não fosse do rei e da rainha. O retrato que encontrei cruza minha mente.

– Meu pai matou minha mãe de sangue – continua ele.

– Kaelis...

Não consigo formar mais nenhuma palavra. O choque dá lugar a uma dor embotada, uma empatia que nunca esperei sentir por ele... e uma compreensão que nunca teria imaginado encontrar com ele: a dor de perder uma mãe.

Aconteceu de novo: bem quando penso que estou prestes a odiá-lo e me afastar de vez... ele me puxa de volta. Faz algo que não estou esperando e, de repente, não sei mais onde estou pisando. Me sinto confusa.

Kaelis puxa uma cadeira, mas, em vez de se sentar, usa o espaço para se encostar na mesa ao meu lado.

– Eu passei a vida como prisioneiro na minha própria casa. Passei a infância suportando a loucura de lembranças que não tinham explicação... o sorriso de uma mulher em corredores desconhecidos. Me disseram que a mulher que eu sabia, no fundo do meu ser, que era minha mãe *verdadeira* não existia. Sofri a vida inteira sabendo que só estou vivo por causa do poder que meu pai acha que tenho.

– Usar cartas invertidas? – arrisco.

– Exatamente. – Ele dá uma risada sombria. – Se pudesse fazer isso, acha

que não seria uma força temível até meu pai não poder me obrigar a nada? Mas, no caso, eu não sou nada além de uma lâmina que ele pode encostar no pescoço de quem odeia. Afiada o suficiente para ser letal aos outros, mas não forte o suficiente para ser uma ameaça para ele. Em sua crueldade, ele me fez matar e sacrificar. Tirou minha mãe de mim, a única pessoa que teria me defendido. Tive que suportar a brutalidade dele dia após dia. Tive que olhar nos olhos de um homem que me destruiria se não fosse inconveniente fazer isso.

– Você destruiu mesmo o Clã do Eremita? – A pergunta sai num sussurro.

As histórias contam de uma noite em que o clã estava reunido – uma noite em que um veneno mágico foi dado ao Alto Lorde e, através dele, fluiu pra todos os conectados a ele por sangue e por nome, perto e longe. Uma magia tão poderosa e perversa que apodreceu até o solo em que o clã vivia, fazendo os Arquivos do Eremita desabarem na terra.

– Clara. – Ele diz meu nome como um aviso.

– Foi pelas ordens do seu pai, como dizem? Eles realmente estavam tramando contra a Coroa?

– Clara. – Ele se afasta da mesa, virando para me encarar.

– Você vai usar o Mundo para trazê-los de volta? – exijo saber. – Vai trazer sua mãe de volta?

Uma sombra passa sobre sua expressão dolorida e assombrada. A raiva inspirada pela mera menção ao Clã do Eremita fervilha nos cantos dos seus olhos. Kaelis inspira fundo, devagar, e exala.

– Não.

– Você...

Não tenho palavras. Não consigo imaginar ter todo esse poder e não buscar consertar essas injustiças.

Ele engole em seco e se força a repetir:

– Não. Estou focado no futuro, Clara, não no passado. Oricalis destruiu meu lar, então vou destruir o reino. Vou desmantelar tudo para que haja uma oportunidade de começar do zero e criar algo bom. Um mundo onde o rei Naethor nunca mais vai ferir ninguém.

A sala fica imóvel, o ar pesado. Pela primeira vez desde que o conheci, me pergunto se estou vendo o príncipe verdadeiro por trás de tudo – por

trás das histórias e da reputação. Se estou vendo a mágoa escondida que define tudo sobre ele, suas metas e o mundo que ele está tentando construir.

Por mais enganado que eu ainda acredite que ele esteja.

– Sinto muito – murmuro, sem saber o que mais dizer. – Por sua mãe.

– Sinto muito também. Por tudo que você abandonou... que eu abandonei... por tudo.

Examino seu rosto e não consigo encontrar sinal de mentira. Ele está sendo sincero. O que... torna pior o fato de eu ainda não conseguir perdoá-lo por não estar disposto a trazê-los de volta.

Seguro a mão dele, apertando seus dedos com força.

– Vamos conseguir. Vamos obter o Mundo. Vamos recriar tudo.

– Obrigado – sussurra Kaelis.

Ele está falando sério, então será ainda mais difícil enganá-lo. Mas seu mundo não significa nada para mim se as pessoas que amo não estão nele.



Falta pouco mais de vinte dias para os Desafios do Três de Espadas. Como a próxima semana vai ter o recesso pouco antes dos desafios, todos os iniciados estão estudando e se preparando o máximo possível. Até eu fui afetada pela agitação no ar.

Perambulo pelos corredores da biblioteca em busca de livros sobre a iconografia do tarô. O teste de leitura é o que mais me preocupa. Consegui adequar meu estilo de pintura e lançamento às diretrizes rígidas da Academia, mas leitura sempre foi minha área mais fraca. Minha busca me trouxe a um dos cantos mais fundos da biblioteca, onde três estantes se unem para formar um corredor sem saída. É tão isolado que até a luz das lamparinas mal chega aqui.

Registros militares... Histórias... Nada particularmente útil. Corro os dedos pelas estantes, passando os olhos nos títulos caso haja alguma coisa mais antiga sobre práticas de leitura. Talvez tiragens que eu não considerei. Do jeito que a professora Rothou é criteriosa, sem dúvida daria muito valor ao "jeito como as coisas eram feitas antigamente".

Corro os dedos sobre um conjunto de letras entalhado na lateral de uma das estantes. N+E. Não consigo segurar um sorrisinho. Eu me pergunto se

esses amantes estudaram aqui no início da Academia ou se assombraram essa seção isolada uma eternidade atrás.

– Clara?

Sorza me impede de formular toda uma história de amor sobre duas pessoas que provavelmente já morreram há tempos.

– Aqui – chamo.

Ela vira em uma das estantes, me alcançando rápido. Está carregando três livros pesados.

– Ah, que bom, você está sozinha. Luren e Dristin estão segurando a mesa. Eu me ofereci para buscar o que eles precisavam para poder te pegar sozinha, já que *alguém* não anda visitando o santuário ultimamente. – Ela para o meu lado, baixando a voz até um sussurro.

– Estou focada nos desafios, como você também deveria estar.

– É, você disse. Mas sabe no que você também estava muito focada? Pintar sua carta. E sabe o que eu não te vi fazendo nos últimos tempos?

Ela faz uma pausa.

O silêncio se alonga até eu suspirar.

– O quê?

– Pintar sua carta. Então só posso supor que você descobriu como fazer. – Ela me olha como Priss encararia um peixe no meu prato.

Como vou mentir?

– É, eu descobri.

Sorza deixa os livros numa estante, segura minhas mãos e dá um gritinho.

– Bom trabalho! Já tentou usá-la?

– Não.

Não vou contar da vez que Eza me atacou. Aquilo não foi exatamente um experimento controlado.

– Eu também não testei a minha. O príncipe disse que não deveríamos explorá-las muito a fundo por enquanto. – *Disse, é?* É a primeira vez que escuto um dos dois mencionar o outro. – Mas eu estava pensando que talvez, uma hora dessas, você quisesse...

Sigo sua lógica com um pequeno sorriso.

– Com certeza.

– Excelente! Depois dos desafios, talvez? Ah, o príncipe te levou para...

– Ora, que linda cena.

Sorza se afasta e nós procuramos a fonte da voz. Cael, o Imperador e um dos favoritos de Eza, está encostado na estante no final da fileira. Hoje sua faixa de cabelo no centro da cabeça foi penteada para cima, espichada, em vez de jogada de qualquer jeito.

– Cael, que surpresa te ver aqui – comenta Sorza, pegando os livros novamente.

– E por que seria uma surpresa? – pergunta ele, entre os dentes.

– Porque não achei que você soubesse ler – responde ela, sem hesitar.

Ele a fulmina com o olhar. Eu seguro uma risada.

– Some daqui, Sorza. Não vim falar com você – ordena Cael, brusco.

– Ah, é? Veio continuar fazendo o trabalho sujo de Eza sem nenhum motivo? – retruca ela. – Não tem vergonha de estar no segundo ano e receber ordens de um iniciado?

Cael desfaz o espaço entre eles. O Imperador é uma força imponente, com seu maxilar definido e olhos violeta penetrantes. Suas roupas estão sempre amarrotadas, como se ele não quisesse que ninguém esquecesse que é um dos alunos plebeus. Quase parecem convidar as pessoas a desafiá-lo.

Ele aponta a cabeça na minha direção.

– Eu tenho assuntos a tratar com ela.

– Então tem assuntos comigo também – declara Sorza, sem se mover.

Os olhos de Cael se voltam para mim.

Dou de ombros.

– Não sou a guardiã dela. Sorza pode fazer o que quiser.

– Ao contrário de como Eza trata você – acrescenta ela.

– Espere e verá. – Cael assoma sobre Sorza, que nem se encolhe. – Quando for designada a um clã no ano que vem, vamos ver quanto tempo você dura antes de perceber que precisa fazer os amigos certos e treinar as habilidades certas. Nem todos nós temos o luxo de um príncipe nos protegendo. E, considerando o que ouvi que a Justiça consegue fazer, suspeito que você irá para a Corte real comigo.

– Não tenho medo disso – diz Sorza, intrépida.

– Deveria ter.

Há algo quebrado nos olhos de Cael, como uma porta arrancada das dobradiças. Ele viu coisas que não queria ter visto. Fez coisas que provavelmente deseja não ter feito.

– O que você quer, Cael?

Tento me focar no momento presente. Sempre desconfiei de Cael por sua proximidade com Eza, mas essa é a primeira vez que o vejo como um perigo por si só. Seu controle parece estar por um fio, e não quero vê-lo se romper.

– Tem algo que você precisa saber sobre Eza.

– Sempre o garoto de recados dele. – Sorza não sabe quando parar, e uma parte de mim a admira muito por isso. A outra parte tem certeza de que isso vai levá-la a uma morte precoce.

Por sorte, Cael a ignora.

– Eza pediu a Thornbrow para ser seu oponente no teste de lançamento e ele concordou.

– Ah, ótimo, mais um motivo para ficar animada. Não vejo a hora. – Dou um passo para o lado e tento contorná-lo. – Agora, se é só isso...

Em um segundo, Cael agarra meu braço e me empurra contra uma estante. De imediato eu tenho uma carta girando no aro junto ao quadril. Sorza solta os livros tão depressa que fico espantada que todas as páginas ainda estejam no lugar. Ela também tem uma carta a postos.

– Você não quer fazer isso. – Sustento o olhar de Cael de modo que ele saiba que isso não é uma ameaça, e sim uma promessa do que vai acontecer se ele continuar me segurando. – Não sou a mulher fraca, só pele e ossos, que você atacou meses atrás.

– Você não está entendendo. Eles não ligam pro que acontece com os iniciados que não passam. O desafio de lançamento é o último e vocês serão incentivados a *não* se segurar.

– Ótimo. Quero que Eza me ataque com tudo... para eu poder derrotá-lo. *De novo.* – A tensão paira no ar, latente.

Bem quando acho que Cael se cansou do confronto, ele se inclina para a frente, o hálito quente e um cheiro frustrantemente doce. Quase como se estivesse tentando, sem sucesso, ser menos atraente.

– Ele conhece *todas* as suas fraquezas.

– E eu conheço todas as dele. – Minha confiança o abala. O aperto dele relaxa um pouco. – Como você disse, eu tenho o príncipe e a sorte do meu lado. O que você e Eza têm?

– Erre a pintura – sussurra ele, tão baixinho que mal escuto. Sorza não repara. Antes que eu possa reagir, ele me solta com um leve ruído de asco. – Tudo bem. Esteja pronta; se entrar na arena com Eza, ele não vai lutar limpo. O rei já tem sua carta, não é como se ainda *precisasse* de você.

Ele vai embora. Minha carta volta ao coldre na coxa. Sorza reúne os livros depois de devolver as próprias cartas.

– Que cretino. Não se incomode com ele. Só está tentando te assustar.

Eu teria que concordar. *Erre a pintura?* É o jeito dele de tentar me convencer a desistir de um dos outros desafios e ficar de fora se Eza me derrotar?

Mas algo na interação pareceu genuíno... como se ele realmente estivesse tentando me avisar de algo. Por que justo Cael tentaria me ajudar?



Esta é a primeira noite que estou pronta para voltar à oficina do Louco. Minhas opções são limitadas com os suprimentos disponíveis no escritório de Kaelis ou no meu. Ele insistiu que o único jeito de criar uma falsificação convincente de uma carta dos Arcanos Maiores é com os implementos do próprio Louco. E, preciso admitir, estou curiosa sobre o que esses itens lendários podem fazer.

Dessa vez, sabendo o que está por vir, presto ainda mais atenção nas ações de Kaelis. Conto os passos entre as aberturas nas paredes de fogo. Mantenho controle dos meus pensamentos na sala da água.

Mas não consigo evitar uma inspiração trêmula quando chego à sala final... e não pelo motivo que estava esperando.

– Eles sumiram – sussurro.

Todos os ossos foram retirados da terra macia. Viro imediatamente para Kaelis.

– Você tinha razão, eles mereciam um enterro digno. – Kaelis dá de ombros. – Quaisquer sentimentos banais que essas mãos puderam oferecer foram sua despedida final.

– Você... – Não consigo achar as palavras. – Foi você que fez isso?

– Ninguém mais desce aqui. – Ele parece desconfortável ao dizer as palavras.

Olho para ele, que sustenta meu olhar por um longo minuto. Posso imaginar o príncipe descendo aqui, sozinho, durante todos os dias que

passei evitando-o. Coletando os ossos um a um, cuidadosa e lentamente, para evitar a abertura das rosas-do-crepúsculo.

– Não sou um monstro – diz ele, com suavidade. – Mesmo que precise agir como um às vezes.

– Eu sei – respondo no mesmo tom.

– É melhor seguirmos em frente. Temos trabalho a fazer.

Kaelis avança antes que eu possa falar qualquer coisa, pronto para abandonar seu desconforto.

Não insisto.

Além da sala final, chegamos ao ponto mais fundo da Academia em que já estive. O corredor segue até uma antecâmara final, com uma última porta. Kaelis enfia a mão direita no bolso, tirando uma carta. Não vejo o que tem nela antes que a apoie no meu antebraço. Dou um aperto gentil em sua mão esquerda, e ele estica meu braço.

– Tem um truque para passar da última porta, uma barreira que só se abre para indivíduos com certa magia. – Ele ergue os olhos para mim. – Posso?

– Pode o quê? – pergunto, incerta. A carta no antebraço age como uma finíssima barreira entre nossa pele.

– Gostaria de te dar uma marcação que mostra que você é amigável em relação ao Louco. Isso vai te permitir passar pelas barreiras dele.

– Como você sabe fazer isso? – questiono, ansiosa.

– Muita pesquisa, prática e estudo. – Nisso, eu acredito. Kaelis está sempre debruçado sobre um livro, diário ou suas próprias anotações a respeito de assuntos diversos. Mas o que está propondo é uma magia maior do que qualquer coisa que já vi, e os poderes da minha mãe eram incomensuráveis. – Eu não ia permitir que uma porta no meu próprio domínio permanecesse barrada para mim por muito tempo. Levou muita tentativa e erro, principalmente erro, até algo enfim funcionar. – Ele abaixa os olhos para meu braço e então os ergue para os meus de novo. – Não vai doer.

Algo em mim diz que não devo, mas em vez disso respondo:

– Tudo bem.

Kaelis hesita por um momento, justificando a pequena parte de mim que está preocupada. Por que este momento parece ser um ponto sem retorno? Mais do que qualquer outro limite que ultrapassei com ele. *Isso* é diferente.

Puxo o ar, talvez para protestar. Ele faz o mesmo, mas um olhar de puro foco cruza seu rosto e a oportunidade passa.

A carta explode.

Uma luz serpenteante se entrelaça no meu antebraço e entalha formas na minha pele, afundando sob as camadas do meu corpo. Kaelis tinha razão, não dói – sinto picadas gentis, mas nada de dor. Só um calor que é quase como o sol me acariciando.

Na pele, aparece uma imagem: galhos espinhosos se cruzam, encimados pelas silhuetas de rosas brancas. A ilustração brilha e se assenta em linhas finas, quase como cicatrizes desbotadas, antes de esvanecer por completo.

– Rosas brancas... o símbolo do Louco.

Kaelis assente. Ainda segurando minha mão, pressiona-a junto à porta. O glifo se ilumina de novo, brilhando forte. A porta brilha junto. Quando a luz esvanece, a barricada pesada sumiu, como se nunca tivesse estado lá.

– Ótimo – diz Kaelis, orgulhoso.

Como... Essa palavra lança mil perguntas que guardo para mim mesma. Como ele sabia fazer isso? Como dominou uma magia dessas? Eu já perguntei e duvido que vou ter mais esclarecimentos do que "minha habilidade" da próxima vez.

Encaro a mão, me perguntando quão fundo corre essa magia – e o que ele pode não estar me contando.

Mas Kaelis está alheio a minhas preocupações; em vez disso, entrelaça os dedos nos meus e, com a animação de um garoto, nos guia depressa pelo corredor do outro lado da porta. Lampiões se acendem enquanto passamos, queimando com chamas frias.

A oficina do Louco está viva com magia. Estantes se arqueiam nas paredes, carregadas de livros e documentos que exalam o aroma de pergaminho velho. Longas mesas estão cobertas de frascos e bulbos de líquidos multicoloridos. Pequenos maquinários delicados zumbem, realizando tarefas sem necessidade de instrução. A magia chia pelo ar. O teto oscila magicamente entre noite e dia, como se não conseguisse se decidir.

Uma das maravilhas mecânicas captura meu olhar. É uma versão pequena da máquina que vi na minha primeira noite aqui – um moinho de pó, com um martelo se movendo sozinho, triturando um caco fraturado de cristal até virar poeira. Cruzo a sala para ver de perto suas engrenagens se

moverem. A versão maior tinha se estendido além de um buraco no teto, escondendo metade da máquina. Esta, eu posso ver inteira.

– É o próprio martelar – sussurro, percebendo como funciona. – A magia liberada pela quebra do cristal propele o martelo para cima, o que devolve os contrapesos ao lugar. É assim que a máquina sabe quanta força usar... ela se regula baseado em quanta magia resta no cristal. – E eu havia achado que Kaelis secretamente tinha criados, ou até marcados, trabalhando no moinho à exaustão. Deve envolver mais do que estou supondo, mas não requer mão de obra, isso é evidente. – O Louco construiu essa máquina?

Penso no entalhe que vi nela, aquele que era quase como V e um E, ou seria um N e um 3? Um símbolo diferente para o Louco? Ou talvez devesse ser um L, mas o entalhe fosse desajeitado... Queria voltar para ver, mas duvido que Kaelis me levaria se eu pedisse.

– Não, aquela máquina e esse protótipo foram feitos por outra pessoa. – O tom de Kaelis é indecifrável. – Alguém que veio depois do Louco.

– Quem?

– Outro explorador anônimo entre a época do Louco e a nossa. Não sei quem.

Duvido muito que ele não saiba, mas percebo, pelo seu tom, que não vai me dizer. Não posso culpá-lo por seus segredos – eu mantenho os meus. Mas isso não me impede de ficar irritada com sua evasiva constante de certos assuntos.

– Podemos criar outros e superar a necessidade de ter pessoas trabalhando nos moinhos? – pergunto.

– Não é tão simples.

– Por quê? – Não desisto do assunto tão fácil.

A boca dele se curva numa careta que só dura um segundo, mas algo em sua expressão faz a voz de Bristara subir à superfície da minha mente. *Você pode mesmo confiar nele, Clara?*

De novo, não sei. Mas eu quero... Uma parte de mim fica caçando motivos para acreditar nele.

– Os metais necessários para canalizar a magia precisam de forjas e refinarias específicas. Tecnologias perdidas, junto com o reino anterior. – Kaelis corre uma das mãos pelas estantes de livros. – Mas aquele indivíduo se inspirou nos escritos do Louco. Se existe um jeito de desvelar os segredos, ou alguma pista sobre como fazer isso em nossa época, vamos achar aqui.

Dediquei anos a compilar a história das obras do Louco e estudar sua genialidade. Ele tinha jeitos de fazer as coisas que só podemos imaginar. Coisas que, se eu tiver a oportunidade de provar e compartilhar com o mundo, vão melhorar a vida de todos.

Seus olhos brilham de admiração e esperança. Ele parece um homem totalmente diferente aqui. Tem razão, não é um monstro completo. Mas também não é inocente. E eu não sei qual lado vai vencer no fim.

– Bom, mãos à obra – anuncia ele, e vai até algumas jarras nos fundos contendo pós cintilantes que eu nunca vi.



Já posso vir à oficina do Louco sozinha. Lembro do caminho que encontrei na minha segunda noite aqui e aprendi a passar pelas salas de armadilhas. Uma noite, emprego minha habilidade recém-encontrada. Sei que Kaelis deve estar ciente disso – foi ele que me deu a chave, afinal.

Sozinha, investigo a oficina com calma. Nos fundos, ficam os pós criados pelo Louco, que Kaelis insistiu que serão o bastante para criar uma carta convincente a ponto de enganar até o rei. Os pós são mais rudimentares do que todos os outros que já vi. Quase parecem feitos de cacos de cristal, mas diferente dos que colhemos das Minas Afogadas para desenhar cartas de Copas.

Com um olhar por cima do ombro, verto cuidadosamente um pouquinho em um segundo jarro que trouxe comigo e o guardo na bolsa. Twino vai se divertir muito analisando esse pó, e talvez eu possa usá-lo para algo além das falsificações. Kaelis ainda tem seus segredos... e eu também.

Sob a luz fria das lamparinas, leio alguns diários, procurando o que não consegui encontrar na biblioteca nem em qualquer outro lugar na Academia. Levo uma ou duas horas, mas, por fim, confirmo minhas suspeitas. Eu me debruço sobre uma das mesas compridas, com os ombros rígidos, e encaro a página.

O Mundo pode fazer qualquer coisa. As palavras na página sussurram para mim com a voz da minha mãe. *Convocado pelos vinte Maiores, e gravado em uma carta de receptáculo...* Carta de receptáculo? Kaelis

mencionou um receptáculo, mas não me lembro de ter falado que era uma carta. Infelizmente, o livro não elabora. Outra coisa para descobrir, mas não muda meus objetivos.

Eu posso trazer vocês duas de volta. Não ouso proferir as palavras em voz alta. Posso refazer o mundo do jeito que deveria ser. Não só criar outro sistema que sem dúvida vai apodrecer e se corromper como todos os anteriores, tal qual Kaelis deseja.



Os corredores estão vazios e a Academia, adormecida. É o recesso de inverno, uma das duas únicas pausas no ano acadêmico. O recesso de verão, entre o Banquete de Copas e o Festival de Fogo, dura quase dois meses, marcando a transição de um ano acadêmico para o seguinte. Mas o recesso de inverno dura apenas uma semana, começando com o solstício de inverno. Não é muito tempo, mas o suficiente para descansar e fazer os preparativos finais antes dos Desafios do Três de Espadas. Para alguns iniciados, será a última vez que estarão livres e não marcados. Para o resto, será a última semana antes de virarmos oficialmente estudantes.

Isso me deixa ainda mais amargurada com o fato de ter meu tempo interrompido. Não só serei obrigada a ir passá-lo com a família de Kaelis e alguns outros Altos Lordes e Altas Damas no banquete de Solstício de Espadas no castelo, como também estou perdendo tempo com minha família no Clube dos Malfadados. Jura faz o melhor banquete de solstício de inverno do mundo. E é tradição trocar histórias e beber vinho até ficar com o rosto vermelho e quase cair das cadeiras.

Estou vestida de maneira muito mais formal do que estaria se fosse para o Clube dos Malfadados.

Meu reflexo no espelho é simplesmente uma obra-prima, em minha humilde opinião. O vestido é de um tom tão escuro de azul-noturno, quase roxo, bordado com delicado fio de prata e salpicado de joias. O bordado prateado apoia uma renda que cobre meus braços e flanqueia meus quadris como a moldura de uma carta de tarô. Ela também traça a borda de um corpete em V quase escandaloso.

De alguma forma, o vestido consegue tanto complementar quanto contrastar com a minha pele, agora um pouco mais bronzeada do que quando saí de Halazar, e uma polvilhada de ruge nas bochechas destaca minhas sardas leves. À luz baixa, e contra o azul e prata do vestido, meus olhos parecem brilhar em carmesim.

– Pelo menos pareço ser quem deveria. – Termino de prender dois brincos de diamantes. *Pareço uma princesa.*

Uma batida à porta me afasta dos pensamentos.

– Clara, está pronta? – pergunta Kaelis do outro lado.

– Quase, pode entrar.

Ele abre a porta e minhas mãos pausam enquanto tento fechar a peça final – uma gargantilha de veludo preto com uma pequena espada ornamentada na frente. Kaelis está usando um fraque do mesmo veludo que o meu vestido. Espadas bordadas em prata dançam nos punhos. O colete por baixo está tão coberto de detalhes que parece quase uma gravação em metal, e não fio e tecido. E tudo contrasta e destaca o púrpura-escuro do cabelo dele – muito mais que só um preto bruto.

Kaelis vem até mim e pega as pontas da gargantilha das minhas mãos atrapalhadas, fechando-a com facilidade. Mas então seus dedos traçam o colar, parando na espada na base do meu pescoço.

– Você está deslumbrante – murmura ele.

– Você também.

As palavras escapam antes que eu possa pensar melhor. Mas é a verdade. Os cantos da boca dele se erguem num levíssimo sorriso, como se ele também estivesse ciente desse fato.

– Não suporto a ideia de não ser a pessoa mais bem-vestida da festa. E, como minha futura esposa, você tem que estar à altura. – Ele quase ronrona as palavras no meu ouvido. Sua mão se afasta do meu corpo, mas os olhos escuros continuam a me segurar e firmar, como se ele pudesse sentir meu nervosismo com a ideia de entrar no Castelo Oricalis, por mais que eu tente

esconder. – O banquete é um evento modesto. Pense que será um bom treino para o Banquete de Copas.

– Exceto que neste não vou tentar roubar seu pai.

– Eu sei. – Ele dá um suspiro dramático, embora seu tom revele bom humor. – Não podemos nos divertir o tempo todo, podemos?

Dou uma risada curta, e ele gesticula para a porta.

Eu o sigo do meu quarto até o corredor. Quando emergimos no saguão, fico surpresa ao descobrir que não estamos sozinhos. Ravin e Leigh estão combinando também, totalmente em carmesim e preto. O vestido de Leigh se abre para revelar uma calça justa por baixo e uma espada ornada no quadril, que sem dúvida é mais decorativa que funcional – embora eu suspeite que ela seja igualmente letal com a arma. Invejo bastante a mobilidade que ela tem com a calça, mas pelo menos minhas cartas estão enfiadas com segurança num coldre na coxa, sob a saia.

– Clara, esse é Silas – diz Kaelis, me apresentando formalmente a um homem que já conheço. Silas também está usando um traje de gala.

– É um prazer conhecê-lo – falo, curvando a cabeça de leve e torcendo para que meu instinto de manter nossa familiaridade em segredo esteja certo.

– Digo o mesmo, senhorita. – Silas interpreta o mesmo papel. – Estamos prontos, então?

– Estamos – responde Ravin, visivelmente ansioso para sair.

– Silas é a Carruagem. Ele vai nos levar para o castelo e de volta esta noite – explica Kaelis.

Sem ele, a jornada até Coração do Destino levaria pelo menos três dias de carruagem comum.

– Isso responde a algumas perguntas que eu tinha. – Sorrio quando Silas pega sua carta.

Com um movimento veloz, ele a ativa e uma explosão de luz prateada nos envolve. Em um instante, não estamos mais na Academia, e sim em uma pequena sala de visitas no Castelo Oricalis. Já consigo ouvir música e conversas abafadas através da porta.

– Impressionante – digo, fingindo estar maravilhada, como se fosse a primeira vez que experimento a carta. E então pergunto, de verdade: – Quantas pessoas você consegue transportar de uma vez com a Carruagem?

– Quanto mais pessoas, mais chances de a magia dar errado – responde

Silas. – Prefiro não mover mais que cinco ou seis indivíduos, incluindo eu mesmo, por segurança.

Então, não um exército.

– Fascinante.

– Você não precisa se preocupar com os poderes dos outros Maiores – diz Ravin. Apesar de sorrir, as palavras têm um tom sinistro. – Afinal, só a Coroa pode empunhar o poder dos Maiores.

– É claro.

Inclino o queixo em uma demonstração de reverência, lembrando que os outros clãs precisam saber que não represento uma ameaça a eles, caso o Clã do Eremita retorne. Mal sabem eles que o Clã do Eremita não é a ameaça real.

– Por aqui. – Kaelis oferece o cotovelo. Seus olhos encontram os meus com uma centelha brincalhona... ou, quem sabe, maliciosa. – *Querida.*

Um pequeno choque sobe por meus dedos ao ouvir a palavra, enquanto ele envolve minha mão no bíceps.

Sou lançada bem no meio da festa assim que saímos pela porta. Percorremos um curto trajeto até um grande salão. Um teto abobadado se ergue acima de nós, adornado com afrescos que contam a história do reino de Oricalis, desde a queda do reino de Revisan, muito tempo atrás, até as guerras entre clãs que se seguiram e a ascensão da família Oricalis. Centenas de anos de história representados em cores brilhantes e iluminados por lustres de cristal.

Há cerca de quarenta nobres andando pelo salão, tão brilhantes e vívidos quanto as pinturas acima. A música é alta a ponto de abafar as conversas – e as leituras ocorrendo em mesas montadas ao longo do salão. Nos dias antes e depois do solstício de inverno, é tradicional ter seu futuro lido para todo o ano seguinte, e parece que essa festa segue esse aspecto da Estação de Espadas.

No centro da sala há uma mesa de banquete extraordinariamente longa, tão decorada que me pergunto onde a comida vai ficar. Os músculos de Kaelis se tensionam quando me puxa para a multidão de convidados. Sua presença é uma âncora estranhamente reconfortante no mar da nobreza.

– Vamos começar com alguém fácil – diz ele, se inclinando para sussurrar no meu ouvido. Assim que percebo que está me guiando até um rosto amigável, não consigo conter um suspiro alto de alívio. Kaelis dá uma

risadinha, mas se controla depressa. – Alto Lorde Leva, por favor, permita-me apresentar minha noiva, Clara Redwin.

– É um prazer, milorde. – Abro um sorriso caloroso. – Myrion, é bom te ver.

O filho é idêntico ao pai. Ambos têm os mesmos cílios grossos, a mesma pele negra retinta. A única diferença é que Ixil mantém o cabelo comprido, em uma única trança grossa enfeitada com cristais e discos de prata.

– Você também, Clara.

– É uma honra conhecer a mulher que vai reconstruir o Clã do Eremita. – Ixil beija o dorso da minha mão. Não sei dizer se Kaelis desvia o olhar por causa do gesto ou da menção ao Clã do Eremita. – Meu filho me contou muito sobre vocês dois. É notável como formam um belo par. Como foi que você disse? *Ah, sim*, "um casal destinado".

Na próxima vez em que estivermos sozinhos, tenho que agradecer Myrion por dizer isso mesmo sabendo que é mentira, sobretudo porque o pai sabe que, sendo os Amantes, ele entende dessas coisas. Outra vez, ele está cuidando de mim. O temor que eu havia reprimido desde meu primeiro dia no Santuário dos Maiores – de que ele veria que Kaelis e eu não estamos apaixonados – evapora.

– Gostamos de pensar que sim. – Abro um sorriso radiante para Kaelis que parece quase surpreendê-lo. Ele se recobra depressa, mas eu reparo.

– E um feliz aniversário, meu príncipe – acrescenta Ixil. Giro a cabeça para Kaelis, sem conseguir disfarçar o espanto. Ixil vê meu choque. – Você sabia, não?

– Não era relevante – comenta Kaelis, com um tom frio e a postura rígida.

– Myrion, como está se sentindo sobre os desafios? – disparo, captando o desconforto de Kaelis. – Os terceiranistas também têm provas durante a estação, não têm?

– Temos... – Myrion, astuto como sempre, se lança de imediato numa explicação dos testes que os segundanistas e terceiranistas enfrentam.

Conversamos um pouco mais com o Alto Lorde do Clã dos Amantes e seu herdeiro antes de seguir em frente.

– É seu aniversário? – sussurro quando não há mais ninguém por perto.

Kaelis não me encara.

– Infelizmente.

– Por que não me contou? – É óbvio que não gosta da data, mas não consigo reprimir uma leve mágoa com a ideia de que ele esconderia algo assim de mim. – É algo que eu deveria saber, como sua noiva apaixonada.

– Você tem razão. – Kaelis exala com força. – É só que eu abomino esse dia. A Corte fica sussurrando sobre como ter nascido na noite mais longa do ano é mais uma prova de que sou nascido do vazio. – Ele soa tão infeliz que me sinto culpada por já ter questionado se poderia ser mesmo.

– Ignore-os. – Seguro sua mão. – Se tem uma coisa que aprendi esse ano, é que boatos têm vida própria.

A voz de Kaelis soa pouco mais que um murmúrio:

– Esse dia também me lembra a minha mãe.

Ele não está falando sobre a atual rainha de Oricalis. Sinto o estômago se revirar e esfrego seu dedão com o meu. O movimento atrai sua atenção para mim e, por um momento, somos as únicas pessoas no salão.

– Vou mudar de assunto, então, caso alguém mencione de novo – sugiro suavemente.

– Obrigado.

Ele está sendo sincero; seu cenho franzido e os ombros relaxam.

A sensação de ajudá-lo é melhor do que deveria ser.

Em seguida, sou apresentada à Alta Dama do Clã do Mago: uma mulher com um olhar afiado e uma língua mais afiada ainda. Acabo gostando da companhia dela, mas tenho pouquíssimo tempo para desfrutar dela antes de seguirmos em frente de novo. Só duas outras pessoas mencionam o aniversário dele, e consigo contornar habilmente o assunto.

Por fim, encontro-me na frente de Moreus Ventall, Alto Lorde do Clã da Torre. Ao contrário de lorde Ixil, ele está sozinho. As filhas não estão à vista, apesar de a maioria dos outros nobres ter trazido alguns, senão todos, familiares mais próximos. As coisas que Alor disse sobre sua família – especificamente o pai – voltam à minha mente. Será que ela foi convidada para vir? Ou foi relegada a ficar em casa?

Assim como as pessoas podiam ver semelhanças evidentes entre mim, Arina e nossa mãe, fica evidente que Moreus é o pai de Alor e Emilia. Seu cabelo é de um tom idêntico ao delas, perfeitamente penteado e preso longe do rosto. Os olhos são do tom castanho-mel dos de Alor, mas com a avidez de Emilia. Ele é um pouco mais bronzeado do que as duas, sugerindo que passa muito tempo ao sol. Sua aparência sem dúvida foi moldada para

exalar severidade, como se houvesse algo em sua própria presença que insinuasse uma ameaça.

– Alto Lorde Ventall, um prazer, como sempre.

O tom de Kaelis é brando, educado e perfeitamente ilegível, de tão treinado para soar inócuo – um tanto estranho ao abordar o homem responsável por suprir a Coroa com seus Stellis. Imaginei que eles teriam um relacionamento mais caloroso.

– Príncipe Kaelis – diz o homem, um tanto ríspido, virando-se de outra conversa. Seus olhos pousam em mim e se arregalam um pouco. Ele deve me reconhecer do Dia de Ouros como a iniciada que salvou Alor. – Alta Dama Redwin.

Meu nome paira no ar – formal, mas suave. Como se ele quisesse me agradecer por salvar a filha, mas não conseguisse. Eu lhe ofereço um sorriso gentil e abaixo o queixo de leve, como se dissesse *Não há de quê.*

– Ainda só lady Redwin – corrige Kaelis, com um sorriso quase compadecido. – Embora tenhamos esperança de que, quando meu pai a aceitar, seu status seja solidificado... caso os clãs também se sintam inclinados a curar velhas feridas.

– Sim... – O Alto Lorde ainda não parou de me encarar. – Você é plebeia, correto?

– Estou honrada que o senhor conheça minha linhagem – respondo, com um sorriso polido.

– Que sorte do príncipe de tê-la encontrado entre todas as plebeias por aí. As chances são... mínimas. – Seu tom não revela nada, então só posso supor que ele tem alguma dúvida ou suspeita. O Clã da Torre *é* responsável por defender a Coroa. Seus olhos se estreitam de leve. – Sobretudo porque, de acordo com nossos melhores registros, toda a linhagem do Clã do Eremita tinha sido erradicada em um único ato definitivo.

Suspeitas, sem dúvida.

– Seus registros nem sempre são perfeitos – rebate Kaelis.

Suas palavras são gélidas. Há duas coisas que meu príncipe não aprecia: ser questionado e fazer qualquer menção ao Clã do Eremita.

– Mas com frequência são. – O jeito como o Alto Lorde Ventall encara Kaelis me faz pensar em duas aves de rapina, com as penas enfunadas e as garras prontas para o ataque. – Eu gostaria de inspecionar as provas que Vossa Alteza encontrou e que comprovam a linhagem dela.

– Acho que poderia aceitar minha palavra. – Kaelis tenta dispensá-lo, mas não consegue.

– É o dever do Clã da Torre proteger a Coroa. Só estou fazendo meu trabalho. – Ele sorri, mas não é um sorriso verdadeiro. Seu olhar ainda é duro como aço encostado no meu pescoço. – Principalmente com os boatos de um fugitivo de Halazar no começo do ano.

Kaelis arqueia uma sobrancelha escura.

– Meu pai não disse que não havia fugitivo algum?

– Oficialmente, não. – Moreus dá de ombros. – Mas todo cuidado é pouco. Sempre há um fundo de verdade em todo rumor, não acha, lady Redwin?

– Talvez. – Tento não revelar nada.

– Não iríamos querer ninguém conectando os boatos, já que é uma coincidência muito curiosa a senhorita ter aparecido no mesmo momento.

Minhas mãos estão suadas. *Ele sabe.* Deve saber. Senão, por que estaria fazendo perguntas tão específicas? *Porra, Ravin.* Tenho certeza de que isso é coisa do príncipe herdeiro.

– Se quer chegar a algum lugar, Alto Lorde Ventall, sugiro que o faça depressa – declara Kaelis.

As palavras afiadíssimas são acompanhadas por um brilho homicida nos olhos. Ele apoia a mão nas minhas costas, o toque leve como uma pena, mas mais forte do que uma armadura.

Moreus abre a boca para responder, mas logo a fecha quando as luzes do salão diminuem dramaticamente. Toda vela nos lustres se apaga como magia no mesmo instante, atraindo os olhares para a frente do salão. O rei Naethor Oricalis está em pé em um estrado, três passos acima de todos nós. A luz, a plataforma, seus trajes opulentos e sua mera presença são todos fascinantes.

Sem dizer nada, ele ergue uma carta de tarô. Tenho um vislumbre de prata. Arregalo os olhos e sou quase ofuscada pela explosão que sai dela. As chamas se tornam frias, azul-gelo, e depois um redemoinho de água. Um vento sopra entre a multidão, emaranhando saias e tirando o fôlego de lordes e damas. Luz e sombras condensam-se com o crepitar dos elementos no punho de Oricalis quando o rei o cerra com um magnífico cetro que se contorce com galhos vivos, emitindo chamas em uma ponta e gelo na outra.

– Bem-vindos, nobres da minha Corte, às festividades de inverno. –

Naethor estende a outra mão, sua voz ocupando todo o salão. – Que suas leituras contenham sorte, seus cálices estejam cheios e seus corações encontrem novos aliados entre seus colegas cortesãos. Que seus próximos anos sejam tão equilibrados quanto os elementos dos quatro naipes. O jantar será servido em uma hora.

O rei dá um passo para trás e as luzes no salão ficam mais fortes de novo, sob aplausos respeitosos. Enquanto estávamos distraídos, lorde Ventall se afastou. Sua ausência me permite focar na pergunta agora queimando na língua.

– Como? – sussurro, olhando para Kaelis. – Sei de cartas que podem consertar ou modificar objetos. Cartas que conjuram ilusões. Mas eu *senti* o calor e o vento. – O cetro é passado para um criado e parece perfeitamente real.

– O Mago permite que alguém crie algo do nada invocando os quatro elementos.

– Achei que só um Arcano Maior podia usar uma carta Maior?

– É por causa do Hierofante. Essa carta tem que ser lançada por um Maior, mas pode dar ao Arcanista a habilidade de usar outro Arcano Maior *uma vez.* Então a bênção se esgota e nunca deve ser dada de novo – explica Kaelis.

Isso desperta algo em minha memória sobre o que Myrion disse da primeira vez que estive no Santuário dos Maiores.

– Deixa eu adivinhar, o Hierofante é mantido aqui na Corte?

– Como você sabia? – Ele dá um sorriso seco. E então, sem aviso, seus olhos se voltam para outro ponto e sua expressão desmorona, a testa franzindo. – Clara, preciso me afastar por um momento.

– Que foi? – pergunto. – Tem a ver com Ventall e suas suspeitas?

– Talvez. – Kaelis já está se afastando.

– Me deixe ajudar.

– Dessa vez, não. – Ele pega minha mão, me silenciando com um leve aperto antes que eu possa protestar. – Eu já volto. – Há urgência em cada movimento.

– Nós deveríamos ficar... – Minha objeção esvanece enquanto ele desaparece na multidão. – Juntos.

Curiosa e um pouco irritada, tento segui-lo pela multidão de nobres, mergulhando entre saias e fraques para ver se consigo descobrir para onde –

ou ao encontro de quem – ele está indo. Eu o perco enquanto as pessoas continuam a socializar, bloqueando minha vista. Acho que o vejo se afastando com um homem vestido nas cores do Clã da Lua... *Glavstone?*

A multidão os envolve. Tento abrir caminho, mas, quando consigo, os dois já sumiram de novo. Bem quando estou xingando baixinho por perdê-los, vejo Ravin puxar Silas por uma porta lateral após dar uma olhada cautelosa ao redor do salão, sem dúvida conferindo se alguém está observando. Os dois têm a cabeça curvada no que parece ser uma conversa intensa.

Isso é suspeito demais pra não explorar... certo? Dou mais uma olhada ao redor, em busca de Kaelis, mas não vejo nada. Descobrir o que Silas e Ravin estão aprontando é melhor do que ficar à toa esperando Kaelis reaparecer.

Os homens entram pela porta, tentando ser o mais discretos possível, e eu os sigo. Me esforço para ouvir a conversa acima da música, mas suas vozes logo desaparecem, então passo pela porta também. Seus passos se afastam pelo corredor enquanto trocam sussurros.

À distância, escuto suas vozes através de uma porta. Com o coração martelando no peito, me aproximo.

– Ravin, eu já te contei tudo que sei. – A voz de Silas está tensa.

– Eu preciso de mais, Silas. Se ela estiver saindo da Academia sob o olhar vigilante de Kaelis...

– Eu vou te contar – responde Silas, seu tom um pouco defensivo. – Mas não posso *forçá-la* a sair sem levantar suspeitas.

– Talvez não importe. Você não precisa de uma identidade secreta dessa vez... Vamos só pegá-la, em vez de tentar enganá-la – sugere Ravin.

Identidade secreta. Dessa vez. Minhas suspeitas se confirmam mais a cada segundo.

– Se a tirar à força da proteção da Academia, Kaelis vai *saber* que fui eu.

– A garota é imprevisível, ele vai pensar que ela fugiu sozinha – insiste Ravin, como se me conhecesse bem o bastante para convencer Kaelis disso.

– Ela não o deixaria. – Silas parece convencido.

– Ah, é? – Até Ravin escuta a convicção em sua voz. – Ela se importa de verdade com ele? É amor mesmo?

– Não sei, mas todos parecem achar que sim.

– Eu ouvi o contrário. – Ravin solta um murmúrio. Odeio o som.

– Mesmo assim, Kaelis não vai acreditar que ela fugiu. Eu vou ser

forçado a sair da Academia e cair das graças dele, e você vai perder seu acesso fácil ao domínio do seu irmão. – Silas é habilidoso com as palavras, em um cálculo óbvio e cuidadoso.

– E isso é inaceitável. – Ravin soa um pouco frustrado. – Então, talvez, como outro Maior, você possa atraí-la para fora.

– Eu não posso me aproximar dela sem levantar as suspeitas do seu irmão. *Já tentei.* Ela fugiu de mim na única vez em que nossos caminhos se cruzaram – mente Silas.

– Tente *mais.* – As palavras de Ravin endurecem, ficando afiadas e ameaçadoras. – Você já a manipulou uma vez, faça de novo. Faça-a cometer um deslize para podermos pôr fim a essa farsa de uma vez por todas. Por que meu pai ainda não fez isso é um mistério para mim...

– Vou fazer o meu melhor – diz Silas, obediente.

– Lembre-se do que está em risco se fracassar.

Passos se aproximam depressa. Eu corro para me esconder em um canto à frente. Para minha sorte, Ravin não me vê ao partir. Silas não o segue. Eu sei que não deveria, mas...

A frustração e a raiva vencem.

– Você... – Abro a porta devagar. Ele abaixa as mãos do rosto. Parece ter desabado numa cadeira e ainda não conseguiu se erguer. Mas vou lhe dar um motivo para suas pernas ficarem fracas. – Eu *sabia* que tinha algo familiar em você quando nos conhecemos, mas não eram as descrições de Arina. – Meus saltos fazem barulho enquanto cruzo o cômodo. Silas não se move. – Foi por *sua* causa que eu fui mandada pra Halazar, não foi?

Ele não responde. Só continua me encarando com os olhos culpados. Agarro seu colarinho. Não posso erguer esse homem enorme, mas ele também não mostra resistência.

– Eu apodreci lá dentro – rosno, meu nariz quase tocando o dele. – Quase perdi tudo e todos que amava, de vez. Por *sua* causa.

– Sim, fui eu. – Sua voz está resignada.

– Você ouviu minha história como se já não soubesse de tudo. Estava só rindo o tempo todo? Quando se ofereceu para me ajudar, na noite em que nos conhecemos, foi só o começo de outra traição? – Eu o solto com um ruído de desgosto, quase jogando-o de volta na cadeira. Ele cai como uma boneca de pano. – E Arina... enquanto eu estava presa, ela era uma ponta

solta pra você na Academia. Você a mandou para a oficina do Louco e a deixou para morrer.

– O quê?

– Ninguém conhece a Academia como você, Silas. Você conhecia aquele lugar, foi assim que soube como me encontrar. Falou pra ela ir até lá, não foi?

– Arina foi enviada aos moinhos. Ela escapou, não escapou?

Ele parece genuinamente confuso e agitado. Eu o odeio por isso. Como ele ousa parecer se importar? Como se tudo isso não tivesse sido só um estratagema? Eu me odeio por querer acreditar nele.

Como posso ter sido tão idiota?

– Ela não estava nos moinhos; entrou na sala em que você me encontrou e nunca mais saiu. Bem como você queria. – Minha voz treme enquanto tento não gritar.

– Eu a avisei para não se aventurar demais! – Ele repete uma das primeiras coisas que me disse. Eu acreditei nele então, não sei por quê.

– É por sua causa que ela está morta. – Minhas palavras são como adagas, e posso ver o instante em que se cravam no peito dele.

Silas solta um arquejo suave.

– Morta? Não. Ela... ela não escapou? Ela não está num moinho? – Eu fico paralisada com seu horror e sua surpresa genuínos. – Clara, eu fiz o oposto. Eu a avisei para *não* se embrenhar demais na Academia. E não sei nada sobre uma "oficina do Louco". Juro! Só sei que tem umas coisas perigosas nas profundezas da fortaleza, e te salvar foi a primeira vez que já me aventurei além daquela porta. Mas Arina, ela... ela... – Sua garganta se fecha com um ruído gutural.

Desvio os olhos, cruzando os braços. Não estou pronta para reconfortá-lo. Nem sobre Arina, nem sobre nada.

– Sinto muito – sussurra ele. – Por Arina. Por tudo...

– Poupe-me.

– É verdade. – Ele inclina a cabeça.

Um silêncio gélido paira entre nós. Nesse momento, volto a todas as horas silenciosas que passamos na companhia um do outro enquanto eu estava recuperando as forças. As noites em que nos encontramos quando vagava pela Academia.

– Por que você não contou a Ravin sobre a mansão na cidade? –

pergunto baixinho. Tenho mil perguntas para Silas, mas essa é a mais premente. – Por que mentir?

– Ele os mataria se soubesse. Ou os usaria para te capturar de novo.

– Isso não te impediu da primeira vez.

– Eu não te conhecia na época – admite ele. Suas palavras estão carregadas de um remorso sincero. – Só percebi tarde demais que você não... você não... que não era só parcialidade da sua irmã, que você está tentando ajudar as pessoas.

– Obviamente. – Ou estava. No passado. Agora... agora não sei mais o que estou fazendo. Tentando ajudar outros a tirar tudo de mim. Agora, talvez, eu queira lutar por mim mesma. – Então você adquiriu alguma consciência no último ano.

– Ele está com minha família – revela Silas.

– O quê? – Isso me faz encará-lo de novo. – Achei que você não sabia o que tinha acontecido com a sua família. Mais mentiras?

Silas faz uma careta, mas continua:

– Ravin mantém minha família refém. Ele os tortura. Ameaça matá-los, ou coisa pior, se eu não obedecer a ele. Eu os vi. Ele me fez assistir. – Seus olhos cintilam com lágrimas. – Eu ia te contar tudo assim que tivéssemos outro momento a sós.

– Por que não me contou antes? Como vou acreditar em você agora? – pergunto, apesar de estar inclinada a isso. – Depois de tudo que fez?

– Eu sabia que você não ia confiar em mim, especialmente quando explicasse tudo...

– Verdade – murmuro.

– Então estava esperando até ter um jeito de provar pra você que estou do seu lado. – Silas tira um pedaço de pergaminho dobrado do bolso do casaco.

Eu pego com dois dedos, ainda o fitando com cautela enquanto abro. É um diagrama rabiscado às pressas.

– O que é isso? – pergunto, embora já saiba.

– Um desenho do mecanismo da caixa do rei, onde ele guarda os Arcanos Maiores. Eu conheço esse castelo tão bem quanto a Academia. Enquanto estavam todos distraídos com a festa, entrei no escritório do rei e arrombei a fechadura na mesa dele para pegar o diagrama e fazer uma

cópia. Se você quer pegar aquelas cartas, vai precisar destrancar a caixa primeiro, e não conseguirá sem saber como ela funciona.

É impossível esconder minha surpresa, por mais que eu tente. Embora mantenha a voz calma, sei que minha expressão me denuncia. Não consigo decidir o que me surpreende mais: ele ter conseguido adivinhar minha trama ou ter feito algo tão arriscado quanto invadir um cômodo pessoal do rei.

– O que te faz pensar que eu roubaria as cartas? – pergunto.

– Ravin me contou o que aconteceu quando você encontrou o rei no Dia de Ouros... que pediu para ver as cartas em vez de receber um título de nobreza, terras, perdão ou alguma outra coisa... quando você poderia ter tido *qualquer coisa* – explica Silas. – Só consigo pensar numa explicação: você queria ver onde ele as guardava. E, sabendo o que sei de você, é fácil imaginar por que isso seria importante.

Fecho a boca. Negar seria um insulto à inteligência dele, mas também não vou confirmar.

– Você contou essa teoria a Ravin?

– Claro que não. Eu disse a ele que não fazia ideia de por que você pediria aquilo. – Silas oscila de leve, desviando o olhar. Parece ferido e beirando a derrota. Talvez seja por isso que minha raiva comece a abrandar. – Clara, eu nunca... eu não... eu não queria machucar você ou Arina ou seus amigos. Isso nunca se tratou de vocês. Só queria manter minha família a salvo. Não quero deixá-lo me controlar mais, mas eu... por favor, me ajude a mantê-los a salvo.

É por isso. Quando ele descobriu sobre mim e o clube... percebeu que talvez pudéssemos ajudar. Talvez até tivesse percebido antes, quando fingia ser Griv, mas estava envolvido demais. Isso não se trata de mim ou dele. Silas está fazendo isso pela família, e é o mais perto de confiança que eu posso dar a alguém agora.

– Você contou nosso nome pra ele? – sussurro, ainda encarando o desenho.

– O quê?

– Nosso sobrenome, o verdadeiro, você o contou para Ravin?

Nossos olhos se encontram. Silas balança a cabeça.

– Se estiver mentindo para mim...

– Arina me fez jurar segredo. Eu mantive minha promessa.

Ele não estremece, não hesita. Suspiro, e meus ombros relaxam um pouco.

– Onde eles estão? – pergunto, guardando o diagrama no bolso.

A mente de Twino é muito mais adequada a esse tipo de coisa que a minha. É ele quem vai validar a oferta de Silas. Ele também viu a caixa do rei, afinal.

– O quê?

– Onde Ravin mantém sua família?

– Se soubesse, usaria minha carta para ir lá resgatá-los.

– Você disse que ele te fez assistir. – Estou atenta para pegá-lo numa mentira.

– Ele conhece minha magia. Sempre os transferiu de lugar antes e depois.

– Certo. – Cruzo os braços e lhe dou um olhar severo.

Silas o sustenta. Tem um brilho em seus olhos que me incomoda.

– Lembra da noite em que nos conhecemos? Quando você disse que faria *qualquer coisa* que eu quisesse para me pagar por te tirar do castelo?

Já estou xingando baixinho.

– É isso que eu quero – conclui ele.

Dou um suspiro pesado.

– *Tudo bem*. Eu ajudo sua família.

– Sério? – Apesar de ter cobrado minha oferta, ele parece tão surpreso em ouvir a resposta quanto eu ao dizê-la. – Ajuda mesmo?

– Sim, mas...

– Clara? – chama Kaelis, a voz um misto de preocupação e urgência.

– Conversamos depois. E se você der *um* passo errado ou sequer *piscar* de um jeito que eu não gostar... – sussurro às presas, apontando o dedo para ele.

Silas ergue as mãos.

– Eu juro, estou do seu lado agora, para sempre.

Com mais um olhar severo e um giro da saia, abro a porta.

– Estou aqui.

– Que bom. – Kaelis solta um suspiro aliviado. – Meu pai está nos chamando.

– O quê? – pergunto depressa enquanto ele toma minha mão. – Nós? Especificamente?

– Eu não sei – diz ele, antes de emergirmos no salão principal.

Sinto que todos os olhos se voltam para nós de imediato. Eu me aprumo um pouco e tento não parecer suspeita. Quem mais estava naqueles corredores? Haveria uma desculpa para eu estar lá? Ou Ravin logo vai presumir que eu estava com Silas? Apesar dos pensamentos disparados, mantenho um sorriso plácido no rosto.

Kaelis me guia com uma das mãos, a outra nas minhas costas, até chegarmos à cabeceira da mesa, onde o rei está sentado com Ravin de um lado e um jovem com cabelo quase branco do outro, que deve ser o terceiro príncipe. O irmão mais novo mantém a cabeça abaixada, traçando um dedo pela borda do seu cálice, quase entediado.

O rei Naethor se levanta, atraindo a atenção de todos. Ambos fazemos uma mesura ao parar diante dele. Com a mão no ombro de cada filho, ele se vira para encarar os nobres. Quase todos já estão em seus assentos.

– Lordes e damas, meus súditos leais. Gostaria de apresentar-lhes formalmente à noiva do meu filho, lady Clara Redwin. – Murmúrios e alguns aplausos educados se seguem, uma reação que estou acostumada a receber da nobreza. – O amor deles queima tão forte quanto o Ás de Paus. Transborda tanto quanto Copas. Sua união é afiada como uma Espada, com raízes profundas como Ouros. No ano que vem, vamos recebê-la na família Oricalis. Antes desta época, no próximo ano, vamos todos erguer nossos Quatro de Paus e ter um casamento real!

Os aplausos são mais entusiasmados agora. Eu me obrigo a sorrir apesar do choque, olhando para Kaelis. Vejo a mesma surpresa em seus olhos.

Nossa missão para solidificar nosso relacionamento aos olhos da Corte está cumprida, sem dúvida. Mas agora resta uma questão maior.

Por que o pai dele está nos ajudando?



— Eu não entendo – diz Kaelis, andando de um lado para outro na frente da lareira no seu quarto.

Estou jogada no sofá, o mesmo no qual me deitei depois do segundo ataque de Eza. Kaelis – ou Rewina, o que é mais provável – conseguiu tirar as manchas. Acho que ele gostava *mesmo* deste móvel específico para se dar ao trabalho. Priss está no meu colo, esticando o queixo para receber afagos e com as orelhas tão inclinadas que estão coladas na cabeça.

– Por que ele seria a favor da nossa união, assim de repente?

Kaelis ergue o dedão aos lábios e morde a unha. Ele faz um trabalho excepcional mantendo esse hábito escondido em público, mas parou de se importar quando estamos a sós.

– Achar que ele só quer que você seja feliz seria forçar a barra, imagino.

Antes de terminar a frase, sei que não é o caso, ainda mais agora que tenho provas de que Ravin sabe quem eu sou. Mas explicar isso a Kaelis envolveria explicar Silas... e há algumas coisas que meus instintos me dizem para guardar para mim. Ainda mais porque sei que Kaelis está fazendo o mesmo...

Kaelis para e me lança um olhar incrédulo antes de retomar seus

movimentos.

– Ele não faria isso, não com a gente – afirma. Então acrescenta: – Ele nunca se importou com a minha felicidade. A não ser que achasse que poderia tirar algum proveito disso.

O que entreouvi de Ravin e Silas não sai da minha mente. Como Ravin pareceu ávido para saber se eu realmente me importo com Kaelis, ou ele comigo.

– Talvez... ele acredite.

– Acredite no quê?

– Que você me ama. – Desvio o olhar de Priss e o encaro. Kaelis ficou completamente paralisado, como se não tivesse pensado nisso antes e o conceito fosse horripilante. – Da perspectiva dele, ou você me ama de verdade e ele ganha certo controle sobre você através de mim ou... ele vai nos obrigar a revelar a farsa ao nos empurrar até um ponto sem volta, exigindo que a gente faça nossos votos com o Quatro de Paus.

O príncipe permanece uma estátua, os olhos escuros me perfurando. Finalmente, com um aceno de cabeça e um muxoxo, ele arrasta os pés até o sofá à minha frente. Com os cotovelos nos joelhos, se curva, corre uma das mãos pelo cabelo, morde as unhas e solta outro muxoxo enquanto afunda nas almofadas, parecendo ao mesmo tempo inflamado e um tanto quanto derrotado.

– Você pode ter razão – diz, por fim.

– Pelo menos ele está errado – comento, dando de ombros.

– Sobre o quê?

É difícil ler a expressão de Kaelis. Eu queria saber o que está se passando na mente dele.

Me deixe entrar, parte de mim quer dizer. O resto tem medo do que isso significaria.

– Você não me ama, oras – concluo, olhando para Priss de novo. – Somos só um meio para um fim um para o outro. Nada disso é real, independentemente dos vestidos ou das formalidades que ostentemos. O que significa que ele não pode me usar contra você nem você contra mim. Ainda temos a vantagem.

Kaelis não diz nada. O silêncio se estende tanto que até Priss se vira para ele, me impelindo a fazer o mesmo. Fogo arde em seus olhos, queima as

margens de seu rosto. Novamente, ele parece feito de pedra em vez de carne e osso.

– Certo? – insisto com gentileza.

– Absolutamente – diz ele.

Mas a palavra não tem convicção, e combato o rubor que formiga em meu corpo inteiro – um calor que é parte pânico, parte desejo.



Passo o resto do recesso de inverno trabalhando nas falsificações e me preparando para os desafios. Sem o padrão familiar dos sinos da Academia, os dias parecem um só. Não procuro Silas – ainda não. Também não vou à mansão do clube para pegar as sobras das celebrações do solstício. Decido me dedicar inteiramente aos desafios e me concentrar no Banquete de Copas – primeiro uma coisa, depois a outra. Kaelis e eu ainda passamos a maior parte do nosso tempo separados, ainda que pareça que somos as duas únicas criaturas vivas em toda a Academia.

Mas a distância entre nós não parece mais fria. Se eu tivesse que descrever, seria quase... temerosa. Como se ambos tivéssemos medo do que aconteceria caso quebrássemos essa frágil trégua. Se iríamos nos afastar ou nos aproximar mais.

Vejo como ele olha para mim quando acha que não estou vendo. Assim como não consigo parar de pensar em como seus dedos deslizam pelas linhas pintadas dos rascunhos de cartas que lhe apresento em busca de uma opinião.

Por que estamos fazendo isso? O pensamento cruza minha mente mais de uma vez quando estou sozinha na cama. Se estamos fingindo ser amantes, por que não colher os benefícios? Não acho que nenhum de nós seja particularmente inexperiente, então é improvável que haja preocupações sobre uma "primeira vez".

Uma noite, minhas reflexões me carregam até a porta dele, minha mão contra a madeira fria. Pronta para entrar no seu quarto. Para deixá-lo entrar em *mim* e acabar logo com essa agonia.

Mas não consigo bater.

Nunca consigo determinar a origem do meu temor. Seriam raiva e ódio remanescentes por causa de Arina? É o ceticismo que nunca consigo dissipar? Ou é porque nem sei a resposta da pergunta que fiz dias atrás?

Você não me ama... certo?

Claro que não, quero dizer. Mas mesmo na minha cabeça as palavras soam vazias.

Antes que consiga concluir com convicção, os estudantes e iniciados retornam do recesso. Mas não há tempo para a escola voltar ao normal.

Poucos dias depois de todos voltarem, começam os Desafios dos Três de Espadas.



O dia dos Desafios do Três de Espadas amanhece com rajadas de vento. Os penhascos pretos da Cidade do Eclipse e a fronteira mais distante do reino de Oricalis recebem a primeira neve do ano.

Toda vez que essa estação começa, posso sentir o aroma fantasma da cidra quente de Jura, que ameaça transbordar do jarro grande porque ela o encheu até a borda e esqueceu de considerar quanto os paus de canela se expandiriam ou quanto espaço uma laranja cravejada de cravos ocuparia. Lambendo os lábios, olho pelo vidro coberto de geada, além do rio, até a cidade. A festa do solstício de inverno, o trabalho com Kaelis e os preparativos para os desafios consumiram meu tempo.

Desafios que agora vou enfrentar.

– Clara Redwin – chama a professora Rothou da porta, atraindo minha atenção de volta às paredes de pedra da Academia.

– Boa sorte – deseja Sorza do outro lado da sala, onde está encostada na parede com Luren.

– Você vai arrasar! – exclama Luren, com um otimismo exagerado.

Todos sabemos que esse é o teste que tenho mais chances de reprovar, mesmo com ela tentando me ajudar em toda sessão de estudos que tivemos.

Apenas sorrio e dou um leve aceno para as duas, sentindo os olhos dos outros iniciados enquanto sigo até a professora Rothou. Sou chamada no meio da turma. É um sorteio aleatório.

A sala de testes está completamente vazia, exceto por duas longas mesas paralelas. A mais próxima não tem cadeiras ao redor. Na superfície, há três baralhos que espelham a posição dos três chefes de departamento sentados atrás da mesa oposta.

Las Rothou assume seu lugar na ponta da mesa que Vaduin Thornbrow e Raethana Duskflame também ocupam. Rothou me dá um sorriso caloroso, como se não tivéssemos discutido muitas vezes em suas aulas sobre o exato assunto que ela está prestes a me testar.

– Bem-vinda ao seu teste de leitura, Clara – diz ela. – Quando estiver pronta, pode começar.

Vou até a mesa com os baralhos. Os professores explicaram cada desafio em detalhes durante as aulas para nos preparar para o que estava por vir. Começo com o baralho mais à direita – o que corresponde à professora Rothou. Seus olhos brilham, achando graça, sem dúvida, por eu a escolher primeiro.

Para começar essa leitura, tiro quatro cartas, disponho-as à minha frente e anuncio seus nomes. Enquanto isso, os professores fazem anotações. Exceto por Rothou, que não desvia seus olhos de mim, mesmo quando volto os meus para as cartas.

A luz do início da manhã entra pelas barras verticais das janelas. De alguma forma, elas fazem o lugar parecer quase tão frio e constritivo quanto Halazar.

São só cartas, Clara. Não sei se é minha própria voz me lembrando disso ou a da minha irmã, do além. *Elas não usam você; você as usa. Não precisa ter medo.*

Respirando fundo, faço minha leitura.

– Cinco de Copas: você enfrentará um desafio em sua vida pessoal, algum tipo de perda, um rompimento entre – quase tropeço nas palavras – irmãs.

Em seguida, toco o Seis de Copas de leve, sentindo seu significado tanto quanto o interpreto com a visão. Não significa especificamente "irmãs", só nostalgia por um tempo que passou, a infância e as primeiras memórias. Mas "irmãs" parece... *certo.* Talvez seja só a dor do luto que ainda está profundamente entranhada em mim...

– Uma diferença de opinião enraizada em uma traição – continuo. – O Dez de Espadas.

Ergo os olhos para ela. As cartas são uma janela e, através delas, posso olhar para sua alma. Pelo menos, acho que sim. Mas sua expressão não vacila nem estremece, me fazendo duvidar de mim mesma.

– O Valete de Espadas subsequente recomendaria que, para atingir o cerne do problema, uma... ou as duas... vai precisar baixar as barreiras que ergueu. Estar aberta a explorar novas ideias para se reaproximar.

Finalmente, ela abaixa os olhos e faz algumas anotações. Como nenhum deles diz nada, vou para o baralho na outra ponta da mesa: o de Vaduin.

Se a leitura de Las foi tão fácil quanto olhar através de uma janela, a dele é tão clara quanto uma porta de aço. As cartas não fazem muito sentido para mim, cada uma mais conflitante que a última: Cinco de Paus, Sete de Espadas, Quatro de Ouros, Oito de Copas.

Vejo um conflito no Cinco de Paus que ele não tem certeza se sabe como superar. Talvez relacionado ao trabalho, talvez à família; é difícil discernir, pois todo naipe Menor está representado e, quanto mais olho para as cartas, mais difícil é sentir seu significado. Não há imagens claras em minha mente e o instinto não me diz nada. No fim, o melhor que posso oferecer é um reconhecimento de que ele está numa posição difícil, de todos os ângulos, preso entre desejos conflitantes – o seu e o dos outros. O Quatro de Ouros sugere que pode estar reunindo seus recursos, talvez em preparação para a batalha que vê à frente. Sugiro que a única saída é olhar para tudo em sua totalidade, mas a vitória virá com um preço.

A única carta que luto para encaixar na leitura é o Sete de Espadas. Toda vez que meus dedos pousam nela há uma inquietude que embrulha meu estômago. *Traição.*

– Há falsidade ao seu redor – é tudo que consigo dizer.

Pela expressão dele, é impossível dizer se acertei, então passo para o último baralho.

Minha confiança para a leitura da professora Duskflame está em algum ponto entre a dos outros dois. Não é retumbante, mas também não estou perdida.

Todos tiram um momento para fazer anotações nos papéis à sua frente. Raethana e Vaduin entregam seus papéis para Las. A professora-chefe de leitura faz alguns traços bruscos com a caneta, erguendo os olhos para mim de um jeito igualmente ostensivo. Ela se inclina para falar aos sussurros com Vaduin, e os dois têm um breve diálogo que não consigo ouvir.

Mesmo sem querer, eu prendo o fôlego.

– Você passou – diz ela, a contragosto.

Estou em completo choque quando deixo a sala.

Poucos iniciados parecem querer discutir como estão se saindo entre os desafios, então só nos resta nos encararmos nos corredores e salas de espera, avaliando uns aos outros em silêncio. Claro, meus amigos e eu não temos problema em discutir os resultados. Fico surpresa com a onda de alívio que sinto ao saber que Luren, Sorza e Dristin também passaram.

O segundo desafio – pintura – também ocorre antes do almoço. Parece terminar em um segundo e, sendo sincera, se alguém me contasse que eu dormi ao longo dele, não ficaria surpresa. Eles nos fizeram pintar quatro cartas do Arcano Menor escolhidas aleatoriamente. Foi como outro dia com Glavstone, exceto pelos espancamentos. Tranquilo.

Mas quando vou entregar minhas cartas, hesito, mesmo que só por um segundo. *Erre a pintura*, Cael tinha dito. A mão da professora Duskflame está estendida, à espera, e ela pergunta:

– Tem certeza de que é isso que quer entregar?

– Sim.

Deixo as cartas nas mãos dela, submetendo-as para avaliação. *Fodam-se Cael e Eza e quem mais quiser me ver fracassar.* Não vou reprovar em nada.

Entrego as cartas recém-pintadas e saio.

– Eu estava esperando um desafio em pintura – comento quando meus amigos e eu nos encontramos no almoço.

– Modesta, ela – ironiza Sorza, com um cutucão.

– É bom que um de nós esteja confiante – diz Luren.

Ela está curvada sobre a comida, cutucando-a sem prestar muita atenção. Apesar de todos os nossos esforços e todas as longas noites passadas nas áreas comuns e na biblioteca revisando pintura, ela não passou no teste.

– Você tem mais um desafio. Só precisa de dois de três para tentar entrar numa Casa – aponta Dristin, em uma tentativa de animá-la.

– Não me sinto confiante que tudo dependa de lançamento – admite ela, com um suspiro. O dia em que sua carta se inverteu ainda a assombra, o que é compreensível.

– Não almoçar não vai ajudar com o que está por vir. – Eu me inclino para empurrar o prato um pouquinho mais para perto dela. – Você vai precisar de forças.

– O que eu preciso é de um milagre.

– Talvez uma coisa leve a outra. *Coma.* – Mesmo se não ajudar, comer é uma boa distração.

Enquanto Luren ergue o garfo com um pouco mais de confiança, somos interrompidos pela chegada de outro iniciado. Eza para ao lado da mesa, tentando personificar puro desdém e malícia. Encontro seu olhar e o sustento como único objetivo de manter sua atenção em mim, e não nos meus amigos. Se estiver focado em mim, só em mim, com sorte não vai ter a ideia de perseguir as pessoas de quem sou próxima.

– A única pessoa que vai precisar de um milagre será a Clara – anuncia ele.

Imagino que se ache muito sinistro e intimidador, especialmente porque parece irritado quando minha expressão não muda, ainda entediada e indiferente.

– Eu passei nos primeiros dois desafios. – Embora esteja falando com ele, ergo a voz para os outros ao redor ouvirem. – Já tenho os dois necessários para passar nos Desafios do Três de Espadas. Eu não *preciso* vencer o duelo, então só vou derrotar você por diversão mesmo.

Eza se enfia entre Dristin e Luren, se inclinando sobre a mesa com a boca retorcida num esgar.

– Vou te moer até você virar suco. Não vai sobrar nada para nenhuma Casa sequer considerar.

– Fique à vontade para tentar. – Um sorriso fraco rompe minha fachada de indiferença. – Mas ambos já sabemos como vai acabar, não é?

Os sinos tocam antes que ele possa responder. Eza se afasta da mesa e me dá um último olhar fulminante.

– Te vejo no telhado.



O último desafio acontece no mesmo telhado em que Kel morreu, agora coberto por uma fina camada de neve parcialmente derretida no sol da tarde. Assim que emergirmos, Luren encara de imediato o ponto em que a melhor amiga deu seu último suspiro. Faço o mesmo, pensando nas horas que passei esfregando a pedra – um ato que apagou o sangue, mas nunca a memória dela. Embora Vaduin nos tenha feito treinar ao longo da estação, sempre foi em outro lugar. Nenhuma de nós voltou aqui até hoje.

Apoio a mão no ombro de Luren e sussurro:

– Você vai ficar bem.

– Faça por ela – ela repete minhas palavras, me deixando sem fôlego por um momento.

Estou de volta ao seu quarto, dando esse conselho. De volta à biblioteca, quando Luren fez o mesmo por mim, oferecendo-me conforto de um jeito que ninguém mais fez.

– Vamos fazer por ela – prometo.

Aperto seu ombro antes de soltá-la. Luren assente. Eu nunca a vi tão determinada.

Continuamos avançando com os outros iniciados, reunindo-nos em

uma ponta do telhado. Agora que já completaram seus testes de inverno, os estudantes têm permissão de assistir a esse último desafio junto com todo o corpo docente.

E Kaelis.

Pouso o olhar nele. Emoções batalham em seus olhos. Há um lampejo inicial de preocupação, orgulho misturado com medo, e admiração também. É tudo que esperei semanas para ver, tudo que ele manteve escondido. Por que só estou vendo agora? Por que ele está arriscando que todos vejam também?

É parte do jogo. Ele parece se importar só porque outras pessoas estão observando. *É só isso*, digo a meu coração acelerado. Ele quer ser visto se preocupando comigo. É tudo parte da nossa eterna farsa.

O anúncio de nossa situação até o momento me traz de volta ao presente, e me obrigo a tirar Kaelis da cabeça. Não posso me permitir distrações.

Fico satisfeita ao descobrir que minha nota geral me coloca perto das primeiras posições da turma. Apesar do seu desespero, Luren está bem no meio, com Dristin. O que significa que, embora tenha reprovado em um dos desafios, passou em leitura com notas extraordinárias, e isso deve dizer algo aos estudantes. Sorza continua impressionando: está bem no topo, junto com Alor. Embora Alor mal tenha me olhado hoje, só posso esperar que considere minha assistência valiosa e continue investigando os registros do Clã da Torre que preciso. Minha irmã se foi, mas ainda há muitos mistérios: a morte da minha mãe, Silas e várias outras coisas para as quais suspeito que os recursos de Alor serão inestimáveis no futuro.

Um a um, os iniciados são divididos em duplas e assumem seu lugar na faixa de duelos. Três pares lutam por vez. Não importa o que aconteça, metade dos iniciados não vai passar nesse desafio. Só uma pessoa pode vencer cada duelo. Sussurros se chocam como ondas contra meus ouvidos. De alguma forma, até a neve parece alta enquanto respiramos fundo antes de Vaduin dar início à primeira rodada de disputas.

Ver os outros iniciados me dá uma oportunidade de avaliar as habilidades de todos. Já lutei tanto com Sorza que não preciso estudá-la, mas Dristin é fascinante: seu modo de lançar é direto, mas quase delicado em sua fluidez; ele não desperdiça energia. Alor é tão direta quanto eu esperaria – usa poucas cartas, mas com precisão letal.

Não fico surpresa de estar no último grupo a pisar na arena. Luren está

no meu grupo, lutando contra Fyrn. E, bem como prometeu, Eza entra na minha frente. A caminho da minha posição, pego outro vislumbre de Kaelis. Sua garganta contrai quando ele engole em seco. Sei o que está pensando e contenho um sorriso.

Não precisa se preocupar, tenho tudo sob controle, tento dizer com um olhar apaziguador.

Tem?, questiona o olhar dele.

Estou dividida entre querer repreendê-lo pela preocupação e tranquilizá-lo de que vai ficar tudo bem. Faz muito tempo desde que alguém novo no meu mundo me olhou desse jeito. Minha família malfadada tem sido uma presença constante há tanto tempo que sei que se importam – não há a menor dúvida disso. Mas todos os outros estão a um abismo de distância. Nunca deixei ninguém mais se aproximar tanto a ponto de ter preocupação por mim ardendo em seus olhos.

Com um último sorriso tranquilizador para Kaelis, mudo a postura e me viro para encarar Eza. O mundo se resume ao nosso ringue de duelo. Tudo o mais foi consumido pelo nosso ódio mútuo, que se tornou inconsequente. Meus dedos formigam com a sensação de poder crescendo dentro de mim. O baralho está amarrado à coxa e parece três vezes maior que de costume.

– Está pronta? – pergunta Eza.

– Mais do que você, suspeito. – Estalo os dedos. – Como vai sua mandíbula?

Seu sorrisinho arrogante se torna uma careta, o que só me faz abrir um sorriso ainda maior. O ódio entre nós poderia atear fogo à neve. Seguro o fôlego, cada músculo tenso.

A voz de Vaduin soa como se ele estivesse falando só com nós dois.

– Comecem!

Entramos em ação ao mesmo tempo.

Eza imediatamente pega o Ás de Espadas e uma bola de fogo é lançada do baralho em seu quadril. Com seu Maior, esperei que tentasse algum golpe mental, mas fico feliz em rebatê-lo golpe a golpe. Se ainda não tivesse que me conter para manter a farsa de ser como os outros iniciados, teria contra-atacado com o Sete de Paus – um escudo.

Em vez disso, lanço o Quatro de Ouros. Quatro discos de luz dourada me cercam e sobem rodopiando. A neve se transforma numa tempestade,

encharcando nossa arena e apagando as chamas antes que possam me alcançar.

Eza responde rápido, como eu sabia que faria, lançando o Ás de Copas para ter controle da água. Com um gesto do braço, a chuva para em pleno ar. Eu só não contava que as gotas se condensariam em lanças de gelo.

Merda.

Ele joga o gelo contra mim. O Três de Paus irrompe da minha coxa. Uso o calor da ignição da carta para bloquear a onda inicial, depois tento aproveitar que a carta me concede segurança em viagens para dançar ao redor do ataque dele.

Enquanto desvio, uso o Quatro de Copas. Névoa se condensa ao redor da cabeça dele, desacelerando seus movimentos. Eza tenta dissipá-la, mas tropeça. Eu me agacho e pressiono um Ás de Copas no chão. A água da chuva crepita e congela, subindo pelos tornozelos dele.

Sem parar, lanço o Cinco de Espadas, fechando a mão ao redor do punho familiar de uma lâmina que imediatamente clama por sangue. Ataco tão rápido que até Eza parece surpreso, considerando como seus olhos se arregalam. O choque lhe dá clareza suficiente para sacar outra carta do baralho.

É o Ás de Ouros – uma bela jogada. Colunas pontiagudas de pedra se erguem do telhado. Danço ao redor delas, mas uma pega minha panturrilha. Eu tropeço e solto um berro.

Os estudantes gritam e comemoram. Assim como na cerimônia do Cálice, eles querem um espetáculo. Deleitam-se com dor e derramamento de sangue.

Cerrando os dentes, ignoro a agonia, e me aproximo de Eza. Sangue goteja na neve quando salto. Minha lâmina atinge seu alvo, mas o golpe é de raspão. Eza invocou sua própria espada. Cabo a cabo, lutamos para empurrar o outro. Agora é uma batalha tanto de magia quanto de força física.

– Acha mesmo que pode me derrotar – rosna ele –, um lixo que nem você?

– Eu não acho, *eu sei.*

Ele afasta uma das mãos da lâmina, o que me permite ganhar controle. Mas, quando vou dar outro golpe, vejo o Cinco de Ouros se erguer do

baralho dele. Mal tenho tempo de registrar o que está acontecendo antes que minha espada desapareça.

Eza gira a dele no ar e eu danço de volta, ouvindo os sons de surpresa e empolgação de estudantes e professores. Estou distraída, evitando seus golpes, e não reparo na carta seguinte até ser tarde demais.

O Ás de Paus é uma explosão de fogo, incandescente e ofuscante. Ele a usa como escudo. Só consigo ter um vislumbre do que se segue por estar tão perto dele.

O Oito de Copas irrompe com uma onda invisível que colide contra mim, tão fria quanto as águas ao redor de Halazar. Eu cambaleio. Ele usou o Ás de Paus para esconder o fato de que lançou uma carta superior. *Droga.* Eu não esperava que ousasse usar uma carta acima de um Cinco. Um lapso grave, sobretudo porque não pensei em como eu poderia fazer o mesmo.

O que ele tirou de mim? O Oito de Copas remove o conhecimento de alguma coisa – como um fato ou habilidade – por um curto período.

Eu descubro quando Eza golpeia de novo. Meus passos estão desajeitados. Meu corpo se recusa a responder como antes. Qualquer ideia de contra-ataque sumiu.

Desgraçado! Preciso de todo meu controle para não abandonar a farsa e usar todas as cartas que pintei ao longo dos últimos sete meses e meio. Mas sei que, assim que o fizer, ele vai chamar atenção para o fato. Vai usar esse ato para lançar dúvidas sobre mim.

Seu punho me atinge com força e eu saio voando. Acho que o escuto dizer:

– Hora da vingança.

Sangue escorre do meu lábio cortado enquanto ele ataca de novo, dessa vez com a lâmina. Tento desviar. O movimento é desajeitado, mas funciona. Outro ataque, outro soco. Vou ficar totalmente desajeitada neste ringue até a magia dele passar ou eu poder lançar alguma coisa que...

– Renda-se, Redwin – Vaduin interrompe meus pensamentos. – Já chega.

Desgraçado. Cerro os dentes.

– Sim, renda-se! – Eza ri com um brilho desvairado no olhar quando pula de novo.

A espada atinge meu braço dessa vez, e eu recuo aos tropeços, apertando a ferida. A multidão reage com arquejos e comemorações enquanto ele avança de novo até mim.

– Ainda não acabei.

Embora eu não tenha mais o conhecimento de como lutar bem em combate mano a mano, ainda posso usar minhas cartas. Mas o que posso fazer que ainda não tentei? Lanço um Quatro de Espadas para costurar a pele da panturrilha e outro para o braço. É uma cura patética comparada ao que a Rainha de Copas pode fazer, mas é um começo.

– Veremos. – Eza ajusta a postura, se preparando para outro ataque.

Em um duelo assim, não posso derrotar Eza com poder bruto, não quando só posso usar algumas cartas e ele não segue as mesmas regras. E não posso derrotá-lo com habilidade física, já que ele tirou isso de mim.

Então um ataque brutal, caótico e arrebatador é tudo que me resta.

O Dois de Ouros permite que um Arcanista sustente a magia de duas cartas ao mesmo tempo. É uma carta essencial para a maioria dos Arcanistas, mas que eu raramente preciso usar, considerando minhas habilidades inatas. Mas rapidamente jogo ao ar três cópias do Dois de Ouros, acumulando a habilidade por causa da plateia, para que não suspeitem dos meus talentos. Com sorte.

Eza está comprometido demais com seu ataque para notar ou se importar.

Ases.

Eu lanço *todos* os Ases.

Galhos irrompem do chão, envolvendo as mãos dele. A lâmina do Cinco de Espadas cai de sua mão com um clangor. Gelo congela seus tornozelos. Fogo chamusca seus braços e queima suas orelhas. Vento açoita seu rosto, tirando lágrimas dos seus olhos. Todos os elementos atacam simultaneamente.

Em seguida, convoco o Cinco de Paus, o que cria confusão. Reforço o ataque, embora a exaustão pese em meus ossos.

Eza está impotente e preso. Mais uma lâmina convocada. Mais um Cinco de Espadas no meu baralho.

Vou devagar até ele, mantendo meu poder em rédeas curtas. Com o punho cerrado, eu a abaixo, como se o estivesse agarrando pelo colarinho da camisa e o forçando a se ajoelhar. Minha exaustão quase me faz desabar também, mas permaneço de pé, assomando sobre ele.

– Renda-se – ordeno.

– Nunca – rosna ele.

E consegue agitar os dedos, o que é tudo que precisa para fazer o Cinco de Copas anuviar minha mente.

Pensamentos de Arina morrendo sozinha, gritando de dor, me dominam. Escuto minha irmã: *Vamos encontrar o assassino de mamãe juntas. Vamos derrubar esses desgraçados da realeza juntos; eu vou ficar com você até o fim.* O luto avassalador que sinto com todas as promessas não cumpridas é seguido pela lembrança das preocupações de Bristara em relação a Kaelis: *Ele está te enganando. Mantendo segredos. Ele vai te trair.*

Mesmo enquanto meus temores e dúvidas giram na mente, seguro a espada com firmeza. Mantenho o foco em sustentar os elementos que o mantêm subjugado. Ergo a lâmina.

Eza vê o movimento.

– Você... Como?

Eu sei o que ele está perguntando mesmo que não diga as palavras.

– Eu duvido do mundo ao meu redor. Temo o que não posso controlar. Mas não duvido de mim mesma, e não temo a única coisa sobre a qual tenho poder: eu.

Encosto a lâmina no pescoço dele.

– Mas, *mas*... eu tirei sua habilidade de lutar.

– Eu não preciso saber lutar para acabar com você. Não é necessário habilidade para matar um homem de joelhos. – Arrasto a ponta da arma pela bochecha dele. O Cinco de Espadas não vai sumir até sentir o gosto de sangue. Agora posso dispensá-la quando quiser. – Renda-se ou morra.

– Basta! – A voz de Vaduin atravessa o ar, relutante e pesada. – Lady Clara Redwin é a vencedora.



Para minha surpresa, há gritos de comemoração com o anúncio, mas são distantes. Insignificantes. Continuo assomando sobre Eza. Minha lâmina estremece.

– Vai me matar? – O canto do lábio dele se curva. – Vá em frente e arrisque a ira do Clã da Lua.

– Todos os iniciados terão as próximas três horas para se limpar e se recompor para a cerimônia de designação às casas, que ocorrerá esta noite no salão principal durante o jantar – anuncia Vaduin.

Mal resisto ao impulso de lhe lançar um olhar fulminante.

Relaxo e me afasto de Eza, deixando-o com sua derrota e humilhação. Por pouco não tropeço e caio, mas preciso manter a cabeça erguida. Especialmente porque um contingente considerável de estudantes está me encarando com ainda mais cautela que antes. Eu saquei mais cartas do que qualquer outro iniciado no meu duelo e as usei sem misericórdia.

Corro os olhos pela multidão de novo. Kaelis foi embora. Será que assistiu à luta toda? Será que se importou? Ou interpretei mal seus olhares? Quase não escuto os parabéns dos meus amigos enquanto os pensamentos me assolam.

Mas a resposta vem na forma de uma figura escura no corredor ao pé da escada em espiral que sai do telhado. Kaelis termina sua conversa com um professor e olha para mim. O professor vai embora e eu nem vejo que direção ele toma. Todo meu foco está no príncipe. Contra minha vontade, meus passos desaceleram. O tempo parece se arrastar.

– Vejo vocês na cerimônia mais tarde – murmuro, despedindo-me dos meus amigos.

Todos logo sabem por quê. Podem ver a mão de Kaelis nas minhas costas enquanto ele me conduz para longe.

Praticamente desabo contra ele quando saímos de vista. Seu braço envolve minha cintura. Sem dizer nada, ele ergue a outra mão ao meu rosto, afastando o cabelo úmido de suor da testa e das bochechas para enxergar meus olhos.

– Posso te carregar?

– Por favor – respondo, sem hesitar.

Estou exausta até os ossos e nunca ouvi uma ideia mais doce do que permitir que ele seja todo meu apoio.

Kaelis me ergue nos braços, como já fez uma vez, e eu afundo em seu corpo firme.

– Você foi magnífica. – As palavras são como uma carícia.

– Obrigada – murmuro.

– Mas duas vezes é demais para eu te carregar até meus aposentos depois das tolices de Eza. Da próxima, ele vai responder a mim. – Há uma nota homicida em sua voz que, para minha vergonha, acho excitante.

– Se houver uma próxima, *eu* vou acabar com ele de vez – corrijo.

– Muito bem. Se milady exige...

Milady... Soa bem em seus lábios.

Chegamos a nossos aposentos, e ele me carrega para a sua ala, não a minha. Deixo acontecer – o que quer que vá acontecer – em silêncio. Ele me acomoda em uma das cadeiras no seu quarto de vestir e murmura:

– Vou preparar um banho para você.

Seu banheiro é mais suntuoso que o meu. O meu seria mais que suficiente, mas ainda assim não protesto.

Vapor e o som de água corrente enchem o ar quando ele volta. Kaelis baixa os olhos para mim e meu coração ameaça bater para fora do peito.

Devagar, ele cai sobre um joelho. Ergue as mãos ao primeiro fecho do

meu casaco, junto ao pescoço e o abre. Seus dedos se movem para o seguinte enquanto nossos olhos se encontram.

Meu peito infla com uma inspiração lenta e trêmula. Meus seios se pressionam contra seus dedos enquanto ele desfaz outro fecho. E outro. Logo, está tirando o casaco dos meus ombros. Eu me remexo para facilitar o trabalho.

– Quer que eu saia? – sussurra ele.

"Não" é a única resposta que me vem à mente.

Os dedos de Kaelis dançam até a bainha da minha blusa. Com movimentos lentos e propositais, ele tira a peça encharcada de suor e a joga de lado. O ar é gelado contra minha pele nua, mas estou fascinada demais pelos movimentos para reclamar. Não quero me mexer, não quero nem respirar – não quero fazer nada que possa interromper o que está acontecendo.

Suas mãos pousam em meus quadris e traçam o cós da calça justa. Eu me inclino para trás, permitindo que ele acesse melhor os botões. Antes que me dê conta, o tecido é puxado pelas minhas coxas.

– Quer que eu saia? – pergunta ele de novo, tão sem fôlego quanto da última vez, os olhos ameaçando me devorar.

– Não – repito, quase inaudível.

Ele desfaz os laços da frente da faixa ao redor dos meus seios. Alguns puxões e estou exposta: toda cicatriz que cruza meu corpo, toda dobra e flacidez e linha de músculo duro. Embora ele me veja, puxando minha última peça de baixo, eu não me encolho nem tento me esconder.

– Magnífica – sussurra ele, erguendo os olhos para os meus. Tem quase uma centelha de surpresa neles, como se não pretendesse dizer isso. Mas o jeito como me olha diz que está sendo sincero. – Venha, a próxima parte é gostosa.

Só com seus dedos envolvidos nos meus, quase penso que não pode ficar mais gostoso que isso. Meus joelhos estão fracos. A respiração rasa. O corpo nu.

A banheira está fumegante e quase transbordando. Ele a aromatizou com perfumes de todo o arco-íris de garrafas cristalinas alinhadas na parede. Os perfumes têm um aroma que nunca senti nele, e só posso supor que os criou para mim. Mergulho na água, o vapor me limpando por dentro tanto quanto a água me limpa por fora.

Kaelis ainda não acabou. Ajoelhando-se ao lado da banheira, ergue minha mão da água, segurando-a como se fosse um artefato frágil, e ensaboa cada dedo com a mesma precisão lenta que usa para pintar cartas, com a mesma atenção com que estuda seus livros no escritório ou no desjejum.

Percebo que me tornei uma parte desses pequenos espaços sacros que ele me permitiu acessar. O jeito como me toca me faz sentir tão sagrada quanto as ferramentas na oficina do Louco. Mais valiosa que as cartas douradas que sei que ele mantém escondidas em algum lugar nesses aposentos.

Ele ergue os olhos para os meus e sustento seu olhar. Parece que ambos estamos parados no precipício de um penhasco, desafiando o outro a pular primeiro.

É esse o momento?, pergunto a ele. A mim mesma. Não há resposta ainda. O ar está tão tenso que vibra.

Não estamos caindo nos braços um do outro. Não são momentos fugazes de prazer nascidos de desespero e carências não saciadas por tempo demais. Isso é... algo a mais. Uma intimidade que eu nunca conheci. Que talvez nunca tivesse me permitido conhecer, se ela não tivesse se aproximado furtivamente.

Ele se levanta e vai para trás de mim, e, mesmo na água escaldante, sinto um arrepio com a proximidade do seu corpo. Afundo mais, mergulho o cabelo e apoio a cabeça na curva da banheira. A tensão em meus músculos se suaviza quando seus dedos afundam no meu couro cabeludo, ensaboando. Meus olhos se fecham, mas antes capto um vislumbre do seu reflexo na água. Um olhar que diz mil coisas que nenhum de nós ousa proferir.

O silêncio pesa, mas não é desconfortável, e está carregado de expectativa. Não vamos chamar isso de afeição nem nada mais. Porque, junto com a admiração e apreciação... há ceticismo e dúvida.

Você pode confiar nele? A dúvida ainda permanece em mim. Tudo sobre Silas, a oficina do Louco, Kaelis sumindo durante o solstício de inverno e tantas coisas mais...

Não sei é a resposta sincera.

Mas sei que o quero. Esse único pensamento permanece comigo quando ele finalmente vai buscar roupas para mim – quando me pego desejando ter pedido que ficasse.

Ao finalmente emergir, decidida, minhas roupas estão dispostas com cuidado e os aposentos dele estão vazios.



Em poucas horas o salão principal da Academia foi arrumado para a cerimônia de designação às casas. Cordões com pequenas lamparinas foram suspensos entre as árvores, ziguezagueando sobre as mesas decoradas com sedas da cor das casas, cada uma com cadeiras extras.

Notavelmente, as duas mesas paralelas no centro do salão foram removidas. Por instinto, todos os iniciados vão até onde elas ficavam. No fundo do salão, ferros ardentes esperam, prontos para marcar os iniciados que chegaram tão perto... mas não vão poder se chamar de estudantes da Academia.

Ou nos sentaremos entre as novas casas ou partiremos para os moinhos. É a última Marcação do ano acadêmico.

Estou cheirando aos perfumes da banheira de Kaelis, e usando os trajes de couro e algodão pesado que ele mandou fazer para mim. E pouso meu olhar nele quando toma seu lugar na frente do salão, austero como sempre. Ele se dirige aos iniciados:

– Na noite do Festival do Fogo, vocês se comprometeram com nossos ensinamentos. Pagaram sua entrada com seus futuros. No Dia de Ouros, mostraram não só à Cidade do Eclipse, mas a seus pares, do que eram capazes pela aplicação prática do que aprenderam nas aulas. E hoje provaram a seus professores e, com sorte, a seus colegas, quanto ainda podem avançar e do que mais são capazes.

Kaelis gesticula enquanto fala. É difícil não imaginar esses dedos compridos deslizando sobre meu corpo nu e molhado. Provocando-me sem nem tentar. Fazendo crescer um calor no meu âmago que ainda se revira como metal derretido.

– Essa será sua última hora como iniciados – continua. – Vocês vão declarar sua intenção de se juntar a uma Casa específica e, se essa Casa julgar que são dignos, serão aceitos entre eles para sempre.

Perco o fôlego e tento me manter calma. Não percebi quanto tudo isso

passou a importar para mim até chegar aqui – e até estar diante da perspectiva de que talvez eu *não* vá avançar. Que posso ter passado por todos os desafios com notas que me põem na melhor metade da turma... e ainda assim não ser boa o suficiente para uma Casa me aceitar.

A atmosfera muda imediatamente quando o primeiro nome é chamado. Um a um, os iniciados se aproximam da mesa da Casa em que pretendem entrar. Colocam a moeda diante do Rei da Casa e, se aceitos, ocupam um assento entre suas fileiras.

Dristin vai para Ouros, uma aposta segura, já que tem mais vagas. Eles estão aceitando de bom grado a maioria dos nobres, com Paus enchendo as remanescentes. Sorza tenta entrar em Copas e, para surpresa geral, é aceita. Embora não seja nobre, ela mais do que se provou. Outra vaga garantida vai para Alor, na Casa de Espadas.

Com a moeda tremendo na mão, Luren se aproxima de Myrion. Seguro o fôlego.

Os olhos dele encontram os meus, como que para dizer: *Você garantiu que ela era digna uma vez, vai fazer isso de novo?* Luren passou em dois dos três desafios, embora mal tenha conseguido superar o teste de lançamento. Não é a iniciada mais forte aqui, sob hipótese alguma, exceto por uma habilidade. Mas acho que todos os outros estão subestimando sua afinidade com essa habilidade, e quero desesperadamente manter meu acesso pessoal a ela.

Abaixo o queixo de leve. O gesto é quase imperceptível, mas Myrion vê.

– Aceito seu pedido – diz ele. – Que seu coração sempre a guie e a fonte de sua alma nunca seque. Bem-vinda à Casa de Copas.

Ele põe o medalhão da Casa ao redor do seu pescoço e Luren solta um gritinho abafado antes de avidamente tomar seu lugar. Há alguns olhares de esguelha de outros membros da Casa de Copas.

O número de assentos está diminuindo e, quando meu nome enfim é chamado, só resta um lugar para dois iniciados: eu e Eza.

Seus olhos disparam para os meus de novo e trocamos um olhar longo e cheio de ódio. Mas o dele tem uma centelha de presunção. Ele não conseguiu me derrotar com suas cartas ou no duelo. Não pôde revelar meus segredos por medo da retaliação de Kaelis... então é assim que acha que vai vencer. Apesar de tudo que aconteceu no Dia de Ouros, mesmo sabendo que

tenho a proteção de Kaelis, ele ainda acha que garantiu a última vaga de Espadas.

Ao contrário de alguns dos iniciados, que puderam escolher uma ou outra casa, eu só tenho uma moeda na mão, e avanço até parar na frente do Rei de Espadas, Emilia. Ela me fita com um olhar pétreo. Frio e calculista, mas não cruel. Exala pura autoridade.

– Desejo entrar na Casa de Espadas – digo, como se não tivesse a menor dúvida de que a vaga é minha.

E não porque espero que Alor tenha falado em meu favor, mas porque Emilia sabe que sou uma iniciada melhor que Eza. Entre todos aqui, eu *mereço* essa vaga, e não vou me encolher sob seu escrutínio e olhar questionador.

– Que sua mente seja tão afiada quanto sua lâmina, e sua força de vontade, inflexível. – A voz de Emilia é grave quando coloca o medalhão ao redor do meu pescoço. – Bem-vinda à Casa de Espadas, lady Clara Redwin.

Há murmúrios e arquejos. Parece que nem todos estavam tão confiantes quanto eu.

– Quê? – Eza solta algo entre um ruído de choque e um grito. – Eu sou do Clã da Lua! – Há uma pausa. Alor fica um pouco tensa ao lado de Emilia quando os olhos dele se dirigem a ela. – Você me prometeu!

– A Casa de Espadas recebe os ágeis em mente e corpo. – Emilia não está minimamente abalada por esse arroubo; continua como se ele nem tivesse falado. – Aceitamos as melhores candidatas entre os iniciados deste ano.

Ele vem até nós, pisando duro, com os olhos cheios de um ódio desvairado, furioso e carregado de pânico. Sabe o que o aguarda.

– Eu *não vou* ser marcado. Eu sou um nobre. Nobres não são enviados aos moinhos!

– Vá para o seu lugar, Eza – comanda Kaelis. Não acho que estou imaginando o leve contentamento em sua voz.

Mas Eza não escuta.

– Você acha que essa vadia é digna de estar entre vocês? Não faz ideia de quem ela é!

– Se você é mesmo um nobre, enfrente seu fracasso com decoro. – Eu projeto calma com minhas palavras, como se estivesse completamente despreocupada pela sua explosão, e não entrando em pânico ao pensar no que ele pode dizer em seguida.

– Ela – insiste Eza, com um dedo apontado para mim – não é a nobre que vocês pensam.

– Silêncio – dispara Kaelis. – Não aceitarei que macule o nome da minha futura esposa. – O príncipe avança com propósito.

Mas Eza está quase sobre mim.

– Você enganou todos eles, mas eu sei a verdade e eles também deveriam saber, sua *mentirosa do caralho.* Foi ela que...

Convoco minha magia. Um Ás de Espadas voa do meu baralho com uma lufada de vento, derrubando-o.

– Basta, Eza. Eu te venci uma vez hoje e farei isso de novo. – Minha ameaça é tão vazia quanto meu baralho. Estou exausta e não tenho as cartas para cumprir a promessa. – Aceite sua Marca com o pouco de dignidade que lhe resta.

Com o rosto vermelho de raiva, Eza dá um grito. Atrapalhado, se levanta e avança contra mim. Kaelis começa a correr – ele viu como meu baralho está vazio; foi ele que tirou meu coldre. Eu pulo para trás por instinto, me preparando para um golpe.

Tudo acontece tão rápido que só percebo quando acaba.

Há um lampejo de prata. Uma espada aparece na mão de Eza, alegremente alimentada por sua sede de sangue. Ele pula sobre mim. Kaelis está longe demais. Meus poderes estão esgotados.

E então há um movimento ao meu lado que é pouco mais do que um borrão.

Emilia é mais rápida do que qualquer um de nós. Ela se move como o vento, saltando sobre a mesa. Eza vacila, chocado pela mulher à sua frente, mas se recupera. Não vai recuar.

Por que faria isso? Ele é um homem morto, de qualquer forma.

Então golpeia. Emilia desvia com facilidade, ao mesmo tempo que saca uma adaga igual à que eu vi Alor segurando toda noite. Eu vejo a arma, mas Eza não. Ele ainda está focado em mim. Eu não me mexo nem me encolho, confiando na minha sorte – e em Emilia.

A ponta da espada de Eza estremece contra a minha bochecha, após ter perdido o alvo e cortado minha mandíbula.

A adaga de Emilia dança no pescoço dele.

Ele solta um gorgolejo e desaba. *Eu é que deveria matá-lo.* O pensamento rebelde é silenciado por um horror imediato. *O que isso significa?*

– Que isso seja um lembrete de que a Casa de Espadas não tolera ataques contra os nossos. – Casualmente, Emilia limpa a adaga no guardanapo antes de embainhá-la de novo no quadril. – Nossas lâminas estão sempre afiadas e prontas para sair em defesa de nossos entes queridos.

Os outros estudantes mal parecem surpresos com essa reviravolta, mas algo muda nos iniciados. Todos percebemos ao mesmo tempo que sabemos muito pouco dos outros dois anos de vida acadêmica. Os estudantes têm suas próprias aulas, em salas separadas. Seus próprios dormitórios. Seus próprios horários e uma cultura que só agora percebemos ser um completo mistério.

Quando me sento, me pergunto quantos dos assentos que os iniciados estão ocupando agora estavam vagos porque os alunos se formaram – e quantos estavam vagos por *outros motivos.* A Academia é tão segura quanto gostariam que pensássemos? Duvido... O medalhão de espada pesa ao redor do meu pescoço.

Durante o jantar, me questiono em busca de arrependimentos ou dúvidas, mas não encontro nenhum. Kaelis rosna ordens e o corpo de Eza é removido com tão pouca cerimônia quanto o de Kel, e o sangue dele é lavado. É como se nunca tivesse existido. Mas o que fica comigo, o que é mais pesado que o arrependimento, é saber que ele era filho de Glavstone. E o que ele falou no final do nosso duelo.

Vai me matar? Vá em frente e arrisque a ira do Clã da Lua.



Quando o jantar termina, todos os estudantes se levantam. Será a primeira vez que os antigos iniciados veem o interior dos dormitórios das casas – seu novo lar. Exceto por mim. Espero sem jeito enquanto o salão começa a esvaziar, vendo os outros alunos saírem.

– Clara – chama Kaelis.

Ele se aproxima, dessa vez parando ao meu lado.

– Kaelis, Eza... – Minhas palavras vão sumindo. Não sei o que dizer. O que ouso dizer perto dos outros estudantes.

– Não tem problema, ele já tinha feito a carta – tranquiliza ele, com um sussurro, como se fosse isso que eu temesse, e não algum tipo de retaliação. – Eu respondo suas perguntas depois.

Tudo bem. Posso afastar minhas questões até estarmos sozinhos de novo. Afinal, não deve demorar para...

– Você deveria ir ver seu novo dormitório. O Abrigo da Lâmina é uma visão e tanto.

Abrigo da Lâmina... Que nome para um dormitório.

– Certo, eu te encontro logo depois.

– Não, fique lá. Serão seus novos aposentos.

Ele puxa a jaqueta, ajeitando-a. Não há nem um fio fora do lugar.

– Tem certeza?

Inclino a cabeça de leve, lançando-lhe um olhar no qual tento transmitir a pergunta: *Não vamos mais fingir que somos um casal?*

– Claro. – A mão dele estremece, como se quisesse pegar a minha, mas o príncipe se contém. – Estaremos casados dentro de um ano, então você deveria se concentrar em conhecer seus colegas de casa.

É só isso mesmo? Tem gente demais ao redor para eu perguntar aqui. Tudo acabou entre nós, agora que recebemos a bênção do rei?

Por mais que eu quisesse me comunicar mentalmente, não podemos. Só posso encará-lo, e ele sustenta meu olhar, mas a conversa não vai além.

– Você tem toda razão. – Abro um sorriso forçado e aperto a mão dele. – Logo estaremos juntos, claro.

Kaelis assente, e eu deixo o salão principal. Sinto meu estômago se revirar durante todo o caminho de volta.

Consigo alcançar o grupo de estudantes da Casa de Espadas e os sigo escada acima. Meu primeiro passo no saguão do Abrigo da Lâmina me faz sentir que deixei a Academia Arcana por completo.

O recinto é imenso, com um teto abobadado apoiado por colunas de pedra entalhadas com espadas. Lustres feitos de armas curvas sustentam gamelas de chamas brancas. A luz faz toda peça da mobília suntuosa, preta e branca, projetar sombras compridas. Em vez de cortinas pesadas, camadas e camadas de chiffon emolduram as janelas. Cortadas em comprimentos irregulares, elas esvoaçam à menor brisa, dando às paredes uma sensação oscilante e viva, como se o cômodo estivesse respirando.

No centro, há uma grande mesa circular de madeira, tão manchada que quase ficou preta. Sua superfície foi polida ao máximo, e quase sinto que posso ver o reflexo dos estudantes de anos anteriores curvados sobre ela, estudando e debatendo. Nos fundos, atrás da mesa, há três ringues de treino. Também há estantes espalhadas pelo recinto, formando divisórias para áreas de estar menores.

Não é só um saguão, mas um santuário para tudo que a Casa de Espadas considera sagrado: conhecimento, ação, força e determinação.

– Clara, Alor, venham comigo. – Emilia nos leva por um dos corredores curtos que saem da área comum. O saguão tem a forma de uma roda, e cada corredor é um dos seus raios. No final dele, há duas portas. – Como vocês já

compartilhavam um quarto, não devem ter problemas aqui. Se precisarem de alguma coisa, podem pedir para mim ou para qualquer um dos seus colegas de casa.

– Você sabia que eu viria para cá? – pergunto.

– O diretor pediu que mobiliássemos um quarto para você – responde Emilia, assentindo. – Mas eu teria insistido, de toda forma. Você faz parte desta Casa agora. Seu lugar é com sua família acadêmica, antes de tudo.

Eu me sinto bem-vinda, mas ao mesmo tempo perdida. A última pessoa de quem esperava essa acolhida era Emilia, mas ela acabou de matar um homem para me defender.

Enquanto isso, o homem que representava segurança – meu lugar na Academia – aparentemente me abandonou.

– Obrigada – diz Alor, com carinho.

Quando Emilia está prestes a se afastar, pensa melhor, se aproxima da irmã mais nova e apoia uma das mãos no seu ombro.

– Bom trabalho. – Ela dá um sorriso encorajador. – Nosso pai vai ficar orgulhoso.

Antes que Alor possa responder, Emilia vai embora. Alor fica parada ali, deliciando-se com o orgulho da irmã, desfrutando de um calor que reconheço. "Estou orgulhosa de você" eram quatro das palavras mais doces que minha mãe ou irmã podiam dizer para mim – e palavras que eu tentava dizer a Arina com frequência. Meu peito dói como se eu tivesse levado um golpe físico, como se fosse esmagada por mil pedras. O sofrimento que a mera lembrança dela traz levará anos para suavizar.

– Você parece estar no seu lugar – avalia Alor, me trazendo ao presente.

O luto é uma companhia constante. Chafurdar nele não vai ajudar.

– Você também – me obrigo a dizer, afastando os pensamentos da minha irmã.

Ela arqueia as sobrancelhas, os lábios se curvando em um sorriso presunçoso e familiar.

– *Óbvio.*

Solto um suspiro de divertimento.

– Ainda estou investigando as coisas, aliás. Consegui encontrar umas pistas no fim de semana, mas nada substancial até o momento.

– É mesmo?

– Veremos – diz ela, cautelosa, tentando não criar expectativas. – Talvez

seja melhor dizer uma *falta* de pistas. Eu devia ter encontrado mais informações. É como se alguém tivesse apagado de propósito os detalhes dos registros.

Conheço bem demais a sensação. Mas isso me faz lembrar outro momento em que me deparei com uma falta de pistas. Talvez esteja tudo conectado. A Coroa gerencia os moinhos, as casas de celulose, os sítios de colheita, e eu sempre suspeitei que estivessem por trás da morte da minha mãe...

– Posso pedir para você investigar outra coisa... outra pessoa?

– Não quer mais nada, não? – Alor bufa, mas posso ver pelo seu tom que está aberta ao pedido.

– Laylis Daygar.

Daygar era o nome que minha mãe usou quando morreu na Descida. Ela não teria sido registrada como Chevalyer em nenhum lugar, não quando insistia que o nome tinha que ser mantido em segredo a qualquer custo. Tínhamos vários nomes na nossa família, tudo para esconder uma identidade que só agora estou começando a entender... Nosso passado sempre envolveu mais coisas do que ela revelou.

– Laylis Daygar – repete Alor, reconhecendo o nome por causa de Arina. – Sua mãe?

Assinto.

– Ela morreu na Descida de um jeito que sempre achei suspeito. Estou me perguntando se talvez a morte dela e de Arina estão conectadas.

– Alguém deve realmente odiar vocês, se estiverem.

Alor cruza os braços, seu olhar astuto não deixando nada passar. Há uma expectativa ali – ela quer que eu elabore, já sabendo que está certa.

– Parece que sim – é tudo o que digo.

– Tudo bem, se eu vir algo envolvendo essa Laylis, vou anotar também. Então não esqueça como estou sendo legal.

– Não vou deixar de retribuir o favor – digo, com sinceridade.

– Agora, se me dá licença, acho que vou desfrutar do meu quarto... livre dos seus roncos. – Ela abre a porta, e eu pego um vislumbre do refúgio que me aguarda.

– Eu não ronco.

Ou ronco?

– *Claro* que não. – Alor entra em seu quarto, e eu faço o mesmo.

O meu é decorado em cores parecidas com as da área comum e tem a mesma disposição do quarto de iniciada nos dormitórios – mas com uma só cama, escrivaninha e guarda-roupa. Claro, verifico primeiro o guarda-roupa. Está cheio das minhas roupas.

Ele realmente planejava me expulsar... Mesmo enquanto me despia e me banhava.

– Não te entendo – sussurro, esperando que Kaelis sinta as palavras no fundo dos ossos.

Por que temos que nos aproximar alguns passos só para recuar tantos outros? Mas estou cansada demais para lidar com isso agora. Vou encontrá-lo pela manhã.

Não perco tempo em me vestir e me deitar. Ainda está cedo, mas, com tudo que aconteceu hoje, estou exausta e o sono me encontra com facilidade.

E então me deixa horas depois, quando me sobressalto com o som da porta se abrindo.

– Ka... – começo, mas me interrompo quando percebo que não estou nos aposentos dele e que essa sombra não tem a mesma altura ou físico que o príncipe. Um lampejo de prata geralmente me deixaria em alerta máximo, mas já sei quem é. Reconheceria essa adaga, com seu cabo de raio, em qualquer lugar. – Alor? Está tudo bem?

Sem dizer nada, ela fecha a porta atrás de si e cruza o tapete. É felpudo e preto, com floreios cinza que dançam como símbolos de tarô enfumaçados. Quando se deita nele, ela ergue os olhos para desenhos igualmente intrincados no teto de gesso. Espero que diga alguma coisa. Sei que vai.

– No fim, não consegui dormir tão facilmente quanto pensei que faria sem seus roncos – diz ela, relutante.

– Entendo. – Contenho um sorriso. A última vez que alguém entrou de fininho no meu quarto foi quando Arina teve uma noite particularmente difícil. Não tínhamos certeza se íamos conseguir sair dos túneis e chegar à cidade vivas. Foi um dos últimos trabalhos que ela fez comigo. – Está tendo dificuldade para dormir desde que eu me mudei?

– Não vou responder a isso – rebate ela, ainda sem olhar para mim.

– Posso fazer outra pergunta, então?

Ela vira a cabeça quando estendo um dos travesseiros extras da minha

cama. Encara-o com desconfiança, como se eu estivesse oferecendo um frasco de veneno, até que finalmente o pega e enfia embaixo da cabeça.

– Por que você dorme com a adaga?

Ela boceja.

– É parte do treinamento do Clã da Torre... Sempre tem alguém atrás de você. A gente nunca sabe quando eles vão atacar...

– "Eles"?

– Qualquer outro membro do clã. No Clã da Torre, ou você é forte ou morre.

Ela rola de lado. Dar as costas para mim significa que não vai dizer mais nada a respeito do assunto, e eu não insisto.



Ter aulas agora é estranho, para dizer o mínimo. Faltam cerca de três meses para o Banquete de Copas, e a meta principal do ano – dividir os iniciados em casas – está concluída. Julgando só por uma manhã, os professores parecem felizes em nos deixar praticando os mesmos princípios básicos que ensinaram o ano todo, mas não há urgência em suas instruções. E há um ar de alívio entre os estudantes do primeiro ano. A maioria não consegue parar de girar os medalhões de suas novas casas pendurados no pescoço.

Conseguimos.

Mas o que nos aguarda no ano seguinte continua em aberto. Eu tinha uma ideia de como era o primeiro ano graças a Arina, mas o segundo é um mistério que continua um problema para o futuro, um problema que espero que Kaelis me ajude a enfrentar. Se é que ele vai olhar para mim, claro...

Assim que as aulas e o almoço acabam – um almoço do qual Kaelis estava notavelmente ausente –, eu vou direto para os aposentos do diretor. Estou preparada para esperá-lo voltar e me deixar entrar, mas não encontro resistência. Os Stellis na porta ainda não me impedem. Os aposentos dele estão destrancados, o quarto vazio. Mas há o som de uma pena riscando papel vindo da porta entreaberta do escritório dele. O zumbido suave do seu foco.

Abro a porta de uma vez e fico parada no batente, esperando. Ele estende

o silêncio por um bom minuto antes de erguer os olhos para mim. Por um momento, nenhum de nós fala. O silêncio não ajuda meu humor, e só vê-lo já atiça minha frustração.

– Você parece ter algo a dizer – comenta, virando-se de volta para os papéis na mesa. – Então diga.

– O que há de errado com você?

Ele ergue os olhos depressa, mas dura pouco mais que um segundo.

– As pessoas diriam "muitas coisas".

– Você me mandou embora.

A pena de Kaelis cruza a superfície dos papéis.

– Você deixou claro desde o começo que não estava particularmente encantada em morar aqui comigo.

Acho que sim...

– E quanto a convencer as pessoas que somos um casal legítimo? Eu *não vou* voltar para Halazar.

– Não acho que corra esse risco, graças à bênção do meu pai. Não poderíamos ter pedido um apoio melhor. Nem teríamos uma desculpa melhor para você sair do que se juntar a uma casa. *É* mesmo importante se conectar com seus colegas de casa.

Ele não soa como a si mesmo. É quase como se tivesse repetido essas palavras uma dúzia de vezes. Não é o príncipe cruel, mas determinado, que conheci ao chegar aqui. Nem o homem de fala suave e surpreendente gentileza que cuidou das feridas que Eza infligiu no meu corpo. Ele não tem emoções. Está vazio.

– Então é isso?

– É isso o quê? – Ele dá um suspiro dramático.

– Você não... Nós não...

– Nós não *o quê*, Clara?

– Dá para me olhar nos olhos por um momento? – exijo.

Se pudesse ver seus olhos, eu saberia. Saberia o que é isso – o que nós somos. Como se as milhares de outras vezes que ele me olhou não fossem suficientes.

Kaelis se reclina na cadeira e ergue os olhos para mim como se fosse fisicamente doloroso. Há um muro ali. Frio e inabalável. Eu ficaria impressionada por ele tê-lo erigido em tão pouco tempo se não fosse construído para me manter afastada.

– Que foi? – insiste ele, antes que eu possa falar. E, sem me deixar responder, se levanta. – O que quer de mim, Clara? – Kaelis contorna a mesa. – Você me informou, muito explicitamente e incontáveis vezes, do seu ódio profundo por mim. Fugiu de mim. Me culpou pela morte da sua irmã. Duvidou de mim e das minhas intenções. Não tem nada que eu possa dizer ou fazer para que mude de ideia, e eu tentei. – A cada acusação amarga e verdadeira, ele se aproxima um passo. Eu não me mexo. Uma mão invisível me prende no lugar com tanta força que minha respiração fica superficial. – Quando finalmente te dou o que você queria, você se ressente ainda mais de mim. *O que você quer de mim?*

Ele repete a pergunta como uma súplica. Seus olhos sondam os meus enquanto ele assoma sobre mim. O muro está rachando, meu coração junto com ele.

– Não sei – digo, a confissão pouco mais que um suspiro.

– Então me liberte.

– O quê?

– Você consome cada momento do meu dia. Devora meus pensamentos. Envenenou os corredores com seu cheiro. Inundou meus sonhos ao ponto de que não sei dizer se é um prazer ou um pesadelo querer me afogar em você. Se me odeia, então *me odeie*, e vamos ser eternos rivais. Deixe qualquer futuro em que você e eu somos mais que inimigos finalmente morrer. – Ele faz uma pausa. – Se quer mais alguma coisa de mim, então venha e pegue. Mas, se não for nada disso, me liberte e me deixe esquecer você de uma vez por todas.

– Não posso. – Essas duas palavras são a primeira coisa que vem à minha mente. Seus olhos se arregalam de leve. As mãos tremem, como se ele estivesse fisicamente se contendo para não me agarrar. – Posso te odiar, posso te amar... mas não posso ser nada pra você.

Mais uma vez, sou eu quem o beija.



CAPÍTULO 50

O beijo contém meses de palavras não ditas, desejos enterrados e abandonados, e temores não inteiramente dominados, mas, por ora, ignorados. É mais doce do que o primeiro gole de vinho depois de Halazar e me deixa igualmente atordoada. Eu me entrego a um lado carente e despudorado de mim que tentei muito abstrair porque sempre havia trabalho a ser feito. Uma parte de mim que ele inflamou na festa do irmão sem nem tentar.

Mas agora ele está aqui. Eu nem sei se *quero* que seja ele. Ainda é Kaelis, o segundo príncipe do reino, o homem que sempre vi como meu inimigo e arquiteto dos meus sofrimentos. Um homem que não sei se é confiável e contra quem ainda estou tecendo meus próprios planos secretos... Mas ele também se tornou mais do que isso. Mais do que quero admitir. E, no mínimo, é alto e forte e capaz de saciar as necessidades que vêm crescendo em mim de maneira incessante há anos, sem uma válvula de escape.

Abro os lábios, e ele se aproveita plenamente disso, enfiando a língua na minha boca. Eu não só deixo como também correspondo seu fervor. Deslizo as mãos pelo seu peito até agarrar a lapela de sua jaqueta.

Com uma das mãos, ele traça meu queixo, agarrando meu pescoço com

propósito, inclinando minha cabeça e aprofundando o beijo ainda mais. A outra mão viaja pela lateral do meu corpo, apertando minha bunda e puxando tanto meu corpo para perto que posso senti-lo contra mim, duro, e solto um gemido. Minha imaginação corre solta com as coisas que ele poderia fazer comigo.

Minhas costas colidem contra o batente da porta, e ele inclina minha cabeça para plantar beijos até minha clavícula. Empurro os quadris contra os dele, sugestiva. Um murmúrio divertido se ergue do seu peito, um sussurro que deixa minha pele arrepiada.

– Precisa de alguma coisa? – ele praticamente cantarola.

– *Me fode* – respondo, sem conseguir pensar em mais nada.

Kaelis se afasta só o suficiente para me encarar. Se fosse possível consumir alguém com um olhar, eu estaria gritando de prazer agora.

– Sim – diz ele contra meus lábios, a voz rouca e pesada com um desejo desesperado. – Você não faz ideia de quanto tempo esperei para ter você. Reivindicar você. Te tornar minha até não se reconhecer mais.

Seus olhos buscam os meus, como se pedissem permissão. Ele passa o polegar sobre meus lábios umedecidos. Não consigo me impedir de lamber a ponta do seu dedo, os olhos fixos nos dele.

Kaelis grunhe, encostando a testa na minha.

– Eu te odeio pelo que fez comigo.

– Não tem problema. Eu nunca precisei que você gostasse de mim. – Deslizo as mãos ao redor do pescoço dele, entrelaçando os dedos no seu cabelo. *Pelos Vinte, é mais macio que seda.* Quando cravo as unhas na sua cabeça, cerrando os punhos, Kaelis solta um chiado. Arranho os dentes contra seu pescoço. A mão dele voltou à minha bunda, apertando e enviando eletricidade pela minha coluna. Meu corpo inteiro força cada pedaço de tecido que me cobre, implorando por libertação. – Eu não quero gostar de você.

Mas gosto. Droga, eu gosto. Só não estou pronta para dizer isso a ele. Vou negar com cada parte raivosa de mim que ele parece adorar, mesmo sem querer.

Ele xinga baixinho, como se concordasse. E então repete o som a cada botão aberto do casaco e depois da camisa, expondo o topo do peito e a clavícula. Está sempre tão abotoado, mais resguardado que os Stellis que o protegem.

Eu me pergunto quem foi a última pessoa a tocá-lo. A expô-lo como a coisa que ele tão claramente teme ser: um homem de carne e osso. Um homem que pode ter desejos e necessidades... Um homem que pode ser quebrado.

Kaelis agarra meu queixo e me olha nos olhos. O vazio escuro está em chamas.

– Se você se entregar a mim, eu vou tomar tudo. *Agora.* Várias vezes. Não vou ser gentil.

– Ótimo. – Um divertimento amargo e irônico repuxa meus lábios. – Faça o seu pior, príncipe.

O sorriso serpentino que eu passei a adorar cruza sua boca – uma expressão perversa, mas também familiar. Desejada, até. Esse sorriso encontra o meu em um beijo mais profundo do que os outros, mas sem pressa dessa vez. É quase preguiçoso enquanto ele saboreia meu gosto e morde meus lábios.

Kaelis me explora com calma.

Suas mãos passam da minha cintura à nuca, fincando-se na pele. Curvo os dedos nas suas roupas. Posso sentir cada linha de músculo através delas, e quero ver tudo, tocar tudo, correr a língua por cada sulco.

Eu estremeço, e ele me puxa para perto. Há um segundo em que ambos pendemos à beira de cada promessa implícita. Cada prazer satisfeito. Sem dizer mais nada, ele me leva ao quarto.

Quando me dou conta, estamos ao pé da cama. Ele corre os dedos pelo meu cabelo, e há um brilho em seus olhos, um apetite que espelha o meu.

– Que foi? – pergunto, sem suportar a inspeção por mais um segundo.

– Não consigo decidir o que quero fazer primeiro com você.

– Pois decida – meio exijo, meio imploro. – Qualquer coisa. *Tudo.*

Como se quisesse me irritar, ele abre meu casaco com lentidão deliberada. Depois de tirá-lo, lambe meu pescoço e morde meu ombro, chupando a pele forte o bastante para deixar um hematoma. Faço o mesmo, afundando os dedos em seus ombros, deixando marcas com as unhas.

Em seguida vai minha blusa, depois a calça. Ele prossegue com muita calma, como se sua ânsia não o devorasse vivo. Minhas mãos estão tremendo.

Novamente, ele remove cada peça de roupa do meu corpo e tira um

momento para admirar seu trabalho. Eu não me encolho nem me escondo. Só ponho a mão no quadril, inclinando a cabeça de lado.

– Gosta do que vê, príncipe?

Ele estende a mão e, com um toque leve como uma pluma, delineia meu ombro e desce pelo meu peito. Explora com calma a curva de um seio. Traça delicadamente o mamilo, acariciando-o até intumescer, uma carícia que me faz estremecer.

Kaelis me empurra na cama. Caio sobre travesseiros e almofadas, embalada em veludos e peles. Ele sobe em cima de mim, movendo-se com propósito.

As mãos do príncipe me tocam inteira, explorando cada centímetro do meu corpo como se eu fosse um território a ser conquistado. Uma carta a ser tirada. O toque se torna exigente. Ele segura um seio e o toma na boca. Dobrando os joelhos, curvando os dedos dos pés, exalo e arqueio as costas, empurrando-o na sua direção. Kaelis pega o outro, a ponta dos dedos deixando marcas na minha pele – à beira da dor, mas nunca abandonando o reino do prazer. Ele posiciona o joelho entre minhas pernas para aplicar uma pressão constante e necessária. Sei que ele consegue sentir como estou pronta; praticamente encharquei as roupas dele.

Quando penso que não consigo aguentar mais toques, beijos ou mordidas, ele solta meu peito e rosna no meu ouvido:

– Eu quero te foder há *séculos.* Desde que vi você pela primeira vez. Desde que te vi dançando com outro homem naquela maldita visão. A audácia do destino de imaginar qualquer outra pessoa tocando a mulher que eu tinha reivindicado para mim...

Eu poderia me partir ao meio só pela intensidade da sua voz. O rosnado sob suas palavras ciumentas faz meus dedos dos pés se curvarem.

– Se quer me foder, então *manda ver.*

Abandonando as explorações lentas, ele encontra meus lábios de novo, em um beijo devorador. Arranco as roupas dele, não aguentando mais um segundo de espera. O som de costuras arrebentando enche o ar. Botões caem tilintando no chão.

– Como ousa? – arqueja ele. – Eu gostava dessa camisa.

– Eu gosto mais dela rasgada no chão.

A calça vai em seguida, tirada com a mesma pressa. Nua como estou,

Kaelis se posiciona diante de mim. A ponta de sua ereção já está esfregando minha entrada. Eu estou molhada e pronta.

– Diga o que quer – exige ele, a mão novamente no meu queixo, envolvendo meu pescoço como se quisesse me lembrar que é ele quem está no controle.

– Quero que me foda – digo, sem deixar espaço para dúvidas.

Ele se abaixa, mordendo minha orelha e sussurrando:

– Mais. Vou te foder até você gritar meu nome. Até sua boceta só conhecer a forma do meu pau. Depois de mim, nenhum outro homem vai te satisfazer. Não vai nem chegar perto. – Estremeço. A mão que não está apoiando na cama volta ao meu peito. – Se quiser ser poupada, diga agora, Clara. Ou eu vou te fazer minha.

– Espero que você seja tão bom quanto diz depois dessa falação toda. – Eu o encaro quando ele se afasta. – E lembre-se: você prometeu não ser gentil.

O príncipe solta uma risada baixa que se torna um rosnado.

– Tudo bem.

Ele desfaz a distância entre nós com uma única estocada. Fechando os olhos, jogo a cabeça para trás e ele se aproveita outra vez do meu pescoço exposto. O quarto gira enquanto eu me acostumo com seu tamanho. É uma explosão de uma saborosa dor e do prazer mais profundo.

Kaelis não perde tempo e estabelece um ritmo constante e intenso. Sua boca vai do meu pescoço aos meus seios. As mãos estão em todo lugar; elas se entrelaçam no meu cabelo, me puxando para me posicionar onde ele quer.

Ele se afasta um pouco e enfia uma das mãos entre nós, o polegar encontrando meu clitóris.

– Grite pra mim.

Não consigo. Cada músculo está teso a ponto de tremer. Minha respiração sôfrega está prestes a trair meu clímax e, bem quando estou chegando lá, ele para sem aviso. Olho feio para ele, ofegando, e Kaelis abre um sorriso presunçoso.

– Isso – murmura. – Olhe pra mim com esses olhos carmesim. Olhe pra mim com todo o ódio que conseguir e mais um pouco pra esconder que você me ama, e mais ninguém.

– Eu nunca poderia te amar. – Ofego.

– Continue mentindo para si mesma.

Sem aviso, ele sai de mim, me vira e puxa meus quadris com uma das mãos. A outra agarra meu cabelo enquanto mete de novo com um grunhido. Minhas costas se arqueiam, e os dedos dele se alternam entre meus mamilos e meu clitóris. Quando estou prestes a atingir o clímax de novo, ele desacelera outra vez, me puxando de volta. Nunca me deixando chegar lá.

– Não, ainda não. Ainda não acabei. – Kaelis afunda os dentes no meu ombro, com minhas costas contra seu peito. Eu nunca me senti tão exposta.

Eu me entrego completamente a ele. Cada pensamento errante é tirado do meu corpo com suas investidas. Amanhã estarei dolorida e vou querer agradecê-lo por isso. Ele cumpre sua promessa de garantir que meu corpo vai ansiar por ele.

Continuamos chegando à beira do prazer e nos afastando. Continuamos torturando um ao outro. Construindo o frenesi de um êxtase avassalador. Ele me posiciona e eu me rendo à sua vontade, virando de costas outra vez. Ele assoma sobre mim, seu ritmo punitivo agora. Deliciosamente insuportável. Mal consigo respirar enquanto dou tudo a ele.

De repente, o clímax me atinge. Kaelis enfim me leva até lá, e um grito é arrancado da minha garganta. Ele continua metendo, investidas longas e constantes. Agarro seus ombros, as unhas deixando linhas vermelhas na pele. No segundo em que nossos olhos se encontram, ele atinge o próprio orgasmo e praticamente desaba sobre mim, os gemidos como um coro no meu ouvido.

Sem fôlego, Kaelis tem um espasmo dentro de mim. Seu corpo inteiro estremece enquanto corro os dedos pelas suas costas. Por fim, ele se afasta e cai pesadamente ao meu lado.

Ficamos deitados em silêncio por alguns momentos, os corpos esfriando. O rubor deixando a pele. Uma satisfação profunda *finalmente* se assenta em mim.

– Vou usar o banheiro – declaro, levantando.

Kaelis emite um pequeno grunhido em concordância.

– Eu posso te dar um Cinco de Ouros, se precisar.

– Eu tenho um no meu quarto. – Todo Arcanista maior de idade sabe como o Cinco pode ser usado para impedir uma gravidez indesejada.

– Eu preferiria te ver fazendo isso.

Eu bufo.

– Confie em mim, Kaelis. A última coisa que quero agora é um bebê. E a única coisa que quero menos que isso é carregar um filho *seu*.

Ele faz uma careta enquanto eu saio. Retribuo a expressão, mas não consigo segurar uma risada. Até o olhar dele se suaviza, com uma bufada divertida. Somos um par terrível... mas meio que gosto que seja assim...

Quando termino no banheiro, volto até a cama. Ele ainda não se mexeu, e é uma visão e tanto. Tirei suas roupas tão rápido que não tive tempo para apreciar toda sua glória.

Seu físico está em algum ponto entre o de um estudioso e um guerreiro – com músculos definidos, mas esguios, além de um corpo que é naturalmente mais adequado para bibliotecas do que para campos de treinamento. Mas o jeito como ele se porta exala um poder letal.

Ele abre um olho e me pega encarando.

– Você vai ter que esperar um pouco antes de eu conseguir ir de novo.

– Não vamos de novo... Hoje não. – Me abaixo para pegar minhas roupas.

– *Hoje* não. Então não foi só uma noite?

– Veremos.

Eu não sei direito o que foi isso e não quero analisar demais. Arruinaria as ondas de prazer ainda atravessando meu corpo. Prefiro não pensar muito sobre o fato de que deixei meu pior inimigo me dar um dos melhores orgasmos da vida.

– Já vai? – pergunta ele, enquanto enfio a camisa sobre a cabeça.

– Você esperava carícias gentis e declarações de amor como se fôssemos um casal de verdade? – Com a calça no meio das pernas, faço uma pausa para lhe lançar um olhar incrédulo. – Não temos esse tipo de relacionamento, temos?

– Não, claro que não.

– Ótimo. – Termino de abotoar a calça. – É melhor pra nós dois não confundirmos as coisas.

– Eu não poderia concordar mais.

– Ótimo – digo outra vez.

– Ótimo – repete ele.

Mas, por um segundo, nenhum de nós se move. O silêncio parece uma objeção. Uma rejeição.

– Obrigada – digo, com uma leve sinceridade na voz. – Foi... divertido. Eu precisava disso.

– Eu também. – Seu tom é sério. Eu me pergunto há quanto tempo ele não fazia isso. Talvez tanto quanto eu. Talvez mais.

Pela primeira vez, fico pensando em que tipo de amante Kaelis seria. Não só na cama; isso agora eu sei, e a resposta é: muito, *muito* bom. Mas como parceiro. Como alguém para encontrar no fim do dia. Alguém para sussurrar palavras carinhosas no travesseiro. Para me segurar quando o mundo se tornar opressivo...

Tento afastar tais ideias da mente quando sigo até a biblioteca, determinada a me concentrar nos meus preparativos para o Banquete de Copas e o que será o maior roubo que vou colocar em prática na vida.



CAPÍTULO 51

Não sei dizer se as coisas com Kaelis estão melhores ou piores agora. Há uma energia insuportável entre nós, quase vibrante e mais palpável do que nunca. Quando vou trabalhar com ele, há momentos em que quero beijá-lo – momentos em que sei que ele quer me beijar. Porém, de alguma forma, nenhum de nós volta a ultrapassar esse limite. Talvez os dois não saibam se foi só uma vez... ou se *deveria* ser.

Provavelmente deveria, mas não consigo parar de pensar no que aconteceu. Não consigo parar de me perguntar se a lembrança dos nossos toques também consomem os dias e as noites dele... se ele está imaginando minha boca nele e a sua em mim. O som dos nossos quadris enquanto ele metia em mim também preenche seus sonhos?

Odeio querer isso – querê-lo, exatamente como ele disse que seria. Então, por enquanto, emano uma aura frígida em sua direção, e Kaelis faz o mesmo comigo. Somos dois combatentes cercando um ao outro no ringue, separados depois dos golpes iniciais, esperando para ver quem vai dar o próximo passo. Quem vai ceder e fechar o espaço para a próxima rodada.

É uma tensão que me deixa desconfortável perto dele e me faz correr de volta ao meu quarto em algumas noites, grata por ter meu próprio espaço.

Por poder trancar a porta e me recostar nos travesseiros enquanto enfio a mão entre as coxas e arqueio as costas na cama. Às vezes eu me permito gemer baixinho, imaginando-o do outro lado da porta, ouvindo, se masturbando ao som do meu prazer.

Esse alívio é a única coisa que me permite manter a distância e o foco durante o dia.

Estamos fazendo progresso com as falsificações. Minhas linhas ficam mais precisas a cada hora. Contudo, com o passar dos dias, eu me pergunto se o progresso é *suficiente*. Comecei a comparar as cartas não só com a memória de Kaelis, mas com a de Twino também. Só teremos uma chance de trocá-las, e esse fato começou a se tornar um fardo.

Silas continua sendo um intermediário confiável. Embora eu conheça a rota da ponte agora, a carta dele é mais rápida. Claro, a primeira vez que o levo à mansão na cidade, há resistência quando o reapresento e revelo sua identidade verdadeira.

– Ainda não confio nele – anuncia Gregor, com veemência, sem se importar nem um pouco com a presença de Silas ao meu lado junto à lareira. – E nunca vou. Foi por causa *dele* que perdemos o clube.

– Isso é... compreensível. – Silas esfrega a nuca.

Toco seu antebraço com gentileza e olho para os outros.

– Perdemos o clube por causa de Ravin, não de Silas. E, francamente, se Ravin queria me atacar ou destruir o clube, o que sem dúvida queria, faria isso com ou sem a ajuda dele. Silas é uma vítima da crueldade da Coroa tanto quanto qualquer um de nós ou as pessoas por quem lutamos.

Gregor cruza os braços e afunda de volta na cadeira. Twino remexe a mão, voltando a apertar a bengala, os olhos incandescentes, mas continua calado. Não falou quase nada e, pela primeira vez, não sei dizer se isso é bom ou ruim.

– Como sabemos que ele não está fazendo jogo duplo? – Nunca é um bom sinal quando Jura não mede palavras. – Ele pode estar tentando conquistar nossa confiança para deixar Ravin entrar aqui.

– Se ele quisesse trazer Ravin aqui, já teria trazido. Eu ouvi a conversa deles; o príncipe o pressionou por informações sobre a gente, mas Silas não cedeu. Arriscou mentir para nos proteger.

– Talvez fosse um showzinho para você – diz Gregor, bufando.

– Eles não sabiam que eu estava lá. Eu garanto.

Disso, ao menos, tenho certeza.

Jura aperta os lábios e toma um longo gole de chá, cruzando as pernas e se recostando no sofá em uma posição parecida com a de Bristara. A fundadora e matrona do clube se manteve calada, o que é preocupante, mas isso não me impede de sentir sua desaprovação. De novo. Parece que é tudo que consigo fazer desde que saí de Halazar.

– Pode ter sido ele que matou Arina – acrescenta Gregor, com um rosnado baixo.

– Eu nunca faria isso – dispara Silas.

– Vamos precisar de uma prova da sua lealdade, acho – comenta Bristara, enfim. – Isto é, se devemos confiar o suficiente em você para trabalharmos juntos.

– Eu teria dito o mesmo, se ele já não tivesse vindo com essa prova – digo, erguendo o diagrama que ele adquiriu para nós.

– O que é isso? – pergunta Twino.

– Uma cópia do diagrama da caixa que o rei usa no peito para guardar as cartas.

Passo o papel para Twino, que o abre. Seus olhos se arregalam e ele franze o cenho.

– O que é? – pergunta Ren, se inclinando.

– É diferente de tudo que já vi – murmura Twino. – Mas não parece com a caixa que eu vi no rei.

– Você poderia usar isso para abrir a caixa? – pergunto.

– Se for real, sim.

Bristara tamborila os dedos nos braços da cadeira – um sinal de sua agitação – e fala diretamente com Silas:

– Quando você estiver aqui, vai permanecer no jardim, onde vamos ficar de olho em você, e não vai a nenhum outro cômodo – declara. – Até podermos determinar a validade dessa informação, é assim que vai ser.

Silas assente. Não ouso protestar sobre o decreto. Pelo resto da noite, ele fica sentado sozinho no jardim, desenhando nas páginas que trouxe na bolsa. Não está pintando cartas, mas não sei o que o mantém tão focado.

Considero um bom sinal quando Jura leva uma xícara de chá e um pratinho de broas para ele algumas horas depois. Mesmo que não lhe diga nada.

A próxima vez que vamos à mansão é praticamente igual.

Silas nunca protesta ou tenta discutir sobre ficar no jardim – mesmo nas noites mais frias, quando seu hálito se curva no ar como nuvens brancas, combinando com a neve que cai do céu. Parte meu coração ver como ele está acostumado a ficar sozinho.

O tempo todo, o clube e eu trabalhamos e planejamos. Obter as cartas do rei não é algo que vou fazer sozinha. Falei isso para Kaelis também. Depois que eles me ajudaram no Dia de Ouros, o príncipe teve o bom senso de não se opor.

É assim que um plano improvável é bolado... e que Silas recebe outra chance de se provar.



– Sua sacola está fedendo – diz ele ao abrir a porta do seu quarto.

– Isso é jeito de cumprimentar uma dama? – pergunto, entrando.

Ele fecha a porta e vem atrás de mim.

– O que é isso?

Ajeito a sacola no ombro, questionando se deveria contar. Já foi difícil chegar à conclusão de que seria uma boa ideia. E, mesmo que minha família malfadada saiba o que estou levando... ver a coisa que matou Arina vai evocar muitos sentimentos. Sem saber o que me leva a concluir que é melhor partilhar, afasto a aba.

– Rosa-do-crepúsculo – digo, e Silas dá dois passos para trás. – Não se preocupe, eu a podei antes de florescer. O pólen está contido com segurança.

– Você conseguiu podar as flores tão silenciosamente que elas não abriram?

Ele está impressionado, e com razão.

– Alguém que sabe *muito* sobre plantas me explicou como.

Essa pessoa é Ren, que provavelmente é o único membro do clube que parece mais fascinado do que horrorizado ao ver a flor em cima da bancada da cozinha mais tarde, quando Silas me leva à mansão. Jura está revoltada com a presença da flor em sua cozinha. Twino se encosta na parede, examinando-a. Gregor não desceu. Suspeitei que poderia ser demais para ele.

Ren assume o comando, cortando cuidadosamente a planta com a precisão e a firmeza de um cirurgião. Ele explica a Jura como fazer uma infusão com o pólen. Eu fico fora do caminho, ao lado de Twino, ambos assistindo fascinados e prendendo o fôlego em determinados momentos.

Quando tudo acaba, enfim emergimos. Todos menos Jura, que provavelmente vai esfregar suas bancadas e resmungar sozinha por algumas horas.

Silas se volta para mim quando Twino e eu saímos no jardim, ainda finalizando nossos planos em voz baixa.

– Cheguei a uma conclusão. – Silas se levanta e ajeita o casaco. O tempo vem oscilando demais recentemente, com o inverno recusando-se a ceder lugar à primavera com seus últimos suspiros.

– E qual é? – pergunto por mim e por Twino.

– Vocês vão envenenar o rei. – A afirmação direta revela a confiança dele.

– E como você chegou a essa conclusão? – indaga Twino, calmo e comedido como se o assunto fosse mundano... e como se Silas não estivesse certo.

– Estive pensando em como tudo isso se encaixa. – Silas me encara com atenção. Lembro de sua expressão quando explicou suas teorias no baile do solstício de inverno, no castelo. – Primeiro, achei que vocês só iam tentar roubar as cartas. Mas acho que é mais do que isso. Considerando como Kaelis te manteve por perto e o que aprendi sobre suas outras habilidades inatas de pintar cartas como a Fortuna... você vai fazer falsificações para que o rei não suspeite de nada, garantindo mais tempo para que você e Kaelis possam obter o último Maior, a Estrela. Que outro motivo teria para entrar nas profundezas da Academia mesmo comigo e com Kaelis ao seu lado? Deveria estar procurando alguma coisa para ajudar com as falsificações. Foi assim que encontrou o corpo de Arina.

Fico grata por ele não mencionar a oficina do Louco abertamente. Disse que não a conhecia quando a mencionei, mas sem dúvida é astuto o suficiente para supor o que pode ser.

– Você meio que já tinha essa teoria, foi por isso que nos deu o diagrama da caixa.

Ele assente.

– Mas aí veio a rosa-do-crepúsculo. Saber abrir a caixa não será

suficiente. Para tirar as cartas do rei, precisarão incapacitá-lo. Senão, como terão a chance de pegar a caixa? Suspeito – ele se endireita um pouco enquanto conclui – que vão usar uma variante diluída do pólen da rosa-do-crepúsculo a fim de deixar o rei inconsciente pelo tempo necessário para obter as cartas e trocá-las por suas falsificações.

Uma brisa sopra pelo jardim; o único som que se ouve é o farfalhar das folhas.

– Você tem muitas teorias, mas não vejo aonde quer chegar com isso – diz Twino, com uma nota de desafio na voz.

– Estou comendo na palma da Coroa há anos. Entre Kaelis, Ravin... e o próprio rei, vi coisas que eles se recusam a deixar qualquer outra pessoa ver porque nem parecem reconhecer mais que estou lá. – Silas não parece orgulhoso de ter essas informações. Pelo contrário, parece... imparcial. Mas determinado. – Coisas como o passatempo do rei de brincar com engrenagens e metais. Onde a realeza guarda certos segredos, como o diagrama. Ou como o rei sofre de enxaquecas debilitantes. Ele mantém um remédio à mão, preparado pelo médico da família real, para aliviar os sintomas. Sei onde ele é guardado e o chá que ele prefere tomar para deixá-lo mais palatável.

Twino e eu nos entreolhamos. Lembro de ver o rei esfregando as têmporas em mais de uma ocasião. Lembro de como o chá dele era diferente na mansão de Ravin, algo que tenho certeza que Twino também notou. Há evidências anedóticas suficientes para apoiar a alegação de Silas.

– E você vai nos dar toda essa informação de graça? – pergunta Twino depois de um longo momento.

– Se for o suficiente para conquistar a confiança de vocês de uma vez por todas. – Silas olha entre nós. – Quero que me ajudem a resgatar minha família, não só me mantenham à parte. – Ele me encara. – Uma vez você me disse que o mundo era grande demais para eu ficar confinado, mas não posso ir a lugar algum sem eles. Quando estiverem livres, porém, vou partir e nunca mais voltar. Vocês não precisarão se preocupar de eu ser um risco ao seu grupo porque já terei sumido.

Outro momento de silêncio. Por fim, encaro Twino, que sustenta meu olhar. Dou um leve aceno para sua pergunta implícita.

– Entre – diz ele, enfim. – Temos muito a discutir e Bristara devia ser parte da conversa.

Priss está enrodilhada ao meu lado, a cabeça peluda descansando tão pesada na minha coxa quanto a de Kaelis está na sua mesa. O príncipe adormeceu em algum momento entre o Seis e o Sete de Ouros, no meio da pintura. Eu levantaria para fechar seu pote de tinta, mas as leis dos gatos ditam que estou presa até Priss se mexer.

Embora seja bem tarde, estou intensamente focada no meu trabalho. Kaelis conseguiu obter uma incrível mistura de tintas da oficina do Louco desta vez, e minha pena está viva, dançando sobre a página. O inverno já está degelando, abrindo caminho para a primavera. O Banquete de Copas se aproxima.

E esta noite vou completar as falsificações.

Eu pinto como se estivesse possuída. Quase um ano de trabalho se consolida. Ignoro as dores nas mãos e nas costas, de tanto ficar curvada.

Cada linha tem que ser precisa. Perfeita.

E, conforme o dia amanhece, elas são. Abaixo a pena e me recosto, apoiando a cabeça e descansando os olhos. Só percebo que adormeci quando sou acordada pelo aroma de chá e biscoitos quentes, acompanhados de queijos e carne de porco. Por um segundo, antes de abrir os olhos, quase agradeço Jura – mas rapidamente lembro de onde estou.

Há uma bandeja esperando na mesa de Kaelis. O príncipe está parado do outro lado da mesinha que criou para mim, da altura perfeita para a espreguiçadeira. Em algum momento, Priss foi embora e agora estamos só nós dois aqui.

Kaelis ergue as cartas, uma por uma. Eu me sinto exposta, como se estivesse nua embaixo dele. Depois da última, seu olhar se vira para mim.

– Você se superou.

– Não dá para fazer boas cartas sem uma boa tinta.

O príncipe estende a mão com um leve sorriso.

– Vamos tomar café da manhã e finalizar os planos sobre como vamos roubar as cartas literalmente debaixo do nariz do meu pai.

O pacote chega sem nome, carta ou palavra. Depois das aulas da tarde, só aparece na minha cama. É fechado com uma fita de seda preta atravessada por uma adaga de prata.

– Sério, você é tão dramático.

Apesar do suspiro, um sorriso cruza meus lábios. *Mas ele é mesmo...* Puxando a adaga e desatando o laço, ergo a tampa e ofego.

Não consigo me despir rápido o suficiente.

Fico parada diante do espelho de corpo inteiro, e o cetim pesado do vestido farfalha contra o tapete felpudo enquanto viro de um lado para o outro, estudando cada prega da peça. Na luz baixa, parece quase preta, devido à saturação pesada da cor, mas cada movimento do cetim acentua o vermelho-escuro enferrujado, quase como sangue. É um complemento espetacular ao tom dos meus olhos. A frente amarrada com laços permite que o vestido abrace cada uma das minhas curvas acima dos quadris. O corpete em formato de coração se arqueia sobre meus seios. Cobrindo-os, há uma renda que quase parece folhas de prata caindo pelo torso. A renda sobe pelo pescoço, onde é presa com um fecho de prata, e então desce pelos braços.

Pensei que o último vestido que Kaelis tinha me dado era espetacular, mas este é *tudo*.

Um assovio baixo me distrai – Alor está inclinada no batente. Adotamos o hábito de deixar a porta entreaberta quando não fazemos questão de privacidade, já que não há outros quartos neste corredor. Ninguém mais passou por aqui. Se tem algo que entendi sobre o pessoal de Espadas, é que eles apreciam a privacidade. Mais um motivo para eu amar essa casa.

– Você parece pronta para se sentar entre a família real no baile.

– Não é um pouco exagerado?

Corro a mão pela frente do vestido, descendo os dedos pela renda e pelos laços.

– É apropriado à noiva do príncipe. Depois de sua aparição no solstício de Espadas, todo mundo vai estar de olho em vocês.

Eu assinto. Alor parece saber tudo sobre minha aparição na celebração do solstício, apesar de ela mesma não ter comparecido. Imagino o que seu pai disse, mas não perguntei por medo de que eu possa atrair mais foco e escrutínio.

– Alguém do Clã da Lua vai estar lá?

– Está preocupada com a família de Eza?

Ela seguiu meu raciocínio. Essa será a primeira vez que vou sair publicamente da Academia depois da morte dele.

– Eu gostaria que a noite transcorresse sem problemas.

A última coisa de que preciso é alguém me atacando em um surto de vingança virtuosa. Felizmente, as coisas na Academia correram bem. Nenhum outro aluno se propôs a vingar Eza. Cael e Nidus tendem a sumir quando estou por perto.

– Você os derrotaria.

– Não quero precisar.

– O Clã da Lua são os mestres espiões de Oricalis. Não são do tipo que começam brigas abertamente. Se quiserem se vingar, vão manobrar nas sombras.

– Está dizendo que eu preciso tomar cuidado?

Eu me pergunto quantos nobres do Clã da Lua estudam na Academia... na Casa de Espadas, até.

– Eu esperava que você já estivesse fazendo isso. – Lanço um olhar cansado para ela, e Alor descruza os braços. – Mas, se eles vão atacar alguém, vai ser minha irmã.

– Não quero Emilia lutando minhas batalhas.

– É o dever dela. No segundo em que o medalhão caiu no seu pescoço, Emília se tornou responsável por proteger e defender você como ela faria com a própria família. E, quando se formar esse ano, a responsabilidade vai passar para o próximo Rei. A Casa de Espadas é defensiva e ofensiva, mas com certeza não passiva. – O tom de Alor fica mais leve. – E, assim como você, ela sabe se virar.

– Disso eu não duvido. – Algo que estava me incomodando vem à tona. – Sinto muito por Eza.

– Minha irmã não está correndo nenhum risco real.

– Não isso. – Balanço a cabeça. – No começo do ano, você disse que estava ajudando Eza para conseguir informações. Sinto muito que tenha perdido seu informante.

Ela dá de ombros.

– Eu consegui o que precisava dele.

– O quê?

– É pessoal. Você não é a única que tem segredos. – O sorriso de Alor me

diz que a pergunta não a ofendeu. – Vou começar a me arrumar para o banquete e fazer as malas.

Ela se vira para sair. Os estudantes vão deixar a Academia para o recesso do final do ano depois do banquete.

– Quer dividir uma carruagem? – pergunto, antes que ela vá.

O Banquete de Copas vai acontecer fora da Academia, na Cidade do Eclipse, para que os nobres também possam participar. Será a apresentação grandiosa de todos os iniciados que se tornaram estudantes – os Arcanistas que serão designados a clãs nobres no ano seguinte. As listas finais das nomeações dos segundanistas aos clãs serão anunciadas publicamente no banquete. E é uma celebração dos formandos também.

– Dessa vez, não. Tenho algumas outras coisas para resolver antes e durante o banquete – responde ela, enigmática.

Seu tom sugere que eu deveria entender do que está falando, mas só consigo pensar nos registros que pedi que conferisse para mim.

– Boa sorte – é tudo que consigo dizer, sem saber se estou pronta para o que ela pode encontrar.

Ela assente.

– Você também.

Fico me perguntando se Alor sabe quanto vou precisar disso. Fecho a porta e repuxo os laços do vestido. Quando vou devolver a peça à caixa, reparo em um pedaço de tecido que não vi. Deve ter ficado amarrotado num canto.

Enganchando um dedo por uma alça rendada, ergo um sussurro de seda que faz as vezes de um vestido curtíssimo. Preso a ele, há um bilhete que diz:

Use isso. Jantar hoje.



Deixo os dormitórios com um casaco pesado por cima do vestido muito curto. A friagem se infiltra por baixo, acariciando minhas pernas nuas. A cada movimento da seda oculta, percebo como a peça é minúscula – e também as implicações que ele mandou com alguns pedaços de tecido e renda e um bilhetinho.

Saio no closet dele e bato suavemente à porta do quarto. Não tenho resposta. Abro uma fresta, quase esperando vê-lo se vestindo, mas o cômodo está vazio. Uma das portas laterais está entreaberta, convidativa, e entro em uma longa sala de estar adjacente à de jantar.

Kaelis está arrumando a mesa quando entro e termina de pôr os talheres enquanto fecho a porta pesada atrás de mim. O barulho dos meus saltos preenche o silêncio, que de alguma forma é confortável. Há um calor familiar em nossa solidão agora, especialmente aqui.

– Você fez tudo isso sozinho? – pergunto, me aproximando da cadeira oposta ao lugar que Kaelis dispôs para si.

Pela primeira vez, ele não vai ficar na cabeceira.

– Fiz.

– E Rewina?

– Eu dei folga pra ela hoje. – Ele vem até mim e estende as mãos para pegar meu casaco. – Espero que por baixo disso você esteja usando o que te mandei.

– Continue fazendo exigências e eu talvez não fique tão inclinada a obedecer – retruco, mantendo os braços cruzados e arqueando uma das sobrancelhas.

O divertimento ronrona no peito dele. O som faz meus dedos dos pés se curvarem. Kaelis se aproxima um pouco, inclinando a cabeça, as ondas bagunçadas de cabelo escuro cobrindo os olhos.

– Desafio aceito.

Minha garganta fica seca e só piora quando ele tira o veludo pesado dos meus ombros. Estou ciente de que estamos sozinhos. Meus mamilos intumescem, e sei que estão visíveis através da seda. Não usei nada por baixo de propósito... um fato que Kaelis parece apreciar.

– Não existe luz ou sombra que não enalteça seu corpo – murmura suavemente, afastando minha cadeira.

Sigo a deixa e me sento, a cadeira batendo atrás dos meus joelhos.

Removendo os cloches das bandejas, Kaelis nos serve. Suspeito que a cozinha não teve a noite de folga. A comida é boa, como sempre, mas eu só belisco. Meu foco está em outro lugar. Nos dedos dele se fechando ao redor da garrafa de vinho. Em como seus olhos são afiados – ásperos e cortantes –, mesmo que o sorriso possa ser tão gentil.

– Está pronta para o Banquete de Copas? – pergunta ele.

– Acho que sim. Vou visitar o clube amanhã para ver se está tudo pronto.

O Banquete de Copas será na noite seguinte.

– Ótimo.

Tomamos um longo gole de vinho, a implicação do que se seguirá à celebração dando peso ao momento.

– Clara... se algo der errado no banquete...

– Não chore por um caixão vazio – interrompo.

A confusão dele é compreensível.

– O quê?

– É uma coisa que a gente... o clube... defende. Não se entregue ao desespero até saber que o caixão está ocupado. Sim, se aplica a situações de vida e morte, mas é mais do que isso. Não gaste sua energia pensando em algo que pode não acontecer. – Corro o dedo pela borda da taça, erguendo

os olhos para ele. – Hoje, não quero me preocupar com o que pode ocorrer depois de amanhã. Não vim aqui para conspirar ou planejar. Já fizemos tudo isso. E, francamente, se ainda não está bom, não vai mais ficar.

– Então por que você veio aqui?

A voz dele está carregada. Ele quase me devora com um olhar que faz meu coração disparar.

– Você não sabe? Afinal, usei o vestido sem nada por baixo.

Devagar, descruzo as pernas e volto a cruzá-las.

– Quero te ouvir dizer.

– Que exigente – respondo, abaixando a voz até pouco mais que um sussurro.

– Você gosta de mim assim. – Kaelis apoia o cotovelo na mesa, o queixo nas costas da mão, se inclinando um pouquinho para a frente. – Me diga, por que veio aqui?

Esses olhos... Eu poderia passar a eternidade perdida neles e agradecer a Kaelis por isso.

– Por você.

Kaelis se levanta, contornando a mesa. Eu viro a cadeira para encará-lo. Ele sustenta meu olhar, e sinto o ar eletrizado. Não é o vinho que vibra sob nossa pele. É sua mera presença que domina meus sentidos.

Ele se inclina para a frente, parando o rosto a um suspiro do meu. Posso sentir o calor do seu corpo. O calor dos seus lábios, que imploram para encontrar os meus.

Ele é frustrante e dolorosamente atraente. Mesmo que minha cabeça diga *não faça isso*, meus sentidos me abandonam. Quero ser massinha em suas mãos. Embora me imagine uma mulher lógica e capaz... às vezes só quero ser fodida por alguém que é muito, muito bom nisso.

– Não existe um mundo em que você não consuma todo meu ser. – A voz dele sai baixa e rouca, e meu corpo se contrai de expectativa.

Dessa vez, espero que ele se aproxime, e a sensação imediata de formigamento quando seus lábios encostam nos meus quase me faz gemer em sua boca. Ele pressiona o polegar gentilmente na minha bochecha. Abro a boca, e Kaelis aprofunda o beijo sem hesitar.

Um momento depois, endireita as costas, e eu me levanto em vez de interromper o beijo. Virando o corpo, ele me guia até a outra metade da mesa, livre de comida ou louças. Minhas costas encontram a superfície, e

fico presa entre ele e o móvel. Kaelis se debruça, as mãos deslizando pelo meu corpo, agarrando minha bunda sob o vestido e me puxando para cima.

Eu me movo de acordo com seus caprichos e meus próprios desejos, me inclinando e ficando meio sentada na mesa.

– Você... realmente não está usando nada por baixo – sussurra ele, rouco, ao pé do meu ouvido, enquanto as mãos deslizam sob a barra do vestido.

– Pensei em facilitar as coisas.

Inclino a cabeça em um convite. Com um rosnado baixo gutural, Kaelis vai plantando beijos pelo meu pescoço enquanto desliza a mão sobre o vestido para agarrar meu peito. E continua se movendo – o calor da sua boca me rouba um gemido quando seus lábios se fecham no meu mamilo por cima da seda.

Sua outra mão desliza pela minha coxa esquerda. O mundo se estreita ao meu âmago enquanto seus dedos dançam nas beiradas. Me provocando. Extraindo gemidos suaves e curtos de mim. Agarro seu ombro, em uma súplica silenciosa, tentando transmitir minha urgência para que ele se *mova.* Um dedo entra em mim. Depois outro. Eu o aperto com mais força.

Seus dedos entram e saem de mim ao mesmo tempo que o polegar desenha círculos ao redor do meu clitóris. Ondas de prazer que beiram a euforia arrepiam minha pele nua. Jogo a cabeça para trás com um arquejo e Kaelis chupa, usando os dentes com habilidade, antes de passar para o outro peito. Quero que deixe marcas em todo meu corpo. Quero que vá devagar e seja gentil, e quero que me aniquile.

– Goza pra mim – exige ele com um rosnado, acelerando os movimentos.

Esse homem sabe – aprendeu rápido e *exatamente* o que fazer. Meu baixo-ventre obedece e se contrai.

Kaelis mais uma vez tem controle total do meu corpo. Movimentos lentos e regulares me deixam tremendo sem controle, mas ainda não atingi o clímax. Me mantém em um ápice interminável e, quando estou prestes a empurrá-lo, ele para. Puxo o ar com força. Antes que eu possa recuperar o fôlego, ele captura minha boca de novo e entra em mim sem encontrar resistência.

Um gemido baixo se ergue no fundo da sua garganta. Nem percebi quando abriu a calça. Eu me sinto atordoada – há algo tão erótico em ser fodida enquanto ele ainda está completamente vestido e eu nua, exceto por

um sussurro de seda que empurrou até meu peito. É primitivo, um pouco sujo, mas eu amo.

Já sensível demais, cada terminação nervosa no meu corpo explode quando ele estabelece um ritmo agressivo. Meus gemidos preenchem o ar, ecoando de cada canto do quarto. A luz de velas nunca foi mais linda do que ao dourar os contornos do seu rosto.

– Puta merda, você é perfeita. Me deixa louco – diz ele, rouco, cada palavra pontuada por uma investida ou um beijo tão faminto que é como se tentasse me devorar inteira.

Sua mão cobre os hematomas que deixou, fechando-se no meu pescoço só por um segundo. O movimento parece mais perigoso do que nunca, enquanto uma nota de raiva se infiltra na voz dele.

Dou um sorriso desvairado, cravando as unhas nos ombros dele enquanto me seguro. Quero frustrá-lo. Deixá-lo louco de todo jeito possível com minha existência.

Sem aviso, ele sai de mim e recua um passo. Sem o contrapeso, eu deslizo da mesa e caio de pé. Kaelis me vira, agarrando meus quadris com tanta força que vai deixar marcas na pele, e me empurra para baixo. Me apoio na superfície. Outro gemido escapa da minha boca quando ele me penetra de novo.

– Por que... – rosna, enquanto mete em mim.

Ele não termina com palavras, mas cada batida dos seus quadris contra mim faz todas as perguntas não ditas entre nós.

Por que não consigo parar de pensar em você? Por que te quero tanto? Por que tudo com você fica na linha entre dor e prazer? Por que nunca é suficiente?

Quero me dissolver nele. Minha mente se esvazia, os pensamentos expulsos a cada investida. Não há nada exceto êxtase. Nada além dele e do limite entre nós se borrando, nós dois derretendo um no outro até que ele atinge o clímax. O som do seu gemido, entrecortado por um arquejo trêmulo, quase me faz gozar outra vez.

Depois, ficamos sem fôlego, agradavelmente doloridos e cobertos de suor. Por fim, ele se afasta e eu me empurro para ficar de pé. Meus músculos tremem e sou obrigada a me apoiar na mesa, meio sentada de novo. Um sorriso exausto e satisfeito se assenta na minha boca.

Mas a sensação evapora quando vejo que minha satisfação não é inteiramente partilhada.

Kaelis está franzindo a testa. Há um conflito em seus olhos.

– Que foi? – pergunto, a expressão disparando alarmes na minha cabeça.

Ele apoia as mãos nas laterais do meu corpo e se inclina para perto. Encosta a testa na minha e fecha os olhos, como se estivesse se encolhendo. O desejo foi substituído por desespero, com uma necessidade para além do carnal.

– Fica comigo esta noite – sussurra ele.

– Do que você está com medo? – pergunto, deslizando as mãos pelo peito dele até envolver seu pescoço.

– Fica comigo? – repete.

– Sim. – Concordar é mais fácil do que eu jamais teria imaginado. – Mas me diga do que está com medo. Eu posso ver.

– Do nosso futuro condenado.

– Nosso futuro será o que fizermos dele – lembro.

Kaelis abre os olhos para me encarar. Há tanta coisa não dita ali... tanto que tenho medo de perguntar.

– Sim. Desde que tenhamos o Mundo, teremos um futuro.

Mas a verdadeira pergunta permanece: qual de nós vai usá-lo?



A mansão na cidade está silenciosa.

Não anunciei que viria, então a maior parte do clube se retirou para o próprio quarto. Estão dormindo, provavelmente. Silas não faz cerimônia e vai à cozinha antes de se acomodar no escritório. Agora que é mais bem-vindo, ganhou algumas liberdades tácitas e desfruta delas.

As portas para a sala de estar nos fundos estão entreabertas, um feixe de luz me convidando a entrar. Bristara está sentada diante do fogo em sua cadeira de costume, encarando as chamas já fracas. Ela nem reconhece minha presença quando fecho as portas.

– Você queria conversar antes de amanhã? – pergunto, contornando a cadeira e me acomodando na ponta do sofá mais perto dela.

Ela me encara. A cor roxa de seus olhos é realçada pela luz laranja do fogo. Eles são naturalmente aterrorizantes, mas cada músculo em seu corpo

está relaxado, parecendo pesado. Ela desvia os olhos para as chamas outra vez.

– Precisamos falar sobre sua mãe.

Ela sequer disse oi. As palavras são um balde de água fria, me encharcando da cabeça aos pés.

Em pânico, eu recorro ao sarcasmo.

– Só foi preciso o quê, uns quatro ou cinco anos?

Bristara bufa e balança a cabeça, voltando a olhar para mim.

– Nós não éramos particularmente próximas. Éramos apenas conhecidas cujos caminhos se encontraram, uma ou duas vezes, brevemente, e nada mais. – Claro, é o que ela diz, mas sei que minha mãe não teria contado nosso sobrenome a uma mera conhecida. – Eu só descobri o que aconteceu na Descida meses depois e, àquela altura, você e Arina tinham escapado. Ela te ensinou bem... Você conseguiu escapar da gente por bastante tempo.

– *Da gente?* Do Clube dos Malfadados? – questiono, embora suspeite de que ela não esteja falando do clube.

– Não.

– Então quem? – Minha voz baixou para um sussurro.

Por que me contar isso agora?, quero perguntar. Ela teve anos para fazer isso. Mas quero mais do que tudo ouvir o que ela tem a dizer.

– Sua mãe é quem deveria ter contado isso a você. – Bristara traça um círculo na têmpora, depois corre os dedos pela testa.

– Fale, eu posso lidar com o que quer que seja. – Fico feliz que minha voz saia calma, apesar do frio na barriga que ameaça me enregelar inteira.

– O que você sabe sobre os Guardiões do Mundo?

– Nunca ouvi falar.

– Ah, Laylis... – Ela suspira. – Os Guardiões do Mundo são os guardiões dos Maiores. E, acima de tudo, do próprio Mundo. É uma ordem antiga que existiu vez após vez, ao longo do tempo. Somos nós que sempre vamos lembrar dos mundos por onde caminhamos, caso sejam apagados da memória, se ou quando forem reconstruídos. E guardamos o segredo do receptáculo sobre o qual o Mundo é gravado.

Enquanto fala, Bristara enrola a manga da blusa e pressiona uma pequena carta circular no antebraço – um formato que nunca vi. A carta traz uma pintura delicada que me lembra algo que minha mãe faria, mas não reconheço as linhas. No momento em que o papel toca sua pele, ele

derrete e um símbolo aparece, brilhante, logo acima. É como uma tatuagem desenhada com uma tinta metálica, quase enferrujada. O desenho é simples: um diamante com uma estrela no centro. Tenho certeza de que nunca o vi, mas ele desaparece tão rápido quanto surge.

Minha boca se abre em choque. Lá estava eu, revirando a biblioteca, fuçando em toda a oficina do Louco, havia meses tentando ver se conseguia fazer Kaelis me dar uma explicação melhor sobre o receptáculo que havia mencionado. E, esse tempo todo, Bristara tinha a informação de que eu precisava.

– O que é esse tal receptáculo? – pergunto, tentando não soar ávida demais.

– Uma carta como qualquer outra... mas também diferente de todas as outras. É criada por um processo sagrado e secreto de pintura, transmitido de geração em geração, na linhagem dos Guardiões do Mundo. – Ela aperta e relaxa as mãos no braço da cadeira.

– E todos os Guardiões sabem disso?

– No passado, mundos atrás, sim. Mas não mais. Os Guardiões do Mundo, nos últimos dias do mundo anterior, antes que ele fosse transformado no que é hoje, foram implacavelmente caçados. Só alguns sobreviveram, e foram perseguidos com igual violência neste mundo. Entre os que persistiram estava sua mãe. E ela foi a última Guardiã do Mundo que sabia pintar o receptáculo.

Abro a boca, mas não digo nada. O choque me faz recostar nas almofadas. Corro a mão pelo cabelo, nervosa.

– Tudo que ela me ensinou...

Cada processo de pintura. Cada noite que ficamos acordadas, desenhando. Ela me ensinando a pintar do nosso próprio jeito, como *sentir* as cartas e deixar isso me guiar. *Essa, Clara, é nossa carta especial.* Posso ouvi-la sussurrar, como se ela quisesse ser parte deste momento, aqui e agora. Não me deu aquelas instruções rigorosas porque eu sou uma Maior – ou não *apenas* porque eu sou uma Maior.

– Você, Clara, é a última pessoa viva que sabe pintar o receptáculo. Um fato que a Coroa certamente não está longe de descobrir, se é que já não sabe. – Bristara se remexe na cadeira e se vira para me encarar. – E logo você terá uma escolha a fazer: vai entregar esse conhecimento à família que é nossa inimiga há gerações? Ou vai protegê-lo, como sua mãe fez?

– Kaelis não é como o resto da família dele.

– Ele é pior. – Os olhos de Bristara ficam sombrios. – É o último membro da linhagem Revisan.

O retrato da rainha misteriosa e do rei Naethor. Uma mulher que eu nunca ouvi ser mencionada e que parecia nunca ter existido.

– O reino de Revisan existiu há milhares de anos... – digo debilmente, já sabendo que a conta não fecha.

Penso na idade da fortaleza que a Academia ocupa, moderna, mas supostamente antiga; nas máquinas de séculos atrás, ainda funcionais...

– Você sabe que não é bem assim – diz ela, apontando a verdade óbvia.

Os comentários de Kaelis agora têm tantas camadas extras. Ele disse que o pai matou a mãe – que suas lembranças dela eram escassas. O desdém pela família e seu desejo de destruir Oricalis. *Será que o rei Naethor usou o Mundo para matar a mãe de Kaelis e se sim, por quê?*

– Por que está me contando tudo isso agora? Você teve anos para fazer isso.

O pânico luta com a raiva em minhas palavras. Um mistério que já achei fascinante agora me apavora.

– A iniciação nos Guardiões do Mundo em geral ocorre aos 21 anos, como homenagem ao Mundo que protegemos. – Não deixo de notar que eles aplicam uma lógica de iniciação parecida com a da Academia. A ironia é impressionante. – Mas, quando você foi levada a Halazar, todos nós concordamos que esperar mais seria tolice. Se... *Quando* você conseguisse fugir, ou conseguíssemos te tirar de lá, te iniciaríamos imediatamente na ordem.

– Então por que não fizeram isso? Eu saí há quase um ano.

– Dadas as suas *associações* recentes... nós queríamos ter certeza de que podíamos confiar em seus instintos. – Aquela centelha da desaprovação que vejo há semanas brilha de novo em seus olhos.

– Você me manteve ignorante porque estava me testando? – Minha raiva agora é incandescente como um ferro de marcar.

– Oricalis já sabe demais. Antes de te dar mais informações, alguns Guardiões queriam ter certeza de que você não daria ainda mais a eles.

Alguns dos Guardiões, não todos. Ainda assim, tenho a sensação de que Bristara está agindo contra a ordem, de certa forma. Não que eu vá reclamar.

– Mas *você* não duvida de mim?

– Acredito que, quando chegar a hora, você vai tomar a decisão certa. Acredito que é perigoso demais não te inteirar das forças maiores que estão em jogo aqui. Quem sabe como teria agido se soubesse de tudo isso desde o começo?

A resposta abranda minha irritação, mas tento não demonstrar nada. A informação é valiosa demais para vir a perdê-la por conta de um arroubo emocional.

– Quantos de vocês existem? – Reparei que ele havia falado "nós".

– Agora, algumas dúzias, menos os que perdemos atacando o rei Naethor no Dia de Ouros. – Ela acrescenta, resmungando com desgosto: – Tolos.

É por isso que a assassina sabia meu nome no Dia de Ouros. Por isso que me reconheceu. Eu me pergunto se era uma das "amigas" da minha mãe que passava no Antro da Ruína de vez em quando. Será que eu a vira antes? Ou ela só sabia quem eu era por meio dessa organização?

– Os túneis nas montanhas...

– Nossas passagens.

– E minha irmã...

– A Academia é um mistério para nós, assim como para todos os outros – ela me interrompe. – Você sabe tanto sobre Arina quanto eu, provavelmente mais.

– Mas você sabia que ela não saiu de lá – digo. A expressão de Bristara endurece. – Porque, se Arina tivesse sido mandada a um moinho, você a teria seguido. Deixou o resto do clube achar que havia uma chance de ela estar por aí. – Abaixo a voz para um sussurro. – Por que nunca contou para eles?

Há um longo silêncio.

– Nós fazemos o necessário. – Ela não parece arrependida nem envergonhada.

– Você sequer se importa com a gente? – murmuro.

– Claro que me importo. Você e sua irmã *sempre* tiveram pessoas cuidando de vocês, mesmo que nunca tenham notado. Você continua tendo. – Ela está genuinamente ofendida, se remexendo na cadeira. – E eu? Eu me importo com essa família malfadada que construí mais do que com qualquer outra coisa no mundo. O clube nunca teve nada a ver com os Guardiões do Mundo.

– Mas você mentiu pra nós.

– Eu estava protegendo todos, incluindo você. – Bristara dá um suspiro suave e olha pela janela, para o pátio onde Arina agora repousa. – Quanto mais vocês soubessem, maior seria o risco. Você e sua irmã não eram as únicas com a tendência de sair por aí sem pensar nas consequências.

Penso em como Gregor patrulhou as ruas atrás de mim depois de ouvir sobre a fuga de Halazar.

– E a morte da minha mãe? – Ainda não estou satisfeita com nada do que ela está dizendo. – Você escondeu informações sobre isso também?

– Você sempre esteve certa ao suspeitar de que foi assassinato.

– Ordenado pela Coroa?

Mesmo enquanto pergunto, Kaelis surge em minha mente, sobre meu corpo, dentro de mim. Mas preciso saber, de uma vez por todas, se fui para a cama com o homem que está por trás da morte dela. Se sou uma traidora à memória das pessoas que mais amei.

Bristara pressiona os lábios, como se não quisesse dizer.

– Embora tenhamos todos os motivos para acreditar que a Coroa ordenou o ataque, considerando o desejo do rei Naethor de eliminar todos nós, não encontramos nada concreto.

Suspiro pesadamente, afundando tanto no sofá que minha cabeça cai para trás. Encaro o teto. Becos sem saídas, um atrás do outro. *De que serve uma sociedade secreta se nem eles têm a informação de que eu preciso?* Por pouco não faço a pergunta em voz alta.

– Entretanto, descobrimos o envolvimento de parte do Clã da Torre – continua Bristara, e eu me endireito.

Alor talvez possa encontrar alguma coisa, então. Talvez eu tenha pedido que investigasse a pessoa errada, tantos meses atrás.

– Não é surpreendente – acrescenta ela –, já que envolve recursos para os moinhos e o Clã da Torre recebe ordens da Coroa.

– Mas algo nisso surpreendeu você. – Não pude deixar de notar em sua voz.

– Todas as nossas informações apontam que é o príncipe Ravin que estava encarregado de caçar os Guardiões do Mundo. – *Pelos Vinte, como eu odeio esse homem!* – Mas é estranho. No caso da morte da sua mãe, não conseguimos encontrar provas do envolvimento direto dele.

– O que posso fazer para encontrá-las?

Tento afastar a ideia de que Bristara escondeu informações sobre a morte da minha mãe. Parece que não foi muita coisa.

– O melhor que você pode fazer é o que já está fazendo: concentrar-se no Mundo. Roube as cartas do rei, mas *não* as dê para Kaelis. Guarde-as para si, para ninguém mais. Mantenha-as em segredo e em segurança.

Eu a encaro. Bristara me conhece bem demais. Eu me pergunto se suspeita que estive tirando recursos da oficina do Louco – apenas o suficiente para criar uma carta extra, mas não a ponto de Kaelis perceber que os materiais estão se esgotando um pouco mais rápido do que deveriam. Uma falsificação para dar a Kaelis... e uma carta original para ficar comigo.

– Isso é parte do teste para ver se sou digna de me juntar ao seu grupo? – pergunto.

– O destino do nosso mundo depende da sua decisão. Isso é muito maior do que a aprovação de qualquer indivíduo na organização. – Ela demonstra uma confiança em mim que não sei se mereço. – Durante o recesso, depois do Banquete de Copas, vamos iniciar você de vez na ordem dos seus ancestrais. Então, todas as suas dúvidas serão respondidas quando conhecer os outros. Eu não sou a guardiã da história entre nós; é melhor dirigir suas perguntas a eles.



Fico em silêncio durante todo o caminho de volta. Silas sem dúvida sabe que algo mudou, mas não faz perguntas. Ele me leva à Academia – perto dos aposentos de Kaelis, como peço –, e estou prestes a deixá-lo quando me para.

– Clara. – Silas pega minha mão. Olho por cima do ombro, relaxando a postura quando vejo a severidade de sua expressão, o conflito estampado em suas feições. – O Banquete de Copas é amanhã.

– Eu sei.

– Seu roubo... – começa ele, deixando a frase pairando no ar enquanto se esforça para encontrar as palavras certas. Eu lhe dou tempo para reunir a coragem. – Pode dar errado.

– Eu sei – repito gentilmente.

Silas é novo nisso tudo. Passou a vida sob o controle da Coroa. Claro que está preocupado com a ideia de agir contra eles.

– É um risco que precisaremos correr – acrescento.

Ele me solta, abaixando o olhar, e esfrega a nuca sem muita convicção.

– Eu... Quer dizer... *Merda.* – Ele xinga baixinho, e eu me inclino um pouco para trás, surpresa. Acho que nunca o ouvi dizer nenhum palavrão. Ele enfia a mão no bolso e coloca uma carta prateada na minha mão. – Pegue.

Não me mexo, os olhos voando da carta para o seu rosto. Quando fica claro que ele não vai me encarar, eu me foco na carta – na Carruagem. A tinta é fria e tem um relevo suave, como se feita de prata verdadeira. Eu já vi Silas pegar essa carta várias vezes, mas nunca inspecionei os detalhes nas crinas dos cavalos que puxam uma carruagem intrincada através de uma névoa rodopiante.

– Você está... me dando uma carta? – O assombro transforma minha voz num sussurro.

– Se as coisas derem errado, use-a.

– Vai confiar em mim com isso?

Silas assente.

Meses atrás, ele não cogitaria me dar uma carta nem para usar uma única vez – por mais promessas ou súplicas que eu fizesse para convencê-lo. Agora a está entregando para tentar me proteger. Confiando em mim com o que consiste em traição, já que essa carta só deveria ser usada em prol da Coroa.

Eu o abraço, e Silas fica tenso. Eu me pergunto quando foi a última vez que alguém o abraçou ou demonstrou qualquer gentileza.

– Obrigada – sussurro.

De todos, Silas era a última pessoa em quem eu esperava confiar. Mas, após todas as revelações, talvez ele seja uma das poucas.

– Eu não vou te decepcionar – acrescento.

– Boa sorte.

Silas retribui o abraço apertado e ficamos ali por um momento. Quando me solta, ele segue na direção oposta, batendo em retirada com a rapidez necessária.

Guardo a carta no bolso e vou para os aposentos de Kaelis, meus pensamentos ainda mais agitados.

Com passos silenciosos, entro no quarto do príncipe.

Ele está dormindo. A depressão do meu corpo está marcada ao lado dele na cama, de onde levantei mais cedo para escapulir. O mesmo lugar onde dormi ontem à noite. Para o qual pensei que poderia voltar hoje. Ele confia em mim a ponto de baixar a guarda e dormir profundamente.

Seria tão fácil matá-lo agora. O pensamento rebelde é dito em uma voz que eu já não reconheço. É a minha, mas de um ano atrás. Bristara disse que os Guardiões do Mundo foram caçados – que Oricalis é nosso inimigo jurado. Eu sabia que a Coroa estava por trás da morte da minha mãe, e agora tenho mais provas do que nunca.

Mate-o, incita a voz. Talvez seja o eco da minha linhagem de Guardiã do Mundo, mas a ideia embrulha meu estômago. Eu me afasto do príncipe adormecido e vou em silêncio até meu quarto.

Lá, disponho todos os meus suprimentos de pintura – os que Kaelis me deu e os que eu roubei discretamente – e respiro fundo, analisando minha escolha.

Devo acreditar em Bristara? Na mulher que me tirou das ruas, sempre me defendeu e sabe verdades suficientes para que eu não suspeite que esteja mentindo? Mas ela é a mesma mulher que teve anos para me contar tudo e não o fez. Se depositar minha fé nela, estarei me aliando com esses Guardiões do Mundo. Pessoas que não conheço. Que só existem como figuras encapuzadas saídas das sombras, um mistério, mas que cuidaram da minha família, então eram pessoas em quem minha mãe confiava.

Ou...

Deposito minha fé no homem de carne e osso que tomou meu corpo e meu coração? O homem que quer se vingar do pai tanto quanto eu? Que quer recriar o mundo e torná-lo melhor para os Arcanistas, para que ninguém tenha que se sacrificar em corpo ou magia à Coroa de novo? *Se* eu puder acreditar nele...

Minha pena estremece quando a ergo.

Há uma terceira opção: eu mesma. Foi o que pensei todo esse tempo. Vou pegar o Mundo e fazer meu próprio desejo. *Danem-se todos.* A única pessoa que sei que sempre vai cuidar de quem eu amo sou eu.

– Kaelis... – Seu nome escapa dos meus lábios, dolorido, e corta o silêncio como a primeira linha do desenho corta a superfície imaculada do papel.

Nascemos inimigos. Estávamos destinados a ser inimigos.
Como pude ter pensado que haveria um caminho diferente?



CAPÍTULO 53

Os estudantes são levados em carruagens douradas ao palácio onde vai ocorrer o Banquete de Copas deste ano: o Clube dos Videntes. Até hoje, é o maior local de eventos na Cidade do Eclipse. O Clube dos Malfadados passou anos competindo com o Clube dos Videntes – e tentando roubar sua clientela –, o que acabou se provando uma vantagem. Já sabíamos muito sobre a instituição e seus membros bem antes desta noite, mas isso é pouco para conter meu nervosismo.

Quando a porta da carruagem se abre, sou a primeira a sair. Fui acompanhada por alguns segundanistas da Casa de Espadas cujos nomes acabei de descobrir. Alor foi na frente com a irmã – tinham negócios a resolver, como dissera. A fachada de mármore do palácio cintila forte no brilho mágico da luz de lampiões. Um tapete preto com os Arcanos Maiores como constelações dançando sobre ele nos guia até a entrada grandiosa.

Há lacaios posicionados de ambos os lados das portas, todos com um físico impressionante. Alguns se afastam para guardar casacos e capas. Outros permanecem imóveis como estátuas. Não sei se a maioria dos nobres os considera algo além de empregados, mas vejo que a segurança do Clube dos Videntes se reuniu com força total... incluindo um rosto familiar.

Gregor não dá qualquer sinal de reconhecimento quando passo, sequer desvia o olhar. Ele é tão amável e pateta no clube que esqueço como é bom quando tem um trabalho a fazer.

O salão principal é um banquete aos sentidos: lustres de cristal, o aroma sobrepujante de flores frescas jogadas entre colunas misturando-se com os aromas intoxicantes de licores com especiarias, e mesas de comida de dar água na boca, além de uma orquestra completa, que faz uma serenata aos convidados. A princípio, a maioria dos presentes não presta atenção em mim. Sou só outra estudante entre os muitos que entram no salão do banquete, mesmo que talvez seja uma das pessoas mais bem-vestidas aqui.

No entanto, as coisas mais valiosas em todo meu cetim e renda são as cartas escondidas nos bolsos do vestido. Um baralho completo com dois Maiores prateados: a Carruagem e a Fortuna. Não arrisquei usar minha carta desde a luta com Eza. Ela é imprevisível e incerta demais para o meu gosto – a única coisa que Kaelis conseguiu descobrir, em seus textos, é que ela muda o destino. Não é algo muito confiável. Junto ao baralho há cinco falsificações que vamos trocar pelas cartas do rei. E uma adicional, possivelmente para Kaelis. Mas acho que só vou tomar essa decisão quando chegar a hora.

A área principal se estende além das mesas de banquete. A música ecoa do teto alto. Reconheço muitos dos nobres dançando até que lorde Ventall atrai meu olhar. Uma mulher com um cabelo liso e sedoso parecido com o das filhas está nos braços dele, girando graciosamente na pista de dança. Entretanto, não as vejo em lugar nenhum.

Também não vejo a família real, mas a multidão é densa. Parece que todo clã apareceu esta noite para conhecer os novos estudantes que logo vão reivindicar. Quando estou prestes a caçar Kaelis, meu caminho é bloqueado por uma figura familiar.

– Ah! *Ah.* Clara. – Liam não esbarra comigo por um triz. – Que bom ver você de novo.

Ele sempre foi um péssimo mentiroso.

– Você também.

– Parabéns por ter chegado ao final do primeiro ano da Academia. Ouvi dizer que você foi um triunfo, exceto por alguns escândalos. – Ele dá um sorrisinho e me pergunto a qual dos meus muitos escândalos está se referindo.

– Obrigada. – A etiqueta e a vontade de não chamar atenção são as únicas coisas me impedindo de seguir em frente o mais rápido possível. – Onde está sua esposa?

Assim que pergunto, percebo que a situação é familiar. As palavras não são as mesmas, tampouco o jeito como ele está olhando para mim, mas tenho uma nítida sensação de déjà-vu. Será que foi esse o momento que descartei no Cálice Arcano? O que está acontecendo agora seria uma alteração deturpada devido ao meu sacrifício? Meu estômago, que estava dando cambalhotas, se embrulha na hora.

– Escute, eu devia ter...

Ergo uma das mãos, calando-o.

– Já ouvi isso antes. Não tem problema.

– Ouviu antes? Quer dizer, no Cálice Arcano?

Pelo visto, eu não fui a única a pensar nisso. Eu já esperava que ele descobrisse o que aconteceu no Festival do Fogo, mas estava contente em nunca confrontá-lo a respeito.

– Temos que falar disso? – Olho ao redor dele, esperando ver Kaelis.

– Eu queria... quero. Eu tentei, na noite da festa de Ravin. Mas... – Ele não termina a frase, o que me faz erguer os olhos de novo. – Acho que é a mesma coisa.

– A mesma coisa?

– De quando eu fui à Academia. – Ele dá de ombros. – Você também não queria conversar naquela época.

– Do que você está falando? – Faço a pergunta em parte como uma exigência para que ele fale sem rodeios.

Há uma centelha de mágoa em seus olhos. De velhas feridas que eu conheço bem demais, mas não esperava ver refletidas nele.

– Imaginei que você não queria nada comigo, já que nunca respondeu às minhas cartas.

– Que cartas?

Minha voz baixou para um sussurro. Meus lábios nem se fecham conforme o choque se assenta sobre ele também.

– Eu... eu escrevi pra você, várias vezes ao longo do meu primeiro ano. Tudo bem, não imediatamente; você sabe como os primeiros meses são caóticos. – Ele esfrega a nuca, nervoso. – Deveria ter escrito. Sinto muito se elas chegaram tarde demais e...

– *Nada* chegou. – Meu coração está disparado. – Eu nunca recebi uma única carta sua.

Nós nos encaramos em silêncio enquanto meus ouvidos zumbem de descrença.

O que poderíamos ter sido? A pergunta que eu havia abandonado retorna com tudo.

Ele está entre o choque e o horror.

– Não sei o que aconteceu com elas...

Uma coisa que a versão de Liam do Cálice disse surge na minha mente: *No meu primeiro ano, descobri que seria designado ao Clã da Estrela.* Se o designaram ao clã, se ele já havia sido escolhido como o parceiro potencial de alguém...

Meu estômago se revira quando percebo duas coisas: a primeira é que não o amo mais. Talvez sempre me pergunte o que poderia ter acontecido, mas isso não muda o fluxo do tempo que criou um abismo entre nós.

A segunda é o horror ao perceber o que ele pode ter escrito nessas cartas... Se elas foram interceptadas, quem as pegou? E será que ainda existem?

– Veja se você consegue descobrir – digo.

– Acho que é meio tarde para isso. – Ele dá uma risada baixa, um pouco triste. Não está acompanhando meu raciocínio, mas não consigo decidir quanto quero revelar.

– Estou noiva do príncipe agora, Liam. Eu preferiria que velhas cartas de amor não voltassem para me assombrar, se entende o que quero dizer.

Eu me forço a dar um sorriso, tentando ao mesmo tempo expressar severidade e não parecer incomodada *demais.* Não sei quanto posso confiar no homem que ele se tornou.

– Ah, claro. Bem, duvido que vá achar alguma coisa, mas vou tentar.

– Com a maior discrição, por favor.

– Farei meu melhor. – Ele não se afasta, e posso sentir todas as palavras não ditas flutuando entre nós. – Eu te aviso se encontrar alguma coisa.

– Obrigada.

Ele dá dois passos para trás, sustentando meu olhar, antes de se virar e ir embora. Segue até a esposa e os dois conversam um pouco. Então ela se vira para mim, e ofereço um sorriso caloroso – é provável que qualquer outra

coisa parecesse suspeita –, mas ela engancha o braço de Liam e o puxa para longe. Sinto que já tenho uma resposta sobre aquelas cartas...

Não se preocupe, queria poder dizer a ela quando me ocorre que esse, sem dúvida, é o momento que o Cálice me mostrou. *Não o desejo. Ele é todo seu. Só não venha atrás de mim...*

Kaelis surge ao meu lado, aparentemente do nada. O barulho, a música, a multidão, tudo desaparece com sua presença. Uma bolha de silêncio confortável nos envolve.

– O que ele fez? – pergunta, entendendo errado a preocupação no meu rosto, os olhos disparando para Liam.

– Nada.

– Não parece ser nada. – Seus lábios se curvam para baixo. – Eu adoraria um motivo para acabar com ele. Me dê um.

Em vez disso, abro um sorriso quase satisfeito.

– Nosso relacionamento morreu há muito tempo... Não há motivos para abrir o túmulo.

– Ótimo – diz Kaelis, mas suspeito que parte dele ainda gostaria de ter uma razão para atacar Liam e acabar com as coisas de um jeito diferente. – Nesse caso, quer dançar comigo, meu amor?

Meu amor. As palavras são como um golpe. Ele nunca me chamou assim. Tento me convencer de que é só por conta da multidão ao meu redor, mas...

– Clara?

Meu nome nos seus lábios parece a carícia de um amante. Eu já o ouvi dizê-lo mil vezes, mas soa diferente esta noite.

– Kaelis?

Eu deveria demonstrar o respeito apropriado, senão como o diretor, então como príncipe. Mas não consigo. *Você não está acima de mim*, lembro-o ao dizer seu nome. Isso só o faz sorrir.

– Dança comigo? – Ele oferece o braço.

– Sempre.

Eu o aceito, os dedos roçando na lã suave do seu casaco.

Suas roupas são discretas esta noite. De todas as ocasiões que eu teria esperado que ele seguisse sua inclinação por luxo e excesso, seria essa. Mas ele está usando um terno preto sob medida, impecável como sempre. Um colete do mesmo tecido fica por baixo, sobre uma camisa cinza bem clara. Enquanto me conduz à pista, reparo no leve bordado prateado nos ombros e

nas lapelas do paletó, igual aos desenhos na renda do meu vestido. A costura vermelha também é feita quase no mesmo tom de vermelho-sangue – uma cor quase idêntica à dos meus olhos.

É como se a banda tocasse só para nós. Como se não houvesse mais ninguém na pista. Só a pressão da mão dele nas minhas costas, o calor excessivamente familiar do seu corpo, o aperto firme dos seus dedos nos meus puxando a tensão que se estende entre nós, cada vez mais, como uma corda bamba em que estamos dançando sem a menor preocupação... como se não houvesse um abismo sob nós, ameaçando nos apagar da existência a qualquer passo em falso.

– Você está linda esta noite. Como sempre.

– Você também não está nada mal.

– Está pronta? – sussurra ele, os lábios tão perto do meu ouvido que o calor do seu hálito deixa meus braços arrepiados.

– Sim.

– E seus colegas conspiradores? – Ele estende o braço e eu giro, então me puxa de volta com força.

– São profissionais – digo depressa, quase sem mover os lábios. – Já estão todos aqui, a postos.

– Ótimo. Vocês só terão uma chance.

Afasto a cabeça para encará-lo.

– Acha que não sei disso?

A expressão de Kaelis endurece. Posso sentir sua preocupação. A pedido de Twino, o mantive alheio a alguns detalhes de propósito.

– Eu vou conseguir as cartas – afirmo.

– Não é isso que me preocupa. – Em seu olhar surge algo próximo do desespero.

– Qual é o problema, então?

Outro giro. A música aumenta quando ele me puxa para perto, me apertando ainda mais. Minha respiração está superficial, os seios forçando o corpete, espremidos contra o peito dele. Dedos se enfiam na renda entre meus ombros e encontram a pele. Ele se agarra a mim como se, no instante em que me soltasse, fosse me perder para sempre.

– Estou preocupado com *você* – diz, com a voz embargada.

O salão parece ficar em silêncio, e não escuto nada além da voz dele.

Posso sentir o medo que franziu seu cenho no jantar da noite passada, que o fez me segurar firme a noite toda.

– Se não der certo – continua –, se o plano não seguir como esperado, não sei se poderei te proteger dessa vez. Por mais patética que minha última tentativa tenha sido...

Não há nada além de sinceridade genuína, exposta pelo medo que obviamente o corrói. As últimas emoções que eu esperava ver nele – por mim. Emoções que ignorei de propósito, que disse a mim mesma que não podiam existir.

– Isso deveria ser simples – sussurro, a raiva repuxando minhas palavras.

Estou brava com ele – comigo mesma. Como ele ousa me atrair assim, de corpo e alma?

– Nada entre nós jamais será simples. – O timbre de sua voz é tão grave que me faz estremecer. – Clara, você é...

A melodia muda e uma nova figura surge. É outro homem que se move como uma força da natureza. O homem de quem Kaelis herdou esse porte.

O rei Oricalis, majestoso em vermelho e dourado, parece se materializar do nada ao nosso lado.

Nós nos separamos como crianças pegas em flagrante atrás de uma sebe roubando um primeiro beijo. O salão volta a existir à nossa volta como sangue subindo à cabeça. *Foco*, eu me censuro. Acabei de dizer a Kaelis que não precisava se preocupar. É hora de mostrar a ele que tenho tudo sob controle.

Faço uma reverência profunda enquanto Kaelis dá um aceno respeitoso e relutante ao pai.

– Posso interromper? – O tom do rei sugere que é mais um comando do que uma pergunta.

– Vossa Majestade me honra – digo, me endireitando.

O olhar de Kaelis encontra o meu por um segundo antes que ele dê um passo para trás. Minha mão é passada de um Oricalis para o outro. Sem dizer nada, o príncipe me deixa, e fico me sentindo abandonada no covil de um monstro. No entanto, o sorriso que estampei no rosto não vacila enquanto o rei me toma nos braços, e eu me lembro de respirar, antes que fique paralisada pelo puro terror que ameaça me agarrar pelo pescoço com a mera proximidade desse homem.

– Ele a veste bem. – Os olhos do rei não deixam nada escapar. – De novo,

você parece à altura do seu papel.

– Fico honrada com o carinho de Sua Alteza. – Não sei o que mais posso dizer, então recorro a clichês. Essa é a primeira vez que converso sozinha com o rei.

– Como deveria.

A música muda e nós giramos. Aproveito a oportunidade para roçar sutilmente no peito do rei, sentindo os contornos da caixa mecânica. Está no mesmo lugar que da última vez. Ao mesmo tempo, examino o salão, olhando para todos os criados e criadas em busca de um rosto familiar.

Jura está parada com uma bandeja de taças de espumante cheias até a borda. Trocamos um olhar significativo por apenas um segundo.

– Aceite a gentileza e a paixão do meu filho. – O rei não parece notar meus movimentos, porém me encara com um propósito renovado que atrai meus olhos de volta a ele, e só a ele. – Mas desencoraje-o de suas ambições ousadas.

Meu coração começa a martelar. *Ele sabe?* Não pode saber. Mas seus olhos sugerem o contrário.

– Kaelis tem sonhos grandiosos para a Academia; duvido que alguém consiga desencorajá-lo. – Tento abrir o sorriso mais idiota que consigo.

O rei me aperta mais forte.

– Eu sei o que meu filho é – afirma, solene. – E é precisamente por isso que penso que você, de todas as pessoas, é a única que pode ficar com ele. Domá-lo. Contê-lo. Mesmo que nunca seja do jeito que ele lhe prometeu.

Há algo selvagem, quase primitivo, nas sombras do seu olhar severo. Por um momento, ele é irreconhecível como o homem que gerou Kaelis. A intensidade que já vi no príncipe não é nada comparada com isso, e minhas palavras quase ficam presas na garganta.

– O que quer dizer? – ouso sussurrar.

Antes que ele possa responder, a música acaba e aplausos educados enchem o salão. O rei sorri e se afasta, me descartando prontamente depois de dar seus avisos enigmáticos e comandos parciais. Só tenho um segundo para questionar o plano. Se ele sabe que Kaelis vai tentar atacá-lo...

Assisto, impotente, quando Jura entrega uma taça específica ao rei. O vinho foi adulterado com um licor transparente – o suficiente para causar uma dor de cabeça, de acordo com Silas.

Apesar de quaisquer dúvidas que eu possa ter, o que quer que o rei saiba

ou não e o que isso pode significar, o plano está em movimento.

Não tem mais volta.



CAPÍTULO 54

Leva cerca de dez minutos, mas o rei finalmente deixa o salão de baile, a mão na têmpora enquanto segue para uma porta lateral. Espero cinco minutos antes de segui-lo. Kaelis dá a volta no salão, conversando com pessoas e mantendo o irmão ocupado. De todos aqui, Ravin é o único que me preocupa.

Ninguém presta atenção em mim quando saio do salão. Estudei a planta deste clube para saber onde ficam os toaletes, de modo a não despertar suspeitas, e onde os acessos dos criados se conectam. Uma porta marcada como PRIVADO foi deixada destrancada, conforme planejado. As entranhas da construção são esparsamente mobiliadas em comparação com as áreas públicas, logo é fácil transitar por elas.

Meus saltos estalam de leve no chão de mármore quando saio em uma passagem dos fundos. Reduzo o passo. Esta área geralmente é ocupada por ricos e nobres. Esta noite, foi reservada para a família Oricalis. Vejo ombros largos e familiares posicionados no canto da próxima intersecção. Desacelero o ritmo até parar.

– Ele acabou de passar. Ren estava logo atrás – sussurra Gregor, que me reconhece pelo meu passo.

– Ótimo. Vamos esperar mais um minuto, então. – Mantenho a voz igualmente suave. – Mais alguém entrou?

– Não. Bristara conseguiu um momento em que não haverá guardas.

– Twino? – Assim que pergunto, ele sai da porta à minha frente com Jura ao seu lado.

– O chá foi preparado – diz, com cuidado.

Ao que tudo indica nós estamos sozinhos, mas é melhor não arriscar.

Todos trocamos mais olhares ansiosos e encaramos a porta grandiosa na ponta do corredor, onde Ren está. Já havíamos discutido se seria melhor Twino ou Ren servir o rei. Mas, no fim, não queríamos colocar a mesma pessoa tão próxima do monarca duas vezes seguidas. Ren é o menos conhecido entre nós.

Twino se escora pesadamente na parede, como se quisesse aliviar mais do que o peso sobre a perna. Seus olhos estão fixos na porta. Vou até ele e aperto seus dedos com força. *Ren vai ficar bem*, diz o gesto. Estamos planejando e praticando há meses.

Enfio a outra mão no bolso oculto da minha saia esvoaçante e tateio as cartas escondidas ali, esperando para serem usadas. Ainda não me decidi. Os avisos e verdades de Bristara soam mais altos do que o zumbido do sangue em meus ouvidos. Mas todos os segredos dela me lembram os de Kaelis. Será que posso confiar em alguém?

A porta no final do corredor se abre e nós avançamos.

Uma grande sala de estar foi convertida nos aposentos privados do rei esta noite. O recinto é opulento, de um jeito um tanto genérico. Decorações elegantes de pura ostentação revestem as paredes e os pisos: cortinas intrincadamente bordadas e tapetes com estampas brilhantes, mas a decoração não tem personalidade ou calor – assim como o próprio soberano.

O rei está deitado em um sofá. Seu peito sobe e desce com respirações tão rasas que mal são perceptíveis. O movimento leve demais me faz temer que Ren tenha exagerado na poção... mas ele parece seguro, então confio nele.

Em um instante Twino está ao lado do rei, abrindo com cuidado o paletó e a camisa, sem dúvida memorizando como cada botão e medalhão estava posicionado.

– Ele suspeitou de alguma coisa? – Minha voz está abafada de tensão.

– Não que eu tenha percebido – responde Ren. – Se suspeitasse, acho que não teria bebido o chá.

Twino abre o último botão da camisa do rei e se inclina sobre a caixa exposta. Jura vai para o outro lado do sofá. Ela se aproxima da caixa com o mesmo cuidado e meticulosidade que tem ao decorar seus biscoitos do solstício de inverno. Seus dedinhos ágeis são essenciais para abrir o mecanismo.

Embora tenham sido os dois que praticaram, com base nos diagramas de Silas, eu me curvo para observar cada movimento. Quando a caixa se move entre eles, sua borda reflete a luz. Semicerro os olhos, focando.

Tem um símbolo entalhado ali. Parece que a última linha vertical de um N foi usada para escrever um E, tornando-o um símbolo único. Perco o fôlego. É a mesma marcação que vi no moinho mecânico na minha primeira noite na Academia. Achei que era um V, na hora, mas tenho certeza de que é a mesma coisa. O protótipo de moinho na oficina do Louco, cujo criador, segundo Kaelis, tinha morrido havia tempos e que pertencia ao reino de Revisan. Novamente, o retrato que vi surge na minha mente...

As palavras de Bristara retornam. As dúvidas que tive sobre o que ela contou estão se evaporando. O rei Naethor era parte do mundo anterior a este. Um mundo que foi reconstruído pela vigésima primeira carta do tarô. Um mundo que eu apostaria a vida que foi ele que destruiu, considerando que mantém todo o poder aqui.

Kaelis também sabe disso. Tem que saber. O mecanismo... poderia ter sido usado para ajudar – se eles quisessem. O rei Oricalis escolheu tornar esse mundo horrível e mantê-lo assim. Fico zonza e tento acalmar meus pensamentos e coração acelerados. *Concentre-se no momento, o resto pode esperar.*

A caixa de metal no peito do rei se abre e todos inspiramos ao mesmo tempo.

Pego as cartas, deslizando-as cuidadosamente para fora. Uma a uma, comparo minhas falsificações com as verdadeiras. A poção de Ren e Jura funciona como planejado e o rei continua dormindo enquanto eu examino cada carta. Gregor vai conferir a porta. Ninguém diz nada, e o silêncio é ensurdecedor.

Minhas falsificações são perfeitas.

No instante em que enfio as cartas falsas no lugar, Twino fecha a caixa e a

tranca de novo. Trancar é bem mais fácil e rápido do que abrir. Eu me afasto cuidadosamente, com a mão no bolso. Não há nenhuma diferença notável na sensação das cartas ao toque, o que é um alívio, mas meu vestido parece mais pesado de um lado. Minha palma queima com o poder que eu sei que elas carregam.

– Vamos sair em ordem, pessoal – digo com calma.

Jura assente e vai embora depressa para retomar seus deveres como criada; ela será uma das últimas a partir, mas em breve será dispensada da posição. Ren segue alguns passos atrás, virando-se na direção oposta, onde imagino que fiquem as cozinhas. Gregor permanece junto à porta, vigiando.

Twino e eu saímos juntos no corredor, Gregor fechando a porta atrás de nós.

– Tomem cuidado ao sair – sussurro.

– Vou garantir que sim – responde Gregor, sempre confiante nas próprias habilidades.

O rosto de Twino relaxa em um sorriso fácil que diz *Não se preocupe* sem que ele precise falar nada.

Mas eu me preocupo. Sempre me preocupei. É ainda pior desde Halazar e aquela noite. Não suporto a ideia de perdê-los outra vez. Mas, não importa o custo, continuamos seguindo em frente.

Para eles, isso significa atravessar outra porta lateral. Para mim, é a direção oposta. Saio num corredor grandioso e enxugo uma fina camada de suor da testa. Não posso sair com essa cara de culpada. Depois de um momento para me recompor, percorro as passagens por uma rota diferente. Bristara pode não estar fisicamente presente para nossas missões, mas sua organização e coordenação nunca falham. Contanto que estejamos onde deveríamos estar, é como se caminhássemos com escudos invisíveis. Ela manobra os seguranças e os empregados, mudando horários de entrega, cronogramas e trocas de turno com a mão que sempre se estendeu muito além do seu alcance.

Viro o canto com toda a confiança do mundo e dou de cara com um grupo de Stellis.

Não criados. Não seguranças. Nem sequer fiscais.

Stellis. O único grupo que Bristara teria dificuldade em controlar.

Merda.

Todos me encaram como se eu tivesse dito o palavrão, e não apenas

pensado. O mundo congela enquanto me examinam – minhas faces coradas, o suor que eu estava enxugando das palmas. Eu *pareço* culpada, o que é inaceitável. Não parecer culpada é a maior parte da inocência.

– Boa noite, cavalheiros.

Eu me obrigo a inclinar a cabeça de leve. Espero oferecer respeito suficiente para não parecer rude, mas não tanto para sugerir deferência.

– O que acha que está fazendo aqui? – pergunta o homem do meio.

Ele tem uma pena extra saindo do elmo e uma insígnia presa ao peito. Um capitão, acredito.

– Eu estava procurando o príncipe Kaelis. – Mantenho um ar de autoridade.

– O príncipe não sai do lado do irmão há uma hora – diz o da direita, desconfiado.

Desgraçado, está fazendo exatamente o que a gente combinou...

– É mesmo? Achei que tínhamos combinado de nos encontrar em particular para... – Eu me calo com os dedos nos lábios e espero parecer ruborizada. – Não importa. Vou voltar para o salão, então.

Assim que viro, o líder pega meu pulso, seu aperto mais firme do que eu gostaria. Lanço-lhe um olhar confuso, beirando a irritação.

– Perdão?

– O rei ordenou que ficássemos de olho em você.

– É mesmo? – Suavizo a expressão até um sorriso astuto. – Ocorreu a vocês que talvez ele tenha dito isso para que me recebessem bem nestes aposentos, já que sou a noiva de Kaelis?

Eles trocam um olhar hesitante, confirmando que o rei não entrou em detalhes, o que pode funcionar como uma vantagem para mim. Ou... não.

– Você terá que vir conosco. É melhor verificarmos.

Sinto bile no fundo da garganta, mas engulo. Lampejos da noite em que fui capturada disparam pela minha mente, me atacando de todas as direções. *Não entre em pânico*, ordeno.

– O príncipe pode ter algo a dizer sobre isso – declaro.

– O príncipe responde ao pai tanto quanto nós.

Acho que é verdade. Meus dedos estremecem, resistindo ao impulso de convocar as cartas no meu quadril. Ainda tenho a Carruagem que Silas me deu, mas só quero usá-la se a situação for realmente desesperadora.

– Muito... – *Bem*, estou prestes a dizer quando sou interrompida.

– Clara. – A voz de Alor é impassível. Ela está parada numa porta, tão surpresa ao me ver quanto eu ao vê-la. – Aí está você. – Ela vem rapidamente até nós. Seus olhos disparam da mão no meu pulso ao homem que o segura. – Tem algum problema aqui, Ilvan?

– O rei mandou que ficássemos de olho nessa aqui. Íamos levá-la até ele...

– A mulher que você está segurando como um moleque de rua é uma futura princesa de Oricalis – interrompe Alor com um tom que é parte escandalizado, parte acusatório.

Reparo que ela não está usando um vestido ou terno como os demais estudantes, e sim um traje de couro mais prático sob uma versão mais simples da armadura dos Stellis. Está vestida como uma Stellis em treinamento.

– O Clã da Torre serve à Coroa – prossegue Alor.

– E a própria Coroa pediu que a levássemos até ele. – Ilvan parece menos confiante a cada segundo, e fico feliz em deixar Alor assumir o comando da conversa.

Ela balança a cabeça, suspirando, como se não acreditasse que tem que lidar com isso.

– Provavelmente não a puxando como uma mula. Solte-a. Eu mesma vou levá-la até o rei.

Há outro segundo em que Ilvan parece prestes a protestar, mas não o faz. Seus dedos afrouxam meu pulso com relutância.

– Ótimo. – Alor age como se fosse a pessoa a quem esses Stellis reportam, ainda que eles claramente tenham uma posição mais alta na hierarquia. Eu não esperaria nada menos da filha do Alto Lorde do Clã da Torre. – Clara, me siga, por favor.

Contorno os Stellis, mantendo a cabeça erguida, embora o coração esteja galopando. Os olhos deles permanecem fixos em mim enquanto vou atrás de Alor. Ainda acrescento um floreio, jogando a saia para trás, enquanto ela me guia até uma sala próxima.

– O que acha que está fazendo? – sussurra assim que fecha a porta. – Você não deveria estar... Ah, quer saber? Melhor nem me contar o que está fazendo aqui. – Ela esfrega a ponte do nariz com um suspiro. – Passe por essa porta e vire à direita. Depois é só seguir reto até o salão de baile. Vá

antes de despertar o interesse de mais alguém. Se perguntarem, tentamos encontrar o rei e não conseguimos.

– Muito obrigada. – As palavras contêm uma emoção mais profunda do que alívio.

– Não me agradeça ainda. Você não está livre, e eu não posso te salvar da maioria das pessoas.

Eu me viro. Não vou desperdiçar a gentileza dela ou a oportunidade. Mas, quando estou prestes a abrir a porta, ela me chama. Paro, e Alor vem até mim, tirando um pedacinho de papel do bolso. Eu o encaro com suspeita, me lembrando da informação que a encarreguei de encontrar sobre Arina... e minha mãe.

– Não consegui achar muita coisa sobre sua irmã, o que me deixou curiosa. Então fucei mais um pouco. O nome Laylis ajudou, obrigada pela dica.

Ela ergue meu pulso direito com uma das mãos, colocando o papel na palma com a outra. Mas continua segurando ambos, como se não soubesse se deve entregar a informação.

Seus olhos encontram os meus e não se afastam. Algo no seu olhar faz meu coração bater mais rápido do que quando os Stellis me confrontaram minutos atrás. É medo. Apreensão. Então range os dentes, a expressão determinada, e me solta.

– Isso não se trata mais só de você.

– O que você encontrou?

– Não o suficiente. – Alor aponta a cabeça para a porta que mencionou. – Precisamos conversar depois do baile.

Com um aceno silencioso, eu vou embora pelo caminho que ela indicou. Antes de chegar à porta do salão, paro e desdobro o papel que ela deixou na minha mão e respiro fundo.

O que achei ser um pedacinho de papel na verdade são três, dobrados um sobre o outro. O primeiro tem uma data que corresponde a cerca de dois meses depois do Festival do Fogo de dois anos atrás – só algumas semanas após eu ter sido capturada. Ele diz:

Arina Daygar, capturada por fiscais da Cidade do Eclipse.
De acordo com o fiscal-chefe, levada ao moinho 23.

Não há registro ou recibo de Arina Daygar no moinho.

Nada disso me surpreende, mas enche minha boca com um gosto amargo que combina com meu estômago embrulhado. Passo para o papel seguinte. Mais anotações de Alor:

Registro do envolvimento de Ravin. Pediu especificamente por ela? Caçando-a? Por que ela?

Pego o último papel e meu coração dá um salto. Essa página é diferente das outras. Está desgastada e amarelada pelo tempo. Rasgada em um canto.

De alguma forma, mesmo depois de todos esses anos, eu reconheceria esse rasgo em qualquer lugar. Apostaria a vida que, se me infiltrasse no mesmo quartel-general dos fiscais em que consegui entrar antes e pegasse o livro-razão deles, esse pedaço se encaixaria perfeitamente no rasgo da página do dia em que minha mãe morreu na Descida. A página que eu estive procurando. A página que tem a prova do assassinato dela e de quem a matou.

O papel diz:

Laylis Daygar
Morta sob o comando da Alta Dama Helena Ventall.
Deixa duas filhas: Clara e Arina Daygar. Devem ser apreendidas imediatamente ao serem avistadas.

Cubro a boca com a mão, embora não ache que poderia emitir qualquer som nem se tentasse. Tenho minha resposta. Finalmente tenho um nome para atribuir a culpa de todos os infortúnios da minha família.

A mãe de Alor.



O choque ressoa por mim como o badalar baixo de um sino distante. Não sei bem quanto tempo fico aqui, parada em total espanto e sem acreditar que ela me daria isso. A mãe dela está aqui. Agora.

Alor acha que eu não a atacaria? Confia tanto assim na nossa amizade e nas nossas dívidas mútuas que acha que não vou caçar sua mãe? Que sou tão honrada?

Meu punho trêmulo amassa o papel.

Quando minha mãe morreu, tudo mudou. Arina e eu perdemos nossa segurança e nosso lar. Nossa vida se tornou um ciclo infinito de sobrevivência e vingança. A fome de Arina pela verdade a levou mais fundo na Academia do que nunca – talvez até a encontrar o Mundo para trazer nossa mãe de volta, como eu quero fazer.

Guardo os papéis no bolso e minha mão roça nas cartas. Há seis delas. Cinco legítimas – a Morte, o Hierofante, o Julgamento, a Temperança e a Fortuna – e uma falsificação.

Devagar, eu as tiro e as examino. Seguro duas que parecem cópias idênticas da Morte. É uma zombaria. De todas as cartas, descobri que era a mais fácil de falsificar.

O fato de o rei já ter usado o Mundo. A queda do reino anterior. Os Guardiões do Mundo. A morte da minha mãe. Ravin sabendo mais do que revela enquanto faz seu próprio joguinho. *Kaelis...*

Não confie em Oricalis, sussurra minha mãe do além. Então a escuto, gentil como uma canção de ninar: *O Mundo pode fazer qualquer coisa...* E, se o tiver, eu vou mudar tudo. Vou consertar tudo. Estou decidida.

Troco as duas cartas da Morte. A falsificação volta para a pilha das quatro cartas reais no meu bolso. Puxo e ajeito o decote do corpete, ganhando espaço suficiente para enfiar a carta verdadeira nas costelas.

O mais sutilmente possível, entro de novo no salão de baile. Minhas mãos ainda estão tremendo. Os ouvidos continuam zumbindo, sobretudo quando meus olhos localizam de imediato lady Ventall na multidão. Caminho lentamente pela periferia do salão, encontrando um ponto de onde poderia observá-la por um tempo. Ela é uma mulher alta e esguia com a pele parecida com a das filhas, mas o cabelo é mais dourado. A carta da Morte queima contra meu torso. Mesmo que seja uma carta dourada e não possa ser usada, fantasio em lançá-la contra ela. Posso não saber o que faz, mas aposto que não é coisa boa, e estou pronta para libertar toda a dor que fui obrigada a carregar uma vida inteira.

Controle-se, ordeno a mim mesma. Com a cabeça erguida, desvio os olhos e me jogo em meio ao fluxo do salão.

Lady Ventall pode ter ordenado a morte da minha mãe, mas será que foi manipulada para fazer isso? Ela é a Alta Dama do Clã da Torre – o clã mais próximo à Coroa. Sem dúvida, sua mão se move de acordo com os comandos do rei. Até Bristara disse que eles tinham provas do envolvimento do Clã da Torre, mas que o príncipe Ravin é o encarregado de caçar os Guardiões do Mundo. Poderia ter sido ordem dele, em um esforço de ocultar seu envolvimento. Se eu a matar aqui e agora, me arrisco não só a nunca descobrir toda a verdade sobre quem matou minha mãe e por quê, mas também a perder o próprio Mundo.

O último é mais importante.

– Por mais que eu aprecie o brilho homicida em seus olhos, talvez seja bom controlá-lo antes que mais alguém repare. – A voz e os movimentos de Kaelis são tão suaves quanto o revestimento de seda do seu casaco.

– Brilho homicida? – Tenho certeza de que meu sorriso é sinistro. – Não tenho ideia do que você está falando.

– Imagino que seu trabalho deu certo. – A voz dele se torna particularmente grave enquanto se esforça para controlar a expectativa.

Em vez de responder, diminuo o espaço entre nós e enfio a mão na saia. Transfiro as cinco cartas do meu bolso para o dele, enfiando-as no seu paletó com uma batidinha. Deixo os nós dos dedos descerem pelo seu peito. Encarando-o, respiro fundo, sentindo a Morte real pressionada contra as costelas. Enquanto eu tiver um dos Arcanos Maiores, ninguém na família Oricalis pode convocar o Mundo. Vou guardá-la e reservar a chance de usar a carta lendária para mim mesma.

– Correu perfeitamente. Ele não deve ter reparado nada.

Kaelis também não deve perceber minhas intenções verdadeiras. Eu vou descobrir onde ele guarda as cartas e criar outras falsificações à medida que conseguir coletar mais suprimentos. Vou roubá-las debaixo do nariz dele, como fiz com seu pai. Se Bristara falou a verdade, Kaelis não vai convocar o Mundo sem a carta do receptáculo que só *eu* sei fazer, mas não sei o suficiente para confiar apenas nisso.

– Clara. – Ele pega minha mão, os olhos buscando os meus e se estreitando de leve. – O que foi?

– O que foi o quê?

Eu me afasto um pouco, mas ele não me solta. É como se visse minha alma. Como se soubesse cada pensamento meu sem que eu dissesse uma palavra.

– Tem mais alguma coisa.

– Eu não poderia estar mais animada para o que vem por aí. – Dou um sorriso genuíno, minhas palavras totalmente sinceras.

Por um momento, acho que me livrei das suspeitas, mas Kaelis continua a me observar. Sinto seu olhar remover o tecido do meu corpo, como se eu estivesse exposta diante dele. Me esforço para combater um arrepio.

– Não... Tem algo mais. – Com a outra mão, ele segura minha bochecha, o gesto em algum ponto entre carinhoso e autoritário. – Me conte.

Meus lábios se abrem, mas as palavras não vêm. Preciso me afastar dele. Só de estar na sua presença, estou dividida entre tudo que sei e sinto e temo, e a vontade de confiar nele de novo, como estava começando a acontecer. De acreditar nele, como queria acreditar.

– Se precisa que eu mate alguém, só diga e será feito. – Ele me dá um

sorrisinho: arrogante, perverso e frustrante de tão atraente. – O mundo é nosso para construir ou destruir.

Antes que eu encontre as palavras para responder, uma comoção me interrompe. Um grupo apareceu na entrada do salão de baile, calando os presentes. A multidão abre caminho enquanto eles atravessam o mar de convidados.

Se eu achava que estava fria antes, agora estou completamente entorpecida.

Não são Stellis, adornados com suas penas de corvo e pombo. Nem os fiscais da cidade, que vigiam as paredes em seus uniformes verdes e prateados. Esses homens e mulheres estão usando o cinza-amarronzado sem graça que está gravado nos meus piores pesadelos.

No centro dos guardas de Halazar está Glavstone, um pesadelo desperto que voltou para me assombrar com seu rosto retorcido e cheio de cicatrizes, cortesias de Kaelis.

O príncipe passa um braço pela minha cintura, me puxando para perto.

– Peço perdão por interromper sua festa – anuncia Glavstone. A música para quando a banda repara na movimentação. – Mas há uma fugitiva entre vocês.

Sussurros e arquejos cortam a multidão. Tento me afastar. Kaelis me segura apertado.

– Não corra – sussurra, brusco. – Só vai piorar. Fique ao meu lado; eu vou te proteger. Juro pra você, Clara.

Sei que fugir pode passar uma péssima impressão, mas é tudo em que consigo pensar. *Não vou voltar pra lá.* Não posso.

– Não deixe que me levem. – Assim que pronuncio essas palavras, os olhos de Glavstone pousam em mim.

– Lá está ela.

Nunca vi um rosto tomado por um ódio tão profundo. Ele levanta um dedo e os guardas avançam em minha direção. É como minha primeira noite na Academia de novo, mas muito pior.

Kaelis se posiciona à minha frente, mas permanece próximo, não mais do que um passo.

– Carcereiro Glavstone, não aceito que macule o bom nome da minha futura esposa.

Os guardas ficam visivelmente sem saber a quem obedecer e paralisam

no meio do caminho. O salão inteiro está imóvel e silencioso como eles, esperando para ver o que acontecerá.

– O "bom nome" dela não é o que pensa. – Glavstone aponta para mim enquanto se dirige ao salão. – Essa mulher enganou todos vocês. Seu nome não é Clara Redwin, mas Clara Graysword.

Tecnicamente não é esse também, eu teria brincado se não estivesse petrificada de medo.

– Ela é a fugitiva que escapou de Halazar quase um ano atrás, escondendo-se à vista de todos e fazendo chacota de nossa família real com sua farsa.

Mais arquejos. De alguma forma, encontro Luren na multidão. Seus olhos estão arregalados, a boca aberta. Eu me viro antes que seu choque me preencha com uma culpa impossível de esconder.

– Você ousa questionar minha palavra? – A voz de Kaelis baixou a um sussurro mortal.

– Só para proteger o soberano que tanto amo.

– Meu irmão tem razão. – Ravin emerge da multidão à esquerda, a uns bons vinte passos de nós. Só de vê-lo, a raiva se inflama em mim novamente. – Você faz uma alegação ousada e perigosa contra uma mulher destinada a ser a Alta Dama do novo Clã do Eremita. Espero que não esteja dizendo tais coisas sem provas.

Ravin está me defendendo? Como se não tivesse sido ele que me pôs em Halazar, para começo de conversa... Mas não baixo a guarda nem por um instante.

– Vossa Alteza Real. – Glavstone se aproxima e faz uma mesura, estendendo um pequeno envelope. – Aqui está minha evidência.

Faça algo, Kaelis, imploro com cada batida do coração, mas ele não se move. Por que não se move?

Ravin abre o envelope. O que está lá dentro é mais do que suficiente para o mundo rachar sob meus pés. Dois pares de cartas. Um pintado nos restos de papéis patéticos que Glavstone obtinha do chão de casas de celulose para eu pintar suas cartas ilegais. O outro desenhado com as tintas impecáveis da Academia, as cartas em que eu tanto trabalhei para os Desafios do Três de Espadas.

– Eu já tinha descoberto as pinturas ilegais dela, mesmo dentro de Halazar. Como ela obtinha os materiais, não sei – diz Glavstone, como se

não tivesse sido ele que me mandou pintá-las. – Confisquei as cartas que ela fez na prisão. As semelhanças com as cartas que entregou durante os Desafios do Três de Espadas são evidentes.

– Mentiroso – sussurro. Minha pintura mudou totalmente durante meu tempo na Academia... não mudou? Foi suficiente? Será que isso importa?

Não... eles vão usar qualquer prova – ou a ausência dela – que quiserem.

– Quieta – chia Kaelis.

– Perdoe-me, achei que ainda poderia corrigi-la – continua Glavstone, dando um suspiro dramático. – Mas talvez deveríamos agradecer pelos hábitos dela. De que outra forma teríamos descoberto a verdade?

– Isso é, de fato, uma evidência irrefutável – aponta Ravin por fim, passando as cartas ao pai, que parou ao lado dele.

Mas o rei parece irado. *Será que sabe?* Meu coração bate no fundo da garganta, a náusea subindo.

– Eu gostaria de ver essas cartas pessoalmente. – Kaelis dá um passo à frente, me deixando e seguindo até a família. – Sou eu que supervisiono os Arcanistas de Oricalis. Deveria ser o juiz dessas supostas semelhanças.

– Irmão, você não seria parcial? – Ravin dá um sorrisinho.

– Prendam-na – comanda Glavstone aos guardas, aproveitando que meu protetor não está mais no seu caminho.

Os guardas obedecem à ordem, liderados por ninguém menos que Savan. Seus olhos brilham com um prazer cruel que diz *finalmente peguei você.* Ravin contorna Kaelis ao mesmo tempo, posicionando-se para impedi-lo de me alcançar, caso tentasse.

Dou um passo para trás. Suas mãos se estendem para mim. De repente, há centenas de mãos se esticando de uma cela de prisão que foi tomada por uma imundície que, de alguma forma, eu ainda não consegui lavar da pele. Da alma.

– Clara! – Meu nome sai carregado de alerta. A voz de Kaelis é a única coisa que poderia atravessar o pânico crescente, mas é tarde demais.

– É hora de voltar para casa, vadia – rosna Savan.

Glavstone observa com uma alegria escancarada.

Eu me viro e corro. Quase chego à porta pela qual entrei, mas os guardas são mais rápidos. Me agarram e um grito é arrancado da minha garganta.

O Dez de Paus se ergue do meu baralho. Nem lembro de tê-lo chamado, mas ele irrompe em dez línguas de fogo que batem contra os homens e as

mulheres me agarrando. Eles tropeçam para trás. Tecido rasga quando tentam continuar me segurando. Minha pele é uma constelação de hematomas e arranhões.

– Foi o Dez de Paus?

– Não pode ser.

– Ela não está no primeiro ano?

Os sussurros picam feito abelhas. Eu nunca me senti tão exposta. Todos me veem. Eles sabem quem eu sou – o que eu sou. Vão descobrir tudo se eu ficar.

Tento continuar avançando para a porta como se ela fosse se abrir para outro mundo. Algum lugar onde estarei a salvo, não só um corredor dos fundos onde provavelmente há mais uma dúzia de Stellis esperando.

Ravin entra no meu campo de visão com uma carta em mãos. Há um lampejo de prata diante dos meus olhos. É uma Maior, mas não consigo ver qual.

– Basta.

– Não.

Mal tenho tempo de falar a palavra. Meu corpo e magia se movem por instinto. Uma carta prateada se ergue do meu baralho. O relincho de um cavalo distante ecoa pelo salão e se entrelaça aos arquejos e murmúrios da multidão.

Nossas cartas explodem em uma chuva de faíscas e poeira cintilante ao mesmo tempo. O rosto de Ravin se contorce, a boca se abrindo, mas o que ele ia dizer ou fazer se perde. Luz cintila ao meu redor e a Carruagem me leva embora.



Pouso na terra batida do pátio da mansão com tanta elegância como se tivesse caído do céu. Estou sem fôlego. Minha cabeça gira. Silas fez o processo parecer simples, mas agora sei que há uma curva de aprendizagem. Eu me dobro ao meio, vomitando. Não sei se pela transferência ou pela sensação das mãos dos guardas sobre mim, tentando me forçar a voltar para Halazar.

Prefiro morrer a voltar pra lá, penso, enxugando a boca com as costas da mão. Meu coração ainda martela, mas aperto os lábios em uma linha determinada.

– Todo mundo na sala, agora! – grito, escancarando a porta dos fundos e rezando para eles terem voltado, para que não tenham encontrado nenhum problema.

Pés batem nas escadas. O piso acima de mim chacoalha. Estou andando de um lado para outro na frente da lareira apagada quando eles entram.

– Clara? – arqueja Jura suavemente, observando como estou desalinhada.

Suspiro de alívio, meu exterior duro rachando por um momento quando todos aparecem, ainda com os rostos maquiados do nosso plano no baile.

– Como você...? – começa Gregor.

– O quê? – diz Ren ao mesmo tempo.

– O que aconteceu? – pergunta Bristara.

Sua voz atravessa as outras assim como seus olhos afiados perfuram a noite. Há preocupação e temor no seu olhar, mas tanta compaixão que quase desmorono como uma criança buscando desesperadamente o abraço de uma mãe há muito perdida, querendo que alguém me acolha e me diga que vai ficar tudo bem. Mas não há tempo para confortos egoístas. Não quando todos nós estamos ficando sem tempo.

– Eles sabem.

Há tanta coisa contida nessas duas palavras. *Eles sabem que sou uma Maior. Sabem que fui eu que escapei de Halazar. Sabem que não vou mais ser sua marionete.* Julgando pelo horror que cruza o rosto de Bristara, relaxando todos os pequenos músculos e alisando as linhas duras nos cantos da boca, ela entende.

– Vamos partir pelas montanhas esta noite – anuncia ela. – Reúnam o que puderem.

Todos entram em ação. Nenhuma pergunta é feita, exceto por Jura:

– Roupas novas?

– Por favor – digo.

Meus pés se movem sozinhos enquanto minha mente está a uma cidade de distância, de volta aos corredores escuros da Academia Arcana.

Kaelis... Ele me disse para não fugir. Tinha razão, eu sabia. Mas o que mais eu poderia ter feito? *Acabou agora, não é?* Nosso falso noivado. Meu tempo na Academia. Provavelmente nosso trabalho juntos. O que tínhamos... o que quer que fosse. Kaelis e os prazeres a que me permiti ter deveriam ser minha última preocupação agora, mas minha mente retorna a eles a cada passo. Pressiono uma das mãos no corpete enquanto começamos a descer as escadas, sentindo a carta da Morte ainda contra as costelas. Ele só vai descobrir minha traição quando eu já estiver bem longe. Então seremos realmente inimigos.

Paro no meio do caminho.

Tem outra pessoa nos corredores escuros da Academia. Alguém que Ravin agora sabe que está me ajudando.

– Silas – sussurro. Jura se vira. Olho por cima do ombro, para Bristara. –

Eu escapei graças a ele, e Ravin e Kaelis sabem disso. – Não sei o que Ravin vai fazer com ele, mas não vai ser coisa boa.

– Clara...

– Não posso deixá-lo – interrompo, já ouvindo a mistura de alerta e censura em seu tom. – Não depois de tudo que ele fez para nos ajudar.

Eu prometi que não deixaria nada acontecer com ele.

– Você não pode voltar lá. – Bristara dá outro passo e, como ela é mais alta, estamos olho a olho, mesmo que eu esteja alguns degraus acima na escada. – Se fizer isso, eles nunca vão te deixar ir embora.

– Eles vão ter que me pegar primeiro, e eu tive um ano inteiro para aprender as passagens secretas e abandonadas da fortaleza. Só preciso entrar e alcançar Silas. Ele vai nos tirar de lá.

Bristara abre a boca, mas vejo a determinação evaporar do seu rosto e se transformar em frustração.

– Você está decidida, não está?

– Completamente.

– Então vá. O mais rápido que seus pés a carregarem. Não temos tempo para desperdiçar com discussões.

– Você irá mais rápido de calça – diz Jura, me parando antes que eu possa sair correndo escada abaixo. Sou obrigada a concordar.

Não perco tempo tirando o vestido por completo. Há laços demais para desatar, e não quero arriscar que a carta da Morte escape do corpo. Enfio uma calça preta e corto a saia com uma faca, rasgando logo abaixo da costura com o corpete. Arranco os restos das mangas de renda antes que Jura me estenda uma camisa solta e enfie uma capa com capuz sobre meus ombros. Ela a prende ao redor do meu pescoço e enfio os braços pelos buracos para mantê-la sobre mim no que sei que será uma corrida em disparada.

– Já te perdemos uma vez, Clara. – Seus olhos encontram os meus. – Não nos faça te perder de novo.

– Não vou – juro.

Os dedos dela tremem. Eu os seguro antes que ela os abaixe e a puxo para mim em um abraço sem fôlego.

– Bolinhos de lavanda – sussurro no ouvido dela. – É isso que quero quando estivermos no próximo lugar seguro.

– Esteja lá para comê-los.

– Estarei. Até lá, não chore por um caixão vazio.

Ela recita a última parte junto comigo enquanto a solto. Não perco tempo: desço as escadas e estou quase na porta quando Bristara me chama. Ela está parada na parede das escadas, junto a uma porta secreta entreaberta. Eu nem tinha notado os contornos nos painéis de madeira sob as escadas.

– Você terá uma hora, nada mais. E aí esse lugar inteiro vai abaixo. – Há uma centelha em seus olhos prometendo se tornar as chamas que logo vão envolver a mansão. Por um segundo, a ideia de que pode ter sido *ela* que ateou fogo ao clube anterior cruza minha mente, mas a afasto. Bristara não teria tido motivo, na época. Pelo menos, não um motivo em que eu consiga pensar... – Não podemos arriscar ser encontrados, não quando essa passagem se conecta diretamente aos túneis subterrâneos que levam para fora da cidade.

Eu já vi isso. Uma mulher parada junto a uma porta secreta sob as escadas. A visão me faz cambalear. Não é Bristara, é minha mãe. Arina era só um bebê em seus braços. *Temos que ir*, sussurra ela, *seu pai virá logo. Não podemos deixá-lo nos encontrar.* Eu era pequena, pouco mais que uma criança de colo. *Seja forte por mim, Clara. Isso é só um pesadelo.*

– Essa era minha antiga casa? – sussurro.

Bristara arregala os olhos.

Os papéis que estavam no bolso da saia que acabei de cortar – papéis que confiei a Jura. A Alta Dama do Clã da Torre ordenou a morte da minha mãe. O símbolo do Clã da Torre no quarto que Twino transformou em sua oficina. *Você não conhece nenhuma outra casa abandonada por clãs nobres que podemos assumir, né?*, perguntara Jura.

Não... não, não pode ser. Uma imagem começa a se formar em minha mente. Uma história anterior às minhas lembranças. O dinheiro tinha acabado. Mamãe deixara o conforto dele. Papai nos "abandonara". Mas e se foi o contrário? E se não foi porque meu pai não se importava, mas por causa das pessoas ao redor dele?

– Meu nome, o que minha mãe disse para nunca revelarmos, era Cheval...

– Nunca, *nunca* diga seu nome verdadeiro – corta Bristara com um rosnado, evocando toda a ênfase da minha mãe sempre que insistia sobre a importância do sigilo a respeito do nosso nome.

Agora esse sigilo assume um novo significado. Um motivo para ela ter lutado tanto para mantê-lo escondido.

– Eu sou uma bastarda do Clã da Torre? – A pergunta horrível escapa antes que eu possa contê-la.

Bristara diminui o espaço entre nós, agarrando meu braço.

– Não faça perguntas para as quais não quer respostas.

Mas eu quero respostas. Quero todas elas. Mamãe nunca falou do meu pai, será que era por isso? Bristara disse que nunca foi tão próxima dela, mas será que conhecia meu pai e foi assim que arranjou esse lugar? Foi por causa dele – por causa da associação da minha mãe com ele, e da associação dele com Arina e comigo – que minha mãe foi assassinada? Tenho uma centena de outras perguntas, mas elas ficam presas na garganta, recusando-se a sair. Porque...

– Não tenho tempo pra isso. – Puxo o braço do aperto de Bristara com força, lhe dando um olhar fulminante. A raiva pode ser injustificada, mas está transbordando. – Quando eu voltar, quando estivermos todos a salvo, você vai me contar *tudo.* Guardiões do Mundo. Minha mãe. Minha linhagem. Tudo que sabe. Chega de segredos.

– Chega de segredos – repete Bristara, com sinceridade. Com um ruído de frustração, eu me viro para a porta. – Uma hora, Clara.

– Não vou precisar de tudo isso.

Fecho a porta atrás de mim, ajusto o capuz e começo a correr pela cidade.

Corro como se os fiscais estivessem na minha cola. Como se todos os guardas de Halazar fossem uma matilha de lobos seguindo meu cheiro. Disparo pelas ruas que conheço desde que sou menina. Familiares demais. Dolorosamente familiares.

Será que este lugar já foi minha casa?

Como minha vida teria sido, não fossem as maquinações do Clã da Torre e da Coroa a que ele serve? Cravo as unhas nas palmas e acelero, não passando de um borrão na noite. Sigo os passos de Arina, da minha mãe... os passos de incontáveis pessoas que certamente vieram antes de mim. Pessoas que também queriam gritar contra a crueldade de tudo isso. O modo como o mundo inteiro parece um moinho de pó e nós somos os ingredientes, martelados constantemente pela mão invisível que assoma sobre nós.

Corro até chegar à entrada desmoronada da passagem no final da ponte. Com uma das mãos ao lado do corpo e a outra apoiada nos escombros, eu me dobro, quase vomitando pela segunda vez. Estou queimando de dentro para fora. Tudo em mim grita. Mas fico em silêncio, exceto pela respiração pesada. Encaro a Academia no horizonte, uma silhueta preta contra um céu escuro. Sob a palma, a carta da Morte permanece – como uma promessa e uma ameaça.

Através do portão, desço mais uma vez para os túneis escuros desse lugar amaldiçoado. Cruzo a ponte e entro no covil do homem que me ergueu à nobreza... sem saber que o sangue de nobres pode já correr nas minhas veias. *Será que verei Kaelis de novo? Eu quero vê-lo?* Uma parte de mim sofre pelo que poderia ter acontecido se o destino tivesse sorrido mais gentilmente para nós. Mas não sei se essa parte um dia venceria – se sequer poderia vencer.

O destino resolve testar essa teoria.

Kaelis está parado no meu caminho. Paro de súbito, encarando-o como se ele fosse um espectro que convoquei com um pensamento. Mas ele não desaparece, só fica me olhando.

Talvez soubesse que eu viria. Mesmo assim... a probabilidade de encontrar o caminho que eu tomaria nesse vasto labirinto é quase nula. Mas cá estamos, banhados em luar através de janelas cobertas de teias de aranhas, em pontas opostas de um curto corredor. Seus olhos escuros encontram as brasas dos meus.

Meus dedos estremecem com magia, mas nenhuma carta se ergue do meu baralho. Ele também não se move. O ar está estagnado, o próprio tempo parece parar.

Eu devia tê-lo admirado mais quando tive a chance. Devia ter examinado cada detalhe delicado da costura carmesim. Do fio prateado que prende os botões de seu paletó. Do jeito como seu cabelo, agora um púrpura besuntado de óleo na luz cristalina, lança uma sombra sobre os olhos. Eu devia ter desfrutado descaradamente dele mais vezes, me entregando sem pensar nas consequências quando ainda podia. Devia ter jogado fora todos os meus princípios e ressalvas, e me entregado à devassidão e ao prazer antes que saber demais arruinasse qualquer chance que tivéssemos.

Ele pragueja baixinho, desviando o olhar. O transe é quebrado. É quase uma permissão.

Estou prestes a me afastar. Kaelis se move ao mesmo tempo, e congelo no lugar. Ele também para. *Corra*, parte de mim sussurra. *Fique*, uma vozinha traiçoeira implora.

Quebro o silêncio.

– Eu não vou voltar com você.

– Agora você não pode. – Kaelis se move de novo. Seus passos largos logo reduzem a distância entre nós. – Você se certificou disso.

– Não vou deixar você me levar para Halazar.

Ele para na minha frente. O ar entre nós fica imediatamente carregado. Ergo os olhos para ele, buscando a raiva que franze seu cenho. A dor cintilando nos olhos.

– Eu jurei para você, vez após vez, que nunca faria isso – diz ele, baixinho. E está falando a verdade.

Inspiro devagar, desejando que meu peito roçasse no dele. Lutando contra o impulso de agarrá-lo, digo:

– Você vai me deixar partir mesmo?

– Se for preciso.

– Você sabe que não posso ficar... não com você. – Minha voz baixou para um sussurro, embora não perca a convicção.

– Eu sei.

Mesmo assim, ele faz menção de me tocar e eu não me afasto. Sua mão paira no ar pouco antes de alcançar meu rosto. Os nós dos dedos roçam na minha bochecha, e sua atenção recai na minha boca. Ele vai descendo os dedos, afastando o amplo decote da blusa para expor meus seios ainda espremidos no corpete desfiado. Não consigo conter uma inspiração e o leve arquear das costas que acompanha seu movimento. Mesmo com o mundo desmoronando ao meu redor, meu corpo me trai. Eu me inclino contra ele.

Seus dedos deslizam ao redor da minha cintura e, por um segundo, minha respiração falha – não pelo toque, mas por medo de que ele tenha sentido a carta. Entretanto, o foco de Kaelis permanece em mim. Ele me olha como se eu fosse a coisa mais magnífica que já contemplou. Como se o mundo começasse e terminasse aqui.

– Você tem tudo que precisava de mim. Acabou entre nós. – Não sei se estou falando mais por mim ou por ele.

– Eu sei – repete, mas desta vez não parece convencido. Abro a boca para insistir, mas ele fala antes: – Nós nunca fomos nada, para começo de

conversa. Nunca poderíamos ser nada... não nesta vida. Mas me dê uma última vez.

– O quê?

– Me deixe te beijar uma última vez, com você me conhecendo como sou. Vendo o homem por baixo das cartas e dos nomes, das coroas e do poder. – Ele ainda está falando enquanto se inclina para a frente.

Não faço nada para impedi-lo.

O beijo é agoniante de tão lento. Nossos corpos finalmente se encontram, não com uma colisão, mas com um suspiro derrotado. Ele leva a outra mão ao meu rosto, me segurando no lugar com o mais leve dos toques, algo que o resto do mundo não conseguiu nem com ameaças e grilhões.

Aceito o que o destino ofereceu e me delicio com este último momento. Saboreio seu gosto quando sua língua entra na minha boca. Seu aroma me envolve como seu braço ao redor da minha cintura. O fogo dentro de mim se apaga. A lua de repente some e, por um momento, não há nada além de escuridão. Uma escuridão fria, infinita, gloriosa. Um lugar para se esconder de tudo que conheço e tudo que ainda está por vir.

Deslizo as mãos sobre ele, agarrando suas lapelas. Seguro-o mais firme. O fogo retorna. É só quando ele se afasta que percebo que meus dedos se fecharam no seu pescoço, apertando de leve.

Kaelis inclina a cabeça de lado, os olhos iluminados em divertimento.

– Vá em frente.

Eu poderia. Ele me deixaria. O brilho em seu olhar é um tanto insano.

– Eu sou uma relíquia de uma era passada – continua. – Um homem amaldiçoado e sem futuro que nunca deveria ter existido. Se alguém será minha ruína, será você.

Quantas vezes eu jurei que seria o caso? Meus dedos tremem, mas não se mexem. São pouco mais que uma carícia na sua pele fantasmagórica.

– Não, eu não vou te matar ainda.

Relaxo os dedos, um de cada vez. Solto-o mesmo sem saber por quê e me afasto devagar.

– Se não agora, quando? – Um sorriso leve toca os lábios dele. Odeio quanto amo esse sorriso.

– Quando eu não quiser mais nada com você.

Eu me viro e começo a me afastar.

– Você nunca vai se livrar de mim – diz Kaelis, com toda a arrogância. – Eu vou te assombrar deste mundo até o próximo.

Não respondo nem olho por cima do ombro. O eco de suas palavras enfatiza seu argumento. Quando saio de vista, apoio a mão na lateral do corpo, sobre a Morte. Ele não terá controle sobre nenhum mundo enquanto eu carregar esta carta.



O caminho até Silas é instintivo a esta altura. Afasto Kaelis da mente; já desperdicei tempo demais com ele. A ideia de que estava me enrolando intencionalmente me faz apertar o passo. Ele também saberia que Silas me deu a Carruagem. E se agora estivesse voltando, depois de tê-lo punido?

– Silas! – Abro a porta com um estrondo. O homem dá um pulo de surpresa. Não me dou ao trabalho de esconder um suspiro de alívio. – Que bom, você ainda está aqui.

– Onde mais estaria?

– Não aqui, muito em breve. – Vou até sua mesa e me dou a liberdade de guardar seus suprimentos de pintura. Já o vi fazer isso tantas vezes que sei o que vai na bolsa. – Estamos partindo.

– Partindo? Quê? Clara... – Ele pega minhas mãos, me fazendo parar. – O que aconteceu?

Não consigo encará-lo. Baixo os olhos para minhas mãos.

– Sinto muito.

O silêncio que se segue é insuportável.

– Você a usou, não usou?

Assinto.

– Ravin viu.

Outro aceno.

– Ele sabe que você está me ajudando. – Consigo erguer o queixo. – O clube vai se transferir hoje à noite. Vamos partir pelas montanhas. Venha com a gente e...

– Não posso – interrompe Silas gentilmente, tomando minhas mãos e as apertando. – Você sabe que não.

– Sua família? – deduzo. Ele confirma com um aceno. – Silas, vamos encontrá-los, mas você não vai conseguir se estiver morto.

– Nem se Ravin os matar. – Ele dá um sorriso triste, derrotado. – Se eu for com você, ele vai matá-los. Se ficar, posso alegar que você roubou a carta e implorar perdão.

Os nós dos meus dedos estão brancos, as mãos tremendo.

– Ele nunca vai libertá-los, não importa o que você faça. Silas, por favor. Podemos encontrar sua família juntos e salvá-la. Se você partir, pode mantê-la em segurança. Ele não vai matar ninguém enquanto você estiver vivo porque quer você. Precisa de você. Sua carta é poderosa demais.

– Ele vai achar a próxima Carruagem se eu morrer. – Silas está tão resignado que só tenho vontade de brigar ainda mais.

– Vai tomar um tempo que ele não quer perder.

– Eles têm o Hierofante, a habilidade inata que ajuda a localizar os Maiores.

– Você quer morrer? – A pergunta sai ríspida, mas é genuína.

– Claro que não. – Ele parece chocado.

– Então venha comigo. – Não terei o sangue de Silas nas mãos. Não vou arriscar. – Ele vai usar sua família como isca para te forçar a voltar, e esse será o erro dele. É como vamos encontrá-los.

Silas parece se preparar, o olhar se afastando de mim e varrendo o quarto. Eu me pergunto o que ele vê no pequeno cômodo. Todas as horas que foi obrigado a passar aqui? Seu comprometimento com este lugar quando, o tempo todo, poderia ter ido embora?

Vejo nele o mesmo homem que conheci. Nada mudou. Ele ainda teme o mundo lá fora. Ainda está preso em um estado de inércia pela crueldade de Ravin. Não posso deixá-lo assim. Não pude desde o primeiro dia; não vou começar agora.

– Confie em mim, por favor. – Minhas palavras parecem enfim alcançá-lo. Silas engole o medo e assente. – Ótimo. O clube vai partir em breve, preciso que você nos leve para a mansão.

Ele organiza seus pertences depressa, sem levar muita coisa. Quando termina, o quarto foi revirado. Roupas estão espalhadas. Gavetas foram esvaziadas. Eu ajudo com os suprimentos de pintura que comecei a reunir, mostrando-os na bolsa.

– Pronto? – pergunto, estendendo a mão.

– O máximo que vou estar. – Seus olhos parecem conter toda a apreensão do mundo. – Tem certeza de que vai conseguir ajudar minha família?

– Juro pela minha vida.

– Então está bem.

Uma carta prateada se ergue no ar entre nós. O relincho de um cavalo reverbera no ar. Há um clarão e, em seguida, escuridão. Como sempre, Silas nos transporta habilmente, e eu não sinto a tontura que experimentei ao usar a carta.

Estamos no jardim da mansão, não longe de onde Arina foi enterrada. *Vou ter que me despedir dela de novo*, percebo. Bem quando vou seguir até as flores que marcam seu túmulo, uma comoção começa no interior da casa.

Silas e eu corremos na direção dos gritos.

No instante seguinte, as janelas explodem.



Vidro se reduz quase a pó e somos jogados para trás. Aterrissamos no jardim de que Ren cuida com tanto carinho. O impacto espalha uma chuva de folhas da única árvore que faz sombra no pátio. Fogo e gelo dançam do outro lado das janelas sem vidro, uma batalha se desdobrando lá dentro.

Uma dor profunda queima a lateral do meu corpo. Com os ouvidos zunindo, eu me descolo do chão molhado. Um puxão no abdômen é seguido por um estalo nauseante. Movo a mão por instinto até lá e ela volta vermelha. Fui jogada contra uma das pequenas cercas de ferro que dividem os canteiros de flores.

Mais magia brilha dentro da casa. Eu pisco, tentando focar a visão enquanto minha cabeça gira. *Cure-se. Rainha de Copas.* Lanço a carta com um pensamento e a pele se costura.

– Silas.

Eu me levanto de vez, puxando o cotovelo dele. Silas está ainda mais atordoado do que eu. Julgando pelo rastro de sangue escorrendo pela lateral do rosto, ele bateu a cabeça nas lajotas do jardim. A ferida física é pequena,

mas a Rainha de Copas não ajuda com enfermidades da mente. Ele mal consegue se sentar antes de se curvar e esvaziar o estômago.

Isso não é nada bom.

A porta dos fundos do pátio é escancarada, desviando minha atenção. Ao mesmo tempo, há uma movimentação no peitoril da janela que leva à sala de estar. Um marrom sem graça misturado a lampejos de prata e verde. Agora, sou eu quem está prestes a vomitar. Guardas de Halazar e fiscais da cidade. *Aqui.* Sem dúvida me caçando. Batendo à porta dos meus amigos por minha causa.

Eu solto Silas e avanço, cartas voando do baralho. Os olhos dos meus atacantes se viram para mim e não há palavras, só magia.

Uma das minhas cartas se desintegra no ar. Não vejo quem usou o Dez de Espadas, mas isso me diz que há Arcanistas poderosos entre meus inimigos. Deixo as outras cartas voarem sem qualquer contenção. O Ás de Paus explode, e na sequência lanço o Sete de Paus – a carta se divide em sete línguas de fogo que me cercam. Agito os dedos de novo e, por um breve momento, questiono minha decisão.

O Nove de Paus se desintegra em poeira estelar que cobre minha pele. Agora, estou correndo contra o tempo. Por nove minutos, não vou sentir dor ou fadiga... mas isso não significa que elas não estarão lá.

Eu me lanço à frente.

– Ela está aqui! – grita um dos fiscais.

O Oito de Paus cai do meu baralho, faiscando ao redor das minhas botas. Estarei mais veloz pelos próximos oito minutos. Girando o pulso ao mesmo tempo, convoco uma lâmina confiável com o Cinco de Espadas. O fiscal mal tem tempo de olhar para mim antes que eu o perfure com a arma no meio do peito.

Chamas estalam ao meu lado. Uma das sete línguas de fogo chia até sumir, bloqueando uma lança de gelo arremessada por um guarda. Eu giro, lançando meu fogo no próximo inimigo e o despachando com a ajuda do Quatro de Copas.

Abandono toda cautela e razão. Meu corpo vai parecer ter sido destroçado depois de lançar tantas cartas, mas não vai ter sobrado nada dos meus inimigos a essa altura – e não importa se eu estiver exausta.

Mais uma explosão – outro escudo protetor desaparece do ar ao meu redor. Eu me movo mais rápido do que o próximo fiscal consegue seguir.

Minha lâmina desliza por seu pescoço e eu giro, matando de imediato o próximo guarda a passar pela porta.

Há um fluxo aparentemente infinito de guardas e fiscais, mas a planta da mansão os afunila, impedindo que um número muito grande deles saia ao mesmo tempo. Apesar disso, um guarda pula sobre os restos de uma janela em uma tentativa de me flanquear.

Assim que o faz, dez línguas de fogo frio caem sobre ele, que desaba ao chão com um baque alto, como se uma caixa invisível de tijolos tivesse sido jogada na sua cabeça. O homem estremece, os olhos se revirando, e não se levanta de novo.

Minha atenção se volta para Silas. Ele está se apoiando na árvore. Uma das mãos segura a cabeça, como se o esforço de usar o Dez de Paus quase o tivesse partido no meio.

– Clara! – chama Bristara, de dentro.

Ao mesmo tempo, um brilho de magia atrai minha atenção. Ela está na outra ponta do corredor, junto à porta da frente, impedindo outros de entrar.

– Vá! – grita ela.

Jura mantém aberta a porta oculta que ela abriu mais cedo. Está ajudando Bristara, tentando impedir que outros fiscais entrem sem deixar seu posto. Quando encontra meu olhar, ela me chama com um gesto.

Volto o olhar para Bristara.

– Mas...

– Vá! – repete ela. Assim que diz isso, um fiscal praticamente a atropela, atacando-a e a deixando queimada e cambaleante.

Eu me viro e corro até Silas, agarrando seu pulso. Seus olhos ainda estão desfocados, os movimentos espasmódicos.

– Temos que correr.

– É tarde demais – murmura Silas enquanto manca ao meu lado, nada como a corrida que eu estava esperando. – Ele sabe... ele sabe...

– Temos uma saída. Eles não vão nos pegar.

– Tarde demais – sussurra ele, sem parar. – Meu nome... meu nome...

Eu o ignoro. Medo, pânico e uma pancada na cabeça não são a melhor mistura para confiança. Vou tirá-lo daqui. Entrego Silas a Jura.

– Pegue-o e vá.

– Clara... – Jura começa a protestar.

– Vou pegar Bristara e seguir vocês.

O restante deles já está mais avançado, mal consigo vê-los. Jura está prestes a protestar, mas outra explosão de magia a faz se encolher. Eu dou um aceno confiante.

Ela passa um braço em torno de Silas e o puxa para dentro.

– Espere. Não. E a Clara? – Silas olha por cima do ombro enquanto Jura o puxa mais para o interior da escada escura.

– Ela vai nos alcançar.

– Não. Clara. – Silas se vira. – Você não entende. Não importa. Ravin vai me matar agora!

Gregor emerge da escada e puxa Silas à força para dentro.

Estendendo a mão, olho a fina camada que ainda a reveste. A magia do Nove de Paus quase sumiu, mas ainda tenho alguns minutos. É tempo suficiente.

Cada movimento é proposital; não desperdiço energia. Cartas se erguem do meu baralho cada vez mais fino, espalhando-se ao meu redor e ao redor dos últimos escudos do Sete de Paus que pairam sobre meu ombro, iluminando meu rosto. Imagino que sou uma criatura alada de fogo e sombras – destruição forjada de magia em forma de mulher.

A sorte está do meu lado. Sempre esteve. Sempre estará.

Eu me lanço na briga.

– O que está fazendo? – rosna Bristara.

– Não vou deixar você.

Largo a espada que convoquei no pátio e imediatamente convoco outra. É meu último Cinco de Espadas. Duas adagas curtas aparecem em minhas mãos, muito mais adequadas a um combate corpo a corpo. Tento atingir um fiscal. Ele me bloqueia com o antebraço, lançando um Quatro de Copas. Um dos meus dois escudos de fogo restantes consome a névoa antes de consumir minhas forças. Aproveito a oportunidade para atacar com a outra lâmina, arranhando seu peito. Ele tenta usar outra carta. Sigo com uma punhalada, e dessa vez funciona.

Bristara agarra meu braço quando me viro para o próximo. Ela me puxa para si.

– *Você* é muito mais importante do que eu. Sem Arina, é a última que conhece a pintura antiga. Você tem que...

– É mesmo? – Uma voz fria e cruel atravessa o caos. Por um segundo,

todos ficam paralisados. Ravin está parado além da porta aberta, flanqueado por Stellis. Reconheço um deles como um dos que vi mais cedo nos corredores do palácio. – Excelente. Suspeitei que fosse a última ponta solta, mas aprecio a confirmação.

– Vá. – Bristara me empurra para trás.

Tudo acontece em um segundo.

Parece uma eternidade.

Eu tropeço. Me recupero depressa, mas Ravin é rápido demais. Oito lâminas de luz e sombra rodopiantes prendem Bristara no lugar. Os olhos de Ravin estão iluminados com algo que só posso descrever como pura maldade. Outra carta se ergue. Bristara se debate contra a magia, seu próprio baralho estremecendo no coldre, mas as cartas se recusam a se mover, também presas pela magia de Ravin.

Ele vai matá-la.

Então sua atenção se volta para mim. A carta pairando sobre o ombro de Ravin é prateada. Bristara grita – ela pode ver o que é melhor do que eu, já que está mais perto. Mesmo de onde recuei, consigo distinguir o desenho na carta. Conheço-o bem demais.

Porque é idêntica à carta contra meu corpo.

Um cavaleiro está parado num campo de rosas brancas. Metade dele usa armadura. A outra metade é só osso exposto. Em sua pele e sangue, as rosas murcham, mas florescem do outro lado – enrolando-se pelo fêmur e subindo pela caixa torácica.

A Morte.

Solto um grito e a única carta que acho que pode ajudar. Um Maior contra um Maior. *Gire a roda*, imploro ao destino e à fortuna. A última vez que invoquei seu poder, ela destruiu outra carta Maior. *Que aconteça de novo.*

– Clara Daygar.

A carta dele explode com um clarão radiante e terrível. Ao mesmo tempo, minha própria carta gira cada vez mais rápido. O próprio tempo parece engasgar. Um tique-taque estranho e mecânico ressoa no fundo da minha mente. O mundo se borra na minha visão periférica, e parece que o chão se move sob mim, só o suficiente para eu me estabilizar.

A luz se apaga, expondo a careta de Ravin. Eu destruí a carta dele. Kaelis

me disse que Arcanistas que não são Maiores só podem usar cartas Maiores uma vez, com a bênção do Hierofante. Ravin desperdiçou seu lançamento.

É a minha chance.

Avanço para pegar Bristara e ela cai em meus braços. Eu a seguro sem jeito, cambaleando, e desabamos no chão. Seu corpo está nos meus braços. Flácido. Um peso morto.

– Não... – sussurro. – Não, isso não foi... Bristara. – Eu a balanço. – Bristara!

O mundo está imóvel, exceto por minha respiração trêmula. Os Stellis ao lado de Ravin estão a postos. Impassíveis. Os reforços chegam com um retinir de metal e param atrás dele.

– Bristara – chamo, rouca.

A mulher que me abrigou. A mulher que nunca tentou ser minha mãe, mas se tornou uma guardiã e mentora. Grito a plenos pulmões, a fúria queimando minha garganta. Há fogo em meus olhos quando ergo o queixo ao ouvir os passos de Ravin se aproximando.

Ele faz um muxoxo.

– Que poder imprevisível. Tão útil algumas vezes, tão inútil em outras... Gire a roda da fortuna e você nunca sabe onde as coisas vão parar.

Eu solto Bristara. Por mais que queira me agarrar a ela e chorar, não vai ajudar em nada. Ela se foi. Mas Ravin usou sua maior arma.

Foda-se descobrir a verdade e cada detalhe sobre a morte da minha mãe. *Vou matá-lo agora.*

Eu me levanto.

Ravin dá uma risadinha e inclina a cabeça de lado, parando para me avaliar como se eu não fosse nada além de uma curiosidade divertida.

– Acha que pode me enfrentar? Do jeito que está?

– Vou te matar mesmo se for a última coisa que eu faça – juro.

– Duvido. – Outra carta se ergue do baralho preso ao bíceps de Ravin. – Nós vencemos. Vocês perderam. O mundo é como é, e nada jamais vai mudar isso. Nem você, e com certeza não meu maldito irmão.

Bem quando vou convocar uma carta do baralho, percebo qual carta ele chamou. Ela se vira, expondo a pintura. *Prateada.*

Outra carta da Morte.

– Você... – Só Maiores podem usar as cartas de outros Maiores sem a bênção do Hierofante, o que significa que Ravin é um Maior. Mas não

qualquer um... aquele que eu sempre imaginei ter ficado na Corte. Escondido. *Não, o rei Oricalis o escondeu em plena vista.* Minha voz sai num sussurro. – Você é a Morte.

Ravin apenas sorri.

– Clara Daygar – ele repete o nome.

A carta explode, mil uivos de espíritos há muito mortos estraçalhando minha mente. Mas o som é distante. A magia bate contra mim, não deixando nada exceto um suor pegajoso na pele, como a sensação de andar num cemitério à noite.

O príncipe herdeiro me encara. O choque imediatamente desmorona sob o peso da raiva. Sem aviso, ele me agarra pelo pescoço. Eu arranho seus antebraços. Minha última carta se ergue do baralho, imediatamente destruída por Ravin e pelos Stellis atrás dele.

– Qual nome é falso? Clara? Daygar? Ambos? – Ravin rosna enquanto aperta. Arquejo, tentando puxar o ar. Arranho e me debato, mas o Nove de Paus se esgotou e toda a exaustão que eu adiei me atinge com a mesma força do Dez de Paus de Silas na cabeça do fiscal. – Qual é seu nome? – Ofego, e ele me sacode. – Me diga seu nome!

Tento inspirar de novo e formar palavras; meu rosto já está quente por causa da falta de ar. Ravin relaxa um pouco o aperto. Movo os lábios de leve. O príncipe se inclina para a frente, como se tentasse ouvir melhor.

– Meu nome verdadeiro é... – Minha voz está rouca. Ele se inclina ainda mais. – Lady Vá Se Foder. – Ergo um joelho contra a virilha dele, bem *forte*.

Ravin me solta e eu tropeço. Depressa, procuro o baralho de Bristara. Ela ainda tem cartas. Se eu as tocar, posso conhecê-las, e se as conhecer, posso convocá-las.

Mas o príncipe se recupera depressa. Ele se joga contra mim e me faz sair rolando. Sua bota encontra a lateral do meu corpo e, por um segundo, temo que ele descubra que tenho sua carta dourada. Mas ele não parece saber.

– Não tem problema. Não tem problema. – Ele gargalha, ensandecido, afastando o cabelo do rosto. – Posso te matar do jeito tradicional.

Ele precisa saber meu nome verdadeiro para me matar, percebo. Deve ser uma regra da carta da Morte. *Esconda seu nome a qualquer preço*, sussurra mamãe do além. Protegendo-me até hoje.

Qualquer senso de triunfo some quando Ravin me chuta de novo. E de

novo. Cada vez com mais força. Arquejo quando seu pé afunda no meu estômago.

Por instinto, me encolho em posição fetal para me proteger, mas estou completamente à sua mercê. Só posso suportar. E ele está se divertindo demais para parar tão cedo...

Ele pisa na lateral do meu corpo, o calcanhar cravando-se nas costelas já machucadas. Há um estalo, seguido por um ruído de trituração, e eu grito. Seus olhos brilham com um prazer perverso.

O príncipe pisa de novo, depois me rola para fazer o mesmo do outro lado.

Estou sem fôlego, arquejando, lutando contra a bile por medo de engasgar se vomitar agora, porque não vou ter forças para expelir a secreção. Meu abdômen está rasgado por dentro. Cerro os dentes antes de cada golpe, tentando me preparar.

Pare, imploro silenciosamente. Mas eu estou muito familiarizada com a dor e vou suportá-la em vez de lhe dar a satisfação de me ver implorando por misericórdia. *Kaelis...* O segundo príncipe aparece na minha mente, como se eu pudesse fazê-lo se materializar aqui. *Me salve, por favor.*

Sem aviso, Ravin para e cambaleia para trás. Sua respiração está pesada e irregular como a minha. Tremores involuntários me sacodem. Estou fria, tão fria que me pergunto quanto sangue perdi...

Pisco os olhos, tentando ver o que o fez parar. Uma figura assoma sobre mim e, por um segundo trêmulo e esperançoso, penso que talvez Kaelis tenha vindo mesmo. Talvez, mesmo depois do que pareceu um adeus, ele tenha me encontrado. *Ele veio por mim.* Um soluço quase me escapa. Mas então minha visão se desanuvia só o suficiente para pôr em foco as botas brilhantes e prateadas de um Stellis de armadura. Tento girar a cabeça para ver quem é, mas meu corpo não responde. O mundo entra e sai de foco, minha visão mais turva a cada segundo. A cena está distante.

– ... acha que está fazendo? – rosna Ravin.

– Meu príncipe... mais valiosa viva? – A voz é masculina, vagamente familiar, mas não é Kaelis. Meu coração se aperta. Por que ele viria atrás de mim depois da nossa despedida? – Depois... forçá-la a pintar a carta... nada mais... atrair Kaelis.

Não consigo identificar quem está falando. Meus ouvidos zumbem alto demais. O cérebro está nadando em seu próprio fluido.

Quem me defenderia? Embora me manter viva agora possa ser mais uma crueldade do que uma gentileza...

Mais algumas palavras são trocadas. Tento ouvir, mas perco a maioria.

– Muito bem. – Ravin não parece feliz. – Levem-na.

O tinido de armadura me cerca. Meu corpo espancado é erguido e sou totalmente suspensa entre dois Stellis. Sangue e bile pingam da minha mandíbula frouxa.

Outra carta de Morte prateada paira na palma de Ravin.

– Sem pontas soltas – murmura. – Silas Erentu.

A carta brilha e, quando a luz esvanece, um contorno fantasmagórico de Silas aparece sobre a mão esticada de Ravin. A projeção de Silas está olhando por cima do ombro, conversando com figuras invisíveis. *O resto do clube*, percebo; ainda estão com ele. Nenhum deles sabe que os olhos da própria Morte estão fixos em Silas.

Tento abrir a boca para protestar. Para implorar, se for necessário. Mas nenhum som me escapa. Silas... ele foi leal até o fim. Sabia meu nome e nunca o deu a Ravin. Depositou toda a sua fé em mim, e o que ganhou com isso?

Ravin cerra o punho e o espectro de Silas tem um espasmo e desaba como Bristara.

Morto. Por minha culpa.

O resto da luta me deixa. Estou fraca demais. Desarmada. Quebrada. Girei a roda, e agora não tenho escolha exceto me render ao futuro que me aguarda – qualquer que seja.

Minha sorte por fim me abandonou e estou realmente sozinha.

Pelo menos foi o que pensei... Então Ravin se vira, se dirige aos Stellis me carregando e os faz parar. Mal tenho forças para erguer a cabeça e ver seus lábios formarem as palavras.

– Dessa vez, joguem-na nas masmorras de Halazar. Algum lugar *fundo.* Algum lugar onde ninguém, especialmente meu irmão, jamais a encontrará. – Um sorriso toma seus lábios, tão cruel que transforma o rosto de Ravin em algo desumano. – Coloquem-na junto com a irmã.

GLOSSÁRIO

Cartas listadas na ordem de aparição



FEITIÇOS DE PAUS

- Ás de Paus: canaliza a magia elementar do fogo para atos mágicos pequenos a moderados.
- Dois de Paus: se a pessoa que lançou a carta estiver perdida, cria uma língua de fogo que brilha na direção aonde ela deseja ir. Depois de apresentar a direção, a chama desaparece.
- Três de Paus: segurança em viagens. Bênção de navios e proteção temporária ao viajar.
- Quatro de Paus: abençoa uniões entre pessoas – a carta usada para noivados e casamentos.
- Cinco de Paus: causa raiva/agitação/confusão/discórdia mental em outra pessoa.
- Sete de Paus: um "escudo" – convoca sete chamas espectrais que cercam o indivíduo e o protegem de sete ataques/golpes que o teriam atingido.
- Oito de Paus: movimento e velocidade mais intensos por oito minutos.
- Nove de Paus: por nove minutos, o indivíduo não sente dor nem fadiga. Porém, ainda está gastando energia e pode ser ferido.
- Dez de Paus: cria um peso que despenca sobre um indivíduo.

FEITIÇOS DE COPAS

- Ás de Copas: canaliza a magia elementar da água para atos mágicos pequenos a moderados.

- Quatro de Copas: causa sonolência/letargia.
- Cinco de Copas: enche a mente da pessoa com suas maiores dúvidas.
- Oito de Copas: retira uma habilidade por oito minutos. Por exemplo, o conhecimento de como lutar de maneira efetiva com uma espada.
- Nove de Copas: realização de um desejo menor, como não sujar um vestido em uma festa.
- Rainha de Copas: pode curar qualquer ferimento/enfermidade física, exceto os fatais.

FEITIÇOS DE OUROS

- Ás de Ouros: canaliza a magia elementar da terra para atos mágicos pequenos a moderados.
- Dois de Ouros: a habilidade de lançar e manter dois feitiços ao mesmo tempo.
- Três de Ouros: construção de estruturas pequenas e simples ou modificação de itens. Todo o material necessário deve estar presente.
- Quatro de Ouros: controle momentâneo e menor do clima.
- Cinco de Ouros: remove algo tangível.
- Valete de Ouros: concede a um indivíduo da escolha do usuário a proficiência em uma habilidade por um dia.

FEITIÇOS DE ESPADAS

- Ás de Espadas: canaliza a magia elementar do ar para atos mágicos pequenos a moderados.
- Dois de Espadas: cria confusão.
- Quatro de Espadas: pequenos consertos de objetos físicos e pequenas curas (arranhões, hematomas etc.).
- Cinco de Espadas: convoca uma arma mágica que não desaparece e deve ser empunhada até tirar sangue, ou até outra carta destruir a lâmina.

- Seis de Espadas: ajuda um indivíduo a superar emocionalmente um desafio ou bloqueio mental.
- Oito de Espadas: convoca oito espadas espectrais que prendem alguém no lugar.
- Nove de Espadas: quando o contato é feito com o alvo, nove lanças de luz prendem o indivíduo no lugar, permitindo ao Arcanista fazer nove perguntas de sua escolha. Quaisquer mentiras que o alvo tente contar vão causar dor, cada vez mais intensa.
- Dez de Espadas: destrói outra carta (menos uma Maior).
- Valete de Espadas: inflige dor em alguém usando lâminas mágicas.

FEITIÇOS DOS MAIORES

- O Mago (I): convoca e combina todos os elementos para manifestar um objeto a partir do nada.
- A Alta Sacerdotisa (II): examina a mente de alguém e descobre seus pensamentos, segredos e verdades íntimas.
- O Hierofante (V): pode "abençoar" um Arcanista comum com a habilidade de usar uma carta Maior uma vez. A bênção dura indefinidamente, mas desaparece depois que o Arcanista comum usar um Maior. Pode ser relançada depois que sumir.
- Os Amantes (VI): pode fazer duas pessoas se apaixonarem, se o nome verdadeiro delas for conhecido.
- A Carruagem (VII): teletransporte entre dois locais conhecidos ao usuário.
- Roda da Fortuna (X): manipulação da sorte. Uma reviravolta do destino. O usuário pode pedir que algo aconteça, mas no fim é o destino que decide o que é concedido e como.
- O Enforcado (XII): prende um alvo em uma prisão mental projetada pelo Enforcado. O alvo pode sentir dor, mas não pode ser morto.
- Morte (XIII): mata qualquer um, em qualquer lugar, se o usuário souber o verdadeiro nome e rosto do alvo.
- O Sol (XIX): tira a dor, física ou mental, de um indivíduo.

- Julgamento (XX): pode ressuscitar alguém dentro de cinco minutos após a morte.
- O Mundo (XXI): o desejo máximo. Com um único pedido, o usuário pode mudar qualquer coisa ou tudo no mundo conforme seus desejos.

AGRADECIMENTOS

Por onde começar? Muito tempo atrás, este livro não passava de uma sementinha que foi crescendo ano a ano com cada pensamento e ideia errante. Eu nunca soube quando criaria raízes e floresceria, mas com certeza nunca esperei que seria assim.

Muitas pessoas contribuíram com este livro em cada etapa, ajudando a trazê-lo à vida. Tenho certeza de que vou esquecer de mencionar alguém que impactou esta história ao longo do caminho e meu coração se parte só de pensar. Deixem-me pedir desculpas com antecedência e então começar do começo...

Jenny, minha gratidão por você é infinita. Você não só acreditou nesta história, como acreditou em mim como autora. Em um mercado cheio de nãos, você foi o grande sim que mudou o rumo não só da minha carreira, mas de toda a minha vida. Zoë, Emma, Victoria e todo mundo na Bent Agency: fico eternamente pasma com o conhecimento e graciosidade que vocês trouxeram a todo esse processo. Eu estaria perdida sem todos vocês.

Falando de "grandes sins", Tricia e Molly, ainda estou espantada com a fé que vocês depositaram em mim e na minha história. Esse mundo sombrio e cintilante existe graças a vocês duas. De sessões de *brainstorming* intermináveis a meses de edições que iam e voltavam, vocês duas ficaram ao meu lado a cada passo do caminho. Também preciso agradecer a seus times incríveis na Del Rey e na Hodderscape por todo o esforço, habilidade e emoção que concederam a esta obra.

Mas não são só as equipes de língua inglesa que preciso reconhecer – meus parceiros de publicação por todo o mundo, vocês são todos incríveis. Este livro é um testemunho de todos os seus esforços, e sou profundamente grata por tudo que fizeram.

Leo, preciso mencionar você pelo papel enorme que teve em fazer isso

acontecer. Obrigada por acreditar em mim, por me apresentar a Jenny e por tudo que fez por mim e pelos meus livros.

Todo livro que escrevo se beneficia do apoio coletivo de amigos e familiares. Michelle, apreciei cada momento que passamos discutindo este universo. Obrigada pela empolgação, pela amizade e, claro, por toda a prática de tarô! Bailey, Amy, Gideon e Katie, suas opiniões foram valiosíssimas. Vocês me ajudaram a perceber que eu precisava arriscar mais na história (obrigada, Bailey), a ver o que funcionava ou não no romance (obrigada, Amy) e o que funcionava ou não nesse universo (obrigada, Gideon) e também a atingir um público mais amplo (obrigada, Katie). Cada um de vocês ajudou a questionar meus instintos e me permitiu prosseguir com as várias edições e mudanças com confiança.

Danielle, minha querida amiga, nem sei por onde começar a expressar o que você significa para mim. Obrigada por insistir para que eu explorasse o lado tradicional do mercado... e pelo seu cartão comicamente grande que sempre vai ficar pendurado no meu escritório, fazendo com que eu me sinta humilde, me inspirando todo dia.

Minhas queridas amigas de escrita e colegas tartarugas – Angela, Emma, Helen, Janice, Jenny, Jessica, Meg, Melinda, Melissa, Sarah, Sara e Sylvia –, vocês são a melhor comunidade que uma mulher poderia ter. Cada hora do dia, todos os memes, conversas de trabalho e *brainstorming* – eu estaria perdida sem o espaço que cultivamos.

Querida família, o que eu faria sem vocês? Meredith, você é a melhor irmã com a qual eu poderia ter sonhado. Nossa história tem (ainda bem) muito menos traumas que a de Clara e Arina, mas você me inspirou a escrever sobre irmãs que sempre cuidam uma da outra, que moveriam mundos uma pela outra. Mãe e pai, compartilhar cada edição dos meus livros com vocês me enche de orgulho. Agradeço a Bob e Stephanie também, por toda a ajuda enquanto eu equilibrava a escrita e a edição desse projeto ambicioso com os primeiros estágios da maternidade.

Robert, minha tábua de salvação, meu pilar, minha estrela polar... Como é o caso com todos os meus livros, este não teria acontecido sem seu amor e apoio. Por todos os momentos em que você assumiu os cuidados do bebê, por todas as manhãs que me deixou dormir depois de longas noites de trabalho, por me manter ancorada quando eu sentia que ia perder a cabeça – você tornou este livro possível ao me manter calma. Meu dragãozinho,

obrigada pelos chamegos de bebê, a melhor distração quando a escrita ficava estressante demais.

E, claro, meus apoiadores no Patreon: Shaeli S., Zachary F., Michelle, Madalyn W., Francesca, Anika M., Kelci S., Jessica G., Emi C., Lauren B., Winter M., Courtney, Maryalyce B., Allie, Sharon B., Karin, Amanda H., Christine P., Ayragon, Pippa S., Tiffany H., Zoe B., Brooke R., Carolyn H., Courtney, Moa E., Aly N., Adrienne A., Kristýna, Elizabeth H., Dyani S., Pauline, Chloe F., Jade, Amanda C., Imzadi, Vixie, Caitlyn P., MasterR50, Rebecca R., Steffi, Aniyue, Anne, Laura R., Sarah T., Nancy S., Laura B., Mandi S., Melinda H., Taylour D., Stephanie H., Nichole M., Sarah M., Gemma, Rose G., Karolína N. B., Laura Henman, Dani W., C Sharp, M Knight, Jamie B., Jennifer G., Marissa C., Monique R., Ru-Doragon, Claribel V., Sarah L., Lisa, Sorcha A., Tea Cup, Caitlin P., Bridget W., Kristen M., Kelly M., Audrey C W., Allison S., Ashton Morgan, Mackenzie S., Kaitlin B., Amanda T., Kayleigh K., Alisha L., Esther R., Kaylie, Heather F., Andra P., Melisa K., Serenity-87HUN, Chelsea S., Alli H., Catarina G., Stephanie T., Mani R., Elise G., Traci F., Samantha C., Lindsay B., Sara E., Karin B., Eri W., Ashley D., Stengelberry, Dana A., Michael P., Alexis P., Jennifer B., Kay Z., Lauren V., Sarah Ruth H., Sheyl K B., Lindsay Shurtliff, NaiculS, Justine B., Lindsay W., MotherofMagic, Charles B., Kira M., Charis, Kassie P., Angela G., Elly M., Amy B., Meagan R., Axel R., Ambermoon86, Tarryn G., Cassidy T., Kathleen M., Alexa A., Rhianne, Cassondra A., Emmie S., Emily R., Tamashi T., Amy H., Michelle, Ashley J., Heather K., Anastasiya Z., Christina B., Amy & Trevor – obrigada por todo o apoio!

Finalmente... por último, mas não menos importante (guardando o melhor para o final)...

Quero agradecer a VOCÊS por lerem este livro. *Vocês* são o motivo pelo qual escrevo. Este livro, estas palavras, não são nada sem vocês. Toda recomendação, toda resenha, todo post, curtida e compartilhamento significam muito para mim. Eu vejo vocês. Aprecio-os com toda a fibra do meu ser. Queria poder agradecer a cada um pessoalmente, mas saibam disso: de todo o coração, obrigada por estarem nesta jornada e por serem parte dos meus mundos. Eu não poderia fazer o que faço sem leitores como vocês.

SOBRE A AUTORA



Elise Kova é autora best-seller do *USA Today* e do *The New York Times* e gosta de contar histórias de mundos de fantasia repletos de magia e emoções profundas. Mora na Flórida e, quando não está escrevendo, costuma jogar videogame, desenhar, conversar com leitores nas redes sociais ou sonhar acordada com sua próxima história.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

SEU INIMIGO MAIS MORTAL
OU SEU GRANDE AMOR?

CAÇADOR SEM CORAÇÃO



MARIPOSA ESCARLATE – LIVRO UM

KRISTEN CICCARELLI

Caçador sem coração

Kristen Ciccarelli

Na noite em que uma revolução derruba o Reinado das Bruxas, a vida de Rune Winters muda para sempre. Agora, com a Nova República no poder e bruxas sendo caçadas e executadas, a jovem precisa esconder quem realmente é.

Durante o dia ela finge ser apenas uma socialite fútil, mas à noite se torna a Mariposa Escarlate, uma vingadora que salva suas companheiras de magia. Porém, quando um dos resgates dá errado, ela tem que arrumar um jeito de despistar os perseguidores e conseguir a informação de que precisa. A solução é flertar com o belo e impiedoso Gideon Sharpe, um dos mais famosos caçadores de bruxas.

Gideon odeia todo o luxo que Rune representa, mas, quando descobre que a Mariposa Escarlate usa os navios mercantes da jovem para ajudar bruxas a fugirem, resolve se infiltrar em seus círculos sociais e cortejá-la. Logo percebe que, sob toda a beleza e frivolidade, ela é incrivelmente inteligente e sensível e parece seu par perfeito. Porém... e se ela for a inimiga que ele está há anos caçando?

Clique aqui para ver na loja


REBECCA ROBINSON
A SERPENTE E O LOBO
CONFIAR EM ALGUÉM PODE SER PERIGOSO.
AMAR PODE SER MORTAL.

A serpente e o lobo

Rebecca Robinson

Confiar em alguém pode ser perigoso. Amar pode ser mortal.

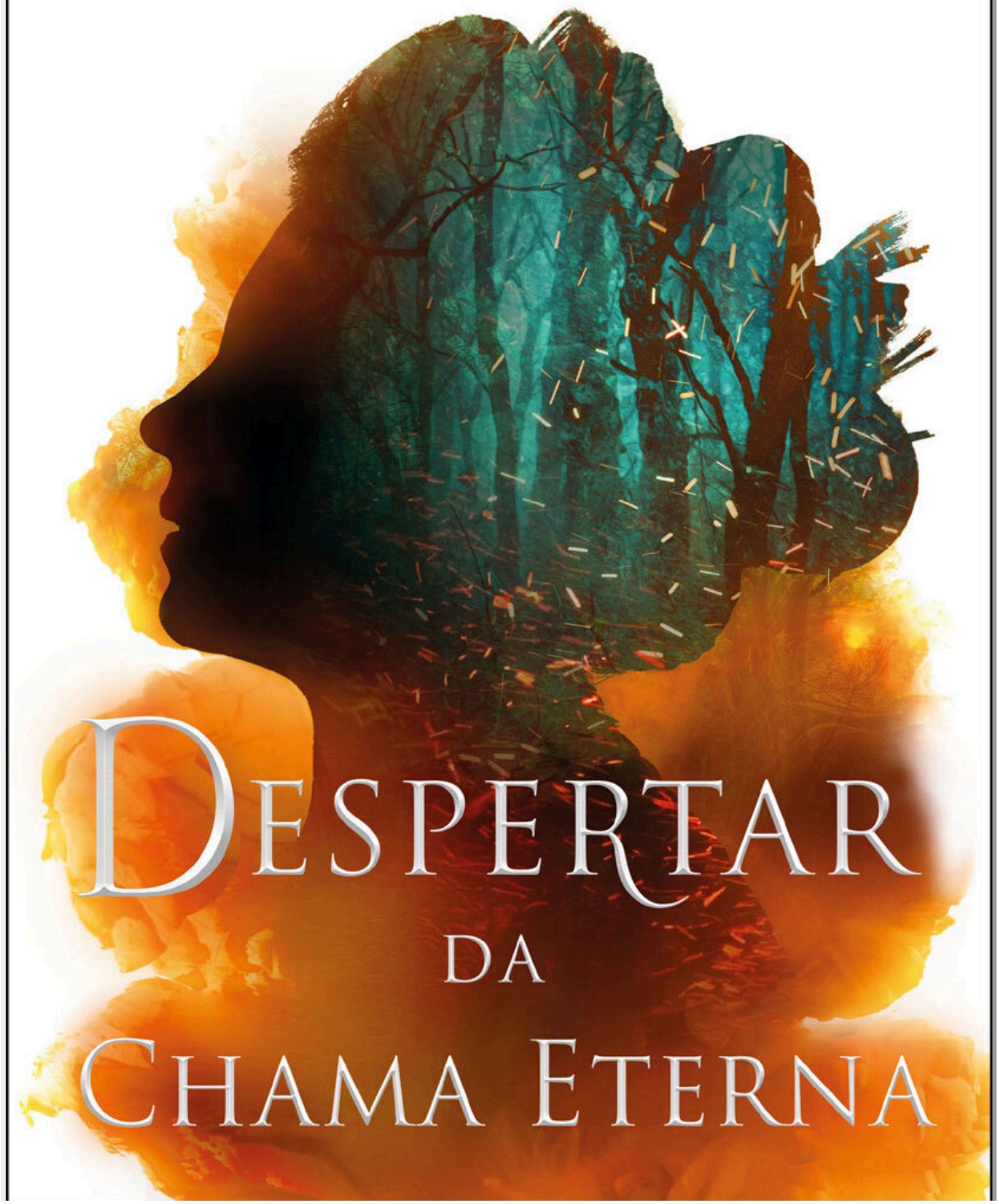
Dominada por uma misteriosa magia das trevas que já vitimou sua mãe, Vaasa Kozár tem certeza de que sua morte está próxima. Seu implacável irmão, Dominik, pensa o mesmo. Então, em uma última estratégia política, ele manda Vaasa se casar com Reid de Mireh, um impiedoso governante estrangeiro, desejando usar a morte dela como desculpa para enfim dar início a uma guerra.

No entanto, ela quer desesperadamente continuar viva e tem toda a intenção de fugir do casamento. Para sua surpresa, Reid lhe oferece um acordo: se Vaasa o ajudar a angariar os votos para ser eleito o grande mestre de seu país, ele revelará a ela os segredos sobre a magia que corre em suas veias... e como controlá-la.

A oferta é boa demais para recusar, porém a inegável atração entre os dois ameaça romper as regras do acordo. Com o passar do tempo, essa união política parece cada vez mais um casamento de verdade, mas Vaasa não pode esquecer seu instinto de sobrevivência. Conforme os planos maquiavélicos de Dominik tomam forma, todos os caminhos são arriscados.

Clique aqui para ver na loja

PENN COLE



DESPERTAR DA CHAMA ETERNA

Despertar da Chama Eterna

Penn Cole

Quando antigos segredos pegam fogo, tudo se incendeia.

Em um mundo colonizado por deuses e governado por seus cruéis e mágicos Descendentes, a curandeira Diem Bellator sonha escapar da vida sufocante em sua humilde aldeia.

O desaparecimento repentino da mãe e a descoberta de um segredo perigoso sobre o passado dela lhe dão uma chance inesperada de se infiltrar no sombrio mundo da realeza dos Descendentes e desvendar os mistérios que sua mãe deixou para trás.

Herdeiro do rei, o príncipe Luther observa cada movimento de Diem, e uma aliança mortal está determinada a recrutá-la para a guerra civil iminente. Em meio a tantos riscos, ela precisará dominar as regras do amor, do poder e da política para proteger sua família – e toda a humanidade.

Clique aqui para ver na loja


NASCIDAS PARA REINAR, CRIADAS PARA ENGANAR
CASTELOS EM SEUS OSSOS
LAURA SEBASTIAN
AUTORA DA SÉRIE PRINCESA DAS CINZAS

Castelos em seus ossos

Nascidas para reinar, criadas para enganar

Laura Sebastian

Quando as trigêmeas Beatriz, Daphne e Sophronia nasceram, sua mãe, a imperatriz Margaraux, já havia traçado um plano: elas deveriam ser rainhas. Agora, aos 16 anos, as três precisam deixar sua terra natal e se casar com um príncipe.

Belas, inteligentes e reservadas, elas parecem ser as noivas perfeitas, mas não são nada inocentes. Treinadas nas artes da falsificação, dos venenos e da sedução, as irmãs têm como objetivo derrubar monarquias. Seus casamentos são apenas a primeira etapa de uma trama muito maior da imperatriz para reinar sobre todo o continente de Vesteria.

As princesas passaram a vida se aprimorando e agora estão prontas, cada uma com a própria habilidade. Ainda assim, elas vão precisar lidar com ameaças, segredos e inimigos que nunca poderiam imaginar... e mal sabem que Margaraux não lhes contou todo o plano. O futuro delas está além de todas as previsões.

Clique aqui para ver na loja

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

